Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública

Entre Pontes, Travessias e Encruzilhadas: corpos em tensão,
inventando resistências e existências rizomáticas

Valéria Monteiro Mendes

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Saúde Pública para obtenção do título de Doutor
em Ciências

Área de concentração: Política, gestão e saúde

Orientadora: Profa. Dra. Laura Camargo Macruz
Feuerwerker

São Paulo

2020

Entre pontes, travessias e encruzilhadas: corpos em tensão, inventando resistências e existências rizomáticas

Valéria Monteiro Mendes

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da
Universidade de São Paulo para obtenção do título
de Doutor em Ciências

Área de concentração: Política, gestão e saúde

Orientadora: Profa. Dra. Laura Camargo Macruz
Feuerwerker

Versão revisada

São Paulo

2020

Dedico esta tese a todas as existências que habitam de diferentes modos este rizoma de produções ético-estético-artístico-político pelo qual caminhei-naveguei, que me possibilitaram habitá-lo intensivamente com a pele e com elas viver múltiplos comuns. Seguimos juntas!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Adelaide (*in memoriam*) e a Maurílio (*in memoriam*), que me possibilitaram chegar até aqui e que seguem vivos em minha existência.

Agradeço à minha irmã, Marcia, a maior incentivadora para que eu pusesse minha canoa-corpa para navegar pelas bandas de cá, e com quem sigo em parceria pelas navegações e travessias do viver.

Agradeço a Fernando Lopes, meu companheiro de uma vida, que esteve presente em minha caminhada do doutorado de tantos modos, no campo de pesquisa e para além dele, sempre me apoiando para que pudesse seguir. Obrigada por tudo, você é um presente na minha existência, que possamos seguir construindo e dividindo outros tantos momentos nesta nossa caminhada.

Agradeço à Laura, nossa Ashanti, nossa mulher africana forte, que, como escrevi certa vez, nos acolhe, nos acode, nos sacode, nos afeta, nos ensina, nos arrasta, nos perturba, nos alegra, nos cuida. Obrigada, Laura, você que desconhece o verbo *desistir* e que me mostrou o quanto eu poderia mais nesta navegação do doutorado e em tantas outras.

Agradeço aos/às integrantes titulares de minha banca, Emerson Merhy, Alexandre Henz, Yara Carvalho e aos suplentes Lumena Furtado, Ana Cristina Sunfeld, Deivison Faustino. Agradeço a Alexandre pelas importantes contribuições desde minha qualificação. Agradeço à Emerson, este menino que *carrega água na peneira* e que a cada encontro me enche de *esperança do verbo esperar*, por tantas experiências que me possibilitaram construir esta caminhada do doutorado. Agradeço à Yara, com quem sigo fiando muitos possíveis desde que minha canoa-corpa aportou em São Paulo, cuja presença, força, inteligência e serenidade têm me possibilitado construir muitas persistências na vida. Agradeço à Lumena que sempre nos oferta importantes reflexões a cada encontro do grupo Micropolítica e Saúde. Agradeço à Ana Cristina pela escuta, pelas conversas e pelo apoio neste processo. Agradeço a Deivison, que conheci pelas mãos de André, por estar no encerramento deste ciclo.

Agradeço às amigas e aos amigos que, de perto ou de longe, também me ajudaram a navegar: Goretti Moraes, Roberta Silva, Fabrício Silva, Suzana Esteves, Luiz Gustavo, Daniela Bahia.

Agradeço às/aos integrantes do grupo Micropolítica e Saúde, particularmente à Larissa Mendes, Heloísa Santos, Josiane Germano, Fátima Livorato, Naymara Souza, Ana Cristina Sunfeld, Isabella Almeida, Paula Monteiro, Harete Moreno, Angela Capozzolo, Lumena Furtado, Débora Bertussi, Pedro Mendes, Isabela Bastos, Mariana Leite, Janainny Magalhães, Vinícius Sanches, Naymara de Souza, Eliane Kalmus, Maria Eunice Vaughan,, Maria das Graças Pereira, Analdeci Moreira e ao nosso saudoso Alexandre Cruce, com quem tive bons momentos nestas caminhadas, incluindo nossas andanças com a pesquisa da RAC. Um agradecimento especial, a André, o perseverante Ayubu, com quem vivi tantas travessias e encruzilhadas ao colocarmos nossas canoas-corpes para navegar por tantas águas férteis, possibilitando-nos viver incontáveis aprendizagens e invenções. Um agradecimento especial também à flor Naiá que dança para a lua, Paula Bertoluci, sempre pronta para a escuta e para as palavras mais necessárias, e com quem sigo tecendo a cada dia os fios de uma forte amizade e vivendo invenções para a vida. Agradeço ainda ao trio formado com Larissa e Paula, que tem nos permitido seguir firmes nas lutas e produções conjuntas.

Agradeço aos companheiros e companheiras do Observatório de Políticas Públicas, Educação e Cuidado em saúde, coordenado por Emerson, pelos encontros e aprendizagens que temos vivido. Agradeço ainda a Clarice Seixas pelo apoio na reta final da entrega da tese.

Agradeço às existências que habitam e inventam possíveis nas territorialidades em que naveguei e que me permitiram ver e viver com elas e com os coletivos e as coletivas que constituem o que podem seus *Corpes-Casa* ao experienciarem, em tensão, uma constelação de pontes, travessias e encruzilhadas.

Agradeço aos docentes e funcionários da Faculdade de Saúde Pública pelas aprendizagens e apoio. Um agradecimento em particular à Vânia Santos e Carolina Massucato por todo cuidado neste processo.

Agradeço à Capes pela bolsa de doutorado, fundamental em minha caminhada.

Assim sigo, agradecendo e cultivando viveres e fazeres com estas e com tantas outras existências que encontrarei pelas navegações do caminho...

Plantar uma muda de amor no quintal
Pra que depois da chuva
Sol e fases da lua
Tenha uma primavera pra compartilhar

Jefferson Santana

RESUMO

Tecer uma cartografia é produzir mundos com as existências que encontramos no caminho. Nesta navegação, vamos experimentando um conjunto de travessias que abrem possibilidades para nos ocuparmos de uma multidão de existências e de nós mesmos como pesquisadores-viventes. Foi esta experiência que vivenciei no Jardim São Luiz, Jardim Ângela, Capão Redondo, zona sul de São Paulo, partindo da questão: “o que vem de fora e a saúde não enxerga?”. Os ventos *do fora* me chamavam. Nesta navegação, compartilhada intensivamente com várias vidas, incluindo os integrantes do grupo Micropolítica e Saúde, aportei inicialmente em um *quilombo cultural* do Jardim São Luiz: o Sarau da Cooperifa. De lá, guiada pelas mãos de uma *Griot*, pisei em outro quilombo: a Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim. De encontro em encontro, cheguei em diferentes *Corpes-Casa* que me permitiram conhecer o que compõe e atravessa suas existências e seus modos de viver: literatura e cultura periférica; saraus nas escolas e para além dela; saberes-fazeres da cultura popular; teatro negro feminino; feminismo negro; trabalho de permanência; racismo; mulheres negras e gordas na dança e no teatro; modos de vida compartilhados; produção de um existir em *transito*; LGBTQUIA+fobia; encarceramento em massa da população negra; saúde das mulheres negras... E do encontro com um rizoma de produções ético-político-estético-poético-artístico habitado por esta constelação de existências, minha questão se amplificou e se evidenciou como tais experiências podem interrogar as práticas de saúde e a políticas públicas, bem como ensinar sobre estratégias de cuidado coletivo. Assim, no caminhar-navegar por entre pontes, travessias e encruzilhadas com estes *Corpes-Casa-Multidão*, que seguem em tensão inventando existências e resistências rizomáticas, aconteceu esta navegação cartográfica.

Descritores: Cartografia; Encontros; Produção de vida; Micropolítica; Cultura e literatura Periférica; Negritude;

ABSTRACT

Through bridges, crossings and crossroads: bodies in tension, inventing existences and resistances rhizomatics

Working with the cartographic method is to make worlds peopled with the existences we find along the way. In this travel, we experience a series of transitions that create possibilities for us to deal with a multitude of existences and with ourselves as living-researchers. It was such experience I've been through in Jardim São Luiz, Jardim Ângela, Capão Redondo, south zone of the municipality of São Paulo, having started from the question: "what happens outside and healthcare cannot see?". The winds *outside* were calling me. In this travel, which was intensively shared with several beings, including members of the Micropolitics and Healthcare group, I first landed in a *cultural quilombo* in Jardim São Luiz: the Soiree of Cooperifa. From there, guided by a *Griot's* hands, I stepped on another *quilombo*: the People's Cultural House of M'Boi Mirim. From meeting to meeting, I arrived at different *Bodies-Houses* that allowed me to know what makes and permeates their existences and their ways of life: peripheric literature and culture; soirees in schools and outside them; popular culture know-how; black women's theater; black feminism; permanence work; racism; black and obese women in dance and theater; shared ways of life; the making of an existence in transit; homophobia; mass incarceration of the black population; healthcare of black women ... And with this encounter with a *rhizome* of ethical, political, aesthetic, poetic and artistic productions inhabited by this constellation of existences, my original question expanded and became evident how many experiences can interrogate health practices and public policies, as well as using collective care. Thus, in walking and navigating through bridges, crossings and crossroads with these *Bodies-Houses-crowd*, which remain in tension, inventing *rhizomatic* existences and resistances, this cartographic navigation took place.

Keywords: cartographic method; encounters; production of life; micropolitics; peripheric culture and literature; black identity.

RESUMEN

Entre puentes, cruces y encrucijadas: cuerpos en tensión, inventando existencias y resistencias rizomáticas

Dibujar una cartografía es crear mundos con las existencias que encontramos en el camino. En esta navegación experimentamos un conjunto de transiciones que nos abren posibilidades de nos ocuparnos de una multitud de existencias y de nosotros mismos mientras investigadores-vivientes. Fue esta experiencia la que tuve en Jardim São Luiz, Jardim Ângela, Capão Redondo, zona sur de la ciudad de São Paulo, partiendo de la pregunta: “¿qué pasa afuera y la salud no ve?”. Los vientos de afuera me llamaban. En este viaje, intensamente compartido con varias vidas, incluidos los miembros del grupo Micropolítica y Salud, aterricé por primera vez en un *quilombo* cultural en Jardim São Luiz: la Velada de la Cooperifa. Desde allí, guiado por las manos de una *Griot*, pisé otro quilombo: la Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim. De encuentro en encuentro llegué a diferentes *Cuerpos-Casas* que me permitieron conocer lo que compone y atraviesa sus existencias y sus formas de vivir: la literatura y la cultura periféricas; veladas en las escuelas y más allá de ellas; el saber hacer de la cultura popular; el teatro negro femenino; el feminismo negro; el trabajo de permanencia; el racismo; mujeres negras y gordas en danza y teatro; formas de vida compartidas; producción de un existir en tránsito; homofobia; encarcelamiento masivo de la población negra; salud de las mujeres negras ... Y del encuentro con un *rizoma* de producciones éticas, políticas, estéticas, poéticas y artísticas habitadas por esta constelación de existencias, mi pregunta se amplificó e se hizo evidente como tales experiencias pueden cuestionar las prácticas de salud y las políticas públicas, así como el uso del cuidado colectivo. Así, al caminar-navegar entre puentes, cruces y encrucijadas con estos *Cuerpos-Casas-Multitud*, que continúan en tensión inventando existencias y resistencias *rizomáticas*, se produjo esta navegación cartográfica.

Palabras clave: cartografía; encuentros; producción de la vida; micropolítica; cultura y literatura Periférica; identidad negra;

RESUME

Entre ponts, croisements et carrefours : corps en tension, inventant des existences et des résistances rhizomatiques

Dessiner une cartographie, c'est produire des mondes avec les existences que l'on retrouve en chemin. Dans ce voyage, nous vivons une série de transitions qui nous rendent possible de faire face à une multitude d'existences et à nous-mêmes en tant que chercheurs-vivants. Cette expérience je l'ai vécue dans Jardim São Luiz, Jardim Ângela, Capão Redondo, zone sud de la ville de São Paulo, ayant commencé par la question: «qu'est-ce qui se passe au dehors et la santé n'en voit pas?». Les vents au dehors m'appelaient. Dans ce voyage, intensivement partagée avec plusieurs *vies*, y compris les membres du groupe Micropolitique et Santé, j'ai d'abord atterri dans un *quilombo* culturel dans Jardim São Luiz: la Soirée de la Cooperifa. De là, guidé par les mains d'une *Griot*, j'ai marché sur un autre quilombo: la Maison Populaire de Culture de M'Boi Mirim. De rencontre en rencontre, je suis arrivé à différentes *Corps-Maisons* qui m'ont permis de savoir ce qui compose et traverse leurs existences et leurs modes de vie: la littérature et la culture périphériques; soirées dans les écoles et au-delà d'elles; le savoir-faire de la culture populaire; théâtre noir féminin; féminisme noir; travail de permanence; racisme; femmes noires et obèses dans la danse et le théâtre; des modes de vie partagés; la production d'un *exister* en transit; homophobie; incarcération en masse de la population noire; santé des femmes noires ... Et de la rencontre avec un *rhizome* de productions éthiques, politiques, esthétiques, poétiques et artistiques habité par cette constellation d'existences, ma question s'a étendu, montrant comment de telles expériences peuvent interroger les pratiques en santé et les politiques publiques, ainsi qu'enseigner des stratégies de soin collectif. Ainsi, en marchant-naviguant entre ponts, croisements et carrefours avec ces *Corps-Maisons-Foule*, qui continuent tendus, inventant des existences et des résistances *rhizomatiques*, ce voyage cartographique a eu lieu.

Mots clés: méthode cartographique; rencontres; production de la vie; micropolitique; culture et littérature périphériques; identité noire;

SUMÁRIO

Pedido de licença	16
Entre Pontes, Travessias e Encruzilhadas	18
Primeiros passos... entrando no rizoma pelas mãos de uma <i>Griot</i>	36
Chegando em Casa...	55
Entre-tempos...	106
Aonde a implicação com os modos de viver pode nos levar?	111
O encontro com as Capulanas-Ialodês em suas Negras Insurgências	126
Entre-tempos...	140
Partilhando algumas andanças...	144
Insuspeitos na linha azul do metrô: um assalto poético	168
Entrando em uma zona de força e potência: corpos que incitam a engolir o mundo	181
Um como em desfile	196
Um caldeirão com música e poesia: outras centralidades na escola e para além dela	210
Entre-tempos...	242
O dia em que me tornei uma reclusa pelas mãos de uma descendente de Dandara	245
Entre-tempos...	201
Poesia no ar... sem certezas e nem verdades	259
Um encontro com minha constelação de intercessores: Isto é um negro?	268
Quando um mestre se vai tem festa	298
Entre-tempos...	313
Movências (po)éticas que transversalizam a escola - O Sararô	317
Entre-tempo...	342
Uma conversação-recepção: corpos em tensão... corpos em movências... corpos em criação...	344
Entre-tempos...	370
Multidão de nós	371
Bicha Preta: existências em trânsito	411
Entre-tempos...	432
Menstruadas sob o céu da zona sul	434
Entre-tempos...	456
Não mexe comigo que eu não ando só	460
Seguindo... entre Pontes, Travessias e Encruzilhadas	484
Referências	496
Anexos	503
Anexo 1	503
Anexo 2	504
Currículo lattes	507
Currículo lattes – Laura Camargo Macruz Feuerwerker (orientadora)	507
Currículo Lattes – Valéria Monteiro Mendes	508

SIGLAS UTILIZADAS

PAS	Plano de Atendimento à Saúde
EACH/USP	Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo
EEFE/USP	Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo
FFLCH/USP	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
CPTM	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
FLIP	Festa Literária Internacional de Paraty
PNSIPN	Política Nacional de Saúde Integral da População Negra

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ponte do Socorro com a Estação Socorro do trem.	26
Figura 2: Primeira ida ao Sarau da Cooperifa (Foto: Paula Bertoluci)	37
Figura 3: Dos compartilhamentos entre Dona Edite e Zazá - Festival Câmbia organizado pelo Instituto Favela da Paz e seus parceiros na Escola Estadual Oscar Pereira Machado, Jardim Ângela, zona sul da cidade de São Paulo.	41
Figura 4: Das <i>Travessias</i> de Dona Edite – Festival Câmbia organizado pelo Instituto Favela da Paz e seus parceiros na Escola Estadual Oscar Pereira Machado, Jardim Ângela, zona sul da cidade de São Paulo.	46
Figura 5: Dona Edite em suas Travessias no Grupo Flor de Lis	47
Figura 6: Das andanças e partilhas de Dona Edite com <i>seus poemas</i> .	49
Figura 7: Dos encontros que produzem outros encontros	51
Figura 8: Primeiras visões da Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim.	56
Figura 9: Vista da continuação do Largo de Piraporinha em frente à Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim	56
Figura 10: Grafites do espaço onde ocorrem os encontros do Grupo Flor de lis e outras atividades da Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim.	59
Figura 11: Dos encontros de Aline com as Flores de Lis	66
Figura 12: Um dos momentos de ensaio das músicas do Flor de Lis para a gravação do cd do grupo que ocorreria alguns meses depois no estúdio do Instituto Favela da Paz.	67
Figura 13: Aline e as Flores de Lis em um dos encontros do grupo	68
Figura 14: Baile na Casa de Cultura de M’Boi Mirim que acontece há 23 anos	72
Figura 15: O dia em que conheci a sala de leitura da Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim em virtude da conversa com Arakunrin e Edna.	73
Figura 16: Vivência de puxada de rede no grupo Espírito de Zumbi na Casa Popular de Cultura de M’ Boi Mirim.	75
Figura 17: Vivência de Maculelê do Grupo Espírito de Zumbi	77
Figura 18: Imagem ofertada por Arakunrin com a Poesia Capoeira Mulher Guerreira	79
Figura 19: Vista do Jardim Ângela no primeiro encontro com Claudio Miranda no Instituto Favela da Paz.	86
Figura 20: Na imagem à esquerda, a concentração dos participantes do desfile em frente e na rua lateral da Casa. Na imagem à direita, o desfile do bloco “É Di Santo” que partiu da rua lateral da Casa e seguiu pelas ruas do bairro.	91
Figura 21: Na imagem à esquerda, comemoração dos aniversariantes do mês. Na imagem à direita, um dos momentos de ensaios da quadrilha, conduzidos por Edna.	93
Figura 22: Multidão com a qual fazíamos corpo no ato realizado no Jardim Ângela.	95
Figura 23: Das silhuetas-corpas assassinadas que estavam posicionadas na entrada da igreja.	97
Figura 24: Parte final do ato-protesto na Igreja dos Santos Mártires, no Jardim Ângela, com a presença de Padre Jaime e integrantes de vários coletivos que rendiam homenagens à várias existências a partir de seus nomes na cruz e nas imagens.	98
Figura 25: Exposição no Panelafró com as imagens da VI Festa do Índio na cidade de Bertioga em 2006	99
Figura 26: Funcionária limpando a estação Paulista do metrô no horário de encerramento das atividades	100
Figura 27: Dos encontros no Panelafró – ciranda, dança afro e Grupo Espírito de Zumbi	101
Figura 28: De outros encontros no Panelafró – Capoeira e Festa Junina	102
Figura 29: Panelafró realizado em 2020 após a conclusão da reforma da Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim (Foto: Fernando Lopes).	103

Figura 30: Panelafro realizado em 2020 após a conclusão da reforma da Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim com a participação do Bloco É di Santo (Foto: Fernando Lopes).	104
Figura 31: Mais encontros no Panelafro	105
Figura 32: Sr. Raimundo partilhando a bandeira da Folia de Reis em um dos encontros do grupo Flor de Lis	121
Figura 33: sr. Raimundo e eu com a Bandeira da Folia de Reis.	122
Figura 34: Sr. Raimundo homenageando sr. João no dia de seu aniversário.	123
Figura 35: Travessia da M'Boi Mirim para a Capulanas Cia de Arte Negra, tendo a Casa de Cultura como ponto de referência	127
Figura 36: Imagem da Capulanas Cia de Arte Negra	128
Figura 37: A zona sul de São Paulo em azul com a indicação a região de M'Boi Mirim	130
Figura 38: O que era visto por todos ao entrarem no espaço do <i>Compartilhamento</i> . (Foto: Débora Bertussi)	151
Figura 39: O que está para além do Triângulo da Morte (Foto: Débora Bertussi)	153
Figura 40: Integrantes do grupo Micropolítica e Saúde em seus encontros com as vozes que ecoavam de nossas caminhadas (Foto: Débora Bertussi)	154
Figura 41: De outros encontros vividos no Compartilhamento. (Foto: Débora Bertussi)	157
Figura 42: Leitura por André do Manifesto da Bicha Preta (Foto: Débora Bertussi).	160
Figura 43: Partilha da história e das produções da Capulanas Cia de Arte Negra (Foto: Débora Bertussi)	161
Figura 44: Figura 44: Produções Capulanas Cia de Arte Negra	162
Figura 45: Andanças na Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim – Grupo Espírito de Zumbi e Baile da Melhor Idade	163
Figura 46: Andanças na Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim – Ato abraço e Grupo Flor de Lis	164
Figura 47: Andanças com Dona Edite e no Sarau da Cooperifa	165
Figura 48: Andanças Instituto Favela da Paz e Ato Periferia Resiste no Jardim Ângela	166
Figura 49: Dos assaltos vividos por uma existência durante a saída dos Poetas Ambulantes	170
Figura 50: No turbilhão do assalto poético (imagem partilhada comigo por Jefferson Santana após aquela saída).	172
Figura 51: Dos agenciamentos provocados por aquele assalto poético	176
Figura 52: Das desorientações vividas na saída com os Poetas Ambulantes	177
Figura 53: Quando o sensível se instala nos encontros	178
Figura 54: Da breve despedida (Foto: Thiago Peixoto)	179
Figura 55: Preparação das Flores de Lis no teatro da Casa de Cultura	198
Figura 56: Flores de Lis e sr. Raimundo aguardando o início do desfile no teatro da Casa de Cultura.	204
Figura 57: Irmão de Dona Edite vivenciando o momento em que ela declama “O autor da vida” dedicada a ele.	205
Figura 58: Daniel Fagundes em um dos registros realizados para o documentário sobre Dona Edite.	206
Figura 59: Convidados e convidadas do Desfile que ocuparam o interior da Casa de Cultura em decorrência da forte chuva.	207
Figura 60: Flores de Lis e convidados e convidadas do Desfile na roda de música conduzida por Aline, Geraldo Magela e Sr. Raimundo.	207
Figura 61: propaganda metrô Largo Treze zona sul de São Paulo	222
Figura 62: apresentação do Grupo Trii no encontro “Com música e poesia”	231
Figura 63: Trabalhos expostos de crianças do 6º ano sobre máscaras africanas expostos no refeitório.	232
Figura 64: Participantes na quadra de esportes antes do início do encontro.	234

Figura 65: Marcio recitando “O que odeio” de seu livro “Posso escrever os versos mais lindos esta noite”.	236
Figura 66: Cocão Avoz recitando “A Diarista”.	237
Figura 67: Claudio Miranda no Centralidade Periféricas.	239
Figura 68: Participantes do encontro ao som de KL Jay e suas pick ups no IEA.	241
Figura 69: Gal Martins e Flávia Rosa ao final de Reclusa.	250
Figura 70: Balões sendo levados e tomando o ambiente do Sarau	270
Figura 71: Árvore-corpo envolta pelos balões que tomavam o ambiente	261
Figura 72: A ambiência produzida pelo alinhamento dos balões próximo às existencias que participavam do Sarau	262
Figura 73: As escritas e seus possíveis no Poesia no ar	264
Figura 74: As existencias que tomavam a rua em frente ao Bar do Zé Batidão empunhando os balões que logo seriam soltos.	265
Figura 75: Os balões tinham ido, mas o Poesia no ar não tinha acabado.	266
Figura 76: Das alegrias daquele encontro, sem certezas e nem verdades	267
Figura 77: Na imagem à esquerda com o violão o músico Geraldo Magela, Arakunrin e sr. Raimundo com a caixa do divino. Na imagem à direita Sr. Raimundo e Sr. João.	303
Figura 78: Da esquerda para a direita Didi, cunhada de sr. Raimundo, Edite, Zazá, Angelina.	309
Figura 79: Ato abraço a Casa popular de cultura de M’Boi Mirim (Imagem do vídeo produzido por Daniel Fagundes)	310
Figura 80: Mestre Raimundo Honorato	312
Figura 81: Das travessias em meu corpo	319
Figura 82: gravação do cd do Grupo Flor de Lis no Instituto Favela da Paz.	321
Figura 83: Das mulheres que povoavam o Sararô	322
Figura 84: De outras produções que povoavam o sararô	323
Figura 85: Jefferson declamando o poema “ai! Se esse!” de Zé da Luz	324
Figura 86: Das apresentações que povoavam do sararô	326
Figura 87: Das produções poéticas que povoavam o sararô expostas em um varal e em uma mesa para leitura.	327
Figura 88: Sobre “furos” nos muros que eu seguia vendo como naquela experiencia do Sararô.	328
Figura 89: Jefferson falando sobre os livros de Carolina Peixoto que foram sorteados ao final do sarau	329
Figura 90: Jefferson Santana e Carolina Peixoto no Sararô declamando “Biqueira literária” de Rodrigo Ciríaco	332
Figura 91: estudantes cantando a música “dona de mim” da cantora Isa	334
Figura 92: Das intensidades do poema “Afrô” ao ser recitado por Jefferson Santana no Sararô	336
Figura 93: Das apresentações do Sararô	336
Figura 94: Do grito dado por Carol Peixoto pelo respeito de nossos corpos, espaço e voz	338
Figura 95: Apresentação de Lunna no Sararô	339
Figura 96: apresentação de cena de racismo do documentário Sangoma	346
Figura 97: imagens de antigos programas e desenhos animados do documentário Sangoma	347
Figura 98: imagem do documentário Sangoma que mostra o trajeto de ônibus do centro até a sede da Capulanas Cia de Arte Negra no Jardim São Luiz, zona sul da cidade de São Paulo	348
Figura 99: Débora tematizando os atravessamentos relacionados à saúde das mulheres negras	349
Figura 100: Espetáculo “Rituais de suspeição” da Cia Sansacroma no Sesc Pompéia.	351
Figura 101: Thiago Peixoto enunciando que a corda ainda em nossos pescoços	354
Figura 102: Caetano em suas explorações	355
Figura 103: abertura do Encontro com Preta Ferreira e Peter Pelbart e com mediação de Lumena Furtado	376

Figura 104: Registros produzidos por Lorena Portela do primeiro dia do Encontro no período da manhã.	378
Figura 105: Vivência “Corpa território presente – experimentação corporal para mulheres” conduzida Flávia Rosa.	379
Figura 106: Oficina “Diálogo como Ação” conduzida por Juliana Freire.	379
Figura 107: Oficina “Baobá – Fortificando Raízes com Carmem Faustino	379
Figura 108: Intervenção “O que costume engolir” da Zona Agbara (Fotos: Fernando Lopes)	383
Figura 109: Dos encontros na intervenção “O que costume engolir” da Zona Agbara (Fotos: Fernando Lopes)	384
Figura 110: Parte final da intervenção “O que costume engolir” da Zona Agbara (Fotos: Fernando Lopes)	385
Figura 111: Registros produzidos por Lorena Portela do primeiro dia do Encontro no período da tarde (Foto: Fernando Lopes)	389
Figura 112: Interferência de Adriana Carajá	391
Figura 113: Das interferências entre multidões de nós	392
Figura 114: Registros produzidos por Lorena Portela do segundo dia do Encontro no período da manhã. (Foto: Fernando Lopes)	393
Figura 115: Rodas de conversa	394
Figura 116: Intervenção artística com os Poetas Ambulantes (Fotos: Fernando Lopes)	395
Figura 117: Participantes da intervenção artística dos Poetas Ambulantes recitando poesias (Fotos: Fernando Lopes)	396
Figura 118: De outros encontros na parte final da intervenção artística dos Poetas Ambulantes (Fotos: Fernando Lopes)	397
Figura 119: Registros produzidos por Lorena Portela do segundo dia do Encontro no período da tarde. (Foto: Fernando Lopes)	398
Figura 120: Conversa-debate “SUS: COMO EXISTIR PARA RESISTIR!” com a participação de Laura Feuerwerker (FSP), Arthur Chioro (UNIFESP) e Túlio Franco (UFF) e mediação de Débora Bertussi (USCS).	407
Figura 103: abertura do Encontro com Preta Ferreira e Peter Pelbart e com mediação de Lumena Furtado	376
Figura 104: Registros produzidos por Lorena Portela do primeiro dia do Encontro no período da manhã.	378
Figura 105: Vivência “Corpa território presente – experimentação corporal para mulheres” conduzida Flávia Rosa.	379
Figura 106: Oficina “Diálogo como Ação” conduzida por Juliana Freire.	379
Figura 107: Oficina “Baobá – Fortificando Raízes com Carmem Faustino	379
Figura 108: Intervenção “O que costume engolir” da Zona Agbara (Fotos: Fernando Lopes)	383
Figura 109: Dos encontros na intervenção “O que costume engolir” da Zona Agbara (Fotos: Fernando Lopes)	384
Figura 110: Parte final da intervenção “O que costume engolir” da Zona Agbara (Fotos: Fernando Lopes)	385
Figura 111: Registros produzidos por Lorena Portela do primeiro dia do Encontro no período da tarde (Foto: Fernando Lopes)	389
Figura 112: Interferência de Adriana Carajá	391
Figura 113: Imagem da Zona Sul enviada por Jefferson Santana	496

Pedido de licença

Peço licença a todos os Griots¹, às Ialodês², às Mestras e Mestres, às artesãs e artesãos e a todas, todos e todes as existências humanas e não humanas que habitam os quilombos em que pisei e nos quais construí minha caminhada na condição de vivente e de pesquisadora, que de forma desejante lançou-se na construção de aproximações, de encontros, de relações e de experimentações, para partilhar as histórias e poéticas, os saberes e sabedorias, as delicadezas e miudezas, as lutas e as invenções que dizem de diferentes *comos*, de tecnologias para existir e resistir, de permanências e de modos de viver que explicitam uma multiplicidade de processos de ocupação de si e da outra/do outro/de outres fabricados incessantemente para que toda e qualquer vida tenha o direito de existir em sua singularidade neste rizoma que vivenciei e para além dele. Peço licença como uma existência que, ao fazer corpo com as travessias e encruzilhadas vividas por tantos corpos em tensão, experimentou fabricações que deram passagem para *travessias e encruzilhadas em si mesma* neste infindável terreiro, pois a cada passo dado em direção a uma existência, a cada olhar com ela trocado, a cada escuta de suas histórias, a cada escrevivência e movência construídas com ela de modo vivo, experimentou múltiplos arrastões que fizeram ver, sentir - e também operar - a produção de outros possíveis com uma multiplicidade de *Corpes-Pontes*. Visibilidades, dizibilidades, percepções e aprendizagens sobre modos de erguer a voz, de fortalecer o corpo, de cultivar invenções coletivas e de produzir resistências e revides que vivi e incorporei somente porque estava lá. E caminhando, *alicensada* e *na presença*, percebi e senti que territórios-terreiros são instalados em diferentes espaços, tempos e corpos a todo momento, que territórios-quilombos persistem em pleno século XXI!

¹ Como veremos, Ialodês é a forma brasileira de Ìyàlódódè, um título Yorubá para mulheres que atuam nas suas comunidades em postos de liderança (CARLOS, 2018).

² Com também veremos, Griot é um termo que expressa as existências que, na África Ocidental, são os responsáveis por preservar e compartilhar os saberes, as histórias e os mitos de um povo.

Entre Pontes, Travessias e Encruzilhadas

Atravessamos pontes cotidianamente em São Paulo. Porém, este não era um movimento comum para mim, apesar de vir de uma região onde *as ruas são os rios*. Logo em minha chegada, quando buscava compor as travessias que me trouxeram para as bandas de cá, passei a cruzar diariamente a ponte sobre o rio Pinheiros, um dos rios que sobrevivem a céu aberto às canalizações e aos desvios dos mananciais de vida que compõem a cidade de São Paulo em sua imensa rede hídrica. Uma entre tantas alienações que experimentamos, ao sermos embalados com a histórica de que somos a humanidade, ignorando que somos parte de tudo que compõe a vida na terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós outra: a terra e a humanidade, como nos diz Ailton Krenak (2019, p.16).

Cruzando diariamente a ponte para a cidade universitária fui compondo travessias em direção a saberes e fazeres poucos explorados na minha formação, tais como a vivência de projetos de pesquisa na cidade de São Paulo e fora dela e o encontro com as Ciências Humanas e Sociais e com a ainda desconhecida “Saúde Coletiva”. E nas idas e vindas que experimentava fui formulando minha questão do mestrado. Assim, experienciei um modo de compor encontros a partir das chamadas *práticas corporais*³. Busquei dar passagem para saberes, interesses, expectativas e modos singulares de viver a vida daqueles e daquelas que compunham o grupo com que trabalhei, além de construir diálogos com os profissionais do serviço em questão, em um caminho para compor o cuidado de si e do outro. Isso nos possibilitou vivenciar um conjunto de relações a partir de outras sensibilidades e formas perceptivas em oposição ao viés medicalizante, moralizador, prescritivo que atravessa não apenas o campo da saúde, as relações dominante no modo neoliberal de viver. Das minhas primeiras travessias por aqui.

Com as trilhas que eu havia percorrido me sentia fortemente implicada em seguir problematizando os temas do cuidado, da formação e do trabalho em saúde, mas não tinha clareza dos caminhos à frente. Dúvidas me atravessavam. Neste período, aproximei-me de Laura com a qual havia feito uma disciplina na Faculdade de Saúde Pública, que nos revira *do avesso do avesso do avesso*. Assim, cheguei ao grupo Micropolítica e Saúde.

Quando lá pisei as discussões estavam especialmente relacionadas sobre a difícil e, ao mesmo tempo, agenciadora experiência de fabricar um processo cartográfico que configurava a pesquisa: “Avaliação da produção do cuidado nas redes de atenção à saúde. Avalia quem pede, quem faz e quem usa”. O desafio que mobilizava pesquisadoras e pesquisadores era o da produção de encontros sensíveis com profissionais, gerentes e as existências que demandam o cuidado, partindo da aposta de que era indispensável a experiência de se *in-mundizar*. Isso porque quando o pesquisador está *in-mundo* ele

³ Eu partia do entendimento das práticas de que as práticas corporais são modos de expressão da cultura corporal de determinado grupo e que carregam sentido e significados que as pessoas lhes atribuem (Carvalho, 2007, p. 65) e que nos permitem compor modos de agir a partir dos quais sejam considerados os interesses, as necessidades e expectativa das pessoas ao possibilitar a transposição de fronteiras entre diferentes áreas como as ciências humanas e sociais e as artes e, ao mesmo tempo, os saberes daqueles que compõem os encontros, o que abre novas possibilidades de experiência com o corpo e com a produção do cuidado em contraste com a lógica da atividade física e do exercício físico que tendem a privilegiar o governo do viver (Mendes e Carvalho, 2016).

“mistura-se, afeta-se com o processo de pesquisa, diluindo o próprio objeto, uma vez que se deixa contaminar com esse processo, e se sujando de mundo, é atravessado e inundado” (ABRAHÃO et al., 2016, p. 23). E nesta delicada tessitura também partia do entendimento de que “método é o encontro”; “[o] resto são ferramentas” (LIMA e MERHY, 2016 p.18). De outras travessias que eu começava a viver.

E vivenciando o modo singular de o grupo operar com a pesquisa a partir dos *processamentos* (discussões sobre o que estava sendo produzido pelo modo desterritorializante de compor uma cartografia, incluindo as paralisias, impossibilidades, potencialidades e estratégias de movimentação nos diferentes campos), ouvindo as interrogações, os desconfortos, as percepções e sentindo o processo singular daquela artesanaria, múltiplas questões e efeitos foram produzidos em mim. Juntei-me à pesquisa e que vivenciei em especial as questões ligadas à produção do cuidado no município de São Paulo e em São Bernardo do Campo.

Assim, ao mesmo tempo em que saía desterritorializada dos processamentos e das discussões de autores/as como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Peter Pál Pelbart, Sueli Rolnik, Eduardo Viveiros de Castro, entre outros/as, me sentia agenciada a aprofundar a interação com o grupo. Isso, no sentido de trilhar minha caminhada misturada àquele coletivo, sobretudo porque havia uma produção ético-política comum que provocava a pensar e a inventar outros modos de construir relações nos campos da pesquisa, da formação e do cuidado e para além destes. Das contravoltas que eu vivia. Dos intercessores que eu produzia⁴.

Neste período também experimentei um outro campo de vivências com os alunos de graduação em Saúde Pública da FSP, a partir da disciplina “atividades integradoras”, que no segundo semestre do primeiro ano enfatiza a produção social da saúde nos territórios com o propósito de que as/os estudantes construíssem aproximações com modos de viver a coletivos ou locais por eles escolhidos⁵. Assim, caminhamos por vários territórios não apenas geográficos e nos aproximamos de muitas existências que habitam Heliópolis (zona sul da cidade de São Paulo), Sítio Joaninha (comunidade entre os municípios de São Bernardo do Campo e Diadema) e o Bixiga (bairro da região central da cidade de São Paulo). E, agenciando nos estudantes um corpo mais vibrátil para o encontro com os diferentes modos de compor a vida, eu também produzia múltiplas vibratilidades em mim e com isso minhas questões do doutorado foram ganhando corpo também pelos processos vividos nestes encontros.

⁴ Sobre os intercessores Deleuze nos fala que “Sem eles não há obra [...] fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores cada um é o falsário do outro [...]” (DELEUZE, 2013, p.160).

⁵ Parte dos três anos de andanças com os estudantes foram discutidos na escrita “Da paisagem a outras vistas do ponto: experimentações no acompanhamento de estudantes de graduação em Saúde Pública da USP nos territórios”, apresentado no 13º Congresso Internacional da Rede Unida, realizado em Manaus no ano de 2018.

Disponível em: <http://www.redeunida.org.br/en/evento/5/menu/anais/?title=da+paisagem+>

- Passava por aqui e nunca tinha visto esse local, como pode? A gente nem vê a cidade, as pessoas, a gente não sabe o que elas pensam.

(estudante graduação em saúde pública FSP/USP)

- Como morador digo para vocês, aqui neste lugar enorme que é o CEU⁶, que foi uma grande conquista para nós, não podemos fazer muitas coisas. Não pode patins, *skate*, bicicleta. Por isso fica assim como estão vendo, vazio, uma boa parte do dia. É difícil.

(morador de Heliópolis)

- No início estava desanimada e bastante incomodada com a disciplina, mas ao longo das visitas, das conversas com as pessoas e das discussões o meu olhar e o meu interesse foram mudando. Agora entendo o sentido. Foi muito importante ter essa experiência.

(estudante graduação em saúde pública FSP/USP)

- Por que as pessoas aceitam viver ali? Por que elas não procuram um emprego para saírem daquela situação? Será que elas gostam de morar ali daquele jeito tão precário?

(estudante graduação em saúde pública FSP/USP)

Carregando no corpo esse conjunto de experiências a partir de tantas travessias, formulei a questão: *é possível interrogar de outro modo a produção de vida nos territórios, abrindo outras problematizações para o campo da saúde, tanto no âmbito da formação, quanto no do cuidado, no que diz respeito ao modo de produzir as relações?*

Considerando em especial nossas experiências com a pesquisa da RAC⁷ sobre a produção do cuidado em rede, um dos problemas com que nos deparávamos era a visibilidade limitada no que se refere ao modo como a vida nos territórios era captada a partir dos serviços de saúde. Fui me sentindo provocada a compor aproximações com os modos de viver, sobretudo em territórios vistos basicamente a partir das “necessidades”, esvaziados de potência, por consequência deslegitimando outras formas de convivência, de conformação de coletivos e de enfrentamentos que marcam a vida de diferentes coletivos. Assim, busquei dar passagem para esse incômodo exercitando um certo perspectivismo⁸, como possibilidade de formular questões que partissem de uma outra perspectiva teórico-metodológica e permitisse fazer ver e falar outras configurações sobre modos de estar no mundo na singularidade das distintas existências. *Um fora* me chamava.

Eu saía para o campo financiada por alguns intercessores que me ajudaram a compor um corpo para minhas questões. Entre estes Peter Pelbart, considerando as discussões sobre biopolítica e biopoder,

⁶ CEU - Centros Educacionais Unificados da cidade de São Paulo.

⁷ As discussões produzidas podem ser encontradas nos livros Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes. (Organizadores) Merhy, E.E.; Baduy, R. S.; Seixas C.T.; Almeida, D.E.S. Slomp Junior, E. 1. ed. - Rio de Janeiro: Hexis, 2016. 448 p. e Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes. (Organizadores) Feuerwerker, L.C.M; Bertussi D.C; Merhy, E.E. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Hexis, 2016. 440 p.

⁸ Nas palavras de Viveiros de Castro (2007), “vejo o perspectivismo como um conceito da mesma família política e poética que a antropofagia de Oswald de Andrade, isto é, como uma arma de combate contra a sujeição cultural da América Latina, índios e não-índios confundidos, aos paradigmas europeus e cristãos. O perspectivismo é a retomada da antropofagia oswaldiana em novos termos (p.129)”. O conceito de perspectivismo que mantém relação com a filosofia de Deleuze e Guattari e foi desenvolvido em colaboração com a socióloga Tania Stolze Lima. É um conceito que se inscreve na busca de outras ferramentas para a produção e a expressão do saber antropológico, com base na ideia de que “antes de buscar uma reflexão sobre o outro, é preciso buscar a reflexão do outro e, então, experimentarmos-nos outros, sabendo que tais posições – eu e outro, sujeito e objeto, humano e não-humano – são instáveis, precárias e podem ser intercambiadas” (p.14).

nos rastros de Foucault e de Deleuze⁹, que me fazia pensar na relação entre *poder* e *vida* segundo dois eixos. Destes, o do *biopoder* que remete à noção de que “o poder tomou de assalto a vida” e que “penetrou em todas as esferas da existência e as mobilizou e as pôs para trabalhar desde os genes, o corpo, a afetividade, o psiquismo até a inteligência, a imaginação, a criatividade”, do que decorre que “tudo isso foi violado e invadido, mobilizado e colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes, a partir de mecanismos diversos, anônimos e flexíveis, que incidem sobre a percepção, os sentidos, os afetos e sobre os processos de criação, acentrados, reticulados e moleculares”¹⁰ (PELBART, 2007, p. 57).

Contudo, considerando a travessia que me animava, eu me sentia convocada pelo outro eixo que conforma este jogo “ao biopoder responde a biopotência, ao poder sobre a vida responde a potência da vida”, uma vez que tal resposta não configura uma reação justamente porque a potência de vida é coextensiva, imanente ao poder, o que evoca a possibilidade de nos valermos da não determinação entre biopoder e biopotência como forma de reabrirmos um leque de sentidos sobre a noção de vida e sobre as infinitas redes de vida e de sociabilidades que se constituem (PELBART, 2015 p.21). Assim uma questão trazida por Peter ressoava fortemente em mim: apesar da impossibilidade de traçar o mapa das jazidas de virtualidade, espalhadas por toda parte, relacionadas às forças de vida produzidas pelas pessoas, um caminho possível é o de buscar “cartografar seus pontos de emergência, seus locais de irrupção, suas atualizações diversas, e os dispositivos que se vão inventando para liberar essa vitalidade sequestrada, ou os pontos de estrangulamento dessa vitalidade”, por se tratar da produção de uma “cartografia vital, subjetiva, afetiva, biopolítica” (PELBART, 2001, p.5).

Assim, partia para minhas andanças considerando vivamente que a possibilidade de contravoltas se dá no plano micropolítico, pois se o poder está por toda parte, a possibilidade de enfrentamentos, revides e invenções também está por toda parte¹¹. Como diz Suely Rolnik, intercessora com a qual eu também seguia, apesar de sermos atravessados pelo poder vampiresco da cultura *antropofaloegocêntrica* que faz de muito de nós “zumbis exangues a perambular pelo mundo”, as

⁹ FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: Em defesa da sociedade. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo. Martins fontes, 2006 e DELEUZE, G. Conversações. Editora 34. 7ª ed. 2013.

¹⁰ “Poder que de um conter a vida passava a se encarregar desta com o propósito de otimizá-la do que decorria a sensação de perda de qualquer exterioridade em relação aos mecanismos de controle e de monitoramento e a percepção de perda da autonomia e de submissão integral da vida a tais mecanismos de modulação da existência, no qual quase não é possível localizar “onde está o poder e onde estamos nós” e “o que ele nos dita e o que nós dele queremos” (PELBART, 2007, p. 58).

¹¹ “Tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macro e micropolítica”, o que nos possibilita considerar que tudo o que produzimos é constituído e atravessado por planos, linhas e segmentos (p.99). Entre as distintas figuras de segmentaridade destacam a binária, concernente às grandes oposições duais; a circular, formada por meio de círculos cada vez mais vastos; e a linear, que possui linhas retas nas quais cada segmento representa um episódio ou um “processo” em coexistência, na medida que passam umas nas outras, transformando-se a partir da constituição de um dado ponto de vista. Assim, indivíduos ou grupos são atravessados por um conjunto de linhas com ritmos e natureza diferentes, havendo, “uma linha de fuga, já complexa, com suas singularidades; mas também uma linha molar ou costumeira com seus segmentos”. Esta conformação evidencia que se trata de uma “questão de cartografia. Elas nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem mesmo penetrar uma na outra. Rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 2012 p.83).

pistas que eu seguia eram a de construir encontros com a subjetividade habitada pelo “saber do corpo”¹² (ROLNIK, 2016).

Considerando minha constelação de intercessores, eu também saía para o campo agenciada pela problematização de Pelbart sobre a *arte de instaurar modos de existência que “não existem”*, na qual pontua que apesar de vivermos num período de primazia do sujeito humano, o pensamento contemporâneo tende a admitir a existência de múltiplos feixes de experiência ou de sentires e maneiras de ser diversas, segundo uma pluralidade de mundos, pois é no contexto do descrédito do antropocentrismo que pode ser observado em distintos domínios (da filosofia à ecologia) seres que antes figuravam restritos à esfera subjetiva alcançaram um outro estatuto, uma nova vida.

A questão candente trazida por Peter, é então a dos modos de existência, da Amazônia¹³ aos autistas, justamente porque se tratar de considerar como pontuado por ele: “qual é a dor que cada ser, humano ou não humano, carrega?”; “Qual é a ameaça que cada um deles, e nós com eles, enfrentamos?” e “quais dispositivos cabe ativar, seja para dar-lhes voz, seja para dá a ver, seja para deixá-los se esquivarem ao nosso olhar voraz?” É, pois neste perspectivismo que podemos interrogar que tipo de existência e quais categorias podem ser atribuídas a esses seres que habitam nosso cosmos (agentes, entidades, actantes) com suas maneiras próprias de se transformar e de nos transformar, e ainda o quanto existem por si mesmos, o quanto estão em nós, o quanto dependem de nós, quais efeitos têm sobre nossa

¹² Em “A hora da micropolítica”, Suely Rolnik problematiza a micropolítica das ações desejanter a partir de dois polos: o da política do desejo, orientada pela cultura “antropo-falo-ego-logo-cêntrica” e o polo orientado por uma perspectiva “antropofágico-relacional”. Na primeira a subjetividade é denominada de “fora do sujeito” ou “do sujeito”, por se tratar de uma experiência realizada de forma imediata e baseada na capacidade cognitiva, que, embora viabilize a socialização e a comunicação, desenvolve a apreensão do mundo de maneira inseparável da cartografia cultural vigente, do que decorre a produção de sentido é realizada a partir dos códigos e das representações por meio das quais são construídas verdades e a naturalização desta subjetividade e de seu entorno. Já a orientada pela perspectiva “antropofágico-relacional”, “fora do sujeito” ou “extra pessoal”, diz da experiência das forças que agitam o mundo como um corpo vivo, cujos efeitos ocorrem no corpo na condição de vivente, o que Rolnik denominou de “saber-do-corpo” (uma atualização da noção de corpo vibrátil). Considerando que estes efeitos na perspectiva “antropofágico-relacional” provêm de outros modos de sentir e vivenciar o que acontece a todo momento, tal como germes de mundo que nos habitam, a experiência produzida não é a de um indivíduo (com distinção entre sujeito cognoscente e objetivo exterior), mas de uma composição com o mundo que “vive” efetivamente em nosso corpo, sob o modo de *afectos* e *perceptos*, e que integram sua/nossa composição e impulsionam nossa constante recriação e a do entorno. Neste contexto, Rolnik problematiza que o modo de subjetivação, que reproduz a micropolítica reativa própria do regime vigente, também predomina, por exemplo, nas ações das esquerdas, que o enaltecem e o reforçam em nome de seus ideais, justamente pela incapacidade de abarcar a dimensão micropolítica, evidenciando os limites enfrentados para a construção de resistência quando a subjetividade está reduzida ao plano macropolítico. Para Rolnik, o abandono deste modo de subjetivação passa também por um *devir*, que é impulsionado pelas irrupções dos afectos que nos chegam pelo saber-do-corpo e que nos provocam a reinventar a realidade, na medida que a imaginação do ponto de vista coletivo é convocada a agir para a construção de novas maneiras de existir, de novas alianças e de novos sentidos em várias direções e de diferentes modos (ROLNIK, 2016). A esse respeito Rolnik, na mesa Desejo e Micropolítica, no I Encontro Deleuze e Guattari realizado na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, problematiza que o pensamento teórico na *tradição colonial racializante capitalista* tem a ver com a noção de raça porque ela coloca como um modelo absoluto e de superioridade no topo da hierarquia aquilo que produz o homem branco hetero-normativo, machista, patriarcal, antropofaloegologocentrico e afirma que ela se deixou fecundar por europeus brancos na discussão que fará e não por outros é porque estes buscaram desviar-se de seu triste destino eurologocentrico e lograram fazer isso teórica e existencialmente cada um a sua maneira ao longo de sua vida. Afirma ainda que o que irá apresentar não é nem bem europeu, nem bem brasileiro, nem bem guarani, senão germes que engendram em seu corpo devires a partir de uma tentativa de se desviar subjetivamente do marco europeu antropofaloegologocentrico e dar nomes a esses devires, como parte de sua maneira de realizar esse desvio, germes de uma nova política de relação entre europeus ocidentais e povos originários, que está em vários corpos. <https://www.youtube.com/watch?v=5mbkLzJ6my0&t=1271s>.

¹³ Pelbart faz referência à percepção do filósofo Peter Sloterdijk que durante as conversas preparatórias para a ópera Amazônia (2010) detectou uma “dor amazônica” diante da ameaça que pesa sobre a floresta do que resultou o entendimento de que o protagonista de tal experimento musical não poderia ser outro que não o “sujeito amazônico”. Tratava-se de pensar a própria floresta como uma espécie de sujeito, pois o entendimento era o de que a dor é da floresta.

existência e imaginação e se caberia dispô-los em um grupo em oposição à pluralidade existencial que anunciam (PELBART, 2014, p. 252).

E caminhando com as provocadoras questões de Pelbart eu também construí uma aproximação com o tema dos modos de existência a partir de algumas proposições de Deleuze sobre a constituição do conhecimento e do pensamento, pois, para ele, há que ser constituído um pensamento que seja afirmativo da vida em vez de um conhecimento que se oponha à vida, na medida que “pensar significa descobrir, inventar novas possibilidades de vida”¹⁴.

Ter os modos de existência como uma noção fundamental para a minha caminhada afirmava fortemente a questão de que “o segredo está em dar passagem para o existir e não em qualificar quais modos de existência *valem ou não a pena*, na condição de um julgamento”, no sentido de que “o juízo impede a chegada de qualquer novo modo de existência [...]” como propuseram Deleuze e Guattari¹⁵. Assim, considerando o que eu buscava produzir se tratava de encontrar com os movimentos que vão se dando no plano da imanência, justamente porque este se opõe ao do julgamento, que dialoga com o transcendente e por meio da qual os modos de existência são valorados¹⁶. Nesta perspectiva é que estes tais movimentos requerem *criação* e *povo* como nos fala Deleuze, no sentido de que povo nos remete a uma *minoría* que, diferentemente de maioria, não se orienta por nenhum modelo e não é ninguém. Justamente por ser um processo, um *devenir*, no sentido de que “todo mundo, sob um aspecto ou outro está tomado por um devir-minoritário que o arrasta por caminhos desconhecidos, caso consentisse em segui-lo” (DELEUZE, 2013 p. 218).

Neste rastro a noção de povo me ajudava a pensá-lo como uma minoria criadora, permanecendo como tal mesmo quando conquistada a condição de maioria, na medida que sua potência provém daquilo que consegue criar sem depender de um modelo, havendo, portanto, coexistência entre ambas. É, pois, na perspectiva da *criação* e de *povo* que Deleuze pontua que “acreditar no mundo é o que mais nos falta” por termos sido desapossados dele, levando-o a chamar atenção que a crença no mundo significa suscitar novos tipos de *acontecimentos*, ainda que pequenos, porque a questão é que eles escapem ao nosso

¹⁴ Assim, a vida seria a força ativa do pensamento ao mesmo tempo que o pensamento seria o poder afirmativo da vida conforme nos fala Deleuze (1976). E olhando para as duas noções, pensamento e vida Zourabichvili nos fala a partir de Deleuze que há que ser considerado antes de tudo o que interessa ao pensamento considerando “a heterogeneidade das maneiras de viver e de pensar; não enquanto tais, para descrevê-las e classificá-las, mas para decifrar seu sentido, isto é, a avaliação que elas implicam (ZOURABICHVILI, 2016, p. 60).

¹⁵ [...] Pois este se cria por suas próprias forças, isto é, pelas forças que sabe captar e vale por si mesmo, na medida em que faz existir a nova combinação. Talvez esteja aí o segredo: fazer existir, não julgar. Se julgar é tão repugnante, não é porque tudo se equivale, mas ao contrário porque tudo o que vale só pode fazer-se e distinguir-se desafiando o juízo. Qual o juízo de perito em arte, poderia incidir sobre a obra futura? Não temos por que julgar os demais existentes, mas sentir se eles nos convêm ou nos desconvêm, isto é, se nos trazem forças ou então nos remetem às misérias da guerra, às pobreza do sonho, aos rigores da organização” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 173)

¹⁶ A esse respeito Deleuze e Guattari consideram: “não temos a menor razão para pensar que os modos de existência tenham necessidade de valores transcendentais que os comparariam, os selecionariam e decidiriam que um é “melhor” que o outro. Ao contrário, não há critérios senão imanentes, e uma possibilidade de vida se avalia nela mesma, pelos movimentos que ela traça e pelas intensidades que ela cria, sobre um plano de imanência; é rejeitado o que não traça nem cria. Um modo de existência é bom ou mau, nobre ou vulgar, cheio ou vazio, independente do Bem e do Mal, e de todo valor transcendente: não há nunca outro critério senão o teor da existência, a intensificação da vida” (2010, p. 90).

controle, na medida em que “o futuro e o passado do acontecimento não se julgam senão em função deste presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna” (DELEUZE, 2009, p. 154).

Assim, eu partia com esta constelação de intercessores que agenciavam em mim a busca de uma gramática da existência possível de ser conjugada, pois nesta perspectiva as maneiras de viver dos humanos são indissociáveis dos planos de existência com os quais eles convivem. Isso na medida em que uma vida é inseparável das variações que ela favorece, ainda que o capitalismo, o biopoder, o eurocentrismo invistam na quebra entre esses planos e produzam interferências na possibilidade de que alcancemos outras maneiras de viver ou que atinjamos outros modos de existência ou que tenhamos relação com outras modalidades de existência (PELBART, 2014, p. 264)..

É neste plano que o ato de nos entregarmos a um ser, a uma obra, a uma teoria, a uma aposta política, científica, clínica ou estética, permite a instauração de um outro modo de existência, que também provoca a experimentação em nós de um modo de existência singular segundo uma conjunto de questões pouco problematizadas: “*Quais seres tomar a cargo? De quais incumbir-se? Como dar-lhes voz? Como abri-los às passagens e às metamorfoses? Como instaurá-los preservando sua singularidade?*” (PELBART, 2014, p. 264). Era olhando para estas questões que eu sustentava a pertinência de produzi-las a partir de um perspectivismo que incluía considerar continuamente, não apenas as delicadas minorias constituídas (com sua enumeração quase infinita), nem tampouco somente os entes planetários ameaçados de extinção, mas também os devires minoritários de todos e de cada um (existências invisíveis ou menosprezadas ou descartadas ou dizimadas ou por vir que talvez jamais virão), posto que se trata de considerar a própria existência em seu estado de incompletude, de uma obra por fazer (PELBART, 2014, p. 264).

Considerando estas inquietações que se agitavam em mim e em Laura, uma questão se fez candente: *por onde eu iniciaria minha caminhada?* Seguindo as pistas de que a zona sul da cidade de São Paulo era uma região de históricas e intensivas invenções nos planos artístico, cultural e de militância política, das quais me aproximei com algumas leituras e vídeos no processo de composição de meu projeto de qualificação, decidimos apostar que meu ponto de entrada seria o Sarau da Cooperifa, movimento que há 18 anos vem contribuindo para o espraio da literatura periférica na zona sul e para além desta.

Assim, caminhei em direção ao Jardim São Luiz. E no meu caminho, novamente uma ponte sob o rio Pinheiros... não, eu não atribuí um sentido para aquela ponte que me levava ao Jardim São Luiz.

No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
 criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
 A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
 para cor, mas para som.
 Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos —
 O verbo tem que pegar delírio¹⁷.

E verbo se fez no caminhar... E caminhando... caminhando... caminhando... foi que a Ponte se fez fluxo.

Figura 1: Ponte do Socorro com a Estação Socorro do trem.

E foi seguindo por incontáveis encontros, da ponte pra lá e da ponte pra cá, que ela se fez signo. E foram muitas idas e vindas... muitos verbos no mergulho por estas águas desconhecidas... atravessar, cruzar, aproximar, tatear, olhar, escutar, sentir, farejar, calar, pisar, perceber, encontrar, caminhar, falar, parar, voltar, silenciar, quedar¹⁸, cultivar, encruilhar, respirar, arfar, sussurrar, cantar, dançar, cansar,

¹⁷ Manoel de Barros. O livro das ignoranças. 3ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993 p.17.

¹⁸ Conceição Evaristo em suas escrevivências traz no poema “Da calma e do silêncio” o *quedar*: Quando eu morder//a palavra,//por favor,//não me apressem,//quero mascar,//rasgar entre os dentes,//a pele, os ossos, o tutano//do verbo,//para assim versejar//o âmago das coisas.// Quando meu olhar//se perder no nada,//por favor,//não me despertem,//quero reter,//no adentro da íris,//a menor sombra,//do ínfimo movimento.// Quando meus pés//abrandarem na marcha,//por favor,//não me forcem.//Caminhar para quê?//Deixem-me quedar,//deixem-me quieta,//na aparente inércia.//Nem todo viandante//anda estradas,//há mundos submersos,//que só o silêncio//da poesia penetra. (livro “Poemas da recordação e outros movimentos”. Belo Horizonte: Nandyala, 2008). A respeito do termo escrevivência Conceição traz no texto “Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita”: “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode

chorar, sofrer, sorrir, registrar, fotografar, compor, interferir, simpatizar¹⁹, lutar, vibrar, pensar, enfrentar, confiar, escrever, criar... no fluxo do processo *é que veio o delírio do verbo*.

E atravessando, a ponte aconteceram outros *olhares* e *sentires* pelas partilhas de processualidades vividas com várias existências também em seus movimentos da ponte para lá e da ponte para cá. Experienciava aquela ponte como um elemento de ligação, ao mesmo tempo, físico e imaterial. Movências que possibilitavam travessias em diferentes planos.

E, caminhando, segui por espaços, fronteiras, vizinhanças... um caminhar a muitos passos, um caminhar a muitos corpos. Inicialmente, um nós constituído com Laura e posteriormente um nós que foi processualmente ampliado com várias existências do grupo Micropolítica como Paula Bertoluci, Ana Silva, Larissa Santos, Heloisa Santos, Josiane Germano e, em especial, com André Rodrigues. “Quando você vai para a Cooperifa? Tenho interesse em ir com você”. Era o que dizia André no momento em que eu apresentava meu projeto de doutorado para nosso grupo após a qualificação. Ali começava nosso encontro e nossa parceria. Um campo de problemas, interesses, agenciamentos nos entrelaçava. Havia um comum entre nós. De outras pontes que experimentei.

Assim, começamos a caminhar. E juntos entrevistamos novas questões, processamos minhas andanças infinitas vezes, trocamos muitos materiais (vídeos, textos, imagens, poesias...), produzimos um compartilhamento com nosso grupo sobre as experiências do campo, compusemos escrevivências, vivemos muitos acontecimentos em nossos processos de pesquisa... juntos experienciamos novas travessias e constituímos outras pontes. Assim fui me encontrando com um rizoma de produções²⁰.

se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (2007, p.21).

¹⁹ Trago a noção de simpatia a partir das recolhas de um exercício de vizinhança com Inforsato que em sua tese discute a simpatia, trazida à técnica de uma certa clínica, seria então um modo de modo de convocar o pathos, a construção de um procedimento crítico e contemplativo de aproximação e conhecimento outrem, o que supõem-se uma prontidão aos encontros que constituem o cotidiano da clínica e de outras matérias que lidem com encontros humanos, em busca de uma convivialidade, um estar com, querer estar com aquilo que pode provocar uma desterritorialização recíproca (p.51). E com David Lapoujade ela discute que o autor relacionou a simpatia à noção de conhecimento questionando-a em sua forma convencional de conhecimento adquirido, a confirmação de um saber prévio, que é aplicado sobre a experiência, pois este seria “um outro modo de conhecimento seria migratório e deambulatório, um conhecimento que seria inalcançável, e que operaria pela simpatia, pelo exercício de acompanhar outrem nos movimentos que ele produz, e que nos interessam na medida em que são neles que se encontram os pequenos sinais secretos que fazem devir quem com eles simpatiza”, não se tratando “de imitar outrem, mas de devir por intermédio de outrem, situar-se portanto no mesmo plano, encontrar-se no mesmo ritmo, afinar-se na tonalidade e, poríamos acrescentar: estar em comum, para poder escutar, perceber, experimentar de qual lugar o outro fala, por qual perspectiva ele age e enuncia. É uma tentativa de sincronizar, um ‘acordo rítmico’ que busca colocar-se na mesma tonalidade afetiva, como uma ‘atividade espiritual, por excelência’, e não menos pragmática por isto [...] a simpatia precisa, para tanto, livrar-se da imposição da forma homem, dessa humanidade que, segundo Lapoujade, projetamos por toda parte, e que faz com que a própria simpatia se confunda à compaixão. Apenas quando liberada dessa antropomorfização e deste antropocentrismo é que a simpatia pode ser associada ao conhecimento” (2010, p.52). Inforsato traz ainda, segundo as proposições da filosofia e da literatura de Nietzsche, Deleuze e D.H. Lawrence, que “é por simpatia, e não por adaptação que o desejo pela vida nos coloca em encontros, pois nossa alma precisa poder colocar-se ao lado de outro alma”, posto que, “simpatia significa sentir com e não sentir por [...] Isto é simpatia. A alma a julgar por si mesma, e a preservar sua integridade própria. [...] A alma simpatiza com a alma. E tudo quanto tenta matar-me a alma, a minha alma odeia (2011, p 934).

²⁰ “Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto (...) Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. Um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo” (...) é o rizoma, mapa e não decalque”, pois o mapa “é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas” (DELEUZE GUATTARI 2011, p.17- 49)

E neste turbilhão de experiências aconteceu de amigos destes companheiros se achegarem para ir à Cooperifa e aos espetáculos de teatro e de dança. Uma multidão de nós com uma multidão em nós foi sendo instaurada. Movimentos de um ocupar e ser ocupado pelos encontros!²¹

Pontes foram acontecendo com as existências que conhecemos em nossas andanças do meu campo. Corpos-pontes para outras travessias e mundos. E logo na chegada à Cooperifa conheci uma existência que transversalizaria toda a minha caminhada e que ocuparia intensamente também minha existência: Dona Edite. Por *Essas Mãos*²² meus caminhos foram abertos, delicadamente e intensivamente. Com Dona Edite isso é possível. E assim *entrei no rizoma pelas mãos de uma Griot*. E do primeiro quilombo que me aproximei na região, a Cooperifa, com ela cheguei em outro: a Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim.

Deste modo fui *chegando em Casa...* Meu propósito não era o de pesquisar os espaços do ponto de vista institucional, mas de conhecer as diferentes movências que as existências constituíam em seu viver, ocupadas por outras existências e por um conjunto de fazeres e saberes em suas singularidades. Isso me possibilitou conhecer um pouco da vida produzida nos diferentes espaços pelos quais caminhei. Encontrando alguns habitantes da Casa de Cultura, logo no início, particularmente a coordenadora e a professora de danças brasileiras do grupo de convivência Flor de Lis e um dos criadores do grupo de capoeira Espírito de Zumbi, diversas possibilidades de conexão foram abertas. Elas me possibilitaram viver, entre tantos acontecimentos, *aonde o interesse pelo outro pode nos levar e um como em desfile*, que nos cutucam a pensar sobre modos de viver mais compartilhados.

E considerando as conexões que eu produzi, uma se fez também logo pelo *corpo-ponte* de Aline Amâncio, professora do grupo Flor de Lis, que possibilitou o *encontro com as Capulanas-Ialodês em suas Negras Insurgências* inicialmente pela presença de uma das integrantes da Capulanas Cia de Arte Negra, Flávia Rosa. Com ela, vários temas foram disparados e visibilidades foram constituídas sobre a produção das existências negras na cena cultural e para além desta. E Flávia foi uma presença viva como *corpa-ponte*²³ ao longo de todo meu processo de diferentes modos.

Assim, de encontro em encontro, eu seguia fiando relações. Entre estas com Gal Martins que apareceu em várias conversas como “alguém que eu precisaria conhecer”. E caminhando em direção a ela conheci a Cia Sansacroma e a Zona Agbara. E destes encontros, várias existências brilharam para mim, como as mulheres negras e gordas com as quais seguí *entrando em uma zona de força e potência*,

²¹ A ideia de *Ocupar e ser ocupado* foi ganhando corpo ao longo de minha pesquisa e ganhou força na escrita do artigo “Ocupações poéticas de si e do outro: cartografando encontros entre arte, cultura e produção da vida” em que partilhamos as intensas e rizomáticas redes de produção de modos de se ocupar de si e do outro com as quais nos encontramos em nossos processos de pesquisa (MENDES, SILVA, RODRIGUES, FEUERWERKER, 2019).

²² Poema *Essas mãos* de Cora Coralina que como ainda veremos faz parte das travessias produzidas por Dona Edite em seu viver.

²³ Falarei sobre a expressão *corpa*, que conheci a partir de Flávia Rosa, na narrativa “O dia em que me tornei uma reclusa pelas mãos de uma descendente de Dandara”.

na condição de *corpos que incitam a engolir o mundo*, e me tornei uma *reclusa pelas mãos de uma descendente de Dandara*. De outros encontros agenciadores vividos.

Minha caminhada não foi linear e não havia uma rota pré-estabelecida. Foram muitas idas e vindas nos mesmos lugares que me levavam a outras existências e a coletivas e coletivos. Deste modo segui... caminhando *e partilhando algumas andanças* para além do rizoma em que eu andava, como aconteceu no encontro que construí com André na FSP. Assim, cheguei a Jefferson Santana e ao Poetas Ambulantes e juntos andamos *insuspeitos pela linha metrô* na vivência de *um assalto poético* e por muitos outros caminhos. Com estas e estes poetas, e agenciada por Laura, produzimos uma *conversação-recepção* com os calouros do curso de saúde na FSP, que também contou com a presença de Débora Marçal da Cia Capulanas. Produzimos o encontro Sudeste da Rede Unida junto com companheiras e companheiros do Micropolítica e do Observatório, que ativou *uma multidão de nós* em uma ocupação da FSP, da qual participaram também outras existências de minhas andanças – Flávia Rosa, Débora Marçal, Carmem Faustino, Zona Agbara e Poetas Ambulantes.

As fiações seguiam sendo tecidas e seus fios continuavam se entrelaçando em múltiplas tessituras-pontes possíveis. Foi neste entrelaçamento que vivi as poéticas de poetas-professores que seguem cultivando a poesia e especialmente a literatura periférica com os estudantes nas escolas a partir de saraus e de ações que dão expressão a diferentes linguagens artísticas, provocando visibilidades sobre as *Movências (po)éticas que transversalizam a escola* e o que pode *Um caldeirão com música e poesia* que diz de *outras centralidades na escola e para além dela*.

E entre idas e vindas na Cooperifa e na Casa de Cultura em que reencontrava de novo, de novo, de novo tantas existências meu corpo vibrátil viveu o que pode a *poesia no ar... sem certezas e nem verdades* e que *quando um mestre se vai tem festa*. Caminhando, animada pela potência dos encontros, vivenciei espetáculos que, tematizavam os campos problemáticos partilhados comigo no campo, o que possibilitou *uma experiência com minha constelação de intercessores: Isto é um negro?*

Vivendo este rizoma, cheguei pelas mãos de Flávia Rosa, uma das Capulanas-Ialodês, em Sol Almeida, que me abriu para o encontro com um conjunto de questões que atravessam e compõem o viver LGTBQI+ a partir de suas produções como artista do corpo, que incluiu o projeto Bicha Preta de Fé, possibilitando que eu visibilizasse alguns movimentos realizados por *bichas pretas: existências em trânsito*.

E das múltiplas tessituras que compus com as integrantes da Cia Capulanas, movências aconteceram com Débora Marçal e Isabella Duvivier e com outras *menstruadas sob o céu da zona sul*. E foi de corpo-ponte em corpo-ponte que uma produção compartilhada aconteceu e que possibilitou a Griot-Edite sentir e viver: *Não mexe comigo que eu não ando só*. Das tessituras e suas interferências vividas que agenciaram outras experimentações, partilhas e aprendizagens.

Foi pela experimentação dos saberes e fazeres destes corpos-pontes que se instalaram em mim que vivi mais uma travessia desterritorializante: a composição de uma escrita que desse passagem aos afetos que pulsaram nas minhas andanças ao pesquisar sentindo os terreiros-escadões-vielas-gomas-quilombos-pontes, entre tantas idas e vindas e tantos vínculos produzidos. Afetos que pulsaram nos meus pés²⁴.

E assim vivenciei outras *encruzilhadas* do processo. Encruzilhada, uma noção que se fez presente em minha caminhada e que foi ganhando corpo a cada passo. Uma noção viva em tantas existências com as quais vivi muitas histórias e que me habitou a partir da perspectiva de Leda Martins

A cultura negra é lugar das encruzilhadas. O tecido cultural brasileiro, por exemplo deriva-se dos cruzamentos de diferentes culturas e sistemas simbólicos, africanos europeus, indígenas e, mais recentemente, orientais. Na tentativa de melhor apreender a variedade dinâmica desses processos de trânsito signico, interações e interseções, utilizo-me do termo encruzilhada como uma chave teórica que nos permite clivar formas híbridas que daí emergem. A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosófico e metafísicos, saberes diversos, enfim. Na concepção nagô-iorubá assim como na cosmovisão das culturas banto, a encruzilhada é o lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instancias de conhecimentos diversos, sendo frequentemente traduzida por um cosmogramas que aponta para o movimento circular dos cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de interseção (cf. THOMPSON, 1984; MARTINS, 1997). Da esfera do rito e, portanto, da performance, a encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e tradução, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação²⁵ (MARTINS, 2002 p. 73)

No processo de invenção de uma forma de escrita, vivi as experimentações de possibilidades estéticas, as dores das desconstruções necessárias na produção de um corpo para sustentá-la, e as aprendizagens sobre um modo de não subsumir as experiências à referenciais teórico-conceituais,

²⁴ “Podemos dizer que tentamos conduzir esta *pesquisa com os pés*, permitindo que o território pesquisado desse as coordenadas ao corpo; que os afetos vividos disparassem perguntas; que as surpresas de cada elemento acessado nas idas e vindas do campo tecessem um pensamento. Eis um grande desafio! Esquivar-se da “cabeça”, da atividade racional como coordenadora de uma investigação para ser guiada pelos afetos produzidos no movimento do corpo que sente à sua maneira os caminhos de uma rede de cuidado em saúde” (2019, p.14) é o que partilham Rosilda Mendes, Adriana Barin, Fernanda Frutuoso e Érika Oliveira, cujos caminhos de pesquisa foram descobertos em meio às suas andanças e que “como andarilhas curiosas se arriscaram a habitar território inusitados por onde redes de cuidado aparecem” (2019, p.13). Apesar de o encontro com esta produção, o livro *Pesquisar com os pés – deslocamentos no cuidado em saúde*, ter acontecido no final do meu processo de escrita, as ressonâncias e interferências se fizeram vivas em mim com uma pesquisadora que buscou construir seu processo no encontro *vivo e pulsante* com outros corpos e que pesquisou com os pés e na presença também dos pés de André Rodrigues que esteve ligado a experiência de construção do referido livro como pesquisador e autor que integra o laboratório de estudos e pesquisas em formação e trabalho em saúde (Lepets). Dos pés que pesquisaram juntos.

²⁵ E Leda segue afirmando “Operadora de linguagens e discursos, a encruzilhada, como lugar terceiro, é geratriz de produção signica diversificada e, portanto, de sentidos plurais. Nessa concepção de encruzilhada discursiva destaca-se, ainda, a natureza cinética e deslizante dessa instancia enunciativa e dos saberes ali instituídos (MARTINS, 1997 p. 25-26). No âmbito da encruzilhada, a própria noção de centro se dissemina, na medida em que se desloca, ou melhor é deslocada pela improvisação. Assim como o jazzista retece os ritmos seculares, transcribando-os dialeticamente numa relação dinâmica, retrospectiva e prospectiva, as culturas negras, em seus variados modos de asserção, fundam-se dialogicamente, em relação aos arquivos e repertórios das tradições africanas, europeias e indígenas, nos jogos de linguagem intertextuais e interculturais, que performam” (MARTINS, 2002 p.74).

buscando dar materialidade para o que se passou nos encontros com tantos corpos-pontes no rizoma que abri e vivi.

A busca era pela composição de um modo de expressar o intensivo que predominou, para além do extensivo. Assim, fui experienciando várias travessias no meu modo de escrever esta tese. Uma encruzilhada vivida como agenciamento, como potência, para partilhar o que experimentamos vivamente neste processo. Uma escrita-encruzilhada cuidadosamente agenciada por Laura e por André, que me provocava alegria, porém difícil de habitar considerando as várias desterritorializações por ela exigida. Mais uma travessia que não vivi sozinha.

Vivendo a experiência de compor um modo de escrever em que os afetos estivessem vivos, entendi que seguir cultivando encontros com as existências que constituíram minha caminhada poderia me ajudar em uma elaboração mais vívida, sensível e alegre, considerando a continuidade de um estado de presença. E assim o fiz. A partir de idas e vindas do pensamento e de composições e decomposições dos afetos que eu segui vivendo com o processo de desmarcar o corpo sobre um certo modo de escrever, considerando uma aposta ético-política ativada a cada processamento com Laura e ainda com André, e com a partilha no Micropolítica, chegamos a este modo de escrita. Chegamos, no plural, pois este processo foi vivido de modo compartilhado.

Nesta artesanaria, constituí outros intercessores, entre os quais, as produções publicadas individualmente e pelos/pelas coletivos/coletivas com os quais me conectei. Minha constelação de intercessores se ampliava. E neste processo aconteceram outras composições com estes corpos-pontes que ressoavam intensivamente no meu processo de escrita²⁶, considerando *um nós* que vivenciamos. Corpos que *em relação* sentiram, pensaram, produziram movimentos em vários planos. Corpos que processualmente experimentaram um respirar junto, que vivenciaram *conspirações*²⁷. Uma produção de pontes para outros saberes e fazeres. Corpos em travessias. Uma vibração que provocava a vivência de uma simpatia entre corpos, entre almas. Uma *simpatia* entre combates.

²⁶ Essa composição aconteceu de vários modos em especial com as leituras e contribuições: no artigo Ocupações poéticas de si e do outro: cartografando encontros entre arte, cultura e produção da vida” feitas por Aline Amâncio, Edna Kupper e Edite Marques; no resumo, apresentado no XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, “O que pode a Educação física no território: visibilizando conexões entre território, vida e práticas corporais em que Aline e Edna participaram ativamente; no artigo em fase de finalização sobre as experiências com a literatura periférica produzidas na escola que também como autores Jefferson Santana, Elaine Martins e Márcio Vidal, pelas leituras e contribuições; no resumo submetido ao 14º Congresso da Rede Unida “Entre Pontes, Travessias e Encruzilhadas; corpos em tensão, inventando resistências e existências rizomáticas feitas por Flávia Rosa e Gal Martins e nas narrativas da tese partilhadas com todas, todos, todes que integraram tais experiências.

²⁷ E aqui mais uma ressonância com as proposições de “Pesquisar com os pés”, a noção de “Conspirar com”, do capítulo de mesmo nome em que Ângela Capozzolo e André Rodrigues trazem esta noção como possibilidade de adensar as questões metodológicas acerca do “pesquisar com” considerando a aposta de produção de um conhecimento por meio da construção de um campo comum entre pesquisadoras da universidade e a rede de serviços. E a esse respeito dizem os autores que “as implicações envolvidas no processo de *pesquisar com*, dessa busca por dar voz a gestões coletivas de produção de conhecimentos comporta gagueira de todos os tipos e que atestam a fragilidade das identidades prévias acerca de quem produz este ou aquele tipo de saber possui” e assim problematizam que a ideia de respiro levantada com a pesquisa talvez poderia ser substituída por *conspirar* “não no sentido de tramar – o que também pode interessar-, mas de respirar junto se colocar mutuamente em questionamento”. E *conspirando* com as pesquisadoras afirmam: “*conspirar* exigiria também um modo sempre diferente de acolher o desconhecido sem retê-lo” (2019, p. 98).

Nessa *conspiração*, minha questão foi ganhando outras cores, sonoridades, texturas, formas. No encontro com tantos corpos-pontes e vivendo eu mesma como ser/viver um corpo-ponte, experienciei questões e modos de explicitá-las por coletivas e coletivos que foram desterritorializantes. E assim minha questão se amplificou, pois eu via e vivia a movimentação e a produção de várias formas de combates, *na imanência*,²⁸ de uma constelação de existências em permanente tensão, como possibilidade de um existir-resistir que tensiona os atravessamentos e os efeitos das linhas de força do conhecido jogo *de quem, como e o que deve viver e morrer*. Disputas que matam possibilidades de viver.

Operando mudanças de registro do sensível e experimentando os desconfortos da vivência do sensível no corpo durante os encontros de minha caminhada, em uma perspectiva que implicava em ampliá-lo sustentando a perturbação como possibilidade de produção. Produção de algo que possibilitasse dar contorno à experiência²⁹, como aconteceu em diferentes conversas do campo e na vivência de espetáculos e de produções artísticas. Encontrei com temas que ganharam outras visibilidades, entre os quais, o racismo, o genocídio e o encarceramento da população negra, as questões que compõem a produção de existências LGBTQIA+, a invenção e a sustentação de quilombos artísticos-culturais que dão passagem para a criação de modos de afirmar e produzir a vida na singularidade e na diferença, restando modos de viver neoliberais.

E assim questões foram amplificadas também no que se refere ao dito centro e à dita periferia. Uma destas diz respeito à empobrecida e apodrecida produção de pensamento de que há um suposto centro e que, por não haver destes lugares visibilidade para os movimentos e para as linhas de fuga produzidos pelas ditas periferias e pelas distintas existências que as habitam, invisibilizadas por tal olhar hegemônico, considera-se que não há saberes e fazeres nestas *territorialidades*.

A questão é que o agenciamento de um conjunto de movimentos produzido por esta multidão de existências não vêm de uma institucionalidade (também empobrecida e apodrecida), das quais tal multidão pouco espera e pouco depende para que suas invenções ganhem as ruas e múltiplos espaços de produção defendidos coletivamente - com a carne e com o grito de vozes que se erguem a todo momento.

²⁸ Orlandi (2018, p. 54), a partir das posições de Deleuze em “Crítica e Clínica” (2013, p.173) nos fala que “combater na imanência implica um devir-animal, implica estar à espreita de um máximo de forças possíveis, cada uma das quais recebe sentido novos ao entrar em relação com as demais. E segue afirmando que “só assim é possível pensar uma decisão que não seja apenas um juízo-julgamento e nem sua consequência orgânica; só assim é possível pensar que a decisão jorra vitalmente de um turbilhão de forças que nos arrasta no combate”; não é graças aos juízos, mas graças a esses arrastões no combate que alguém se desenvolve, que criação de um modo de existência, pois, ao combater na imanência, o que os existentes espreitam efetivamente uns nos outros não é adequação mútua de seus juízos, mas se suas respectivas vidas convêm ou desconvêm entre si, se elas trazem forças umas às outras e não miséria. Orlandi destaca ainda que *com Deleuze*, pode-se dizer que o combate na imanência, num primeiro momento, articula-se em duas dimensões: em extensão e intensidade. E a esse respeito Deleuze fala: “esses combates exteriores, esses *combates-contra* encontram sua justificação em combates-entre que determinam a composição das forças no combatente. É preciso distinguir o combate contra o Outro e o combate entre Si. O combate-contra procura destruir ou repelir uma força”. Assim, Deleuze considera que “o combate-entre, ao contrário, trata-se de apossar-se de um força para fazê-la sua”, sendo o “processo pelo qual uma força se enriquece ao se apossar de outras forças somando-se a ela num novo conjunto, num devir” e no qual “o combatente pode lançar-se ‘contra’ seu inimigo, com todos esses aliados que lhe proporciona o outro combate”, que “não é de modo algum a guerra. A guerra é somente o combate-contra uma vontade de destruição, um juízo de Deus que converte a destruição em algo ‘justo’” (2013, p. 171)

²⁹ “Pactos do sensível” de Oliveira et al - Revista territórios (2019).

Inclusive tensionando como possível a força do instituído, considerando o que vi e vivi. A esse respeito um termo com o qual encontrei em minha caminhada e que ainda será citado em uma narrativa fez muito sentido: *centralidades periféricas* – termo que abre possibilidades para pensar a periferia não como centro, mas que há outros mundos e infinitos rizomas em germinação e floração para além do umbigo da tradição *colonial racializante capitalista*.

O processo de *conspirar com*, de *estar com*, de *experimentalizar com*, produzido a partir de tantos encontros com o rizoma que vivi – e que não é a totalidade das produções que povoam a zona sul da cidade de São Paulo – potencializou a ideia de que habitamos campos de batalhas comuns por meio de diferentes arranjos e estratégias na produção de possíveis. E também que há *centralidades* múltiplas sendo instaladas a todo instante nas fissuras e nos interstícios que são habitados por um *devir minoritário*, um devir marginal, dos quais é difícil fugir ao serem fecundados e vividos na tensão que não abandona corpos, corpas e *corpes*.

Um devir que habita muitos de nós, na condição de *povos indígenas* e que partilham um comum como pontuado por Eduardo Viveiros de Castro – entre os quais, o povo LGBTQ separados de sua sexualidade; o povo negro separado da cor de sua pele e de seu passado de escravidão - uma despossessão corporal radical; o povo das mulheres, separadas de sua autonomia reprodutiva – considerando a permanente ofensiva não apenas contra os índios, e sim contra muito outros povos indígenas (p.18, 2016)³⁰. Um devir que nos habita como *involuntários da pátria*, pois como também afirma Viveiros de Castro: “nós nos sentimos como os indígenas do país” que

forma um enorme contingente de uma pátria que não queremos, de um governo (ou desgoverno) que não nos representa e nunca nos representou. Nunca ninguém os representou, àqueles que se sentem indígenas. Só nós mesmos podemos nos representar, ou talvez, só nós podemos dizer que representamos a terra — esta terra. Não a “nossa terra”, mas a terra de onde somos, de quem somos. Somos os Involuntários da Pátria. Porque outra é a nossa vontade. Involuntários de todas as Pátrias, desertai-vos! (p.22, 2016)

³⁰ Neste texto publicado a partir de uma aula pública no ato *Abril Indígena*, na Cinelândia, Rio de Janeiro em 2016, Viveiros de Castro nos provoca a pensar sobre o que é ser *índio* e *indígena*: “todos as pessoas nascidas aqui nesta terra são indígenas do Brasil? Sim e não. Sim no sentido etimológico informal abonado pelos dicionários: “originário do país etc. em que se encontra, nativo”. Um colono de origem (e língua) alemã de Pomerode é “indígena” do Brasil porque nasceu em uma região do território político epônimo, assim como são indígenas um sertanejo dos semi-árido nordestino, um agrobio de Barretos ou um corretor da Bolsa de São Paulo. Mas não, nem o colono, nem o agrobio nem o corretor de valores são indígenas — perguntem a eles... Eles são “brasileiros”, algo muito diferente de ser “indígena”. Ser brasileiro é pensar e agir e se considerar (e talvez ser considerado) como “cidadão”, isto é, como uma pessoa definida, registrada, vigiada, controlada, assistida — em suma, pesada, contada e medida por um Estado-nação territorial, o “Brasil”. Ser brasileiro é ser (ou dever-ser) cidadão, em outras palavras, súdito de um Estado soberano, isto é, transcendente. Essa condição de súdito (um dos eufemismos de súdito é “sujeito [de direitos]”) não tem absolutamente nada a ver com a relação indígena vital, originária, com a terra, com o lugar em que se vive e de onde se tira seu sustento, onde se faz a vida junto com seus parentes e amigos. Ser indígena é ter como referência primordial a relação com a terra em que nasceu ou onde se estabeleceu para fazer sua vida, seja ela uma aldeia na floresta, um vilarejo no sertão, uma comunidade de beira-rio ou uma favela nas periferias metropolitanas. É ser parte de uma comunidade ligada a um lugar específico, ou seja, é integrar um povo. Ser cidadão, ao contrário, é ser parte de uma população controlada (ao mesmo tempo “defendida” e atacada) por um Estado. O indígena olha para baixo, para a Terra a que é imanente; ele tira sua força do chão. O cidadão olha para cima, para o Espírito encarnado sob a forma de um Estado transcendente; ele recebe seus direitos do alto (2016, p. 21).

Mesmo sem sentir no cotidiano estas tensões marcarem minha pele, como vivenciam tantas existências com as quais construí relações, eu senti os ventos de múltiplas potências que sopram das territorialidades em que caminhei e que são habitadas por uma constelação de *povoS*, pois novamente trazendo as proposições de Viveiros de Castro, trata-se de um “Povo” que “só (r)existe no plural - povoS. Um povo é uma multiplicidade singular, que supõe outros povos, que habita uma terra pluralmente povoada de povos” (CASTRO, 2016 p.22).

Tensões de todos, todas e todes. Tensões que alicerçam nossa constituição. “A história de colonização do Brasil é uma marcha sobre territórios indígenas e uma edificação sobre cemitérios indígenas. Nossa história colonial é de genocídio contra o povo indígena”, como chama atenção Ailton Krenak³¹. História que também tem como marca o genocídio de existências negras. Genocídios que experimentamos por séculos e com os quais não nos encontramos³². Um processo que persiste e que se reterritorializa permanentemente em direção à distintas existências no campo de forças de uma política de morte, publicamente declarada, como ouvi e senti em muitos momentos de minhas andanças.

Corpos que são alvos por serem negros e negras; por serem negros e negras trans e moradores da dita periferia; por serem mulheres negras e/ou não negras que buscam erguer cada vez mais suas vozes para inscrever seus corpos na cena cultural. Corpos-alvos cujo recuo poderia ser justificado, mas que há muito tempo seguem produzindo revides na dita periferia – e para além dela – de diferentes modos, como nas mostras culturais, feiras de literatura, rodas de conversa, espetáculos e intervenções de teatro e dança nos equipamentos públicos e nas praças, terminais de ônibus, transportes público. Corpos que lutam para existir. Devires...³³ Uma ocupação de si e do outro/outras/outrxs como possibilidade de estar vivo, não apenas do ponto de vista ético-poético-político na produção da existência em sua singularidade.

“Estamos em guerra!” é o que enuncia Ailton Krenak³⁴. Guerra que se dá contra uma constelação de *povos indígenas*, retomando a noção de Viveiros de Castro, como a que encontrei. É, pois, neste

³¹ Entrevista de Ailton Krenak para a série Vozes da Floresta produzida com o apoio do Rainforest Journalism Fund em associação com o Centro Pulitzer. <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJIhIos4w>

³² Indígenas e africanos, segundo Schwarcz, não viviam apartados nos mundos coloniais, pois até meados do século XVIII estas populações operavam lado a lado nas mesmas unidades, realizavam trabalhos semelhantes e dividiam espaços da produção. Elas podiam ser encontradas em todos os lugares nas eras quinhentistas e seiscentistas misturados nas lavouras canavieiras, pastoreando gados, transportando mercadorias e produzindo alimentos. Assim, nos engenhos e plantações coexistiam na sanha diária, como afirmam os autores, sendo ambas denominadas pela nomenclatura colonial de “negros” cujo significado era “escravo”, no entanto, havia a denominação ‘negros da Guiné’ para os africanos e ‘negros da terra’ para os indígenas. Havia ainda a denominação “tapamunhos” ou “tapanhuns” dos indígenas para os africanos. Apesar de não haver a imagem e evidências históricas de uma “transição” entre a mão de obra indígena para a mão de obra africana, todas as áreas do Brasil colônia fizeram esta transição a depender do potencial de cada uma e de uma série de circunstâncias locais natureza do trabalho exigido, condições epidemiológicas, o poder das instituições do estado e da igreja, o grau de envolvimento de cada região no sistema mercantil atlântico (Schwartz, 2018 p. 216), tendo o Brasil sido o país que mais comercializou estas vidas e o Rio de Janeiro o maior porto do tráfico atlântico e a maior cidade escravista das Américas (Slenes, 2018, p.64). Isso significou 4,9 milhões dos 10,5 milhões de africanos sequestrados que chegaram vivos às Américas (Carvalho, 2018 p 156).

³⁴ Episódio “As guerras da Conquista” da série documental Guerras do Brasil.doc composta pelos episódios As guerras de palmares, A guerra do Paraguai, A revolução de 1930 e a Universidade do crime.

combate que busco seguir *in-mundizada* e *conspirando* a partir do cultivo de trincheiras comuns. Um combate na imanência por outros possíveis que não tem fim... entre Pontes, Travessias e Encruzilhadas.

**Primeiros passos...
entrando no rizoma
pelas mãos de uma Griot**

20h:13min. Noite de verão, Jardim São Luiz, zona sul da cidade de São Paulo. Finalmente eu, André, Paula e Leandro havíamos chegado à Cooperifa. Além dos meus parceiros, uma alegria e uma ansiedade também eram minhas companhias. Na primeira parte do trajeto eu, André e Paula seguimos de metrô até a Estação Capão Redondo. De lá seguimos de carona com o amigo de Paula, que morava no Capão. No trajeto tudo era novo para mim. Tentava reter alguns pontos de referência, mas não conseguia. Seguíamos rápido, pois a hora já estava adiantada. André e Leandro seguiam decidindo o caminho por onde iríamos. E Leandro falou: *“ah, sei a fábrica de Cultura. Não é essa aqui?”*. Olhei rapidamente para o lado e consegui ver de relance apenas um grande prédio branco. Entre subidas e descidas, seguia desorientada. Ao subirmos mais uma ladeira, vi o bar do Zé Batidão, que conhecia por buscas sobre a Cooperifa na internet, à direita. Uma súbita familiaridade. Após conseguirmos uma vaga para estacionar, guardamos nossas coisas na mala do carro e seguimos. Muito viventes estavam ali também. Vários ocupavam a pracinha localizada quase em frente ao bar. Outros juntavam-se em pequenos grupos na calçada, sentados e em pé, bem como encostados nos postes formando uma circularidade. Outros ainda, apoiavam-se nos carros estacionados mais próximos da entrada do bar. À medida que caminhávamos, era possível ouvir diferentes tons de conversas, entremeadas por risos e gargalhadas. Havia um burburinho de muitas conversações. Entramos e buscamos um lugar para sentar. Havia duas fileiras compridas de mesas dispostas no salão do bar que compunham a cena entre a árvore dentro do bar e a escada que dá acesso ao segundo andar, respectivamente à direita e à esquerda de quem entra no espaço. Sim, havia uma árvore no interior do bar e a presença daquela vida preservada logo seria um assunto entre nós.

Figura2: Primeira ida ao Sarau da Cooperifa (Foto: Paula Bertoluci).

Acomodamo-nos em uma das mesas mais próximas da escada, pois ali parecia ser possível termos uma visão mais ampla do sarau. E ao olhar para a diagonal cutuquei André dizendo:

- Olha ali na frente, na primeira cadeira, ela já chegou. É a Dona Edite, lembra que te falei dela?

A ansiedade que caminhava com a alegria foi embora; ficou a alegria, que me ocupava dos pés à cabeça. Dona Edite estava sorrindo. Ela ouvia atentamente uma moça que se curvava em sua direção, falando-lhe ao pé do ouvido. E então Dona Edite deu uma gargalhada, acompanhada de uma palma que irrompeu a conversa. A moça também gargalhou e na sequência ajoelhou-se diante de Dona Edite. E olhando fixamente para ela e segurando firmemente suas mãos, que a esta altura estavam entrelaçadas com as mãos da moça, beijou-as. Apesar de estarmos um pouco distantes foi possível ler em seus lábios obrigada! Dona Edite, lhe sorriu. Um abraço demorado selou o encontro. Finalmente estávamos na Cooperifa...

O sarau ia começar. Antes, porém, um grito-convocação que foi repetido por todos:

- Povo lindo, povo inteligente, povo maravilhoso, é tudo noossoooo! Uh Cooperifa, uh Cooperifa, uh Cooperifa!

E uma profusão de aplausos, assovios, sorrisos, abraços afetuosos, mãos espalmadas encontrando-se no ar, batidas na mesa para marcar tal grito tomou o ambiente... um grito-celebração para as poéticas que habitam aquele espaço. E às 20:53 o poeta anunciou:

- Vamos receber com muita alegria a estrela da Cooperifa: Dona Ediiiteeee!

E então poeta entoou o grito que foi seguido por todos no ritmo de palmas e com o qual ainda nos encontraríamos muitas vezes:

- Uhu, Dona Edite! Uhu, Dona Edite! Uhu, Dona Edite!

Em frente ao microfone, ela acenava e sorria com as duas mãos elevadas acima da cabeça, mandando e beijos, dizendo com a voz firme: “*obrigada, gente, obrigada. Boa noite Cooperifa!*”. Na sequência enuncia com energia: “*Saga da Amazônia, Vital Farias*”.

Era uma vez na Amazônia a mais bonita floresta
Mata verde, céu azul, a mais imensa floresta
No fundo d'água as Iaras, caboclo lendas e mágoas
E os rios puxando as águas

Papagaios, periquitos, cuidavam de suas cores
Os peixes singrando os rios, curumins cheios de amores
Sorria o jurupari, uirapuru, seu porvir
Era: Fauna, flora, frutos e flores

Toda mata tem caipora para a mata vigiar
Veio caipora de fora para a mata definhar
E trouxe dragão-de-ferro, prá comer muita madeira

E trouxe em estilo gigante, prá acabar com a capoeira
 Fizeram logo o projeto sem ninguém testemunhar
 Prá o dragão cortar madeira e toda mata derrubar
 Se a floresta meu amigo, tivesse pé prá andar
 Eu garanto, meu amigo, com o perigo não tinha ficado lá

 O que se corta em segundos gasta tempo prá vingar
 E o fruto que dá no cacho prá gente se alimentar?
 Depois tem o passarinho, tem o ninho, tem o ar
 Igarapé, rio abaixo, tem riacho e esse rio que é um mar

 Mas o dragão continua a floresta devorar
 E quem habita essa mata, prá onde vai se mudar??
 Corre índio, seringueiro, preguiça, tamanduá
 Tartaruga: Pé ligeiro, corre-corre tribo dos Kamaiura

 No lugar que havia mata, hoje há perseguição
 Grileiro mata posseiro só prá lhe roubar seu chão
 Castanheiro, seringueiro já viraram até peão
 Afora os que já morreram como ave-de-arribação
 Zé de Nana tá de prova, naquele lugar tem cova
 Gente enterrada no chão

 Pois mataram índio que matou grileiro que matou posseiro
 Disse um castanheiro para um seringueiro que um estrangeiro
 Roubou seu lugar

 Foi então que um violeiro chegando na região
 Ficou tão penalizado que escreveu essa canção
 E talvez, desesperado com tanta devastação
 Pegou a primeira estrada, sem rumo, sem direção
 Com os olhos cheios de água, sumiu levando essa mágoa
 Dentro do seu coração

 Aqui termina essa história para gente de valor
 Prá gente que tem memória, muita crença, muito amor
 Prá defender o que ainda resta, sem rodeio, sem aresta
 Era uma vez uma floresta na Linha do Equador

E novamente o grito foi entoado. Uma aclamação aconteceu: “*Uhu, Dona Edite! Uhu, Dona Edite! Uhu, Dona Edite!*”. Então ela escancarou um enorme sorriso e agradeceu com mais acenos e beijos. Ao final do Sarau queria muito aproximar-me de Dona Edite. Mas não o fiz de pronto, mesmo pensando que não poderia perder aquela oportunidade. E enquanto arrumava a bolsa, Paula levantou-se dizendo que iria falar com Dona Edite. Eu, tão preocupada e sentindo o peso de estar ali como pesquisadora que tentava abrir possibilidades de conversa, e Paula indo tão tranquilamente falar com Dona Edite. Um alívio me percorreu. Como estava sendo bom o apoio que Paula estava oferecendo-me com aquele ato, talvez sem saber. Uma experiência difícil de esquecer. Das parcerias que viveria durante toda minha caminhada.

Fiquei acompanhando a cena de Paula aproximando-se e curvando-se para falar com Dona Edite. Então levantei-me e aproximei-me delas. Sentei lado de Dona Edite e esperei uma oportunidade para lhe falar.

- Oi, Dona Edite, boa noite! Meu nome é Valéria. Estou começando um estudo buscando conhecer as histórias das pessoas que atuam na região por meio de grupos e atividades artísticas. Queria poder lhe explicar...
- Olha, que interessante!
- Por isso estou hoje aqui com alguns amigos. Paula que falou com a senhora, André, que está aqui ao meu lado e outro amigo. Gostaria muito de poder conversar com a senhora. Você aceitaria conversar um dia?
- Claro, que aceitaria! Vai lá em casa pra gente conversar. Moro aqui pertinho. Você pode? Pega meu endereço e meu telefone. Só não posso segunda à tarde porque tenho o Flor de Lis e nem quarta de manhã.
- Quando ficaria bom para senhora?
- Na próxima terça fica bom? Como você vem para cá?
- Pode ser na terça, sim. Venho de ônibus
- Então você desce na avenida, anda até o Habib's, entra na rua do lado dele e segue reto. Depois vire à direita até a minha casa. É fácil.
- Entendi. Que horas ficaria bom?
- Pode ser às duas, porque o sarau é só à noite e já vou ficar prontinha.
- Obrigada por aceitar conversar comigo, Dona Edite.
- Eu que agradeço, Valéria! Gosto muito de conversar.

Começar a escrita por Dona Edite tem um sentido, considerando a relação que construímos. É uma existência acolhedora, cuidadora, sempre aberta aos encontros. Uma alegria, uma sabedoria e uma leveza transbordam de sua existência. Na construção de nossa relação experimentei tudo isso. Uma alegre e permanente disponibilidade para com aquelas/aqueles que dela se aproximam e que dividem são convidados a dividir o viver com ela. Sim, Dona Edite habita e transversaliza de diferentes modos a existência de vários viventes que conheci. Ao longo das conversas fui percebendo que ela estava sempre por ali, de um jeito ou de outro, transversalizando, a seu modo, aquelas vidas e o encontro que eu construía. E esta Griot³⁵ também ocupou intensamente a pesquisa e, para além desta, minha existência. Encontrei com este termo e seu significado em vários momentos de minha caminhada, mas a incorporação do sentido de enxergar Dona Edite como também minha Griot aconteceu justamente em um dos saraus da Cooperifa, no dia da consciência negra, pelo chamamento de um dos poetas, Jairo Periafricana: “*vamos receber agora a nossa Griot, Dona Ediiiiiteee!*”. Naquele momento o sentido do termo em relação a ela aconteceu em mim pelo grito de outra existência, Jairo Periafricana. Um dia forte em que eu já havia assistido a uma fala de Conceição Evaristo e quando pude trocar algumas palavras com ela. Um dia em que eu e Paula enfrentamos garoa e frio para estarmos na Cooperifa, dia em que logo na chegada fui recebida com uma frase de uma integrante da Cooperifa que olhando no fundo do meu olho e segurando minha mão disse: “*Guerreira é guerreira!!!*”. Porque eu estava lá...

Com ela, abri caminho para os primeiros passos em direção um local emblemático da região: a Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim. Embora o propósito não fosse realizar um estudo dos espaços do ponto de vista institucional, nesta aproximação conheci um pouco das histórias de resistência e de

³⁵ *Griot* ou *Griô* é um termo que expressa as existências que, na África Ocidental, são os responsáveis por preservar e compartilhar os saberes, as histórias e os mitos de um povo. Uso *Griot* e não *Griote* no feminino, pois foi este o modo com o qual me encontrei com o termo.

luta nesta Casa e as invenções das existências que a habitam para que ela siga existindo como um *quilombo*, conforme demarcado por Dona Edite em nossa primeira conversa e por muitas outras existências ao longo de minha caminhada. Conhecendo várias vidas, vivi e senti um pouco sobre a vida da Casa de Cultura de M'Boi Mirim.

Conviver com Dona Edite, escutá-la, viver seus passos na Casa de Cultura, na Cooperifa, nos eventos e nas apresentações em que ela partilha suas poéticas, permitiu-me compreender o modo como ela tem construído sua existência misturada a tantas outras. E disso eu misturei a minha existência à dela. O movimento de afetar e de ser afetado experimentado alegremente.

E com os encontros também construí aproximações com sua família, especialmente com Isabel, conhecida por todos como Zazá que, segundo Dona Edite, é um dos braços nos quais: “*deposita sua confiança para que seus pezinhos possam seguir se movimentando*”. De mãos dadas, Edite e Zazá, seguem juntas no Flor de Lis e para além do grupo. Juntas seguem na vida partilhando as alegrias, os desafios, as aventuras e as invenções desta *amiga da poesia*³⁶.

Figura 3: Dos compartilhamentos entre Dona Edite e Zazá - Festival Câmbia organizado pelo Instituto Favela da Paz e seus parceiros na Escola Estadual Oscar Pereira Machado, Jardim Ângela, zona sul da cidade de São Paulo.

³⁶ Formulei este termo na escrita do artigo *Ocupações*, cujas partes denominadas *Movimento 1* que diz de nosso encontro com a Cooperifa e *Movimento 2* que trata de parte da história de Dona Edite, incluindo sua relação com a Casa de Cultura, a qual foi partilhada por meio de uma leitura que fiz para ela em sua casa. Também partilhamos o texto com a coordenadora e com a professora do grupo Flor de Lis que participaram do processo da escrita sugerindo ajustes e modificações. Vivenciamos ainda um outro momento de escrita com a professora e a coordenadora do grupo Flor de Lis por meio da elaboração do resumo intitulado “O que pode a educação física no território? Visibilizando conexões entre práticas corporais, vida e cuidado” apresentado no Congresso XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte realizado na cidade de Natal e que teve como temática: *O que pode o corpo no contexto atual?*

Foi justamente na primeira visita à sua casa que eu e André começamos a entender um pouco mais sobre os passos que Dona Edite vem trilhando, misturada a tantas vidas, e sobre a amizade com Zazá. Como combinado, na semana seguinte ao nosso primeiro encontro estávamos na sala de Dona Edite prontos para ouvi-la. Fomos recebidos afetuosamente no portão por outra irmã de Dona Edite que nos conduziu pelo pátio até o corredor que dá acesso a entrada da casa. Primeira de tantas vezes. Logo que passei pela porta de entrada, avistei Dona Edite sentada na ponta do sofá trajando uma camisa vermelha com o logotipo da Cooperifa e calça e tênis brancos. Ao entrarmos, ela levantou-se e disse sorrindo:

- Oi, Valéria!!! Oi, André!!! Tudo bem?
- Oi, Dona Edite, tudo bem? perguntei dando-lhe um forte abraço.
- Como você está? - perguntou André também abraçando-a.
- Foi difícil chegar? - indagou-nos.
- Foi tranquilo. É que entramos em outra rua por sugestão de André e demoramos um pouquinho para localizar a casa - respondi.
- Ah, foi??? Mas não é difícil chegar, né?
- Não foi bem fácil, pois lembrei da fachada da casa quando a busquei pela internet - prossegui.
- Ah, é?!?! - respondeu Dona Edite com um tom de surpresa.

Pensei rapidamente como isso havia chegado nela, se teria provocado algum incômodo. Mas não dei vazão para a questão. Então ela sentou-se novamente na extremidade do grande sofá em forma de L. Sentei-me ao seu lado e André na outra parte, ficando numa diagonal em relação a nós. Logo no início, enquanto perguntava sobre a possibilidade de gravar a conversa, Dona Edite pediu que falasse um pouco mais sobre minha pesquisa, algo que já tinha planejado. Ao explicar sobre a pesquisa, ela se mostrou bastante interessada.

- Nossa, que importante essa sua pesquisa, Valéria! Há muitos lugares e muita gente que você vai gostar de conhecer aqui na região. Muitos mesmo.
- Imagino que sim e quero muito conhecê-las.
- Deve ter mesmo muitas pessoas e lugares interessantes – disse André.

Este foi um momento muito interessante, logo no início da conversa, pois, de uma forma muito delicada, Dona Edite pediu para ouvir mais sobre minha pesquisa, como se buscasse pistas sobre o terreno em que pisaria. Além de um exercício sobre como partilhar minhas questões e implicações, de maneira que nosso encontro fizesse sentido para ela, seu pedido ajudou, de certa forma, que eu me organizasse, pois, meu corpo estava acelerado com o porvir³⁷. Após Dona Edite ouvir sobre minhas

³⁷ Na obra “O que é a Filosofia”, Deleuze nos fala sobre a noção de porvir ao abordarem o tema do futuro: “Agir contra o passado, e assim sobre o presente, em favor (eu espero) de um porvir – mas o porvir não é um futuro da história, mesmo utópico, é o infinito Agora, o Nún que Platão já distinguia de todo presente, o Intensivo ou o Intempestivo, não um instante, mas um devir. Não é ainda o que Foucault chamava de Atual? Mas como o conceito receberia agora o nome de atual, enquanto Nietzsche o chamava de inatual? É que, para Foucault, o que conta é a diferença do presente e do atual. O novo, o interessante, é o atual. O atual não é o que somos, mas antes o que nos tornamos, o que estamos nos tornando, isto é, o Outro, nosso devir-outro. O presente, ao contrário, é o que somos, e por isso mesmo, o que já deixamos de ser. Devemos distinguir não somente a parte do passado e a do presente, mas, mais profundamente, a do presente e a do atual. Não que o atual seja a prefiguração, mesmo utópica, de um porvir de nossa história, mas ele é o agora de nosso devir.” (Deleuze, 2010, 144-145).

questões e consentir a gravação, disse a ela que poderíamos conversar a tarde inteira porque agora quem gravava era o celular e que era um pouco diferente do período do gravador com fita que nos exigia parar a conversa para trocar o lado da fita ou para substituí-la. E a resposta de Dona Edite mostrou um pouco sobre seu processo com a poesia.

- Eu uso fita. Ainda estou nesse tempo. O pior é que não se acha mais para comprar. Eu preciso. Você não sabe onde tem?
- Não sei. Mas talvez no Centro tenha - respondi.
- De que tipo de música você gosta? Falta o aparelho, a fita? - indagou André
- Falta a fita. Comecei a gravar em cima das que tenho, mas algumas não posso perder, mesmo sabendo de cor. Gosto de ouvir, porque sempre descobrimos coisa dentro de textos que conhecemos.
- Quando fala de escutar fita é de música? - continuou André.
- Não, para tudo quanto é coisa eu uso. Mas ultimamente uso muito para decorar poemas. Minha sobrinha sempre grava para mim. Ela procura de livro ou na internet e grava no gravadorzinho com fita cassete.
- Como tem acesso ao que lê? - prosseguiu André.
- Gosto muito de leitura, toda vida gostei. Gosto muito de música, para mim, faz parte da minha existência. E de repente com a perda da minha visão fui perdendo esse lado. Achei que entrei num lugar que parecia escuro, não tinha luz para nenhum lugar da minha vida. Enxergava um pouco quando fiz terapia no HC. Depois da alta a psicóloga falou que não tinha mais porque frequentar a psicologia, que deveria procurar um meio de conviver sem a visão. Daí entrei em campo. Minha família, às vezes, danava comigo. Proteção demais também é ruim, né? [risos]. Enxergava pouco, mas dava para sair. Foi toda minha sorte, porque descobri a Casa de Cultura e por último o Sarau. Leio através das pessoas que leem lá na Cooperifa, respondendo sua pergunta. Não perco uma palavra dos textos, dos poemas.

Quem vê Dona Edite na Cooperifa consegue acompanhar isso: a atenção máxima a cada palavra emitida pelos que tomam o microfone. Ela acompanha cada detalhe do que é dito, inclusive recitando no mesmo compasso de quem declama. A depender do tema, por vezes solta uma risada e uma palma. Em outros momentos, repete baixinho o nome de quem é chamado como que se preparando para o encontro que terá. Ao ouvir o nome de quem vem, sorri e o saúda com palmas. Dona Edite em seu lugar cativo, com Zazá frequentemente na cadeira logo atrás, recebe cada um que chega ao microfone numa celebração própria, singular. E como *anffitriã*, não é incomum ser saudada, cumprimentada, lembrada por aqueles que chegam ao microfone. Uma delicada e difícil tessitura.

- Você disse que começou a encontrar lugares, como foi isso?
- Fui perder a minha visão por causa de diabetes, pressão muito alta. Por muitos anos tratei no HC, depois tive um deslocamento de retina e operei. Voltei a enxergar um pouco, mas apareceram outros problemas. Cientificamente, sabia que perderia a visão. Aí, parei de trabalhar e vim para casa, porque não conseguia enxergar números, letras. No início parecia que estava bom, porque sofria muito por não enxergar e ter que dar conta de serviço, um mal-estar terrível. Minha família, eles são muito bons comigo, arrumou uma pessoa para trabalhar aqui. Neste período, tentei enxergar com lupa, também comprei um aparelhinho dos Estados Unidos. Mas depois no HC, trato ainda lá, a equipe médica falou que minha visão bateria zero. Aí fiz uma terapia, como te falei,

porque dava para ir e voltar. Chegava em casa e o povo estava bravo comigo [ri e bate palma]. Quando tive alta da terapia, falei para psicóloga: *vou para casa e cai na mesma situação que estava*. Ela falou: *vai ficar só se você quiser, se não quiser...* E falei: *mas aonde vou parar?* Ela me deu o histórico da Dorina “Nobil”. Não sei se você conhece. Ela perdeu a visão com 17 anos, casou, teve cinco filhos... frequentei lá bastante tempo. Tinha muito livro falado. Pegava uns quatro, cinco. Foi aí que comprei o walkman. Li muitos livros assim.

Dois pontos ficaram ressoando em mim com o relato do período relacionado à perda da visão por Dona Edite. O primeiro, a convivência com a escuridão: *“achei que entrei num lugar que parecia escuro, não tinha luz para nenhum lugar da minha vida”*. E, o segundo, relacionado ao diálogo com a psicóloga que pontuava a necessidade de Dona Edite procurar um meio de conviver sem a visão afim de não permanecer num estado de isolamento: *“vai ficar só se você quiser, se não quiser... Mas aonde vou parar?”*. O que teria se passado nesta existência ao se encontrar com uma escuridão que seria permanente e ao perceber que não sabia para onde iria, quais caminhos poderia percorrer?

Seguimos ouvindo Dona Edite sobre a experiência no Instituto Dorina Nowill. E, assim, entendemos de seu encontro com Cora Coralina por meio de *estas mãos*³⁸. De mãos dadas com Cora, ela cruzaria outras *fronteiras* e experimentaria outras *travessias*.

- Vi uma menina declamar “essas mãos” da Cora Coralina. Achei tão lindo. Pedi para ela a letra e vim com a letreirinha na minha mão. E pensei: *mas para que quero a letra se não enxergo para ler?* Aí Zazá que se viu comigo [risada]. Toda hora pedia para ela ler e pegava uns pedacinhos. No encerramento de final de ano do grupo no parque Guarapiranga...
- Era que grupo?
- Como posso falar? Entrei no grupo de terceira idade, mas tinha muita coisa no parque. Na Dorina, a psicóloga falou para eu buscar lugares mais perto também. Falei da dificuldade de locomoção e ela disse que devia aprender a andar com as guias, mas naquele tempo era muito difícil eu aceitar, um orgulho mesmo. Não fiz nem o “braule”. Os livros foram prioritários. Li diversos, Pequeno Príncipe, do Exupéry, Anel de Noivado, muitos do Jorge Amado. Depois passei a pegar livros de poemas. Só gosto de aprender uma coisa quando gosto muito, porque antes de começar a decorar gosto de ouvir, ouvir, até que consigo me identificar e me sentir dentro daquele texto, sabe? Esse cuidado. E gosto muito de música, como te falei, sou fã da Betânia, ela fala com as mãos, com os olhos, a postura de palco. Então... era encerramento no parque e pensei: *bem que podia tentar declamar, nem que seja um pedacinho*. Pedi para Edna Maria e ela deixou. Assustei quando o pessoal bateu palma: *Nossa Senhora, meu Deus, o que será?*

Dona Edite seguia contando de suas caminhadas pela região no processo de perda da visão. De suas paradas e encruzilhadas. Dizia-nos que, em 1993, na época de sua saída do Instituto Dorina Nowill e de sua ida para um grupo no centro de convivência e cooperativa do parque Guarapiranga, conheceu, Edna, que integrava a equipe que conduzia um grupo de convivência no espaço, desfeito em decorrência

³⁸ Coralina, C. (1976). Meu livro de Cordel. São Paulo: Global Editora.

do processo de realocação pela implantação do PAS (Plano de Atendimento à Saúde) no município de São Paulo. Ouvíamos um pouco da história partilhada por Edna em nossa conversa. E logo Dona Edite nos falava sobre o Grupo Flor de Lis.

- Depois da Dorina parei por não ter condições de sair de casa.
- Foi neste período que você foi para o parque Guarapiranga?
- Sim, fiquei por perto, porque tinha um sentido de orientação, de ir e vir. Enxergava um pouco. Zazá neste período ainda trabalhava.
- E o Flor de lis já acontecia neste período?
- Era no parque com outro nome. Tinha atividade para terceira idade, bordado, passeios. Depois entrou tai-chi-chuan. Demorei muito para conseguir, hoje faço a maioria dos exercícios. Aí entrou o PAS. Tiraram todo mundo, Edna, as pessoas que tínhamos afinidade, que gostávamos. Deslocaram eles. Fiquei muito chateada e vim embora [risos]. Aí o Arakúnrin, que era o coordenador da Casa, soube e veio aqui. Falou que a Casa era pequeninha, não era grande como o parque, e perguntou se eu não iria. Ligou para a professora de tai-chi. E comecei na Casa de Cultura. Têm muitos anos que lido aí.
- Quanto tempo?
- Ah, acho que tem uns 23 anos que vivo aí na Casa.

Uma frase muito forte: *têm anos que vivo aí na Casa*. Uma frase que me pegou naquele momento, pois ela explicitava os cultivos de Dona Edite naquele local para sua existência. Um cultivo permanente e partilhado com outras vidas, como eu ainda sentiria tantas vezes ao pisar naquele quilombo. Ouvindo Dona Edite contar de seu processo de aproximação e de convivência com os habitantes da Casa, pensava sobre a produção de um corpo em um trânsito por suas latitudes e longitudes³⁹.

- Quando mudei para cá só tinha essa Casa. Ela tem uma história
- Como é essa história?
- Várias pessoas começaram capinando e construindo um barraquinho. Eles tinham um projeto imenso, criar um banco, espaços de cultura e educativo. Mas não deu, porque mexe com poderes públicos. Mas a Casa tem uma história de resistência. Alguns já faleceram, outros mudaram. O Jonas, que é o Arakúnrin, e a Edna Maria são os mais antigos, são pilares aí também. Não estava acostumada, sabe Valéria, a lidar com esse lado para abrir caminho para outras pessoas, para dizer *não* se querem nos engolir. Uma vez o Arakúnrin me chamou porque a Casa ia fechar e passou nos grupos falando que se resistíssemos, poderia ser que não fechasse, na época do Maluf como prefeito, porque a Casa é relacionada à prefeitura, nós votamos para escolher o diretor, mas o coordenador é indicado politicamente. Fomos todos para o Centro com outras pessoas da região e a Casa não fechou. Aí é que vemos que se não somos solidários nos engolem mesmo. Tudo o que querem é fechar a Casa, porque

³⁹ Deleuze em “Espinosa e nós” nos fala: “se somos espinosistas, não definiremos algo nem por sua forma, nem por seus órgãos e suas funções, nem como substância ou como sujeito. Tomando emprestados termos da Idade Média, ou então da geografia, nós o definiremos por longitude e latitude. Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um *corpus* linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. Entendemos por longitude de um corpo qualquer conjunto das relações de velocidade e de lentidão, de repouso e de movimento entre partículas que o compõem desse ponto de vista, isto é entre elementos *não formados* [o que Espinosa chama de os ‘corpos mais simples que não tem número, forma e figura, sendo infinitamente pequenos]. Entendemos por latitude o conjunto dos afetos que preenchem um corpo a cada momento, isto é, os estados intensivos de uma *força anônima* (força de existir, poder de ser afetado). Estabelecemos assim a cartografia de um corpo. O conjunto das longitudes e das latitudes constitui a Natureza, o plano de imanência ou de consistência, sempre variável, e que não cessa de ser remanejado, composto, recomposto, pelos indivíduos e pelas coletividades (2002, p. 128).

quando frequentamos esses lugares, acabamos crescendo um pouco como cidadã.

A porta que dava acesso ao corredor abria-se. Zazá aproximava-se delicadamente. Cumprimentava-nos com um olhar afetuoso e um discreto sorriso. Ali ficaria por alguns minutos. Como era bom ter a Zazá conosco. Dona Edite seguia contando sobre o Flor de Lis

- No Flor de Lis, gosto muito do lado da dança. Você vai falar que não enxergo e gosto de dançar...
- Imagina! – respondi surpresa com o comentário sobre o que poderia pensar
- Descobri que mesmo sem enxergar dá para fazer uma série de movimentos

Diante dela pensava nas movências e na corporalidade que foi se constituindo em sua existência em meio a uma outra temporalidade e a um outro campo de relações. Velocidades, lentidões, repousos, movimentos e um conjunto de afetos que preencheram sua existência e como eu ainda sentiria em tantos momentos.

Figura 4: Das Travessias de Dona Edite – Festival Câmbia organizado pelo Instituto Favela da Paz e seus parceiros na Escola Estadual Oscar Pereira Machado, Jardim Ângela, zona sul da cidade de São Paulo.

- Dá para fazer, gente. Depende muito de quem dirige, sabe? A Aline, professora de danças brasileiras, ela é quem me pega e me traz aqui, é muito especial, tem uma capacidade de lidar, é bem serena, bem segura.
- Isso é muito importante... – comentei
- Ah, para mim é. O que mais incomoda, só que não posso dizer, se não sei uma coisa a pessoa vir do lugar dela... pode deixar, eu erro, mas vou conseguir. No grupo foi difícil conseguir me relacionar depois que perdi a visão. Faço as coisas porque gosto... ah, sinto como estivesse me podendo.

- Tem um jeito da pessoa lhe apoiar no aprendizado - diz André.
- Isso mesmo! [concorda batendo uma palma]
- Como pega, às vezes, grosseiramente, me sinto mal. Fico muito furiosa [ri e bate palma]. Tem uma coisa que faz um barulhinho, é do lado da África, a Aline usa às vezes e consigo me movimentar o salão todo. Comemoro muito quando consigo fazer as coisas, quando declamo meus poemas, mesmo os que tenho costume. Outra coisa é quando alguém vem me cumprimentar. É o melhor presente que recebo, gente.

Figura 5: Dona Edite em suas Travessias no Grupo Flor de Lis.

Por que é tão difícil dar passagem para a diferença e produzir convivência com ela? Como compor com a produção singular de um modo de viver? Como lidar com os estranhamentos produzidos em uma existência que desconhece um modo de viver diferente do seu? Como lidar com os afetos que se voltam às tentativas de enquadramento de uma existência, do que pode decorrer afetos que despotencializam sua delicada tessitura por um outro modo de viver? Por que é tão difícil pôr em análise a produção de tais afetos? Como desinstalar do corpo o ímpeto de governar o outro? Pensamentos que me invadiam.

- Como te falei, estou na Casa há muitos anos. Um dia Edna falou: *sei de um lugar que o pessoal declama, você vai gostar*. Na mesma semana me trouxe na Cooperifa. Quando comecei lá, em 2006, foi um período difícil.
- Por que?
- Ah, porque sou muito observadora e depois o meu forte é a comunicação. Eu ficar... sem ter contato, sem me relacionar era muito péssimo. Péssimo mesmo. Todos saíam para trabalhar e eu ficava. Foi um período muito triste. Nossa, me sentia dentro de um quarto... como se não tivesse luz e nem jeito de caminhar para nenhum lugar. Foram muitos anos assim. Até que fui parar na Casa de Cultura, depois entrei no tai-chi-chuan, cheguei na Cooperifa e aos

pouquinhos fui outra vez começando a me relacionar. Nunca pensei... digo, lutei tanto quando cheguei em São Paulo, porque não tinha casa, emprego, eu e minha família. Pensava: *meu Deus lutei tanto para conseguir*. Era tão difícil, às vezes, andava mais de uma hora, meu dinheiro acabava sempre antes do fim do mês. E vim parar nessa situação. O que mais me incomodava era não me relacionar, porque é um lado meu que toda vida gostei. Foi um período muito difícil. Quando cheguei na Cooperifa... eles declamam muito bem. Nossa, às vezes chorava, choro ainda conforme o poema. E fui aprendendo... Ah, acho que aprendi mesmo com os poetas da Cooperifa.

Naquele ambiente de serenidade ela seguia falando sobre sua chegada à Cooperifa e entrevistávamos um pouco dos sentidos que ela atribui a este lugar e aos encontros vividos de forma tão intensiva e sobre o enriquecimento de sua rede de conexões de afetos e de experimentações

- Não enxergo, mas sou mais feliz que quando enxergava pouco, porque tinha expectativa de melhora. Aprendi muito. Não ser tão possessiva, a oferecer aos outros. E o espírito de luta das pessoas, sabe? Você termina mudando também. Sou mais feliz agora, porque é como se tivesse acontecido uma coisa que não esperava, que não pedi. Não lutei para fazer esse espaço, achei pronto... tudo que faço gosto muito de falar de todos, Lu, Rose, Sérgio Vaz, Márcio Batista, Cocão, Jairo, Kênia, Marcia. Desde que cheguei, gosto de todos, mas a Lu Souza parece que me dá segurança, tranquilidade [ri suavemente]. Desde que cheguei... me leva no microfone e traz, me leva no carro, sempre. Acostumei a me apoiar nela [risos].

Eu já nem sabia mais há quanto tempo estávamos ali. Eu e André seguíamos tomados pelos gestos, gargalhadas, palavras de Dona Edite. Um encontro forte. Experimentávamos a presença de Dona Edite em ato. Então fiz uma pergunta que se agitava em mim: *“Quando você escolhe um poema pensa em quê, como é o processo de escolha?”*

- Quando você escolhe um poema pensa em quê? Como é esse processo?
- O processo de escolha... a viagem que navego de poesia é difícil [risos]
- Ééé??? – perguntei tomada por suas palavras
- Nessa viagem você encontra com pessoas que nunca viu - prossegue.
- Você falando é poesia. Tem coisas que não aguento. Falei! dizia André
- Hein? – perguntou Dona Edite
- Ele disse que a senhora falando é poesia – disse a ela.
- Oh, meu Deus! [risos]. É tão interessante, gente. Música, poesia, arte. Arte não pode faltar na vida de ninguém. Falam de prisão, por exemplo, para quem comete algum erro e esquecem que... a única coisa que faz renovar a relação humana é a cultura! Quem mexe com cultura, ninguém é bobo de dizer “amém” para tudo. Aprendemos a ter um espírito crítico, a receber, a ser humilde. Esse lado me faltava [bate palma e ri], achar que podemos fazer tudo e numa situação dessa, vemos que o ser humano é solidário.
- E as poesias? - retomei.
- Ah, meus poemas! Cada hora dá vontade de aprender um, começo, paro. Tenho um monte quase prontinhos para declamar. Alguns eu uso mais, por terem a ver com meus protestos, afinidade, pela minha vontade de mudança em mim mesmo. Parece que acabo passando isso para as outras pessoas.

Que experiência ouvir e ver Dona Edite lançando seu o corpo para trás, com mãos unidas, ao falar de seus poemas. Perguntei: *“e como é essa vontade de mudança?”*

- Ah, porque penso que a vida é sempre um redemoinho. Você tem que rodar, não pode parar. Às vezes a coisa parece tão grande e você faz coisas tão pequenininhas e tão profundas. Algumas poesias marcaram muito minha vida. “Essas mãos”, a primeira que aprendi. O “autor da vida”, porque quando chegou na minha mão dada por minha sobrinha eu passava um momento muito difícil. Ela tem um imã. Às vezes me sentia muito mal. De repente meu irmão tinha que sair do serviço para me levar no pronto socorro. Isso se arrastou por muito tempo. Não que as doenças saíram de mim, mas saiu um monte de coisa que eram obstáculo para mim. Ser feliz, não depende de tanta besteira. Têm coisas tão profundas do outro para gente. Recebo muito, sabe Valéria? De dez anos para cá recebo muito mesmo das pessoas. Sinto que elas me valorizam, que não se aproximam por dó, mas porque me reconhecem como alguém que marca.

“*Você tem que rodar*”. E Dona Edite nos fez rodar, eu e André muitas vezes, girou nossos sentidos, desterritorializou nossas percepções. E assim fomos vivendo um pouco do que ela nos contava sobre os encontros com as pessoas como no dia em que dividiu o palco com outras duas mulheres negras⁴⁰. “*Eu vou ficar de pé para falar, eu prefiro*” dizia ela nesta ocasião. Na plateia junto com Zazá e com uma integrante da Cooperifa ouvimos a partilha sobre suas caminhadas, vibramos com ela dançando e vivenciamos um momento forte ao final: o encontro com uma moça que a aguardava ao lado do palco, como outras pessoas, e que agradecia pelo encontro com “autor da vida” do que decorreu o pedido de Dona Edite para que Zazá pegasse um cd ⁴¹ seu na bolsa que seria ofertado a ela. “*Esse é meu cd para você*”. *Mais lágrimas invadiram aquele encontro*”.

Figura 6: Das andanças e partilhas de Dona Edite com *seus poemas*.

⁴⁰ Encontro “papos de versos” realizado no Sesc Belenzinho na cidade de São Paulo, mediado pelo poeta Rafa Carvalho, que também contou com a participação de Dona Sinhá Rosária e Dona Rita da Barquinha.

⁴¹ Falei sobre o CD gravado por Dona Edite nesta narrativa.

A vida é uma tela com pequenos rabiscos onde criamos o céu
 Ou o inferno de acordo com as tintas que usamos
 Vai, deixa de tristeza e deixa o sonho te leva,
 acredite que é possível ainda hoje uma virada,
 acredite que tudo foi apenas um engano,
 mantenha a rota do seu barco da vida,
 não desista novamente,
 as pedras são apenas restos que a chuva trouxe...

Amar, viver, sonhar, acreditar, lutar e até o chorar,
 são fases que compõem o grande quadro chamado vida,
 onde a tela é a sua história,
 as tintas são as pessoas que passam por ela,
 mas, o pintor, o responsável pela obra é sempre você.

Haja o que houver, aconteça o que acontecer,
 o pincel que mistura as cores,
 que dá forma ao que vai surgir na tela,
 que cria e apaga situações e imagens,
 ainda está na sua mão.
 É você quem pode criar agora, uma estrada florida,
 ou o caminho escuro das incertezas e dúvidas.

Já que você é o autor, o pintor dessa tela chamada vida,
 comece pintando um sorriso,
 que é o sinal que representa a esperança, a renovação,
 símbolo dos que não desistem nunca de ser feliz,
 e ser feliz exige criatividade, esforço e dedicação.
 Se tudo deu errado até aqui, passe tinta branca em toda a tela e recomece,
 hoje é o dia perfeito para uma nova pintura...

(Paulo Roberto Gaefke⁴²)

“E a senhora já foi para outros lugares também?”, eu perguntava. *“Conta pra gente...”*, dizia Andre da outra ponta do sofá.

- A que mais me marcou eu só tinha oito meses de Cooperifa. Uma conhecida que dirigia palestras da Unicef perguntou se queria participar e disse que queria, só não sabia se conseguiria pela dificuldade de locomoção, porque os ensaios seriam no Teatro Vento Forte, na zona oeste. Foi a primeira vez que recebi cachê [risos]. Erámos nove e entrávamos nos intervalos das palestras. Entrei sempre com poemas. Já fui em muitos lugares. O professor Márcio Batista me convidou várias vezes para estar na escola e já me levou para o dia da consciência negra com a professora Jayane. O professor Fábio me levou algumas vezes para o CEU Canto do Amanhecer. Muitas pessoas vão na Cooperifa e me levam para os lugares. Fui convidada para uma entrevista na CBN, o Sesc de Campinas, para encontros realizados pelo Marcelino Freire. Aprendo muito com as pessoas.

⁴² Poema Autor da Vida, escrito por Paulo Roberto Gaefke. Disponível em: www.meuanjo.com.br

Figura 7: Dos encontros que produzem outros encontros

Seguíamos ouvindo-a quando a irmã, que havia nos recebido na chegada, entrou na sala dizendo que o taxista estava lá, querendo confirmar se ela iria à Cooperifa. Quando sua irmã comentou que éramos três e que ele estava com o “carro preto”, senti um desconforto ao ter que explicar que, infelizmente, não iríamos à Cooperifa

- Queria dizer que não vamos poder ir hoje para a Cooperifa
- Ah, danada – respondeu Dona Edite
- Vamos ter que ir para faculdade, infelizmente. Mas voltaremos logo!
- Estou a menos tempo no grupo e precisamos voltar - explicou André
- Tá, sim, André - respondeu Dona Edite.

Já havia anoitecido. Porém, ainda houve tempo para que ela nos contasse de sua percepção sobre as diferenças dos movimentos produzidos na região considerando o período de sua chegada no bairro

- Fico cheia de esperança na vida quando vejo, por exemplo, os grupos agora se somando, porque quando mudei para cá não era assim. Não tinha tantos centros de cultura e o jovem ficava muito longe. Todo lugar que vou de uns anos para cá há mais grupos, o trabalho dos jovens poetas é de uma energia. Eu te falo, o jovem dá vida ao ambiente. Tem muitas pessoas fazendo coisas em vários lugares como os professores que fazem trabalhos lindos nas escolas com os jovens aqui da periferia. É de arrepiar.

E, ao falar sobre as questões relacionadas à cultura na região, compartilhou o que se passou com ela no encontro com um poeta vivo. Tema que ainda apareceria em outras conversas, com ela e com outros. Convivência com poetas vivos e com os quais é possível “*trocar ideia e tomar uma cerveja*”, como ouviria de Jefferson Santana ao partilhar sobre seus encontros com a literatura periférica

- Outra coisa que fiquei encantada, eu lia, gostava de poesia, de ler, mas nunca tinha conhecido um poeta vivo na minha frente [gargalhada]
- Que bom, né, Dona Edite? - comentou André rindo
- Falei, gente, não acredito. Ficava pensando: como é que ele consegue escrever. Aí passou um tempo que estava na Cooperifa e o Sérgio Vaz lançou um livro, “coleccionador de pedras”. Você já leu?
- Sei, sim, qual é. Conheço – respondi ainda sobre o efeito de sua fala.

- É muito lindo esse livro. Do Sérgio sei duas poesias de cor, do Márcio Batista também. Do Sérgio a que gosto muito é “literatura das ruas”⁴³
- Como é? - perguntei
- Será que você ainda não ouviu essa daí?
- Não sei, são tantas né? - respondi

E ela disparou:

A literatura é uma dama triste que atravessa a rua sem olhar para os pedintes. Famintos por conhecimento que se amontoam nas calçadas fria das senzalas modernas chamada Periferia. Frequenta os casarões, bibliotecas, inacessível ao olho nu e prateleiras de livrarias onde crianças não alcançam com os pés descalços. Dentro do livro sobre o cárcere do privilégio ela se deita com Victor Hugo, mas não com os miseráveis. Beija a boca de Dante, mas não desce até o inferno. Faz sexo com Cervantes e ri na dá cara de Dom Quixote. É triste, mas a Rosa do Povo não floresce no Jardim plantado por Drumão. Quanto a nós, Capitães da Areia, amado por Jorge não restou outra alternativa a não ser criar o nosso próprio espaço para morada da poesia. Assim nasceu o sarau da Cooperifa. Nasceu da mesma emergência de Mário Quintana. Antes que todos fossem embora para *Passegada*⁴⁴ transformamos o boteco do Zé Batidão no grande centro cultural. Agora todas as terças-feiras guerreiras e guerreiros de todos os lados e de todas as quebradas vem comungar o pão da sabedoria que é repartido em partes iguais entre velhos e novos poetas sobre a benção da comunidade. Professores, metalúrgicos, dona de casa, taxista, vigilante, bancário, desempregado, aposentados, mecânicos, estudantes, jornalistas, advogados, entre outros, exercem sua cidadania através da poesia. Muita gente que nunca tinha lido um livro, nunca tinha feito um poema começou a partir desse instante a se interessar por arte e cultura. O sarau da Cooperifa é nosso quilombo cultural, a bússola que guia nossa nau pela selva escura da mediocridade. Somos o grito de um povo que se recusa a andar de cabeça baixa e se prostrar de joelho. Somos o poema sujo de Ferreira Goulart. Somos o rastilho da pólvora. Somos este punhado de ossos de Ivan Junqueira tecendo a manhã de João Cabral de Melo Neto. Nesse instante, nesse país cheio de Machado se achando serra Elétrica, nós somos a poesia. Esta árvore de raiz profunda regada com água que o povo lava o rosto depois do trabalho.

Ela nos tomou de assalto. Seu irmão, que estava chegando, ao nos ver ficou parado na entrada da sala. Aos poucos ele foi encostando-se na porta de braços cruzados e acompanhou cada palavra pronunciada por Dona Edite. À medida que ela declamava, ele foi esboçando um sorriso que transparecia alegria e admiração. Parecia enternecido diante dela. Ainda não o conhecíamos, fomos apresentados a ele neste dia. A outra irmã de Dona Edite, que havia estado na sala há poucos minutos para falar sobre o taxista, também se aproximou, ficou em pé próximo ao corredor que dá acesso à cozinha. Ao ouvir Dona Edite, seu rosto também foi invadido por sorrisos serenos, tal como o de seu irmão. Que imagem! Todos nós vivendo aquele acontecimento. A voz firme de Dona Edite era acompanhada por gestos fortes, que expressavam o que transbordava de seu corpo. A voz projetada continha uma textura que tomava

⁴³ Poema Literatura das ruas do livro Literatura Pão e Poesia: histórias de um povo lindo e inteligente. (2011, p.35)

⁴⁴ Na Mostra da Cooperifa em que Dona Edite participou do bate-papo “Protagonismo afro e periférico: literatura como resistência e superação” um poeta também da Cooperifa, que é graduado em letras, contou-me sobre o quanto gosta de ver Dona Edite modificando as palavras e citou o termo “Passegada” que, no poema Literatura das Ruas faz referência à *Vou-me embora pra Pasárgada* de Manuel Bandeira. Na ocasião disse ainda que entendia aquilo como uma insurgência de Dona Edite e pontuou: *o que menos importa é o cânone. O que ela faz é lindo!*”.

todo o ambiente, sem necessidade de qualquer aparato para amplificá-la. Sua gestualidade ocupava como uma onda cada centímetro da sala. Havia uma vivacidade, um vigor, uma força que fazia pulsar aquele corpo. E meu corpo ali ao seu lado também pulsava no ritmo de uma alegria sem medida. Dona Edite e seu arrastão poético havia nos arrebatado. Ao final, bati palmas e antes mesmo que eu dissesse qualquer palavra André falou: *“quero dar um abraço na senhora!”*. Outra imagem belíssima. Ao abraça-lo, Dona Edite agradeceu com uma gargalhada incontida. Então brinquei: “ele roubou o que ia falar. Também quero um abraço!”. E prossegui: “Muito emocionante ouvi-la. A senhora é um aprendizado”. *“Obrigada, Valéria, adoro quando as pessoas me valorizam e me entrevistam. É um momento tão nobre para mim, gente”*.

O poeta Jefferson Santana tem razão:

Toda vez que vejo Dona Edite declamando, acredito que há seres mais poesias que gente. Dona Edite quando se levanta ao microfone atrai todas as atenções e os nossos corações vibram na potência entoada em cada palavra em que sentimos a beleza e o mais profundo de sua alma. Quem vê Dona Edite uma única vez jamais a tira de sua memória.

Jefferson Santana⁴⁵

E nosso encontro não havia acabado. Seguimos todos para a cozinha. Lá ficamos ainda por mais de uma hora com Dona Edite e com suas irmãs, em meio a coxinhas e quibes, trazidos por uma amiga que trabalha com salgados momentos antes. E mais histórias entraram na cena. Dona Edite foi lembrando de várias passagens, pontuando que havia vivido muitas coisas nos últimos anos. Um dos assuntos foi a gravação de seu CD, Recitar. Contou-nos que foi entrevistada pela Folha da Tarde, quando uma estudante de jornalismo tinha a tarefa de entrevistar dez mulheres negras e que ao comentar com seu pai sobre tal trabalho, um professor que havia conhecido recentemente a Cooperifa, ouviu que ela que teria que buscar apenas nove, pois uma ela já tinha: *“E dessa vinda dela aqui saiu o CD, nem acreditava que ia sair. Foi lindo o lançamento, ganhei flores tão lindas. Depois teve um almoço aqui em casa. Almoçamos todos juntos, chorei tanto neste dia. Vendi todos os meus CDs, vendi e dei vários também”*. Ela ainda nos mostraria um quadro com imagens do dia em que foi homenageada pelos organizadores do “samba da vela”. Um momento, em suas palavras também muito especial. E seguiu dizendo: *“Não dá para falar tudo que aconteceu comigo. É muita coisa. Em matéria de cultura é difícil um lugar que não tenha ido e Zazá também”*. E esta sorria para mim concordando com a cabeça.

Naquela ocasião, Dona Edite ainda providenciaria, sem que eu tivesse pedido, meu encontro com Edna, quando falei sobre a possibilidade de combinarmos uma ida à Casa de Cultura. Ela pediu que Zazá fizesse a ligação dali mesmo. E após falar brevemente com Edna, ela disse rindo: *“fala aqui com a Valéria. E melhor ela falar direto que eu dar recado!”*. Gargalhada geral. Assim cheguei em Edna. E

⁴⁵ Escrita do poeta Jefferson Santana para o cd “Não mexe comigo que eu não ando só” e sobre o qual falarei na narrativa de mesmo nome.

na semana seguinte iniciaria minha caminhada rumo ao encontro com esta existência e outras existências da Casa de Cultura de M'Boi Mirim.

O clima era de leveza, bom humor, afetividade, familiaridade, acolhimento... muitos afetos alegres em mistura. Todos nós ao redor da mesa da cozinha numa conversa que parecia não ter hora para acabar. E que não acabou. Minhas andanças neste rizoma estavam apenas começando...

Chegando em Casa...

13h:21min. Tarde ensolarada de março na região de M'Boi Mirim. Desci do ônibus e apertei o passo. Não estava atrasada. Mas não queria perder a hora do encontro com Edna. Desci na avenida M'Boi Mirim e segui o caminho que vi previamente no *googlemaps*. Atravessei a avenida em frente a uma grande loja de departamentos, segui reto por poucos metros, virei à direita e continuei em direção ao largo de Piraporinha, buscando avistar a Casa de Cultura. E logo a enxerguei na esquina, por entre as árvores próximas ao muro com telas de arame.

Figura 8: Primeiras visões da Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim.

Segui com passos firmes. Edna havia marcado às 13h:30min, um pouco antes do horário do Flor de Lis, que começaria às 14h00. E neste breve percurso vi um pouco do que se passava no entorno.

Figura 9: Vista da continuação do Largo de Piraporinha em frente à Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim.

Entrevi os comércios com vendedores e vendedores na porta, pessoas transitando rumo a seus destinos, carros e caminhões estacionados, duas moças paradas em frente à Casa com um carrinho carregado de panfletos religiosos, uma árvore com flores pendentes, o repouso de um cachorro, que ainda encontraria muitas outras vezes, próximo ao portão de entrada da Casa... o bairro em seus movimentos.

Cruzei o portão. Estava na Casa. Logo avistei três adolescentes ensaiando passos de dança, sem música, no palco. Vi ainda uma moça sentada no banco de concreto com uma criança no colo bem perto de quem cruza o portão de entrada. Banco este em que ainda teria várias conversas em minha caminhada. Avistei também uma moça com uniforme de segurança parada em frente a uma das três portas que compõem a fachada da Casa, cada uma com seu respectivo toldo azul. *“Espero aqui, entro, peço informações sobre Edna?”* Decidi olhar por uma das duas janelas que também compõem a fachada, buscando avistá-la, tentando reconhecê-la a partir de sua foto no celular.

Olhei e nada. Edna não estava na sala. Então decidi perguntar na outra sala, que supus ser a recepção, se ela já havia chegado. Entrei e olhei pelo vidro que separava uma pequena antessala de outro espaço maior que parecia ser a administração. O local estava vazio. Perguntei, então, para a segurança se Edna havia chegado e ela respondeu que não sabia, pois era recém-chegada à Casa. Sentei, esperando que Edna passasse por ali. Enquanto esperava, peguei um folder com as atividades da casa e bisbilhotei o mural que estampava os horários das atividades.

Os minutos estavam passando e não queria que parecesse que havia me atrasado. Decidi voltar para a outra sala. Ao chegar na porta quase deu-se um “encontro”

- Edna??, perguntei de supetão
- Sim?!
- Tudo bem? Sou a Valéria - já eram 13h:40min.
- Oi, Valéria! Tudo bem? Bem-vinda!

E logo antecipei-me em explicar o desencontro. Enquanto estávamos na porta da sala, algumas senhoras passaram por nós para o encontro do Flor de Lis.

- Podemos conversar ainda antes do grupo começar – disse Edna
- Sim, se for possível, ainda gostaria de marcar um outro momento com você.
- Vamos sentar aqui. Sim, podemos combinar...

Sentamos mais para o fundo da sala em carteiras escolares que estavam arrumadas como que conformando uma pequena plateia. De onde estava via os movimentos das senhoras que iam, pouco a pouco, entrando na sala, cumprimentando-se, acomodando-se nas duas fileiras de cadeiras brancas de plástico que ocupavam as laterais do espaço. E pouco a pouco também vestiam suas saias floridas por

cima da roupa e arrumavam seus pertences nas cadeiras e em uma mesa na outra extremidade da sala, onde eu via alguns instrumentos musicais. Dos meus primeiros encontros.

Após retomar porque estava ali, como havia falado em nossa rápida conversa pelo telefone, Edna começou a contar sobre sua ida para a Casa, em 1996, ao ser realocada do Centro de Convivência do Parque Guarapiranga, no contexto de uma reorganização dos serviços de saúde, denominado de PAS, na gestão de Paulo Maluf como prefeito. Neste momento começava a música e a professora, que eu ainda não conhecia, chamava as senhoras para formarem uma roda. Elas começavam a dançar, mas não conseguia prestar atenção no que faziam. Edna prosseguia contando sobre o processo de composição do grupo, que havia acontecido pela necessidade de as senhoras da Casa terem um espaço para conversar, um espaço de convivência. Ela falava também de vários momentos do grupo como as apresentações para além do espaço da Casa e do Desfile que acontece em setembro. E contando sobre o processo do grupo, situava a chegada de Aline, a professora de danças brasileiras. *“Gostaria muito de poder conversar com Aline”*; *“Sim, fale com ela depois do grupo... Ela já está com a gente desde 2009”*. Logo Edna dizia que precisava dar um apoio para o grupo. Neste momento disse que gostaria de poder ouvi-la um pouco mais. Combinamos uma conversa para próxima sexta-feira, dia em que ocorreria o baile sobre o qual ela havia falado que aconteceu pela primeira vez já há 22 anos. *“Fique à vontade, Valéria”*. Era o que dizia Edna ao caminhar em direção ao grupo. Acolhimento.

Pus-me a ver o grupo. As senhoras cantavam e dançavam uma coreografia própria com suas saias floridas. Muitos sorrisos se faziam entre elas e entre elas e Aline. Via também Dona Edite no compasso da coreografia. O grupo era acompanhado por três músicos, pela professora que tocava o tambor caixa do divino, e por três senhoras que cantavam ao microfone.

Oi Balança pra lá e pra cá⁴⁶
 Oi Balança pra lá e pra cá
 Se quiser dançar ciranda é só na roda entrar
 Pegue na barra da saia e comece a balançar

 Oi Balança pra lá e pra cá
 Oi Balança pra lá e pra cá
 Venha cá cirandeira, venha cá cirandar
 Essa é a nossa ciranda, venha cá, vem dançar
 Oi Balança pra lá e pra cá
 Oi Balança pra lá e pra cá

Vivenciando o bailado e as cantorias daquelas cirandeiras, encontrei-me com o que as paredes da Casa expressavam. Encontrei-me com o que se inscrevia para além daquelas paredes. Pelos traços dos grafites, encontrei-me com muitas vozes que ali ecoavam...

⁴⁶Canção “Venha cá cirandeira” composta por Helena uma integrante do grupo Flor de Lis em conjunto com Edna cuja melodia foi desenvolvida pela professora do grupo, Aline.

Figura 10: Grafites do espaço onde ocorrem os encontros do Grupo Flor de lis e outras atividades da Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim.

Ali segui sentada, vivenciando o encontro. Ao final do grupo, uma grande uma roda de despedida. Neste momento, uma oração por algumas pessoas que estavam adoecidas e uma cantiga. Todas as Flores de Lis seguiam no mesmo tom.

Adeus, adeus,
 Eu vou embora, eu vou embora
 Adeus, adeus
 Eu vou embora, eu vou embora
 Mas quem não me conhece chora
 Quem dirá quem me quer bem
 Vou embora, vou embora
 Volto semana que vem

E, “regidas” por Aline, encerram a canção em sussurros, no mesmo tempo e compasso. Vozes sumiam. Sorrisos se abriram. Delicadeza. Logo as integrantes do grupo começaram a retirar suas saias,

a buscar seus pertences e a se despedir. Fui ao encontro de Dona Edite, pois ainda não tinha falado com ela.

- Oi Dona Edite, é a Valéria, tudo bem?
- Oooi, Valéria! Que bom que você veio! Você conseguiu conversar com a Edna Maria?
- Consegui, Dona Edite. Conversamos um pouco antes do grupo e ainda vamos marcar uma outra conversa.
- Ai, que bom!!!
- Boa taaarde a todos!
- Oi, Arakunrin!!! - respondeu Dona Edite animada.

Difícil esquecer a expressão de alegria e as palmas de Dona Edite naquele momento. A esta altura, estávamos sentadas bem no centro da sala, eu, Dona Edite e uma integrante do grupo que eu tinha acabado de conhecer. Quando ouvi Dona Edite dizer “*Oi, Arakunrin!!!*”, pensei: “*que sorte, talvez consiga conhecer Arakunrin nesta minha primeira vinda à Casa!*”. Enquanto via os cumprimentos afetuosos, disse a ele:

- Oi, Arakunrin, tudo bem? Meu nome é Valéria. Você teria dois minutinhos para mim?
- Só dois minutinhos! – respondeu ele rindo.
- Sim, só dois - respondi entrando na brincadeira. Li um pouco sobre você e seu trabalho na Casa e queria muito conversar com você para o estudo que estou começando na região...
- Olha, Arakunrin, está famoso! - disse Dona Edite batendo palma e sorrindo.
- Leu, onde? - perguntou Arakunrin
- Em uma Revista da Cooperifa⁴⁷.
- Ah, eu sei...
- Poderíamos conversar dois minutinhos?
- Claro que sim!

E após explicar brevemente sobre a pesquisa, marcamos uma conversa para a semana seguinte. Logo neste primeiro encontro Arakunrin pontuou que seria muito importante eu conhecer o Instituto Favela da Paz.

- Seria muito importante você conhecer o Instituto Favela da Paz. O Claudinho faz um trabalho muito diferente com a comunidade.
- Onde fica? – perguntei.
- No Jardim Nakamura, passando o terminal Jardim Ângela. Eles fazem um trabalho com música, tem o estúdio, aulas de percussão para crianças e de fotografia. Tem o projeto Vegearte, as ações com permacultura e energias renováveis feitas pelo Fabio, irmão do Claudio. Você precisa conhecer.

Esta foi a primeira vez que ouvi falar de Claudinho Miranda, que conheci pelas mãos de Edna em um Panelafro: “*Valéria, o Claudinho está aí. Você quer conhecer ele?*”. Após me apresentar, Edna

⁴⁷Primeiro número da Revista da Cooperifa (VAZ e DANTAS, 2010) pode ser acessado em https://issuu.com/alexandre.de.maio/docs/revista_cooperifa_um

reafirmava diante de Claudio a importância do constante apoio do Instituto Favela da Paz com os equipamentos de som, ao que ele respondia sorrindo: “*tamo junto, Edna!*”. Ali fui percebendo um pouco das partilhas e interações entre os grupos e espaços que habitam e defendem de muitos modos aquele *quilombo cultural*, como também se referem ao espaço.

Naquele meu primeiro dia na Casa de Cultura também conheci Aline. Aproximei-me dela também ao final do encontro. Falei um pouco sobre minha pesquisa e ela foi muito acolhedora para meu pedido de uma conversa

- Claro, podemos conversar, sim. Não sei se ficaria bom para você, mas na semana que vem vou ter uma aula na escola de educação física, na cidade universitária⁴⁸?
- Na EEFE? - perguntei
- Sim, faço Educação Física na EACH⁴⁹. E nesta semana vamos ter uma aula na cidade universitária às 16h:30. Se ficar bom para você, podemos marcar lá às 14h.

Minha caminhada estava começando de “vento em popa”, pois logo que pisei na Casa de Cultura foi possível construir três encontros. Assim, na semana seguinte encontrei com Aline na quinta-feira e com Edna e Arakunrin na sexta-feira.

Segui com o corpo alegre pelos primeiros passos em direção à Casa e alguns de seus “habitantes”. Segui com as ressonâncias do que vi e senti naquela tarde com Edna, Arakunrin, Aline, Dona Edite e o grupo Flor de Lis na presença de seus “*tocadores*”. Cantos, gestos, cores, tambores, Flores. Assim fui *Chegando em Casa...*

Não fale das ruas se não anda por elas: o encontro com uma jovem amiga da cultura popular

No dia do encontro com Aline estava muito animada. Cheguei à EEFE às 13:45 e fui imediatamente ao local em que havia planejado realizar nossa conversa, para verificar se haveria algum empecilho de última hora. Enquanto caminhava pelos corredores vazios da Escola, lembrei do período do mestrado. Ao passar pelos murais que estampavam predominantemente vagas de estágios e cursos relacionadas ao “biológico”, pensei que pouco havia mudado naquele lugar... Eu seguia na alegria pela conversa por vir. Quando cheguei ao tão conhecido laboratório de pedagogia do movimento, tudo tranquilo como supus. Voltei para o local combinado e fiquei esperando por Aline. E logo recebi uma mensagem pelo celular explicando que ela se atrasaria. Ao chegar, desculpas e explicações - o atraso

⁴⁸Também conhecida por EEFE, a Escola de Educação Física e Esporte é uma das unidades do *campus* da capital da Universidade de São Paulo, no bairro do Butantã, zona oeste da cidade.

⁴⁹É o campus da Escola de Artes Ciências e Humanidades inaugurado em 2005 e que oferece os seguintes cursos de graduação: Biotecnologia, Ciências da Natureza, Educação Física e Saúde, Gerontologia, Gestão Ambiental, Gestão de Políticas Públicas, Lazer e Turismo, Marketing, Obstetrícia, Sistemas de Informação, Têxtil e Moda.

ocorrera em função de um problema na estação do Brás da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos). Enquanto caminhávamos pelos corredores vazios da EEFÉ, ela contava sobre seu percurso diário da zona sul até o campus da USP na zona leste. Uma longa viagem, com várias conexões entre metrô e ônibus que há muito tempo poderia ser mais curta, como ela pontuava, se a linha de metrô que atenderia diretamente aos moradores e trabalhadores da zona sul já estivesse concluída⁵⁰.

- Não vejo a hora de inaugurar a linha lilás para podermos utilizá-la.
- Nossa, vai ser muito bom mesmo, né?
- Sim, vai. É desumano o que acontece no transporte público. As pessoas parecem sardinha na lata. Essa obra da linha lilás já era para ter sido inaugurada há muito tempo.

Entramos. Aline seguiu em direção à grande mesa de reunião da sala. Enquanto eu abria as janelas, ela se acomodou em uma das pontas da mesa. Sentei-me na diagonal. Teríamos pouco mais de uma hora para conversar. Ali seguimos numa conversa que me abriria muitas conexões, pois Aline habitou minha caminhada de modo muito vivo. E neste processo, muitas trocas aconteceram entre nós. No caminhar entenderia que estava *em relação* com uma *jovem Griot*.

O início de nossa conversa foi marcado pela partilha de Aline sobre a construção de seu trabalho de conclusão de curso com o qual buscou desenvolver encontros como os do Flor de Lis a fim de verificar o que conseguiria desenvolver considerando seu trabalho na Casa de Cultura.

- Queria ver se teria a mesma resposta que consigo com o Flor de Lis
- Tem uma história o grupo, né?
- Uma história, uma questão, uma afinidade. Quis testar com um grupo que não me conhecia. A resposta foi superpositiva em três meses apenas. Foi difícil sair. Tive que colocar um colega no lugar
- E o que você fez? Foi pela EACH?
- A mesma coisa que no Flor de Lis, atividades de dança com brincadeiras cantadas e dançadas. Foi no NCI. Conhece?
- Não conheço.
- É o Núcleo de Convivência do Idoso. Esse é do Jardim Herculano. Foi bem bacana o processo e no final entrevistei alguns participantes. Quis falar sobre o bem-estar que as pessoas recebem nas atividades de arte, música, dança, porque minha linha é a cultura popular brasileira. Falar de saúde por esse lugar. Como vejo no dia a dia que agrega, pensei porque não falar sobre o que faço? Poderia ter feito sobre outras coisas, mas está na hora de isso sair desse cantinho porque estou escondidinha fazendo isso há nove anos.

Assim, suas histórias e movências com a dança e com os saberes da cultura popular começaram a aparecer entre nós

- Sou nascida e criada na zona sul de São Paulo, no bairro de Piraporinha. Tenho três irmãs e um irmão. Sempre brincamos muito na rua com a molecada toda, muito... e minha mãe, por conta de todos

⁵⁰A obra da linha 5 Lilás do metrô demorou 20 anos para ser concluída. Entre idas e vidas na reformulação do projeto, iniciado em 1998, o trecho que atende diretamente moradores e trabalhadores da região de M'Boi Mirim foi entregue em 2019. Desde então as existências que moram, trabalham e transitam pela região tem a opção de não realizar conexão por outra linha do sistema de trens que tornava a viagem mais longa e sobrecarregada por ser a única opção de trajeto para a saída desta parte da zona sul pelo metrô.

esses filhos, não conseguia trabalhar, mesmo assim, trabalhou um tempo como manicure em casa, as clientes levavam os filhos e “a gente quebrava tudo”. Coitada da minha mãe [risos]. Quando tinha 12 anos, ela me colocou num centro da juventude, num CJ. E lá sempre tinha muita dança... eu sempre dançando. E por conta da educação física sempre participei dos jogos e das danças. E... mesmo quando comecei a trabalhar, com 15 anos numa autorizada *Brastemp* atendendo telefone, estava sempre dançando aos finais de semana com minhas colegas, sempre jogando vôlei e dançando na rua e no CJ, que tinha baile aos finais de semana

Uma serenidade tomava conta da conversa. Seu tom de voz transbordava tranquilidade e aconchego. Seus gestos eram suaves. Aos poucos o encontro foi sendo invadido por gargalhadas e uma expressividade corporal pulsante, em especial quando ela atualizou os encontros com a dança e cultura popular.

Para relacionar com a dança na minha vida... vi em 2002 um jornal com a foto de dois bailarinos que anunciava aulas aos sábados na Vila Madalena, às 14h. Trabalhava todos os dias num consultório odontológico e aos sábados de 08h às 12h. Fui e me encantei: *Gente o que é isso???* [leva as mãos ao queixo – expressão de surpresa]. Fiquei fazendo curso com eles, Ana Vieira e Ângelo Madureira, do balé popular de Recife. E foi incrível. Em 2004... não lembro bem as datas, comecei a fazer curso de maracatu no Jardim Ibirapuera. Montamos um grupo e começamos a tocar.

- Vocês montaram um grupo a partir de oficinas de maracatu?
- Sim. Conheci as danças brasileiras em 2002 e depois fiz aulas no Jardim Ibirapuera. Disso veio este grupo Crioulo Bantu e me apresentei pela primeira vez na Casa de Cultura. Nunca tinha ido lá.

A fala de Aline foi dando pistas sobre o lugar que a cultura popular ocupa em sua existência. Foi possível perceber algumas linhas de conexão: entre Aline e as existências que habitaram e que habitam a Casa de Cultura e entre as várias existências que construíram movimentos de diferentes modos na Casa e para além dela. Foi neste momento que cruzei pela primeira vez com as integrantes da Capulanas Cia de Arte Negra, das quais me aproximei *pelas mãos de Aline*. Dos encontros que produzem encontros.

- Você já conhecia a Casa de Cultura?
- Já. Mas nunca tinha feito nada lá. Uma colega protética perguntou: “você foi na Casa de Cultura? Estava lá numa reunião, sou de lá”. Ela me chamou para participar. Cheguei numa sexta-feira e estavam fazendo roda de dança afro: “Meu Deus, o que é isso?” [mãos no queixo - mesma expressão de surpresa]. Nunca mais saí da Casa.
- Ela não está mais lá? Como ela se chama?
- É a Flavia Rosa. Hoje ela faz parte do grupo Capulanas também da região. Ela falou do Espírito de Zumbi que tinha dança afro, percussão e capoeira. Existe até hoje e é liderado pelo Arakúnrin. Ele me chamou para fazer parte na época e com um ano que entrei acontecem mudanças. A maioria das mulheres saíram e sai junto [risos]. O Euler que era do grupo montou o Umojá, no Jardim Ibirapuera. Ele é irmão do Rabi, do “É di Santo, da mesma região.

Com Aline fui entendendo sobre sua chegada e permanência na Casa de Cultura e um pouco de suas conexões com alguns integrantes do espaço, entre os quais, Edna

- E nesse período você já estava ligada ao Flor de lis?
- Não, entrei no Flor de lis porque queria trabalhar e no período comentei, acho que com o coordenador da Casa, e ele disse que Edna queria alguém para dar aula de dança no grupo.
- Você conhecia e Edna?
- Conhecia, mas não de conversar. Ela está lá há muitos anos. Só colhi aprendizado ao lado dela. Poxa, não conseguia nem conversar direito de vergonha. Aprendi muito fazendo parte disso, sabe? No período, a prefeitura estava com edital de contratação de oficineiros. Fiquei contratada um ano. Depois contrataram apenas por mais um ano. Só sei que depois que entrei no Flor de lis não saí mais. Se tem dinheiro ótimo, se não tem também faço. Não é mais um trabalho para ganhar dinheiro. É como uma contribuição para onde estou. Hoje faço parte do conselho gestor da Casa e penso que é muito importante, porque quem coordena a Casa... sabe quando você não vivencia a coisa, não sabe daquilo? Tem uma frase de um poeta que não vou lembrar o nome: *não fale das ruas se você não anda por elas*. É isso. O que acontece na Casa é a não contratação dos que estão lá. Contratam quem não tem conexão com a Casa.
- Nem com a Casa, nem com o território, nem com a vida lá, né?
- Isso! E vai perdendo, perdendo, o lugar, como aconteceu com o Sacolão das Artes, na região, que a prefeitura tomou o espaço.

Não fale das ruas se você não anda por elas. A frase de Aline me pegou! Ela trazia justamente o que me animava a caminhar por entre tantas existências. Era como se Aline me desse um “aval” para a andança que eu começava a ensaiar. Havia um comum entre o que ela enunciava e o que eu carregava como questão. Pontes! *Não fale das ruas se você não anda por elas*: ativar o *saber do corpo* que nos convoca a ver e viver aquilo que outros corpos trazem como saberes, fazeres, questões e viveres frente às tensões que os constroem permanentemente. Travessias! *Não fale das ruas se você não anda por elas*: caminhar com uma existência, respirar com outres, viver com outres para experimentações de tateamentos que possibilitem movências conjuntas com muitas outras existências Encruzilhadas!

E Aline movimentava-me com sua questão. E me movimentaria ainda mais ao falar sobre o sentido da Casa de Cultura para sua e para outras vidas. O que podem os encontros construídos nesta *Casa Popular de Cultura*?

Desde que fui para Casa vejo que acontecem muitas histórias, muitos movimentos. Esse é um lugar muito valioso para nós. Foi trabalhando com o grupo que senti necessidade de saber mais sobre envelhecimento, o que fazia, uma insegurança muito grande me invadia. *O que estou fazendo com essas senhoras???* Entrei em crise. Uáááá!!! [atira os braços para o alto]

- Tua insegurança era...
- Não sabia o que estava fazendo... então entrei na ETEC de Artes. Estudei história da dança, algumas técnicas. Fiz curso de dança

contemporânea com Isabel Marques⁵¹ para estudar Laban. Fiquei encantada: *Nossa, é isso?* [leva as mãos à cabeça]

- É muito refinado, né?

- Éééé!!! Pensei: *perai na dança do jongo pegando Laban, como é esse jongo e Laban...*

- Você foi fazendo conexões?

- Isso! Minhas aulas vêm nesse lugar. Trabalho com esse estudo do movimento. Mas pensava: *essas mulheres, essas dores nas pernas, esses corações, esses marcapassos, como eu faço?* Vi nesse curso na EACH um lugar para entender mais disso.

Em sua fala Aline dava pistas de que a convivência com as/os integrantes do Flor de Lis foi um dispositivo para a produção de pensamento que provocara outras movências em seu viver. Pensamento-ação. A *potência* dos encontros como ela enunciava

Vejo que é esse caminho, que estudando melhora o que faço. Nunca parei de estudar. Lembro no Espírito de Zumbi, a Alânia, esposa do Euler falando: *gente, ano que vem todo mundo vai ter que estudar...* todo mundo fez assim [arregala olhos]. Hoje vejo a potência disso, porque Flavia, Priscila, Débora começaram na PUC, os meninos estudaram percussão, fiz a ETEC. Vi mais sobre o mundo da dança e pensei: *isso é incrível, vou fazer cursinho, mas, como?* Fui no ACEPUSP⁵², concorri e ganhei bolsa de 100%. Todo meu estudo foi de graça, exceto com Ana e Ângelo. Voltando, importantíssimo, estudei no Instituto Brincante, do Antônio Nóbrega. Fiquei sete anos e saí representando o Instituto. Sou da primeira turma de brincantes itinerantes, montamos espetáculos e fizemos oficinas, inclusive em Sesc. Muito do que faço com o Flor de Lis tem essa base. Não tive oportunidade de ir para outro estado aprender sobre isso. Tive contato com os mestres que vieram para o Instituto. Penso que a universidade é bacana, mas ela não me cabe [joga o corpo para trás gargalhando]. Estou sempre fazendo mil coisas com música e dança, viés que a educação física não tem muito. Vejo na prática, no que faço, uma potência muito grande para promoção de saúde. Poxa, tirar o sr. Raimundo de casa, por exemplo, que fica sozinho a maior parte do dia, para ir tocar com a gente. É isso, sabe?

⁵¹ Coreógrafa, diretora e professora de dança, escritora. Formada em Pedagogia pela USP, Mestre em Dança pelo Laban Centre for Movement and Dance, Londres (hoje Trinity Laban), doutora pela Faculdade de Educação da USP/96. Fundou e dirige o Caleidos Cia. de Dança desde 1996. Criou e dirigiu Caleidos Arte e Ensino, em São Paulo (2001-2008). Atualmente dirige o Instituto Caleidos fundado em 2007. <http://www.caleidos.com.br/curriculos/49-fabio-brazil>

⁵² É o cursinho da Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores das Universidades de São Paulo <http://www.acepusp.com.br/cursinho-popular/>

Figura 11: Dos encontros de Aline com as Flores de Lis.

Afetações mutuas, ressonâncias mutuas que também se materializavam no viver das/dos integrantes do Flor de Lis como eu ainda visibilizaria e sentiria

- A maioria das pessoas do grupo são viúvas e as casadas, muitas vezes, os maridos dificultam que façam algo fora de casa, que se sintam vivas. Várias cuidam dos maridos doentes. Mas elas escapam para o grupo.
- E elas circulam por outros lugares?
- Circulam, algumas estão na ginástica no NCI, no tai-chi na Casa, no grupo da igreja. Uma que sempre cantou em casa, depois que entrou no Flor de Lis começou a cantar bastante e tirou carteirinha de cantora. O sr. Raimundo, é viúvo, e toda semana está com tocando conosco. A Edite, estando na Casa, começou a fazer movimentos em outros lugares. Costuma acontecer com a maioria. Por isso temos esse espaço perto da nossa casa como um lugar muito valioso, mesmo sendo tão pobre. É um ícone, que poderia ser bem melhor. Se tivéssemos estrutura, poderíamos fazer mil coisas. Mas a gente faz com o pouco que tem.

Figura 12: Um dos momentos de ensaio das músicas do Flor de Lis para a gravação do cd do grupo que ocorreria alguns meses depois no estúdio do Instituto Favela da Paz.

Temos esse espaço perto da nossa casa como um lugar muito valioso: uma frase muito forte! Os olhos de Aline reluziam ao falar do Flor de Lis em sua vida e na vida das integrantes do grupo, bem como do lugar que a Casa de Cultura ocupa em tantas existências e na região. Um espaço de fazer viver de diferentes modos.

- Considerando suas experiências, porque as integrantes do grupo vão para a Casa?
- Porque se sentem vivas, sentem que o grupo vibra. A gente precisa do contato físico, do relacionamento. Muitas estão em casa sozinhas ou entristecidas porque, por exemplo, os maridos não saem para lugar nenhum. Quem é que vive sem se relacionar?

Figura 13: Aline e as Flores de Lis em um dos encontros do grupo.

Aline em sua sabedoria de amiga da cultura popular trazia o que uma existência pode produzir, por exemplo, para além da Universidade que, de modo geral, segue encarcerando nossas potências e possibilidades de *pensar-agir-inventar* e produzindo modos de estar com o outro distanciados das potências, como ela dizia ao se referir às integrantes do Flor de Lis.

- Você tem outras conexões, circula por outros grupos e espaços?
- Agora não é possível. Minha vida é só faculdade, Casa e Flor de Lis, às vezes vou em festas da Casa. A faculdade me consome demais e fico pensando: *ou sou muito louca ou o povo viaja achando que só existe faculdade no mundo*. Um exemplo, temos uma disciplina que o professor quis fazer um trabalho com a comunidade. Ele fez contato com uma escola perto da EACH e os alunos vão para lá ter aula conosco. Acho muito legal o contato com a comunidade, mas qual a qualidade disso? Questionei isso, porque o professor diz não saber se esse é o melhor método. Disse: *professor, porque você, não abre inscrições? Vem quem puder. Não dá para abraçar o mundo. O seu foco não são os alunos, nós?* Ele disse: *Não, meu foco é a comunidade! Estamos na universidade pública e tenho que fazer em prol da comunidade. Ela tem que vir para cá e ter atividades físicas, sim, o maior número possível de pessoas*. Respondi: *Não professor! Os alunos não sabem dar aula!* [tom de voz incisivo]. Ele insistiu: *Mas vi coisa legal acontecendo*.
- O teu incômodo era a qualidade do que vocês iam oferecer, né?
- O meu grupo era de dança, ok. Mas tinha o grupo da musculação. E ontem ouvi: *Não me sinto capaz de atuar com adolescente e com uma criança. Não sei o que faço*. Era um rapaz rico. Fiz assim: *é, é...* [vira as mãos para cima com a cabeça inclinada para o lado].

A princípio não entendi o comentário a respeito do colega sobre ele “ser rico”. Mas não a interroguei. Permaneci ouvindo-a. E ela seguiu explicando que o professor impunha a atividade. Este assunto modificou sua gestualidade, sua expressão, seu tom de voz. Apesar disso, seu bom humor

permanecia entre nós. Ela continuou contando, por vezes de modo mais incisivo, que seria muito diferente se o professor limitasse o número de adolescentes e dividisse os graduandos para ministrarem aulas de diferentes temas em dias específicos, de modo que o professor pudesse acompanhar cada encontro, pois com a dinâmica proposta os graduandos ocupavam diferentes espaços da universidade com as crianças e com os adolescentes sem que o professor conseguisse estar presente nas atividades. À medida que foi falando, entendi o sentido do comentário sobre o colega. Ela chamava atenção para o fato de que, apesar de haver um ponto comum que aproximava os estudantes da mesma graduação, suas experiências e histórias de vida vinham de lugares diferentes, o que resultava em maior ou menor aproximação com as questões que compõem a vida em alguns territórios.

- Fico de olho nesses discursos de atuar na comunidade [risos]. Falei: *professor, estou te falando com uma visão de quem está no território. Me vi no lugar daquelas crianças. Fui uma daquelas. Fiquei pensando, mas não falei [risos]: professor, você quer fazer uma ação social? Vai lá, vai lá, se envolve com a associação de bairro. Faz alguma coisa lá. Não manda os alunos, que não sabem* [fala incisiva]. Não tenho dificuldade, mas muitos têm, por não terem essa vivência. Entendo. Estamos na universidade, mas cada um tem sua história de vida. A universidade vem validar muita coisa. Ela não vem me formar... formar... Áááá! [lança as mãos para o alto]. Não caibo nessa forma [risos]. Essa ideia de formar. Tudo o que vivo fora dela, não anulo para estar lá dentro. Vemos discursos de muitos professores... aquela coisa fechada. Para mim que nunca me imaginei na universidade, tinha raiva de quem faziam faculdade [lança o corpo para trás rindo]
- O que era essa raiva?

Eu pensava que, embora o exemplo de Aline viesse da Educação Física, outras subáreas da saúde experimentam os enredamentos da formação tecnicista, prescritiva, moralizadora, medicalizante, a partir da qual modos de pensar-agir, mesmo que “bem-intencionados”, seguem produzindo encontros que despotencializam tantos viveres como o de docente e estudantes que se tornarão futuros trabalhadores dos serviços, bem como das existências por eles cuidadas. E Aline mostrava como um modo de fazer, *um como*, construído de forma partilhada com o grupo Flor de Lis a partir de seu encontro com a dança e potencializado naquele *espaço valioso*, que não estamos fadados a seguir produzindo ativamente estas “sentenças de pequenas mortes” em nossos encontros e práticas cotidianos, por mais difícil que seja sair deste enredamento. A questão que saltava: existir e perseverar na construção coletiva de espaços para potencializar outros modos de cultivar os encontros e as relações a partir de saberes e práticas que compõem tantos viveres como aqueles próprios da cultura popular.

E naquele fluxo outras experiências de sua vida foram entrando na cena. Havia uma leveza entre nós. E isso favoreceu uma confiança para abordar algumas questões, a exemplo da “raiva” que ela havia anunciado. E a leveza que envolvia nosso encontro, parece que tem favorecido a partilha de experiências relacionadas a sua família de uma maneira muito fluida.

Ah, coisa besta, por exemplo, não podia ter um *Nike*. Tinha raiva de quem tinha. Que merda! [joga o corpo para trás rindo]. Só que tive uma boa criação e não ia lá roubar o *Nike*. Mas muitos roubavam. Minha mãe e meu pai sempre estiveram ali. Brincávamos na rua e ela sempre ali para dar uma boa educação para nós. As coisas que faço vêm dessa base da minha família. Sempre tivemos pouca coisa... não pouca coisa... sempre teve muito cuidado. É isso, muito cuidado até hoje que faz com que não tenhamos desvirtuado, vamos dizer assim, porque o lugar que você está contribui muito para você ser uma coisa e ser outra.

E sua fala me fazia pensar sobre encontros: *Que encontros produzimos? Temos conseguido compor encontros que ampliem nossa potência de pensar-agir? Produzimos pensamento sobre com quem convém ou não convém estar junto afim de que possamos ampliar nossa potência de agir? O que temos feito de nós, do outro e com o outro no que se refere a capacidade de afetar e de ser afetado para a produção de uma potência para agir?* E em meio a esses pensamentos, eu seguia ouvindo Aline contar sobre delicadas tessituras de dobras em seu viver. A alegria de uma existência com a dança...

- Essa época foi bem difícil, mas sempre ensinando. Engraçado, a gente com bastante dificuldade, mas sempre com música dentro de casa [gargalhava]. Eu encerava o chão da casa com música, as meninas iam para casa e a gente dançando, dançando e jogando vôlei na rua [...].

E meio ao encontro com o vivido por Aline, cruzei pela primeira vez com gentes que viria a conhecer e com as quais eu viveria várias experiências em minha caminhada. Aos poucos fui entendendo que a Casa de Cultura é um espaço que as conecta, independentemente de integrarem diretamente algum grupo de lá. De diferentes modos, várias existências fazem corpo com a Casa, com distintos movimentos se ocupam e são ocupadas pela Casa. Das muitas *ocupações* e *explosões* também em mim...

- Você falou sobre a comunidade, considerando sua experiência, o que vê de vida, de potência na região?
- Ah, a Casa de Cultura de M' boi Mirim. Gente, aquilo é uma explosão! Tanta gente passou por lá criando histórias e estão com trabalhos incríveis. Poxa, as Capulanas, começaram ali, fizeram PUC, foram para África disseminando a cultura negra. Meu cabelo virou crespo de novo [gargalhava] e o delas também. Eu lembro, alisávamos o cabelo. O que é isso, gente? [gargalhava]
- Seu cabelo é lindo.
- Então, mas eu passava relaxante. Todo mundo alisava o cabelo. Hoje não, as meninas estão assumindo o cabelo crespo, a maioria tem blacks. A Gal, Gal Martins, é uma pessoa que também está na Casa de Cultura, mulher negra, gorda, periférica que faz nome no mundo da dança contemporânea, que só tinha no centro da cidade e era lugar de gente branca e com dinheiro, Ela levou isso para periferia, para o povo negro, periférico com visão política. Hoje faz parte da coordenação da fábrica de cultura. Super potência a Gal. O Panelafro é uma festa de grande potência também, que estava em crise de novo, não sei muito bem, porque ninguém fala.

E disso apareceram algumas questões relacionadas ao tema da saúde

- E pensando nessas potências há conexões com a saúde, com os serviços, com os profissionais de saúde?
- Tem pessoal da UBS que faz atividade física às quartas na Casa. O Profissional é muito simpático, me cumprimentou. Meu único contato era vê-los fazendo no liang gong. Mas meu contato com a UBS é péssimo. Rezo para não precisar. É muito ruim.
- Em que sentido?
- Fui fazer papanicolau. Entrei na salinha e era a mesma em que os funcionários guardavam as bolsas. Toda hora entrava alguém. Falei: *Moça está no meio do meu exame, o que é isso?* Pensa num nervoso [risos]. É a única UBS que atende meu território. O médico que atendia minha família, pelo amor de Deus! Sou limitada a ser atendida só por ele, não! Uma coisa que fico com raiva, tá, existe diferença de classe social, mas porque é para a periferia não precisa poder ser de qualquer jeito, entendeu? *Ah, deixa eles esperando.* Meu pai atrasou cinco minutos e não foi atendido, mas o médico chega duas horas atrasado...

E ela seguia intensivamente...

Desde o ano passado estou esperando um ortopedista porque lesionei o ligamento no estágio no Sesc. Fui no pronto socorro, na Santa Casa de Santo Amaro, pensa num lugar fe-di-do! Fiz um raio x. E para voltar com o médico? Fiquei com o raio x perdido! Ouvi: *tem que passar com o médico da sua equipe.* A marcação é quando eles podem. Se tenho prova, compromisso, ferrou. Passei com o médico e ele me encaminhou para AMA. Lá, recebi encaminhamento para uma ressonância. Falei: *quero passar com médico do Hospital São Paulo, porque ouvi falar que lá ortopedista é bom.* E ouvi: *Ah, nosso território não pode passar lá. Será encaminhada para outro serviço.* Porque nos mandam só para Grajaú, Parelheiros, para o fundão? Olha a diferença aí!

E outros temas, que transversalizam a produção da saúde, entraram em cena como as questões relacionadas ao transporte público que cotidianamente produzem um conjunto de violências em diferentes vidas. E assim várias outras questões foram apontadas por Aline. Questões de muitas vidas...

- [...] por que o transporte para nós são as peruinhas apertadas e aqui tem um monte de metrô, ônibus grande com ar condicionado, com carregador para celular? [da sala ouvíamos os ônibus no Campus]. Isso contribui para a saúde das pessoas. Em mercados de rede e de bairro não tem várias coisas. Não encontra marcas, grão de bico, chocolate 70% cacau... depois de um tempo percebi isso [risos].
- E não tem outras coisas?
- Não. Se olha para a saúde que é maior... aquilo que as pessoas vão comer, o transporte público, isso precisa ter qualidade. No horário de pico as pessoas sofrendo nos ônibus, eu era uma. Olha o trajeto que faço! Por que não tem universidade pública no meu bairro? Legal, tem na Zona Leste. Mas fizeram lá no descaso. Os parques são bem legais, o Guarapiranga, que está fechado, e o Herculano.
- Sem desconsiderar essas questões, há coisas interessantes lá, né?
- Sim, porque estamos vivos e a gente é movimento. A gente se movimenta e a criatividade está aí. Poderia ser bem melhor, mas fazemos com o que dá. Onde tem vida tem problema, mas também tem vida. Quem não tem problema? E o que a gente faz com isso? A gente trabalha o outro lado da vida que não é só problema.

Olhei no relógio e vi que Aline estava atrasada para aula. Pedi desculpas. Ali nos despedimos rapidamente e ela seguiu. Um até breve... a convivência, as trocas e as aprendizagens com esta *jovem amiga da cultura popular* estavam apenas no início...

O encontro com as *permanências* deste quilombo

Cheguei à casa de Cultura e logo vi Arakunrin. Ele me cumprimentou sorridente e com um forte abraço, dizendo que poderíamos conversar na sala de leitura. Enquanto eu o aguardava, entrei na sala onde acontecem os encontros do Flor de Lis para espiar o “baile da melhor idade”, a respeito do qual Edna havia falado em nosso primeiro encontro. O salão estava lotado!

Figura 14: Baile na Casa de Cultura de M'Boi Mirim que acontece há 23 anos

Arakunrin me convidou para entrar na sala de leitura que carrega o nome da primeira coordenadora da Casa de Cultura, como anunciava uma placa na entrada do espaço. Logo Arakunrin foi chamado por uma voz feminina para “dar uma ajudinha”. E eu fiquei ali perdida, navegando, entre os vários títulos daquelas obras literárias. Arakunrin voltou e nos acomodamos em uma das mesas do espaço. O clima era muito agradável naquele azul.

Figura 15: O dia em que conheci a sala de leitura da Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim em virtude da conversa com Arakunrin e Edna.

Já acomodados, retomei o meu propósito com nossa conversa. Tendo como companhias a bela voz grave da cantora e o som da sanfona que ressoavam do baile, começávamos nosso primeiro encontro. O primeiro, pois ainda nos encontraríamos muitas vezes... nas oficinas de capoeira do grupo Espírito de Zumbi; nos Panelafros; na segunda conversa que tivemos no quintal da Casa; nos encontros do grupo Flor de Lis em que Arakunrin “dava uma força” ao fazer corpo junto com *os tocadores*, sr. Raimundo, sr. João e Geraldo Magela; nas idas a uma lanchonete-bar perto da Casa junto com Edna após o Flor de Lis para tomar um *morocoxó*, como ele chamava o café com leite; no desfile anual do Flor de Lis na Casa; no festival cambia produzido pelo Instituto Favela da Paz e parceiros na escola Oscar Pereira Machado no Jardim Ângela; entre tantos outros... Múltiplas experiências, múltiplas trocas...

E a partir desta primeira conversa, Arakunrin passou a me enviar, pelo menos uma vez por semana, e às vezes até mais, mensagens pelo celular com seu inconfundível “bommmmm diaaaaa! Saúde paz harmoniasssss” e vídeos com uma música por ele cantada com o mesmo tema. Dos afetos e cultivos que vivemos. E, além destas mensagens, ele também passou a me enviar mensalmente o convite-cartaz do Panelafro, tal como eu havia conhecido em minhas buscas no período de escrita do projeto de qualificação. A cada convite, o encontro com uma bela composição de imagens: a festa e seus integrantes. A cada convite, as imagens ganhavam coloridos e contornos outros... pois, eu estava me encontrando com aquelas “imagens” em ato, a cada nova ida ao Panelafro.

Assim, fomos compondo, eu e Arakunrin, muitas conversações sobre *o que* e *como* tantas vidas que compõem a Casa de Cultura vivenciam e inventam a muitas peles, ao longo de toda a existência deste espaço. Modos de *estar ali*, de *viver ali*, de *lutar ali*, quando consideradas as permanentes tentativas de apropriação e desmonte da Casa por um conjunto de forças que não param de tensionar as vidas que habitam aquele *quilombo cultural*. Das permanências e presenças que eu vi e vivi de corpos em constante tensão, que seguem compondo possibilidades para existir e resistir. Persistências!

No início da conversa, retomei que gostaria de conhecer um pouco de sua história e de sua relação com a Casa. Arakunrin sorriu, respondendo que tentaria sintetizar seus mais de 30 anos ali. Neste início de nossa prosa, ele dizia que era importante frisar que estávamos na “Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim”, uma entidade fundada em 1984, antes do período de sua vinculação à prefeitura como um equipamento público na gestão de Luiza Erundina. Então seguiu contando que neste período o lugar/arranjo foi tomado como piloto para as outras Casas de Cultura da cidade, justamente por ter nascido sob a forma de conselho gestor, o que não havia prosperado em outras Casas.

Logo entrou na conversa sua história com a capoeira e com “Mestre Gilberto”, que, como puder perceber, segue presente a cada encontro do Espírito de Zumbi na imagem do *banner*, cuidadosamente colocado por Arakunrin antes da oficina de capoeira - no mesmo espaço onde ocorrem os encontros do Flor de Lis, e ao lado de outro *banner*, que traz o nome do grupo com a imagem de Zumbi junto com um verso do poeta Solano Trindade. Das presenças que senti nos encontros com Arakunrin e com o Espírito de Zumbi. Dos intercessores que seguem vivos naquele quilombo.

Cadê você, que nunca mais apareceu aqui... a cantoria do baile embalava minha escuta de Arakunrin, que contava de sua história com a capoeira e do processo de composição de uma metodologia concebida junto com Gilberto. Uma *reviravolta* no modo como vivenciavam a capoeira, que fez parte do processo de composição do grupo Espírito de Zumbi.

Comecei a capoeira com 16 anos em 1981 e Gilberto me ajudando, ele ainda não estava formado. Ele começou através de mim. Fiz uma roda de capoeira na rua e ele se interessou. Então ele começou a tocar berimbau, ele dominava muito esse lado. Disse a ele: “vou te dar um presente de aniversário”. Levei ele na academia e fiz a matrícula dele na capoeira. Quando me formei abri a academia onde moro, na última rua do morro, e ele começou a fazer uma assistência. Fiquei um ano dando aula na garagem. Já reunia ali 50, 60 crianças e adolescente. Em 1985 fui convidado para vir dar aula aqui na Casa e Gilberto veio junto. Assim, demos continuidade à oficina de capoeira, ligada às manifestações populares, fazendo samba de roda, maculelê, puxada de rede.

“*Minha jangada vai sair pro mar, vou trabalhar, meu bem querer...*” era o que entoavam os integrantes do grupo que vivenciavam a puxada de rede. Um canto de todas, todos e todes que experienciavam aquele forte encontro - como eu, André e quem mais se achegava aos poucos na oficina. Um canto-grito-celebração liderado por Arakunrin em suas persistências naquele quilombo. Ali eu

pensava o quanto os integrantes do grupo vivenciavam no corpo muito mais do que os passos da coreografia com a rede e os tempos de entrada dos instrumentos, no compasso da música pacientemente ensinados por Arakunrin. Ali viviam encontros com saberes e com fazeres sobre um modo de estar na vida, de cultivar as relações, de seguir por navegações mais coletivas... E, naquele mar, seguimos navegando entre as tessituras de uma rede de experimentações e dos ventos que vêm de longe por outros possíveis... ancestralidades!

Figura 16: Vivência de puxada de rede no grupo Espírito de Zumbi na Casa Popular de Cultura de M' Boi Mirim.

As vivências de puxada de rede eram parte de um processo que possibilitou a construção de um modo singular de viver *um capoeirar* como contava Arakunrin. Experiência de *virar o mundo de pernas para o ar*, produzida com Gilberto, que permanecia entre nós. Nascimento...

Começamos a fazer pesquisas no Centro Cultural Vergueiro querendo saber mais de Zumbi de Palmares e dos fundamentos da capoeira. Tivemos que ir três, quatro, vezes para o atendente perceber que a gente estava com vontade de aprender e ele abrir a chave de um espaço com livros, raridades, sobre África, a vinda dos escravos, a capoeira. Demos um mergulho, porque éramos de sentar e fazer uma reflexão sobre o que estávamos fazendo, sobre as coisas ao nosso redor. Pensamos: *Está na hora de virar o mundo de pernas para o ar*. Tínhamos fundado o grupo, escola de capoeira abolição, em 1988. Foi nesse mergulho que mudamos, em 1991, para Espírito de Zumbi. Paramos de usar corda, graduação. E o mestre Jonas morreu. Eu adotei Arakunrin, irmão em Yorubá [...]

Chamava atenção a produção de sentido sobre um novo arranjo que foi processualmente construído como um outro fazer com seu companheiro Gilberto: a suspensão da graduação e do uso da corda. Ao que parecia, pistas de um capoeirar insurgente

Eu e Gilberto fomos buscando alternativas e meios para como a capoeira é usada hoje: sistematização de movimentos, regrinha com o objetivo treinar para mudar de corda, de graduação. A corda não faz sentido. É a necessidade de as pessoas se classificarem, uma imitação das artes marciais, jogada de *marketing*. Entendemos a capoeira como manifestação popular, não dá para exigir a mesma coisa de todos, ao mesmo tempo. Tem que deixar fluir, eles têm que sentir bem aqui. Ainda bem que saímos dessa paranoia de graduação. A pessoa acha que é mestre pelo cordão, aquilo faz ele ser visto como mestre. Não gosto quando me apresentam como mestre. Agradeço e digo que me considero professor de capoeira, que até acho equivocado. Prefiro me colocar como arte-educador. Já ouvi: “Se você for apresentado como professor, vou ser contra-mestre, monitor? Criei o “Papoeiragem M’boi Mirim”, um grupo com mestres de capoeira, professores, pela preocupação com o que estamos fazendo e com o que vamos deixar para a região. Esta conversa que estou tendo com eles é sobre nossos compromissos e responsabilidades nas relações humanas porque lidamos com crianças e adolescentes em estado de formação e reformulação [...]

Figura 17: Vivência de Maculelê do Grupo Espírito de Zumbi

Arakunrin falava sobre uma *capoeiragem* sem as amarras das cores que definem lugares e um *saber-poder*. À medida que ele falava, se formavam para mim as imagens dos praticantes das artes marciais com suas faixas coloridas e que logo foram por ele mencionadas. Eu pensava nos discursos e práticas que, de modo geral, enfatizam a disciplinarização e a hierarquização entre os integrantes dos grupos, não apenas de capoeira, que a cada exame têm seus corpos envolvidos por faixas que, ao ganharem tons mais fortes, tendem a hierarquizar encontros e relações. Mesmo não sendo estudiosa da capoeira, que entendo não poder ser resumida a essa forma de conceber os encontros, eu pensava nos efeitos para as crianças e adolescentes que vivenciam este arranjo tradicional de relações entre mestre e alunos.

A fala de Arakunrin também me agenciava a pensar sobre o sentido deste modo de operar um grupo e em que medida as cordas podem “prender” experimentações de cada existência consigo e com outro, sobre o que pode um capoeirar vivido como um processo que tem a arte e a cultura popular como elementos constitutivos. Ele partilhava a construção de oposições às amarras produzidas por uma certa perspectiva que define como se deve jogar/estar na capoeira, ao buscarem experienciar gingas e giros outros nos modos de compor o viver consigo e com outras existências, considerando elementos que vêm de longe e que podem contribuir para enfrentamentos nos planos individual e coletivo, para além do tempo e espaço da roda de capoeira.

Figura 18: Imagem ofertada por Arakunrin com a Poesia Capoeira Mulher Guerreira⁵³.

Não aprendi a dizer adeus...a bela voz da cantora seguia entre nós. E ali várias mulheres que habitaram e habitam a Casa entraram na prosa. Contando sobre as mudanças de rumo em relação à capoeira, Arakunrin partilhava o encontro com “mulheres fantásticas” no período de sua chegada à Casa de Cultura. Seus olhos brilhavam ao falar destas existências que “contribuíram para seu engajamento com questões sociais e para um entendimento sobre a importância da política no cotidiano”.

E com Arakunrin eu entrevia passos deste processo que tem favorecido o cultivo de *permanências* na Casa - e para além dela - ao serem incorporadas por tantas vidas. Assim o fazer daquelas mulheres continuou entre nós

Eu participava de reuniões da diretoria da casa e através da conversação com essas mulheres comecei a me engajar nas questões sociais e a entender a importância da política na nossa vida, não a partidária. A UBS Figueira Grande, por exemplo, aqui perto, só saiu pela pressão dessas mulheres. Entendi a importância de ser participativo na busca das soluções que passam pela saúde, educação, transporte coletivo e que remetem à qualidade de vida. Eu fui fazendo junto, brigando junto com elas. Isso

⁵³Recebi esta imagem inesperadamente de Arakunrin no período em que eu escrevia esta narrativa, sem que ele soubesse que eu a compunha, do que se seguiu a oferta de outras imagens de sua relação com Gilberto. Das conexões que vivenciamos neste processo.

também em relação ao Espírito de Zumbi começou a ter um conceito diferente. Não era só um cara que dava aula e jogava capoeira. Até hoje converso com professores, como te falei, que “a luta da capoeira é fora da roda”. Estou no grupo da velha guarda da zona sul e gravei recentemente um áudio dizendo: *graças a Deus saí dessa dança das cores*.

O tema da produção de um pensamento político pela convivência com aquelas e aqueles que vivenciam a Casa era um tema que ainda transversalizaria muitos encontros de minha caminhada - como os vividos com Gal Martins, que destacou em diferentes momentos os sentidos dos encontros produzidos na Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim. Em nossa conversa ela dizia sobre suas travessias neste espaço:

Sofri muito com a questão racial na infância e adolescência que me fez ser pouco comunicativa até que entrei para a igreja, do Piraporinha mesmo, nasci e cresci ali. Comecei a participar do grupo de Jovem e um colega criou um grupo de teatro lá. E por questões de horário na igreja, eles foram ensaiar na minha casa. Eu não era do teatro, mas acompanhava tudo. Um dia pediram para eu fazer uma marcação e comecei a falar todo o texto. Aí comecei o teatro. Esse grupo começou a fazer muito sucesso na região e a ser convidado para lugares, não só os ligados à igreja. Um dia o padre nos disse que era importante nos voltarmos para as questões litúrgicas, que deixássemos as apresentações fora. Metade saiu. Eu saí e pensei: quero estudar teatro. Nessa, minha vida mudou, se transformou, quando atravessei a M’Boi Mirim, porque saio da igreja e paro na Casa de Cultura. Descobrimos a Casa como um espaço para abrigar esse grupo que queria estudar teatro. Lá conheci Euler Alves, a abordagem da dança afro, porque sempre estive apartada da questão das religiões afro-brasileiras por mais que meu avô fosse um dos reis afros de Minas, não convivi com ele. Na Casa, encontrei com Arakúnrin que foi e ainda é meu mestre. Fui uma adolescente que sempre estava com as pessoas mais velhas na Casa, as lideranças políticas de lá muito fortes e fui muito envolvida com as questões políticas, sociais. Lá descobri minha negritude, assumo meu cabelo e entendo: sou uma mulher negra. Minha história começa ali, convivendo com os mais velhos. Dona Edite, quando conheci ela enxergava, ela me conhece desde adolescente. Ali pra mim foi um berço, além da produção artística em si, dança e teatro, tive minha formação política.

E sobre o Quilombo-Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim, Gal dizia em um debate sobre espaços compartilhados

Com 15 anos, eu, uma adolescente iniciando sua trajetória, estava queimando pneu na estrada do M’ Boi Mirim reivindicando e garantindo que um espaço super simbólico da região pudesse continuar existindo, a Casa de Cultura do M’ Boi Mirim, porque o projeto era transformá-la num Batalhão da Polícia Militar. Minha trajetória foi marcada por disputa de imaginários e espaços que são verdadeiros quilombos. Tive a oportunidade de estar na Casa com a Cia Sansacroma fazendo uma gestão compartilhada por três anos e isso significava a possibilidade de pautar o poder público e os investimentos em políticas públicas para a periferia, principalmente de formação em arte. Interrompemos nossa gestão há um ano porque fomos expulsos, literalmente. Enxergo esses espaços compartilhados hoje, fazendo sempre uma analogia à poética do imaginário africano, como verdadeiros terreiros, como quilombos que possibilitam criar o respeito e espaços seguros ao lugar de fala. Quando faço essa alusão aos quilombos, aos terreiros, quem já foi num terreiro sabe o quanto a vida pulsa, né? A gente, comunidade periférica, negra, aprendeu a se organizar, né? A

questão do pulsar a vida está sempre presente, trazer essa possibilidade mesmo de vida. Tenho lido muito sobre Necropolítica pensando o corpo negro como suspeito e o genocídio da população negra como inseridos num projeto de morte estruturado pela via da polícia militar e da saúde mental. Esses espaços compartilhados dão voz para que esses corpos possam sair da Necropolítica para o lugar de pulsão de vida, de afeto. Precisamos pensar nos espaços compartilhados e como afeto o outro, politicamente. Como afetar esses afetos hegemônicos que constroem preconceitos, racismo, LGBTfobia, gordofobia e outras coisas? Pensar em espaços compartilhados é pensar também na disputa e no combate a esses afetos hegemônicos como espaços de segurança, de poder de fala e de reconhecimento de potências. Venho pensando mais nas micropolíticas, nas relações que crio, e prefiro acreditar hoje nelas e nos arranjos de sobrevivência que vamos criando em arte e cultura do que ter que me debater diretamente como pode público.

Silêncio. A música lá fora havia parado. O baile tinha acabado. Mas nossa prosa ainda não... Além de vários aspectos do dia a dia das oficinas de capoeira, que iam desde conversas com o grupo no sentido de cada um produzir pensamento, por exemplo, sobre a construção de um outro modo de estar menos machista-mais colaborativo pelos meninos com suas mães e irmãs, incluindo as atividades da casa a acolhimentos de questões enfrentadas pelos adolescentes (como no caso de um integrante do grupo que se envolveu com o tráfico, cuja escuta e apoio teriam contribuído para que o garoto construísse outra possibilidade para sua vida). Arakunrin pontuava, tal como Aline havia feito em nossa conversa, sobre algumas pessoas que passaram pelo grupo Espírito de Zumbi e que hoje seguem produzindo suas trajetórias artístico-políticas na cena cultural da Zona Sul e para além dela, como Gal Martins com a Cia Sansacroma e Zona Agbara; Euler Alves com o grupo Umojá; Flávia Rosa, Débora Marçal, Priscila Obaci com a Cia Capulanas; Rabi Batureiro, irmão de Euler Alves, com o bloco É di Santo.

Ele contava também sobre os vários movimentos realizados na região, como a Cooperifa, a igreja dos Santos Mártires e o padre Jaime, que também apareceu em outras conversas por sua presença e defesa de tantas vidas, incluindo diferentes projetos e ações produzidos; o Bloco do Beco, o Batuquedum, A banca, o Instituto Favela da Paz. Em sua fala, Arakunrin pontuava que vários destes movimentos afloraram na época em que ali era considerado *o lugar mais perigoso do mundo* e que, neste cultivo-resistente, muita gente havia participado do processo de transformação e fortalecimento ocorrido da região: *“essa região tem uma veia muito forte socialmente e culturalmente de luta e de resistência. Quando a gente está olhando para o ruim, não tem tempo para olhar e imaginar o bom. Temos que pegar nossa energia e construir algo novo, porque pode ser tão envolvente que dissolve aquilo ali de ruim”*.

Fortalecer, assim como *Cultivar*, foram verbos que foram ganhando outros sentidos a partir de várias vozes em minha caminhada: um *estar* junto, um *cuidar* de um conjunto de saberes e práticas, um *fazer corpo* político-coletivo para ativar potências possíveis em relação a uma ação-ideia-proposta-projeto, um *nós por nós!* E no encontro com estes verbos duas passagens foram marcantes: uma, com

Jefferson Santana que, ao contar, considerando meus pedidos para que partilhasse os saraus e escolas em que se apresentaria, sobre ter sido chamado para um sarau no Jardim Angela disse: “*fui convidado para estar lá com eles. E eu vou para ajudar a fortalecer o sarau*”. A outra passagem foi vivida com Aline no período da escrita de um resumo⁵⁴, considerando sua participação e Edna na produção do texto, que eu me sentia muito agenciada a compor como possibilidade de dar a ver os movimentos por elas construídos no Flor de Lis, que dizem também dos modos como várias existências *vivem* a Casa de Cultura. E uma fala de Aline em nossa primeira conversa: “*está na hora de isso sair desse cantinho, porque estou escondidinha fazendo isso há nove anos*”. Assim o encontro com *um cultivar* se deu nas trocas que vivenciamos no processo de escrita: “*no caso a palavra fabricar, eu sugiro cultivar. A ideia é que tenhamos um lugar para cultivo das nossas praticas culturais, a palavra fabricar me lembra máquinas. Gostei do texto, está muito bom*” 🧐, escrevia Aline pelo celular. “*Usamos este verbo em nossas escritas como o sentido de produção e invenção – produzir, tecer, construir, inventar. Farei o ajuste. Cultivar é um verbo lindo*”, respondi. “*É isso. E acho melhor colocar Casa Popular de Cultura se referindo a mim e à Edna, pois somos parte do povo resistente da Casa*”, seguia Aline na fiação da escrita. Dos vários *letramentos* que vivi.

A conversa com Arakunrin sobre os florescimentos produzidos no período em que a região era denominada como *Triângulo da Morte*. Entre as germinações, ele contava sobre um espaço com o qual possui forte conexão, o mesmo que havia citado quando nos encontramos pela primeira vez na semana anterior: o Instituto Favela da Paz:

Conheci o Claudinho Miranda do grupo *Poesia Samba Soul* em uma apresentação aqui na Casa, ele é pouco conhecido no Brasil. Claudio cresceu também muito preocupado com o meio em que vive. Hoje tem a banda, o projeto do estúdio. Juntos fizemos o primeiro festival de música do Jardim Ângela que teve uma repercussão grande. Hoje eles têm o *Vegearte* que trata da importância da alimentação mais saudável com a comunidade junto com as mães e mulheres da região, têm oficinas de percussão. Fizemos um projeto que está pronto para começar, a construção do Instituto em outro espaço, para sair da casa dele. Ganhamos o terreno de empresas da Europa e conseguimos verba para construção. Sentamos com arquitetos pensando na relação com meio ambiente e será a primeira construção da América Latina com o selo de reconhecimento de construção voltada para o meio ambiente. Tem projeto com biogás que o Fábio, irmão do Claudio, sem fazer faculdade, começou realizar. No Instituto tem captação da água de chuva, o gás é natural, a energia é solar. Tudo na casa do Claudinho. A casa dele virou casa de todo mundo [...].

Das vezes em que estive nesta *casa de todo mundo*, senti isso intensamente. Um espaço acolhedor e pulsante de múltiplas movências. Um espaço *vibrátil*, aberto a todes, como Claudio havia pontuado em nosso primeiro encontro, vivido na grande mesa de páletes onde acontecem alguns dos

⁵⁴O trabalho “O que pode a Educação física no território: visibilizando conexões entre território, vida e práticas corporais” apresentado no XXI Conbrace, que ocorreu de 16 a 20 de setembro de 2019 em Natal, pode ser visto nos anexos.

encontros com os que lá chegam, ao som dos acordes do piano tocado por um de seus filhos. Entre bicadas no café fresquinho, Claudio partilhava que aquela *Casa-Instituto* estava sempre com suas portas literalmente abertas para receber *todo mundo a qualquer momento* sem que tivessem tido qualquer problema como furtos: “*Se você vier aqui a qualquer hora a porta vai estar assim, aberta, é só chegar e entrar. Aqui está sempre assim, nunca tivemos nenhum problema de furto com nossos equipamentos e instrumentos*”.

Naquela ambiência acolhedora, olhando para a frase “*Servir para um mundo que sonhamos*”, ouvia Claudio contar sobre a construção de uma convivência, um modo de estar/viver com vários viventes, que, como ele, nasceram e cresceram na região. Ele partilhava que sua trajetória artística e política havia sido possibilitada pela sabedoria de seu pai, músico, vindo do Nordeste, que acolheu seu interesse em ser músico aos nove anos de idade. Com uma serenidade, na fala e nos gestos, Claudio contava que do sonho inicial de serem uma banda de sucesso, que foi gerando um sentimento de frustração, o grupo havia passado para a criação do espaço do Instituto. Isso possibilitou vários movimentos, como a oferta de aulas gratuitas de músicas para jovens com os poucos instrumentos de que dispunham; a produção de cds para os músicos da região a partir da construção do estúdio, que é aberto a todos; o *samba na 2* a partir do qual acontece, a cada mês, um show para a comunidade em frente ao Instituto; o projeto de resgate da produção artística de cantoras da região, que também tiveram seus cds produzidos... Múltiplos projetos-iniciativas, múltiplos movimentos cultivados há mais de 20 anos, que seguem em seus rizomáticos florescimentos para/com as existências que habitam aquele imenso *Jardim*

Nosso sonho no início era ser uma banda conhecida. Ficamos mais conhecidos localmente. De 1992 a 1995 gravamos alguns discos e percebemos que essa necessidade de ser músico também era de muitas pessoas da comunidade. Meu pai ofereceu a casa dele pra gente começar a dar aula de música e foi morar num espaço menorzinho. Era um pandeiro, um tan-tan e um cavaquinho para 300 pessoas na garagem da casa do meu pai. E meu pai vende carro velho para ajudar a gravar os discos. A história é essa para quem é da quebrada. Começamos um movimento de samba e um projeto que tem até hoje chamado Samba na 2. Fizemos também um estúdio de música que foi um chamado, a gente estava aqui e tinha um monte de banda que não tinha onde gravar. Um trazia o microfone, outro trazia o pedestal, a gente não cobrava nada. Uma questão muito colaborativa mesmo. Assim começamos a formar muita banda na região. Essa foi uma primeira jornada de uma banda que queira ser famosa [...].

E seguindo no mesmo tom sereno, iluminado por constantes sorrisos, Claudio partilhava que há no Instituto um sentido de favorecer que cada integrante possa perceber e seguir seus dons e propósitos de vida. *Propósito*, um termo marcante nas várias conversas que realizei no Instituto. Favorecer o encontro de cada um com o que é seu propósito - e como vivenciá-lo também de modo coletivo - foi uma importante aprendizagem na existência de Claudio que, como ele contava, aconteceu

pela aproximação com um outro modo de viver a partir de uma ecovila. Ali eu começava a entender os sentidos da frase inscrita na parede do Instituto que saltava para mim: “*Servir para um mundo que sonhamos*”.

Em 2009 fiz minha primeira viagem para Portugal. Recebi um chamado para uma Ecovila em Tamera. Sai daqui sem saber o que ia fazer. Era mais questão de intuição. Uma coisa que nunca perdemos foi a intuição genuína, sempre incluindo todo mundo. Não ter medo de fazer as coisas e seguir. Vai eu, saindo da quebrada do Jardim Ângela, para um Ecovila, inclusive tem duas pessoas de Tamera em casa, da Palestina e da Alemanha. Chego e vejo outro mundo. Uma comunidade com sistema de painel solar, sistema de biogás, alimentação vegana-vegetariana, que eu não sabia o que era. De 2009 para cá, fizemos mais de 40 viagens, conhecemos pessoas, sei lá, de mais de 40 países. Começamos essa nova jornada e tudo o que aprendemos usamos como em ferramenta de transformação humana. Da mesma forma que nos descobrimos, apoiamos outras pessoas a se descobrirem. *Quais teus dons, porque estão aqui, qual o propósito de vida?* Tudo o que trabalhamos hoje é em função disso. Desenvolvemos ferramentas para que as pessoas descubram quem são elas. Temos esses projetos estruturais, um grande guarda-chuva, e cada pessoa cria uma iniciativa. Com nossa experiência, damos suporte de como as pessoas podem se descobrir, tocar na parte mais profunda delas, e fazemos isso em várias situações, nas rodas de conversa, cozinhando, fazendo música, nas oficinas de sustentabilidade, para trazer esse olhar sem medo, sem apego. Quando você está nesse estado, você cria.

Conexões. Ali eu seguia ouvindo Claudio contar sobre uma extensa rede de conexões construída com ecovilas de diferentes países a partir do encontro com a ecovila alemã de Tamera, que abriu outras possibilidades de compor um modo de viver coletivamente. E foi este encontro que possibilitou o florescimento de modos de estar também com aqueles/aquelas/aquelxs que habitam o Jardim Ângela, pois, como Claudio pontuava, no processo incorporação dos princípios e valores de uma vida mais compartilhada e sustentável, cada integrante do Instituto foi se encontrando com aquilo que fazia sentido para sua vida, a exemplo de seu irmão Fábio Miranda, com os projetos de energias sustentáveis; de sua esposa, Ellen Fernandes, com os saberes e fazeres da alimentação vegetariana e vegana – com alimentos que também são cultivados com aquelas/aqueles/aquelxs que habitam o Jardim Ângela - e ainda de outros integrantes que foram ofertando suas experiências profissionais e identificando outras potencialidades pelo encontros com este modo de vida, como pude ouvir em outras conversas no Instituto. E Claudio sobre este modo de compor o viver

- Começamos a viajar o mundo, contando nossa história, tocando e sendo parte de uma rede. Estamos ligados a ecovilas e projetos sociais de vários países. Este é o ano que mais estamos levando pessoas do Instituto e da região para lá. Acreditamos no fluxo natural, orgânico. Aqui aprendemos acessar a abundância sem planejar. Essa forma de servir sem precisar de algo em troca. Estar disponível para o mundo.
- E como acessam essa abundância? - perguntei
- Respeitando o momento do grupo. Aqui é uma casa que moram seis famílias e vivemos essa vida compartilhada. Nosso papel é fazer com que as pessoas sejam visíveis e com afetividade, porque quando você tem essa clareza da transparência, confiança, aumenta o afeto. E o afeto está ligado ao amor.

Minha filha com quinze anos nunca viu ninguém ser morto na frente dela. Eu, nessa idade, via três, quatro por dia. Acredito que nesses lugares que acontecem essa violência toda, começaram a surgir formas de vida coletiva e uma forma de viver em comunidade que para mim, no futuro, é a cura do mundo. Aprender a lidar com o outro e com você mesmo, só em comunidade. O Jardim Ângela me ensina a ser melhor todo dia. O mundo vive na base de um sistema de opressão em que o dinheiro é usado de forma arrogante, nenhum ser humano acredita mais nisso, vive porque não tem opção. Quando vamos largar esse sistema? Isso passa por um processo de dor e cura muito forte [...]

E era do alto da laje que Claudio apontava no horizonte o local onde seria construída a nova sede do Instituto. Um projeto que os mobilizava como um caminho para seguirem produzindo outros movimentos, que, como ele contava, aconteciam há mais de vinte anos. Este projeto também foi tema da conversa que eu e André tivemos naquela mesma mesa de paletes com o irmão Fábio Miranda, que conduz as ações do Instituto a partir do Periferia Sustentável, com o qual tem atuado na região e fora dela no desenvolvimento de cursos e oficinas, que enfatizam o uso das tecnologias sustentáveis e funcionais. Uma conversa iniciada no início da tarde e que foi encerrada à noite, quando Fábio nos levou para conhecer um espaço onde há uma nascente de água potável, que é acessível a todos da comunidade. E com Fábio, eu e André, ouvíamos sobre suas ações

Venho trazendo as tecnologias de baixo custo de forma prática, acessível. Tirar a ideia que precisa ter muito conhecimento. Minha formação é músico, tenho o terceiro colegial. Para inspirar outras pessoas estamos construindo um laboratório para o desenvolvimento de tecnologias a todos, incluindo as escolas. Hoje tivemos um grupo de 15 APAS, os agentes promoção ambiental. É falar de sustentabilidade não só do meio ambiente, mas de vida, de relações como um todo. Como podemos trazer essa autosustentabilidade financeira fazendo o que gosta, ganhando ou não? O foco é criar multiplicadores, construir sistemas de biodigestão, captação água da chuva, energia solar disseminando na comunidade e fora dela. Fui para Heliópolis e a comunidade fez um trabalho no espaço ocioso de um viaduto. Hoje tem biodigestor em Pinheiros, tem em Minas com sr. Manoel, um ex-ferramenteiro, que veio aqui e hoje usa biotecnologias, energia solar, cultiva horta. É um multiplicador.

E assim conhecíamos um pouco de outras florações que germinavam no Instituto: *“compramos esse terreno de 650 m2 com dinheiro da banda, viajando, com ajuda de amigos também de outros países. Será um centro cultural e educacional com certificação leade. Totalmente autossustentável. Será o primeiro prédio do país com certificação gold. Vai ser um prédio de três andares com ventilação cruzada, vão livre, auditório, cozinha industrial comunitária, sala do corpo. E sem segurança, que nem a porta aqui de casa. Vai e entra onde quer ir”*. Das fecundações rizomáticas naquele jardim.

Figura 19: Vista do Jardim Ângela no primeiro encontro com Claudio Miranda no Instituto Favela da Paz.

O encontro com Arakunrin prosseguia ao som de várias vozes de crianças no quintal da Casa. Naquela alegre presença, vários assuntos entravam na roda, entre estes, *um modo de estar e de habitar* a Casa de Cultura por ele partilhado.

Falei para o secretário de cultura sobre o trabalho de permanência quando ele falava sobre formação de gueto. Para ele o Espírito de Zumbi aqui há trinta anos é gueto. Ele dizia: *Esse pessoal acha que é dono da Casa e ela é do povo*. Ele veio com coisas arbitrárias e o povo não aceitava. A Casa é aberta a qualquer um com atividades culturais que passam por vários segmentos e por um trabalho de fortalecimento das pessoas também como cidadãos. Para eles isso não importa. O negócio é colocar oficina de três meses. Acabou, a professora vai embora, não é da região. Acho importante oficinas assim como ponto de partida. Mas quando estava como coordenador brigamos muito até conseguir que os oficineiros fossem contratados de fevereiro a dezembro. Só quem vai vivenciam do vai entendendo a importância. Este trabalho de permanência é que fez estarmos aqui hoje conversando.

Novamente os olhos de Arakunrin brilhavam ao falar sobre *existências-resistências-convivências-persistências-permanências*.

Há mais de 30 anos estamos batendo de frente direto com as gestões aqui porque o que acreditamos e queremos passa pela questão das relações humanas. Os políticos não estão preocupados com isso, com nosso bem estar. É por isso que o trabalho que fazemos é de resistência, persistência. Senão isso aqui já teria virado posto policial, comitê desses políticos. A resistência vem até antes da secretaria assumir aqui como equipamento público. Tivemos resistência também contra pessoas da região que queriam fazer daqui quadra de futsal para ser alugada.

Edna abria a porta e olhava. Prontamente eu a chamei para sentar conosco. Arakunrin seguia falando dos enfrentamentos realizados na Casa. Aos poucos, Edna entrava na conversa.

- Começamos lá atrás em um embate com Jânio Quadros que queria transformar a Casa em sacolão e continua até hoje com esse secretário e esse prefeito que estão fazendo de tudo para nos empurrar para fora e colocar através da coordenadora oficina de sertanejo, bailinho.
- Zumba – dizia Edna.
- *Stiletto*. Eu vi as oficinas no quadro – eu falava
- Eu nem sabia o que era esse tal de *Stiletto* – dizia Edna.
- Se nos tirarem, vai ser só entretenimento como fachada para campanhas eleitorais. Nosso trabalho é de resistência por isso. Falamos isso entre nós e para eles, batemos de frente – continuou Arakunrin.
- Para quem? – perguntei.
- Para esses políticos. Já fui ameaçado de morte aqui, Edna já saiu com receio para tomar o ônibus por também ter sido ameaçada, porque eles sabem que não vamos engolir isso. É um perigo, sabemos. Mas eles sabem do nosso poder junto às pessoas. Você viu o Flor de Lis, o pensamento que as mulheres tem, isso construído – seguia Arakunrin.
- Quando eles chegam aqui, ficam de olho grande nesses trabalhos porque não conseguem fazer isso. Não é de um dia para o outro – dizia Edna.

Ali seguíamos os três, conversando sobre os combates que vem sendo travados por meio de uma produção de permanências. Ali eu comentava sobre essa resistência acontecer há muito tempo: “*Desde que a Casa foi criada. Foi o que eu falei para você esse trabalho de resistência vem antes de a Casa ser vinculada à Secretaria como equipamento público, desde o nascimento dela*”, afirmava Arakunrin. “*O pessoal fala até de um quilombo aqui... um quilombo cultural como a Cooperifa e foi um pouco daí que veio a história de quilombo lá*”, dizia Edna. Eles explicitavam uma processualidade que é política, um combate constante contra opressões que também desgasta o corpo

- Agora nossa luta mesmo é com a questão político-partidária, contra a opressão desses vereadores, muitas vezes da secretaria. É uma luta suja, de interesse, hipocrisia, sabe, muito mesquinho. Essa é a luta que nos faz muito mal porque conviver com isso nos adocece – dizia Arakunrin.
- Aqui é o que falo, quando um está cansado, desmoronando, o outro dá um *help*, um *up* nele porque cansa. “O que estou fazendo aqui?” – dizia Edna
- Ia perguntar isso, como se fortalecem – eu dizia.
- Através do grupo, do resultado dos trabalhos. Você ver o Flor de Lis, no meu caso, isso dá força de querer continuar. Ver as pessoas alegres no baile. Mas tem horas que “*ah, que saco, o que estou fazendo aqui?*” Hoje mesmo falei isso. Um reclama do brinde, o outro de quem está dançando de bermuda, o outro quer mais ventiladores – dizia Edna entre sorrisos.

Àquela altura Arakunrin dizia que precisava sair para arrumar a oficina de capoeira. E agradecendo a oportunidade de termos conversado, dizia que me deixaria nas mãos da *matriarca da Casa Popular de Cultura*:

- E tem uma pequena diferença, já passando a bola para Edna porque tenho que arrumar lá. Eu saio daqui, moro na última rua do morro, em cinco minutos estou na minha casa. A Edna pega um ônibus, um trem, mora do outro lado da cidade. Imagina, ela morar em Osasco e vir para a M’Boi Mirim sem ganhar um centavo? – falava Arakunrin.

- E botando dinheiro, hoje inclusive botei – comentava Edna.
- Alguns falam: “*não acredito, vocês são contratados da prefeitura!*”. Vários não acreditam. Fica com você agora a matriarca da Casa Popular de Cultura. A mulher mais antiga, não é a mais velha. Vou te falar, pensa numa mulher guerreira. É a Edna Maria – dizia Arakunrin sorrindo.
- Ele enche a minha bola – comentava Edna com um leve sorriso.

Apesar dos assuntos difíceis e das tensões partilhadas, havia uma serenidade e uma alegria no ar. E naquele clima, eu e Edna, seguimos após a saída de Arakunrin. Novamente eu falava à Edna sobre minha pesquisa e afirmava meu interesse de conversarmos um pouco mais. No início da conversa, as primeiras palavras de Edna foram: “*Só peço que você traga depois o resultado*”. Uma frase curta e tão eloquente. Seu pedido ia ao encontro do que me agenciava: construir uma pesquisa compartilhada, uma pesquisa *nômade e ambulante*, tal como eu havia experimentado com tantas existências na pesquisa da RAC. E ali frente a frente com Edna fui lançada para uma escrita, intercessora de meu processo, de Lima e Merhy (2016), que problematizam justamente esta artesanania desterritorializante acerca da produção de um conhecimento que se faz nos encontros e em nomadismos, ao tomarem a noção de *ciência régia* para enfatizar a contraposição fabricada pela ciência nômade, movimentos “ambulantes” que se constituem como potentes “máquinas de guerra”⁵⁵.

E agenciada por estes pensamentos de um *fazer-pesquisar-disputar* a partir de outras territorialidades, marcando que os processos de pesquisa que eu vinha experimentando, com nossos coletivos (Micropolítica e Saúde e Observatório), têm apostado em uma construção compartilhada em oposição a certo “uso dos pesquisados como objetos”, eu ouvia Edna pontuar

Não acho nem que é nos usar, as pessoas depois esquecem de voltar... não é o seu caso. As pessoas vêm para fazer a conclusão de trabalho para ontem, quer que faça e nunca mais voltam. Acho muito ruim. Sempre têm pessoas vindo aqui, mas muito nesse sentido. Até hoje a gente não conseguiu nenhuma pessoa que devolvesse o resultado, que trouxesse para gente uma cópia para ficar na Casa e para as pessoas saberem o que foi feito.

A fala-pedido de Edna me possibilitou fiar as primeiras tramas do convite que me interessava: um *estar-fazer* conjunto. Começamos a conversa retomando um pouco de nosso primeiro encontro. Ali Edna contava sobre sua formação como psicóloga e pedagoga, que a levou a dar aulas para um curso de formação de professores e posteriormente a cursar pós-graduação em psicopedagogia no *sedes sapiense*,

⁵⁵A esse respeito Lima e Merhy seguem problematizando a partir de Deleuze e Guattari sobre as máquinas de guerra “o que é próprio da ciência régia, do seu poder teorematizado ou axiomático, é subtrair todas as operações das condições da intuição para convertê-las em verdadeiros conceitos intrínsecos ou categorias encontra como contraposição a produção de uma ciência nômade, uma ‘nomadologia’, um movimento ‘ambulante’ produzidos nas franjas do Estado e que constituem potentes máquinas de guerra”, na medida em que “os corpos coletivos sempre têm franjas ou minorias que reconstituem equivalentes de máquina de guerra, sob formas, por vezes muito inesperadas, em agenciamentos determinados tais como construir pontes, construir catedrais, ou então emitir juízos, ou compor músicas, instaurar uma ciência, uma técnica” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 32).

onde foi docente, assim como em uma faculdade privada - para o curso de psicologia. Como contava este foi um período anterior a sua entrada na Prefeitura, quando também cursou mestrado na USP. Assim, começava a aparecer um pouco de sua relação com a Zona Sul, ao som dos tambores que indicavam o início da oficina de capoeira

Quando entrei na Prefeitura, saí do estado, pedi afastamento sem vencimento do cargo de professora e posterior exoneração e também deixei as aulas da Faculdade para fazer pós. Vim trabalhar no Centro de Convivência no Parque Guarapiranga em 1990. Foi aí que conheci a Casa. A proposta era trabalhar com atividades artísticas para a integração entre as pessoas, não só os excluídos, deficientes, doentes mentais, moradores de rua. Nessa época, já éramos uma equipe com psicólogo, assistente social, terapeuta, fono. Como só tínhamos uma salinha, fazíamos muitas atividades fora, muitas no final de semana, aí viemos conhecer os locais que existiam e tinha a Casa de Cultura. Ela ainda não era ainda ligada à Prefeitura, era só uma Entidade. Foi quando conheci Jonas [Arakunrin] e começamos a fazer atividades conjuntas entre Cecco Guarapiranga e Casa de Cultura. Eles levavam para lá teatro, fazíamos eventos aos finais de semana e no final do mês. Fomos articulando coisas como palestras sobre saúde mental, meio ambiente, eventos, oficinas. E em 1992 foi inaugurada, no parque, a casinha do Centro de Convivência que é até hoje um equipamento da Secretaria Municipal da Saúde. Ficamos nesse processo até 1996 por conta do PAS com o Maluf. Quem não aderiu saiu, teve que arranjar qualquer lugar. Eu fui lá para perto da ilha do Bororé, quanto mais longe era melhor para eles. Mas eles abriam possibilidades de locais ligados à Prefeitura nos chamar. E conseguimos, já que tínhamos esse trabalho com a Casa, que solicitassem nossa vinda para cá.

Entrava em cena a relação construída com a Casa de Cultura. Ela contava de uma atividade realizada no período de sua chegada e que eu havia conhecido naquela tarde: o baile. Disso foram aparecendo alguns dos arranjos produzidos para a realização do encontro

Logo que eu cheguei a gente fez um baile. O primeiro deste que está aí até hoje. Era um pouco diferente, a gente contratava uma banda diferente a cada mês era mais ou menos um *show*. Disso foi virando baile, baile até virar só baile. Um baile para a Terceira Idade, porque é a faixa etária que gosta desse tipo de atividade. Embora seja aberto a quem quiser frequentar, 95% são idosos. E esse grupo “Mensageiros da Alegria”, que também são idosos, toca aqui há uns oito, nove anos. Também meio por amizade. Não é voluntário, é quase. A gente faz o bingo. Inicialmente não tinha bingo, às vezes a gente conseguia contratar. Ano passado a gente conseguiu uma contratação. A gente dá uns 200,00, como ajuda de custo. Eles trazem o som deles. Ficam aí quatro horas tocando e cantando... é o mínimo que podemos fazer.

E outros movimentos foram aparecendo em relação aos trabalhos *mais específicos de grupos* e uma atuação como *agente cultural*:

- Fomos conversando com as pessoas, buscando trabalhar conflitos, abordando questões da saúde mental, de maneira terapêutica, não de terapia, abordando a psicologia social. E trabalhando, não com o rótulo do cargo de psicólogo, como agente cultural, digamos, fazendo de tudo, carregando cadeira, trazendo as pessoas, conversando, ajudando no que acontecia.
- E quando você chegou existiam alguns grupos, foram criando outros?
- A Capoeira, o Tai Chi, a dança afro, o teatro, existiam. E percebemos uma necessidade do pessoal da terceira idade de se encontrar. Tinha um grupinho que fazia várias atividades, sempre por aqui, e que queria fazer passeios, festa

de aniversário. Nucleou um pouco pelo Tai-chi. Fizemos um fórum do idoso, discussões sobre a mulher, sobre a saúde com o pessoal do Tai-chi, a importância da prática, da alimentação, da medicação. Nada muito científico, mas para discutirmos. Ampliamos as discussões e fizemos uma programação vendo a parte mais cultural que pudesse ser adaptada a essas pessoas.

- E essa percepção foi também pelo contato com quem conduzia os grupos?

- Sim, atualmente não tem muito essa conversa com os oficinairos e com os arte-educadores, mas a gente tinha reuniões a cada dois meses com eles

Perceber e considerar o que as pessoas que *estavam sempre na Casa* manifestavam, abriu caminho para um outro cultivo: o das Flores de Lis.

Aí surgiu: *vamos fazer um grupo de reunião para conversar?* A gente propôs falar sobre a vida, sobre elas, porque muitas falavam de sua vida, de suas coisas sem um lugar para isso. As pessoas começaram a contar da suas experiências de vida, de onde vinham, o que aprenderam, o que gostavam e a falar de suas vivências na cultura tradicional: *“naquele tempo eu era feliz, eu cantava cantigas de roda, a minha mãe cantava, eu dançava no grupo da minha cidade, no carnaval”*. E começou a ideia de fazermos oficinas, porque nesse período podíamos indicar atividades. Teve a primeira oficina de cultura tradicional de roda e começamos a fazer isso, a cantar, a fazer relatos de histórias delas, fizemos contação de histórias pensando na integração entre crianças e idosos. Tinha muitos eventos onde todo mundo participava. Aí teve aquela parada que falei...O grupo foi se desestruturando por falta de coordenação, continuidade nos encontros, propostas, etc. Passaram várias coordenações até que restaram apenas 4 participantes. Foi neste período que voltei

A meu pedido Edna me contava novamente o que havia acontecido no período em que esteve afastada da Casa. Ali apareciam algumas linhas das tensões que seguem atravessando o cotidiano de vários integrantes da Casa.

Em 1999 estava na coordenação, porque até então a Casa conseguia indicar os coordenadores. Fiquei pouco tempo por questões políticas. O povo fez reclamação, A diretoria da Entidade, Edite inclusive, foram na Secretaria de Cultura reivindicaram a minha permanência no trabalho. Eles justificaram que me tiraram da coordenação e não da Casa. Mas estava inviabilizado o meu trabalho sob a coordenação daquele Diretor da Casa de Cultura e me transferi para outro Departamento da Secretaria Municipal de Cultura. Eles alegaram que eu estava mais ligada à população do que à Prefeitura. Trouxeram uma pessoa de fora que deu muita briga, porque como aqui tem essa história da comunidade participar, quem chega de fora vem com o poder de controlar as decisões, os espaços, as chaves como coordenadora atual que tranca os materiais. Nunca teve isso. Nunca houve roubo. Todo mundo sabe que é coletivo. Uma época não tinha vigilância para abrir e fechar, alguém da diretoria fazia isso. Quantas vezes fizemos mutirão para pintar a Casa com tinta da gente, trouxemos lâmpada... É esse espírito.

E uma forte linha do Instituído reaparecia

A gente punha e põe dinheiro para os eventos acontecerem. E eles acham que usamos a Casa em benefício próprio. Como fazemos um trabalho sem função eleitoreira: *“essa turma está atrapalhando!”* Há mais de dez anos não recebemos, a Casa, um tostão para atividades artísticas. As atividades que tinham, mais de dez oficinas, era tudo voluntário. Ano a ano eles tentam nos tirar. Esse embate, esse clima, é direto. Só não nos tiraram porque tem trabalho, atendemos pessoas que eles não conseguem atender. Estão tendo embates muito fortes com a coordenadora que não tem conhecimento e perfil para o

cargo. Ela não marcou nenhuma reunião há mais de um ano, já brigou com várias pessoas, muda atividades sem avisar⁵⁶. A prefeitura manda uma programação, mas precisa ser coordenado. Ficamos como os chatos. Antes a diretoria funcionava como um conselho gestor. No final da gestão do Haddad criou-se conselho gestor que esse secretário ignora. Nas últimas gestões ficou inviabilizado a Casa indicar a coordenação pela interferência daquele político que te falamos. A briga é para que eles não invadam. Não usem aqui descaradamente. Essa reforma da Casa acho que é um pouco para isso [...]

A reforma da Casa implicava mais um dos momentos de tensão que vivenciaram. Insegurança, preocupação, incerteza com o porvir. No período, as notícias eram de que estavam atentos, por perto, buscando acompanhar o que se passava. Em uma das trocas de mensagens pelo celular, Aline disse que tinham conseguido um espaço na igreja de Piraporinha para a realização dos encontros do Flor de Lis. Em outra, Arakunrin reafirmava que permaneciam próximos da Casa: *“isso faz parte de nossas vidas”*. E no período um importante movimento foi mantido, mesmo sem ocorrer na Casa: a concentração do bloco “É Di Santo” para o desfile no calendário oficial do carnaval da cidade.

Figura 20: Na imagem à esquerda, a concentração dos participantes do desfile em frente e na rua lateral da Casa. Na imagem à direita, o desfile do bloco “É Di Santo” que partiu da rua lateral da Casa e seguiu pelas ruas do bairro.

Edna seguia contando sobre o tensionamento vivido e de seu retorno à Casa no período em que Arakunrin era coordenador. Neste “intervalo” das atividades da Casa, ela continuou a tecer movimentos na Secretaria de Cultura e no Centro de Convivência. E no seu retorno um pedido: um período para o Flor de Lis

Nesse período, final de 1999 a 2002 participei de um projeto o “arte nas ruas”, levamos vários espetáculos para as escolas, ele foi bem legal. Com a mudança de gestão na Prefeitura de São Paulo e o fim do PAS, voltei ao de

⁵⁶ No dia 09/03/2020, véspera do 36º aniversário da Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim, recebi de Edna uma carta que expressava a força e a persistência em construir e manter este quilombo como resposta às reiteradas falas da coordenadora de que “a Casa Popular de Cultura não existia mais” considerando questões relacionadas aos documentos da Entidade. Na ocasião, Edna me convidou para contribuir com “impressões, sugestões e qualquer ões” como ela escrevia no email. Mais um momento muito forte que vivi com Edna, Arakunrin e com tantas vidas que habitam a Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim. O conteúdo da carta pode ser lido nos anexos.

Convivência em 2002. Nesse período Arakunrin era coordenador da Casa. Ele queria que eu voltasse a reagrupar o Flor de Lis. O acordo, ao retornar ao Cecco Guarapiranga, foi de ter uma tarde para trabalhar com o Flor de lis. Então em 2002, fiquei no Centro de convivência e vinha um período para trabalhar com o Flor de lis. Retomei o grupo na Casa de Cultura. Quando voltei, o Flor de Lis tinha quatro pessoas. Edite, Zazá, Cidinha e outra pessoa que não lembro. Embora trabalhando no Centro de Convivência, retomei feliz o meu compromisso com o Flor de Lis.

E as Flores de Lis se achegaram à conversa. Histórias, memórias, encontros, modos de convivência e de estar na cidade para além da Casa foram dizendo de *um modo* de produzir o grupo Flor de Lis.

[...] O grupo foi crescendo novamente até chegar por volta de 35 participantes e na convivência dos encontros semanais as ideias e propostas foram surgindo, as produções foram sendo construídas. Montamos um livro de receita, fizemos um levantamento de cantigas. Veio a ideia do desfile e de dançar na festa junina. Montamos o desfile e ensaio de quadrilha. As ideias iam surgindo. Começamos as festas de aniversário uma vez por mês. Veio a ideia de passeios, discussões sobre assuntos específicos, visita a asilos e doentes. Montamos arrecadações e fizemos apresentações. Depois ficou difícil, algumas choravam pensando que estariam nessa situação. Desde 2002, começamos o trabalho com a Cultura popular tradicional, incluindo dança, folguedos, brincadeiras, cantigas de roda. Tivemos professores, arte-educadores, que trabalharam conosco nesse resgate da Cultura popular. Eles ampliaram e aprimoraram o nosso repertório. Começaram também as apresentações públicas. Temos mais de cem apresentações em escolas, faculdades, centros culturais.

- Como as pessoas faziam esses convites?

-Porque tínhamos muitas atividades. O Panelafro, por exemplo, eventualmente tínhamos apresentações. Tinha um departamento voltado ao idoso na Prefeitura e quando havia um evento deles éramos chamadas. Faz dez anos que a gente participa da abertura oficial do carnaval na Luz [...]

E, assim, outras existências foram aparecendo em nossa conversa.

Foi assim que a arte-educadora, Aline, veio até o Grupo e está conosco desde 2009. A partir do trabalho dela foi possível a criação de mais de 15 coreografias de ciranda, coco, samba de roda, cacuriá, frevo, congada, cortejo de maracatu. Ela segue desenvolvendo um importante trabalho que envolve, dança, música, trabalho corporal, saúde, cultura, carinho, dedicação e estudo. Alguns anos depois tivemos contato também com Mestre Raimundo, cunhado de uma Flor de Lis, Didi, que se chama Jandira Honorato. Sr. Raimundo é um Mestre de congada e folia de Reis em Minas Gerais e que ao vir para São Paulo realizou estas atividades juntamente com seus familiares por muitos anos, aqui no entorno da Casa de Cultura. Mas, pela desarticulação familiar e pela perda da identidade cultural dos mais novos, ele tinha deixado de realizar estas tradições. E com idade avançada, ele se sentia triste por não ter para quem passar seus conhecimentos e onde desenvolver a sua arte. Ele trouxe para nós muitas músicas de congadas e pode contribuir e compartilhar os seus conhecimentos.

Figura 21: Na imagem à esquerda, comemoração dos aniversariantes do mês. Na imagem à direita, um dos momentos de ensaios da quadrilha, conduzidos por Edna.

E falando sobre o processo construído com o grupo Flor de Lis, Edna dizia um pouco sobre seus interesses, afinidades, questões e relações com os caminhos da arte e da cultura.

Sempre gostei de trabalhar com pessoas. A questão da cultura até porque escolhi o Centro de Convivência é ter outra visão, um trabalho terapêutico, mas não terapia. Poderia ter escolhido outros lugares. Não escolhi a UBS porque trabalhava com doença, atendimento clínico. A Cultura cuida da saúde, a Saúde cuida da doença. Eu não entendia nada de arte, aprendíamos junto também. O problema é não ter arte-educador lá no Centro de Convivência. Vínhamos buscá-los aqui na Casa de Cultura. Eles deram oficina muito tempo para gente. Sempre quis isso. Quando me aposentei continuei como voluntária no Centro, mas por eu ser fundadora ficava um clima. Os objetivos iniciais tinham mudado, os novos profissionais já tinham uma visão de terapia, mais como CAPS, de focar na doença mental e não mais na desmistificação e inclusão destes grupos estigmatizados. Achei melhor eu me afastar. Eu sentia necessidade de continuar um trabalho. Nada mudou de quando não era aposentada, meu comprometimento e o trabalho com o Flor de Lis, se sou psicóloga ou não. Nunca teve a necessidade de rótulos. O grupo faz parte da vida delas, muitas vieram por depressão, por perda de filho, várias perderam o filho aqui. Nada mudou. Agora sou aposentada e voluntária de vez.

Mais do que um trabalho voluntário, sinais de uma implicação. Sem desconsiderar as apostas políticas que têm gerado muitos atravessamentos a partir do plano formal, se consideradas as posições dos sucessivos coordenadores indicados para a Casa e o escasso investimento para as ações na Casa, incluindo a contratação dos profissionais e oficineiros, as falas de Edna, Arakunrin e Aline evidenciavam um processo de implicação construído com a Casa, com seus frequentadores e com a região, a partir do qual tem sido possível enfrentar os efeitos das escolhas institucionais, bem como sustentar a permanência de vários coletivos e de seus integrantes na Casa de Cultura. E como explicitado por Arakunrin, diversas

vezes, inclusive em diferentes Panelafros que vivenciei, não contar com recursos e suporte da Secretaria de Cultura contribui para que tenham “liberdade” e “autonomia”.

Já passava das 20h:00 quando encaminhávamos a conversa para o final. Edna arrumava suas coisas, carregando a bolsa que Arakunrin havia levado para ela. “*Vamos dar uma passadinha aqui?*” dizia ela caminhando em direção ao espaço onde ocorria o encontro do Espírito de Zumbi. Naquele momento estava acontecendo um samba de roda. E ali ficamos. “*Eu queria chamar a matriarca da Casa Popular de Cultura para vir aqui. Venha Edna*”, disse Arakunrin ao nos ver. E na roda, diante do grupo, Arakunrin exaltou a importância de Edna para a Casa Popular de Cultura e falou sobre a importância daquele espaço para a região. Edna sorria agradecendo as palavras de Arakunrin. “*Vamos continuar?*”. E a roda voltou girar.

De fora, eu seguia sentindo a força da gestualidade e da sonoridade vindas daquela circularidade. “*Vem, pode vir*”, dizia Arakunrin acenando para mim. Ultrapassei a corrente que delimitava o espaço da oficina e me achei. Eu estava no Espírito de Zumbi! De dentro, eu buscava realizar os movimentos ao lado de uma das meninas do grupo. Ali os gestos ganhavam outra expressão de quando sentidos “de fora”. Foi difícil entrar no compasso, demorei um certo tempo para me encontrar. Pouco a pouco meus gestos foram fruindo, à medida que eu sentia o ritmo de tantos corpos a girar. Ali seguimos, numa experiência que só sabe quem estava lá. Eu estava no Espírito de Zumbi!

Segui caminhando naquela noite com Edna até o ponto da avenida M’Boi Mirim. E mais conversas aconteceram no ônibus e no trem. Ali ouvi sobre as ações políticas produzidas desde o período da ditadura na região. Ouvi ainda sobre a importância do movimento produzido pelos trabalhadores neste período e sobre Santo Dias, que empresta seu nome para vários espaços na região, a respeito do qual eu também conversaria com Marcio Batista, em nosso encontro no Sesc Campo Limpo, quando ele também contou que a filha de Santos Dias, Luciana Dias, era professora em uma escola da região⁵⁷.

Assim, foram muitas as fiações que, eu e Edna, tecemos... nos encontros do Flor de Lis dentro e fora da Casa, nas prosas com Arakunrin, tomando morocoxó, quando ambos falavam sobre os vários atravessamentos vividos na Casa, nas caminhadas que fazíamos até a M’Boi Mirim após os encontros do Flor de Lis, de onde seguimos para o metrô e por outros caminhos da Zona Sul.

“*Você está sabendo do ato no Jardim Ângela?*”. Com a mensagem de Edna pelo celular, fui um pouco *mais adiante*. Naquele final de tarde seguimos da Casa de Cultura até o Jardim Ângela. Aquele caminho era novo para mim. O trânsito estava pesado. Aos poucos o ônibus articulado ficou lotado. Ao meu lado, duas moças conversam sobre o intenso cansaço após um dia de trabalho e o quanto uma delas,

⁵⁷Eu conheci um pouco mais sobre Santo Dias com o livro escrito por Luciana Dias, Jô Azevedo e Nair Benedicto, intitulado Santo Dias: quando o passado se transforma em história (2004) e com Santo - dos nossos - Dias: fé política e compromisso social no cotidiano de luta de um operário na Paulicélia dos anos 70 de Sílvia Sant’anna (2004)

que desceria bem mais à frente e faria hora para pegar o outro ônibus mais vazio, ainda demoraria para chegar em casa. Em seus corpos um peso, um cansaço, evidentes...

Naquela noite, eu seguia pelas mãos de Edna. Naquela noite, vivenciamos um ato-protesto no Jardim Ângela contra a execução de Marielle e Anderson e contra a violência sofrida dias antes por professores e servidores em frente à câmara municipal de São Paulo, como marcava a nota distribuída a todos nós que lá estávamos e que trazia uma foto de Marielle sorrindo. Uma imagem impactante. Uma experiência intensa.

Figura 22: Multidão com a qual fazíamos corpo no ato realizado no Jardim Ângela.

Aquele ato era também pelas vidas dos que não tiveram o direito de seguir existindo: “*Quem aqui já teve algum parente assassinado, levanta a mão. Quem já perdeu um filho assassinado, levanta a mão*”. Em meio as bandeiras do Pcdob, Psol, MTST e das duas faixas - “Educadores sem medo de lutar, abaixo o SampaPrev” e “Luto e luta por Marielle Franco” -, eu via muitas mulheres erguendo suas mãos. Respostas por todos os lados. Uma cena cortante. Eu pensava que muitos *corpos-avos* atingidos permaneciam ali na presença de suas famílias que, de modo geral, seguem desamparadas diante das respostas dadas pelo Estado. Ali estava parte da materialidade dos números⁵⁸.

Difícil esquecer a fala da professora Jayane, que eu conheceria ao final do ato a partir de Edna, na sequência: “*por favor, vamos liberar esta parte da pista da M’Boi para os ônibus poderem passar, para que as pessoas que estão nos ônibus também possam ver e participar do ato. Nós, não somos desocupados, vagabundos. Estamos aqui lutando pelas vidas da periferia, pela vida de nossos jovens,*

⁵⁸Segundo os dados do IBGE de 2017 a taxa de homicídios entre homens jovens pretos e pardos foi de 185 a cada 100 mil habitantes entre 15 a 29 anos cujo valor é quase três vezes mais do que os brancos. Os resultados da pesquisa mostram também que em todos os grupos etários a taxa de homicídios da população preta ou parda é maior do que a população branca e que a violência a que jovens pretos ou pardos estão submetidos apresenta maior grau de letalidade. Em relação aos brancos de 15 a 29 incluindo a população feminina a pesquisa mostra uma redução para 34 a cada 100 mil, contudo, este número é quase três vezes menor que o de negros jovens quando somados homens e mulheres que atinge 98,5 assassinatos por 100 mil habitantes.

pelas nossas vidas”. Imediatamente lembrei da cena que vi uma semana antes, no primeiro ato em protesto ao assassinato de Marielle, na Avenida Paulista, em que estive com Laura e vários amigos do Micropolítica: uma moça que respondia a um policial militar que ninguém ali era vagabundo e que a luta também era por eles, apesar do desdém vindo do policial. Ali também estava o poeta-professor Jefferson Santana, com sua sobrinha no colo. Uma linda imagem *de uma presença* que se colocava ativa na produção de um combate -também por aquela vida que ele trazia no colo e por tantas outras descendências. Uma outra imagem marcante! Ali eu também encontrava com a dor e a força de várias existências que seguem caminhando-lutando *no agora*, tendo a marcação do Bloco do Hercu, do Jardim Herculano, que naquela ocasião seguia com seus tambores vivos, presentes, pulsantes naquele batuque-grito. Ali eu conhecia, com a ajuda de Edna, de perto e de longe, muitas existências que seguem neste corpo a corpo pela defesa de muitas vidas. Várias *crias da Casa*, que seguiam trilhando seus caminhos na cultura, como ela havia ressaltado em nossa conversa, a exemplo de alguns integrantes do Bloco do Hercu e de outras existências que ela seguia me mostrando. Ali aconteceram também muitas homenagens aos viventes executados por uma conhecida política de morte que se instala em diferentes planos e territorialidades combativas, como aquela em que fazíamos corpos.

O ato chegava à igreja dos Santos Mártires. Logo na entrada, outra imagem fortíssima: uma cruz de madeira com vários nomes em pequenas tiras de papel. E ali também me encontrei com outras imagens fortes: a silhueta em papelão de várias mulheres espalhadas pela igreja e retratos emoldurados de algumas existências que era possível identificar como irmã Dorothy, Santo Dias, padre João Bosco, dom Oscar Romero, que caminharam a partir de várias mãos junto a cruz por entre nós. Existências anônimas e não-anônimas, que não eram esquecidas.

Figura 23: Das silhuetas-corpas assassinadas que estavam posicionadas na entrada da igreja.

O encontro culminou com uma missa naquele antigo espaço de luta da região na presença de vários religiosos, como padre Jaime, e integrantes de vários coletivos e moradores da região - e de fora dela - como ouvíamos. Uma noite marcante. A cada passo a passo, eu me sentia fazendo corpo com tantas existências que não param lutar em diferentes frentes deste *rizoma-trincheira*⁵⁹.

⁵⁹ “Moradores do Jardim Ângela marcham pelo direito à vida das mulheres” (<https://www.desenrolaenaomenrola.com.br/pg/3/equipe.html>) é o título da matéria produzida pelo portal de notícias “Desenrola e não me enrola” que se volta à cobertura dos movimentos produzidos na cena cultural e às questões que envolvem o viver nos territórios ditos periféricos de São Paulo.

Figura 24: Parte final do ato-protesto na Igreja dos Santos Mártires, no Jardim Ângela, com a presença de Padre Jaime e integrantes de vários coletivos que rendiam homenagens à várias existências a partir de seus nomes na cruz e nas imagens.

Edna esteve muito presente em minha caminhada, sempre disponível para conversar, para atender meus pedidos, para que eu soubesse o que estava acontecendo em relação ao Flor de Lis e à Casa de Cultura, para que eu chegasse em várias vidas e em vários lugares. Em nossas conversas convites, partilhas, dicas, desabafos... Muitas navegações, muitos fluxos, muitas trocas. Assim, uma confiança foi sendo tecida entre nós.

E logo nos meus primeiros passos ali, fui percebendo um pouco das linhas de força que tensionam, movimentam, refreiam e ativam o cultivo de possibilidades de enfrentamentos tão rizomáticos como os que têm sido construídos naquele quilombo-terreiro de produções *afro-diaspóricas-indígena-nordestinas*. Possibilidades estas que eu apenas pude vê-las e senti-las à medida que encontrava com estas quatro vidas – Dona Edite, Aline, Arakurin e Edna – que ajudaram a chegar em tantas outras e ao tempo que eu permanecia *em Casa*.

O que cabe em uma panela-caldeirão de cultura afro? – a festa do Panelafro

Desci do ônibus e atravessei a M'Boi Mirim apressada. No caminho via a movimentação do largo de Piraporinha. Muitas e muitos sentadas/os conversando, lanchando nas barraquinhas de comida, correndo para tomar o ônibus, seguindo em direção aos seus destinos. De longe vi a Casa de Cultura. Estava tranquila, sem movimentação. Apesar de ser quase 19h30, eu não estava atrasada. Entrei na Casa. Finalmente eu estava no meu primeiro Panelafro! Aquela era a primeira festa do ano e ela acontecia uma semana depois de minha conversa com Arakunrin e Edna. O quintal da Casa estava arrumado com várias cadeiras ao seu redor. Poucas pessoas haviam chegado. “*Será que o povo não vem?*”, pensava eu. Logo avistei Arakunrin próximo ao palco montado para a festa. Segui para cumprimentá-lo. E novamente: um largo sorriso e um forte abraço. Próximo ao palco da Casa, vi Edna terminando a montagem de uma exposição de fotos anunciada para o evento. “*Lindas essas fotos, né?*”, falei ao me aproximar. Fiquei ali um tempo olhando as fotos lindíssimas. Tratava-se da VI Festa do Índio realizada no ano de 2006 na cidade de Bertioga e da qual participavam etnias de vários estados do país. Este festival, conforme partilhado por Edna, foi realizado até o ano de 2013 a cada mês de abril em alusão ao dia do índio e ocorria durante uma semana.

Figura 25: Exposição no Panelafro com as imagens da VI Festa do Índio na cidade de Bertioga em 2006.

Aos poucos as pessoas chegavam. Sentei para esperar. Eram quase 20h00 e a festa ainda não havia começado. Eu estava um pouco preocupada, pois como eu estava sozinha talvez não conseguisse ficar muito tempo. Mas eu fiquei... meu retorno foi de ônibus e trem com Edna, como aconteceria em quase todos os Panelafros que vivenciei. Alguns retornos foram tensos, pois eu literalmente corria contra

o fechamento das estações do metrô, considerando as várias baldeações pelas linhas amarela, verde e azul. Em uma dessas não consegui... mudei minha rota e aguardando minha carona, eu seguia na companhia do segurança do metrô que postergou por alguns minutos o fechamento da estação. Próxima a ele, eu seguia vendo uma funcionária limpando solitária a estação. *“Chegou bem, Valéria?”*, perguntava Edna pelo celular. *“Estou no carro, a caminho de casa. E você, chegou bem?”*. *“Sim, já estou pronta para dormir”*. Das experiências que muitos e muitas vivenciam cotidianamente, como vi diversas vezes, ao constatar os rostos preocupado e os corpos em tensão que se deslocavam correndo pelas escadas e corredores do trem e do metrô. Em ocasiões como esta, eu indagava como a cidade de São Paulo, ainda que os trens precisem de manutenção, não possui um horário mais estendido de funcionamento das linhas de metrô e trem. Do valor que certas vidas possuem...

Figura 26: Funcionária limpando a estação Paulista do metrô no horário de encerramento das atividades.

“Som! Um, dois! “Um, dois!”. O som estava quase pronto. Eu permaneci sentada. De onde estava, via o movimento de vários e várias artesãos/artesãs que expunham seus produtos nas mesas dispostas ao redor do palco da Casa. Eram roupas, bolsas, bijuterias, chapéus... diversos produtos. *“Boa noite, Panelafro! Pode chegar!”*, era o que dizia Arakunrin. Ao som da percussão do grupo Espírito de Zumbi as pessoas foram se achegando... uma coreografia coletiva foi iniciada. Assim, ele começava o primeiro Panelafro do ano... o primeiro de vários que vivi ora sozinha, ora na companhia de André, Ana Silva e Fernando. E foram muitos encontros naquela panela-caldeirão afro!

Ciranda 🎵🎵🎵

*“Ô cirandeiro, faz ciranda
o tempo inteiro.*

*“Ô cirandeiro, faz ciranda
o tempo inteiro. Essa
ciranda de tantas cores...”*

Dança afro 🎵🎵🎵

*“Preto velho, ê, ê. Preto
Velho êa.*

*Preto velho é rei de
Angola. Preto velho é de
Angola, Angola...”*

Grupo Espírito de Zumbi

Figura 27: Dos encontros no Panelafro – ciranda, dança afro e Grupo Espírito de Zumbi

Capoeira 🎵🎵🎵

- Arakunrin: “Como vai você?
Como vai você?”.
- Participantes: Dona Maria
como vai você?
- Arakunrin: Joga bonito que
eu quero aprender...
- Participantes: Ai, ai, ai...
- Arakunrin: vai jogar
capoeira, na roda de
sexta-feira, no Panelafro...”

*Panelafro - festa junina
Quadrilha do Grupo Flor de Lis*

*Panelafro - festa junina
Quadrilha*

Panelafro - festa Junina: Capoeira

Ative tudo
Ative o dom
Ative o mundo
Estive cego
Estive surdo
Estive atado
(...)
Estava na hora da reativa
Atividade
Ativa a gente
Cultura ativa, ativa a mente
Cultura ativa, ativa a mente

* Poema Atividade de Márcio Batista

- Participantes: “Uhu, dona Edite! Uhu, dona Edite!
Uhu, dona Edite!”

Figura 28: De outros encontros no Panelafro – Capoeira e Festa Junina

Figura 29: Panelafro realizado em 2020 após a conclusão da reforma da Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim (Foto: Fernando Lopes).

- Há 20 anos realizamos um evento chamado Panelafro. Um evento de manifestação popular.
- Como pensaram nele?
- O embrião foi na época em que o axé estourou. Em São Paulo inclusive era diferente da Bahia. A gente conhecia era o que aparecia na tv. Muitas pessoas, inclusive do Espírito de Zumbi, porque aqui tinha uma oficina de axé que era a mais lotada, vinham conversar comigo num estado de condenação da oficina. Minha reflexão foi: enquanto a gente estiver gastando nossa energia condenando o outro, vamos nos encerrar nisso. Se não estamos contentes, vamos fazer um contraponto. Comecei a pensar na ideia do Panelafro porque a gente fazia uma vivência aqui dentro do salão de samba de roda com a roda de capoeira, e começou a me vir essa ideia de fazer um evento mensal na Casa em que a gente estaria dando oportunidade para as pessoas conhecerem um pouco da cultura popular, da cultura afro, que a mídia não mostrava. Deixa a mídia continuar mostrando o que é de interesse dela e vamos fazer uma cultura viva dando oportunidade para as pessoas conhecerem. Vamos ver se elas vão gostar. Se gostarem, vão ficar. Quando pensei o nome, me veio: vamos fazer, várias manifestações ciranda, samba de coco, samba de roda, capoeira, afoxé, tudo isso no mesmo dia, no mesmo caldeirão. Aí me veio a ideia de Panelafro, panela afro, panela de cultura. Quando falei o nome, o povo estranho. E no dia a gente serve simbolicamente aquele pratinho para a comunidade, gratuitamente, sempre tirando do nosso bolso, sem apoio governamental, da prefeitura, sem nada. Isso já vai para 14 anos. Hoje em dia pouco se ouve falar do axé, nem tem mais a oficina na Casa e você vem no Panelafro é uma vivência, uma reunião de mais de 300 pessoas. Vem de várias regiões. Vem pessoas da Alemanha, de vários países da Europa para vivenciar. Eles vêm como um intercambio através do Favela da Paz e do Monte Azul. Numa divulgação de boca a boca, as pessoas vinham e sentiam a energia, a gente faz um palco e um terreiro, a gente faz com verdade, a energia envolve as pessoas.

Figura 30: Panelafro realizado em 2020 após a conclusão da reforma da Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim com a participação do Bloco É di Santo (Foto: Fernando Lopes).

Eu sou negra, mas a minha construção veio a partir do momento que fui procurar a Casa de Cultura de M'Boi Mirim para fazer as atividades. Pensei: vou fortalecer a identidade negra do meu filho e vou achar uma turma para mim. A primeira coisa que aconteceu foi achar uma turma para mim, na época conheci o Robert Felsen e a Gal Martins. Eles organizavam o grupo de teatro Improvisos. Foi lá que conheci o IluOkan, o Arakunrin, o Gilberto, o Euler, o Rabi. Todo o pessoal. Fui fazer essa formação em alfabetização que falei e na sequência peguei uma sala de alfabetização na própria Casa de Cultura. Com o tempo, comecei com uma turma de manhã e à tarde [...] eu e meu irmão não somos retintos. Meu pai é negro, mas não retinto. Minha mãe é vermelha, é índia, criada na raça. Tenho antepassados de índio e português e negro e português. Depois que meu filho nasceu, que se tem uma criança negra em casa, é que fui linkando as coisas. Você não nasce mulher, você se torna mulher. Não nasci negra, me tronei negra. Meu pai não se vê como negro e nem o neto. Eu estava começando a trazer essas coisas, ainda não estava na Casa de Cultura. Quando entro e começo a fazer dança afro, olhei: “gente sou negra”. Quando ouço sobre samba de roda: “perai, cresci ouvindo falar de samba de roda na minha cidade na Bahia, que é de onde vem meu povo. Como isso não é meu?”. Entro na roda e assumo que isso é meu. Era um pedaço da minha construção da identidade que não sabia. Cresci com minha mãe fazendo vatapá. Esses elementos são meus e essa identidade é minha também. Território negro é onde estão minhas raízes. Minha pele pode não dizer isso, por conta da miscigenação, mas é o que me é latente, verdadeiro, é da minha experiência. A Casa de Cultura foi minha maternidade. Acolheu a mim e ao meu filho. Tinha foto dele pequeno na diretoria. Edna foi até a Serra da Barriga e trouxe terra de Palmares. No aniversário da Casa quem espalhou essa terra foi meu filho [emocionada, ela chora]. A Casa me acolheu nessa construção da identidade de mulher negra e a do meu filho também. Digo que tive pessoas-presentes. Foi muito acertado o aceite do convite de ir para a Casa. É um espaço de muito carinho, muita luta, referência de quilombo. Espaço de luta, de aprendizado, de troca. Ela continua sendo esse espaço de construção e de nascedouro de vários outros. Não estou mais lá dentro. Mas participei de muitas coisas lá [...] O Panelafro, sou uma das idealizadoras das histórias dele. Na época do Panelafro, a gente saía pelos comércios da região. O povo me via já sabia. Os comerciantes contribuíam com o que podiam para o prato que é servido na festa. É o que eu digo: tem que fazer, tem que mexer o caldeirão [...]

Capoeira – despedida 🎵🎵🎵

- Arakunrin: “Eu vou embora”
- Participantes “Boa viagem”
- Arakunrin: “Eu vou com Deus”
- Participantes “Boa viagem”
- Arakunrin: “Quem vi ficar”
- Participantes: “Boa viagem”
- Arakunrin: “Fique com Deus...”

- Arakunrin: “Toda última sexta-feira pode chegar que a Casa é nossa. Amor no coração, respeito, humanismo. Isso aqui é feito com a independência do nosso bolso. Tiramos do bolso para fazer e fazemos com a contribuição de todas as pessoas que chegam e somam com a gente. A presença de vocês é fundamental. Sem vocês não teria Panelafro. Essa é a energia da roda de capoeira. Guerreiros, é nós! Guerreiras obrigado pela energia!”

Figura 31: Mais encontros no Panelafro

E no próximo mês... a festa continuou nesta panela-caldeirão afro!

Entre-tempos...⁶⁰

Ao ler a transcrição da minha primeira conversa com Valeria onde eu contava como foi a minha vinda para Casa de Cultura e a história da formação do Grupo Flor de Lis senti a necessidade de falar também dos processos vividos pelos componentes do Grupo, inclusive os meus. O Grupo Flor de Lis sempre teve a característica de ser de maioria mulheres e de idosas. Não era um objetivo essa característica. Acredito que pelas estratégias de trabalhar com a cultura popular, especialmente focando na dança (os homens não se permitem esse tipo de atividade nessa idade; não ser na dança de salão). O grupo se formou com mulheres na maturidade e idosas, embora nunca tenha tido critérios que limitasse a participação como: faixa etária, gênero, etc. Portanto, pela característica do Grupo, o processo de envelhecimento sempre esteve presente na nossa “pauta do dia”. Mais a partir de nossas vivências cotidianas, do que discussões teóricas. Esse processo sempre teve “nome e sobrenome” nas discussões do grupo e quando necessário, informações para ampliar a compreensão.

Outro aspecto também muito presente no grupo foi sempre a “Ser mulher, Idosa e das classes populares”. As mulheres (especialmente dessa faixa etária) foram educadas para obedecer: aos pais, ao marido e servir a ambos e cuidar, especialmente da família. Sua “missão” era casar, ter filhos e cuidar da prole, geralmente grande. O seu espaço se restringia a casa em especial, a cozinha. Seu processo criativo e de expressão se chamava “dotes domésticos”. As mulheres educadas para servir. Viver em função da expectativa e do desejo do outro. Sem a oportunidade de experimentar e liberdade de criar fora do contexto familiar. Assim encontramos muitas destas mulheres tolhidas corporalmente. Com muitas dificuldades liberar os seus dos movimentos. Com culpas por não estar em casa e servir o almoço quentinho e feito o arroz fresco para o marido. Com vergonha de dançar e dificuldade de acompanhar um ritmo porque nunca se ateu aos seus movimentos corporais: “meu pai nunca me deixou dançar”. “Estou muito velha pra rebolar na frente dos outros”. O que dizer da dificuldade de identificar e aceitar suas emoções, vontades, seus desejos, sonhos, liberdade decidir e confrontar com as expectativas familiares. Visto que estas expectativas estavam introjetadas e anexas ao “papel” de ser boa mãe, boa esposa, “mulher direita” “to muito velha pra isso”. Ou seja, esse sempre foi o desafio do trabalho grupal: como ir tirando essas “carapaças” físicas e emocionais? Sem que estas se sentissem muito expostas e pudessem ter o prazer de se expressarem inicialmente dentro do grupo e posteriormente em apresentações públicas.?

São estas mulheres de 70, 80 e até 90 anos que nesse processo grupal foram descobrindo que poderia, dançar, brincar, cantar, e até desfilar num tapete vermelho sem se sentirem ridículas, julgadas e aceitando a passagem do tempo em seus corpos e poder conviver com suas barrigas, peitos flácidos, rugas. Podendo rever o modelo de que “bonito é um corpo de 20 anos” e sem aquela sensação de “no meu tempo” O nosso Desfile de Modas da Terceira Idade que teve 13 edições sempre no final de setembro. Celebrando o Dia Internacional do Idoso em 1º.10. Tem como o lema “A beleza e a simpatia

⁶⁰ Sobre entre-tempos Deleuze e Guattari nos falam: “Quando subimos para o virtual, quando nos voltamos para a virtualidade, que se atualiza no estado de coisas, descobrimos uma realidade inteiramente diferente, onde não temos mais de cuidar do que ocorre de um ponto a outro, de um instante a outro, porque ela transborda toda função possível. De acordo com os termos familiares, que se pode emprestar de um cientista, o acontecimento “não se preocupa com o lugar em que ele está, e pouco se importa em saber o quanto ele existe”, de modo que a arte, e mesmo a filosofia, podem apreendê-lo melhor que a ciência. Não mais é o tempo que está entre dois instantes, é o acontecimento que é um entre-tempo: o entre-tempo não é eterno, as também não é tempo é devir. O entre-tempo, o acontecimento, é sempre um tempo morto, lá onde nada se passa, uma espera infinita que já passou infinitamente, espera e reserva [...]. Todos os entre-tempos se superpõem, enquanto que os tempos se sucedem. Em cada acontecimento há muitos componentes heterogêneos, sempre simultâneos, já que são cada um entre-tempo, todos no entre-tempo que os faz comunicar por uma zona de indiscernibilidade, de indecidibilidade: são as variações, modulações, *inter-mezzi*, singularidades de uma nova ordem infinita (2010 p. 187)

O Desfile é o momento em que somos acarinhadas, pelas nossas famílias e amigos e nos mostramos na nossa versão bonita, cuidada e majestosa. Podemos sim, desfilar num tapete vermelho e receber flores, aplausos e nos sentir lindas, empoderadas nos nossos 70, 80 ou 90 anos. E para muitas este foi o início de uma mudança na sua dinâmica familiar. Agora já se percebia não só como mãe, avó, dona de casa. Já se permitia a ter vontades, a identificar o que lhe dava prazer, a se permitir dançar diante de outras pessoas sem a censura do ridículo, a perceber o seu corpo, os seus movimentos, a brincar como fazia na sua infância e adolescência. Sentir novamente emoções prazerosas que estavam, então, adormecidas nas lembranças. E poder confrontar com aqueles estereótipos de “naquele tempo eu era feliz” ou “Agora os meus filhos estão criados: minha missão está cumprida”.

Foi neste contexto de resgate de nossas vivências prazerosas na infância e adolescência que a cultura popular se tornou uma das nossas formas de expressão do grupo. Tínhamos essa vivência inicial e procuramos ampliá-la e aperfeiçoar através de oficinas com arte educadores. Surgiram assim, as nossas apresentações públicas e com elas a possibilidade de levarmos as novas gerações esses conhecimentos. Expandimos, assim, nossas apresentações para outros grupos da Casa de Cultura, Escolas, praças, Centros Culturais... Com essas apresentações, outras questões se apresentavam. Estávamos também, confrontando os estereótipos de outras pessoas do que “é ser Idoso”. A nossa simples presença num palco, com nossas saias coloridas, já era um impacto para aqueles jovens. Quando chegávamos observávamos aqueles olhares ou sorrisinhos tipo “O quê estas tiazinhas estão fazendo aqui?” Mas percebíamos que os olhares e sorrisos (de espanto ou deboche) que iam se modificando durante a apresentação e no final, muitos acabavam se soltando e entrando na nossa grande roda de ciranda. E vir depois nos abraçar e dizer “ah queria que minha mãe, avó ou tia participasse dum grupo assim “

Com a proposta de apresentações públicas atingíamos duas de nossas missões: valorizar e levar as vivências da cultura popular e a outras gerações. Manifestações culturais que muitas vezes os jovens das metrópoles não conhecem e a possibilidade provocar um novo olhar sobre “o ser idoso, instigando o repensar sobre conceitos estigmatizados. Nossas vivências em grupo possibilitaram transbordar esse espaço não só coletivamente, mas também individualmente. Muitas vezes no nosso tempo de encontro de 3 horas semanais e propostas grupais já não comportavam todas as nossas descobertas individuais específicas: aperfeiçoar habilidades, dons aflorados, aprofundar a técnicas, necessidade de ampliar conhecimentos específicos... Transbordamos para outros espaços. Várias de nossas participantes começaram a participar também de outros espaços, grupos em busca de ampliar os seus horizontes ou aperfeiçoamento. Ou seja, foram florescer também em outros jardins. Os exemplos são muitos. O mais conhecido é de Edite que descobriu no Grupo Flor de Lis a sua capacidade de declamar e sua memória prodigiosa para a poesia. Como não tínhamos um espaço específico só para a poesia a levamos a Cooperifa, lá ela teve a possibilidade de aperfeiçoar este seu dom e fazer da poesia a sua nova forma de se expressar e de estar no mundo. Personificando a superação (pela perda da visão) e se tornando a “Dona Edite a Diva da Cooperifa”

Mas temos muitos outros exemplos Eliana que descobriu o valor de sua linda voz e hoje expandiu esse dom para vários outros grupos, corais, apresentações públicas e até conquistar o sonho em se tornar profissional da música tirando sua carteira de Ordem dos músicos. Dóris que se arriscou com a criação do palhaço “Pirimpimpim”, esquetes de Maria Bonita. Além do seu trabalho de doceira de primeira reconhecida no pedaço. Cidoca nossa miss que já brilhou em outros tapetes vermelhos, que canta, dança, cria versos e mais recentemente músicas e participa também de outros grupos: de coral, de dança.... Helena que já trouxe na bagagem sua linda voz e capacidade de compor lindas músicas e o Grupo tem sido hoje, sua fonte de inspiração para criar. E temos, atualmente, quase uma dezena de lindas canções suas e ela continua também com seu trabalho de evangelização em outros espaços.

São muitos exemplos de como essas mulheres ampliaram os seus horizontes e puderam também “florescer em outros jardins” Em grupos de Tai Chi Chuan, coral, outros tipos de dança, ginástica, bailes, atuações em comunidades religiosas, sociais, asilos, ajuda a vizinhos, família, etc.. Seu espaço já não está mais restrito ao espaço da casa, da cozinha, da família, quando muito incluía o espaço religioso. Ou seja, a vivência no Grupo Flor de lis possibilitou a expansão do seu estar no mundo. Hoje elas estão no Grupo Flor de Lis, mas germinam e florescem e contribuem e se tornam protagonistas outros espaços também. O Grupo Flor de Lis é também um espaço de acolhimento de artistas que querem expandir e compartilhar sua arte e seus conhecimentos culturais.

Tivemos um grande mestre popular que vindo de Minas Gerais trouxe, juntamente com sua família, a Folia de Reis e a Congada. E na região desenvolveram por alguns anos essas tradições. Contudo, em consequência da cultura de massa e a “aculturação” das novas gerações. Seus descendentes foram se afastando dessa herança cultural. Em consequência, havia mais de 10 anos que não realizavam mais a Filia de Reis e as Congadas.

Mestre Raimundo Honorato com mais de 80 anos se sentindo doente e vendo a vida se esvaindo, se sentia triste por não ter mais a possibilidade de realizar as suas tradições, ou pessoas de sua família que quisessem continuar a cultivar esse legado. Sem alguém para quem passar o seu bastão de “Mestre” e nem mesmo para quem valorizasse e quisesse conhecer a linda bagagem da cultura popular tradicional que ele trazia. Foi assim que chegou até nós Mestre Raimundo; trazido pela sua cunhada: Jandira Amaro, a nossa Didi.

Nestes anos que ficou conosco ele nos apresentou o seu bastão de mestre da congada, a Bandeira dos 3 Reis Magos, e compartilhou conosco seus ensinamentos e muitas lindas canções e tradições da “Congada Mãe África e da Nossa Senhora do Rosário” das Famílias Honorato e Amaro. Tradições e a religiosidade cultivadas nas Irmandades Negras de Minas Gerais. Conseguimos acolher e absorver parte dessa cultura, através das musicas e danças da Congada. Contudo as limitações e as especificidades do Grupo nos impossibilitaram de aprofundar nos conhecimentos da Folia de Reis e, infelizmente, estas tradições se foram com ele. Mas tivemos a felicidade receber os seus ensinamentos e de oferecer a ele, em seus últimos anos de vida, a alegria de se sentir acolhido e valorizado em suas tradições e ele continua vivo em nós. “Chega, chega periquito aruê. É da nossa companhia aruê. Aruê viva! Aruê viva!” Chega, chega Mestre Raimundo aruê. É da nossa companhia aruê. Aruê viva!! Aruê Viva!!! Estará sempre conosco.

Dentre os arte-educadores que já nos presentearam com seus ensinamentos: Ted, Osvaldinho, Fiona. Hoje temos a felicidade de ter Geraldo Magela Boaventura. Nestes últimos 5 anos toda quarta-feira, ele levanta cedo, coloca o seu violão nas costas e sai de sua casa em outra cidade: Taboão da Serra. Toma vários ônibus para estar conosco e partilhar sua musicalidade e seu talento. Isso voluntariamente, sem receber um centavo, mas sim, tirando dos parques rendimentos de seu trabalho artístico. Geraldo Magela além de cantor é excelente compositor (tem lindos CDs gravados), toca vários instrumentos é um grande incentivador da cultura popular. É também o criador e coordenador do Espaço Cultural “Candearte”.

Sua participação e coordenação musical possibilitaram ao grupo um salto de qualidade na área musical. Quer seja, auxiliando os demais participantes para a criação de novas canções, como através do trabalhado com arranjos das nossas musicas (vozes, instrumentos) e/ou coordenação musical nas apresentações e gravações em estúdio. Com a chegada de do mestre Raimundo, Geraldo Magela, Sr. João com seu banjo (trazido por Mestre Raimundo, de sua antiga turma da folia de Reis) e a grande capacidade de composição de Helena. O grupo ampliou sua musicalidade.

Desde então não somos mais um grupo com uma única canção que consideramos nosso hino “Flor de Lis” musica a nos foi oferecida por Arakunrin - Jonas Gariglio Barbosa, que também é um Flor de Lis e esta conosco desde sempre e nos acolhe e acompanha em tudo que precisamos. É importante ressaltar que nestes 20 anos de existência, o Grupo Flor de Lis sempre teve a colaboração, a ajuda e o respeito dos amigos (de dentro e de fora da em da Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim) em qualquer atividades que desenvolvesse, com exceção de coordenações com “cargos políticos”.

O Processo musical está se ampliando para outros participantes Cidoca, Edna, Aline também vem produzindo musicas para o grupo. Em nossas apresentações agora só usamos as nossas próprias musicas e estamos em processo de gravação de nosso primeiro CD “Flor de Lis EnCanto”

É impossível falar do Grupo Flor de Lis sem falar de Aline Lima. Ela está conosco há mais de 10 anos. Ela foi chegando ... como é seu jeito tímido, de mansinho, delicadamente, mas amorosa, sensível e muito talentosa. Trazendo sua experiência de Brincante e estudos da Cultura Popular para ser nossa professora e ampliar as experiências de nossas vivências de danças e folguedos da cultura popular e já iniciáramos antes. Criando com o grupo varias coreografias a partir dessas danças. De duas ou 3 danças tradicionais que tínhamos em nosso repertorio hoje temos 17, 18.

Aline como todo o grupo também foi se soltando, se sentindo mais confiante como uma borboleta que esquentas suas asas ao sol. Foi buscando mais conhecimentos se sentindo mais confortável com seus talentos; acreditando que podia voar por outros espaços, de trabalho e de conhecimentos. Ser só brincante, arte educadora, coreografa não lhe bastava. Queria saber mais, ter mais conhecimento. Queria cursar uma Universidade. Por que não cursar uma Universidade como a USP? Porque não ser também, uma profissional que trabalha com o corpo e a saúde? Tudo isso ela conquistou ou está prestes a conquistar. Hoje estamos vendo essa linda borboleta saindo do seu casulo, com suas lindas asas coloridas de brincante, pintadas com os seus múltiplos talentos artísticos (dança, canto e toca instrumentos musicais), e com excelente performance de arte educadora e coreografa. Com sua personalidade serena e afável, conquista a todos. Presenciamos o afloramento de sua capacidade de liderança. O aprimoramento de seus múltiplos talentos e de sua busca e aprimoramento por conhecimentos. Nos sentimos gratos, por compartilhar esse processo de empoderamento pessoal e profissional dessa linda borboleta. Novos, lindos e recompensadores voos há de vir.

Falar sobre o Grupo Flor de Lis é falar de mim mesma. Esta convivência já dura 1/3 de minha vida. E um período que engloba o final da minha maturidade e inicio da chamada terceira Idade. O meu processo de envelhecimento é compartilhado com todos os participantes do grupo. São mais de 20 anos de convivência com algumas e com certeza, mais de 15 anos com a maioria. Embora na média, elas tenham por volta de 10 anos a mais que eu. Temos em comum, as mesmas origens de migrantes e as ancestralidades do povo brasileiro índios, negros e brancos (em menor grau para várias). Viemos para São Paulo na década de 60, vindas de vários estados do Brasil. Em busca “uma vida melhor” trazendo na mala o nosso apego às nossas raízes e as felizes experiências com a cultura popular.

Comecei a trabalhar aos 14 anos como a maioria, contudo meu trajeto começou a se diferenciar, pela possibilidade da educação. Através do trabalho pude pagar com o meu salário duas Universidades, especializações e posteriormente o fazer o mestrado numa Universidade pública, a USP e me habilitando, assim, a prestar concursos públicos de professora e psicóloga nas Redes Estadual e Municipal. Através do serviço público reencontrar as “minhas iguais” que não tiveram as mesmas possibilidades que eu. Inicialmente ainda na “ativa” no cargo público e posteriormente já na situação de trabalho voluntaria como aposentada desde 2003.

Contudo para o grupo e no grupo essa formação não faz diferença. Faço questão de não valorizar, inclusive algumas acho que nem sabem dessa formação. A psicologia sempre foi na minha concepção um instrumento pra ajudar a compreender e auxiliar no crescimento das pessoas e nunca para rotular a dor alheia. E títulos, muitas vezes, afastam e criam barreiras entre as pessoas.

Mas voltando ao meu relacionamento com o grupo, sempre foi aberto, de diálogo e enfrentando as dificuldades tanto minhas quanto delas. Os projetos do Grupo sempre foram a partir de suas demandas, necessidades e sugestões e as decisões discutidas e tomadas coletivamente.

Estou vivenciando o meu processo de envelhecimento juntamente com o grupo, partilhando as mesmas inseguranças, perdas, alegrias, lidando com meus limites, impotência, onipotência às vezes. Medo da finitude e desejo de contribuir para um mundo melhor e mais igualitário para todos. Tendo que aceitar que não podemos mudar o mundo, mas ainda tentando ajudar a mudar vida das quem esta próximo. Assim como todo Grupo Flor de Lis, tenho projetos, tenho com quem compartilhar as minhas vivências e os meus sonhos.

Ou seja, o Flor de Lis me faz querer continuar lutando pra mundo melhor pra todos; acreditando no ser humano; a ter esperança no futuro da humanidade. Embora com as dificuldades atuais da Casa de Cultura, do país, do mundo, o Grupo me fortalece para enfrentar as lutas pessoas e coletivas.

A força da transformação das pessoas do Grupo Flor de Lis que transbordou para suas famílias, para outros grupos e através das participações públicas está espalhada. Os “pedacinhos de nós” que foram levados por muitos que passaram pelo grupo e hoje não estão mais segurando a nossa mão, às vezes nem sabemos mais onde estão, deixaram também os seus “pedacinhos” em nós; na lembrança do seu sorriso, lágrimas, fotos...

Sentimos também a falta dos que viraram estrela e se foram para sempre, dos que estão sem condições de saúde e de autonomia para estar conosco. Mas continuam fazendo parte da nossa história.

Nos sentimos também fortalecidos por saber que temos “pedacinhos” espalhados pelo mundo, e que mesmo de longe acompanham os nossa caminhada, torcem e festejam as nossas conquistas ou mesmo outras pessoas que conhecem o Grupo somente através de vídeos e fotos. Sabem que na periferia de São Paulo tem um grupo chamado Flor de Lis, de idosos, com muitas mulheres, que com suas saias coloridas trabalha com a cultura popular. Que tem como missão (estampada em sua camiseta) “Ser Idoso e ser vitorioso”. Mulheres que vivem o seu processo de envelhecimento quebrando os estigmas que lhe foram impostos estão construindo outros paradigmas para sua existência. “Criando um imenso bordado de nós”, como diria Cris Pizzimenti, em seu poema declamado por Edite.

Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".

Edna Maria Santos

**Aonde a implicação
com os modos de
viver pode nos levar?**

Cheguei à Casa de Cultura faltando quase trinta minutos para o início do grupo. Logo que cheguei vi duas crianças correndo de pega-pega. Vi ainda duas adolescentes ensaiando passos de dança no palco na companhia de duas outras que seguiam observando atentamente cada movimento realizado. O quintal da Casa estava bem tranquilo. Decidi sentar em um pequeno tablado de madeira que estava próximo à entrada da sala onde ocorriam os encontros do Flor de lis. Não demorou muito e vi sr. Raimundo despontando no portão de entrada da Casa. Lá vinha ele no seu ritmo, bem devagarinho. Sua imagem me alegrou. Ele estava com uma calça clara, tênis e casaco azul marinho que só não estava todo fechado pela presença de um cachecol cinza. Aquela tarde estava fria, apesar do sol. Fazia um *sol frio* como diz minha conterrânea Ana Silva.

Ao ver-me, sr. Raimundo sorriu. O sorriso de sr. Raimundo me alegrou ainda mais. Sorri para ele. Na cadência de seus passos curtinhas, ele veio em minha direção. Quanta formosura! Quando chegou próximo, logo senti seu perfume. Um agradável aroma de notas cítricas. Um frescor. Uma calmaria. E uma nova alegria, agora por sua presença ao meu lado.

“Boa tarde, tudo bem?” disse ele ao se acomodar no tablado. Na sequência perguntou: “*Que horas são?*”. “Faltam vinte minutos para às duas horas” respondi. E sem que eu tivesse perguntado: “*Na quarta-feira de manhã era melhor porque nesse horário a condução passa lotada aí*”. E continuou: “*na saída a Aline me deixa lá*”. Ele se referia à carona que Aline dava a ele e a Dona Edite e Zazá após os encontros do Flor de Lis. “O sr. mora aqui perto?”, perguntei. E do nome que ele disse consegui entender apenas a palavra “Leite”. Naquela altura algumas crianças e suas acompanhantes já tinham chegado na Casa para atividades da tarde. E ao chegarem algumas ficaram próximas de nós no tablado que também se tornou um local de interesse para o aguardo das atividades e tendo em vista os poucos bancos no quintal da Casa. O barulho que se intensificava e a fala baixinha de sr. Raimundo exigia que eu abrisse meus ouvidos o máximo possível.

E sr. Raimundo continuou contando onde morava. “*Sabe o sacolão aí?...*”. “Boa tarde, tudo bem?” disse uma Flor de Lis ao chegar com o largo sorriso de sempre. Ela cumprimentou sr. Raimundo com um abraço e um beijo no rosto e na sequência estendeu a mão para mim. “*Sua mão está quentinha, a minha está gelada*”, disse ela. Naquela altura sr. Raimundo continuava tentando contar onde morava: “*Você pega a Bento Leite de Souza, segue ela, passando ela um pouco entra à esquerda e depois à direita*”. Enquanto seguia explicando passou um moço que ao olhar para sr. Raimundo foi cumprimentado por este com um aceno e um “oba!”.

Naquele momento o quintal da Casa já estava bem movimentado. As crianças corriam enquanto aguardavam o início da aula de dança, as acompanhantes falavam alto bem próximo de nós e eu continuava tentando escutar sr. Raimundo. Então a Flor de Lis falou: “servida!” estendendo um pacote de bolacha. E continuou: “*Eu com vontade de comer doce. Mas não posso comer doce. E pensei comigo:*

vou comprar uma bolachinha". "Não pode comer doce por que?", perguntei curiosa. "Não, posso por causa de labirintite. Fiquei ruim esses dias. Está com quinze dias que eu vim aqui no grupo. Faz duas segundas que eu não venho. Muito doce não pode. É inimigo 'do labirintite'". "Entendi. Mas às vezes dá uma vontadezinha e a gente come, né?", dizia a ela. "Aí, deu uma vontade! Ia comprar bala, mas falei: não, vou comprar uma bolachinha para tapear a vontade", dizia rindo.

Então sr. Raimundo disparou: "onde você mora?". "Eu?" respondi. Aquele "eu" demorou longos segundos para ser emitido, pois lembrei das palavras de uma Flor de Lis em um outro encontro do grupo ao ouvir a resposta de onde eu morava: "Hum, Vila Mariana. Você é chique!". Responderia eu na mesma linha como o fiz para ela?: "Chique, nada! Eu sou estudante, sou bolsista, moro de aluguel. Não sou chique, não". Naquele dia senti no corpinho a dureza de ser julgada. Neste mesmo episódio lembrei de Claudio Miranda do Favela da Paz que havia me contado sobre os valores elevados de imóveis comerciais na região de M'Boi Mirim ao citar que sua irmã tinha um consultório no local: "Engana-se quem pensa que estar aqui é barato", dizia ele. A questão de sr. Raimundo, que me provocou um desconforto, agenciou a lembrança de experiências que me faziam pensar que os modos como transitamos, habitamos e nos ocupamos do espaço é composto por muitos planos para além de sua dimensão geográfica. Um desconforto necessário que me levou de volta ao ponto fundamental da minha caminhada: *quem é o outro e como ele se ocupa e é ocupado da produção da sua vida pelos múltiplos territórios que o compõem e que habita?*

Com a pergunta de sr. Raimundo meus pensamentos foram e voltaram longe, ziguezaguearam naqueles segundos, pois muita coisa poderia ser convocada para a cena novamente. E ao ouvir minha resposta sr. Raimundo respondeu: "ixi!". Naquele momento não senti outra vez o desconfortável peso de um juízo de valor. E ele seguiu: "Você está passeando?". Eu não tinha certeza se ele estava no encontro em que eu havia partilhado meu interesse de estar na Casa e sobre minhas andanças pela região e pelo Flor de Lis. E retomei o assunto: "Estou fazendo uma pesquisa na região para conhecer as pessoas e os grupos que acontecem aqui. Isso faz parte de um estudo que estou realizando. Por isso que estou vindo aqui na Casa. Já fui em vários grupos. Fui em um aqui perto chamado Capulanas Cia de Arte Negra". E a Flor de lis comentou: "Esse não conheço!". E sr. Raimundo prontamente perguntou: "tem capoeira lá?". Então expliquei: "Capoeira não tem. Têm várias atividades, encontros de dança, música, rodas de conversa. É um grupo de teatro". "Aqui tem o Flor de Lis. Congada. Você já ouviu falar da Congada?". A pergunta de sr. Raimundo foi o passaporte para a inesquecível viagem que viveríamos.

Então ele começou a contar: *“Fui eu, a Aline e a Edna lá no perto do Poupatempo⁶¹ assistir Congada. O moço falou que era Congada. “Tá tudo certo! Era a Congada de Santa Ifigênia”*. Eu estava com dificuldade de ouvir sr. Raimundo, pois além de ele falar baixinho, muitas gentes seguiam falando bem alto ao nosso redor. E naquele instante começou um barulho forte de motor que logo entendi ser da máquina de moer cana na barraca de pastel logo em frente à Casa. Entrei em desespero!

Pensei em pedir para mudarmos de lugar, mas, além da dificuldade de conseguir um espaço silencioso, a percepção que tive foi a de que algo poderia *se quebrar* naquele delicado instante caso saíssemos dali. Enquanto sr. Raimundo atualizava vivamente a Congada que havia assistido na companhia de Edna e Aline no centro da cidade. E no meio do barulho consegui entender: *“Congada Mãe África e Nossa Senhora do Rosário”*. “Essa era a congada lá da Santa Ifigênia?”, perguntei. “Não. Essa era a nossa Congada. Andei 20 anos, 25 anos e vim para cá explicar para eles. A nossa Congada é...”. E naquele instante voltou a funcionar a máquina de caldo de cana.

Entre um rugido e outro perguntei: *“Era o que, Congada indígena?”*. “Era, porque a nossa congada usava a tanga vermelha e azul. Do lado da Caixa usa tanga vermelha. Não, usa a tanga azul, e do lado do instrumento de corda usa a tanga vermelha. Faz duas filas a Azul...”. Nesse momento falamos juntos: *“e a vermelha”*. A Flor de lis então disse: *“é a saia vermelha, né?”*. E imediatamente sr. Raimundo a corrigiu sorridente: *“Saia, não. É tanga!”*. Rimos os três. E ele seguiu: *“Os capacetes era tudo de pena. ‘Nós usava’ antigamente. Está muito difícil deixar do lado da Caixa a pena azul. Deixamos tudo azul para ficar mais fácil”*. A conversa foi interrompida: *“Boa tarde. E essa onda de frio?” disse uma Flor de Lis ao chegar*. *“Agasalhadinhos a gente aguenta”*, brinquei agoniada para voltar à conversa com sr. Raimundo. *“É, se não for não aguenta, né? Já começou a aula?”*, dizia ela. Respondi que o grupo ainda não havia começado.

E nossa prosa foi retomada, no tempo de sr. Raimundo. *“Ainda acontece a Congada?”* perguntei. *“Sempre eu vou com eles na Flor de Lis. A gente apresenta a Flor de Lis e a Congada porque muita gente não conhece. Folia de Reis também. Eu comandeie por 25 anos”*. “Nossa, que bonito!” respondi comovida ao ouvi-lo contar. Inesquecível o brilho que irradiava dos olhos de sr. Raimundo, desejosos por compartilhar sua história com a Folia de Reis, e que era acompanhado de discretos sorrisos que ocupavam o cantinho de sua boca. E logo ele disse num tom de pesar: *“Mas ficou só eu”*. Vários de seus companheiros da Folia de Reis haviam partido.

Então ele começou a contar sobre os instrumentos de corda que compõem a Congada, citando um nome que não consegui entender: *“Faz nove anos que ele morreu”*. E tem um outro no Banjo. Ele

⁶¹ O Poupatempo foi criado na gestão do governador Mário Covas em 1996 e atualmente conta com setenta unidades no estado nas quais são realizados serviços como emissão de cédula de identidade, de carteira profissional, de carteira nacional de habilitação e de licenciamento veicular. <https://www.poupatempo.sp.gov.br/>

toca cavaquinho também. Ele estava na Congada e na Folia de Reis". Sr. Raimundo se referia à sr. João que também participava do Flor de Lis, um de seus antigos companheiros de andanças: E ele seguiu contando um pouco mais sobre seus caminhos:

- Era em São Paulo tecia essa Congada que o sr. comandava?
- Era. Ela veio de Minas. E muito grupos teve aqui. Congada, Moçambique, Marujada. Tudo veio lá de Minas. Folia de reis foram seis. Quanto um cansava o outro entrava. Andei muito aqui. Fomos no ginásio do Ibirapuera, no Teatro municipal. Fomos em bastante lugar. Aí a turma foi enfraquecendo. Só ficou eu dos Foliões e aquele lá que você viu aqui no grupo.
- Em meio ao barulho ouvi: Estou pelejando. Minha esposa morreu, ela acompanhava tudo. O que você acha? Por que existe Folia de Reis, você sabe?

A pergunta de sr. Raimundo me desterritorializou. Eu não lembrava ou eu não sabia??? Fiquei perdida. A questão que fica: qual o problema de não saber? Ali, diante de sr. Raimundo, experimentei a alegria de um *não saber in-mundo*⁶². Mesmo imersa na conversa, por alguns instantes emergia lembrando que o grupo logo começaria. Se pudesse, pararia ou pelo menos deixaria mais lento o tal do tempo do relógio para que o grupo demorasse para começar e pudéssemos continuar ali. Naquele momento, a composição do encontro era: eu querendo ouvir mais e sr. Raimundo querendo falar mais. Até que seria justo mudar o curso do tempo, que eu temia estar correndo contra nós, apesar de nem saber mais que horas marcava o relógio naquele instante.

"*Eu não sei, o sr. sabe me explicar?*" respondi para sr. Raimundo sobre a Folia de Reis. O barulho no quintal da Casa continuava nas alturas, muitas gentes falando próximo de nós e a máquina de moer cana seguindo em sua intermitência. Consegui ouvir sobre: "*aquele que ficava com o rosto coberto na parte de trás da bandeira*". Sr. Raimundo contava sobre os integrantes e seus movimentos na Folia de Reis:

- Posso entrar? Não! Ele não podia entrar porque tinha que tirar a máscara – explicou sr. Raimundo.
- O que acontece se ele entrar com a máscara? – perguntei curiosa.

⁶² A expressão *não saber in-mundo* tem como pressuposto uma das noções, a de *pesquisador in-mundo*, que orientou a pesquisa "Rede de Avaliação Compartilhada Avalia quem pede, quem faz e quem usa" e que dialoga diretamente com a de *pesquisa* interferência no sentido de que ambas permitem problematizar e operar o ato de pesquisar como inacabado, provisória e produzido por uma multiplicidade de caminhos que vão se constituindo em ato. É nesta perspectiva que Abrahão et al (2016) discutem que há outras formas de produção de conhecimento "que não operam na cisão paradigmática sujeito-objeto das chamadas ciências duras, ao contrário, operam na perspectiva da constituição do sujeito pesquisador no mundo, *in-mundo*, com o objeto. Afirmam ainda que neste modo de pesquisar que entende a vida como algo capital, a vida como expressão de subjetividades "é necessário sustentar um exercício de desaprendizagem do já sabido, um exercício de desinstitucionalização do prescrito. Um exercício que convoca como parte integrante do processo da pesquisa a problematização e invenção de si e do mundo. O pesquisador não é neutro, pelo contrário, produz ação política, ativa e, nessa produção, contamina-se ao dar passagens para múltiplos processos de subjetivações e de fabricação de mundos. Nesta perspectiva, o pesquisador in-mundo emaranha-se, mistura-se, afeta-se com o processo de pesquisa, diluindo o próprio objeto, uma vez que se deixa contaminar com esse processo, e se sujando de mundo, é atravessado e inundado pelos encontros" (2016 p 22).

- Antes da vinda de Jesus tinha Herodes. Quando ele não conhecia o Menino Jesus, ele ia para poder [...] A máquina de moer cana não me deixou escutar.
- Os três reis viajaram e ele falou: “já vai para onde? Vou acompanhar”. Ele ia matar. Todo menino nascido sete meses era para ser matado, explicava sr. Raimundo que prosseguia: Então os três reis chegaram lá, largaram o presente no pé do menino Jesus e voltaram. Eles não voltaram pelo mesmo caminho, porque estavam espertos. Ele falava baixo e só consegui ouvir: “Festejando o dia deles”. Então sr. Raimundo começou a cantar: “Vem, vem de volta lá. Vai pelo mesmo caminho. Volta para sua terra. Para o dia festejar. Para o dia festejar”. Aí dia seis de janeiro eles santificaram o dia dos três reis magos.

Passado e presente coexistiam entre cores, cantorias, gestos, danças, adornos, alegrias, tristezas, encontros. E assim chegamos à Festa da Folia de Reis na região

- Aí, pedi para fazer a festa. E nós fez a festa. Nós ganhávamos as coisas, várias coisas”
- O barulho impediu que saber o que ganhavam na festa: Onde acontecia a festa? perguntei.
- Nessa igreja – respondeu apontando para a direção da avenida
- A de Pirapora? – perguntei.
- A gente fazia a festa na comunidade de Santa Edwiges
- Isso em que ano? – perguntei
- Dia 06 de janeiro... dia 06 de janeiro todas as bandeiras São Sebastião, Divino Espírito Santo... todo dia 20 de janeiro ela tem que ser entregue”
- Entrega onde? – segui perguntando
- A Bandeira que faz volta para casa – disse ele
- Para casa?
- Para casa – respondeu com vigor
- O sr. tem alguma bandeira na sua casa?
- Tenho
- Qual bandeira o sr. tem?
- A de Santo Reis. Ela é muito bonita
- É isso que estou pensando, que ele deve ser muito bonita.

Ele falava de uma forma tão viva sobre a Folia de Reis que não conseguia parar de pensar como seria a bandeira. Mas como eu a conheceria? Como concretizar a vontade de vê-la? Enquanto ele falava, eu pensava como seria a bandeira, sua cor, tamanho, adornos e como sr. Raimundo a conduzia na Folia de Reis. Logo tive algumas pistas sobre este signo.

- A nossa roupa era calça branca e camisa amarela – dizia ele
- Deve ser muito bonita – eu respondia
- Embaixo tem a frase Fitinho
- Ela é grande? Ela fica em um estandarte? – eu perguntava
- Nós não usamos estandarte. Mas tem também o estandarte. Eu trouxe ela aqui no dia do meu aniversário no ano passado. Eu tirei o Paião que fica fazendo coisa errada. Não pode passar a mão na bandeira. Aí eu tirei. E tem que por lá atrás alguém pra tomar conta, porque eu estava lá na frente.

Segui tentando ouvi-lo em meio ao zum zum zum que acontecia: Tem Folia de Reis aqui no Jardim Ângela, do lado esquerdo indo daqui para lá, era auto escola do finado Antônio. Ainda tem para a zona leste. Todo ano vem para cá. Vinte e seis de dezembro ou seis de janeiro. No Guarapiranga, comida e bebida para todo mundo eles davam. Começava meio dia. Depois o grupo ficava descansando e começava de novo. É muito bom. Eles têm o palhaço. Era um casal que tinha feito uma promessa. É muita tradição. Não existe Folia de Reis sem bebida. A gente encontrava na Sé em frente à igreja. Meia noite ia cantar lá. De lá íamos para Guaianazes e de lá meio dia a gente seguia.

- Em que ano isso? – perguntei
- Era 24 e 25 dezembro. 11h de 25 de dezembro. Anda dezembro todo. Cada dia em um lugar? Não tem um lugar que nós não cantava. Veio de Minas. Você já viu?
- Em que ano começou? – perguntei
- Faz muito tempo. Eu comande 25 anos
- O sr. é de São Paulo ou de Minas?
- De Minas
- Quando eles vierem em dezembro eu te convido para você ir.
- E eu vou. Se a gente puder sentar novamente para conversar, o sr. tem muita história boa para me contar
- E, não é? respondeu gargalhando
- Só nesse pouquinho o sr. me contou um monte de história boa
- Sr. Raimundo seguia rindo: E desde quando você começou a vir para o grupo?
- Desde quando? – repetiu a pergunta pensativo
- Novamente a máquina de cana impediu que eu o escutasse. E continuei: o sr. sempre morou aqui?
- Vim em 1965 de Minas. Faz 24 anos, né?
- Faz mais de 50 anos então, né?
- É, né? Formei dois grupos de Folia de Reis. Duas bandeiras. Elas não podem se encontrar. Se não cantar 25 versos não é Folia de Reis.
- “E cada grupo tem o seu verso?”
- A Folia de Reis da zona leste tem o verso dela para cantar. Para saudar o folião.
- E cada uma é de uma cor diferente?
- A nossa era camisa amarela porque a bandeira é amarela. Do Santo Reis e Nossa senhora do Rosário. Só o estandarte nosso não é amarelo. Onde o sr. aprendeu a Folia?
- Aprendi com 07 anos.
- O barulho voltou no momento em que falava que havia aprendido a Folia de Reis com o pai: Então o sr. aprendeu com seu pai e foi ensinando para as pessoas. E quando chegou aqui tinha gente da sua família para formar o grupo?
- De sua resposta consegui ouvir: Sentia falta da Folia. E tinha a auto escola Estrela do Oriente no Jardim Ângela.
- O instrumento que o sr. toca aqui é tipo uma Caixa, como chama?
- Aqui? Aqui toco Caixa. Na Folia de Reis toco viola”.

Aos poucos fui me despidendo-me de uma inventariação de datas, ano, local de ocorrência para travestir-me daquela imanência. E isso não foi feito sem que produzisse um combate em mim. Embora eu quisesse conhecer *o como*, que incluía uma percepção sobre *quando* e *onde* os movimentos

produzidos por sr. Raimundo aconteceram, entendi que naquele momento isso viria pelo modo possível de sr. Raimundo realizar aquela partilha, do modo dele.

Sr. Raimundo produzia uma interferência em mim. *Interferência*. Afastar-se da possibilidade de operar uma *intervenção* que “pode supor a aplicação de certos modelos, ideologemas, simbolizações definidas” (HENZ et al, 2017, p. 100) para uma abertura à experimentação de interferências que “podem lidar com delicadezas, sutilezas que tentam não se sobrepor às situações, abrindo-se a direções não pré-estabelecidas” como também nos falam os autores ao citarem o filósofo Luiz Benedito Orlandi (ORLANDI, 2012). Com estes intercessores, na companhia de Inforsato, eu pensava sobre a *interferência* ao modo das ondas de rádio, ondas curtas

no sentido de uma intromissão: uma onda que, eventualmente, em suas oscilações, frequenta outra onda, ao estar, por instantes, na mesma frequência que a outra. É uma reação não programada e inevitável, tanto quanto o é o fim inesperado desta justaposição. Um ocupa o outro: simplesmente ocupação, porque seus movimentos ondulatórios assim o exigem (INFORSATO, 2010, p. 198).

Do modo dele e em um tempo-espaço próprio, sr. Raimundo seguia como um intercessor e produtor de interferências que agenciavam um conjunto de interferências em mim. Sim, sr. Raimundo como um intercessor e produtor de interferências na medida em que:

Os intercessores se constituem como interferências, artifícios que incitam a diferenciação de elementos, saberes e acontecimentos, que deslocam e desacomodam outros planos nas relações de saber-poder, desterritorializando-os, criando novos territórios e modos de existência. Ativam potências do ainda impensável, do clínico com o não clínico, da saúde com a não saúde e novos conceitos e problemas são produzidos nestes agenciamentos. Um intercessor produz movimento para a descoberta, para o não saber. Parte-se do que se tem, do que se sabe para o que não se tem, o que não se sabe [...] (ABRAHAO, et al 2016, p. 28).

Não sabia quanto tempo havia passado. Lá seguíamos. Sabia que os ponteiros do relógio não tinham sido paralisados e tampouco tiveram seu curso atrasado para que o grupo tardasse a começar. Eu seguia alegre naquele encontro comemorando atraso para o início do Flor de Lis.

Era a hora do grupo começar. Seguimos, eu e sr. Raimundo, para a sala conversando. Enquanto as Flores de Lis arrumavam, como de costume, as cadeiras nas paredes laterais do espaço, fui com sr. Raimundo para o local onde ele ficava, próximo aos instrumentos. E sr. Raimundo disparou: “*vou trazer a bandeira na próxima semana para você ver*”. Que susto! Que alegria!

Durante o encontro do grupo e na minha volta para casa eu seguia com a frase de sr. Raimundo reverberando no corpo: “*vou trazer a bandeira na próxima semana para você ver. Vou trazer a bandeira na próxima semana para você ver...*”. Durante meu trajeto eu seguia vivendo-processando as interferências que havíamos vivido: sr. Raimundo no meu corpo e eu no corpo de sr. Raimundo. “Aquele

intromissão que vai se instalando no corpo cuja relação não se pode planejar e menos ainda dela fugir” (INFORSATO, 2010). Era isso que tinha se passado naquela tarde.

Semana seguinte. Lá estava eu sentada à espera de sr. Raimundo. *Será que ele traria a bandeira?* Eu me fazia está pergunta há alguns dias. Fiquei sentada à espera dele por um tempo. E eis que sr. Raimundo aparece no portão. Ele trazia, na mão direita, um objeto comprido enrolado em uma proteção de plástico. Meu coração saltou no peito.

Como na semana anterior ele se aproximou, cumprimentou-me e sentou ao meu lado. Não fez nenhuma menção à bandeira. Eu não mal podia esperar para vê-la. E segui ao seu lado vivendo o que aquele momento pedia. Havia uma temporalidade a ser vivida.

Aos poucos sr. Raimundo retomou parte das histórias da Folia de Reis partilhadas na semana anterior, incluindo a história de Herodes e dos Três Reis Magos, até que ele começou a retirar delicadamente a capa de plástico. Ele desenrolou lentamente a bandeira e logo ela estava aberta na minha frente. Calmamente ele foi me contando cada detalhe: quem havia confeccionado-a, quem realizou a pintura das imagens e que ele havia colocado as fitas coloridas de cetim e outros adornos para enfeitá-la. Uma delicadeza nas palavras ao se referir a bandeira. Uma delicadeza nos gestos ao tocá-la.

Eu pensava nas tais *delicadezas* com as quais as *interferências podem lidar* (HENZ et al 2017). E pensava também na frase que me marcou na conversa com o poeta Jefferson Santana: das *miudezas* da vida. Um tema que povoou fortemente nosso encontro. Em um dos momentos de nossa conversa Jefferson se referiu às miudezas que acontecem nas saídas dos Poetas Ambulantes, no sentido de que nestes momentos encontram com a miudeza do olhar das pessoas ao seguirem partilhando poemas e conversas no transporte público. E prosseguiu trazendo para nosso encontro uma existência que ali estava, uma funcionária do CEU que fazia a limpeza do espaço enquanto conversávamos: “*Por exemplo, olha aquele balde ali, penso nesta pessoa que está fazendo esse serviço, tirando sujeira para que a gente possa estar aqui. Prestar atenção no que é invisível. O que é invisível para a sociedade? A empregada doméstica, a faxineira. Prestar atenção nas miudezas das reações das pessoas, mas nos objetos também, nas histórias que elas carregam, na vida delas*”.

Uma *política das miudezas* era isso que a experiência com sr. Raimundo, que ativava a presença de vários intercessores – Abrahão e os integrantes do texto “Pesquisar in-mundo”, Henz e os integrantes do laboratório de sensibilidades com o texto “Cabeça Dizpensa, corpo desvago” que, por sua vez, trouxe para Inforsato e Orlandi e ainda o encontro com Jefferson e os Poetas Ambulantes – me fazia pensar-sentir-perceber-viver. *Delicadezas* e *miudezas* eram noções que coexistiam em ato naquele momento em que sr. Raimundo partilhava comigo a bandeira. E com este gesto, partilhava as *delicadezas* e *miudezas* vivida com tantas outras existências.

Intervalo do grupo. Algumas Flores de Lis se acomodavam nas cadeiras enquanto outras ajudavam Edna na arrumação da mesa para o lanche. Eis que vejo sr. Raimundo desenrolando calmamente a bandeira próximo de uma das fileiras de cadeira onde estavam algumas Flores de Lis. Pensei na hora: *“o que ele está fazendo?”*.

Sr. Raimundo começou a caminhar com a bandeira. Lentamente ele a ofertou para cada Flor de Lis do lado direito da sala. Sem nenhuma combinação entre as integrantes do grupo começaram a entoar um canto que logo seria acompanhado pelas integrantes que estavam ao microfone como nos outros encontros para cantar as músicas que seriam dançadas pelo grupo. E sr. João prontamente acompanhou a cantoria com seu banjo

Ó, Deus Salve o oratório
 Ó, Deus Salve o oratório
 Onde deus fez a morada,
 Meu Deus
 Onde deus fez a morada, oiá

 Onde mora o calix bento
 Onde mora o calix bento
 E a hóstia consagrada,
 Oiá, Meu Deus, a hóstia consagrada, oiá

 De Jessé nasceu a vara
 De Jessé nasceu a vara
 Da vara nasceu a flor
 Oiá, Meu Deus, da vara nasceu a flor, oiá
 E da flor nasceu Maria
 E da flor nasceu Maria
 De Maria o Salvador
 Oiá, Meu Deus, de Maria o Salvador, oiá⁶³

Um ritual acontecia diante de nossos olhos. Aos poucos cada Flor de Lis se encontraria com a bandeira. Algumas levaram-na à testa, outra beijaram-na, outra reverenciaram-na abaixando a cabeça. E vários destes gestos foram acompanhados do sinal da cruz. Quando a bandeira chegou próximo de Dona Edite uma das Flores de Lis pegou sua mão e a colocou sobre a bandeira que foi beijada por ela. Mais delicadezas e miudezas.

⁶³ Calix Bento – composição de Tavinho Moura lançada em 1976 no álbum Geraes de Milton Nascimento.

Figura 32: Sr. Raimundo partilhando a bandeira da Folia de Reis em um dos encontros do grupo Flor de Lis.

Logo sr. Raimundo aproximou-se de mim e me ofereceu a bandeira. Eu também a reverenciei. Ele continuou caminhando. Logo chegou até as integrantes do Flor de Lis que cantavam. Acompanhei este momento de perto, pois estava bem próximo a elas. Enquanto seguiam cantando, reverenciaram a bandeira. Sr. Raimundo havia percorrido a sala inteira. Quando ele já se preparava para enrolar a bandeira foi lembrado: *“falta sr. João, falta sr. João!”*. Então ele desenrolou novamente a bandeira, caminhou alguns passos até o fundo da sala e passou lentamente a bandeira duas vezes ao redor de seu companheiro que abaixou a cabeça para receber a homenagem do amigo segurando seu banjo de encontro ao peito. Uma cena belíssima. Mais uma imagem inesquecível daquele ritual. O cântico foi encerrado. O som das palmas ecoou por todo o ambiente.

Eu não consegui falar muita coisa: *“Muito obrigada por ter trazido a bandeira. Muito obrigada. Foi uma honra!”*. Sorrindo diante de meu agradecimento, sr. Raimundo perguntou: *“Ficou bom? Ficou bom?”*. Ainda um pouco atordoada, entendi que ele se referia às imagens que eu havia feito. *“Ficou bom, sim!”*, respondi. *“Agora você pode mostrar lá para eles”*, dizia ele se referindo à minha pesquisa. Fiquei emocionada com a preocupação dele! Um pouco mais de delicadezas e miudezas aconteciam. Então perguntei se ele aceitaria fazer uma foto com a bandeira. Quando eu estava posicionada para tirar a foto, ele começou a gesticular pedindo que eu estivesse com ele. E lá fui timidamente para mais este momento difícil de ser esquecido. Sem perceber eu estava privilegiando a posição de pesquisadora. E sr. Raimundo tratou de me colocar em outro lugar. Interferência!

Figura 33: sr. Raimundo e eu com a Bandeira da Folia de Reis.

Aquele era o dia do aniversário de sr. João que completava 90 anos. Edna falava na grande roda que se fazia, quase no encerramento do grupo, que o aniversário dele seria comemorado com os outros aniversariantes do mês como de costume. E logo ela anunciou que sr. Raimundo gostaria de fazer uma homenagem para o amigo. Na primeira tentativa sr. Raimundo não conseguiu cantar. Parou. Ele ria. Tentou novamente. E com a ajuda de uma integrante do Flor de Lis e de Edna fez um canto para seu antigo companheiro que acompanhamos com palmas. E a bandeira estava lá, nas mãos de sr. João. Um novo ritual era novamente evocado por sr. Raimundo.

Figura 34: Sr. Raimundo homenageando sr. João no dia de seu aniversário.

Despedidas. Novos agradecimentos a sr. Raimundo. Eu caminhava para o ponto de ônibus pensando em tudo o que havia acontecido. Na presença das imagens, dos gestos, das sonoridades, dos afetos que ressoavam no meu corpo, eu seguia. Interferência! Interferência! Interferência! Um entre! Um entre! Um entre! Um entre! Era o que se agitava em mim.

Enquanto caminhava com o corpo vibrando à milhão no habitual corpo a corpo que eu vivia ao seguir o extenso e lento fluxo no corredor da estação de trem do socorro para o metrô que mantém a todes num estado de *confinamento*, olhava para muitos corpos que me passavam a sensação de estarem contidos, submetidos, exauridos, alguns em francas disputas ombro a ombro para ultrapassar quem estava ao lado.

Era final de tarde e o dia ainda não havia acabado para muitas existências. Ali eu pensava que muitos daqueles corpos não têm a possibilidade de viver encontros com as *miudezas* e as *alegrias* junto com *uma vida*, a exemplo do que vivi com sr. Raimundo, e do que seguia vivendo com o Flor de Lis e com vários integrantes da Casa de Cultura.

Naquele fluxo lento que eu seguia buscava no celular trechos de um texto de Orlandi com o qual eu havia me encontrado dias antes. Vivendo o acontecimento com sr. Raimundo no corpo, eu segui lendo já na plataforma do metrô.

A variação de nossa “força de existir” ou da nossa “potência de agir”, é variação da própria trajetória de vida. E essa trajetória não é homogênea. Isto quer dizer que o estofo de variação contínua é feito de encontros, de encontros mil, com o alimento, com os ares saudáveis, com os entes amáveis e odiáveis etc. Em função de encontros extensivo e intensivos, encontros que se misturam nessa variação contínua, é que Deleuze procura ver o aparecimento de “uma pequena alegria”. Quando uma alegria, mesmo pequena,

irrompe nessa variação, ela opera no sentido de “nos precipitar num mundo de ideias concretas” em luta contra os “afetos tristes”. Pois, bem, Deleuze vê nisso um acontecimento. Por quê? Porque a mesma alegria partícipe da variação contínua pode, por intensificação, “nos impulsionar de alguma maneira para fora’ das linhas extensivas ‘desta variação’. Somos lançados numa virtualidade. Somos levados “a conquistar”, diz Deleuze, certa “potencialidade de uma noção comum”, vale dizer, ganhamos acesso a relações que se compõem concretamente com relações que nos são constitutivas. Nesse entre-tempo, é como se um tempo aiônico, intensivo, saltasse da variação contínua do tempo cronológico extensivo [...] Em seu último texto, Deleuze define o plano de imanência por “uma vida”, grifando-se o artigo indefinido como “índice” da imanência-transcendental. *Uma* vida é a “imanência da imanência”, diz ele, a “imanência absoluta” (ORLANDI, 2018, p. 98).

Os trens seguiam lotados. Era horário de pico. Calor. As plataformas pelas quais eu passava, de baldeação em baldeação, também estavam igualmente cheias. Nos corredores do metrô, via corpos seguindo como podiam. Gentes andando apressadas pelos corredores, gentes contorcendo-se para subir as escadas rolantes pelo lado esquerdo quando este não estava livre conforme o “código” de seu uso, gentes esperando o momento de encaixar seu corpo no espaço possível do trem lotado. Via o cansaço estampado nos rostos, via cabeças pendendo de encontro ao vidro dos trens, via gentes em conversas sobre o desgastante dia “na firma”, via gentes com livros e apostilas abertas em meio ao chacoalhar dos vagões. Quais navegações experimentavam aquelas vidas? Para quais viagens elas seguiam? Para quais outras viagens-navegações poderiam seus corpos embarcar? O que pode *uma vida* nestas embarcações rumo a outros possíveis para si e com outras vidas? Com estes pensamentos eu seguia na companhia de sr. Raimundo, Orlandi e Deleuze

As intensidades que operam em *uma* vida são vibrações que compõem a própria essência singular do indivíduo, o grau de potência que o caracteriza. O que singulariza uma vida são os lances ‘indefinidos’ de que ela é feita, ou seja, ‘virtualidades, acontecimentos, singularidades’, e são estes que ganham singular ‘determinação’ na medida em que preenchem um plano de imanência’. Como havíamos entrevisto a respeito dos níveis de observação da variação contínua da vida, também neste caso há coexistência e até correspondência entre a vida e *uma* vida, entre a vida empírica com suas individuações e uma “vida singular” com suas singularizações. Deleuze é muito claro sobre isso: “as singularidades ou os acontecimentos constitutivos de uma vida coexistem com os acidentes da vida correspondente, mas não se agrupam e nem se dividem da mesma maneira”. Singularidades, acontecimentos, virtualidades “comunicam entre si de maneira totalmente distinta daquela dos indivíduos” (ORLANDI, 2018, p. 99).

A leitura amplificava o que se agitava em mim dos encontros vividos com sr. Raimundo e com o Flor de Lis naquela tarde: *Aonde nosso interesse pelo outro pode nos levar?* E ali eu pensava sobre o quanto meu interesse em ouvir sobre *uma vida* havia provocado diferentes movimentos:

Uma vida -sr. Raimundo interferindo em *uma vida* - eu

Uma vida -eu interferindo em *uma vida* - sr. Raimundo

Uma vida - sr. Raimundo interferindo em *uma vida* - Flores de Lis

Uma vida - Flores de Lis interferindo em *uma vida* - sr. Raimundo

Uma vida - sr. João interferindo em *uma vida* - sr. Raimundo

Interferências que vêm de longe...

Uma vida – Edna interferindo em *uma vida* - Flores de Lis

Uma vida - Flores de Lis interferindo em *uma vida* – Edna

Uma vida – Aline interferindo em *uma vida* - Flores de Lis

Uma vida – Sr. Raimundo interferindo em *uma vida* - Aline

Uma vida – Flores de Lis interferindo em *uma vida* - Aline

Uma vida – Aline interferindo em *uma vida* - Flores de Lis

E junto com tantas vidas ali naquele vagão lotado eu pensava

Uma vida... Uma vida... Uma vida... o que podemos diante de interferências múltiplas?

A porta do metrô se abriu. Subi a escada rolante e segui caminhando para casa lembrando que meu primeiro encontro com “A imanência: uma vida”, a respeito do qual Orlandi tratava no texto que eu lia no metrô, havia sido no período em que cheguei ao grupo Micropolítica. Naqueles primeiros encontros com o grupo, uma leitura instigante e um tanto difícil em vários trechos. Ali eu pensava que meu reencontro com esta leitura havia se dado por uma vivência intensivamente imprevisível que me possibilitou experimentar as alegrias e miudezas do que pode *uma vida* na presença de várias outras... Singularidades, acontecimentos, virtualidades, afetos em variação, entre-tempos, tempo não cronológico tudo cintilava em mim. A caminhada para casa ainda não havia sido suficiente para acalmar o turbilhão que se agitava em mim. Ali com meu corpo vibrátil ativado eu era arrastada para mais um trecho daquela leitura fazia muito sentido considerando a experiência que vivi: “O interessante é o meio, o que se passa no meio”, pois é nele que há, não “a mediana, mas o excesso”, o “devir, o movimento, a velocidade, o turbilhão [...] Do ponto de vista do tempo estar no meio é estar naquilo ‘pelo quê os mais diferentes tempos se comunicam’, ‘é estar no intempestivo’” (ORLANDI, p. 42, 2018). Era, pois, *alegremente atordoada* que eu caminhava sentindo no corpo como um ritornelo a questão que me habitou durante esta inesquecível navegação intempestiva com sr. Raimundo: *aonde a implicação com os modos de viver pode nos levar?*

**O encontro com as
Capulanas-Ialodês
em suas Negras
Insurgências**

Aline foi fundamental para o encontro com as Capulanas. Nossa aproximação ocorreu por ocasião de um encontro entre elas em um evento na Casa de Cultura. A *jovem amiga da cultura popular* foi ponte para esta nova travessia que eu faria. E ela esteve sempre indicando eventos que pudessem interessar para minhas andanças, incluindo aquele em que o grupo Flor de Lis estaria e outros que aconteceriam na Casa de Cultura. Aline em seu papel de *jovem Griot*...

Deste modo, cruzei a avenida M'Boi Mirim em direção à Capulanas Cia de Arte Negra. Assim aproximei-me de Flávia Rosa e encontrei com as questões e produções destas quatro mulheres, que processualmente se constituíram como *Ialodês* da zona sul de São Paulo⁶⁴. Visibilidade esta que eu constituiria no caminhar com elas. O encontro com Flávia foi fundamental para a abertura e o cultivo de várias interrogações que passaram a me povoar em minha caminhada à medida do meu agenciamento por um conjunto de questões, decorrências e enfrentamentos produzidos por elas. Vizinhanças e modos de lutar a partir de vários saberes e fazeres, visibilidades acerca de *comos* experimentados processualmente por estas vidas em seus encontros com tantas outras.

Naquela segunda-feira saí do metro e tomei um ônibus, que me deixou próximo a um grande mercado que avistava frequentemente em minhas idas para a Cultura e que está a menos de um quilômetro da sede da Cia Capulanas.

Figura 35: Travessia da M'Boi Mirim para a Capulanas Cia de Arte Negra, tendo a Casa de Cultura como ponto de referência.

⁶⁴ No capítulo “Ialodês e Capulanas: um oceano de saberes femininos”, Dione Carlos pontua nas primeiras linhas do texto, que traz o processo de composição do espetáculo “Ialodês: um manifesto da cura ao gozo”, que *Ìyàlodódòde* é um título Yorubá para mulheres que atuam nas suas comunidades em postos de liderança. Ialodês é a forma brasileira, com outra grafia e sonoridade, porém, com o mesmo intuito de reconhecer que as mulheres exercem liderança onde vivem. Esse é o elemento deflagrador do processo artístico no qual fui responsável pela dramaturgia, a convite da Cia Capulanas”. E Dione destaca ainda: “A Cia desempenha um papel fundamental no cenário teatral e na comunidade, visto que sua sede fica na periferia, de onde vieram as integrantes do grupo e onde permanecem vivendo. E lá também que acontece grande parte das apresentações de seus trabalhos. São, portanto, Ialodês da Arte. O projeto das Capulanas tem como base o movimento Afrofuturista, como uma resposta à proposta de criar uma nova possibilidade de futuro”. (In: Negras Insurgências – Teatros e dramaturgias negras em São Paulo: perspectivas históricas e práticas. p.49, 2018).

Desci do ônibus e segui em direção à Avenida Luiz Gushiken. Um modo de encurtar o caminho seria atravessar o estacionamento do referido mercado, mas preferi não seguir por este trajeto. Não tomar um atalho seria uma oportunidade para andar pelo bairro, pois até então tinha circulado apenas pelo trajeto até a Casa de Cultura.

Segui e logo avistei a avenida. Fiquei do outro lado da calçada a fim de localizar mais facilmente a casa. À medida que me aproximava, fui me deparando com uma imagem no portão: uma mulher negra carregando uma criança nas costas. Embora a tivesse visto no *blog* da Capulanas, ainda não atribuía àquela imagem lindíssima um sentido tal, como se produziria em mim daí para a frente. Foi caminhando no compasso do fazer artístico produzido em mistura com os viveres destas quatro mulheres, naquela territorialidade em que eu estava e para além dela, que entendi um pouco sobre os planos de produção que compõem aquela imagem e o termo Capulanas. Foi *Capulando* que vida e obra destas mulheres aconteceram em mim...

Figura 36: Imagem da Capulanas Cia de Arte Negra

Atravessei a rua e toquei a campainha. Ninguém atendeu. Olhei pelo portão e não vi nenhuma movimentação. Enquanto esperava, fazia algumas anotações em meio a um contorcionismo, pois estava encostada no muro da casa, usando uma das pernas como apoio para alguns apontamentos de última hora. Concentração. “*Valéria? Oi, tudo bem?*”. Era Flávia. Em fração de segundos pensei o efeito nela ao se deparar com um ser entortado à sua espera... Meio sem graça, respondi: “*Olá, Flávia, tudo bem?*”. Enquanto ela abria o portão, explicou que um imprevisto a fizera voltar para casa e por isso havia atrasado um pouco. Uma delicadeza e um cuidado.

Quando ultrapassei o portão, fui tomada por um afeto de conforto. Vistoso jardim à esquerda de quem entra. Uma breve passagem por ele. Porém, tempo suficiente para intensificar a sensação que experimentava – frescor, calma, aconchego. À medida que caminhávamos pela garagem em direção à entrada da casa, o tom quente da parede laranja, no lado oposto, provocou subitamente uma experiência

inversa da experimentada há alguns segundos. Da calma à ativação do corpo. Vitalidade. Mas, a sensação de acolhimento não havia me abandonado. Entramos.

Passamos pelo primeiro cômodo no qual pude ver rapidamente as paredes revestidas por finas placas de madeira sobrepostas assimetricamente. Ali também havia vários instrumentos de percussão acomodados em um dos cantos. Vibração. Logo chegamos ao cômodo seguinte, Flavia deixou suas coisas em uma mesa redonda posicionada ao lado de uma janela, da qual eu entrevia a continuidade da garagem. Ali acomodei-me. Enquanto Flavia estava na cozinha, um gato entrou calmamente no ambiente. “*Você já comeu? Você está com fome?*” – perguntava ela da cozinha. Por um segundo achei que ela falava comigo. Mas logo entendi que a conversa era com aquele vivente que nos fez companhia por um período. Flavia sentou-se e ficamos frente a frente na mesa. Então comentou como estava incomodada com uma crise de rinite. Disse a ela que conhecia aquele desconforto, principalmente quando eu entrava em contato com poeira. A experiência experimentada por um corpo em um estado de desconforto, produzindo conexões com outro que já tinha vivido tal sensação... A experiência de Flavia ressoava em mim. Era o que eu pensava

Para começar, retomei brevemente minhas questões e o propósito de querer conhecer sua história e a do grupo. Flávia então disse que falaria de si a partir da história com as outras integrantes da Cia. Uma fala *de si por um nós*. Então começou a contar que as quatro integrantes da Cia eram da “zona sul azul” e que até hoje residiam do “lado de lá”, pois ali onde estávamos era a “zona sul vermelha”. Fiquei curiosa sobre o porquê de “azul” e “vermelha” e ela explicou que era devido as cores das linhas de ônibus que circulam pela zona sul. Imediatamente lembrei das experiências que havia tido de transitar em ônibus com ambas as cores pela zona sul a depender do destino. E rapidamente também se formou a imagem da extensão da zona sul de São Paulo, do grande número de linhas de ônibus que lá circulam e da constelação de vidas que lá habitam... pensamentos que me invadiam.

Figura 37: A zona sul de São Paulo em azul com a indicação a região de M'Boi Mirim.

Logo de início Flavia trouxe para a cena um pouco das experiências vividas no processo de composição da Capulanas

- Somos um grupo de quatro mulheres negras e nos encontramos nos grupos sociais da região ou não. Eu, Priscila e Débora nos conhecemos na Casa de Cultura quando eu participava do grupo Espírito de Zumbi. Depois conheci a Adriana quando adentrei na faculdade que Priscila e Debora estavam. Estudávamos na PUC, aquele ambiente hostil, super burguês, euro centrado, um curso vespertino que faz uma escolha dos que podem participar. No curso, devia ter uns dez negros. Fizemos uma mobilização entre as pessoas negras sobre cultura negra, sobre esses corpos, porque era algo que já estudávamos pelos lugares que frequentávamos. Na PUC não tinha nada sobre cultura brasileira, nem afro-brasileira, muito menos africana. Isso gerou um incômodo, óbvio, porque começaram estranhar uma mesa com pessoas negras no intervalo.
- Porque você fez a formação na PUC?
- Só tinha lá, ele não existe mais. Fui porque as meninas faziam habilitação de dança, teatro e performance, com viés de pesquisador. Foi muito bom, fiz um ano. Adriana e Priscila fizeram picado com bolsa. Débora não concluiu. Fez Anhembi Morumbi e não concluiu. Só terminou na Escola SP de Teatro. Um professor de história disse que se não levássemos os conteúdos, ninguém levaria. Nas propostas em sala colocávamos sempre a cultura afro brasileira ou de matriz africana. Causou uma ebulição.

Nos primeiros momentos de nossa conversa um turbilhão de questões ressoava em mim. *Que efeitos experimentam esses tantos corpos quando seus saberes e práticas são desqualificados, desprezados, ignorados, apagados e invisibilizados em diferentes espaços, incluindo a academia? Quanto sofrimento isso produz o não reconhecimento da legitimidade de sua presença nesses espaços! Como produzir mais enfrentamentos à subjetividade hegemônica, que ativa tantos afetos tristes, considerando o processo de invisibilização do outro e de seus saberes e práticas, o que inclui a ampliação das cotas nas universidades públicas e de ações como o Prouni no sentido de favorecer o encontro com temas e saberes, por exemplo, de matriz africana e afro brasileira?* Em meio aos afetos que ressoavam em mim, ouvia sobre o processo que estas quatro mulheres experimentaram em seus primeiros fazeres artísticos ao terem suas *corpas*⁶⁵ povoadas pela vontade de seguirem juntas.

- No período, uma amiga do curso nos convidou para uma intervenção que não aconteceu, mas a gente quis continuar. Fomos convidadas para uma Mostra da Cooperifa e resolvemos montar um esquete. Decidimos ficar juntas e trabalhar com as poesias do Solano Trindade, porque uma de nós trabalhava com elas na faculdade e chamamos os bisnetos de Solano para compor o grupo. Porém, fomos percebendo que precisávamos falar em primeira pessoa. Solano fala sobre as mulheres negras de um lugar muito contemplativo, dele para com elas. Estávamos falando muito sobre a imagem das mulheres negras e não haveria como não ter nossos depoimentos no espetáculo que foi nosso primeiro trabalho⁶⁶.

Vivendo juntas *o que era delas* e de outras mulheres na presença de Solano Trindade e dos seus, elas tocaram seus pés em diferentes solos da cidade de São Paulo, experienciando em suas *corpas* um espaço carregado de sentidos e significados para tantas existências, os quintais, conforme Flávia seguia contando

- Com isso criamos o projeto “Pé no quintal”, porque um amigo, Alan da Rosa, poeta, escritor, que trabalha com educação, nos chamou para uma apresentação no quintal dele. Entendemos que era muito plausível voltar para esse espaço de socialização, o quintal das casas, onde as famílias fazem bailes, se reúnem. Acreditamos nisso porque nossas formações não foram dentro de teatro. Fomos contempladas com o edital de fomento do teatro, o ProAC, e circulamos as quatro zonas da cidade em contato com grupos que já tínhamos vínculos dos Saraus.

Flavia sorria ao falar dos quintais. Encontros. Estava viva em seu olhar e em seus gestos a energia, a vibratibilidade, desta experiência que possibilitou *manter acesa a vivência ancestral nos quintais e terreiros, ressignificando este espaço para um teatro do encontro*⁶⁷. Encontros e sementeiras para criação e luta na diferença.

⁶⁵ Ainda falarei sobre a expressão *corpa*, que conheci a partir de Flávia Rosa, na narrativa “O dia em que me tornei uma reclusa pelas mãos de uma descendente de Dandara”

⁶⁶ Espetáculo intitulado Solano Trindade e suas negras poesias.

⁶⁷ É o que Flávia nos conta no capítulo “Olhares e vozes da Rosa” no livro “{EM} GOMA Dos pés à cabeça, os quintais que sou” e no qual também ressalta “nas favelas, nos subúrbios, nas nossas periferias há muito de opressão, como também de solidariedade de antigos quilombos

Andando pelos quintais com Flávia fui me aproximando do tema da saúde da população negra, em especial das mulheres negras. Dos encontros que produzem encontros.

- Nesse processo começamos a questionar a saúde, porque entendemos que não teria como falar de autonomia, sem entender o que nos adocece. E entramos pelo caminho da saúde das mulheres negras. Sacamos coisas que não são de recorte racial, que acometem mais a população negra por uma instância de vulnerabilidade social nas bordas, nas periferias, onde está o povo preto em massa. E conhecemos a pesquisa de uma amiga com médicos do HC e alguns... como fala quando estão especializando?
- Residentes?
- Isso. Pensando na população negra, não há pesquisas que falem sobre maior tolerância à dor pelas mulheres negras ou sobre uma dosagem menor de anestesia. Culturalmente se herdou isso. Ouvimos relatos de maior tempo de espera para parto normal e casos de parto normal encaminhados para a cesárea... várias violências simbólicas. Somos um grupo de teatro e foi muito interessante ouvir depoimentos, viajar, coletar material para pensarmos nos problemas dessa população e caminhos para superá-los, se empoderar para se cuidar, trabalhar o autocuidado, pelo menos. Como nosso grupo é de matriz diaspórica de povos africanos e afrodescendentes, nosso canal é por aí. Temos três integrantes iniciadas pelo candomblé e levamos essas referências para o trabalho. Fizemos também um curso de medicina ervanária de terreiro com a mãe Oyasse em Araras. Aprendemos a fazer pomada, garrafadas. Foi fantástico.

Ela contava que o interesse pelo tema da saúde foi disparado ainda no “Projeto no Quintal”. Ela falava dos quintais e terreiros que cuidam. Lugares que dão passagem para a vida, lugares de cultivo de infinitas germinações.

- E como se interessaram pelo tema da saúde? – perguntei
- Foi ainda no projeto “Pé no quintal” que o tema apareceu para nós com a palestra da dra. Regina Nogueira, do Embu das Artes. Ela é médica, cuida da saúde da população negra e integra um terreiro de Angola. Pensamos: *como falar de imagem sem pensar a saúde antes?* E disso chamamos outros palestrantes, porque temos sempre formações em nossos projetos.
- O público das formações público era vocês? – perguntei
- Algumas formações eram fechadas, outras não. Essa foi aberta, na Casa de Cultura de M’Boi Mirim. Trouxemos também o professor Marcos, da Educação na USP, que estuda culturas indígenas e africanas. Uma das referências trazidas foi Sangoma, uma líder espiritual que recebe um chamado por sonho. Quando fomos para Moçambique, encontramos com uma Sangoma e tivemos muita certeza que era isso que queríamos. Traduzindo para o Brasil, são as benzedeiras que existem desde os povos de origem, as mães de santo e suas ervas, que

e, principalmente, dos novos que semeamos com nossas artes. Aqui construímos nosso território sagrado, onde nascemos, crescemos e aprendemos a tornar nossa negritude e condição feminina em instrumento de criação e luta. Nossa arte é devolução à maioria das pessoas desses territórios, e elas são negras. Penso que eu, Flávia Rosa, mulher negra, possa talvez contribuir para que um dia possamos falar de igualdade social a partir de nossas diferenças. Nosso instrumento é a arte e como ela se dá em virtude da necessidade do meio em que vivemos. Achamos necessário falar de mulheres negras, povos negros e pobres. Por isso grande parte da fonte de nosso estudo está voltada para a África, onde tudo começou. O Pé no quintal é uma oportunidade de manter acesa a nossa vivência ancestral nos quintais e terreiros, ressignificando esses espaços como local adequado para um teatro do encontro, teatro de identidade (ROSA, p.28, 2011).

ainda cuidam das comunidades. Trouxemos parte disso no espetáculo Sangoma.

Assim, aproximei-me do processo de criação das Capulanas e para isso foi fundamental o livro “Mulheres líquido” que Flávia me ofertou junto com o DVD do espetáculo Sangoma⁶⁸. Entre as escritas deste segundo livro do grupo estavam as discussões coletivas a que se referia Flávia, os ONNIMs⁶⁹. E com os ONNIMs aconteceu *Sangoma*. Mais um espetáculo arrebatador que vivi na presença destas *Mulheres líquido*.

- Isso tudo foi produzido pela ideia de estudar a saúde? – perguntei
- Exatamente. Entendemos as doenças que nos atingem e formas de tratá-las, considerando a negligência do aparelho público. Entendemos sobre o estado de vulnerabilidade das jovens negras da periferia, por exemplo, ao chegarem grávidas no Posto. Elas são subjugadas da atendente, passando pela enfermeira até o médico, que não estende o papel na maca. Como falar sobre sexualidade, proteção com elas? Como cuidar delas assim? Elas não voltam para este ambiente hostil. Como são atendidas e quais os desdobramentos? Chegamos em muitos caminhos. E nesse processo fizemos vivências com mulheres de várias idades como o grupo de mulheres idosas do Sacolão das Artes que fechou.
- Vocês iam para lá?
- Fizemos intercâmbios, vivências de um dia. Quando o espetáculo Sangoma ficou pronto, que é itinerante pelos cômodos aqui da casa, elas vieram assistir e fomos até elas. Fizemos vivências com as jovens do Maracatu do Jardim Ibirapuera, com mulheres da Associação de Materiais Recicláveis do Socorro, com lésbicas, bis e trans negras. Buscamos grupos diversos para tratar das questões que nos adoecem e do autocuidado. Buscamos também a dinâmica da cura pelas ervas, tratamentos mais holísticos. Convidamos a Maria Lucia, do AMMA psiquê,⁷⁰ e na palestra dela nos deparamos com o racismo nisso tudo. Foram muitos caminhos [...]

Mulheres líquidos em seus transbordamentos com outras mulheres. E Flávia seguia contando sobre o que foram experienciando neste encontro com questões que produzem marcas no corpo e possíveis

⁶⁸ O livro “Mulheres líquidos – os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra”, é um dos produtos da pesquisa sobre a saúde das mulheres negras que resultou no espetáculo Sangoma. O livro traz escritas do processo de construção do projeto [Sã] da Cura ao Gozo realizado ao longo de três anos pelas integrantes da Capulanas Cia de Arte Negra, que abordou as temáticas africanidade, arte, mulher negra e a saúde, necessidades de cura, prazer e bem estar destes corpos. Na publicação são partilhados textos das integrantes da Capulanas e de outras existências que participaram de diferentes modos deste projeto contemplado pelo Programa Municipal de Fomento ao teatro da prefeitura de São Paulo (FAUSTINO e CAPULANAS, 2014). O DVD de Sangoma está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Nwoq6gRg4M>

⁶⁹ ONNIM é um símbolo Adinkra que significa “Quem não sabe pode saber aprendendo” que fala sobre a educação e busca contínua por conhecimento, conforme descrito no capítulo “Silenciei para falar” de “Mulheres líquido – os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra” (2014 p.77). E no capítulo “Casa Sã, recebe nós”, da mesma obra, as integrantes da Cia Capulanas contam também como a Goma Capulanas (Goma, em referência a uma gíria da periferia paulistana para “casa”) foi tomada como um espaço de realização de ONNIMS de formação artística e cultural cujo propósito de transformar o conhecimento produzido nas oficinas de dança, canto, teatro, percussão e preparação corporal, algumas abertas ao público, em encenação teatral como parte da preparação do espetáculo “Sangoma saúde às mulheres negras” que aborda a trajetória de seis mulheres Sangomas que habitam uma casa sagrada e rompem com o silêncio para compartilhar suas histórias de vida e seus caminhos até o processo de cura das questões que atravessam seus viveres (p.43). Vivenciando as escritas das Capulanas, músicas, imagens e escrevivências daquelas e daqueles que experienciaram Sangoma, pude entender um pouco de como se constituiu o encontro do grupo com o tema da saúde das mulheres negras.

⁷⁰ Flávia explicou que se trata de um grupo de psicólogos negros que trabalham com recorte racial cuja sede está localizada na região oeste da cidade de São Paulo.

modos de delas cuidar, como parte da produção de um conjunto de enfrentamentos a serem constantemente produzidos. Uma ativação do *espaço potencial de vida*.

- Não se tratava exatamente da cura destes problemas, uma das coisas que dra. Regina fala, é cada um poder viver integralmente sua cultura, que a faz ser mais potente, mais viva. É o espaço potencial de vida. Conviver e vivenciar o espaço que é dela, adoece menos. Quando abordamos as religiões de matrizes africanas, lutamos contra a intolerância religiosa, porque não cultivar tranquilamente também adoece. Nos intercâmbios foi difícil sair do adoecimento, ascender para pensar nestes espaços potenciais. Este foi um processo que nos levou a querer falar dos prazeres. Tivemos uma formação mais extensiva com Maria Lúcia sobre possibilidades de prazeres e caímos de novo no espaço potencial de vida como o lugar para nos mantermos unidas. Continuamos pensando no autocuidado como muito importante, o autocuidado coletivo, porque quando me cuido estarei bem coletivamente. Cuidar do coletivo é muito importante para amenizar esses adoecimentos. Fizemos um videoarte *a cama, o carma e o querer*⁷¹ e foi difícil desvincular desses sofrimentos, só quase no final do projeto que vislumbramos formas de prazer, que é possível e efêmero.

Assim, entrou na cena o tema do racismo. A partir de então fui invadida de outro modo por esse tema, que transversalizou de diferentes modos meu processo de pesquisa, a partir das conversas, debates, peças de teatro, espetáculos de dança, na cooperifa e nos saraus e encontros artísticos na escola. A experiência partilhada por Flávia ativava em mim um outro campo de visibilidades.

- O que acontecia? Vocês ficavam capturadas pelo que? – perguntei
- A questão do adoecimento é muito difícil, porque temos que pensar o racismo na sua estrutura. É uma violência simbólica atrás da outra. Colocamos o pé fora de casa e vivemos instantaneamente isso. Atualizamos todo segundo. Como pensar o prazer se não consigo sair desse ciclo vicioso, que não depende de um indivíduo, mas de uma construção social? É difícil... estou indo para uma reunião de amigas para pensar como nos fortalecer e no metrô um jovem negro é espancado pelos guardas. É isso.
- E se você olha há guardas negros produzindo isso – eu dizia.
- Exato! Repensar o racismo na sua estrutura mostra como ele é perverso e atua efetivamente. Um ciclo vicioso que ataca a todos.
- Então o racismo estava despotencializando vocês?
- Sim. Quando tomamos consciência do racismo ele suga, absorve. Sou um ser humano negro e o mundo em que vivo é esse. Como pensá-lo, sendo uma mulher negra, pensando minhas potencialidades? É desafiador. É como uma missão para a vida.

Uma fala cortante. Eu olhava fixamente nos olhos de Flávia. Fui fortemente afetada, pois essa *missão que é para vida*, citada por ela, não pode ser vivida apenas pelas existências violentadas pelo racismo. Não, esta é uma produção que nos atravessa a todos, todas e todes. Há uma produção no âmbito

⁷¹ O texto que acompanha a produção dirigida por Daniel Fagundes “A cama, o carma e o querer” anuncia que este é “um experimento poético, videográfico concebido em 4 capítulos. É uma parceria do Núcleo de Comunicação Alternativa (NCA) com a Capulanas Cia de Arte Negra. O curta discute o prazer e a dor no universo da sexualidade da mulher negra em uma sociedade machista e racista”. Disponível em <https://vimeo.com/197931587>

de um certo projeto de mundo, no qual milhões de existências foram e ainda são subjugadas, aviltadas, violentadas, desapossadas de seus corpos, de sua cultura, de seus vínculos familiares ao serem *racializadas*. Tal como, por exemplo, nos fala de um modo também lancinante, Achille Mbembe na companhia de vários pensadores, ao problematizar que pela primeira vez na história da humanidade seres humanos foram escravizados em razão da cor de sua pele e transformadas em mercadoria e matéria energética: homem-mineral (não homem, natureza), homem-metal (escravo, instrumento de extração) e homem-moeda (produtor de mercadorias e mercadoria em si mesmo) – projeto este que a cada dia é ativamente produzido, de novo e de novo, como uma política de extermínio, uma *necropolítica*, que atinge não apenas as existências negras (MBEMBE, 2018a,b). A fala pulsante de Flávia fazia também minha corpa pulsar.

- É muito forte. Para eu sair disso existem outros caminhos. Perceber que estando com outras mulheres potencializo elas, estar com os meus, com minha família me potencializa porque o resto está tudo aqui ainda. É um aprendizado até...
- Permanente... – eu dizia a ela
- Permanente! É a mesma coisa para o autocuidado. Estamos nesse trânsito infinito de ir e vir, ir e vir. Ao mesmo tempo que há uma violência simbólica é pensar: *estou indo fazer o meu trabalho que é importante, porque outras pessoas poderão repensar com o que faço*. Não é só uma profissão. É algo que acredito para a minha vida, para a minha existência. É um fluxo muito intenso, porque o teatro negro não acontece se não for a partir dos corpos negros. Fala muito de nós. Fazendo um espetáculo, mergulho numa pesquisa e em mim. Quem somos na sociedade? Como trabalhar com o público o que pesquisamos? O que significamos para o Jardim São Luiz, para essas mulheres? Como atuamos? Repensamos nossas vidas também⁷².

“*Repensamos nossas vidas também*”. Uma fala forte, uma fala vívida. Os olhos de Flávia brilhavam. Difícil de esquecer a sensação que eu experimentava em ato. Além de uma travessia sobre o tema da saúde da população negra e, sobretudo, sobre a saúde das mulheres negras, se fazia outra travessia sobre o tema do racismo e seus enfrentamentos. Destes saltava o modo de construir o teatro negro, que passa pelo experienciar diferentes planos que atravessam as existências em sua singularidade e por processos formativos como possibilidade de compor encontro, proteção e ampliação da potência de agir, de si e do outro, de modos de ocupar-se de si e de se ocupar de outras existências para uma luta que é coletiva. Os

⁷² Flávia ao falar sobre as visibilidades produzidas sobre a saúde das mulheres negras e suas distintas formas de adoecimento, que inclui o descaso com que são tratadas no SUS, o abandono institucional do governo desde a infância e o racismo estrutural de uma cultura que coloca a mulher como base estrutural da pirâmide social, problematiza a busca do grupo por métodos “alternativos” de cura e autocuidado, com o propósito de preservar, cuidar e diminuir os impactos destes fatores sobre a saúde das mulheres negras. Partilham, entre outras, as proposições feitas por Angela Davis, conforme cita “eu tomo isso como um desafio para as feministas negras internacionalistas hoje: incorporar o autocuidado em nossa prática política, o autocuidado como uma prática coletiva e não individualista. Assim, quando nós conscientemente cuidamos do nosso corpo, comemos conscientemente sabendo do papel que a produção capitalista de alimentos tem sobre a terra, os animais e sobre nossos corpos. nós conscientemente incorporamos a espiritualidade em nossa prática, reconhecendo que a saúde é sobre corpo, mente e espírito”. E nesta perspectiva Flávia aponta em sua escrita “em nosso mosaico político e artístico nos espelhamos em várias lalodês contemporâneas. E nos enxergamos assim também”, o que inclui utilizar o Teatro Negro, especialmente a arte-educação, como um espaço em podem “apresentar a outras pessoas um mundo diferente que poder estar dentro delas despercebido” (2018, p.73).

olhos de Flávia falavam junto com seus gestos sobre o teatro negro e sobre as ressonâncias do que ele pode em tantas vidas. Uma imagem lindíssima. E nessa intensidade várias mulheres ocupavam nosso encontro

- Há alguns desdobramentos. Por exemplo, ano retrasado participei do grupo “Núcleo de Mulheres Negras”, que se reuniu boa parte do tempo aqui, com encontros mensais para pensar o autocuidado. Temos a Fala Guerreira, no Bloco do Beco, que fica no Jardim Ibirapuera, com o encontro “Periferia Segue Sangrando” de um grupo que pensa o lugar da mulher na sociedade.
- Não só o lugar da mulher negra? – perguntei.
- Das mulheres negras, brancas, lésbicas, bis, trans. Semana passada elas ofertaram dinâmicas de maternagem, sexualidade, autocuidado, corpo. Sangoma é pautado nos cinco líquidos sagrados - sangue, suor, sêmen, saliva e lágrima - que materializamos nas mulheres líquido e isso tem reverberado. Uma roda do “Periferia Segue Sangrando” discutiu a saúde espelhada nisso. O Núcleo de Mulheres Negras fez um intercâmbio com o grupo “Mulheres de Pedra” do Rio de Janeiro. Há um movimento efervescente de autocuidado. Imagino que a permanência das senhoras no Flor de Lis é um espaço potencial de vida para elas, pouco se pensa onde nossas mais velhas estarão menos adoecidas.

E disso, outras linhas de movimentos que seguem sendo tecidos por cada integrante da Cia Capulanas foram aparecendo; elas que seguem sendo ocupadas e se ocupando de diferentes saberes e fazeres neste campo de produções que se pronunciava rizomático.

- Todas nós com essa mesma pesquisa que a gente trabalha aqui - vamos fazendo outras conexões. Sou protética também e se minha vida laboratório e casa seria muito mais difícil pensar essas potencialidades e esse cuidado coletivo, porque estar junto já é um autocuidado. Minha vida seria muito mais tomada... sem perspectivas que é o que a massa inteira tem TV, internet, shopping, as coisas mais comuns, que todo mundo faz.
- Que lugares de potência você vê aqui na região?
- Vejo a Cooperifa, o Flor de Lis, o Bloco do beco, a Fala guerreira, o grupo de jovens Baqueatitudo sediado no Bloco do Beco, a Rede São Luiz de Cultura que são vários grupos em rede para realizar diferentes eventos. Foi no evento da Rede na Casa de Cultura que encontrei com a Aline, que falou de você. Há vários grupos de diferentes segmentos: áudio visual, sarau, cultural, associações, ongs que estão juntos para fazer vários eventos para a comunidade.

Este primeiro encontro com Flavia possibilitou que eu ouvisse um pouco sobre outras existências e lugares de potências da região. E com esta Ialodê também segui compondo uma fiação durante toda minha caminhada do campo. A cada mensagem, um acolhimento para meus pedidos, que iam desde contatos, dicas, convite para uma oficina no Encontro Sudeste da Rede Unida⁷³ e pedidos de leitura para

⁷³ Falei sobre o Encontro na narrativa “Multidão de nós”.

as escritas que eu compunha⁷⁴. Flávia foi ponte para vários encontros, tal como aconteceu com Sol Almeida, o que me possibilitou vivenciar com André a peça “6 fragmentos de uma história em desalinho” na sede da Cia Capulanas e disso construir encontros com as questões e produções que compõem os viveres de modos LGBTQIA+ de produzir mundos-existências. Assim, experimentei com Flávia uma delicadeza e um cuidado permanentes.

Na saída daquela *Casa Sã*, um abraço afetuoso. E naquele abraço saí com o pensamento e meu corpo vibrátil variando intensivamente... uma mistura que oscilava entre tristeza, indignação, alegria. Um turbilhão de sensações, sobretudo pelas questões partilhadas e os enfrentamentos por elas constituídos a respeito do racismo, da saúde das mulheres negras e dos modos de se produzirem como pesquisadoras/artistas negras no teatro e na cena cultural.

Assim, segui nesta cadência⁷⁵

Mulher se curvando para o tambor
Bálsamo curando as feridas do andor
Fruta abrindo-se ao amanhecer
Cortando o vento com a faca do sobreviver

Mulher se curvando para o tambor
Gargalhando da vida sem a fraqueza no riso
Mascarada, ela entoa suas cantigas
Escondendo e mostrando as pernas

Mulher se curvando para o tambor
Banhando-se pelas marés
Dançando e se encontrando
Se perdendo e ganhando
Nos chamados dos corpos eternos

Mulher que se curva para o tambor
Trançando com os pés o futuro
Desenhando no infinito seu próprio caminho
Rabiscando sem rascunho no ar
Seus braços um grande pelicano a voar...

Daquele dia em diante eu segui em minhas andanças vivenciando encontros com estas Capulanas-Ialodês em suas negras insurgências... e foram muitos encontros, alguns de modo mais individual e outros de modo coletivo. Em todos, senti e vivi um pouco dos modos de estar-ser-fazer-lutar-viver destas quatro Ialodês e de várias outras mulheres.

De encontro em encontro no mergulho neste oceano negro capulânico, andamos juntas nos espetáculos “Ialodês: Um manifesto da cura ao gozo” no Humbalada e Sesc Santana; “Iwosan” e “Depoimentos para Fissurar a pele” no Projeto Singularidades no Sesc Ipiranga que foi seguido de uma

⁷⁴ Entre as leituras estão as narrativas que compunham a tese em que Flávia era citada e o resumo “Entre pontes, travessias e Encruzilhadas: corpos em tensão, inventando resistências e existências rizomáticas” submetido para o 14º Congresso Internacional da Rede Unida, do qual Flávia Rosa, Adriana Paixão, Débora Marçal, Priscila Obaci e Gal Martins também são autoras.

⁷⁵ “Cadência sagrada”, poema de Elizandra Souza do livro “Águas de Cabaça” (2012 p.35)

roda de conversa com Débora Marçal e Djalma Moura e mediação da pesquisadora Kanzelumuka; “Sangoma” como parte das atividades do Festival Ruth de Souza no Sesc Interlagos; na intervenção artística “Sã da Cura ao Gozo” dentro do Projeto Feminismos em Fricção no Centro Cultural São Paulo que contou com o debate “Mulheres Contra a Cultura da Violência” com Gal Martins, Suzane Jardim, Terra Johari e Nerie Bento; no Encontro “Práticas descolonizantes a voz e a vez dos corpos marginais” na 6ª Mostra Internacional de Teatro de São Paulo, no qual Débora Marçal foi uma das debatedoras com Martha Kiss Perrone da ColetivA Ocupação, SP e Lucas Vitorino do Grupo Pandora de Teatro, SP e com mediação de Marina Corazza; no encontro com alunos do curso de graduação em saúde pública em que Débora Marçal partilhou as histórias e fazeres da Cia, cujo encontro também contou com a presença dos Poetas Ambulantes; no Encontro Sudeste da Rede Unida em que Débora Marçal e Flávia Rosa ofertaram respectivamente as oficinas “‘Sopro, logo existo’ O poder do elemento ar na palavra empenhada’ e “Corpa território presente – experimentação corporal para mulheres”.

Foram múltiplas linhas de uma fiação tecida na singularidade e processualidade do mergulho que busquei produzir e que foram vividas pelo cultivo de uma presença a cada passo que dei em direção a elas, possibilitando experimentar outras tonalidades, sonoridades, sabores, texturas que deslocavam nossas corpos em ato para o sensível próprio dos saberes-práticas-fazeres-viveres destas Ialodês da zona sul que seguem pulsando na minha pele.

E um dos mergulhos neste oceano negro capulânico, que me possibilitou vivenciar tantas navegações-acontecimento, foi o lançamento de Negras Insurgências... Aquele era o Dia Internacional da Mulher e dia de lembrar de Marielle. “*Vocês aceitam ler uma poesia?*” Era o convite feito para mim e André na porta do Zé Batidão por uma das anfitriãs de cada sarau, Lu Souza, com sua bela e serena voz grave, que tanto nos havia chamado atenção desde nosso primeiro encontro com ela. Aceitamos o convite com alegria. Naquele momento eu pensava: e se não tivéssemos ido à Cooperifa naquela noite? Pensamento que me tomou algumas outras vezes em minha caminhada... Seguimos para o local onde Dona Edite e Zazá sentavam em todos os saraus. Aquela foi uma das poucas noites em que não as encontraríamos. “*O que teria acontecido?*” “*E como era estranho não as ter ali*”, era o que eu pensava, sentada próximo do *lugar delas*. Ali eu me encontrava com o poema que seria lido por nós. Próximo ao balcão do bar, ao lado da estante de livros, a mesa para o lançamento de Negras Insurgências estava preparada. Logo Flávia, Débora, Priscila, Adriana e Salloma lá estavam, lindos, alegres, todos de branco. Do meu lugar, eu os olhava e sentia intensamente a energia que emanavam. Ressonâncias de Insurgências... E ali aconteceram muitas trocas com todes que se aproximavam delas e dele. Abraços, sorrisos, conversas ao pé do ouvido, registros fotográficos, dedicatórias. Mais uma vez meu corpo vibrava em ato. “*E se eu não estivesse ali?*”, pensava eu novamente. Logo Lu Souza anunciou que era chegada a hora da leitura da poesia: “*Convido as mulheres que estão com a poesia que se levantem e*

venham aqui à frente". Eu olhei assustada para André que ao meu lado abriu um largo sorriso. Ainda atordoada, vi algumas das Capulanas e outras mulheres que eu não conhecia se encaminhando para o microfone. Um tanto envergonhada, levantei-me, encorajada por André. Ali estávamos no proscênio da Cooperifa. Por alguns segundos olhei para aquelas mulheres. Flávia estava ao meu lado. A cada estrofe eu sentia a força daquelas palavras que evocávamos pulsando em mim. Eu não poderia não olhar para aquelas mulheres.

Um grito entalado de desespero
Mais uma se foi
Pelas mãos sanguinárias da polícia
Mais uma se foi
Pelas mãos sanguinárias da polícia

E coberta de desilusão me pergunto
Quem será a próxima vítima dessa facção fardada
Nossas vidas não valem?
Nossos corpos não valem?
Ainda vivemos sobre o peso do chicote convertido em balas!

E com a mirada, sai do compasso. Rapidamente busquei o papel de Flávia. Com ela voltei ao ritmo.

Ainda vivemos sobre o peso do chicote convertido em balas?

Choro
O choro amargo de mais uma vida que se vai
Choro e luto por essa vida que se vai de mim
Eu morro aos poucos em cada notícia dada
Que mais uma mulher preta foi assassinada

A dor e revolta
Revolta e dor
E o peso do chicote convertido em balas⁷⁶.

Aplausos. Sentei-me, ainda revirada pela experiência. André ao meu lado era só sorrisos. "*Você faz parte disso também! Não tem jeito, não, Fia*", dizia ele sorrindo e movimentando afirmativamente a cabeça. O sarau continuou. Nosso encontro com Flávia, Adriana, Priscila, Débora e Salloma aconteceu mais para o final do sarau. Ao lado delas e dele, eu sentia a força do encontro que havíamos construído... encontros insurgentes! Pouco a pouco as singulares e fortes marcas que aquelas existências haviam deixado em mim se materializaram no papel, a cada dedicatória e no aconchego dos abraços que uniam nossos corpos. Dos ninhos que vivi...

E, naquela noite, ainda nos encontramos com as *insurgências* que ressoavam do canto e das melodias partilhadas ao violão por um descendente de Solano Trindade que estava ali também para

⁷⁶ Poesia de Raquel Almeida

celebrar as *Insurgências* que aquelas quatro Ialodês e Salloma seguiam cultivando e ativando. A hora já avançava. André já me convidava para irmos. Mas estava difícil partir. Em pé e pronta para sair, eu seguia vivenciando aquele canto negro que em alguns momentos teve a presença de algumas Capulanas, como Priscila, que trazia junto à sua corpa um dos filhos. Ancestralidades por todos os lados...

Na ladeira que nos levava à avenida M'Boi Mirim, falávamos sobre minha participação na leitura da poesia. *"Por que eu teria sido convidada?"* Era uma questão que vibrava em mim. Vendo as ruas vazias que cortavam a ladeira, eu seguia ouvindo André dizer que o convite não tinha sido por acaso, pois minha presença, minha permanência, minha vontade de estar junto e de viver um campo de questões e de lutas comum com aquelas vidas, considerando que eu produzi um modo de habitar a dita periferia, era sentida e percebia por tantas existências. E André seguia afirmando que eu havia feito corpo, sim, com aquelas vidas e que por este motivo o convite não tinha ocorrido à toa: *"Você não queria se misturar? Então? Você tem alguma dúvida de que isso aconteceu?"*. Assim seguimos com nossos corpes animados por mais um acontecimento que havíamos vivenciado. Das travessias-encruzilhadas que vivenciei com tantos corpes-pontes. Das Travessias-encruzilhadas-acontecimentos que vivenciei com estas Capulanas-Ialodês em suas Negras Insurgências...

Entre-tempos...

O encontro com Flávia Rosa – e com as questões que envolvem a produção ético-estético-política da Capulanas Cia de Arte negra – abriu visibilidades sobre distintos temas. Um dos campos problemáticos abertos foi o da saúde da população negra. Assim, cheguei a vários pesquisadores/pesquisadoras e às suas produções, como as do professor Luiz Eduardo Batista da Escola de Enfermagem da USP, da professora Lia Vainer Schucman da Universidade Federal de Santa Catarina, de Jurema Werneck, que é ativista do movimento de mulheres negras brasileiro e dos direitos humanos e diretora executiva da Anistia Internacional Brasil, do professor Deivison Mendes Faustino da Unifesp – Campus Baixada Santista, entre outros. O encontro com este conjunto de produções permitiu a compreensão de que pensar e atuar no campo da produção de saúde da população negra e das mulheres negras traz consigo um aspecto fundamental: a produção de práticas antirracistas. Esta é a pauta que orienta as ações neste campo. Olhando desta perspectiva, pode-se entender que não é por acaso que um profissional de saúde, como relatado por Flávia Rosa, dispense a colocação do lençol na maca para o atendimento de uma existência negra ou que as mulheres negras aguardem horas a mais para serem atendidas no momento do parto por serem consideradas mais resistentes à dor. Como esperar que o cuidado de vidas negras, historicamente produzidas como seres não humanos, animais e “inimigos”, seja construído de forma compartilhada e na alteridade pelos profissionais de saúde nos serviços e para além deles, de modo a incluir as famílias e a comunidade destes/destas usuários/usuárias?

É preciso encontrar com as produções do campo, pois com elas é possível visibilizar e problematizar o tema considerando as linhas que compõem e tensionam as ações e obstáculos no campo da saúde da população negra. Como discutem Luiz Eduardo Batista e Sônia Barros, ao abordarem o enfrentamento do racismo nos serviços de saúde tendo como pressuposto a importância da informação raça/cor na explicitação das desigualdades raciais em saúde e na construção de políticas públicas, há um conjunto de iniquidades que precisam ser enfrentadas. É neste contexto que tomam também como pressuposto que classe social, gênero e geração, por serem estruturantes em nossa sociedade, interferem nos desfechos da saúde, da doença e da morte desta população e que enfrentar estas questões requer avanços nas políticas de promoção da equidade no interior de uma política sistêmica e universal. Analisando retrospectivamente as ações neste campo, apontam que, nas décadas de 1970-1980, a produção acadêmica estabeleceu a relação entre direitos sociais, cidadania e saúde ancorada nos pilares do conceito de classe social com o propósito de evidenciar a relação entre população e saúde, morbimortalidade e seus diferenciais classe, socioeconômicos e culturais. Já que na década de 1990, outros aspectos emergiram como objeto de investigação no campo da saúde coletiva a partir da demografia das desigualdades, incluindo as categorias gênero, homossexualidade, heterossexualidade, identidades e saúde e a construção social do risco associada às relações de poder e hierarquia socialmente construídas. Considerando estes aspectos no contexto da saúde da população negra, chamam atenção para alguns planos de análise: como se configuravam as desigualdades dentro das desigualdades? Haveria diferenciais no desfecho da saúde entre mulheres de diferentes classes sociais e diferentes raças? Que relação há entre gênero, classe, raça/cor e saúde? (BATISTA e BARROS, 2017).

Como seguem analisando, foi nesta perspectiva que lideranças do movimento negro, seguindo os pressupostos teóricos da saúde coletiva e os indicadores de desigualdades de gênero e raça/cor, produziram um conjunto de questionamentos sobre a relação entre racismo e saúde que provocaram a inclusão do quesito raça/cor nos sistemas de informação em saúde, tendo a primeira experiência ocorrido no município de São Paulo em 1996. Foi, portanto, no contexto da inclusão nos sistemas de informação de mortalidade e de nascidos vivos que um conjunto de desigualdades raciais nas condições de vida da população e no perfil de morbimortalidade e seus impactos na saúde foram evidenciados. Somaram-se a isso, os estudos que tematizavam a qualidade dos serviços de saúde prestada a esta população. Entre as movimentações ativadas com base nas visibilidades produzidas neste período destaca-se a criação do Comitê Técnico de Saúde da População Negra do Ministério da Saúde que buscava construir a política de atenção à saúde da população negra, aprovada em 2006 como Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) e publicada em 2009 pelo Ministério da Saúde (BATISTA e BARROS, 2017).

Entretanto, como problematiza Jurema Werneck (2016), mesmo cumprindo o processo de formalização requerido pelo SUS, a PNSIPN não angariou adesão suficiente à gestão do SUS. Apesar de mobilizações do campo terem conseguido inserir seus objetivos na Lei nº 12.288/2010 aprovada pelo Congresso Nacional em 2011, como destaca a autora, além do rechaço produzido por muitos, verificou-se uma profunda ignorância acerca dos diferentes elementos envolvidos nos processos de realização de ações e estratégias necessárias, que, segundo ela, explicam porque a PNSIPN não foi adequadamente implementada após esses anos. Apesar das reivindicações da população negra e de movimentos sociais por mais e melhor acesso ao sistema de saúde, especialmente pelo Movimento de Mulheres Negras e pelo Movimento Negro, ao longo dos vários períodos da história das mobilizações negras, sobretudo no período pós-abolição, a partir da forte expressão nos movimentos populares de saúde, incluindo a participação no processo de Reforma Sanitária e criação do Sistema Único de Saúde, Jurema Werneck afirma que não se verifica que essa presença tenha sido suficiente para inserir no SUS mecanismos explícitos de superação das barreiras enfrentadas pela população negra no acesso à saúde, particularmente aquelas interpostas pelo racismo. Ainda segundo a Werneck no que se refere à saúde da mulher negra, ela não é tida com uma área de conhecimento ou um campo relevante nas Ciências da Saúde, especialmente considerando a baixa produção de conhecimento e a ausência do tema nos cursos de graduação e pós-graduação em saúde, salvo raras exceções. Trata-se, portanto, de uma temática ignorada pelo assunto pela maioria de pesquisadoras e pesquisadores, estudantes e profissionais de saúde no Brasil (WERNECK, 2016).

A esse respeito, recente pesquisa realizada com doze coordenadores de oito cursos de formação profissional em saúde (Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina, Nutrição, Saúde Pública e Terapia Ocupacional) da Faculdade de Medicina do ABC (FMABC), da Faculdade de Saúde Pública da USP (FSP-USP) e da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista (UNIFESP-BS), com o propósito de investigar a prática da implantação da Política Nacional de Saúde Integral para a População Negra pelos gestores da educação dos profissionais de Saúde no tocante à presença da temática “equidade racial em saúde” no cotidiano das instituições de ensino superior (IESs), mostrou que a referida Política teve efeito positivo em relação à

recepção do tema nas grades curriculares observadas. Contudo, as análises mostram que a temática ainda encontra um conjunto de dificuldades de consolidação no currículo, havendo um desconhecimento ou discordância dos entrevistados em relação à necessidade do tema e uma constante referência à obrigatoriedade “imposta” pelo Ministério da Educação como justificativa para a inserção da temática no currículo prescrito dos cursos, em detrimento do reconhecimento de sua importância. No que se refere ao currículo prescrito para a saúde na perspectiva dos pressupostos para uma educação humanista, sua concretização pareceu encontrar grandes desafios quando considerado que os depoimentos dos coordenadores têm como referências os valores relativos à universalidade e à igualdade abstrata, havendo ignorância ou falta de compreensão das referências sobre o reconhecimento da diferença. Neste contexto, os autores levantam a hipótese de que tal postura pode ser devida ao desconhecimento da produção bibliográfica que analisa relações de equidade/iniquidade racial em saúde, o que, neste caso, produz efeitos nefastos, entre os quais, a invisibilidade do racismo como Determinante Social de Saúde e o desperdício de uma valiosa oportunidade de preparar os futuros profissionais de saúde desde a formação inicial para lidarem, de forma humana, e não puramente técnica, com estas questões em seu ambiente de trabalho. Nesta perspectiva, os pesquisadores afirmam que, embora a pesquisa tenha se restringido a oito cursos, os resultados obtidos oferecem importantes indícios a respeito do campo como um todo (SANTANA et al, 2019).

Nesta direção, Batista e Barros, ao pontuarem que a PNSIPN possui apenas 10 anos, afirmam que a população e os profissionais de saúde desconhecem as questões no que se refere ao modo como racismo impacta a vida e ainda sobre o acesso aos serviços e a qualidade da atenção. E problematizando a questão a partir do projeto de pesquisa por eles desenvolvido, “Avaliação do Processo de Implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: Indicadores de Monitoramento e Avaliação”, apontam que os poucos gerentes que conhecem e assumem o compromisso com a implementação da PNSIPN afirmam não saber como proceder, mesmo reconhecendo o impacto e a diferença a ser produzida no perfil de morbimortalidade da população negra o combate ao racismo e a discriminação nas instituições e serviços de saúde. E seguem afirmando que o caminho a ser percorrido é longo e que a descontinuidade ou interrupção da PNSIPN significará um agravamento nos aspectos, já existentes, relativos à mortalidade e morbidade quanto à raça/cor, incluindo as pessoas com doença falciforme que continuarão a não merecer assistência na atenção básica e a morte precoce de negros e negras por causas evitáveis. Efeitos estes que significariam um retrocesso no processo de democratização no que se refere à diminuição das desigualdades sociais (BATISTA e BARROS, 2017).

Indo em outra direção, considero não ser um “problema de implementação” ou “ignorância. Essa foi uma política que ficou restrita ao texto, à convocação. Não foram propostos, nem trabalhados, dispositivos micropolíticos para intensificar a disputa no cotidiano. Na época não houve força política para tanto. Vidas negras importam, como tem sido discutido recentemente, pode ser um bom mote para disparar processos de reflexão local, recolhendo e problematizando efeitos da assistência atualmente produzida. Do mesmo modo que com outras populações discriminadas – loucos, pessoas que vivem na rua, pessoas trans etc – a singularidade da experiência de vida da população negra precisa ganhar visibilidade ser considerada na sua singularidade.

A política integral de atenção à saúde da população negra, além disso, esteve muito focada em certos problemas biológicos, como a anemia falciforme e a hipertensão maligna, sem trazer para a mesa aspectos fundamentais do sofrimento imposto a essa população, inclusive a partir das políticas de extermínio.

As considerações acima se compõem com a interrogação Como articular a busca pela universalização dos direitos com as demandas requeridas por grupos específicos em uma sociedade desigual que orientou a problematização de Deivison Faustino ao buscar tematizar algumas tensões e possibilidades em torno da operacionalização dos conceitos de universalidade e equidade nas políticas públicas e no debate sobre o direito à cidade, a partir dos debates e das resistências em torno da institucionalização da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra e sua relação com as prerrogativas do Sistema Único de Saúde. O autor ressalta que se as questões dos diversos grupos de interesse forem analisadas segundo uma episteme binária apenas a escolha entre a afirmação de uma particularidade totalizante, isto é, se a saúde da população negra for pensada nos termos de seus críticos, seria necessário ignorar os indicadores em nome de uma universalidade abstrata que se cala a respeito das disparidades raciais em saúde. Outro aspecto a ser considerado de sua análise diz respeito à classificação do campo da saúde da população negra como política focalizada, a qual estaria supostamente em consonância com as prerrogativas neoliberais e em confronto com a universalização, o que, segundo Deivison apenas faria sentido se fosse desconsideradas as prerrogativas implícitas ao referido campo. Em diálogo com as discussões de Eduardo Batista e Rosana Monteiro (2012), Deivison afirma que a PNSIPN em sua perspectiva de transversalidade está unilateralmente dependente do fortalecimento progressivo do Sistema Único de Saúde para se viabilizar e que, quando articulada no interior no SUS, ela não traz consigo a ideia de focalização definida após 1990, justamente porque sua especificidade está voltada à busca complementação, aperfeiçoamento e viabilidade da política universal no âmbito da saúde a partir de seus instrumentos de gestão e considerando as especificidades do processo saúde-doença da população negra no Brasil. Ademais, aponta que o SUS, considerando sua particularidade histórica de emergência, está mais próximo da articulação entre programas específicos regidos pela diretriz da universalidade em detrimento da ideia de focalização defendida pelo mercado. Neste contexto, pontua que a reivindicação do campo da saúde da população negra diz respeito à possibilidade de enfrentar as inequidades raciais em consonância com a busca pela universalização do direito à saúde (coadunada à noção ampliada de justiça social que articula reconhecimento e distribuição). É neste campo analítico que se pode pensar a respeito do direito à cidade, pois a tão desejada liberdade de construir e reconstruir a cidade e a cada um de nós como um bem precioso, demanda o reconhecimento integral dos sujeitos que a compõem em suas mais diversas diferenças e particularidades e, especialmente, dos processos que convertem as diferenças em desigualdade (FAUSTINO, 2017).

Considerando que o processo de produção de políticas sempre envolve disputas de poder, de projetos e que mesmo depois de produzido o texto de uma política como resultado de forças emplacaram mais, as quais continuam operando em todos os espaços no sentido de seus projetos e interesses como na mídia, junto aos poderes constituídos (diferentes níveis do executivo, judiciário e legislativo, nas universidades, nas associações representativas, nas entidades profissionais, nos partidos políticos) e no cotidiano do trabalho nos mais diversos lugares, como problematiza Feuerwerker (2017), e que tal processo é constituído por

um conjunto de forças em disputa que se instauram nos atos relacionais do campo da micropolítica, nas relações de poder, nos processos de subjetivação conformadores das existências no cotidiano da vida, como nos convidam a pensar Emerson Merhy, Laura Feuerwerker, Mara Santos, Débora Bertussi e Rosana Baduy (2019, p.74), é possível entender a pouca visibilidade e debate sobre os atravessamentos e tensões que compõem a produção de saúde da população negra e das mulheres negras no âmbito da PNSIPN e para além dela. Como ocorre com outras políticas, a PNSIPN também faz parte de um campo de forças em que distintas apostas e disputas são travadas com o agravante que, neste caso, há um conjunto de enfrentamento a serem continuamente produzidos sobre os sentidos produzidos sobre o valor das vidas negras e sobre as singularidades que envolvem a produção de seu cuidado e saúde, especialmente considerando o que grande parte destas vidas experimenta no cotidiano em relação às desigualdades das condições materiais da existência. Com as aproximações que produzi sobre o tema fica a questão da necessidade de seguirmos produzindo enfrentamentos contra um traço que constitui historicamente o Brasil: o racismo. Um país fundado sobre corpos negros e indígenas. Um país que recebeu o maior contingente de vidas escravizadas no período colonial. Um país que foi o último a proibir a escravização de vidas negras, o que não impediu que tal modelo seguisse vigente. Um país que no chamado “pós-emancipação” não cuidou das vidas que eram submetidas sem distinção (mulheres, homens, crianças) a regimes de mais de 18 horas de serviços. Um país que tinha como prática sistemática o estupro de mulheres negras pelo senhor que habitavam a casa grande. Um país que ensina nos bancos escolares sobre a harmonia da democracia racial. Um país que desconsidera o ensino da história e cultura afro-basileira nas escolas. Um país racista contra os indígenas e suas formas de viver (MILANEZ et al 2019)⁷⁷. Um país em que racismo e eugenia andaram de mãos dadas, com São Paulo atuando ativamente nesta produção⁷⁸. Um país cujos habitantes não reconhecem: sim, somos racistas⁷⁹.

⁷⁷ No artigo “Existência e Diferença: O Racismo Contra os Povos Indígenas”, Felipe Milanez, Lucia Sá, Ailton Krenak, Felipe Sotto Maior Cruz, Elisa Urbano Ramos e Genilson dos Santos de Jesus (Taquary Pataxó), discutem um dos aspectos mais invisibilizados do racismo no Brasil, o caso do racismo contra os povos indígenas, a partir da pesquisa colaborativa realizada pelo encontro com intelectuais, artistas e lideranças indígenas com a qual problematizam o vazio na literatura sobre o tema, bem como compartilham depoimentos e reflexões (práticos e teóricos) sobre racismo por parte de autores indígenas. Entre os pontos problematizados, cabe considerar: “Constatamos que a invisibilização em torno desse tema torna o ato enunciativo em si o primeiro grande passo para mudar essa conjuntura. Isto é, identificar, reconhecer e falar a respeito dessas experiências são os primeiros passos para que possamos pensar sobre estratégias concretas de uma luta que seja indígena e antirracista. A premissa básica para contornar a mistificação arquitetada pelos brancos responsáveis por tornar o racismo um tabu contemporâneo na sociedade brasileira é alçar as vítimas desse processo à condição de autores e protagonistas de suas narrativas. É impossível discutir racismo sem contar com a presença e a voz desses sujeitos racializados. No caso aqui exposto, é impossível pensar estratégias eficazes de combate ao racismo sem que estejam os indígenas dentro da construção da luta antirracista. [...] A experiência que tivemos nos desenhou um cenário preocupante, não apenas por nos depararmos com narrativas de muita brutalidade, mas também por percebermos uma aura de permissibilidade e impunidade em torno das pessoas que cometem os atos racistas. Tal impunidade encontra eco na reprodução sistemática de concepções racistas que perduram no tempo e que, por serem parte constituinte do imaginário nacional, se fazem presentes no funcionamento das próprias instituições que deveriam, em sua grande maioria, operar para a defesa dos direitos indígenas. Logo, não se trata apenas de criar canais e ouvidorias de denúncias eficientes, mas também de pensar a capacitação de profissionais que reconheçam a existência do racismo e que sejam sensíveis a esse problema”. (p. 17) [...] Para os povos indígenas, é de suma importância reconhecer o racismo como um sistema estruturado contra essas populações. Sistema esse que se constitui em várias dimensões, como a epistêmica, a política, cosmológica, a institucional, e assim por diante, e a elas são somados eixos articuladores como, por exemplo, o machismo. “No caso do racismo em relação a pessoas e formas de viver dos indígenas, não se trata de desconhecimento de parte da sociedade não indígena, mas sim da arrogância no sentido de uma construção cultural pela desvalorização e desrespeito às pessoas ditas de culturas diferentes”. (MILANEZ et al 2019 p.18).

⁷⁸ O professor André Mota em sua livre docência, “Tempos cruzados: raízes históricas da Saúde Coletiva no estado de São Paulo – 1920-1980”, nos fala que “eugenia paulista não produzia um discurso apenas de saneamento, mas de restrição e racismo, que colaborou com o ataque aos negros e mulatos que estavam na cidade ou que chegavam aos milhares a todo o estado. Sobre a população, pouco se falou ou se tratou apenas para espelhar as incongruências de um modelo capitalista excludente e autoritário formulado pelas elites paulistas, deixando passar ao largo suas instituições médicas e de saúde (p.18) [...] No caso paulista, incorporando-se a eugenia também como um termo médico nas diversas especialidades – inclusive a saúde pública –, demarcavam-se estratégias na busca de um homem ideal, reconhecido em sua individualidade para ser modificado, pois se dizia que nem todos tinham as mesmas chances de ascender de um estado considerado mórbido e degenerado. Entendida como “tecnologia científica” a ser implementada, a eugenia motivou longos debates e desaguou em subdivisões importantes, tendo, em larga medida, a questão dos negros e mulatos na pauta do pensamento eugênico (p.38) [...] Entre as instituições financiadas pela Fundação Rockefeller em toda a América Latina, em São Paulo, foram a Faculdade de Medicina e seu Instituto de Higiene os primeiros impactados por tais questões científicas. Estudava-se a raça como fator de higiene, quer em pesquisas científicas e estudos acadêmicos apresentados aos médicos bolsistas da Fundação, quer em sua “leitura paulista”, introduzindo uma nova tecnologia de saúde, a eugenia. Talvez aqui um dos grandes problemas de construção histórica do período seja o de tentar retirar das ações reformistas de Paula Souza a sua essência, ou seja, a ciência racial que alinhavou todo o seu projeto, resumindo seu plano tecnológico apenas aos Centros de Saúde e a eugenia como um sinônimo de saneamento. Realmente, seus esforços foram enormes nesse sentido, incorporando ações sanitárias de base ambientalista como a nutrição, a puericultura e a educação sanitária, assuntos difundidos pelo Instituto de Higiene, mas igualmente indicando a inferioridade dos negros e mulatos, prevendo a restrição matrimonial pelos Centros de Saúde ou ainda colaborando para a divulgação desses preceitos por meio de cartilhas e revistas eugenistas (p.41) [...] Em sua análise [Paula Souza], o negro poderia ser entendido como um elemento a configurar a decadência racial brasileira. Mais que o negro, o mulato estaria no auge desse processo, podendo-se acompanhar seu grau de decadência física e moral, não obstante atravessado por um processo de arianização, principalmente em solo paulista (MOTA, 2017, p. 44).

⁷⁹ Artigo de Lia Vainer Schucman, “Sim, somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana” (2014), que integra os estudos interdisciplinares nacionais e internacionais sobre branquitude e no qual ela constrói uma análise de como os sujeitos brancos se apropriam da categoria raça e racismo na constituição de suas subjetividades.

Partilhando algumas andanças

“Que tal você compartilhar um pouco
com a gente por onde você tem andado,
com quem tem encontrado, Valéria?”

O convite me assustou um pouco. Mas no minuto seguinte, eu e André, já estávamos cochichando durante a reunião do grupo o que poderíamos fazer. Ali mesmo, várias ideias nos passaram. Após a reunião seguimos tagarelando empolgados pelo corredor da Faculdade. Falávamos e andávamos. Parávamos e falávamos. Andávamos mais um pouco e falávamos um outro tanto... Só paramos de falar quando nos separamos na entrada do metrô. Uma brevíssima pausa, pois dali em diante seguiríamos duas semanas, dia e noite, pensando, vivendo, inventando o que denominamos: *compartilhamento do campo*.

No caminho para o ponto, refletia sobre o que já era possível visibilizar e partilhar. Enquanto seguia olhando a Avenida Paulista pela janela do ônibus, entrei em uma outra viagem lembrando das existências que havia conhecido e das fronteiras que eu havia cruzado. Em tão pouco tempo várias travessias e passagens no encontro com tantos corpos. Diferentes encontros com várias vidas e espaços: Cooperifa e seu povoamento de poéticas, Dona Edite que *é força para continuar*⁸⁰; Casa de Cultura e seus movimentos como o Grupo Flor de Lis, Grupos Espírito de Zumbi, Festa do Panelafro que seguem no cultivo de possibilidades de vida com a cultura popular; Flavia Rosa e Capulanas Cia de Arte Negra que produziram um outro aquilombamento na companhia de outras vidas na zona sul para a produção de saberes e fazeres; Sol Almeida e Cia Basalto de Arte que enfrentam as alegrias e as dores de um produção de diferentes *transitos*; Claudio Miranda e o Instituto Favela da Paz experimentam sons, sabores, energias e encontros no Jardim Angela e para fora dele que permitem a invenção de um modo de viver mais compartilhado. Foi com esta multidão de vidas e com os vários encontros porvir abertos que segui inquieta até em casa.

A primeira ideia que me passou foi a composição de um vídeo com o material produzido nestes meses. Apesar de ainda não saber como daria corpo para as muitas horas de conversa, de filmagens e de imagens captadas, de um ponto eu não tinha dúvida: produzir um encontro que permitisse partilhar as intensidades que havíamos vivido. Compor uma experiencia que permitisse fazer ver e sentir por aqueles que não caminharam comigo/conosco as movências que se voltavam à produção e ao cultivo de *mais vida possível*. O convite de Laura me convocou para isso. Do susto inicial à intensa vontade de dividir as intensidades, as vibratilidades e as afecções que eu seguia/que nos seguíamos experimentando e que possibilitavam alguma produção de pensamento.

⁸⁰ Frase de Cocão Avoz da mensagem para Dona Edite no cd “não mexe comigo que eu não ando só” sobre o qual falarei na narrativa de mesmo nome.

Fiquei muito mobilizada pela ideia inicial de partilhar um pouco das andanças a partir da feitura de um vídeo, pois algumas experiências não eram traduzíveis pela palavra. As andanças do campo reafirmavam o sentido da experiência dos encontros de forma viva, no corpo, na carne. Experimentava momentos e acontecimentos dos quais transbordavam aquelas tecnologias tão fundamentais nos encontros da vida. Pensava o quanto a arte que via ser produzida e que sentia pulsar de forma tão intensa no corpo expressava o sentido de termos nossas existências ocupadas pelas tais tecnologias que nos convocam para a *leveza*, para aquilo que se passa de modo sensível e sutil nos encontros⁸¹.

Além de mobilizada para a preparação do vídeo, eu e André, fomos sendo ocupados pela ideia de trazer as vozes que ressoavam fortemente em nós considerando as andanças fizemos juntos como a primeira ida e várias outras à Cooperifa e à casa de Dona Edite e a vivência da peça 6 fragmentos de uma história em desalinho da Cia Basalto que abriu caminho para uma conversa com Sol Almeida na Casa de Cultura de M'Boi Mirim.

Como trazer estas vozes? A escolha não foi simples. Conversamos um tanto sobre essa questão. De nossos processamentos, saltou um aspecto: partilhar relatos que expressassem pontos singulares, pois, ainda que algumas falas estivessem situadas em um campo comum de experiências, caberia trazer para a cena os modos como as existências produzem movimentos de modo singular a partir daqueles campos comuns. Essa foi a questão que orientou a seleção das falas, inicialmente realizadas por mim e posteriormente analisadas de forma conjunta.

E nossas conversações não paravam, seguiam de perto e longe. Neste processo fui ocupada por um pensamento: ainda que as múltiplas formas de violência, de apagamento, de silenciamento, de objetificação, de exclusão tivessem aparecido intensamente nas primeiras conversas do campo, elas saltava de cada uma um “como” que justamente dizia da invenção de diferentes modo de enfrentar de enfrentar estes atravessamentos com base em perspectiva coletiva, ainda que por vezes algumas ações/movimentos fossem conduzidos por uma existência. O germe do coletivo estava sempre se proliferando.

⁸¹ Partilhando a perspectiva de Henz et al (2019, .47) que, como citei brevemente no início desta tese, nos falam que para operar mudanças de registro do sensível é preciso “deslocar-se, sair do ambiente conhecido, caminhar por ruas não habituais, expor-se a impressões diversas. Há algo de atraente nestas pequenas viagens: o conhecido assegura tanto quanto entedia. Uma escultura de Rodin, chamada “O homem que anda”, indica o fascínio sensível do movimento. Só as pernas e pés compõem a escultura. François Tosquelles em entrevista a Pain (1985), diz que, quando andamos pelo mundo, o que conta não é a cabeça, são os pés: você tem que saber onde põe os pés; são eles os grandes leitores do livro do mundo, da geografia. Não é sobre a cabeça que se anda, os pés são o lugar da recepção. Trata-se de ficar de pé, de fazer uma distribuição do tônus, para ir a algum lugar, mas é com os pés que se vai, não com a cabeça. E dizia: “Vocês pensam com a cabeça quando é preciso pensar com os pés” (OURY, 2012, p. 10). Henz et al problematizam ainda que “o sensível não parece mesmo muito afeito à limpeza. Antes, tende à mistura, às afinidades heterogêneas. É difícil sustentá-lo na pureza, em ambientes assépticos e estéreis, pois o contágio parece ser o principal meio de sua transmissão. A boa forma não seria um melhor operador do sensível do que as demais, ainda que costume ser apresentada como tal, por ser mais bem acabada, melhor resolvida. Mas, seja ela ou outras, conforme sua intensidade, transtorna, exigindo recursos significativos para lhe suportar” (p.149)

Caminhar por entre estas vidas, vivenciando várias produções fizeram pensar que eu visibilizava *dobra* que se faziam e refaziam nestas vida⁸² como parte de um processo de maquinação que tem permitido diferentes existências lidar com uma produção de mundo que está alicerçada no *fazer viver e deixar morrer*⁸³ que mais atualmente conjuga-se a um *fazer morrer*. Dobras que se desdobram e redobram como *traços* que vão a *um infinito* de produções. Movimentos em contraposição ao genocídio físico e existencial e em direção à defesa da produção da vida em sua singularidade. Gestos que dizem de uma “operação própria a uma arte de viver” como nos fala Deleuze (2013, p.143).

Foi nesta direção que seguimos, pois embora diferentes modos de *fazer morrer* tivessem aparecido nas conversas incluindo o *triângulo da morte*, saltava para mim o interesse de enfatizar modos possíveis de *agir para viver* que eu via ser produzido em diferentes lugares. O pensamento que orientou a montagem do compartilhamento foi: não desconsiderar essas linhas produtoras de morte e enfatizar a *fabricação de vida* que víamos capilarizadas em muitas dobras, no lugar de destacar o negativo, que remete a passividade, ao medo e à tristeza.

⁸² A noção de dobra foi desenvolvida por Deleuze na obra “A Dobra: Leibniz e o Barroco” (2007) a partir de Leibniz. Ao tratar do tema “a dobra que vai ao infinito” Deleuze nos fala “o barroco remete não a uma essência, mas sobretudo a uma função operatória, um traço. Não para de fazer dobras. Ele não inventou essa coisa: há todas as dobras vindas do Oriente, dobras gregas, romanas, românicas, góticas, clássicas. Mas ele curva e recurva as dobras, leva-as ao infinito, dobra sobre dobra, dobra conforme dobra. O traço do barroco é a dobra que vai ao infinito. Primeiramente, ele diferencia as dobras segundo duas direções, segundo dois infinitos, como se o infinito tivesse dois andares: as redobras da matéria e as dobras na alma (p.13) [...] diz-se que um labirinto é múltiplo, etimologicamente, porque tem muitas dobras. O múltiplo é não só o que tem muitas partes, mas o que é dobrado de muitas maneiras. Um labirinto corresponde precisamente a cada andar (p.14) [...] “sempre uma dobra na dobra, como uma caverna na caverna. A unidade da matéria, o menor elemento do labirinto é a dobra, não o ponto, que nunca é uma parte, mas uma simples extremidade da linha [...] a desdobra, portanto, não é o contrário da dobra, mas segue a dobra até outra dobra. “Partículas reviradas em dobras” e que um esforço contrário muda e torna a mudar. Ao tratar do tema “o interior e o exterior, o alto e o baixo” Deleuze nos fala “a mônada é a autonomia do interior, um interior sem exterior. Mas ela tem como correlato a independência da fachada, um exterior sem interior. A fachada, sim, pode ter portas e janelas; está cheia de buracos, embora não haja vazio, dado que o buraco é apenas o lugar de uma matéria mais sutil. As portas e janelas da matéria abrem-se e fecham-se tão somente de fora para o fora. Certamente, a matéria orgânica já esboça uma interiorização, mas relativa, sempre em curso e não acabada. Desse modo, uma dobra passa pelo vivente, mas para repartir a interioridade absoluta da mônada, como princípio metafísico de vida, e a exterioridade infinita da matéria (p.58). Na obra conversações o tema da dobra é retomado na entrevista concedida por Deleuze denominada “O retrato de Foucault” ao abordar os temas do saber, do poder considerando a linha do fora: “seria preciso ao mesmo tempo transpor a linha e torna-la vivível, praticável, pensável. Fazer dela tanto quanto possível, e pelo tempo que for possível, uma arte de viver como se salvar, como se conservar enquanto se enfrentar a linha? É então que aparece um tema frequente em Foucault: é preciso conseguir dobrar a linha, para constituir uma zona vivível onde seja possível alojar-se, enfrentar, apoiar-se, respirar – em suma, pensar. Curvar a linha para conseguir viver sobre ela, com ela: questão de vida ou morte. A linha mesmo não para de se desdobrar a velocidades loucas, e nós, nós tentamos dobrar linha para constituir “os seres humanos que somos”, atingir “o olho do ciclone”, como diz Michaux: as duas coisas ao mesmo tempo. Essa ideia de dobra (e desdobra) sempre obcecou Foucault: ela aparece não só em seu estilo e sua sintaxe, mas também caracteriza a operação da linguagem no livro sobre Roussel (“dobrar as palavras”) e a operação do pensamento em *As palavras e as coisas*. Dobras e desdobras, isto é sobretudo o que Foucault descobre em seus últimos livros como sendo a operação própria a uma arte de viver (subjetivação) [...] o fora, a dobra da linha do Fora, a realidade humana como ser do Fora (p.143) [...]. Mas é sempre a mesma questão que vai de Michaux a Roussel e, constitui a poesia-filosofia: até onde desdobrar a linha sem cair num vazio irrespirável, na morte, e como dobrá-la sem, no entanto, perder o contato com ela, constituindo um dentro copresente ao fora, aplicável ao fora? São “práticas. [...] a dobradura desta linha é exatamente o que Foucault chama, enfim, de processo de subjetivação (p.144).

⁸³ Na obra “Em Defesa da Sociedade” Foucault analisa que o regime de soberania valia-se do direito de *fazer morrer e deixar viver* e que no processo de produção do biopoder a ênfase era a “defesa da vida” na medida em que o poder incumbia-se da população, otimizava vida as condições de vida desta e a produzia modos de proteção do corpo e da raça. Contudo, Foucault a produção do biopoder não significou o fim do poder soberano, havendo, pois, coexistência destes dois modos de governar a vida. É neste contexto que Foucault localiza a fabricação do racismo: “Com efeito, o que é o racismo? É, primeiro, o meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer [...] Essa é a primeira função do racismo: fragmentar, fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a quem se dirige o biopoder. De outro lado o racismo terá sua segunda função: terá como papel permitir uma relação positiva, se vocês quiserem, do tipo: “quanto mais você matar, mais você fará morrer, ou quanto mais você deixar morrer, mais, por isso mesmo, você viverá”. A função assassina do estado só pode ser assegurada desde que o Estado funcione no modo do biopoder pelo racismo (2005 p. 304-306).

Segui por alguns dias mergulhada nas vidas que havia conhecido. Voltei para os encontros. Lia e relia as transcrições das conversas, ouvia os áudios e revia fotos e vídeos. Deixei que os encontros ressoassem em mim. Neste período, dediquei-me inicialmente à preparação do vídeo cuja feitura se estendeu por mais de uma semana. Com o vídeo adiantado, pude debruçar-me à preparação de um arquivo com as falas pré-selecionadas para que eu e André pudéssemos definir as que levaríamos para o encontro. Mas como partilhá-las? Essa foi uma questão que nos ocupou. Inicialmente pensamos em espalhá-las pelo chão próximas aos outros elementos que remeteriam a passagem de um *triângulo de morte* a uma *rede produtora de vida*. Uma rede que entrevia agenciar potências em muitas direções. Uma constelação de produções acentrada, que não estava subordinada a um comando. Uma rede que naquele momento enxergávamos ser tecida com fios de vários tipos que se entrelaçavam: de palavras materializados na poesia e na literatura periférica; de música, dança e teatro que ecoavam em diferentes sonoridades e gestualidades desde o rap passando por ciranda, samba, congada, *soul*, *world music* e que trazem saberes, fazeres e questões da diáspora/matriz africanas e da produção deste mundo que partilhamos.

No reencontro com as falas, logo pensei na possibilidade de dispô-las no espaço de modo que os participantes do encontro pudessem se movimentar por entre estas vidas, como eu e André estávamos experimentando, e se encontrassem com cada uma de modo mais convidativo e a seu tempo. Pendurar as falas. Como? Em varais! Era isso! Partindo da ideia de que o compartilhamento deveria ser vivo, provocar “deslocamentos”, decidimos expor as falas em varais que se entrecruzariam no espaço. Visibilizar o que havia sido dito demandaria uma movimentação ativa dos participantes do encontro.

Sábado de tarde. Estávamos há três dias do compartilhamento. O celular avisou que uma mensagem havia chegado: “*tive uma ideia que acho que vai funcionar para a instalação do rizoma. Mas não vou te contar o que é. Estou testando aqui com uns jornais e vamos ver como vai ficar. Está saindo...*”. André fazia mistério sobre a ideia que havia tido. E enquanto eu continuava me dividindo entre a finalização do vídeo e a seleção da seleção final das falas, ele seguia lá torcendo jornais e experimentando a montagem da instalação. Estávamos distantes, mas não separados. Seguíamos trocando novas *faíscas*, como diz André, intensivamente. E sem parar viajamos por ideias, pensamentos, desentendimentos, entendimentos, criações... nossos corpos estavam inteiramente voltados para essa produção.

Manhã de domingo. Estávamos há dois dias do compartilhamento. Acordei pensando intensivamente na Casa de Cultura. Naquele momento ainda mantinha a ideia de escrever os textos, como havíamos combinado, sobre a Casa, as Capulanas e a Cia Basalto/Manifesto da Bixa Preta, para que fossem lidos por nós no dia do compartilhamento. Deitada, seguia pensativa olhando para o céu que naquela manhã era apenas ocupado pelo sol. Ao tempo em que mergulhava naquele mar azul uma

pergunta avolumou-se: “Que Casa é essa?”, “Que Casa é essa?”, “Que Casa é essa?”. Uma pergunta que reverberava em mim como um ritornelo. Que sensação! Enquanto eu me interrogava, atualizava os vários encontros que havia tido até aquele momento com as existências que ocupam e que são ocupadas por aquela Casa-território.

Na companhia do sol que naquela altura espalhava-se pela parede em frente à minha cama e que já se insinuava para a minha pele aquecendo-a, lembrava dos rostos, dos gestos, das falas, das sonoridades, das cores e das muitas histórias que conheci daqueles que a Casa de perto e de longe e ainda daqueles que já se foram e que lá permanecem. Casa-território-ocupação.

Pensava na ginga de tantos corpos que, apesar de vergarem com os ventos e tempestades enunciados pela *Griot*, jamais sucumbem às permanentes tentativas de desmantelamento do espaço. Gingando, moradores e não moradores da região seguem aquilombando-se para a composição de modos de viver e de resistir que cuidam, fortalecem, unem, protegem e defendem povos, valores e vidas em sua singularidade. Casa-território-ocupação-quilombo.

Nessa atualização, segui para o computador. E tomada por aquele arrastão de afetos arrisquei-me a responder “Que Casa é essa?” de um modo que ainda não havia experimentado:

Que Casa é essa?

É Casa de estar. É Casa de passar. É Casa de vadiar. É Casa de ficar.

Muitos ainda nela estão.

Outros têm outro tempo... vem, ficam, passam, saem, voltam, vão...

Casa de movimento.

Que Casa é essa?

É uma Casa de aprendizagens... no corpo, para a existência.

É Casa de afetos. É Casa de encontros. É Casa de afecções.

É Casa do diverso.

É Casa de combates incessantes.

Casa de disputas... por vidas singulares, contra múltiplas forças e poderes

É Casa de viver. É Casa de habitar.

É Casa de Tumulto. É Casa de Ocupação. É Casa de Vigília

É Casa de desobediência. Ocupada pela diversidade

Lugar de produção de Permanência...

Permanecer = ocupar, defender... a si mesmo e o outro

Casa de lutar por tantas existências...

Por modos de existir que não se rendem às investidas institucionais.

Que Casa é essa?

É Casa de conflitos. É Casa de vaidades. É Casa de preconceitos.

É Casa de desavenças. É Casa de problemas.

É Casa que dá dor de cabeça... que maltrata o corpo.

É Casa de enfrentamentos.

Embates longínquos e constantes... múltiplas violências.

Disputa viva entre o instituído e o instituinte.

Que Casa é essa?

É Casa de dissidentes... que saem para produzir vida em outros lugares.

Produção de invenções para além de um Triângulo de Morte.
 É Casa daqueles que estão ao mesmo tempo dentro e fora dela.
 Movimentos que tecem afetos, relações, novos saberes, novas apostas de vida.
 Movimentos que formam outras redes... diferentes amarrações nesta tessitura periférica.
 Um tecer permanente.
 Fios que se desgastam, que arrebatam, que se refazem, que se desfazem.
 Fios que constituem novas tramas. Fios impalpáveis e invisíveis... Rede consistente.
 Rede nômade... Rede viva.
 Rede intensa, rede extensa... rede que cuida.
 Emaranhado de fios... rede interminável.
Mas que Casa é essa?
 É uma casa *Popular*. É uma casa *de Cultura*. É uma Casa *de M'Boi Mirim*.

As palavras fluíam de um modo espantoso. Nada foi premeditado, tudo foi sentido. Ao computador seguia sendo inundada pelo que foi dito e vivido. Lembrava das flores com suas saias rodadas e igualmente floridas, de Aline e sr. Raimundo na alfaia, de Geraldo Magela ao violão e de sr. João ao banjo, da ciranda a girar e a ziguezaguear no Panelafro, dos adolescentes vivenciando com Arakunrin a coreografia do pescador no Espírito de Zumbi, dos relatos de violências físicas e simbólicas produzidas pelos gestores da Casa, das disputas para que a Casa permaneça de pé, dos encontros e desencontros entre os que seguem habitando a Casa a seu modo, da rede de saberes-fazer-viver que seguiam sendo dentro e fora da Casa. Apesar deste emaranhado de encontros iniciados na Cooperifa que eu seguia produzindo na Casa de Cultura e alguns espaços, minha caminhada estava no início. Contudo, sem perceber, eu já estava sendo ocupada pelas poéticas que compõem aquelas existências. E tudo o que já me habitava transbordou nesta experiência de escrita. E esta não seria a única experiência de uma escrita urgente, inadiável, vibrátil. Neste processo, o bloco de notas do celular foi se tornando ao longo do campo o melhor lugar para desaguar estes afetos que não podiam esperar uma noite de sono para ganhar corpo, ainda que o meu próprio corpo estivesse quase tomado pela exaustão. Isso era precisamente o que meu corpo pedia, a quente.

Véspera do compartilhamento. Agitados e, por várias vezes impacientes um com outro, realizávamos as últimas combinações para o encontro. Testávamos a posição dos varais e demarcávamos o espaço dos elementos que ficariam no chão. “*Passei o domingo torcendo papeis. Testei no chão e ficou ótimo. Deu certo*”.

Dia do compartilhamento. Seguia relendo o texto sobre as Capulanas antes de imprimi-lo que também aconteceu de um modo muito fluido tal como o “que Casa é essa?”. A inspiração para a escrita foi o encontro Flávia Rosa e as produções que conheci naquele dia - o livro *Mulheres Líquido*, o dvd Sangoma e o material audiovisual *A cama, a carne e o querer*. Sentei ao computador e compus a escrita como se uma Capulana contasse um pouco sobre o coletivo. Já para partilha do encontro com a Cia

Basalto, escolhemos fazer a leitura do Manifesto da Bixa Preta que também fala com tantas vidas. As existências falando por elas mesmas.

Silêncio. Escuridão. Abri a porta. Nosso grupo entrou. Soltei o áudio:

Eu vou contar o que aconteceu naquela madrugada macabra. Eu saí de casa, como eu fazia todo dia, cinco e meia da manhã, e logo que eu saí eu vi, bem do lado da viela, perto do escadão, uma pessoa morta, no chão. Morta. Eu passei por ela e continuei no meu caminho. Quando eu cheguei no final da viela, eu vi, outro corpo. Eu não parei de andar. Eu continuei. Eu andei mais um pouco e na frente do bar, dorisca faca, eu vi mais dois corpos. Macabro... eu tinha visto três pessoas mortas. Eu continuei no meu caminho sem parar. E na frente da praça que fica um pouco mais pra frente, na pracinha aqui, tinham mais dois corpos. Eu não acreditava eram cinco pessoas mortas. Eu não parei. Quando eu estava chegando perto do Centro Empresarial, que era o lugar que eu pegava o ônibus, tinha mais uma pessoa morta no chão. Eu vi sete pessoas mortas neste dia. Foi isso. Foi isso o que aconteceu naquela madrugada macabra.

Figura 38: O que era visto por todes ao entrarem no espaço do *Compartilhamento*. (Foto: Débora Bertussi)

André se levantou do fundo da sala cantando:

Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge
 Para que meus inimigos tenham mãos
 E não me toquem
 Para que meus inimigos tenham pés
 E não me alcancem
 Para que meus inimigos tenham olhos
 E não me vejam
 E nem mesmo pensamento eles possam ter
 Para me fazerem mal

Armas de fogo
 o meu corpo não alcançará
 Facas e espadas se quebrem
 Sem o meu corpo tocar
 Cordas e correntes se arrebenhem
 Sem o meu corpo amarrar
 Pois eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge
 Jorge é de Capadócia

Após o canto, eu dizia:

Estamos no Jardim São Luiz. Cemitério do Jardim São Luiz. Na década de 1980, esta região ficou conhecida como *triângulo da morte*, compreendendo o Jardim São Luiz, o Jardim Ângela e o Capão Redondo. Era para cá, para o cemitério do Jardim São Luiz, que muitos jovens eram trazidos. Aqui muitos jovens foram enterrados, alguns como indigentes.

À medida que eu falava, André recolhia os signos daquele Triângulo de Morte.

Hoje a região não é mais um triângulo que produz morte. Não, não é mais. Hoje a região em que estamos, apesar de vários problemas que ainda a constituem, é um lugar de produção de vida de muitos modos, de produção de distintos modos de existir. Vidas em suas singularidades. E é um pouco disso que veremos e sentiremos a partir de agora.

E desta recolha por André, aparecia uma imagem que dizia sobre o que víamos, sobre o que percebíamos, sobre que sentíamos friccionar nossos corpos a cada vez que colocávamos nossos pés naquele rizoma. Uma imagem que, eu e André, confeccionamos juntos e que nos remetia a uma das “pequenas constelações de gente que dança, canta, faz chover”⁸⁴. Presenças que experimentámos vivamente em nossas peles. Pontes que produzíamos a partir das tantas travessias e encruzilhadas que experimentávamos.

⁸⁴ Ailton Krenak, na obra “ideias para adiar o fim do mundo” nos fala que: “nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhadas pelo mundo que canta, dança, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar, não tolera tanto prazer, tanta fruição de vidas. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, p.26, 2019).

Figura 39: O que está para além do Triângulo da Morte (Foto: Débora Bertussi)

Eu convidava todes a se encontrarem com as vozes que ali ecoavam das andanças que eu e André havíamos vivenciados até o momento. Vozes que ressoavam outros cantos e gestualidades em uma composição de *adiar o fim do mundo* e que vem de longe.

Quando a gente faz Sangoma foi pautado nos cinco líquidos sagrados que temos no nosso corpo, que a gente materializa nas mulheres líquido. Cada mulher líquido é um líquido sagrado: sangue, suor, sêmen, saliva e... lágrima.

Junto dinheiro, pago a consulta e faço os exames pelo Posto. Retorno e levo para a medica do Monte Azul. Ela não pergunta como este meu órgão genital. Sou atendida como um todo. Lá me indicaram tratamentos na linha antroposófica. Fiz tratamento para fluxo menstrual e mudou minha vida. Hoje menstruo três dias. Uso pano. Tenho outra relação com sagrado da minha menstruação.

Figura 40: Integrantes do grupo Micropolítica e Saúde em seus encontros com as vozes que ecoavam de nossas caminhadas (Foto: Débora Bertussi)

Começamos a viajar o mundo, contando nossa história, fazendo música e sendo parte de uma rede muito maior em outras partes do mundo que não só a periferia. Conhecemos Ecovilas. Viajamos da Palestina à Colômbia. Escócia, Estados Unidos, Europa. Rodamos o mundo. Este foi o ano que mais estamos conseguindo levar pessoas para fora do país.

É um trabalho de permanência. Só quem vai vivenciado, entende. Falei com secretário e ele disse que era formação de gueto um grupo que está há trinta anos aqui. Veio com um discurso de que a Casa é do povo... o povo não aceita.

B: Imagina, ela morar em Osasco e vir para M'Boi Mirim sem ganhar um centavo

A: E botando dinheiro...

Quando vamos larga esse sistema? Passa por um processo de dor e cura muito forte.

Com 15,16 anos fundamos um grupo chamado “os que te tiram o sono” e a principal provocação era: “o que te tira o nosso sono?”. Falamos sobre o processo de violência na periferia de coerção policial.

Sai da UBS e não consegui mudar meu nome social no crachá. O nome social é um direito da pessoa. Era muito doloroso as pessoas me chamarem pelo nome que me conheceram.

Dentro da faculdade a gente resolvemos fazer uma mobilização sobre cultura negra porque era algo que vínhamos estudando por conta de onde frequentávamos e o que fazíamos. Não tinha nada sobre cultura brasileira, nem afro brasileira, muito menos africana.

Na nossa pesquisa, começamos a questionar a saúde, porque não tem como falar de autonomia, de empoderamento, se antes não entendermos o que nos adocece. Questionamos esse recorte racial com as mulheres negras e também de gênero e racial. No período, uma amiga estava fazendo um doutorado na USP justamente com o recorte racial e étnico. Ela tinha concluído uma pesquisa no HC com os médicos residentes, questionando a saúde da população negra. Não há escritos sobre isso. Não existe nenhuma pesquisa sobre isso, mas culturalmente há uma herança que e as mulheres negras têm mais tolerância à dor e por isso a dosagem de anestesia é menor, por exemplo.

A: Só peço que você traga depois o resultado da sua pesquisa.

Temos muitos pontos de conexão com o mundo inteiro. Com várias Organização ao redor do mundo. Existem pequenos modelos espalhados dentro da periferia que criam esse modelo maior de comunidade.

O Jardim Ângela me ensina a ser melhor todo dia. Temos espelhos todo momento. Pessoas que colocam a mochila nas costas e vão trabalhar, polícia que entra de forma ofensiva, policial que faz um puta trabalhado ali em cima, o tráfico atuando, às vezes muito violento, às vezes ajudando a desmontar as barracas das festas...

Quando me cuido é bom, porque quando me cuido vou estar bem coletivamente. Mas cuidar do coletivo também é muito importante para que isso amenize, para que todos esses adoecimentos amenizem.

Crescendo fui entendendo que a violência é quase uma pessoa. Tinha medo de morrer por ser negro e entendendo minha sexualidade a chance aumentava. Agora sou uma figura feminina num corpo masculino.

Fui tirada da coordenação da Casa de Cultura por questões políticas. Achavam que estava mais ligada à população do que à Prefeitura. A Casa tem uma história de participação da comunidade...

Uma das rodas do “Periferia Segue Sangrando” se espelhou no Sangoma, pegando esses líquidos sagrados para discutir numa roda entre mulheres a saúde.

Quando a gente entrou na pesquisa de Sangoma, fizemos o intercambio para Moçambique. Como a gente faz pesquisas de matrizes africanas, quando chegamos lá, já tínhamos a informação de que Sangoma era uma líder comunitária. Uma líder que recebe um chamado por sonho, uma coisa muito espiritual. Geralmente são mulheres, mas não existem só mulheres. Quando chegamos, queríamos muito visitar uma Sangoma. E conseguimos ter um encontro com uma Sangoma lá.

Nos sentimos pertencentes São Paulo, entendemos que ela não oferece todos os sonhos que nossos pais, que são de origem nordestina vieram buscar, e fizemos uma esquete chamada “carne seca não dá sopa”.

Temos três integrantes do grupo que são iniciadas pelo candomblé, então bebemos muito também dessa matriz do candomblé. Trazemos muitas destas referências para o nosso trabalho. Uma dessas coisas foi fazer um curso de medicina ervanária em um terreiro. Aprendemos a fazer pomada, garrafadas de remédios.

Cultura cuida da saúde. A Saúde cuida da doença.

Buscamos grupos diversos para fazer esse intercâmbio com elas, para falar um pouco sobre essas questões que adoecem e sobre esse lance do autocuidado. A gente foi buscar essa dinâmica da cura pelas ervas, de tratamentos mais holísticos, para tudo isso.

A gente simplesmente acorda todo dia de manhã e faz o que precisa ser feito. Se precisa varrer o chão, a gente faz. Lavar louça, a gente faz. Fazer reunião, a gente faz. Se precisa ir na Amazônia, a gente vai. Se precisa ir fora do país, a gente vai. A gente vive o fluxo.

Como um grupo de teatro foi muito interessante ouvir esses depoimentos e coletar esse material, porque disso pensamos nos problemas que acometem essa população, mas também como caminhos para superar isso, se empoderar para se cuidar, para trabalhar o autocuidado, pelo menos. Como nosso grupo bebe na matriz diaspórica, matrizes de povos africanos e afrodescendentes, a nossa pesquisa bebe muito disso.

Figura 41: De outros encontros vividos no Compartilhamento. (Foto: Débora Bertussi)

Essa forma de servir, sem que você precise de algo em troca. Estar disponível para o mundo. “Vou oferecer uma coisa e você tem que me oferecer outra, senão não é válido, o ganha-ganha”. Não existe isso na economia da dádiva. Você está a serviço de todo mundo.

O preconceito não vem porque sou negro, ou índio, ou filho de índio. Ele vem do lugar. Se o cara tem dinheiro, está cagando e andando para quem está com preconceito, vai entrar no lugar e acabou.

Começamos a nos autoanalisar. Não existe nada mais do que se autoanalisar. Estamos nos analisando o tempo inteiro. Perdemos muito tempo analisando os outros e não analisamos como funcionamos. Quem sou eu? Como funciona? O que faço?

Acreditamos no fluxo natural orgânico. Aqui não planejamos nada. Aprendemos a acessar a abundância sem planejar.

Venho do mesmo lugar e não acho que tenhamos que fazer o que fizeram anos atrás. Pegar chicote e bater nas costas do branco e dizer que ele tem que apanhar. Estaríamos fazendo mesma coisa.

Minha filha com quinze anos nunca viu ninguém ser morto na frente dela. Eu, na idade dela, via três, quatro por dia. Acredito que nesses lugares que acontecem essa violência toda, começaram a surgir modelos de vida e formas de vida coletiva, uma forma de viver em comunidade. Isso para mim, no futuro, é a cura do mundo.

Tenho lido sobre prazo de vida de pessoas LGBTs. As marcas nos tratam como um produto, a parada LGBT tem vários patrocinadores, mas, ao mesmo tempo, somos estatística. Nosso prazo é de 35 anos.

Quando tinha nove anos meu pai me perguntou o que queria ser. Disse que queria ser músico e ele disse: “Você vai ser músico desde que você faça o bem para alguém. Vou te apoiar”. Qual pai fala isso para seu filho no lugar mais violento do mundo?

Nas rodas de conversa, cozinhando, fazendo música, nas oficinas de sustentabilidade para trazer esse olhar sem medo, sem apego. Quando você está nesse estado, você cria.

Na capoeira, em geral, a graduação não faz sentido. É uma invenção de marketing, da necessidade que as pessoas têm de se classificar. Saí dessa dança das cores.

Fazer *coach* e esses encontros de autoconhecimento ajudam a fazer esse voo de você mesmo, porque o que muda é a tua ação e não a ação do outro

Como ACS temos que inverter a lógica. Passamos o mês inteiro tratando as pessoas como pessoas e no final do mês temos tratá-las como números. Para mim não eram números. Isso é um lugar de não-saúde.

Percebemos a negligência do aparelho público. Uma das coisas que ficamos pensando é sobre o estado de vulnerabilidade das jovens negras da periferia quando chegam grávidas num Posto. Elas são subjugadas, desde a atendente, passando pela enfermeira até chegar no médico que não estende o papel que vai em cima da maca.

Como a gente quer cuidar dessas jovens dessa forma? Elas não voltam para fazer pré-natal em um ambiente hostil para elas.

Fizemos intercâmbio com grupos de mulheres, em várias faixas etárias. Fizemos um intercâmbio com os grupos de mulheres. A gente trazia elas para cá, para elas assistirem ao espetáculo e a gente ia até o local delas para fazer uma vivência de um dia, de troca. Fizemos com o grupo de terceira idade, com as jovens do Maracatu, aqui do Jardim Ibirapuera, com as mulheres de materiais reciclados ali no Socorro, com lésbicas, bis e trans negras.

Os jovens que estão mais próximos de mim aqui dizem: “aqui me sinto mais feliz que na minha própria casa, não tem cobrança e as pessoas entendem que sou assim, sem julgamento”.

Quando cheguei tinha transtorno do pânico. Este espaço que me curou e não é nada religioso. Questão de estar aqui e fazer o que gosta no seu tempo. Aqui você pode errar, pode acertar, se não quiser fazer nada.

Antes era muito difícil. A pior coisa que já vi na minha vida foi um ser tirando a vida de outro. Não existe motivo. Vi isso dos meus 7 anos meus 25 anos de idade. Muitas vezes.

Expansão da consciência só acontece quando estamos no coletivo. Precisamos ser desafiados e só somos desafiados quando temos gente do nosso lado. Numa sala morta você não vai ser desafiado nunca. Dentro da mansão com segurança o cara não está sendo desafiado, está com medo de ser desafiado.

- Vou para qualquer lugar do mundo que me chamarem.
- Isso abre portas para você? - perguntei
- O que vivenciei e sofri aqui no Jardim Ângela me faz ser forte em qualquer lugar.

Os processos de *erguer a voz* das existências que encontramos estavam ali, entre nós. Existências que estavam *encarnadas* em nossos *corpes*...

Doentes desajustadas mantidas sob controle e também as descontroladas eu e todas as outras temos nome a cada 25 horas sucumbimos ao silêncio e encontramos com a morte. Nós, bichas pretas, crescemos solitárias, formatadas em estereótipos da masculinidade construída para as imagens do homem negro. Sobrevivemos a uma infância e adolescência dolorosa de bombardeio sobre nossas vozes, gestos, traços e origem. Muitas vezes escondidas gritamos por ajuda, trancafiadas e sufocadas, pela ausência de afeto e nos construímos assim: sozinhas. Temos nome e a cada minuto nos preocupamos com o medo de que em qual esquina encontraremos algum algoz. Estamos vivas e assim resistimos, porque também somos fruto desse solo, que tantas vezes nos afunda por terra, mas que em outras nos faz nascer como flor, com todo o seu aroma que açoita e incomoda quem a invade para sentir seu cheiro e também com toda beleza e encanto de nós. Temos aqui a força de nossa aldeia: de bichas, pretas, ratas, marginais

Manifesto da Bicha Preta
Peça “Seis fragmentos de uma história em desalinho” da Cia Basalto.

Figura 42: Leitura por André do Manifesto da Bicha Preta (Foto: Débora Bertussi).

Faço parte da Capulanas Cia de Arte Negra junto com outras três mulheres, também negras, periféricas e artistas do corpo. Porque Capulanas? Este é nome dado em Moçambique aos tecidos africanos usados pelas mulheres de diferentes formas ao longo de todo o continente. Com eles, as mulheres carregam seus filhos nas costas e assim exercem a maternidade, deixando suas mãos livres para as tarefas e conquistas. Como elas desejamos, a liberdade para cuidar dos nossos e também de nós. Cuidado, beleza e liberdade. Hoje falarei brevemente de dois momentos muito importantes em nossa trajetória que já completa 11 anos. O primeiro, o espetáculo Sangoma – saúde às mulheres negras. Porque Sangoma? Nas tribos Zulus da África do Sul, as Sangomas são as pessoas escolhidas espiritualmente pelos ancestrais para dar continuidade aos trabalhos de cura e de bem-estar em suas comunidades. Em Moçambique conhecemos e convivemos com uma Sangoma e isso nos trouxe a certeza do caminho a ser seguido. A partir de nossas experiências artísticas e de vida somadas ao encontro com nossa cultura e ancestralidade realizamos uma longa pesquisa sobre saúde das mulheres negras. Ao buscarmos dados estatísticos em serviços das periferias de São Paulo, nos encontramos com muitas histórias, ainda não computadas, de exclusão e de discriminação racial às populações mais vulneráveis, especialmente ao povo negro, e, sobretudo às mulheres negras. Afinal, elas são mais fortes que as outras mulheres, aguentam mais a dor, sobretudo na hora do parto, e sequer precisam de lençol na maca de atendimentos. Assim, desenvolvemos o espetáculo Sangoma com o propósito de difundir a necessidade de espaços potenciais de cuidado e de cura e também de ofertar ao público histórias de dor e de amor de mulheres negras a partir da difusão do conceito de sagrado – considerando os cinco líquidos sagrados de nosso corpo, a saliva, o suor, a lagrima, o sêmen e o sangue, que precisam ser cuidados e devem ser somente à quem amamos. Foi muito doloroso tirar Sangoma do corpo para produzir outro espetáculo, apesar de termos decidido falar sobre Prazer. Muito difícil porque a cada segundo o racismo e suas decorrências são atualizados como num ciclo vicioso. Por exemplo, você sai de um curso de formação relacionado à temática da negritude e quando chega no metro se depara com um jovem negro sendo agredido por um segurança também negro. O resultado deste processo é a discussão da dor e do prazer no universo da sexualidade da mulher negra em uma sociedade machista e racista que apresentamos no experimento poético, videográfico “A cama, o carma e o querer”.

Figura 43: Partilha da história e das produções da Capulanas Cia de Arte Negra (Foto: Débora Bertussi)

- Apresentação de trechos do experimento poético videográfico *A cama, o carma e o querer*⁸⁵

- Apresentação de trechos do DVD *Sangoma Cia Capulanas*⁸⁶

Figura 44: Produções Capulanas Cia de Arte Negra

⁸⁵ *A cama, o carma e o querer* é um experimento poético, videográfico concebido em 4 capítulos dirigido por Daniel Fagundes. O experimento é uma parceria do Núcleo de Comunicação Alternativa com a Capulanas Cia de Arte Negra e discute o prazer e a dor no universo da sexualidade da mulher negra em uma sociedade machista e racista. <https://vimeo.com/197931587>

⁸⁶ Documentário realizado em 2013 em parceria com o Núcleo de Comunicação Alternativa dirigido por Daniel Fagundes. https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=8Nwoq6gRg4M&feature=emb_logo

Apresentação do vídeo de parte das andanças produzidas

- Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim

- Grupo Espírito de Zumbi e Festa do Panelafro

- Baile da Melhor Idade

Figura 45: Andanças na Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim – Grupo Espírito de Zumbi e Baile da Melhor Idade

- Ato Abraço à Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim⁸⁷

ATO ABRAÇO À CASA
POPULAR DE CULTURA
DE M'BOI MIRIM

- Econtros com o Grupo Flor de Lis

Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim

Grupo Flor de Lis

Danças Brasileiras

Início das atividades - 2002

M'Boi Mirim – Zona Sul de São Paulo

Folia de Reis - Bandeira de Santos Reis

Figura 46: Andanças na Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim – Ato abraço e Grupo Flor de Lis

⁸⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bbYYhDopq-4>

- Encontros com Dona Edite

- Encontros no Sarau da Cooperifa

Figura 47: Andanças com Dona Edite e no Sarau da Cooperifa

- Instituto Favela da Paz

- Ato Periferia Resiste - Jardim Angela

Figura 48: Andanças Instituto Favela da Paz e Ato Periferia Resiste no Jardim Ângela

E no encerramento do vídeo encontramos todos com d. Edite e com Sérgio Vaz por meio de seu *Literatura das Ruas*⁸⁸

A literatura é uma dama triste que atravessa a rua sem olhar para os pedintes. Famintos por conhecimento que se amontoam nas calçadas fria das senzalas modernas chamada Periferia. Frequenta os casarões, bibliotecas, inacessível ao olho nu e prateleiras de livrarias onde crianças não alcançam com os pés descalços. Dentro do livro sobre o cárcere do privilégio ela se deita com Victor Hugo, mas não com os miseráveis. Beija a boca de Dante, mas não desce até o inferno. Faz sexo com Cervantes e ri na dá cara de Dom Quixote. É triste, mas a Rosa do Povo não floresce no Jardim plantado por Drumão. Quanto a nós, Capitães da Areia, amado por Jorge não restou outra alternativa a não ser criar o nosso próprio espaço para morada da poesia. Assim nasceu o sarau da cooperifa. Nasceu da mesma emergência de Mário Quintana. Antes que todos fossem embora para Passegada⁸⁹ transformamos o boteco do Zé Batidão no grande centro cultural. Agora todas as terças-feiras guerreiras e guerreiros de todos os lados e de todas as quebradas vem comungar o pão da sabedoria que é repartido em partes iguais entre velhos e novos poetas sobre a benção da comunidade. Professores, metalúrgicos, dona de casa, taxista, vigilhante, bancário, desempregado, aposentados, mecânicos, estudantes, jornalistas, advogados, entre outros, exercem sua cidadania através da poesia. Muita gente que nunca tinha lido um livro, nunca tinha feito um poema começou a partir desse instante a se interessar por arte e cultura. O sarau da Cooperifa é nosso quilombo cultural, a bússola que guia nossa nau pela selva escura da mediocridade. Somos o grito de um povo que se recusa a andar de cabeça baixa e se prostrar de joelho. Samos o poema sujo de Ferreira Goulart. Somos o rastilho da pólvora. Somos este punhado de ossos de Ivan Junqueira tecendo a manhã de João Cabral de Melo Neto. Nesse instante, nesse país cheio de Machado se achando serra Elétrica nós somos a poesia. Esta árvore de raiz profunda regada com água que o povo lava o rosto depois do trabalho.

Ao final seguíamos arrumando a sala na companhia de vários companheiros/companheiras do grupo. Parte do zum-zum-zum que fazia parou para mim por um instante: *Não vou te falar nada. Vou apenas te dar um abraço* – disse Larissa envolvendo-me em seus braços. Não sei por quanto tempo durou aquele encontro entre nossos corpos que foi aquecido por tantos afetos. Mais um abraço que recebi e que animou a longa caminhada porvir. A duração deste abraço eloquente de emoção ofertado por Larissa fez pensar nas palavras do poeta: *Tem palavras que chegam como um abraço. Tem abraço que não precisa de palavras*⁹⁰.

⁸⁸ Poema *Literatura das ruas* do livro *Literatura Pão e Poesia: histórias de um povo lindo e inteligente*. (2011 p.35)

⁸⁹ Na Mostra da Cooperifa em que Dona Edite participou do bate-papo “Protagonismo afro e periférico: literatura como resistência e superação” um poeta também da Cooperifa, que é graduado em letras, contou-me sobre o quanto gosta de ver Dona Edite modificando as palavras e citou o termo “Passegada” que, no poema *Literatura das Ruas*, quando faz referência à *Vou-me embora pra Pasárgada* de Manuel Bandeira. Na ocasião disse ainda que entendia aquilo como uma insurgência de Dona Edite e pontuou: o que menos importa é o cânone. O que ela faz é lindo!”.

⁹⁰ De Sérgio Vaz

**Insuspeitos na linha
azul do metrô: um
assalto poético**

Descemos as escadas do metrô insuspeitos, misturados às gentes que seguiam para seus destinos. Os ruídos e as movências eram as de sempre: de gentes conversando, da catraca do metrô ao longe sendo ultrapassada, das músicas nos fones de outros ouvidos, do sinal que anuncia o fechamento das portas do trem, de alguns correndo para entrar no vagão e de outros, já do lado de dentro, lutando para retirar a mochila presa na porta, dos trens acelerando e freando a cada partida e chegada... tudo na mais “perfeita ordem” do vai e vem que compõe uma das estações de metrô em São Paulo. Na plataforma uma roda foi composta. E braços conhecidos e desconhecidos se entrelaçaram. Uma orientação: para que ficássemos atentos e juntos. Uma oração: poética, para fortalecer os caminhos.

A porta se abre: que medo, que insegurança, que euforia... Estes foram alguns dos afetos que se faziam em mim naquele encontro que marquei com o imprevisível. Na fração de segundos entre a porta que se abriu e a nossa entrada, a sensação era a de que eu não estava diante de mais uma das portas da linha de metrô que tomava todos os dias para o campo de pesquisa, para a faculdade, para a vida... não, ela não parecia ser uma daquelas portas que estava prestes a atravessar. Assim, embarquei rumo ao desconhecido. Ali começava mais um *assalto poético* dos poetas ambulantes.

Daquele acontecimento em diante, outras sonoridades e gestualidades romperiam a tal da *perfeita ordem do vai e vem que compõe uma das estações de metrô em São Paulo*. As existências com as quais encontraríamos naquela linha de trem nem suspeitavam que seriam tomadas de assalto pelo nomadismo poético de Thiago e Carolina Peixoto, Jefferson Santana, Mariane Staphanato com seu pequeno Caetano e de alguns agregados que seguiriam para aquele *sarau itinerante*⁹¹.

Eram 14h41. O trem estava relativamente cheio no sentido da estação Jabaquara. E com nossa entrada muitos olhares se fizeram. De estranhamento, de indiferença, de curiosidade, de interesse. Alguns mais velados, outros manifestados explicitamente. No aperto de corpos que se fazia, uma moça dividiu sua atenção entre a leitura de seu livro e os olhares para a poeta Carolina Peixoto pelo reflexo de sua imagem que se formava na janela do trem. Um senhor que estava ao lado da poeta não a olhava, seguia sorrindo solitariamente com os versos cantados de Trem das Onze, de Adoniram Barbosa, mesclados às estrofes declamadas de Depressão Periférica, de Kiko Dinucci:

⁹¹ A expressão é citada logo nas primeiras páginas do livro “uma vez poetas ambulantes...”, publicado em 2013. A ideia de compor um *sarau itinerante* foi uma decorrência da experiência de escrever poesias na calçada em frente ao Centro Cultural São Paulo (CCSP) localizado na rua Vergueiro, região da Avenida Paulista, vivenciada por Carolina Peixoto e Luz Ribeiro. A invenção desta poética itinerante “com a poesia sendo distribuída e declamada gratuitamente em troca de minutos de atenção” (p.6) foi inspirada no trabalho dos vendedores ambulantes que circulam diariamente no transporte público. Como citado mais adiante: “o intuito do coletivo é levar poesia para as pessoas que não tem o hábito de ler, de frequentar saraus, que a palavra atinja diretamente o povo. Por estarem inseridos no cenário cultural independente da cidade de São Paulo e observarem de perto a transformação e a magnitude que estes movimentos têm realizado, os Poetas Ambulantes busca difundir e democratizar a literatura entre os mais diferentes públicos, atendendo todas as classes sociais, etnias, etc” (p.7).

Figura 49: Dos assaltos vividos por uma existência durante a saída dos Poetas Ambulantes

*Não posso ficar
Nem mais um minuto com você
Sinto muito amor, mas não pode ser
Moro em jaçanã
Se eu perder esse trem
Que sai agora às onze horas
Só amanhã de manhã
Além disso mulher, tem outra coisa
Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar
Sou filho único
Tenho minha casa pra olhar*

*Ela largou de mim
só porque eu moro longe
do trajeto ela não gostou
foi pra cidade
e nunca mais voltou
pra chegar no centro
eu gasto mais de quinze pau
perua, tem ônibus intermunicipal
de mim, a malvada não tem pena
me trocou por um da Vila Madalena.*

E Thiago Peixoto anuncia:

Somos os Poetas Ambulantes. Um grupo que há seis anos, vai fazer sete, faz poesia dentro dos transportes públicos de São Paulo. Hoje estamos aqui na linha azul, indo e voltando, voltando e indo. Quem quiser fazer poesia, sei que aqui tem um monte de poeta disfarçado de trabalhador, o espaço é público, o microfone está aberto, é só chegar e ocupar!

Ouvi dizer que ganha livro – dá a dica Carolina.

Quem quiser fazer poesia agora ganha um livro! – confirma Thiago.

Vale música? – também deu a dica uma moça que acompanhava a saída

Vale! Vale ler o papelzinho que receberam da gente, vale dançar. Vale qualquer expressão artística. Tá fácil! Enquanto eles não queimam os livros a gente doa! – declarou Thiago com os punhos cerrados para o alto e com um sorriso insurgente.

Declamou poesia, o livro está na mão! – anunciou Jefferson ao longe.

E na companhia do poeta gaúcho que nos faz lembrar que “eles passarão... eu passarinho!”, Thiago deu a letra: “*Os livros não podem mudar o mundo. Só quem pode mudar o mundo são as pessoas. Os livros podem mudar as pessoas. Mário Quintana!*”

As portas se abrem. Vários vão embora e muitos outros chegam. E, nós que ali estávamos, encontramos-nos com Sérgio Vaz por meio do sereno e contundente recitar de Jefferson Santana: "*Amei certo as pessoas erradas. Amei errado as pessoas certas. Nunca fui bom em amar e ser amado... amar me parece coisa de profissional e não para amadores como eu*".

Novamente as portas se fecharam. Seguíamos naquele turbilhão de encontros – “*indo e voltando, voltando e indo*” - como dizia Thiago. A certa altura, eu nem fazia ideia em qual estação estávamos. Naquele momento o sentido do trem pouco importava, pois eram outros os sentidos que estavam sendo produzidos... Muitos encontros se faziam com as *existências-acontecimentos*⁹² que ali estavam vivamente - seja os que fitavam de diferentes modos os poetas, seja os que participavam declamando versos, seja os que aplaudiam e registravam com o celular a participação de outra existência, conhecida ou desconhecida, seja os *poetas vivos* que ali estavam na companhia de compositores, cantores, autores e tantos outros que eram trazidos para aquele proscênio itinerante. Uma rede de agenciamentos em processo.

Em meio a este turbilhão de afetos encontrei com muitas existências e suas escritas. Sentia uma familiaridade com várias destas, apesar de algumas desconhecidas, considerando os temas transversais e comuns, trazidos de forma nua e crua, a todos que ali estavam.

⁹² Como visto anteriormente, na aula de Gilles Deleuze de 03/06/1980 no Centro Universitário de Vincennes Gilles Deleuze “...o segredo da individuação não é a pessoa, pois que a verdadeira individuação é aquela dos acontecimentos. É uma ideia estranha. Vocês me dirão: o que é que se justifica? Demos um salto. Sim, para onde você vai? Isso diz alguma coisa para você? O que é que isso te diz? O que é que os autores ingleses querem dizer? Eles querem dizer que mesmo as pessoas (eles fazem a derivação inversa) são individuadas à maneira de acontecimentos. Simplesmente isso não se vê. Temos tantos maus hábitos, nos tomamos por pessoas, mas não somos pessoas. Somos, à nossa maneira, pequenos acontecimentos. E se somos individuados é à maneira de acontecimentos e não à maneira de pessoas. É curioso. Diríamos: bom, então seria necessário devir acontecimento-pessoa. Não, mas eu faço apelo à ressonância que as coisas...E depois do que vocês disserem a definição de acontecimento vai mudar singularmente. O que é uma batalha? O que é um acontecimento? Um acontecimento. Ah, sim, a morte é o que? É um acontecimento? Qual é a relação do acontecimento com a pessoa? Uma ferida é um acontecimento? Sim, se eu sou ferido, uma ferida é um acontecimento. É a expressão de alguma coisa que me acontece ou me aconteceu. Bom, como é individuada uma ferida? Ela é individuada porque ela acontece em uma pessoa? Ou então eu chamaria de pessoa aquele a quem a ferida acontece? Complicado...vocês talvez se lembrem, aqueles que estavam aqui, passei bastante tempo colocando a seguinte questão: o que é a individuação de uma hora do dia? O que é a individuação de uma estação? O que é esse modo de individuação que, para mim, não passa de maneira nenhuma pelas pessoas? O que é a individuação de um vento? Quando os geógrafos falam do vento...eles justamente dão nomes próprios ao vento. Nosso problema dá outro salto. Vocês compreendem?...” <https://www.youtube.com/watch?v=1CpsFZUBkO8>

Figura 50: No turbilhão do assalto poético (imagem partilhada comigo por Jefferson Santana após aquela saída).

E Carol dispara, sendo acompanhada pelos outros:

O Brasil é um país incomum⁹³
 enquanto uns vão para cucuia, outros vão para Cancun
 Enquanto uns vão para cucuia, outros vão para Miami
 em cima da passarela miss Brasil, embaixo miséria
 sou mendigo bem-sucedido
 só como pão francês

E Carol prossegue:

Elza caga na rua⁹⁴
 no Largo de Santa Cecília
 não limpa a bunda
 nem por isso morreu ainda
 a guarda metropolitana não ousa prendê-la
 não há nada no código penal
 que diga que cagar em via pública é crime
 se tivesse, Elza cagaria do mesmo jeito
 dizem que Elza não tem juízo
 os sem juízo
 são imunes perante Deus e a polícia
 e nem sequer sabe da existência de papel higiênico

Alguns tinham suas leituras invadidas por aquele corpo a corpo que se fazia de tão perto, de modo tão intensivo, de modo tão cortante. Um senhor que se mantinha de cabeça baixa, teclando no celular,

⁹³ Poema de Renato Silva

⁹⁴ Poema de Miró da Muribeca

parece ter tido seu corpo convocado a um olhar mais direto ao ouvir de Carol que “*os sem juízo são imunes perante Deus e a polícia e nem sequer sabe da existência de papel higiênico*”. Carol e Miró da Muribeca, ao que parece, cumpriram seus propósitos.

E eis que os *Racionais* também estiveram entre nós, *incorporados*, por Jefferson:

O que é, o que é?⁹⁵
Clara e salgada,
Cabe em um olho e pesa uma tonelada
Tem sabor de mar,
Pode ser discreta
Inquilina da dor,
Morada predileta
Na calada ela vem,
Refém da vingança,
Irmã do desespero,
Rival da esperança
Pode ser causada por vermes e mundanas
E o espinho da flor,
Cruel que você ama
Amante do drama,
Vem pra minha cama,
Por querer, sem me perguntar me fez sofrer
E eu que me julguei forte,

E eu que me senti,
Serei um fraco quando outras delas vir
Se o barato é louco e o processo é lento,
No momento,
Deixa eu caminhar contra o vento
Do que adianta eu ser durão e o coração ser vulnerável?
O vento não, ele é suave,
mas é frio e implacável
(E quente) Borrou a letra triste do poeta
(Só) Correu no rosto pardo do profeta
Verme sai da reta,
A lágrima de um homem vai cair,
Esse é o seu BO pra eternidade
Diz que homem não chora,
Tá bom, falou,
Não vai pra grupo irmão aí,
Jesus chorou

“*Quem continuar ganha um livro, né, Jeff?*” - disse Carol. “*Sim!!!*” – respondeu Jefferson. E da outra ponta do vagão Thiago continuou: “*Promoção, promoção, proMoção e pra mocinha. Poesia vale um livro, vale cantar, vale dançar. Vale pegar esses clássicos... Luan Santana, Racionais*”. “*Vale Anita!*” – completou Carol.

Àquela altura o sol invadia o vagão. Então dei-me conta de que passávamos pelas estações que seguem no nível da cidade, Carandiru e Tiête. Munidos de versos curtos, fomos atingidos por vários lados – uma saraivada certa:

*Se meus versos de amor não saem de mim. É porque estou preso na M’boi Mirim*⁹⁶ - disparou Thiago

*Se meus versos de amor não chegarem até você. É porque estou presa na marginal tietê*⁹⁷ - seguiu Mari

Escreva poemas, mas se te insultarem recite palavras – atirou uma das “agregadas” à intervenção

Socorro imediato, CPF na nota. A farmácia é uma biqueira com CNPJ – bradou Mari do outro lado.

*Se o Michel Jackson achou que sabia andar pra trás é porque ela não viu do que o presidente é capaz*⁹⁸ - disparou ao seu lado Carol.

*Ei, ei moleque esquecido na quebrada, eu sou mais você que a Ana Maria Braga*⁹⁹ - soltou Thiago.

*Se o seu coração é de ferro, bom proveito. O meu fizeram-no de carne e sangra todos os dias*¹⁰⁰ - disparou Jefferson no outro extremo do vagão.

⁹⁵ Música “Jesus Chorou”, de Pedro Paulo Soares Pereira, do álbum “Nada como um Dia após o Outro Dia” de 2002.

⁹⁶ De Thiago Peixoto

⁹⁷ De Jonas Worcman

⁹⁸ De Jonas Worcman

⁹⁹ Pó Esia – letra do álbum inquérito de Marcelo D2

¹⁰⁰ De José Saramago

A Vingança tem seu lado bom se usada como convém. Por exemplo: se alguém disser q te ama, vingue-se dele, ame-o também – enviou um dos “agregados” à saída.

Todos esses que estão atravancando seu caminho eles passarão eu passarinho – bramiu Carol

Todos esses que estão aí falando mal do funk eles passarão... eu passinho – completou àquela agregada

E uma pequena treta, encarada pelos poetas de maneira firme e leve, se instaurou:

Eu compus um samba lá em Itaquera, em 2004 sobre Paulo Freire

Então faz pra você ganhar um livro – incentivou Carol

Você que fez o samba pra ele? Eu tô ligado nesse samba. Canta aí pra nós teus dom – disse Thiago

Não, não vou cantar – respondeu o passageiro realizando movimentos de negação com a cabeça.

Ah, dá essa moral – insistiu Thiago.

Aí é fácil! – disse Carol sorrindo

Olhando para baixo, ainda com movimentos de negação, disparou: Acorda meu Brasil. Desperta pra felicidade, eu quero amor, eu quero amor em liberdade. Acorda brasil. Acorda meu Brasil. Desperta pra felicidade, eu quero amor, eu quero amor em liberdade.

Ganhou um livro! É seu! – disse Jefferson entregando-lhe um livro.

Qual seu nome? – perguntou Thiago.

É Marquinho Sorriso da Rosas de ouro.

Muito prazer, dá hora – seguiu Thiago.

Se perguntar aqui, ninguém sabe quem é Paulo freire, ninguém sabe – afirmou Marquinho Sorriso.

Nossa maior bibliografia, um dos caras mais lidos do mundo – falou Jefferson em meio aos passageiros.

Se perguntar quem é Anita, todo mundo sabe – prosseguiu Marquinho Sorriso.

Pre-pa-ra, que agora é a hora... – disse Thiago rindo enquanto filmava a conversa com o celular.

Isso se diz artista ainda por cima, culta. Cultura onde? Onde ela é culta? – insistiu.

Gente, quem quiser declamar tem mais livros aqui na minha mão – disse Jefferson.

Tem que aceitar a diversidade – ponderou Thiago.

Cultura é de cada sociedade – demarcou Carol.

Calma! Não é preconceito. Mas cultura não tem nada a ver com...

Na sua opinião... – seguiu Carol.

Na minha opinião? Não é só na minha.

Na minha opinião é cultura – continuou Carol rindo.

“Paulo” Vittar... onde é cultura. É analfabeto! – insistiu Marquinho Sorriso.

E Mari sacou um dos versos de Sérgio Vaz: Fique esperto amar o próximo não é abandonar a si mesmo. Tá, Sérgio Vaz amou o próximo, mas eu não posso amar o “Paulo” Vittar - disparou Marquinho Sorriso

E todos caíram na gargalhada!

A essa altura os poetas estavam reunidos no espaço de circulação entre as portas do vagão. E ali mesmo interpretaram “Biqueira Literária” de Rodrigo Ciríaco, que foi alvo de interdição em uma das edições da FLIP em Paraty¹⁰¹. Este, aliás, foi um dos pensamentos que me atravessou quando os assisti pela primeira vez interpretando este poema na comemoração de aniversário dos Poetas Ambulantes na Casa das Rosas, na Avenida Paulista. Momento que agenciou ainda mais a vontade de tê-los conosco na FSP e com aquela apresentação.

¹⁰¹ Interdição de Biqueira Literária na Flip de 2012 (<http://efeito-colateral.blogspot.com/2012/08/vendo-po-vendo-po-vendo-poesia.html>)

Vendo pó, vendo pó...
 Vendo pó...esia!
 Tem papel de 10
 Papel de 15, papel de 20
 Com dedicatória do autor
 Ainda vivo
 Promete morrer cedo
 Só pra valorizar a obra
 Aliás, você:
 Gosta de autores vivos
 Ou nem mortos?
 Vâmo lá, vâmo lá
 Na minha mão é mais barato!
 Prometo que vai
 Com dedicatória e orelha
 A do autor, não a alheia
 Na nossa biqueira literária
 Pó...esia é prato farto, mesa cheia
 Deixar os malucos chapados
 É nosso barato
 Vendo pó, vendo pó...
 Vendo pó...esia
 “Xii, corre, corre, Tio
 A casa caiu”
 O pré-feito
 Pré-conceito de ser pó-lítico (mal fabricado)
 Não chapou no tró-cadilho
 Quis dar uma de caudilho, senhor de engenho,
 capitão-do-mato
 - calma, rapaz: toma aqui esse baseado –

Fatos reais:
 Causou furdúncio, ficou bravo
 Mandou guarda, jornalista, segurança
 Pra quebrar banca,
 armar o barraco
 Exigiu alvará de funcionamento
 Da biqueira!
 - que doidêra –
 Cagou ordem, vomitou decretos
 Citou: lei orgânica
 Perturbação da ordem pública
 Destruição do patrimônio histórico
 Código de postura do município
 - que mentira, que bobeira –
 Só pra destruir a nossa brincadeira
 Nossa lírica zoeira, de gritar:
 Vendo pó, vendo pó...
 Vendo pó...esia
 E querem nos deixar apenas no
 Cheiro pó, cheiro pó...
 Cheiro pó...eira
 Que besteira
 Nem me venha com
 asneira
 Meu produto é de primeira
 Ninguém vai fechar
 Meu bico
 Nem minha biqueira
 Vendo pó, vendo pó...
 Vendo pó...esia!

Muitos encontros continuavam a ser produzidos. Um senhor seguia ouvindo atentamente os poetas em pé no corredor do vagão. Eis que ele começou a se preparar para sair do trem e após Mari finalizar um verso, disparou olhando para ela:

O que é o amor? O que é a vida? É um sonho, uma ilusão.
 Uma casca de banana comida. Abandonada no chão.

Figura 51: Dos agenciamentos provocados por aquele assalto poético.

Foi um barulho geral. Aplausos e gritos vieram de vários lados. Entre os que aplaudiam estava Marquinho Sorriso, que a essa altura havia se levantado para falar com Jefferson e lá permaneceu participando, bem como as moças próximas ao passageiro e o vendedor ambulante que distribuía seus produtos e parou seu *corre* para também saudá-lo. Sr. Carlos partiu agradecido estampando um belo sorriso e na companhia de Gabriel Garcia Marquês que fora recebido das mãos de Jefferson.

Novamente as portas se abriram. Um grupo de professoras e professores que havia participado de um ato naquele dia entrou no vagão. Aqueles varios corpos entao comprimiram-se, incluindo o meu. *“Infelizmente não estamos nessa mobilização, mas apóio, participo quando posso das assembléias dos professores municipais porque infelizmente estamos sendo atacados! Mas é isso gente!”* – disse Jefferson. E Thiago rapidamente enganchou o verso: *“Em São Paulo o amor se inibe e se algum sentimento nasce...”* e em uníssonos os poetas prosseguiram *“o Doria proíbe!”*. As professoras e professores vibraram. E no meio daquele aperto as águas do “mar português” invadiram o vagão por meio de um passageiro:

Valeu a pena? Tudo vale a pena¹⁰²
 Se a alma não é pequena.
 Se você passar além do Bojador
 Tem que passar além da dor.
 Deus ao mar o perigo a morte nos deu
 Mas nele é que espelhou o céu.

As portas se fecharam. Parte do grupo não conseguiu sair do vagão. O que fazer? Descer na próxima estação e marcar um encontro em algum ponto da linha. O sinal de internet não estava ajudando e

¹⁰² Fernando Pessoa – Mar português

demoramos um pouco ainda para recompor o grupo. Andando pela estação me dei conta de onde estávamos e do quanto já havíamos circulado.

Figura 52: Das desorientações vividas na saída com os Poetas Ambulantes.

Grupo reestabelecido. Seguimos. “Último livro! Estou carregando estes livros do Jardim Ângela” – anunciou Jefferson. “Opaaa” – reage um passageiro ao ouvir *Jardim Ângela*. E Jefferson continua: “*Fomos para o Tucuruvi. Entregamos livro no vagão. Estou com um livro só. Último livro da ação. Eu creio que vai sair desse vagão aqui*”. “*Acho que tem uma poeta ali* – disse Thiago apontando para uma moça que acompanhava a ação e que seguiria atenta junto com vários passageiros diante do texto de Thiago que nos faz a pergunta: “*São Paulo é assim mesmo?*”

São Paulo é assim mesmo? Não é para qualquer um. Mas tem de tudo. É o preço. Quem pode, pode. Cada um no seu quadrado. Eu mereço! Não fode, é só parcelar. Todo mundo faz. De que mundo você veio? Trânsito não é desculpa. Morre motoqueiro todo dia. A cidade não pode parar. Morre motoqueiro todo. A cidade não pode parar. Caminhão não respeita ninguém. Ciclista é tudo folgado. Sem carro não dá. Faz o pedágio humano. Faz um dia de rodízio. Melhor do que pegar ônibus. Metrô é cheio, mas anda. Cuidado com o vããããoooo. Estamos aguardando a movimentação do trem à frente. São Paulo é assim mesmo. Lotação só sai com a porta fechada. Sobre um degrau, por favor. E hoje ainda está vazio. Tá vazio. Sobre um degrau por favor. Dá um passinho pro meio, tô girando a catraca. Motô, abre lá atrás. Ô, loco, quer matar todo mundo? Dirige igual gente, você não está carregando boi, não! no próximo, desce na frente. posso ficar no escadão? De que mundo você veio? Mas não é perigoso? Não dá pra parar na rua. Não tem estacionamento. Mas tem fila pra tudo. É bom não arriscar. O mundo é dos espertos. É melhor fechar o vidro. Não dá pra confiar. Dá a mão já quer o braço. Já não é mais criança. Vai trabalhar. Tem que prender, tem que matar! [Poetas respondem]. Tá olhando o que? Nunca viu? Nãããooo!!! [Poetas respondem]. São Paulo é assim mesmo. Não encosta no meu carro! São Paulo é assim mesmo [Poetas respondem]. Não sabe dar seta? São Paulo é assim mesmo [Poetas respondem]. É cego, por acaso? São Paulo é assim mesmo [Poetas respondem]. Não olha por onde anda? São Paulo é assim mesmo [Poetas respondem]. Você vai se

arrepender! São Paulo é assim mesmo [Poetas respondem]. Você sabe com quem está falando? São Paulo é assim mesmo [Poetas respondem]. tá me vendo, não? São Paulo é assim mesmo [Poetas respondem]. Tá se vendo, não? De que mundo você veio? Tá olhando o que? Nunca viu?

Figura 53: Quando o sensível se instala nos encontros.

Fez-se então um dueto entre Carol e Mari, que virtualmente acompanhadas de Elisa Lucinda, trouxeram: “o aviso que a luz menstrua”.

Moço, cuidado com ela!
 Há que se ter cautela com esta gente que menstrua...
 Imagine uma cachoeira às avessas:
 Cada ato que faz, o corpo confessa.
 Cuidado, moço
 Às vezes parece erva, parece hera
 Cuidado com essa gente que gera
 Essa gente que se metamorfoseia
 Metade legível, metade sereia.
 Barriga cresce, explode humanidades
 E ainda volta pro lugar que é o mesmo lugar
 Mas é outro lugar, aí é que está:
 Cada palavra dita, antes de dizer, homem, reflita..
 Sua boca maldita não sabe que cada palavra é ingrediente
 Que vai cair no mesmo planeta panela.
 Cuidado com cada letra que manda pra ela!
 Tá acostumada a viver por dentro,
 Transforma fato em elemento
 A tudo refoga, ferve, frita
 Ainda sangra tudo no próximo mês.
 Cuidado moço, quando cê pensa que escapou
 É que chegou a sua vez!
 Porque sou muito sua amiga. É que tô falando na "vera"
 Conheço cada uma, além de ser uma delas.
 Você que saiu da fresta dela
 Delicada força quando voltar a ela.
 Não vá sem ser convidado
 Ou sem os devidos cortejos..
 Às vezes pela ponte de um beijo
 Já se alcança a "cidade secreta"

A atlântida perdida.
 Outras vezes várias metidas e mais se afasta dela.
 Cuidado, moço, por você ter uma cobra entre as pernas
 Cai na condição de ser displicente
 Diante da própria serpente
 Ela é uma cobra de avental
 Não despreze a meditação doméstica
 É da poeira do cotidiano
 Que a mulher extrai filosofando
 Cozinando, costurando
 e você chega com mão no bolso
 Julgando a arte do almoço: eca!...
 Você que não sabe onde está sua cueca?
 Ah, meu cão desejado
 Tão preocupado em rosnar, ladrar e latir
 Então esquece de morder devagar
 Esquece de saber curtir, dividir.
 E aí quando quer agredir. Chama de vaca e galinha.
 São duas dignas vizinhas do mundo daqui!
 O que você tem pra falar de vaca?
 O que você tem eu vou dizer e não se queixe:
 Vaca é sua mãe de leite.
 Vaca e galinha...
 Ora, não ofende. enaltece, elogia:
 Comparando rainha com rainha
 Óvulo, ovo e leite
 Pensando que está agredindo
 Que tá falando palavrão imundo.
 Tá, não, homem.
 Tá citando o princípio do mundo!

Após aquela poética ofertada por aquelas mulheres-*acontecimentos* que carregavam respectivamente no ventre e no colo outros *acontecimentos*, Serena e Caetano, Jefferson anunciou: “*nós temos uma passageira que quer declamar, que quer participar*”. Ela diz que cantaria uma música: “*Eu tenho tanto pra lhe falar, mas com palavras não sei dizer como era grande o meu amor por você*”. E junto com a música nos encontramos com a história de luta daquela mulher para que seu filho viesse ao mundo, uma vida muito desejada. Em meio ao relato, olho para frente e vejo uma mulher que estava bem próximo de nós enxugando as lágrimas que transbordavam de seu corpo ao ser inundada pelos afetos que pulsavam da mulher que partilhava suas histórias. Mais corpos tomados de assalto.

Cruzamos mais uma porta. Desta vez de volta ao ponto de encontro. Ali seria nosso ponto de despedida.

Figura 54: Da breve despedida (Foto: Thiago Peixoto)

Antes da partida ainda falamos brevemente sobre meu convite para que participassem do encontro que estávamos preparando para a recepção dos calouros do curso de saúde pública, para o qual também havíamos convidado Débora Marçal da Capulanas Cia de Arte Negra. Combinações que provocaram outros encontros e outras conversações como ainda veremos...

Segui um pouco perdida naquela estação de metrô tão familiar. Estava apenas a uma estação de onde desceria. Mas tive que buscar uma placa indicativa de onde estava afim de recuperar minha orientação. E, ainda um pouco perdida, identifiquei o “sentido” que buscava em meio àquela alegre *desorientação*. Sim, naquele dia atravessei *outras portas* para produzir *outras travessias*. E muitas

outras pontes aconteceram com aquelas vidas em seus nomadismos poéticos. A última porta que atravessaria naquela tarde se abriu para mim.

Como tenho experimentado por tantos lugares que passei nas andanças do campo, quando os cruzo novamente sou tomada de assalto por cenas dos acontecimentos que vivi. Quem já foi tomado de assalto sabe... as vozes permanecem ecoando em nossos pensamentos, o corpo segue trêmulo pela lembrança dos gestos realizados por nós e pelo outro, a incerteza do porvir é uma constante companhia, tudo volta em milésimos de segundo se retornamos ao ponto de um acontecimento.

E naquela estação que cruzo todos os dias vivo essas experiências no corpo. Passar pelo local marcado para a saída do grupo, retomar nossa descida insuspeita pelas escadas do metrô, reviver os afetos que me tomaram fortemente no percurso e lembrar dos agenciamentos em diferentes existências por aquela nômade produção de poéticas provocada pelos Poetas Ambulantes deixaram marcas em mim. Não, não eu cruzo a cidade e não experimento o existir do mesmo modo... pois, de várias maneiras esta constelação de existências com a qual me encontrei permanece em mim. Assim tenho caminhado... com as virtualidades e atualidades do vivido vibrando em meus poros, minha pele tem outras sonoridades, tonalidades, gestualidades, dizibilidades, experimentações.

Naquela tarde demos um até breve. E “nada seria como antes”, conforme enunciam a cada encontro... no próximo mês haveria mais poesia no transporte público de São Paulo e haveria mais e mais poéticas seja no Sararô e em outras escolas, seja no Slam do 13, seja no Slam das minas Sp... no próximo segundo haveria poesia movendo aquelas existências. E com elas ainda experimentaria outros movimentos, pois *os poetas ambulantes invadiram a FSP*, pois, como ainda veremos, elas e eles estiveram numa conversação-recepção dos calouros de saúde pública e no encontro da Rede Unida na FSP, a cada encontro nos lembrando nos lembrando que *embora haja tantas desventuras a vida é uma luta e poemas são armas letrais*¹⁰³.

¹⁰³ De Jefferson Santana.

**Entrando em uma *zona de*
força e potência: corpos que
incitam a engolir o mundo**

Início de uma madrugada de outubro. Já em casa, o canto de encerramento da peça ainda ressoava fortemente em minha corpa: “*Ê mamãe, abraça eu mamãe. Embala eu, mamãe, cuida de mim. Canela com açúcar para cuidar, canela com açúcar para limpar o olhar da sociedade que me faz chorar*”. Por onde seguia, ele me acompanhava. Estava difícil desacelerar para o descanso depois de ter entrado naquela *Zona de Força e Potência* com as Agbaras. Imagens da peça iam e vinham como um ritornelo. Aquele era o segundo encontro que eu e André havíamos tido com o espetáculo “*Vênus Negra: um manual de como engolir o mundo*”. E algumas diferenças se fizeram entre o primeiro e o segundo encontro.

Da primeira vez uma grande expectativa me habitava. Chegamos na Fábrica de Cultura do Jardim São Luís faltando pouco mais de trinta minutos para o início do espetáculo, marcado para as 20h00. E para chegar até lá fizemos um caminho parcialmente novo. Saímos da linha amarela do metrô seguimos, como de costume, em baldeação para o trem e na sequência caminhamos até o ponto onde pegaríamos um ônibus que nos deixaria próximo da Fábrica. Esta foi a minha primeira vez neste espaço onde ainda viveria muitos encontros como os debates da Mostra da Cooperifa e o *Vida loka é quem estuda*¹⁰⁴.

Os caminhos que percorremos do trem até o ponto de ônibus ainda eram desconhecidos para mim. Seguia orientada por André que já tinha familiaridade com o trajeto. Experiências de seu tempo de trabalho e moradia na região. Em alguns momentos, principalmente ao passarmos por um trecho mal iluminado e ermo ao lado de uma avenida, que não vou lembrar o nome, senti medo. Mas lutei para este afeto não me paralisar. As conversas com André, as nossas *viagens* sobre o meu campo em ebulição, me ajudaram a refrear tal desconforto. Seguia um pouco desorientada, apesar de André permanecer explicando onde estávamos e por onde seguiríamos. Esforçava-me para prestar atenção por onde caminhávamos, mas o pouco senso de direção, naquele momento somado à escuridão, dificultava minha percepção. Tentei lidar com o que se passava em minha corpa, de modo que aquela experiência não se tornasse um problema. Novamente outras travessias se faziam em mim, o que incluía analisar os afetos que me compunham, a fim de que pudesse dar passagem para os fluxos e para as intensidades liberadas pela vivência daquela caminhada, em detrimento dos afetos que poderiam produzir obstáculos para outras *passagens*. Enquanto vivia a tensão daquela *encruzilhada* que se processava, lembrei da leitura, que havia feito dias antes no trem ao seguir para a Casa de Cultura, a respeito do *espaço liso e estriado*¹⁰⁵.

¹⁰⁴ Ciclo de encontros realizados em várias Fabricas de Cultura entre Sérgio Vaz e estudantes de escolas públicas da região como parte das ações que ele realiza em escolas públicas no âmbito do projeto Poesia contra a violência.

¹⁰⁵ O espaço liso (nômade onde se desenvolve a máquina de guerra) e o espaço estriado (sedentário que é instituído pelo aparelho de Estado) não são da mesma natureza considerando que “por vezes podemos marcar uma oposição simples entre os dois tipos de espaço e. Outras vezes devemos indicar uma diferença muito mais complexa, que faz com que os termos sucessivos das oposições consideradas não coincidam inteiramente. Outras vezes ainda devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não pára de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso” (p.192). É, pois, neste sentido que Deleuze e Guattari, afirmam ser necessário considerar um certo número de modelos que seriam como que aspectos variáveis dos dois espaços e de suas relações, a exemplo dos modelos discutidos (o tecnológico, o musical, o marítimo, o matemático, o físico, o estético) e de outros que consideram existir, como o lúdico e o noológico. Assim, afirmam que são “justamente as passagens e as combinações e não as

Naquele momento tudo voltou. As palavras daquela “discussão teórica” estavam ali, vivas, movendo-se em turbilhão em mim. Senti que estava em um franco combate contra as *estriagens do pensamento*, considerando o jogo entre os afetos que se pronunciavam e a minha tentativa de experimentar de *um modo mais liso* os caminhos que percorria, para que pudesse viver a difícil fabricação de maneiras de ocupar a cidade e de ser ocupada por ela... seguia vivendo os incômodos do cultivo de um corpo outro, de afetos outros, de territórios outros, de tempos e espaços outros no meu caminhar.

Quando descemos do ônibus, a poucos metros da Fábrica de Cultura, André chamou atenção para o muro que estava a nossa direita: “*aqui é cemitério do Jardim São Luís, Valéria!*”. Estávamos ao lado daquele local que havia aparecido pela primeira vez durante o encontro com Sol, quando ela nos contou que a região ficou conhecida como *triângulo da morte*.

O cemitério do Jardim São Luís é o que tem o maior número de indigentes da cidade. Nos anos 90 aconteceram várias chacinas na região e esses corpos eram enterrados lá. O cemitério passou por uma enchente e os corpos boiaram na água. Uma coisa horrível. Tudo isso faz muito parte do imaginário. Crescemos com o fantasma do triângulo da morte. Hoje não é tão perigoso quanto antes, mais ainda oferece riscos. De fato, a gente via a violência. Ver sangue e crescer com isso, com o corpo com um plástico em cima, de não entender o que acontecia. Saber que não pode sair de casa para brincar. Crescendo fui entendendo que a violência é quase uma pessoa. Ela é uma pessoa.

Percorrer aquela calçada, ao lado daquele muro, fez voltar o processo de construção com André do compartilhamento na faculdade sobre o que ressoava no meu corpo a partir de minhas andanças. Naquele período saltava fortemente que poderíamos tomar algumas partilhas, como aquela realizada por Sol, na condição de um ponto de partida e não como o aspecto central, pois eu já visibilizava uma série de *maquinações* e de muitas *dobras, desdobras e redobras* produzidas por meio de diferentes espaços, tempos, modos, corpos. Estava nítida a virada que tantas existências forjavam: De um triângulo da morte a um campo de produções rizomáticas. Sim, eu estava percorrendo junto com tantas vidas as incontáveis linhas de um rizoma produzido na região sul de São Paulo e que a extrapola de diferentes modos. Naquele compartilhamento tratamos de fazer aparecer exatamente isso: menos uma geometria voltada à produção de mortes em diferentes planos ainda em curso e mais as múltiplas linhas que não cessam de tecer modos de produzir o existir em suas singularidades. Foi para este campo de produções que direcionamos todos os holofotes naquele compartilhamento. E mais uma vez... experimentamos estas existências movendo-se em nós.

Após alguns metros de caminhada estávamos na porta da Fábrica de Cultura e deparamo-nos com o portão fechado. Era possível avistar vários grupos de jovens que conversavam animadamente ao

operações de estriagem e de alisamento que os interessa” e ainda “como o espaço é constantemente estriado sob a coação de forças que nele se exercem; mas também como ele desenvolve outras forças e secreta novos espaços lisos através da estriagem. Mesmo a cidade mais esfriada secreta espaços lisos: habitar a cidade como nômade, ou troglodita. Às vezes bastam movimentos, de velocidade ou de lentidão, para recriar um espaço liso. Evidentemente, os espaços lisos por si só não são liberadores. Mas é neles que a luta muda, se desloca, e que a vida reconstitui seus desafios, afronta novos obstáculos, inventa novos andamentos, modifica os adversários. Jamais acreditar que um espaço liso basta para nos salvar” (DELEUZE e GUATTARI, 2012 p.228).

final da rampa de acesso do espaço. Ficamos ali parados por alguns segundos sem saber muito bem o que fazer, pois o *insulfilm* não nos permitia ver se havia alguém na guarita que fica perto do portão. Logo fomos notados por um segurança que saiu da guarita e abriu o portão para nós. Enquanto subíamos a rampa André comentava sobre *uma Fábrica de Cultura estar com o portão fechado*, especialmente considerando que haveria um espetáculo naquela noite. Aquilo me encucou. Ponderei se seria por conta do horário e seguimos pensando se isso ocorreria em outros momentos do dia.

O prédio principal da Fábrica estava fechado e ficamos sem saber ao certo onde ocorreria a peça. Decidimos esperar por ali, encostados na rampa e próximos aos que lá estavam. Logo um banco vagou e para lá seguimos. Nosso papo foi acompanhado da lua, que naquela noite fresca parecia estar estrategicamente posicionada para que todos ali pudessem ver quão brilhante e cheia ela estava. Ela nos presenteava com um *pré-espetáculo*. E muitas outras existências fizeram parte daquele momento, de perto e de longe. De perto, tivemos a companhia dos jovens, que conversavam sentados no chão e nos poucos bancos disponíveis, e ainda de outros, que partilhavam desde passos de dança até o que fervilhava em seus celulares.

De longe, tivemos a presença de várias existências constitutivas do viver de André, em especial de sua avó. Esta existência ficou por um tempo entre nós na companhia de outros integrantes de sua família. Seguimos com ela, que foi uma forte agenciadora do encontro de André com as letras, pois, mesmo sem a oportunidade de fazê-lo, percebia que aquilo poderia ser bom para aquela existência, ainda em tenra idade. Nosso papo foi longe e questões muito delicadas e complexas irromperam a cena. Nesta afetiva partilha, encontrei-me com uma passagem marcante da vida de André a respeito de uma camisa dada a ele por sua avó, após recebê-la de seus patrões, os quais tratavam-na, em sua percepção, como uma integrante da família. Um presente que ocupou um lugar especial naquela infante existência, para além do curto período em que com ela estive e do que estampava: uma suástica.

Enquanto aguardávamos o encontro com Agbaras, cujos corpos convocam em nós a força e a potência que têm demarcado a ocupação de outras *zonas do viver*, tendo em vista as questões que cortam os corpos femininos, negros e gordos não apenas no mundo da arte/dança, seguia vivendo outros transbordamentos que explicitavam as poéticas da relação construída entre André e sua avó, bem como a relação que ele vinha produzindo para si naquele momento. Estava diante de uma vida *em acontecimento*. Estava vivenciando Ayubu¹⁰⁶ em seu processo de germinação. As experiências vividas, comigo e com outra pesquisadora que também compunha uma cartografia¹⁰⁷ friccionaram aquela existência a tal ponto que diferentes campos problemáticos, também vividos intensamente por outras

¹⁰⁶ Personagem criada por André na composição de seu projeto de doutorado de André intitulado “Caminhos de Ayubu: transvisões de si e do mundo no encontro com produções negras”.

¹⁰⁷ Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Psicologia na Unifesp Baixada Santista de Luiza Ribeiro Xavier intitulado “Cartas entre abolições inacabadas: Escravidões, liberdades e invenções histórias entre mulheres negras”.

existências negras, foram nela ativados. Um cultivo produzido por ele com a pele, um encontro impossível de não ser vivido. Vivenciávamos o acontecimento de um pesquisar *in-mundo*, pois Ayubu ganhou corpo por meio de movimentos de misturar-se, de sujar-se, de encharcar-se com as questões que compõem tantos viveres. E novamente encontrava-me com a questão: os caminhos imprevisíveis para os quais uma pesquisa como esta pode nos levar e as impensáveis decorrências que tomam de assalto nossas existências quando caminhamos compondo um outro perspectivismo.

Enquanto conversávamos percebia que o espaço se tornava mais povoado por outras existências que aos poucos iam se posicionando próximo a uma porta de vidro. Entendemos ser ali o espaço do teatro. O povo seguia animado. Entre nós permanecia a ambiência de alegria sentida na chegada. Um pouco depois de 20h00 as portas de vidro foram abertas. Na entrada fomos convidados a escrever: “o que costumo engolir?”. Uma pergunta desterritorializante. Vários viventes prontamente se puseram a escrever no pequeno papel que havíamos recebido. Outros, como eu, permaneceram parados sem rascunhar uma letra sequer. André logo afastou-se para um canto do grande balcão que ocupa o espaço e debruçou-se sobre a pergunta. Eu segurava o papel sem saber ao certo o que escrever. Fui deixando a pergunta me habitar. Aos poucos fui sentindo vontade de falar sobre o que me atravessa em relação a minha formação e atuação profissional. Escrevi algumas palavras sobre o que tenho engolido ao longo dos últimos anos que, apesar de ter conseguido deglutir e digerir parcialmente, por vezes, ainda volta à garganta sufocando a respiração de outros ares no que se refere a este assunto. Antevia-se que a experiência daquela noite seria forte.

Seguimos para a fila que já se formava. Enquanto aguardávamos na porta do teatro para passar a catraca, era possível entrever uma escuridão. Ao entrar, vimos as cadeiras dispostas no palco compondo um grande círculo. À medida que nos aproximávamos, os objetos que compunham o cenário junto com as cadeiras se tornavam mais nítidos. Chamava atenção em um ponto do palco várias cabaças. Em outro ponto, pedras de distintos tamanhos e uma vasilha de cerâmica com água. E em outro, ainda, muitos discos de vinil dispostos pelo chão. Nós não estaríamos distantes das Agbaras nas cadeiras que compõem a plateia do teatro. O espetáculo seria ali, corpo a corpo. Em ocasiões como essa sou atravessada pela mesma sensação: de que serei escolhida em casos de interação com o público. Outra desterritorialização com a qual tive que lidar. Travessias...

Cena

Uma Agbara anuncia:

“29 de novembro de 1815. É! Foi 29 de novembro de 1815. E aqui ainda estamos. Eu, você, você, todas nós! Seguindo com as nossas vivências e as nossas experiências, mas sempre resistência. São farelos de tempo que traçam os nossos caminhos [inspira e assopra]. São sopros [inspira e assopra], são sopros [inspira e assopra]. Sopros de sobrevida. No latim, pesada, pouco certa, espessa! Ah, e desequilibrada em suas proporções. Afiadas e certeiras ao legitimar uma única condição [bate com força na barriga várias vezes]: essa serve só para parir.

Ventres largos [bate novamente na barriga], tetas fartas [segura os seios]. E isso. Isso são traços de nossas histórias. Ah, mórbida, devassa e doente! [risada forte]. O ontem que se revela no hoje. Memórias de um futuro latente e é gritante. E nós? nós, escapes constantes. E hoje estamos aqui todas despidas de qualquer mágoa e junto trazemos o nosso Manual de como engolir o mundo presente. Hoje aqui para vocês e com vocês o Manuel de como a gente engole tudo isso. Tenham todas e todos. Um ótimo espetáculo”.

A Agbara senta-se em uma cadeira a ela reservada em um ponto da roda. As outras Agbaras se movimentam pelo palco. Elas nos cumprimentam, perguntam se estamos bem, enquanto ajustam a posição de algumas cadeiras. Uma Agbara diz que o espetáculo está atrasado e pergunta se podem começar. As Agbaras tomam seus lugares no palco. Uma Agbara permanece no centro do palco.

Cena

“Sou muito legal. Muito divertida. Meu instagram é @fabipimentinha. Eu preciso de duas pessoas. Porém, eu escolho e não aceito não como resposta. Aqui tem giz e quero que vocês façam uma *amarelinha*. Sabem fazer amarelinha ou tem que explicar? Vamos agilizar. Estamos atrasadas” [orienta os dois rapazes escolhidos na realização do desenho. Enquanto desenhavam o papel que cada um de nós escreveu na entrada do espetáculo é recolhido]. “Muito bem, palmas para eles” [os rapazes são aplaudidos]. Podemos começar? [toca música instrumental com predomínio de saxofone].

Uma Agbara fala: “Gorda, baleia, saco de areia!”

As outras acompanham repetidamente: “Gorda, baleia, saco de areia. Gorda! Gorda!” As quatro gritam sem parar. Silêncio. [A música segue. A Agbara que está ao centro do palco percorre a amarelinha. Perde o equilíbrio algumas vezes e cai do salto altíssimo que usava. Música instrumental segue e começa o refrão *you make me feel like a natural woman* na voz de Aretha Franklin].

Agbaras gritam para ela: “Diva, gostosa, maravilhosa, linda, poderosa, fechamento!”

Agbara ao centro do palco diz: “Essa música é a mais linda. Uma deusa por ser empoderada, por gostar de ser preta e gorda. Mas na balada nunca sou beijada. Eu não sou padrão. Quem tem coragem de me beijar agora? Quem tem coragem de me beijar agora?”. [Percorre o palco perguntando para o público]. “Quem tem coragem de me beijar agora? Quem tem coragem de me beijar agora?”. [Segue percorrendo o palco rapidamente]. “Ninguém tem coragem de me beijar! Diva, maravilhosa, dona da porra toda. Diva, deusa e como as pretas e gordas ficam? Só com as curtidas. Só com as curtidas. Só com as curtidas. Diva, maravilhosa, dona da porra toda. Linda, deusa”.

Cena

O silêncio do palco é rompido. Musicista toca um chocalho

Mulher negra não integrante da Zona Agbara entra vestida de branco com um bebê no colo. Entoa um canto sussurrando. Dança com uma cabaça amarrada ao tornozelo segurando o bebê. Este começa a chorar. Ela segue dançando com a cabaça amarrada ao tornozelo e com o bebê em seus braços. O choro da criança diminui. A dança continua. O bebê chora com mais intensidade. Segue a dança. O choro da criança aumenta. Ela leva o bebê à Agbara que abriu o espetáculo e que permanecia sentada na cadeira. Esta aconchega o bebê em seus braços. O bebê pára de chorar. A mulher segue dançando com a cabaça percorrendo o palco inteiro. O bebê permanece sem chorar até o final do solo.

Cena

O foco ilumina a Agbara sentada no chão no meio de discos de vinil. Ela: “Não, espera. Apaga a luz. Eu só consigo se for no escuro”. [Ela sussurra. Movimenta-se no chão. A música para. Ela está ofegante]. Ela grita: “Nega do cabelo duro que não gosta de pentear”. [Grito de dor]. “Quando passa na boca do tubo o negrão

começa a gritaaarr. Pega ela aiii pra que? Pra que? Pra passar batoommm. Que cor? Que cor? Violeta! Na boca e na buceta”. Musicista toca o berimbau que acompanha movimentos violentos em meio a gritos e urros. Percorre o palco perguntando para a plateia: “É isso que você quer? É isso que você quer?”. “Então toma. Toma! Toma! Toma!” Bate com repetidamente na região pélvica com os braços estendidos à frente do corpo tendo uma mão sobre a outra. “E você? Isso que você quer? E você? Você? Você? É isso que você quer? Ninguém tem coragem de falar agora. Agora ninguém fala. Toma!!!” Corre em várias direções do palco. A cada parada repete o movimento de bater na região pélvica. Ela grita. A musicista ri ao berimbau. Em seguida pra de tocá-lo. Agbara que corria fala para a musicista: “Você viu, ninguém tem coragem de falar. Ninguém tem coragem de falar”. Outra Agbara diz: “Então vamos fazer um brinde”. A Agbara que protagonizou a cena pergunta: “E o que a gente merece? Vamos fazer um brinde. Um brinde ao matriarcado!” As Agbaras brindam ao centro do palco. Platéia reage com gritos e palmas.

Cena

Musicista canta *a capella*: Eu sou a Vênus Negra. Eu sou a Globeleza. Eu sou a Inês Brasil. Sou esposa. Sou gostosa, sou sua carne, sou o seu prazer, sou usada. Abandonada. Jogada fora. Eu sou o seu prazer, sou o seu prazer. E não tem sentimento, sou um momento, sou o presente, o passado, mas não quer ser futuro. Chega! Eu não sou sua coisa. Você não pode me tocar. Não quero ser usada, eu quero ser amada. Sou preta, sou gorda, sou mulher, sou sapatão. Eu não, eu não sou sua exposição. Sou preta, sou gorda, sou mulher, sou sapatão. Eu não, eu não sou sua exposição. Eu não, eu não sou sua exposição.

Cena

Musicista sai de cena e começa a tocar chocalho. Música com ruídos agudos. Agbaras juntas no centro do palco começam a se movimentar. Juntas ao centro do palco sugam os corpos uma das outras. Seguem sugando diferentes partes dos corpos uma das outras. Ouve-se os ruídos dos corpos sendo sugados. Diferentes partes dos corpos seguem sendo tocadas por diferentes bocas.

Cena

Quadrados de diferentes tamanhos são desenhados em diferentes pontos do palco com giz por uma da Agbara. Outra Agbara começa a dançar. Inicia pelos quadrados maiores, passando pelos intermediários, pelos pequenos até chegar em um quadrado cujo tamanho era menor que a metade de seu pé. Dança de forma virtuosa e rápida seguindo as delimitações dos quadrados. O solo vai crescendo em intensidade e ela segue sem parar de um quadrado a outro.

Cena

Musicista toca o atabaque e canta: “Ê mamãe, embala eu mamãe. Abraça eu, mamãe, cuida de mim. Abraça eu, mamãe”. Todas cantam: “Eu cansei de engolir. Tudo que falam sobre mim. Eu cansei de engolir. Tudo que falam sobre mim. Ê mamãe, embala eu mamãe. Abraça eu, mamãe, cuida de mim. Canela com açúcar para cuidar. Canela com açúcar para limpar o olhar da sociedade que me faz chorar, o olhar da sociedade que me faz chorar. Canela com açúcar para cuidar. Canela com açúcar para limpar. Um salve às Agbaras e a potência para lutar. Um salve às Agbaras e a potência para lutar”. Agbaras cantam e aproximam-se da plateia. Cada uma convida um expectador a participar oferecendo um pote de cerâmica com canela e açúcar. As Agbaras seguem cantando enquanto convidam os expectadores escolhidos para passarem a mistura do açúcar com a canela em seus corpos. Musicista canta sozinha ao atabaque: “eu cansei de engolir tudo o que falam sobre mim. Eu cansei de engolir tudo o que falam sobre mim. Eu cansei de engolir tudo o que falam sobre mim. Ê mamãe, embala eu mamãe. Abraça eu, mamãe, cuida de mim”. Musicista pára de tocar e canta: “Um salve às Agbaras e a potência para lutar. Eu cansei de engolir tudo o que falam sobre mim. Eu cansei de engolir tudo o que falam sobre mim. Um salve às Agbaras e a potência para lutar. Agbaras respondem: “Um

salve às Agbaras e a potência para lutar”. Musicista inicia um solo de atabaque. Atrizes dançam de forma intensa. Expectadores seguem acompanhando a cena. Após o solo da musicista, aplausos.

Despedida

Este espetáculo vai para Areta Franklin. Agradecemos à Sansacroma, circuito vozes do corpo, a Fábrica por ter nos acolhido e apresentar nosso técnico de som e produtor. Palmas. Técnico de luz e produtor. Meu nome é Fabiana sou atriz, palhaça e agora dançarina. Sou Rosangela Alves, mais conhecida como Didi, dividindo a diretoria com a Gal. Diretoria? - Pergunta Gal. risos. Divido a direção junto com a Gal Martins e também sou preparadora corporal do elenco e queria agradecer a presença de todos. Como já foi falado sou a Gal Martins [fala interrompida por gritos e palmas] idealizadora da zona Agbara, dirijo a Zona Agbara e chamei a Didi para dividir a responsa comigo. Meu nome é Luciene Barros sou modelo plus size, trabalho também como produtora, performer e agora dançarina com elas aqui. Sou a Dandara Kuntê, produtora cultural, ativista da quebrada, sou mulher, negra, sapatão [fala interrompida por gritos e palmas], meu nome é Sheila, sou fotógrafa, estou fechando um ciclo, participei do processo, a Gal me convidou para dançar e dancei com o Le na barriga. Foi uma experiência maravilhosa e agora com ele aqui, esse presente, fazendo o papel de maternidade. Gratidão, é nós. Sou Analu, musicista e cantora e estou com a galera. Gal toma a palavra: Gente, só uma coisinha. A gente faz questão de dizer o que a gente faz na vida porque muitas acham que a gente com esse corpo gordo não pode fazer. Então vocês viram que a gente pode muitas coisas além de dançar, de tentar dançar. Muito obrigada. Continuem acompanhando o Circuito Vozes do Corpo¹⁰⁸.

Conseguimos cumprimentar apenas algumas Agbaras, pois a hora já avançava. Sorrisos, agradecimentos, abraços afetuoso era o que via e sentia naquele momento. Seguimos para o ponto de ônibus tomados por aquela experiência. Ao sairmos da Fábrica, o bairro estava com pouco movimento. Havia poucos comércios abertos e poucos carros passando na rua. Seguimos para o ponto. Logo veio o ônibus que nos levaria até a estação Santo Amaro do trem. Seguimos todo o trajeto conversando. Estávamos muito agitados. Falávamos sem parar sobre o conjunto de invisibilidades e sobre os sofrimentos que vão se interseccionando em certas vidas e sobre as quais, de modo, geral, pensa-se pouco e cuida-se menos ainda. O que sentem, sofrem, passam as existências socialmente rotuladas como *mulheres negras, gordas e periféricas*? Que lugares são “reservados” para estas existências e que lugares são interditados, direta ou indiretamente, a exemplo do campo da arte, incluindo o mundo do teatro e da dança? Que enfrentamentos vêm sendo produzidos e não são enxergados de fora - como aquele que havíamos vivenciado? Estas foram algumas questões que nos povoaram. Seguimos falando, no trem e no metrô, sobre os múltiplos campos problemáticos escancarados: a sexualização da mulher negra; os corpos “divertidos” dos quais muitos querem estar próximos, mas poucos querem “assumir publicamente” em uma relação amorosa; as diferentes violências que atingem estes corpos considerando o padrão de corpo “vigente” intensamente atravessado pelo mercado e pela ciência, incluindo o chamado

¹⁰⁸ Mostra anual idealizada em 2010 pela Cia. Sansacroma que leva ao público apresentações individuais e de diferentes coletivos da cidade e de outros estados de forma gratuita na Fábrica de Cultura do Jardim São Luiz e no espaço da rua e que inclui a oferta de workshops e debates com o propósito de favorecer a democratização e difusão da dança contemporânea e aproximar os artistas da região de forma gratuita na Fábrica de Cultura do Jardim São Luiz e no espaço da rua desde 2010. No ano de 2017 o Vozes do Corpo recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) na categoria Projeto-Programa-Difusão e Memória.

“racismo científico” historicamente construído se considerada a cortante experiência da Vênus Negra¹⁰⁹ e que ganha pouco espaço em discussões na academia, os encontros constituídos com este corpos seja no “íntimo” das relações, seja nas desqualificações relacionadas ao mundo do trabalho que produzem um *não-lugar* para estas existências.

Neste primeiro encontro com as Agbaras além destas questões que saltaram para nós, produzi uma percepção importante: buscava assimilar cada cena com riqueza de detalhes, considerando que a experiência estava sendo registrada apenas por áudio, sem nenhum registro de imagem, e posteriormente no diário de campo. Em vários momentos do espetáculo sentia que estava “racionalizando” o encontro. Era como se eu não estivesse de modo vivo na experiência, dando passagem para a manifestação no meu corpo das intensidades, das velocidades, das lentidões que se compunham no encontro. Eu não estava vivendo o encontro em suas *latitudes e longitudes*. Tive que lutar para não “cumprir esta tarefa” que, sem perceber, havia me imposto. Novamente uma luta para habitar de forma estriada aquela *zona*, na qual havíamos entrado, ainda que tivesse planos de vivencia-la outras vezes como havia feito em relação a outras apresentações artísticas. Que sensação lancinante!

Este foi um momento marcante e que ainda se repetiria, principalmente quando não havia previsão de uma nova apresentação de determinado espetáculo como ocorreu em relação às peças “Isso é um negro?” do Grupo EQuemÉGosta” e “Três Pretos: Valor de uso”, da Sociedade Abolicionista de Teatro, as quais vivenciei uma única vez. A percepção disparada no encontro com o espetáculo “Vênus Negra” foi fundamental para que eu seguisse pensando sobre um tema que já havia me passado quanto

¹⁰⁹ No período, um dos textos com os quais me encontrei foi “As desmedidas da vênus negra - Gênero e raça na história da ciência” de Teresa Citeli (2001), analisa o caso de Saartjie Baartmann que, no século XIX foi levada para Paris e exposta em jaulas devido suas nádegas volumosas em espetáculos, o que realçava uma natureza supostamente perigosa e selvagem pela associação à noção de sexualidade perigosa. A notoriedade de Sarah, apelidada de Vênus Negra, atraiu a atenção de um conjunto de cientistas que converteram seu corpo em objeto de estudo em um período em que ganhava força a classificação de grupos humanos. Conforme aponta Citeli, a morte de Sarah aos 26 anos que poderia ter selado o fim de sua exuberante e excêntrica notoriedade foi um outro começo para ela, pois seu caso passou do ramo do entretenimento para a ciência e desta para a história da ciência e de contornos políticos considerando a disputa, no período da ascensão de Nelson Mandela como presidente da África, para a devolução pela França de seus restos mortais expostos em museus até os anos 1990 quando sobreveio o interesse crítico dos estudos acadêmicos pela história de Sarah, dos povos que descendem dos grupos aos quais ela pode ter pertencido, dos cientistas que a estudaram e ainda do contexto cultural e científico da época que evidenciam um viés racista e sexista. Encontrei-me ainda com o artigo “O corpo exótico, espetáculo da diferença”, no qual de Margareth Rago dialoga com Citeli e outros autores sobre a construção do corpo exótico como espetáculo da diferença a ser contemplado na forma de lazer e como objeto de investigação científica desde o século XIX, evidenciando um processo de racialização do corpo diferente que reforça a inferiorização biológica na construção do olhar sobre o outro e a valorização dos “civilizados” no âmbito de um movimento de desvendamento e classificação dos indivíduos com o sentido de uma hierarquização de classe, gênero e etnia. Um processo que transformou o corpo exótico, fetichizado e domesticado em “degenerado” e justificou sua abertura, exposição e espetacularização como aconteceu com Sarah e muitos homens e mulheres da África exibidos na Europa ao lado dos animais. Assim, zoológicos humanos marcaram uma ruptura pelo sofisticado cruzamento entre espetáculos e produção de saberes sobre tais corpos para legitimar cientificamente a superioridade dos brancos, racializando e hierarquizando os povos segundo uma produção misógina e racista do olhar e da ciência ocidentais, como ressalta Rago, na qual os homens eram comparados aos primatas superiores pela linguagem, razão ou cultura e as mulheres diferenciadas dos animais pela anatomia sexual como aconteceu com Sarah exibida como fêmea selvagem e de sexualidade incontrolável e perigosa e que mesmo após sua morte continuou a ser apresentada como típica representante da inferioridade feminina, especialmente por sua genitália, evidenciando o racismo e o sexismo manifestos no desejo voyeurista de consumo do corpo diferente, como modo de relação ambígua e perversa com o outro, no mundo ocidental. <https://www.labrys.net.br/labrys13/perspectivas/marga.htm>.

ao *registro do campo*, em especial ao que se referia à vivência destas apresentações artísticas por ora “únicas” e o lugar que os registros por imagens estavam ocupando no meu processo. Precisava produzir um modo de estar vivamente na experiência, lidando com o que era possível em relação aos registros. A questão que se fazia candente: experimentar *registros do encontro no corpo*, para além dos equipamentos que me permitiam capta-lo por foto e vídeo, que apesar de terem um lugar, não poderiam se sobrepor a vivência intensiva do encontro. Essa era a *captação* que eu buscava *viver-produzir*.

Segui com este desafio no corpo. Voltei de novo, de novo, de novo em vários espetáculos. Meu desafio era compor um estado de presença que possibilitasse a recolha das afecções e dos agenciamentos destes encontros, independentemente da realização de registro por imagens. E assim segui ora acompanhada, ora sozinha. Foi neste período que reencontrei com um texto de Emerson que conheci logo após o mestrado e que me trouxe várias contribuições para a escrita de um artigo sobre minha pesquisa, entre as quais, a noção de *fazer-saber* que nos fala sobre o saber que “emerge do campo da ação inscrita no encontro” (MERHY, 2013, p.22), do que decorre a necessidade de compormos um processo de *desaprendizagem do saber-fazer* (MERHY, 2013, p.28). Assim, transitei com estas noções pelo difícil e delicado campo de *produção de desaprendizagens* no que se referia a um modo de registrar o campo *em mim*. Um novo processo que demandou uma boa dose de perseverança e que fui instalando a cada novo passo. Das encruzilhadas que vivi...

Foi neste compasso que vivenciei um outro estado de presença em relação ao segundo encontro com as Agbaras e sua “Vênus Negra”. Naquela noite, eu e André, estávamos em uma unidade do Sesc, na zona sul da cidade. Nosso trajeto foi composto pelo metrô e por uma breve caminhada. Apesar de termos chegado com trinta minutos de antecedência, ouvimos de uma funcionária: “*Os ingressos para a peça já foram distribuídos*”. Que frustração!

Enquanto saíamos desanimados da área de atendimento ao público, um outro funcionário pedia que os interessados por ingresso esperassem próximo ao teatro, porque possivelmente alguns seriam distribuídos em poucos minutos. Saímos rapidamente à procura do teatro. O tempo urgia. Como não conhecíamos aquela unidade do Sesc, ainda demoramos um pouco para nos orientarmos. O tempo seguia correndo. Tão logo nos situamos, seguimos pelas escadas às pressas. Nem tudo parecia perdido...

Chegando ao andar indicado, deparamo-nos com muitas gentes que já aguardavam. Um burburinho tomava o ambiente. Que agonia! Havia funcionários do Sesc com seus característicos equipamentos de comunicação, gentes pedindo informações sobre os ingressos, algumas Agbaras entrando e saindo por uma porta denominada “camarim”. A agitação que antecede um espetáculo somava-se à agonia daqueles que ansiavam por um ingresso. Seguimos sentados, atentos ao que aconteceria, quando Andre disse: “*acho melhor ficarmos em pé, ali perto da porta!*”. Uma senhora que estava ao meu lado perguntou: “*posso ir com vocês? Estou sozinha. Subi para tentar um ingresso*”.

Seguimos os três. Logo várias gentes se posicionaram atrás de nós. Éramos os primeiros de uma fila que havia se formado sem sabermos o porquê... uma cena cômica naquele momento de tanta aflição. E os olhares entre nós três denunciava isso. Permanecemos encabeçando a fila, quietinhos, aguardando.

Fomos os primeiros a receber os ingressos. Finalmente nós três estávamos no teatro! Muitas gentes que aguardavam na fila também conseguiram entrar. Logo vi que as cadeiras e o cenário tinham a mesma disposição. Porém, havia uma diferença: o público poderia também ocupar uma arquibancada com três andares. Seguimos para o palco e sentamos em um dos cantos. Fiquei incomodada. A arquibancada me chamava. Aquela seria a oportunidade de viver o espetáculo de outra posição. Além disso, atualizei o desconforto de ter um canhão de iluminação apontado para nós, que ofuscou minha visão por várias na primeira vez que assistimos *Vênus Negra*, pois estávamos numa posição semelhante àquela. Meu corpo não queria estar ali. Rumei para a arquibancada! Acomodei-me em um dos poucos lugares que sobravam. Que perspectiva linda! Rapidamente o teatro ficou totalmente lotado com um público bastante heterogêneo. Havia muitos jovens e também muitas senhoras.

Agbaras e musicista entram. Cada uma toma seu lugar. E os primeiros sons do atabaque começam a ressoar no ambiente. Nitidamente uma outra acústica compunha aquele espaço. Sentia aquela melodia reverberar no meu corpo de um outro modo. No compasso do atabaque a musicista entoava um canto que traz para a cena orixás. Em poucos segundos várias senhoras se levantam e começam a se retirar do teatro. Algumas seguem no espaço próximo à arquibancada, outras caminham pelo palco seguindo por trás das cadeiras e outras ainda se deslocam por dentro do círculo, passando bem próximo de algumas Agbaras. A expressão dos que permaneciam sentados era de espanto. Assombro. As Agbaras buscam o olhar desde umas das outras das posições que ocupavam. Eu e André, à distância, também nos olhávamos aturdidos. E disso a arquibancada ficaria com mais da metade dos espaços vagos. De diferentes modos, o “intolerável” se fez presente... nos que partiram e nos que ficaram. Meu corpo latejava! A musicista continuou a tocar para introduzir a entrada da primeira Agbara. O baile seguiu...

No final da primeira cena, quando as Agbaras ocupam o palco juntas e interagem com o público, e antes da cena seguinte, Gal toma a palavra: “*boa noite, sejam bem-vindos. Sei que nós assustamos um pouco. Mas faz parte. São coisas que acontecem*”. Com leveza, ela buscou um modo para lidar com o que havia se passado, buscando dissipar a ambiência de desconforto que havia tomado o espaço e os corpos, incluindo o meu. *Força e potência!*

Com o espaço que se constituiu na plateia, mudei de lugar. E minha perspectiva ficou melhor ainda. Sentia cada ato de um modo único no meu corpo. Uma *repetição singular* se fazia, uma *repetição agenciadora* de novas sensações, percepções, marcas e encontros.

“Ê mamãe, embala eu mamãe. Abraça eu, mamãe, cuida de mim. Eu cansei de engolir tudo que falam sobre mim. Eu cansei de engolir tudo que falam sobre mim. Ê mamãe, embala eu mamãe. Abraça eu, mamãe, cuida de mim.

Canela com açúcar para cuidar. Canela com açúcar para limpar o olhar da sociedade que me faz chorar, o olhar da sociedade que me chorar. Um salve às Agbaras e a potência para lutar. Um salve às Agbaras e a potência para lutar.

Foi em meio à penumbra que se fazia naquela cena final que vivenciei um dos momentos mais marcantes de todo meu processo. Uma experiência difícil de colocar em palavras. De onde estava, vivenciava aquele ato final que por si era arrebatador: as Agbaras delicadamente conduzindo as existências escolhidas para que estas as desnudassem e posteriormente passassem a canela com o açúcar em seus corpos ao som do atabaque e da voz da musicista. Um desnudamento que parecia se processar não apenas nos corpos que recebiam uma camada de canela e açúcar. Meu corpo se desnudava de outro modo ao viver aquela cena. Meus olhos em transbordamentos com aquela experiência.

Aos poucos o aroma intenso da canela perfumou o ambiente. Era possível enxergar a formação de uma nevoa à medida que os feixes de luz encontravam com a canela que tomava o espaço. Marcante vivenciar a camada de proteção e cuidado por elas invocadas que se tornava mais nítida quando a luz incidia em seus corpos. E ao tempo que a música seguia, algumas existências levantaram-se e seguiram no compasso das palmas. E eu fui uma destas. Vivi intensamente aquele momento. Aquela música estava muito viva em mim, pois dias antes havia assistido a um vídeo em que as Agbaras a cantam. E eu era uma das poucas existências que cantavam a música. Em meio a alegria que me tomava, lembro do olhar de várias das Agbaras cruzando com o meu. Como será que elas nos veem do lugar que estão? Foi um pensamento que me passou.

Durante este ato final dediquei parte de minha atenção à observação de uma das Agbaras. Uma textura e uma coloração próprias compunham sua pele naquele momento. Uma *tonalidade-acontecimento* se processava apenas nela. Aquela existência me chamava. Os fios dourados de seu penteado, que mantinha parte do cabelo preso, reluziam. Uma forte conexão se instalou no meu corpo *em relação* a ela. Sentia uma familiaridade diante daquela existência, mesmo sem termos trocado uma palavra até então. E o abraço mais desejante daquela noite, sem dúvida, foi para ela, seguido dos abraços que também troquei com mais duas Agbaras.

Em casa ainda demorei um pouco para dormir. No dia seguinte ao sentar-me diante do computador para escrever sobre aquela experiência fui tomada por uma vontade incontrolável de chorar. Nessa emoção fiquei por um certo tempo a cada vez que lembrava do verso “Embala eu, mamãe. Abraça eu, mamãe. Cuida de mim”. Respeitei o tempo dos afetos que se manifestavam. Sem refrear o que meu corpo pedia, segui cantando esta música pelo tempo necessário para esta emoção vazar não apenas por meus olhos. Um choro intenso. Assim segui nesta zona de força e potência. Transbordamentos.

Nesta intensidade, vários pensamentos me passaram... Lembrei de um comentário “jocosos” - e que não passaria sem uma resposta minha - de um jovem cirurgião bariátrico: “*todo gordo é safado, todo*

gordo é preguiçoso!”. Lembrei também de uma cena que acompanhei, em um dia que voltava do campo, quando um homem gritava para seu colega que corria na plataforma lotada para pegar o trem: “Vai gordo. Corre, gordo!”. Frases que dizem tanto das violências que se instalam nestas existências que tendem a ser reduzidas a *um corpo de órgãos* mórbido que impede a produção de encontros com a potência de um *corpo sem órgãos* que se faz vivo nestas existências¹¹⁰. Um processo de ocupar-se do outro a partir de uma ocupação que possibilite a produção de outros modos de agir-pensar-instaurar relações.

Pode ser que aquela cena marcante que vivi ao final da peça se apague um dia da minha memória, permanecendo apenas tonalidades e contornos que não estão no plano do visível. Mas é espantosa a nitidez com a qual ela ainda se forma diante de meus olhos. Talvez porque ela tenha sido formada em um tempo outro, que não diz respeito aquele que marca o nascente e poente do sol ou a sazonalidade das estações, justamente por se tratar de uma temporalidade que está para além dos ciclos, de um tempo que não é mensurável. Do tempo próprio dos encontros. Pensar nesta experiência *de presença* no segundo encontro com Vênus Negra fez reverberar em mim a intensividade de Carolina Peixoto ao declamar sua poesia *Ciclo* enviada por ela para compor o cd de Dona Edite. Nesta profusão de agenciamentos decorrentes da entrada nesta *Zona Agbara*, sigo com as palavras desta poeta, pedagoga, produtora cultural, fundadora-integrante do Coletivo Poetas Ambulantes e do Slam das Minas Sp:

Perco a noção de tempo
Um dia sentava na barriga do vô
No outro a certeza de que isso não se repetiria
A infância virou lembrança,
As brincadeiras e sabores, saudade
Os anos têm horas que parecem dias
e estes de quando em quando voam se não duram a vida
As primeiras vezes são especiais como as últimas
e marcam tanto quanto as inesperadas
Nomeamos o envelhecimento de aniversário
E comemoramos todos eles para lembrarmos que estamos vivos
Usamos a física, a matemáticas, Newton, Einstein, horóscopo

¹¹⁰ Sobre o Corpo sem órgãos (CsO), Deleuze e Guattari (2011) escrevem no início de “Como criar um corpo sem órgãos para si?”: “De todo modo você tem um (ou vários), não porque ele pré-exista ou seja dado inteiramente feito - se bem que sob certos aspectos ele pré-exista - mas de todo modo você faz um, não pode desejar sem fazê-lo - e ele espera por você, é um exercício, uma experimentação inevitável, já feita no momento em que você a empreende, não ainda efetuada se você não a começou”. E seguem propondo que “ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto — o CsO — mas já se está sobre ele — arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante do deserto e nômade da estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos (p. 11). E prosseguem: “Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre o seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide (p. 13). É neste sentido que Deleuze e Guattari consideram que o CsO só pode ser ocupado por intensidades, pois apenas as intensidades o povoam: “Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar. Assim, o CsO é “o campo de imanência do desejo, o plano de consistência própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo) (p.18).

número a lua, as folhas e as estações contando o movimento de rotação e translação que a terra faz
enquanto um bebê nasce, um menino cai ou um adulto aprende uma coisa nova
Descobrir as palavras que as letras formam,
o som que sai da boca e como isso se torna automático depois
é como andar de bicicleta, arrancar dente de leite e fazer um amigo
Todo mundo aprende um dia
Criamos um Deus para responder o que a ciência não explica
e nem assim justificamos muita coisa
Queremos prever o futuro, não observamos o presente e nos prendemos ao passado
Ficamos velhos nos cabelos, nas falas, nos saberes, nos amigos e em todos os traços que
preenchem a cara
Acelerados em segundo cronometrados não se para para comer, descansar ou planejar
Confunde-se tempo com dinheiro e nessa ignorância economizamos
o que deve ser desperdiçado
É preciso ficar um pouco mais brincando com o filho, dando risada com a família,
ouvindo aquela música velha, se lambuzando com sorvete, cantando no chuveiro e conversando com o
travesseiro
Valorizo os cinco minutos antes de acordar, os dez antes depois de comer
e os milésimos que antecedem o beijo.
Rápido a festa acaba, as crianças crescem, os pais envelhecem,
os sonhos começam e terminam
Nunca aproveitamos o suficiente, ainda bem.

Dos arrastões que vivi com a pele ao entrar nesta zona de força e potência... Avante !!!¹¹¹

¹¹¹ *Avante* foi a expressão com que Gal Martins finalizou o e-mail após a leitura desta narrativa e de “O dia em que me tornei uma reclusa pelas mãos de uma descendente de Dandara” como parte do processo de partilha que construí com as existências que constituíram minhas andanças.

Entre-tempos...

Do nascimento de Ayubu, ou do dia que um uirapuru teceu seu ninho com Sankofa.

Ainda em estado de dicionário, escutando brilhos, calmarias e também a força lunar que molhava as palavras-alegrias de Niara, Ayubu disse um *Sim!*. Difícil saber se fora a palavra alegria, com suas mãos entrelaçadas à palavra insurgência, ou se foram as palavras periferia, negro e negra, que ganhavam o mundo após navegarem por aquela mulher-rio-amazônida, que o convocaram. Mas algo ali, naquela noite, período fecundo para encruzilhar-se, era certo: Niara tinha algo para Ayubu e algo em Niara se conectava com ele.

Não é que soubesse isso de antemão, enquanto habitavam aquelas encruzilhadas produzidas na apresentação da pesquisa de Niara, pensar tinha mais a ver com vibrar nos ritmos que a vida produzia em seus corações-tambores do que em termos de um discurso dito racional. Naquela noite, nem Niara nem Ayubu existiam ainda, e, no entanto, sempre estiveram ali, frequentando uma certa pulsação comum.

Naquela noite Ayubu pegou carona na canoa de Niara. Naquela noite, sem que soubessem, um uirapuru começara a bordar, com seu canto multicolor humedecido com águas amazônidas e afro-atlânticas, um ninho com Sankofa, no qual ovos de futuro seriam depositados para fecundar o presente.

Nos anos seguintes, com os pés pisando firme e devagarinho, pensariam pensamentos-atos, enegreceriam pensamentos vida com suas canoas-corpas sob o céu da Zona Sul e também por outros locais em que viventes de lá os levavam com seus movimentos-água.

Aos poucos entenderiam que o pacto de vida que o uirapuru fizera com Sankofa naquela encruzilhada inicial, e em tantas outras, tinha a ver com a importância de ancestralizar algumas linhas-flechas do tempo em nós e no mundo para produzir a vida em estado de futuro, de presente, de vida e de insurgência aquática diante das forças-desérticas-necropólicas que insistem em produzir um estado de morte em tudo que é vivo.

A cada remada por livros, espetáculos, *rosas de conversa* e muitos processamentos estariam cada vez mais à disposição dos tambores em cada vivente e também das memórias aquáticas que cada um carrega em si.

Entenderiam que memórias aquáticas, sejam elas amazônidas e/ou afroatlânticas carregam em si cantos, danças e os ritmos alegres de várias gentes, mas também as dores-marcas de diferentes histórias dessas.

Ao navegarem juntos, cada um navegava também em si ora mais, ora menos acompanhado com o outro. Navegar que também era escutar, perceber, agir, cantar, dançar, exuzilhar e *conspirar* com aqueles e aquelas que no ventre das memórias aquáticas insistiam em estar vivos na fabricação ancestral de futuros.

Na canoa de Niara, Ayubu nasceu sob o canto ziguezagueante de um uirapuru. De carona com Niara, Ayubu cresceu aprendendo com o umbigo do canto das vozes que pulsavam dos viventes-insurgentes nas margens daquele rio-pesquisa.

Nasceu sabendo da dor de terem lhe dito negro. Mais importante ainda, nasceu já podendo dizer-se negro e sabendo da força e da alegria disruptiva que esse dizer se carrega.

Nasceu sabendo em seu coração tambor que ao nascer corta-se o cordão umbilical, que se torna umbigo, uma fábrica de pólen que traz consigo sonhos do passado e sonhos de futuros, que não são somente nossos, mas que encontram em nós suas continuidades.

Um como em desfile

Plataforma da Estação Pinheiros do trem. Faltavam várias estações para eu chegar na avenida M'Boi Mirim. Já passava de 13h00. Minha expectativa era chegar rápido. Mas era domingo. Talvez o trem demorasse. Enquanto esperava, via o movimento na ciclovia da Marginal Pinheiros. Alguns seguiam em sua corrida devidamente paramentados com roupa, tênis, boné e óculos de sol, outros também com os devidos paramentos seguiam a bordo de super bicicletas com *designs* futuristas, outros ainda seguiam em bicicletas cargueiras de bermuda, camiseta e sandália. Pensava na distância que separava aquelas existências que seguiam tão próximas.

No ponto de ônibus poucas pessoas. O rapaz do carrinho de balas e salgadinhos como nos outros dias lá estava. Enquanto aguardava, buscava me proteger do sol escaldante. Logo estava no ônibus. Cheguei rápido. De longe avistei parte da decoração em branco e vermelho no palco da Casa de Cultura. À medida que eu me aproximava, via uma grande quantidade de mesas no quintal enfeitadas com toalhas brancas e vermelhas e com um vasinho de flores naturais. Era dia de mais um encontro com as mulheres flores que ali habitam. Dia das flores de lis desfilarem no palco da Casa, na presença dos seus/das suas.

Ao ultrapassar o portão, vejo um entra e sai do teatro. E logo Aline desponta de lá. De longe, um sorriso: “*Valééria!!!*”. “*Oiii, precisam de ajuda?*”. “*Não, já acabamos de arrumar as coisas. As meninas estão se arrumando no teatro*”. “*Trouxe os livros que prometi*” disse, entregando-lhe uma sacola plástica. Naquele dia concretizava a vontade de partilhar algumas referências que tratavam da interlocução entre a educação física as ciências humanas e a saúde coletiva: “*Eeeh, obrigada!!!*”. “*Esses dois são para você, não precisa devolver*”. Esta vontade me acompanhava desde que Aline contou sobre as insuficiências identificadas em seu curso de graduação, orientado segundo uma linha mais biologizada. Seguimos olhando os livros e engatamos uma conversa sobre algumas questões que ainda a rondavam sobre a pesquisa qualitativa e o processo de análise dos “dados”, considerando sua opção por desenvolver uma proposta semelhante a do grupo Flor de Lis, mas com pessoas que não a conhecessem devido a preocupação de não produzir dados “tendenciosos”, conforme ela dizia. E ali falamos sobre o sentido de problematizarmos nossas práticas como pesquisadores-trabalhadores, a exemplo de várias pesquisas produzidas no campo, que inclui os companheiros e as companheiras do Micropolítica e Saúde e do Observatório

Assim que entrei no teatro vi dona Edite e Zazá sentadas. Elas já estavam arrumadas. Mais uma vez, em sua entonação tão singular de Dona Edite cumprimentava ao nos encontrarmos: “*Oooi, Valéria!!!*”. Disse a elas o quanto estavam lindas. “*Você viu, só?*” respondeu Dona Edite com sua risada também singular. E, logo, a voz suave de Zazá enquanto nos abraçávamos: “*tudo bem com você, Valéria?*”.

No dia anterior Dona Edite havia me ligado. Uma alegria ver seu nome no visor do celular. Senti também sua delicadeza por ligar para confirmar o horário do desfile conforme prometido. Durante a conversa aproveitei para perguntar se estava conseguindo utilizar o aparelho de cd: “*tô sim, tentei e consegui ouvir meus cdzinhos*”¹¹².

No camarim, do outro lado da parede, as integrantes do Flor de Lis eram maquiadas e penteadas. Uma euforia só.

Figura 55: Preparação das Flores de Lis no teatro da Casa de Cultura

Segui no teatro na companhia de Dona Edite e Zazá que me contavam do lançamento do livro de Emicida na Cooperifa na semana anterior.

- Parou, parou, mas parou parado ali. A fila pra comprar as coisas dele, você tinha que ver o tamanho. Depois que terminou o sarau, sr. zé [motorista] não conseguia chegar. O sarau pegou fogo.
- Duplamente especial, o seu aniversário e o lançamento do livro dele.
- Ah, mas que lindo, né?
- É muito frequente acontecer lançamento de livros lá, né?
- É, sim, cd, livros, quadros, blusas. Trabalhos nossos, periféricos. Como diz o Sérgio [Vaz], temos que acostumar a consumir o que a gente fabrica. Eles estão levando uma chicotada com os livros nossos.
- Oba!!! diz a Flor de lis ao chegar com o largo sorriso de sempre.
- É Nanci? – pergunta Dona Edite.
- É, sim, tudo bem? disse ela abraçando-nos
- Alguns livros já alcançaram a USP. A gente chegou numa escalada boa.
- Precisam chegar, essas discussões precisam ser feitas cada vez mais. São questões de todo mundo.
- Não é, Valéria?

Ouvindo Dona Edite, pensava que ela não apenas lia “*através das pessoas que leem na Cooperifa*” como contou em nossa primeira conversa, mas também como ela via o mundo por muitos outros olhos. Todas as vezes que a ouvia contar sobre as intensidades de determinada experiência, sentia

¹¹² Neste dia, eu e André, ficamos um período sentados na cabeceira de Dona Edite experimentando um modo de ela utilizar o aparelho de cd. Ela havia me falado em uma Festa do Panelafro que não ouvia seus cds, como os de Maria Bethânia que é sua cantora favorita e os áudio-livros que havia ganhado e permaneciam embalados, por dificuldades de usar o aparelho de som. “*Se você quiser a gente pode tentar usar seu aparelho de som*”, “*Ah, eu quero!*”

como se lá estivesse. Das visibilidades produzidas por aquele corpo que não *anda só*. E continuamos naquele papo enquanto as integrantes do grupo terminavam de se arrumar

- Eu voltei no CEU Canto do Amanhecer. Logo depois que você e o André saíram, o prof. Fábio ligou. Foi tudo muito rápido, mas eu contei que você estava querendo participar. Ele fez o mês literário. A diretora falou que se pudesse me daria um presente, mas que ofereceriam duas músicas: Maria, Maria e Tocando em frente. Um moço tocou e uma professora cantou.
- Presentes que não são materiais, né?
- É... Bonitas as perguntas que fizeram. É de uma grandeza imensa, porque as pessoas vão ficando envolvidas. No início parece que não, mas aparecem várias perguntas. O prof. Fábio disse que poderia declamar o que quisesse, mas pediu que começasse com *Navio negreiro*. Disse que era importante eu contar alguma coisa da minha vida e do momento em que perdi a visão. Achava muito difícil falar, ainda acho, mas depois é tão linda a manifestação das pessoas.
- E por que difícil falar?
- Porque falar de outro assunto é mais fácil do que de você mesmo. Não sei se você se situa dessa maneira.
- E lhe perguntaram o que?
- Várias perguntas. Eles ouviram bem. No início quatro meninos estavam fazendo confusão e o prof. Fábio falou: *Estão livres para sair. Ninguém vai ficar com falta*. Fez um silêncio, mas um silêncio, que é até bonito.

Ao seu lado, pensava na sua experiência de produção de outras audições e de outras sensibilidades diante do silêncio e do falar de si. Para os chamados “enxergantes” o olhar do outro pode ser tomado como um termômetro, um refúgio, um suporte em momentos de fala como aquele. Para Dona Edite, não. Pensava no corpo que ela vinha construindo para encontros como aqueles, agora já tão frequentes e tão vitais em sua existência. Quem disse que este corpo não vê? Dona Edite produzia outras formas de ver a si e o mundo de braços dados com tantas existências.

- A faixa etária adolescentes e pessoas que pararam de estudar e voltaram
- É a educação de jovens e adultos, né?
- Isso, exatamente.
- É diferente falar para esse público?
- É, o jeito de perguntarem. Os meninos quando estão mudando a voz, peço ajuda para o prof. Fábio. Estes tinham a pronuncia mais clara e um amadurecimento com o jogo da vida. Uma menina perguntou o que eualaria sobre uma mulher que é casada e vive mal, racismo e discriminação da mulher. Aí fica difícil para mim. Eu falo o que sinto. As músicas e as poesias me ajudam também nessa hora. Essa vez eu chorei. contei que antes não chamava *bullying*, mas era muito pior. Agora tem lei que podemos procurar. contei coisas marcantes da minha vida. Sobre a pergunta da menina de um marido que bate na esposa, usei o trecho da música da Bethânia “*não tem escolha, careta, vou descartar*”¹¹³.
- A que a gente ouviu semana passada na sua casa.
- Essa mesma!

Quando Dona Edite falou que havia contado “coisas marcantes de sua vida”, lembrei de um momento de nossa conversa na semana anterior em que ela disse ter se sentido muito humilhada na escola em que estudou em Indianópolis, ao mudar com sua família de Minas Gerais para São Paulo

¹¹³ Música *Reconvexo* de Caetano Veloso.

- A escola chamava Princesa Isabel?? – perguntei.
- A infeliz ainda chamava Princesa Isabel – disse ela rindo. Ali estudava a elite. Um caso que me marcou muito foi o dia em que coloquei um jornal dentro do meu sapato, que estava furado. No caminhar, ele saiu. Os meninos começaram a jogar de um lado para o outro. Me senti muito humilhada. Era outro momento da história humana. Não existia reclamar. Se fosse na diretoria, ia ser pior para mim. Se fosse na delegacia, não podia, porque gente negra não tinha espaço para reclamar. A primeira vez que me senti elogiada foi quando a diretora disse para os meninos que tinham tentado quebrar o portão do colégio: *enquanto eles trabalham [Edite e irmãos], sustentam a família, vocês são uns vagabundos, filhos de fiscal de renda, que não gostam de estudar [...]*

Aquele havia sido mais um encontro marcante com Dona Edite. Após nossas tentativas de uso do aparelho de som, André saiu delicadamente do quarto e se pôs a conversar com Zazá na cozinha, para que eu e Dona Edite pudéssemos “*ficar mais à vontade*”, conforme ele diria posteriormente. Nada combinado. A vibração do encontro mostrou isso a ele. Ficamos ali só nos duas, sentadas frente a frente, uma em cada cama. E lá conversamos longamente sobre sua infância em Pirapora do Bom Jesus, a igreja em ruínas em Barra do Guaicuí, às margens do Rio das Velhas, a perda de seu pai e as mudanças na família, as dificuldades na vinda para São Paulo junto com os irmãos e a mãe. Estava imersa na conversa. Na parede do quarto via a luz do sol mudando de posição. Aos poucos via o feixe de luz caindo.

[...] lá tem uma igreja que as pessoas contam ter sido construída por mãos escravas. É como se o tempo segurasse ela. Está em ruínas e em cima dela tem uma árvore. Todas as vezes que a vi estava sempre verde [...] depois que o pai morreu, vim de Minas pra cá porque não tinha condição de sobreviver lá. Viemos e depois buscamos meus outros irmãos e a mãe [...] fomos acolhidos aqui por uma família de Pirapora, que voltou pra lá. Moramos na casa deles em Indianópolis [...] na minha cidade eu conhecia todo mundo, em São Paulo não via um rosto conhecido [...]

O sol se pôs. A noite chegou. E nós duas permanecíamos na mesma posição. Um incômodo começou a me atravessar devido à baixa iluminação do quarto. O único feixe de luz que nele entrava vinha do corredor. Buscava onde estaria o interruptor. Passei um tempo olhando para ele, titubeante. Por um instante levantei. Dona Edite imediatamente virou o rosto, acompanhando o meu movimento enquanto falava. Toquei o interruptor e a luz não acendeu. Sentei novamente na cama. Mas porque eu precisava de luz naquele encontro? Eu não precisava de luz. Na penumbra, segui olhando para ela. Seguimos naquela conversa que eu não queria que acabasse. Dona Edite também não dava pistas de que quisesse parar. E em uma profusão de afetos, permanecemos. E foram muitas histórias...

[...] era difícil pensar que ia deixar de enxergar. Fiquei parada muito tempo em casa. Fazer essa volta não foi fácil [...] não aprendi braile porque seria todos os dias na *Dorina Nowil*. Também não aprendi a usar a guia porque tinha o braço de Zazá [risos] [...] ganhei meu presente de aniversário hoje com o texto que você fez. Você viu que eu chorei, né? Você precisava ler no Sarau “que Casa é essa? [...] fiquei feliz por ter aprendido a colocar o cd. Vou pôr meus cdzinhos, meus livrinhos, até aprender sem precisar pensar [...] o jeito da Bethânia se portar no palco é lindo. Assisti um show dela [...]

Ali permanecíamos muito próximos, eu e André, lado a lado na cama de Zazá, e Dona Edite na sua. Ela cantava trechos de uma música de Bethânia que dizia gostar muito. André, olhando o celular, disse de pronto: *“então vamos escutar”*. Quando começou a tocar *Reconvexo*, Dona Edite vibrou de alegria. *“Teu som te cega careta, quem é você?...”*, dizia ela rindo. *“Não tem escolha, careta, vou descartar”*, dizia ela mencionando a resposta dada no CEU à questão trazida por uma garota sobre a violência contra a mulher. E ali seguimos, ouvindo Dona Edite cantar e sentindo seus sorrisos que iluminavam a escuridão do quarto. *“Ah, Bethânia...”*, dizia ela. Mais momento vivido com Dona Edite naquele quarto que se tornou um local vários acontecimentos.

No teatro da Casa de Cultura eu seguia com Dona Edite, tentando me desvencilhar educadamente dos convites para almoçar, apesar de estar com fome. O papo com Dona Edite me alimentava demais. *“Bora, bora almoçar! Eu fico aqui fazendo companhia para a Edite”*. *“Você quer ir lá, Valéria?”*, perguntava novamente Zazá. *“Eu vou com você”*, continuou ela. E lá fomos para a cozinha, eu e Zazá, enquanto caminhávamos via algumas mesas já ocupadas por algumas famílias. A esta altura o céu estava com nuvens bem carregadas.

A cozinha estava animada. Vários integrantes da Casa, entre eles Edna e Arakunrin. Uma moça que eu não conhecia organizava a comida. Ao seu lado uma Flor de lis disse: *“Pode ficar à vontade, viu”*. A moça, que ainda não conhecia, contou que era esposa de Gilberto, o grande companheiro, já falecido, de Arakunrin no grupo Espírito de Zumbi. Logo ela me serviu: macarrão com carne moída.

Segui para a parte de trás da casa e sentei ao lado de Arakunrin que também almoçava. *“Olha o que aconteceu”* disse ele mostrando a mão com um curativo. *“Nossa, Arakunrin, o que foi isso?”*. *Foi durante o ensaio. Tem a cena do facão e o menino que faz comigo errou a pontaria. Foram oito pontos. Eu ia tocar hoje. Ia apresentar cinco músicas com violão e acompanhamento de percussão. Não vou conseguir. Mas vamos continuar ensaiando porque eu quero levar esse lado mais solista”*.

Neste momento chega o esposo de Edna. E a chuva foi o assunto entre nós. Uma virada do tempo preocupava. E ouvimos: *“Veio só suco de uva?”*. *“Essa era a esposa do Gilberto”*, disse Arakunrin ao ouvir aquela pergunta. *“Acabei de conhecê-la”*, respondi. *“Ela está sempre com a gente. Quando Gilberto começou na capoeira, eles ainda nem namoravam. Acompanhei tudo”*, disse ele.

E um pedido para que eles ajudassem a carregar o garrafão de água - para poderem fazer o suco que seria servido naquele dia, - evocou para mim escuta sobre o cuidado com a coluna e o sentido atribuído a construção de uma consciência corporal “viva” e não “prescrita”. E uma pequena “entrevista” entre aqueles dois amigos aconteceu

- Você sempre trabalhou com corpo, né, Arakunrin?
- Comecei com capoeira aos 16 anos junto Gilberto. Tinha exercícios como se fosse aula de educação física, polichinelo, flexão. Não era necessário.

- Dá licença, Arakúnrin você pode ajudar os meninos com o som?
- Sim [...] fomos ao Centro Cultural Vergueiro, depois de 40 minutos de conversa com um funcionário, ele abriu uma gavetinha: *este é o único*. Era o livro do Valdeir Rego. 480 páginas.
- Ele era acadêmico pesquisador?
- Pesquisador. É um dos livros mais completos que já li sobre África. Voltei várias vezes lá, devorei esse livro três vezes.
- É editado?
- Acho que não. Estudamos por dois anos. O nome do nosso grupo era Escola de Capoeira Abolição. Entendemos a necessidade de mudanças, incluímos manifestações da cultura afro. Fomos os primeiros a abolir exercícios de educação física e exército. Alguns grupos tinham até o grito: selva! Por isso nos tornamos referência. Me apresento como arte-educador, não como mestre. O que fazemos aqui é fruto desse processo. Vou ver o som lá [...]

Arakunrin havia conversado sobre essas questões comigo. Chamou muito atenção a frase: *conseguimos nos livrar da dança das cores!* Uma referência ao modo de construção dos grupos de capoeira nos quais os integrantes passam por avaliações para que sigam o processo de graduação: “*Não temo isso de faixa de graduação. Aqui todo mundo é igual. Ninguém está acima de ninguém*”. Não me apresento como mestre. Eu me apresento como arte-educador”. Outro modo de construir encontros com o capoeirar. Nos encontros de capoeira de que participei via uma mistura de faixa etária, características físicas e habilidades, com os mais experientes ajudando os menos experientes. Em um destes encontros vi a chegada de um moço de *meia idade* ao grupo, delicadamente acolhido por um dos meninos, que seguiu ao seu lado apoiando-o na realização de cada movimento. E a cada ida ao grupo meus olhos sempre buscavam a cintura de seus integrantes e eu seguia pensando nas palavras de Arakunrin sobre a libertação da *dança das cores*. Esta frase me marcou.

Voltei para o teatro me esgueirando da chuva, em meio às mesas tomadas. A chuva estava forte neste momento. Dona Edite e Zazá seguiam no mesmo lugar. Comentei que Daniel havia contado sobre a leitura do texto que fizemos na semana anterior para elas¹¹⁴. “*Ah, claro que tinha que falar, Valéria. Ele foi em casa para gravar o poema de um amigo. É triste, mas é bonita, eu gosto desse estilo. Quer ouvir?*”. Mais uma vez Dona Edite me desorientava. “*É Derrubada, Jose Antônio Carvalho. Diz assim*”

Corta, corta, folha morta
 Corta, corta, folha morta
 Corta, a planta não tem vida
 Serra, serra, serrador
 Serra, a planta não tem dor
 Não chora por ser batida na caída do barranco
 Será que o horizonte verde morreu
 Será que quem matou ele fui eu
 Corta, corta, folha morta
 Corta, corta, folha morta
 Corta, a planta não tem vida

¹¹⁴ Na ocasião fiz a leitura de “Movimento I: O Sinal Estava Aberto: Tinha Gente De Todo Lugar! É Tudo Nosso!” e de “Movimento II: Ato-Ocupação: Que Casa É Essa?” que compuseram o artigo “Ocupações poéticas de si e do outro: cartografando encontros entre arte, cultura e produção da vida” afim de que Dona Edite pudesse “lê-lo”.

Sei que um dia essa terra que se diz uma nação
 Foi pousada de bonitos e felizes animais de arribação
 Hoje a peixarada foge da água morta
 Pra buscar vida no chão
 Corta, corta, folha morta
 Corta, corta, folha morta
 Corta, corta, corta, corta

E mais uma prosa, enquanto as integrantes do grupo Flor de lis seguiam animadas esperando o momento de serem chamadas. Ninguém podia vê-las até o momento do desfile

- O Carvalho é seu amigo?
- Há muitos anos! Ele faz parte da gente, sou fá dele. Bem que gostaria que você conhecesse ele. No dia do meu cd¹¹⁵ falei da alegria de ter ele neste momento. Ele me acompanhou em tantas caminhadas durante a perda da minha visão. É uma pessoa disponível para todos. Ele tem um conhecimento muito grande e nunca passou por uma faculdade. Ele toca violão com o pai do Daniel, o Caroço. Iam em casa direto cantar e tocar desde a noite e saíam de madrugada. Era o “velhos amigos”
- Em que ano isso?
- Em 74,76...
- Era tipo um sarau?
- Ah, não tinha esse compromisso. Ele tem uma música [Dona Edite cantou]: *Velhos amigos quanto se encontram, trocam notícias e recordação; bebem cerveja no bar de costume e cantam em voz rouca antigas canções; velhos amigos quase nunca se perdem, se guardam pra certas ocasiões.*

Daniel havia acabado de me contar sobre o documentário que estava filmando em homenagem à Dona Edite e sobre os veteranos componentes da cena musical da zona sul, os Caipiras Urbanos

A tia Edite me conhece do tamanho dele [aponta para o filho pequeno], porque nasci e cresci aqui e comecei a trabalhar com cinema. Fiz vários filmes sobre a região e venho estudando a possibilidade de fazer um documentário sobre ela. Pela importância dela, pela vida dela, mas também por uma história pessoal. A primeira entrevista com ela foi para outro filme sobre a história de uma cena musical daqui, que chamo de Caipiras Urbanos, os músicos regionais, caipiras, um espectro da zona sul que produzia música popular e regional numa época em que a periferia era vista como o lugar do samba. Essa já era uma narrativa dos oprimidos. E também é a história do meu pai nestes grupos. Uma das minhas teses é que a história do sarau na região já existia no fundo da casa dela, porque meu pai, meu tio, amigos da família, se encontravam lá para recitar poesia, cantar, numa época de fim da ditadura. Já tinha esse movimento em torno dela e ela vinha de uma trajetória de luta, teologia da libertação, e minha família também. Acho que ela não captou ainda o que já está acontecendo. Entendo ela como parte da minha família, não quero essa posição “do documentarista”. Fui muito tranquilamente. Quero fazer um filme curto, não vou entrevistar muitas pessoas. Quero que seja mais poético, alguns momentos sem imagem, apenas com a voz dela [...]

¹¹⁵ Cd de poesia gravador por Dona Edite intitulado “Recitar”

“Você tira uma foto minha?” – perguntava uma Flor de lis. Logo outras também pediriam para serem fotografadas. Então propus: “vamos fazer uma foto de todo mundo junto?”. “Vaaamos!” respondeu Dóris. “Opaaa, vamos”, disse Nanci.

Figura 56: Flores de Lis e sr. Raimundo aguardando o início do desfile no teatro da Casa de Cultura.

Do lado de fora Edna pedia aos acompanhantes que se posicionassem ao lado do palco para que subissem à medida que fossem chamados. Edna brilhava como *mestra de cerimônia*. Com leveza e bom humor, anunciava para os familiares e amigos que “nossas meninas” desfilariam em poucos minutos. E daqui dali fazia uma brincadeira deixando o “público” mais animado. A chuva ia e voltava.

Dona Edite e Zazá estavam aguardando ao lado do palco de braços dados. Eis que Dona Edite é anunciada. Antes de declamar a primeira poesia, “o autor da vida”, disse: “*esse poema dedico ao meu irmão e ele sabe o porquê?*”. Possivelmente poucas pessoas entenderam a mensagem. Eu entendi.

A vida é uma tela com pequenos rabiscos onde criamos o céu¹¹⁶
 Ou o inferno de acordo com as tintas que usamos
 Vai, deixa de tristeza e deixa o sonho te levar,
 acredite que é possível ainda hoje uma virada,
 acredite que tudo foi apenas um engano,
 mantenha a rota do seu barco da vida,
 não desista novamente,
 as pedras são apenas restos que a chuva trouxe...

Amar, viver, sonhar, acreditar, lutar e até o chorar,
 são fases que compõem o grande quadro chamado vida,
 onde a tela é a sua história,
 as tintas são as pessoas que passam por ela,
 mas, o pintor, o responsável pela obra é sempre você.

Haja o que houver, aconteça o que acontecer,

¹¹⁶ Poema Autor da Vida, escrito por Paulo Roberto Gaefke. Disponível em: www.meuanjo.com.br

o pincel que mistura as cores,
 que dá forma ao que vai surgir na tela,
 que cria e apaga situações e imagens,
 ainda está na sua mão.
 É você quem pode criar agora, uma estrada florida,
 ou o caminho escuro das incertezas e dúvidas.
 Já que você é o autor, o pintor dessa tela chamada vida,
 comece pintando um sorriso,
 que é o sinal que representa a esperança, a renovação,
 símbolo dos que não desistem nunca de ser feliz,
 e ser feliz exige criatividade, esforço e dedicação.
 Se tudo deu errado até aqui, passe tinta branca em toda a tela e recomece,
 hoje é o dia perfeito para uma nova pintura...

Ao lado do palco, o irmão de Dona Edite olhava fixamente para ela com um sorriso que falava por si.

Figura 57: Irmão de Dona Edite vivenciando o momento em que ela declama “O autor da vida” dedicada a ele.

O momento foi captado por Daniel para o documentário. E eu captei esse momento que seria compartilhado com ele junto com outras imagens de Dona Edite, considerando a ocupação que ela foi produzindo na pesquisa e na minha existência. *Ocupação-Edite*.

Figura 58: Daniel Fagundes em um dos registros realizados para o documentário sobre Dona Edite.

Início do desfile. Cada Flor de Lis entrava no palco com seu acompanhante e seguia sozinha pelo tapete vermelho. A cada nome anunciado a plateia aplaudia. Cada uma desfilava a seu modo, algumas mais tímidas, outras mais animadas chegavam a arrancar muitos aplausos. Dona Edite e Zazá foram conduzidas cada uma por um irmão. No momento do desfile individual de Dona Edite, Zazá e ela seguiram de braços dados. Eu permanecia na lateral do palco fazendo fotos de cada uma que desfilava, a pedido de Edna.

A chuva começou a apertar. Logo o público não conseguiu mais assistir ao desfile desde as cadeiras colocadas fora da cobertura. Muitas pessoas entraram na Casa. Fiquei o quanto pude ao lado do palco. A chuva logo ficou torrencial. Da porta da sala onde ocorrem os encontros do Flor de lis, assistia o que era possível junto com o povo que havia entrado. Uma aglomeração. Outros tentavam assistir da janela da sala que já não comportava tantos corpos. Da janela, via ao longe a correnteza que se formava na rua em frente à Casa. Raios e trovões. O som do palco foi desligado. Conseguia visualizar quase nada do que estava acontecendo no palco. Por um instante consegui ver as Flores de lis cantando como era possível uma das músicas do grupo: “*sou Flor de Lis, sou bem querer, a flor da vida é você*”. Ao final o grupo se reuniu para uma foto com cada uma em sua melhor pose trazendo uma rosa vermelha nas mãos. Um pouco mais atrás Dona, Edite, Zazá e seus dois irmãos seguiam conversando.

“*Os homens, por favor, ajudem a levar as mesas e cadeiras para o teatro!*”, “*Vamos arrumar as cadeiras aqui na sala, gente, por favor*”, pedia Edna. Começamos a organizar as cadeiras no espaço. O povo que já estava na sala, aos poucos foi se ajeitando. Logo o suco e as bolachas foram dispostos nas mesas ao centro. A chuva não parava. As atividades programadas não aconteceram por conta do temporal. Havia um clima de pesar.

Figura 59: Convidados e convidadas do Desfile que ocuparam o interior da Casa de Cultura em decorrência da forte chuva.

*Peneire fubá, fubá caiu.
Eu tornei peneirar, fubá sumiu.
Ai, ai, ai, foi ela quem me deixou.
Ai, ai, ai porque não me tens amor?*

Mas a chuva não havia acabado com o encontro! Aline, sr. João, sr. Raimundo e Magela começaram tocar e cantar. Ao som do pandeiro, banjo e as caixas do divino, a festa continuou. Vivia-se *um como*.

Figura 60: Flores de Lis e convidados e convidadas do Desfile na roda de música conduzida por Aline, Geraldo Magela e Sr. Raimundo.

Várias integrantes do Flor de lis se aproximaram. Várias crianças também entraram na roda. Cada um/uma participando a seu modo. Algumas dançavam e cantavam as cantigas conhecidas de cor, outras tentavam aprender os versos na hora, outras sacolejavam-se com criança no colo, outras ainda se balançavam sentadas na cadeira.

*Tava na peneira
Eu tava peneirando
Eu tava no namorando
Eu tava namorando*

A roda foi ficando maior. A cantoria foi longe como a chuva. Do lado de fora, chuva forte, do lado de dentro, música intensa. Enquanto aguardávamos a chuva diminuir, seguíamos dançando e cantando. Ao tempo em que a chuva virou garoa, as pessoas foram se despedindo. A música continuava. Restavam algumas Flores de lis, Aline, sr. João, sr. Raimundo e Magela. Eis, que estes começam a dançar juntos, como em uma coreografia. Sr. João, que estava tocando ao lado de sr. Raimundo, se levanta e começa a dançar. E a alegria de Aline ao vê-lo girando com a alfaia transbordou de seu corpo num largo sorriso durante toda a dança.

*Vamos simbora que a chuva em vem
Vamos simbora que a chuva em vem*

“Agora vou embora” disse um deles. Quando saímos da sala vi Edna no palco desmontando a arrumação com a ajuda de seu esposo.

Meu comprometimento é o trabalho com elas. Nada mudou do tempo que eu não era aposentada. Nunca teve essa necessidade de rótulos, se sou psicóloga ou não sou. Quando me aposentei disse: agora quero uma coisa que me dê prazer. As pessoas acham que a gente recebe: “Como vem trabalhar de graça?” Para minha própria saúde também preciso do Flor de Lis. A gente tem dor de cabeça com um monte de coisas, enche o saco às vezes, mas isso é maior do que essas coisas. Todo mundo aqui não recebe um centavo. É tudo voluntário. Cada vez mais eu penso que a cultura cuida da saúde e a saúde cuida da doença.

As palavras de Edna ressoavam em mim. Mais do que *voluntário*, via e sentia um fazer *revolucionário*. Um fazer que a cada dia, faça sol ou chuva, enfrenta uma política que tenta minar a potência de resistência daquele espaço. O instituído tentando dobrar o instituinte. E nessa luta sentia a força de uma produção que não parava de se desdobrar na feitura de *um como* naquele quilombo, *um como* a favor da produção da vida daqueles que o habitam com a carne, a exemplo do que havia vivenciado naquela tarde, em que aparentemente *as coisas tinham dado errado*. Vi e senti a potência do canto e da dança que se instalava e arrastava aqueles corpos que convertiam a frustração trazida pela chuva em alegria. Um fazer que não pertence a uma existência. A alegria de uma permanência coletiva vivida com a pele. Permanência que faz par com persistência.

Só quem vai vivenciando, entende o que é o trabalho de permanência. Já ouvimos que existir um grupo na Casa há trinta anos era formação de gueto. Para

“eles”, o negócio é propor oficina de três meses, que é conduzida por um professor que vem e que depois vai embora.

Aquela roda puxada por Aline, Magela, sr. João, sr. Raimundo não foi à toa. Nenhuma palavra é cantada, nenhum instrumento é tocado, nenhum gesto é realizado sem a produção de um sentido coletivo. Saí da Casa mais de 20h00. A despedida de Aline, com um abraço afetuoso: “*obrigada mais uma vez pelos livros, já gostei deles só pelo título*”. *Você vai de metrô? Não vejo a hora de andar na linha lilás*¹¹⁷. “*Vou de carona com a Edna*”, respondi.

Antes de entrar no carro me despedi também da esposa de Gilberto, que deixou seu contado após alguns minutos de conversa. Também recebi um abraço de Arakunrin: “*Obrigado por ter estado mais um dia com a gente*”. Seguia no banco de trás segurando a rosa de tecido que havia ganhado de Edna, enquanto conversávamos eu, ela e seu esposo, sobre os desafios do momento político. O ponto final foi a Estação Pinheiros. Na saída, nova despedida afetuosa.

Caminhava pensando o quanto eu estava cada vez mais próxima daquelas vidas e o quanto cada uma delas ocupava a minha pele. E foi na pele que ficou marcado naquele dia que: “*a melhor hora para semear é na trovoadas*”¹¹⁸.

¹¹⁷ Esta linha havia sido recém-inaugurada. Espera de ano que já havia sido assunto entre nós algumas vezes considerando o longo trajeto que ela fazia todos os dias da Zona Sul até a Zona Leste para seu curso de graduação.

¹¹⁸ De Ni Brisant. <http://nibrisant.blogspot.com/>

**Um caldeirão com música e poesia:
outras centralidades na escola
e para além dela**

Meu plano era acompanhar o debate da tarde “Identidades periféricas e a luta antirracista na educação”¹¹⁹, que teria como um dos convidados Salloma Salomão, o “mentor das Capulanas”, como uma delas havia dito em uma de nossas conversas e em uma das apresentações que assisti de “Talodês – Um manifesto da cura ao gozo”.

Não foi possível vivenciar o debate desde o início porque confundi o trajeto até o CEU Campo Limpo. Errei o caminho. Que sensação desconfortável! Perdida, ao lado de tantas gentes que iam e vinham freneticamente – de carro, de ônibus, a pé. Perdida e sem internet, pensava no debate que estava prestes a começar. O que fazer? Meu pensamento estava no CEU Campo Limpo. Considerando o *meu erro geográfico*¹²⁰, comecei uma peregrinação em busca de ajuda para chegar. Seguranças do shopping Campo Limpo, funcionária da bilheteria do metrô e algumas pessoas no ponto de ônibus próximo ao Sesc Campo Limpo. Várias informações desencontradas. Finalmente a indicação de um ônibus com ponto em frente ao Sesc. No calor de minha agonia que se somava à alta temperatura daquela tarde quentíssima de novembro, segui sentada no ponto pensando no debate que já teria começado. Que frustração!

Após longos vinte minutos, finalmente a perua despontou na esquina. Nela segui por muitas subidas, descidas, curvas, paradas totalmente desconhecidas. Desci no local indicado por uma moça que conheci no ponto e que segui bem perto no ônibus. Esperei perto do toco de madeira que sinalizava o ponto e ali engatei um breve papo com uma moça, que já aguardava há algum tempo e que confirmou o trajeto que me foi indicado. Mais alguns minutos à espera do outro ônibus. A esta altura já pensava que não conseguiria estar no primeiro debate. O ônibus veio. Logo passava em frente ao CEU. Desci e após voltar por alguns metros finalmente estava no CEU Campo Limpo. Corri. Atrasada e esbaforida, consegui acompanhar os instantes finais das falas do debate. Enquanto me acomodava em uma cadeira perto da entrada do teatro, ouvia parte da resposta de Jonathan Marcelino:

“Sou a favor que tenha em faculdade e em outros espaços. A política de cotas raciais está dentro daquela política de igualdade racial que havia dito. Faz parte das ações afirmativas, lembra? Ação repressiva: condenar o racismo. Ação valorizativa: pensar políticas de valorização da negritude sobretudo. E ação afirmativa, em que entram as cotas raciais. Elas têm uma história muito significativa que começa muito antes do que no Brasil, nos Estados Unidos. Ela vem da Índia. É uma política que no Brasil já é uma realidade, uma das formas de enfrentamento do racismo. Políticas como essa, sobretudo nesse tempo que vivemos agora e no que vamos ter para o futuro, são essenciais

¹¹⁹ Debate “Identidades periféricas e a luta antirracista na educação”. Com objetivo de refletir e dialogar sobre as múltiplas identidades presentes em nosso território a partir de uma abordagem como moradora da região, evidenciando nossas lutas culturais e movimentos de resistência. Participam: Jonathan Marcelino – Doutorado em Geografia Humana (USP). Membro do grupo de pesquisa Geografia e Ciências Humanas -USP. Atuou como Coordenador Acadêmico da Universidade Aberta do Brasil nos Centros Educacionais Unificados da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Salloma Salomão – Músico, pesquisador, africanista e Doutor em História Social pela PUC São Paulo, Pesquisador-educador, letrista, vocalista e flautista. Foi pesquisador visitante do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pesquisando culturas musicais africanas no Brasil. Mediação: Marilu Cardoso – Doutorada em História – PUC/SP. Desenvolveu pesquisa sobre a relação entre a arte e a Indústria Cultural Brasileira. Tem experiência na área de História, com ênfase na Música Popular Brasileira e na formação continuada de profissionais da educação básica da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

¹²⁰ No texto “Como nasce um taboanense”, no livro Literatura pão e poesia (2011 p.72), Sérgio Vaz utiliza esta expressão quando conta de sua relação com Taboão da Serra e de seu erro geográfico que o levou a se perder ao tomar o último ônibus da noite a caminho de um velório na cidade do Embu e não no cemitério da Saudade em Taboão da Serra conforme tinha sido informado.

porque constroem nosso país naquilo que ele é: um país racista. Cotas é uma forma de reparação e constrangimento da sociedade racista. Quando digo sociedade racista, entenda, sobretudo as elites que durante muito tempo sustentaram que aqui era o paraíso das relações raciais. Política como cota vem para se contrapor a suposta democracia racial, que não é real. É um mito que o movimento negro denunciou e as cotas raciais são uma conquista sobretudo do movimento negro e profundamente necessárias nesse tempo que vivemos.

E Salloma Salomão respondeu ao adolescente que havia perguntado sobre o que ele e Jonathan pensavam sobre as cotas na universidade:

Muito boa pergunta. Sobre cotas, estava almoçando na faculdade e duas professoras brancas diziam: [encena a voz da mulher] “é um absurdo agora. Meu filho estudou tanto e a vaga dele vai para um negro. Imagine, um negro que provavelmente nem estudou direito. Uma raiva que eu tô!”. Eu almoçando [encena como se estivesse almoçando. A plateia ri]. Quando terminei: “professoras, olha só, minhas filhas são negras e vão ocupar o lugar que vocês acham que estava reservado para os filhos de vocês. Continuem lutando, a vida de vocês vai melhorar”.

Um breve silêncio tomou o espaço após sua fala sobre o diálogo com as professoras. Olhos arregalados para Salloma. Com o corpo menos acelerado, eu vibrava em silêncio com a fala sobre a continuação de uma ocupação necessária na universidade e para além dela. Aos poucos, tímidos ruídos de sorrisos se fizeram na companhia de aplausos. E mais sorrisos viriam com a continuação da fala dele:

É claro que daí não deu mais para continuar sendo amigo [risos]. Um comentário rápido sobre cotas. Algum de vocês no ensino médio já teve oportunidade de passear na USP? É uma experiência enriquecedora para alunos pretos, pobres e periféricos. Dar um rolê, passar pela piscina, porque lá tem clube com piscina, quadra, ginásio esportivo, tem prédios belíssimos com bibliotecas. Verão que não há nenhum impedimento do tipo negro não entra. Mas se entrarem nas salas de aula raramente verão negros. Sabe onde os negros não passam? Em um funil invisível chamado FUVest porque as famílias de classe média alta, brancas em sua maioria, fornecem para os seus filhos as melhores escolas privadas de São Paulo e no ensino médio são preparados para ingressar na USP. Acham que é mérito ou privilégio? [murmúrios: ‘privilégio’]. Sabem por que? Porque é da USP que sairão governadores, prefeitos, ministros, secretários de estado, chefes dos bancos privados e públicos, ocasionalmente terá um juiz ou uma juíza negra. Os negros são incompetentes, menos inteligentes que os brancos ou os brancos, de elite, não os do pé sujo, que vivem conosco na favela [risos], recebem estímulos, opções de aprender uma segunda língua, têm muito mais oportunidade do que nós. Onde está o mérito e onde começa o privilégio?

Enquanto os aplausos se avolumaram, seguia pensando como o debate deveria ter sido instigante. Do pouco que ouvi, várias foram as conexões com conversas do campo sobre experiências de violência no espaço acadêmico – uma, inclusive de uma integrante das Cia Capulanas, remetia ao sentido da existência daquele espaço em que estávamos e ainda uma fala marcante sobre a meritocracia, vinda de um poeta, que também é professor na rede pública. Por instantes fui lançada mais uma vez para vários encontros a partir da experiência que vivenciava e com a qual eu atualizava vários temas que se entrelaçavam...

- Ia perguntar como tinha sido a escolha de fazer PUC.
- Me arrependo, pensava na universidade pública. Minha irmã disse que havia outras possibilidades. Aí fui fazer a graduação de Artes do Corpo na PUC. Foi um processo grande de racismo institucional e de adoecimento. Era a nata da riqueza de São Paulo. Meu primeiro ano foi todo silenciado. Houve uma situação com o coordenador do curso que dava aula de história do teatro e dizia que não deveria ter arte na periferia: “As pessoas têm que vir pra os teatros do Centro”. Ele me destratou. A turma foi hostil. Era a época da criação do CEU. Talvez o primeiro equívoco tenha sido levar

uma arte sofisticada para a periferia. É importante levar, mas a periferia também produz muitos trabalhos artísticos. Depois da PUC queríamos referências que não tivemos. Lá o objetivo era formar pesquisadores, entendermos outra dimensão da arte, tinha uma parte filosófica forte, e pensamos: cadê os nossos, como nos conectamos? Um dia tive de escolher um autor e foi o Foucault, eu pensei: “Mano, ele traz o diário de um detento do Racionais!”. Quisemos um conhecimento sobre a questão negra: “não existe essa faculdade, vamos fazê-la!”. Disso chamamos nossos mestres para nos formar. O Saloma Salomão é nosso mentor desde o começo para toda fundamentação histórica [...].

- Prestei Fuvest, passei na UNESP em história, mas não podia me manter. Entrei no Mackenzie pelo ProUni. Sabia que era elitista, mas não pensei que sofreria tanto. Não tive diálogo, vivência. Me considero negro, mas sou privilegiado perto de colegas mais retintos. Lá entendi como era visto no Centro. Poucos falavam comigo, um destes me cutucou para conhecer a Cooperifa. Na quebrada não sofria isso, apesar de ter vivido abordagens policiais pesadas. Desde o primeiro dia não escondia: sou do Jardim Ângela. Era um intruso. Apreendi a me posicionar. Fui o único que ficou dos prounistas. Na época de TCC: “Serei professor, não estudei autores periféricos, vivo intensamente os saraus e ninguém falou disso”. Relacionei saraus e sala de aula¹²¹. Foi uma galera do jornalismo para a banca porque o tema era diferente. Depois foram à Cooperifa e fizeram um documentário. Queria ter esse final, colocar meu nome lá: “Vão ter que respeitar o garotinho do Jardim Ângela”.

- Você sofreu preconceito estando na USP?

- Evidente, não. Fiz letras em 2006 e foi o primeiro curso que se abriu para a imensa maioria das pessoas, 847 alunos anualmente de todos os lugares mesmo. Quando entro, tinha ainda muita gente das classes mais abastadas, mas entrava pobre. Tínhamos as mesmas histórias e contato com pessoas de outros extremos da cidade, acabamos nos apoiando. Nunca sofri preconceito explícito ou que tenha percebido.

- Fui entender mesmo os efeitos do racismo na minha vida na universidade, onde eu vivi processos violentos. Eu fazia ciências sociais na PUC com bolsa. E consegui uma bolsa pelo ENEM em Relações Internacionais que me fez mudar de curso. E ao mudar, tudo mudou completamente. uma diferença de classe estava dada e uma diferença racial estava completamente marcada. na minha sala eu era a única negra. As pessoas não queriam se relacionar comigo. Eu ia para a biblioteca, lia os textos, mas não conseguia entrar na sala de aula. Nisso, eu não fui fazer as provas. Uma vez participei de uma atividade com um menino da minha sala, em que tínhamos que falar e ele disse: “você é péssima de retórica, não tem domínio nenhum da fala”. Isso ficou como uma verdade na minha história. Foram quase 10 anos de muita dificuldade para conseguir me colocar, porque sempre vinha “você não sabe falar”. Eu nunca consegui terminar a universidade. O que era um sonho virou um monstro na minha vida. Eu não era letrada, eu não tinha esse letramento racial todo.

- [...] Vem a meritocracia: com esforço, pode conseguir. Você chega no terminal Jardim Ângela às cinco da manhã e as pessoas vão penduradas nos ônibus. Vivi assim até conseguir trabalhar perto de casa. Todos os dias as pessoas vão para empregos que não dão a mínima condição de serem gente. Desemprego é uma ferramenta, impõe medo. Se meritocracia funcionasse, aqui seria a elite da cidade. Dando aula no ensino médio, vejo pessoas com muita vontade e uma galera abandonando. A periferia precisa trabalhar para se manter. Se ficar desempregado, faz um curso para entrar no mercado de trabalho. Volto na meritocracia. Disputar a Fuvest, por exemplo, acho um absurdo estudar dez horas diárias se privando da vida, mas alguns têm dez horas. E o moleque da periferia que não tem?

¹²¹ Trabalho de conclusão de curso Das ruas para a sala de aula: a valorização acadêmica da literatura marginal (2012).

Com o pensamento indo e voltando, vivia o que ainda era possível daquele encontro. Logo a mediadora perguntou se alguém gostaria de fazer mais alguma pergunta, a última. E uma jovem levantou-se enunciando: *“É um comentário”*.

Tenho uma irmã que é negra e tem o cabelo afro. Ela frequenta uma escola no Grajaú onde tem apenas uma amiga que é branca e com cabelo liso. E nas atividades em sala elas têm que desenhar, pintar, fazer bonecas e ela vive me questionando: “porque as bonecas não tem o cabelo igual ao meu?”. Fico meio sem saber o que responder. Uma vez perguntou se eu achava ela bonita pelo fato de ser negra do cabelo [pausa] crespo. Perguntei o porquê da pergunta. Ela respondeu que se achava feia pelo fato de a amiga não ter o cabelo igual ao dela. Minha irmã queria muito escovar o cabelo. Uma menina de cinco anos com essas paranoias! Respondi que achava ela mais linda que qualquer menina da sala dela e que se fizesse escova se tonaria igual às outras. Ela já começou a mudar o pensamento. Quando é ofendida na escola vem conversar comigo, porque o meu cabelo era liso também. Comecei a fazer cacheado por conta dela, do que ela passava. Ela ficava muito oprimida com os comentários, inclusive dos professores.

Visivelmente emocionada, a jovem foi muito aplaudida. Sua questão foi acolhida de modo afetuoso e afirmativo. Nas falas de Salloma e Jonathan, respectivamente, se pronunciava um convite à produção de um comum e de um corpo em persistência.

De forma intuitiva, sensível e extraordinária você já está fazendo. Tenho uma filha pequena que é interpelada pelas mesmas questões porque essa é a realidade brasileira, contra a qual lutamos. Lamentavelmente essas representações são o que chegam em nosso cotidiano, onde o referencial de beleza, caráter, do que é bom, belo, inteligente é o outro e não nós, e as crianças verbalizam isso. O caminho é esse. Sempre que tiver oportunidade, apresente para ela outras referências e narrativas. Hoje com a internet podemos buscar outros elementos. Quando possível, procure sua mãe ou um responsável por vocês e vá a escola, pergunte sobre o trabalho no sentido de apontar para as crianças outras referências, porque a valorização da cultura negra, afro-brasileira e brasileira, é fundamental para crianças negras e brancas. Senão a criança branca cresce com uma perspectiva distorcida de seu grupo racial. É necessário que saiba que vive num país heterogêneo e que as conquistas sociais foram possibilitadas por povos indígenas, populações negras e em certa medida por pessoas brancas. É necessário que a escola pública ou privada tenha essa abordagem. Se quiser assistência, a gente te ajuda. É fundamental esse enfrentamento. Apresente referências e seja a referência como está fazendo. Agradeço a todos. Salloma é sempre um prazer indescritível ouvir e aprender com o mestre. Espero sinceramente que possamos nos reconhecer em outros espaços de luta, porque daqui para a frente é luta e luta!

O que você narra é muito emocionante porque essa é a inovação do ativismo negro atual, do que chamamos de movimento negro. Poder acessar através da internet, de vários sistemas de conhecimento essa noção de pertencimento, porque não é possível ser negro positivamente só. Se sua irmãzinha estiver num meio engolfada por brancuras, certamente vai sofrer psiquicamente. E o sofrimento psíquico do racismo é profundo e deixa marcas às vezes para o resto da vida. O que você fez foi enunciar um pertencimento do qual já é portadora, como minha irmã e meus irmãos me mandaram mensagens de que ser negro era positivo, que era bonito, inteligente, mesmo que alguma professora não me quisesse em sala, me colocasse no fundo, não desse a mesma atenção que aos meus amigos que ela achava que tinham mais capacidade que eu. Olha eu aqui. 60 anos quase. Daora. Tô junto com você irmãzinha! Obrigado Cooperifa!

Antes de terminar o debate, uma fala-desabafo ressoou. Com ela fui remetida à questão que se agitou em mim durante a preparação do compartilhamento na FSP: fazer ver o processo de invenção de um campo de produção que se espraia de forma rizomática por entre várias vidas, em detrimento de jogar luz no que não faz proliferar a singularidade dos modos de existir, os quais se expressam em distintos processos artísticos, inventados a partir do vivido nas encruzilhadas de um triângulo da morte. Ali, eu lembrava da fala de uma das mulheres, outra Ialodê que conheci em minha caminhada, sobre sua

constituição como negra a partir de suas vivências com arte e educação, iniciadas na Casa de Cultura de M’Boi Mirim, o que a tornou uma das ativas fomentadoras culturais da região: “temos várias questões que não foram resolvidas, mas não temos mais o triângulo da morte, o que temos é um quadrante de produções culturais e artísticas que chega em outras regiões como o Campo Limpo, o que temos aqui é um grande caldeirão. E como eu digo: tem que mexer o caldeirão”. E logo a mediadora fez sua fala-desabafo:

Quero fazer um desabafo para terminar. Em 1996, a ONU lançou um relatório dizendo que nosso território era um dos lugares mais perigosos do mundo. Aquilo me machucou de um jeito tão grande porque produziu um discurso extremamente pejorativo sobre um lugar em que vivi as durezas do cotidiano, de ver amigos sendo assassinados, de ver os processos de exclusão, mas que sempre percebi como um lugar que não era vazio de cultura. Doeui muito e me provocou um sentimento de luta: “temos cultura, sim!”. Não foi a escola que me ensinou a ter orgulho de ser quem eu sou. Sou professora há 22 anos e ainda considero que a escola tem que avançar muito nesse aspecto. Temos resistências pontuais, parabeno as duas professoras que trouxeram seus alunos e alunas hoje. Palmas para elas [palmas e assovios]. Sei que tem vários educadores e educadoras aqui e sabemos dos desafios, porque momentos como o de hoje não são tidos como aula. É um passeio, uma discussão para além dos conteúdos formatados, chamados de “historicamente produzidos pela humanidade”, e obrigatórios para passar na tal de Fuvest. Sempre pergunto: qual humanidade? Porque há uma humanidade que foi excluída desse conhecimento legitimado. Tenho falado: “conversem mais com seus avós que tem essa ancestralidade forte, que às vezes são tratadas como ignorantes, analfabetas. Talvez ali estejam conhecimentos fundamentais para sobrevivermos nesse momento. Mesmo que esses processos nos oprimam e massifiquem, temos um espírito de resistência, porque nosso corpo é constituído culturalmente também. Quero agradecer profundamente à Cooperifa, especialmente à Lu Souza, Rose Doria, na correria dos bastidores, que é hoje um espaço de resistência na periferia com o qual me identifico. O caminho é esse: uma luta antirracista e a valorização de quem somos. E somos plurais, fortes, periféricos, no sentido positivo.

Salloma Salomão anunciava que a pedido de Lu Souza, professora da região e integrante da Cooperifa, faria uma canção: “*Vou cantar uma música tradicional afro mineira*”. Sua voz ecoou solitária pelo teatro. Não foi possível entender a letra. Eu apenas sentia intensamente a frequência das palavras que ressoavam daquele corpo tão familiar, considerando meu encontro com as Capulanas. Um breve canto. Um grito permanente. Uma convocação para que as existências negras continuem a ser defendidas por todes. Salloma parou. Silêncio. Uma breve pausa. E na sequência Salloma disse: “*Vamos mulher, a gente tá com fome. O cumbe, o sol, tá alto. O cumbe a tunda, o sol está alto. Vamos, vamos mulher, vamos comer*”. “*Boa tarde!*”. Aplausos.

O cabelo

Intervalo. Seguia pensando na fala daquela jovem sobre o sofrimento de sua irmã que rejeitava seu cabelo por compará-lo ao cabelo liso de sua única amiga. Um momento forte. Quanto sofrimento atravessaria aquela tenra existência? No breve relato, entrevistamos o que parecia ser uma *tecnologia de cuidado*, tateada por uma jovem negra afetada pelo sofrimento de sua irmã, que se constituía sob as bases da opressão e da desqualificação de suas possibilidades de existir como uma criança negra, considerando a concepção hegemonicamente produzida como enunciado por Jonathan: “representações, onde o

referencial de beleza, caráter, do que é bom, belo, inteligente é sempre o outro e não nós”. Uma irmã mais velha que passou a se ocupar da liberação de seus cachos ao ser ocupada pelo sofrimento de sua irmã, que, sem saber, buscava enquadrar seu corpo em um modelo que não cessa de violentar a subjetividade e que pode produzir marcas, como pontuou Salloma, “às vezes para o resto da vida”. Uma *tecnologia de cuidado* e uma *política de ocupação de si e do outro* produzida por aquela jovem com sua pequena irmã.

Eu esperava o início do próximo debate, pensando que estava novamente diante de um tema que apareceu em diferentes conversas como um elemento fundamental do processo de produção das existências negras: o racismo e modos de enfrentá-lo.

Temos o cabelo como um grande marcador. Para homens há um processo histórico de raspá-lo e para nós mulheres o impacto é maior pelo processo de marcá-lo a ferro. Antes com pente quente, depois com chapinha e produtos que alteram a natureza do corpo. É muito agressivo. Cabelo é corpo da gente, cabelo é vida. Que fosse por outro motivo, mas o que está por trás é a negação da tua identidade negra, étnica. Falar da imagem tem uma dimensão política, mas não basta, porque você está lá fortalecida e alguém te xinga na rua, te ofende ou não te concede um trabalho. Fica aquele efeito e isso vai produzindo marcas que como vimos na pesquisa sobre saúde das mulheres negras, podem virar doenças. Quem somos é dimensionado também pelo que escutamos e pelas referências que não tivemos. Uma criança negra chamada de macaca é animalizada. Isso fica registrado na memória corporal e psíquica e vai refletir na construção da vida.

Ali me passava a questão de *o cabelo ser um marcador* e na frase que me afetou sobre tema, “*o cabelo é corpo da gente, cabelo é vida*”, enunciada por Adriana Paixão em uma tarde de sábado na Cia Capulanas, conversa marcada pela alegre presença dos sorrisos e balbucios do filho mais novo de Priscila Obaci, Bakari, que era cuidado por aquela Ialodê. Uma conversa forte, que também foi vivida em alguns momentos na presença de Flávia Rosa, pois ambas estavam lá para receber um grupo de teatro da zona leste, o Pombas Urbanas, que faria um ensaio aberto, do qual eu também participei junto com essas duas Ialodês e o filho de Priscila. Um encontro que terminou ao anoitecer. Uma experiência afetuosa, muitas trocas... naquele encontro eu estava novamente na mesa circular em que eu havia tido a primeira aproximação com o conjunto de saberes e fazeres do universo capulânico. Mesa onde eu e André havíamos partilhado o afetuoso lanche no intervalo da peça “6 fragmentos de uma história em desalinho”, que nos possibilitou conhecer um pouco das questões e invenções do Sol Almeida e de outras existências em *transito*. *Ajeum!* Naquela circularidade tão familiar com Adriana e aquela criança, que carrega a felicidade no nome, eu seguia ouvindo-a partilhar sua trajetória. Atriz e pesquisadora falando das dores e da luta antirracista, que é produzida junto as outras Capulanas e com várias existências negras a partir de diferentes movimentos. Luta que ela segue constituindo, como a difícil experiência no curso de graduação em Artes do Corpo da PUC, seus estudos como cientista social e o recém iniciado mestrado na FFLCH/USP (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP).

Adriana chamava atenção para questões que atravessam as existências das mulheres negras no campo das artes cênicas, como a sexualização e a subalternização. Ela contava ter sido uma criança que viveu grande parte de sua infância “presa” em casa, por conta da preocupação de seus pais com a violência na região em que cresceu na zona sul de São Paulo. Nesse período, ela teve como companhia a televisão, incluindo a Xuxa; e foi quando floresceu a vontade de ser atriz, considerando as brincadeiras-encenações de comerciais, shows e seriados realizados junto com sua irmã mais velha. Contava que a vontade de ser atriz foi inicialmente desestimulada por uma tia, da qual ouvia que ela não poderia ser atriz, e cujo entendimento sobre o que supostamente a impediria foi produzido posteriormente: ela era uma criança negra.

Frente a frente com esta mulher negra-atriz-pesquisadora-artesã de outros possíveis, de voz firme e suave, olhando nos olhos amendoados e vívidos do filho de Priscila, que seguia no colo de Adriana alegrando nosso encontro com sua presença e com o dialeto próprio dos bebês, eu pensava na constelação de crianças com as quais eu havia cruzado nas minhas andanças. Pensava no bebê que compôs a cena de abertura nos braços de Luciene Barros ao interpretar Sarah Bartman na primeira apresentação que eu e André assistimos de “Vênus Negra: um manual de como engolir o mundo” e sobre o qual sua mãe que também atuou naquela noite falou ao final da peça. Pensava nos filhos das integrantes dos Poetas ambulantes que participam junto às corpos de suas mães dos *assaltos poéticos* no transporte público e nos encontros-apresentação como o que aconteceu na FSP. Pensava nas crianças do grupo de capoeira Espírito de Zumbi da Casa de Cultura de M’Boi Mirim, que vivenciam experiências de se ocuparem daqueles/daquelas que chegam ao grupo pelo acolhimento de suas dificuldades e não-saberes. Pensava na presença das crianças da região de M’Boi Mirim – e de fora dela – capoeirando e movendo-se ao ritmo da ciranda e da dança-afro no Panelafro ao fazerem corpo com outras existências nestes encontros. Pensava nas crianças e nos adolescentes que integram ativamente os saraus e ações na escola a partir de sua organização e de várias produções artísticas com professores-poetas, a exemplo do sararô e do “com música e poesia”, respectivamente, propostos por Jefferson Santana e Márcio Vidal. Pensava nas questões que compõem o universo das crianças LGBTQIA+, problematizadas por Sol Almeida no encontro do projeto Bixa Preta de Fé e em nossa conversa na Casa de Cultura, as quais compõem seu viver como atriz, pesquisadora e existência LGBTQIA+. Pensava nas crianças-poetas que partilham suas escrituras na Cooperifa e nas escolas. Revivendo o encontro com Adriana, eu refletia sobre o processo de fortalecimento que estas crianças vivenciam para o enfrentamento de tantas questões e da potência que compõe os corpos que deles cuidam no que diz respeito, por exemplo, à luta antirracista e

ao encontro com saberes e fazeres que vêm de longe e que ainda são tão silenciados. O que poderá esta descendência? Questão de Ancestralidade¹²²!

Mergulhada nestes pensamentos, enquanto via a movimentação para o início do próximo debate, ressonâncias me passavam... reverberações entre a experiência de Adriana e as dores daquela criança negra partilhadas por sua irmã... conexões sobre o sentido de produção de outros possíveis para o existir como explicitado por Salloma e Jonathan. E ali eu seguia lembrando de meu encontro com outras questões partilhadas por Adriana em uma de suas escritas

Para fazer-me negra, significou que tive que atravessar o corredor frio e solitário do racismo anti-negro. Conflitos de identidade, eu era o Cirilo, Saci e negrinho do pastoreio, preto no masculino. Aos poucos passei a entender porque zombavam de mim quando eu dizia que queria ser atriz. Ser negra veio para mim, assim na negatividade, como para a maioria das crianças afro-brasileiras educadas e socializadas em ambiente racialmente hostil. Levei muito tempo para reconhecer que minha negação não estava no outro e, sim, em mim porque por muito tempo tive complexo de ser feia, não via beleza em mim, reconhecia a beleza em outras mulheres negras, mas não percebia que minha auto-rejeição se dava por não estar nos padrões. Mas o processo se fez por completo quando passei a entender a crueldade da beleza construída no espelho e na sombra da brancura. Meu salto se deu, principalmente, quando comecei a entender que minhas referências de belo não podiam ser impostas por padrões que vinham de fora de mim [...] ingressei na PUC, em 2003, no curso de Comunicação e Artes do Corpo. Quais artes e qual corpo? Artes negras, corpos negros, onde, quem? Hostilidades simbólicas e reais no currículo da brancura. Sofri e adoeci dia após dia, mas não estava em mim desistir, pois lá junto comigo estavam aquelas amigas negras e periféricas como eu, resistindo... Existindo. Juntas, gestariamos a Capulanas Cia de Arte Negra. Minha escola, minha arte, minha política, minha vida. (PAIXÃO, 2011 p.42).

As linhas da conversação, abertas por aquela jovem junto a Jonathan e Salloma, se cruzavam com a fala de Adriana sobre caminhos na busca por outras narrativas e referências no que diz respeito à construção da negritude. Construção que, como problematizada em mais uma escrita de Adriana¹²³, ao trazer que o vivido no processo de constituição com *Capulanas*, afirma que este tem como ancoragem a

¹²² Leda Martins, em “Performances do tempo espiralar”, nos fala que “No caso brasileiro, os ritos de descendência africana, religiosos e seculares, reterritorializam uma das mais importantes concepções filosóficas e metafísicas africanas, a ancestralidade, que “constitui a essência de uma visão que os teóricos das culturas africanas chamam de visão negra-africana do mundo [...] A concepção ancestral africana inclui, no mesmo circuito fenomenológicos, as divindades, a natureza cósmica, a flora, a fauna, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anéis de uma complementariedade necessária, em contínuo processo de transformação e devir (...) nós que estamos no presente somos todos em potencial, mães e pais daqueles que virão depois. Reverenciar os ancestrais significa, realmente, reverenciar a vida, sua continuidade e mudança. Somos os filhos daqueles que estiveram antes de nós, mas não somos seus gêmeos idênticos, assim como não engendramos seres idênticos a nós mesmos (...) Desse modo o passado torna-se nossa fonte de inspiração; e o futuro, nossa aspiração coletiva. Essa percepção cósmica e filosófica entrelaça no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade e a morte. a primazia do movimento ancestral fonte de inspiração matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação. Nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, contingências naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais e existências. Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta [...] O aforismo kicongo, ‘Ma’kwenda! Ma’kwisa!, o que se passa agora retornará depois’ traduz com sabor a ideia de que “o que flui no movimento cíclico permanecerá no movimento”. Essa mesma ideia grafa-se em uma das mais importantes inscrições africanas, transcrita de vários modos nas religiões afro-brasileiras, os cosmogramas, signos dos cosmos e da continuidade da existência, nessa sincronia, o passado pode ser definido como o lugar de um saber e de uma experiência acumulativos, que habitam o presente e o futuro, sendo também por eles habitado”(MARTINS, 2002 p.85). Meu encontro com esta noção de ancestralidade aconteceu pelas mãos de Gal Martins que em nossa conversa na Fábrica de Cultura do Capão Redondo e no debate ‘Feminismos em fricção’, no Centro Cultural São Paulo, trouxe a ancestralidade como uma “memória de futuro” segundo a perspectiva proposta por Leda Martins ao discutir a noção de tempo espiralar.

¹²³ Do capítulo “Por uma sociologia do teatro negro feminino das Capulanas: indícios e percursos” da obra *Negras Insurgências* (2018).

estética negra. Tem o propósito de ressignificar os elementos religiosos (jongos, candomblés e umbandas) para o contexto do espetáculo urbano segundo os elementos preponderantes nas memórias da ancestralidade africana e do corpo negro da diáspora, que são somados a outros elementos simbólicos em suas dimensões culturais e filosóficas. Movimento que as tem possibilitado beber nas fontes orais presentes nos espaços negros de sociabilidade e acessar as tecnologias de combate ao racismo construídas pelos movimentos negros. Em ressonância com o sofrimento da criança relatado por sua irmã, lembrava da problematização de Adriana ao pontuar que um dos primeiros elementos de autoafirmação da negritude passa pela valorização e reconhecimento da imagem, que para a maioria da população negra é forjada como aspecto negativo e, no caso das mulheres, se torna uma questão ainda mais difícil, na medida em que estas vidas tendem a ser marcadas por referenciais definidos pelo racismo e machismo, que contribuem para aprofundar os processos de exclusão social e de subalternização, quando considerada a histórica representação da mulher negra. Referenciais estes que colocam as mulheres negras no lugar mais inferior das hierarquias sociais (PAIXÃO, 2018 p.62).

Olhando a movimentação dos/das adolescentes, que esperavam animados pelo próximo debate, eu pensava na questão trazida por Jonathan e Salloma sobre a experimentação e afirmação de outras narrativas para a construção da negritude, especialmente considerando as mulheres negras que vivenciam no cotidiano o racismo genderizado, que conecta raça e gênero¹²⁴. A questão levantada por eles me remetia ao sentido de compor e cultivar espaços coletivos para a construção de si em conexão com outras existências negras. Espaços coletivos como locais de cultivo de saberes-fazer-viveres historicamente silenciados e apagados. Ali eu lembrava dos vários espaços, ações, coletivos e coletivas que seguem nesta perspectiva, como a Casa de Cultura de M'Boi Miriam e os grupos Flor de Lis e Espírito de Zumbi; a Cia Capulanas; o Bloco do Beco; a Zona Agbara; a Cia Sansacroma; o Grupo Umojá; o Grupo É di Santo; a Cooperifa; o Instituto Favela da Paz... Mais uma vez ficava forte para mim que tal construção passa pela vivência de espaços compartilhados, conforme problematizado por Gal Martins em várias falas públicas e em nossa conversa, ao reafirmar a defesa de locais como a Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim. Espaço que favoreceu a germinação de possíveis nesta existência, que trazia as marcas de quem na infância ouviu de uma professora “você não poderá participar [do balé] porque seu cabelo não faz coque”. Mulher que ao mergulhar no “rio chamado Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim”, que flui como “águas férteis de potências avassaladoras, águas que correm por território negro”, abriu caminhos para outras navegações nesta existência¹²⁵. Processo que possibilitou o agenciamento de outros possíveis nesta vida e em várias outras a partir de seus movimentos como

¹²⁴ Na perspectiva problematizada por Grada Kilomba em Memórias da Plantação, como discutido na narrativa “Um encontro com minha constelação de intercessores: Isto é um Negro?”, nos exige pensar nas intersecções entre racismo vs. sexismo; a falsa ideia de sororidade universal; raça vs. gênero; patriarcado vs. patriarcado branco.

¹²⁵ Do Texto “O Pulso ainda pulsa” de Gal Martins na obra A dança da Indignação (p.17-22, 2017).

cientista social, pensadora em dança, diretora da Cia Sansacroma e da Zona Agbara, gestora cultural, incluindo o programa fábricas de cultura da cidade de São Paulo.

Meu amadurecimento e senso de militância decorrem deste processo de entendimento dos mecanismos que regem minha existência preta e meu lugar periférico no compromisso com a dança paulistana [...] meu diálogo se fortalecia na convergência com conceitos da educação libertária de Paulo Freire e de Augusto Boal. A chave mudou. Meu corpo, meus instintos e meus pensamentos começaram a ser tomados pelo ódio. Pode parecer forte tal expressão, mas diante de todo projeto racista, sexista, machista e homofóbico presente em nossa sociedade o que me resta é sentir muito ódio, sensação presente desde meus anos mirrados e infantes. Ódio esse engolido e escondido nas paredes do meu quarto, nas bonecas brancas, nas toalhas de banho que faziam me sentir “bonita”, já que meus fios crespos e amassados não eram aceitos [...] ódio dos olhares desconfiados quando meu corpo preto e gordo adentra os espaços legitimados da dança paulistana [...] evoco Paulo Freire e seus pensamentos que me levaram ao encontro com o conceito de INDIGNAÇÃO¹²⁶.

Uma construção sobre o sentido de fazer *erguer a voz* de tantas, como enunciado por Bell Hooks¹²⁷. Pensando com Hooks, sinto a voz erguida por estas mulheres negras que conheci, em vários daqueles espaços, a partir de experiências que lhes atravessam a carne, a exemplo do caso narrado por Priscila Obaci em que vivenciou duas imagens de uma mulher negra, uma com cabelo liso e a outra com *black power* em uma propaganda no metrô que dizia: “*você pode até ser selvagem, mas os seus cabelos não*”. Experiência vivida intensamente que lhe transbordou na escrita *A arte me deu voz*

Meu sonho é que as mulheres
Alisem menos os cabelos
E analisem mais sua beleza
A evolução da resistência
Passa pela aceitação da imagem
Assim deixaremos de ser selvagens
domesticadas
E passaremos a ser Panteras Negras
Prontas para dar o bote do argumento
Sou selvagem sim
Contra a selvageria da massificação
Minha roupa não é uniforme
O trabalho acabou
E agora estou a passeio pelo conhecimento¹²⁸

Aguardando o segundo debate da tarde, lembrava justamente de uma cena que se conectava diretamente com as *indignações* produzidas por estas mulheres-artistas-negras. Dias antes, passando pela estação Largo Treze do metrô, vi pela janela do trem uma propaganda que dizia: “Liso não é tudo igual. Para um liso rebelde amido alisa”. Tudo conectado. O relato sobre a criança negra que queria alisar o

¹²⁶ Neste mesmo texto Gal Martins prossegue: “a indignação sempre foi o pulso de minha dança, pulso que dá asas ao falcão Sansacroma. Sobre esta dança falo o tempo todo e com ela atravesso o espaço, crio vidas e resistências, expurgo os males, me posiciono no mundo, questiono e transgriro. A indignação é o que gera mais e mais PULSOS de existência, proliferação do pulso primeiro que ainda continua aqui [...] a indignação é minha materialidade poética, e dela e exprimo, sobrevivo, e exorcizo dia a dia toda e qualquer tipo de expressão. Daqui, o monstro é outro, e cada um sabe muito bem qual é” (MARTINS 2017, p.22).

¹²⁷ Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra (2019).

¹²⁸ O relato e a poesia integram o capítulo “Me deram o não lugar... eu criei meu lugar” do livro {EM} GOMA Dos pés à cabeça dos quintais que sou da Cia Capulanas (2011).

cabelo e os movimentos de sua irmã se inscrevem no conjunto de processos construídos pelas mulheres negras com quem me encontrei, não deixam dúvidas sobre as tensões que experimentam cotidianamente a partir dos movimentos rizomáticos do capitalismo¹²⁹. Movências estas que não param de inventar formas de controlar corpos cuja subjetividade segue sendo produzida no âmbito de diferentes políticas no corpo, entre elas *as políticas do cabelo*¹³⁰, considerando o referencial hegemônico “de beleza, de caráter, do que é bom, belo, inteligente”, conforme ressaltado nas falas do debate sobre os permanentes movimentos necessários na luta antirracista .

¹²⁹ No capítulo Capitalismo rizomático o filósofo Peter Pal Pelbart analisa à luz da discussão de Luc Boltanski e Ève Chiapello em *Le nouvel esprit du capitalisme* o processo de retomada pelo capitalismo das críticas formuladas contra ele nos anos 60-70 e um poderoso revide operado para uma crise de credibilidade e no contexto dos movimentos de maio de 68. Assim, as reivindicações por mais autonomia, autenticidade, criatividade, liberdade, incluindo a crítica à rigidez da hierarquia, da burocracia, da alienação das relações e no trabalho, foi inteiramente incorporada pelo sistema e integrou uma nova normatividade presente nos manuais de *management* e seguida hoje por seus executivos. Isso significa, como analisa Pelbart, que ao satisfazer em parte as reivindicações libertárias, autonomistas, hedonistas, existenciais, imaginativas, o capitalismo pôde mobilizar em seus trabalhadores esferas antes intangíveis. Disso, a intimidade do trabalhador, sua vitalidade, sua iniciativa, sua inventividade, sua capacidade de conexão, foi sendo cobrada como elemento indispensável na nova configuração produtiva, implicando um desmanche das estruturas rígidas, hierárquicas em direção a um funcionamento mais aberto, flexível a fim de atender a toda crítica do trabalho massificador e homogeneizador. Neste contexto, Pelbart destaca uma palavra recorrente nos manuais de *management* analisados por Boltanski e Chiapello: conexão. Capitalismo em rede ou conexionalista é como denominam os autores para este estímulo a uma navegação mais aberta, a uma maleabilidade sem precedentes, pois “o mundo conexionalista é inteiramente não rizomático, não finalista, não identitário, favorece os hibridismos, a migração, as múltiplas interfaces, metamorfoses etc. Claro que o objetivo final do capitalismo permanece o mesmo, visa o lucro, mas o modo pelo qual ele agora tende a realizá-lo, e essa é a tese dos autores, é prioritariamente através da rede” (PELBART, p. 97, 2011).

¹³⁰ Como apontado na narrativa “Um encontro com minha constelação de intercessores: Isto é um negro?”, Grada destaca as diferentes políticas que atravessam as existências negras femininas. No caso das políticas do cabelo, a partir das entrevistas realizadas com mulheres negras, autora analisa as cortantes narrativas: “(...) As pessoas costumavam tocar meu cabelo!” – invadindo o corpo negro; “Com licença, como você lava o cabelo?” – Fantasia sobre sujeira e domesticação colonial; “(...) Eu e meu cabelo natural – Cabelo, mulheres negras e consciência política; “Ele cheirou meu cabelo e fez essa associação... com macacos” – Fantasia selvagens brancas, amor e a Vênus Negra. Com as análises de Grada diferentes planos são colocados na cena: o processo de “não escutar” como um estratégia que protege o sujeito branco e que historicamente tem sido usado como marca da opressão, o que significa a negação da subjetividade de pessoas negras e de seus relatos de racismo; as mulheres negras fantasiadas pelo imaginário branco como sujas e selvagens, o que inclui um alinhamento ofensivo de pensamentos coloniais na perspectiva de lavar/sujo e pentear/indomável que remete à encarnação da sexualidade (sujeira) e da agressão (selvageria); a preocupação das pessoas brancas com a higiene da mulher negra que explicita, de um lado, o desejo branco de controlar o corpo negro e, de outro, o medo branco de ser sujado por aquele corpo, o que evoca a negritude fantasiada como uma doença, uma maldição corpórea; o cabelo como o instrumento mais importante da consciência política entre as africanas/os e as africanas/os da diáspora que moldam as posições das mulheres negras em relação à “raça”, gênero e beleza e mostram sinais de independência e descolonização em relação às normas brancas quando considerado que o cabelo historicamente foi desvalorizado como o mais visível estigma da negritude e que se tornou um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização, do que decorreu sua classificação como o “cabelo ruim” que precisavam ser alisado como um modo de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos da negritude”; a história do discurso colonial no qual as pessoas negras são metaforicamente representadas como macacos, o que explicita que o racismo é discursivo e não biológico (Kilomba – Memórias da Plantação, 2019, p. 121-132).

Figura 61: propaganda metrô Largo Treze, zona sul de São Paulo.

Luta que segue no tocante à produção e ao fortalecimento de existências e descendências negras.

Banho de cândida dói, machuca
 A gente esfrega, esfrega, mas não sai.
 Faz machucado... A mãe leva pro hospital
 Se a gente nasce com essa cor assim, vai ficar assim...pra sempre
 Machuca, mas a gente aprende...
 Sabão em pó, não deixa o olho azul! Dói!
 Machuca, mas passa...
 E quando a gente fica forte...
 Ganha boneca preta, doce, pirulito...
 E a gente aprende que é lindo ter essa cor assim...
 Ganha boneca preta...
 E aprende a ser bonita!¹³¹

Meus pensamentos foram interrompidos pelo pedido de que os estudantes se acomodassem mais próximos do palco. Risos de constrangimento entre os que preferiam *o fundão*. Havia um falatório gostoso de se ouvir, entre aqueles inquietos estudantes. Uma alegre agitação, uma presença interessada, tomava o ambiente. Sensação vivida nos diferentes espaços daquela Mostra. Uma presença viva, pulsante entre os participantes. Como era agenciador viver aquelas experiências em meio a tantas gentes que dançavam nas oficinas de dança, que vibravam ao som dos rappers e de outros artistas da região, que ouviam-viviam-criavam suas próprias *escrevivências* na companhia das/dos poetisas que conduziam as oficinas de escrita e criação poética, que escutavam e que eram escutados nos vários debates, que aprendiam e ensinavam sobre modos de *erguer a voz* e de fortalecer suas existências.

¹³¹ Poema Banho de Cândida de Débora Marçal que encerra o capítulo por ela escrito, “O espelho que criei”, no livro {EM} GOMA Dos pés à cabeça dos quintais que sou da Cia Capulanas (2011).

Era agenciador viver os diferentes encontros ao lado destas existências-acontecimentos que eu via sorrir, chorar, cerrar os punhos, erguer as vozes para partilhar questões e saberes como um modo de experimentarem a produção de suas máquinas de guerra, em mais uma edição da Mostra. Era isso que eu sentia a cada espaço em que circulava: a Mostra da Cooperifa como um espaço de fazer ver e de inventar mais e mais tecnologias a favor de diferentes possibilidades de compor a vida, experimentações de *fazer viver* para si e com outras existências. Difícil esquecer a fala de Elen Oléria na abertura, na presença de um brilhante sorriso que iluminava todo o palco: “*Ei, não fica com medo, não. Vem com a gente, porque temos as tecnologias de defesa há muito tempo! Nós estamos juntos. Cola na gente!*”. Uma alegre *força* me tomou por inteira, em meio ao povo que lotava o Sesc Campo Limpo naquela noite. Só estando lá para entender! Luta que segue na produção e fortalecimento de existências e descendências negras!

Par além dos muros da escola

O segundo debate da tarde, “Para além dos muros da escola”, começava. Ao microfone, Lu Souza falava sobre a alegria de ter um encontro com professores amigos que também eram *professores da casa*: “Que tenhamos uma tarde de um bom bate papo com esses mestres” – dizia ela. Assim começava o segundo debate. “*A gente vai falar desse Movimento, então escrevi um poema e vou começar com poesia*”. Na primeira frase enunciada por Márcio Batista, lembrei de Dona Edite. “Atividade” era um de seus poemas favoritos

Atividade	Bravo instrumento
Ative tudo	Trova na boca, provocativa
Ative o dom	Cativa a mente, receptiva
Ative o mundo	Atrativa onda radioativa
Estive cego	Cultivo a tribo cooperativa
Estive surdo	Motivo a luta evolutiva
Estive atado	Atravessadora
Estive mudo	Transformativa
Incentivado, escrevo atento	Reativadora
Vou criativo ao movimento	Informativa
Só mente ativa, ativa a outra	Estava na hora da reativa
Locomotiva trilhando ao vento	Atividade
Destrava a trava	Ativa a gente
Atravessamento	Cultura ativa, ativa a mente
Voz narrativa	Cultura ativa, ativa a mente

Ouvindo Marcio também ouvia Dona Edite. Vendo-o, lembrava dos gestos, do tempo da respiração, da entonação que ela imprime a cada verso de “Atividade”. Com ele, eu atualizava a pausa inconfundível feita por ela antes de repetir o verso final com a mão espalmada: “*Cultura ativa, ativa a*

mente”. Sem que soubessem, estávamos os três na mesma frequência naquele instante, Marcio Batista, Dona Edite e eu. E Márcio Batista começava contando sobre a Cooperifa

Boa tarde cooperiféricos. No ano 2000 Sérgio Vaz, inquieto com a cultura, com a ideia de movimentar pessoas em torno de uma coisa convida alguns amigos, artistas, rappers, músicos da região, produtores de teatro, poetas, agitadores culturais e faz o primeiro evento que batiza de Cooperifa numa fábrica em Taboão da Serra. Foram feitos vários eventos até chegar no formato, quando ele se junta com Marco Pezão que ficou com a gente por um tempo. A Cooperifa depois muda-se para o bar do Zé Batidão. E lá foram ganhando visibilidade os poetas, tímidos, aos poucos as pessoas que não entendiam o que era aquilo foram chegando, se aconchegando. A comunidade naquele movimento de gente recitando poesia no bar, foi se aglutinando. E virou uma tradição as pessoas virem do Taboão, Campo Limpo, Itapecerica, Embu das Artes, Jardim Ângela, Capão Redondo. E isso foi se ampliando, gente de outras cidades, estados foram entendendo a ideia e isso atravessou fronteiras. Hoje o país conhece a Cooperifa. As pessoas iam chegando “posso recitar” e foram fazendo poesia, informando o outro, saindo com ideias e montando outros saraus. Dali formaram-se também grupos de teatros, de rap e chegamos em um dos grandes parceiros: as escolas. Atravessamos os muros da escola levando essa cultura que chamamos de periférica, alguns chamam de literatura marginal, vertente trazida por um grande escritor da região, Ferrez. E essa cultura atravessa os muros das escolas. Vai chegando devagarzinho e conquistando alunos e professores. Dois desses professores estão aqui, o Marcio e a Elaine, que vêm trabalhando, estudando e trazendo essa cultura para nós. Queria que contassem como chegaram à Cooperifa e como foi levar a literatura periférica para a escola e trazer a escola para fora dos muros, para dentro de um bar que hoje é um Centro Cultural.

Márcio Batista, importante apoio para que eu chegasse em tantas pessoas e para que eu entendesse um pouco mais sobre as tessituras produzidas a partir da Cooperifa, contava justamente um pouco do cultivo deste *como*, que possibilitou múltiplas germinações para além do espaço do bar onde se instalou. Encontro e convivência com a poesia que possibilitou o florescimento, como pude perceber em minha caminhada, de leitores, escritores, poetas, artistas, produtores culturais em diferentes frentes. Um *rastilho de pólvora*¹³² que inflamou diferentes vidas para a vivência da denominada cultura periférica, conforme reafirmado por Marcio Batista, a partir dos saraus e *slams* pela cidade e para além dela; das experimentações produzidas nas escolas públicas com os saraus e rodas de conversa, dos assaltos poéticos no transporte público como produzido pelos Poetas Ambulantes – cujas idealizadoras do coletivo vem produzindo outros movimentos para si e outras mulheres com o *Slam das Minas SP*¹³³.

Produções que se constituem em rizoma. Misturas. Invenções. Persistências. Vizinhanças. Revides. Polinizações que se fazem em uma constelação de existências por existências que carregam em seus poros a implicação de produzir outros *possíveis*. Um *como* a respeito do qual Marcio Batista falaria com riqueza de detalhes, em meio a tantos assuntos que povoaram uma conversa por mais de quatro horas, que não foi interrompida nem mesmo pelo fechamento do Sesc Campo Limpo. Em uma lanchonete, seguiríamos conversando na companhia de outres que se entremeiam à existência deste poeta

¹³² “*Somos O rastilho da pólvora*”, poema Literatura das Ruas, de Sérgio Vaz, da obra Literatura pão e poesia (2011, p. 36)

¹³³ O Slam das Minas SP aparecerá nas narrativas “Das movências (po)éticas que transversalizam a escola – O Sararô” e “Uma conversação-recepção: corpos em tensão... corpos em movências... corpos em criação...”.

da Cooperifa-professor-militante da educação, entre tantos outros planos que constitui e o constituem. Existências com as quais ele produziu travessias, experimentando modos de habitar um “território”, tido como periférico, com o propósito de produzir interferências com Sérgio Vaz e outros companheiros: “*A gente interferia no bairro o tempo todo. Foi uma das formas de ampliarmos esse território. E o território não é só território*”. Movimentos de uma vida que explicitam um modo de se ocupar das relações e por elas ser ocupado, a exemplo de uma experiência intensivamente partilhada em nossa conversa. Uma fala em que transbordava de seu corpo o vivido. Mais um momento marcante de minha caminhada...

- Acordei sábado de manhã incomodado e fui para minha escola. Eu não estaria na reunião com os pais sobre a reorganização das escolas. Cheguei e havia o grupo dos progressistas e conservadores. Me posicionei do lado dos progressistas. A escola estava cheia de polícia porque estava ocupada pelo MTST. Ninguém entendia nada. A ocupação passou a ser deles. Após a reunião, a polícia saiu. Disso, os meninos do grêmio começam a articular coisas e resolvem ocupar a escola. Chega a tropa de choque com arma pesada e o pau come. Eles adentram a escola. Tentamos resistir para não fechar o portão [bate palma], mas ficamos de fora. Na resistência o professor Edvan entra e os policiais vão pra cima dele e os alunos também. Nisso, nossa colega Jayane fica presa no portão. Ela foi massacrada¹³⁴. Levam o Edvan¹³⁵ fazendo tortura psicológica. Começamos a ligar para conhecidos como o Carlos Giannazi. Começo a olhar figuras que chegaram muito rápido como padre Jaime e do Conselho Tutelar. Tinha uma coisa fora do comum. Uma sintonia. Os alunos fizeram uma ocupação compartilhada com o MTST que ocupou uma escola apenas, a nossa. Entraram no sábado fizeram reuniões diversas, olhando aquilo vemos a organização, a liderança, a postura. É espetacular. Era um movimento da região. Passamos a noite lá. Domingo à tarde saíram e os alunos tinham o mesmo potencial de organização. Tive a maior aula da minha vida. Não chamaram “vem aprender”. Eles entraram e fizeram. Foram ensinar a ocupar. Aquilo virou um polo da região. Os meninos desenvolveram saraus, shows, momentos com os pais, sociais, de politização, de resistência com a polícia, de explicar e negociar com o tráfico. Dormi algumas noites lá e visitei todos os dias. Tinha clareza do que tinha que fazer.

- E o que tinha que fazer? - perguntei

- Só tinha que acompanhá-los, não tinha que interferir em nada.

Interferência e ocupação. A conversa possibilitou pensar nestas duas noções com aqueles/as que ocupavam o palco, interconectadas por várias linhas: docentes da rede pública de São Paulo, com uma atuação intensamente ocupada pela literatura periférica, integrantes do movimento cultural construído pela Cooperifa, que possibilitava a abertura de caminhos para várias ações junto com outros/outras, habitantes das regiões tidas como periféricas que produziam diferentes movimentos nas escolas e em

¹³⁴ "Vou dormir e sinto eles me batendo" <https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2015-11-19/vou-dormir-e-sinto-eles-me-batendo-diz-docente-agredida-por-pms-em-ocupacao.html>

¹³⁵ “O professor de história Edvan Costa foi algemado e levado ao hospital de M’Boi Mirim. A Folha teve acesso a um vídeo que mostra o docente no chão. Em seguida um policial pisa no docente e cacetete e força o cacetete contra o corpo dele”. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/11/1706619-professores-ficam-feridos-durante-confusao-com-pm-em-escola-invadida.shtml> “Polícia usa força para desocupar escola do Jardim Ângela” <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2015/11/policia-usa-forca-para-desocupar-escola-do-jardim-angela-3677/>

outros espaços. As falas enunciavam como cada um havia sido ocupado e se ocupava destas linhas comuns.

- Elaine: Conheci o Sérgio em 2007 em uma apresentação para minha turma de pós-graduação. Ficamos encantados. Em 2011, fui trabalhar pela Prefeitura ao lado da Cooperifa e comecei a frequentar o Sarau. A escola era nova. Era difícil chegar nos meninos. Eles não queriam estar lá. Tinham sido tirados de onde gostavam. Um dia tinha vi um aluno meu aluno no Sarau. Comecei a levar os poemas para a aula e os meninos começaram a se interessar.

Elaine contava que na Mostra da Cooperifa de 2012 seus alunos realizaram um trabalho que incluiu cartas escritas e entregues para Sérgio Vaz na Cooperifa e que naquela ocasião ela ouviu de Mia Couto na laje do Zé Batidão¹³⁶ uma frase que ficou ressoando em seu pensamento “que os professores assassinavam os escritores dentro da escola”. Chamava atenção o olhar sensível desta mulher com quem eu teria dias depois uma longa conversa no Sesc Campo Limpo. Mulher negra, nascida e criada na zona sul e que afirma não trocar a região por nenhum outro lugar. Mulher-negra-educadora que tem enxergado seus alunos e alunas para além da sala de aula, o que tem possibilitado muitos movimentos, entre os quais, tomar a literatura periférica como um dispositivo para conectá-la a seus alunos/alunas e estes/estas as suas vidas desde que mergulhou na educação como sua segunda área de formação:

- Elaine: Quando fui para a educação mergulhei de cabeça, fui lendo Paulo Freire. Assisti um vídeo de Rubem Alves sobre os professores darem sabor as aulas. Pensava: “Se estou achando a escola chata, imagina os alunos”. E ouvia: “sua formação é nova, você é muito revoltada”. Quando vi os textos, a princípio do Sérgio, e outros da literatura periférica, me identifiquei. Levei-os para escola e os meninos se identificaram. Na Prefeitura em 2014, surgiu o trabalho colaborativo autoral, TCA, para criarmos coisas que o aluno investigasse. Meu tema foi a literatura periférica, algo com que me identificava. Passamos seis meses indo ao Sarau e à fábrica de cultura, realizando oficinas de escrita, sarau na escola. Os alunos se apresentaram no Sarau com os poemas que escreveram. Começaram a ler o mundo de outra forma. Hoje continuou o trabalho em outra região. Antônio Cândido disse que a literatura nos torna mais humanos. Está tudo muito mecânico. Levar a literatura periférica para a aula ajuda o menino a se reconhecer. consigo visualizar que os alunos chegam a outros caminhos com a literatura periférica e a Cooperifa é uma grande parceira. Ela subsidia eventos, livros. Não temos na periferia um espaço para levar os alunos onde tenha livros e possam conversar sobre isso. Cada vez é mais necessário sermos uma resistência. E a literatura é a porta [...]

E no encontro que tive com Elaine vários destes movimentos entraram em cena

[...] Ouvi da diretora: “suas notas são muito diferentes. Não tem nota vermelha. Tem coisa errada. Você dá aula de português”. Os alunos podem, conseguem. Tem que fazer sentido. Acho livro didático insuportável. Não chama atenção. Por que, quando trago algo que acham interessante, entendem? Eles se enxergam. Por que trabalhar com Racionais é um ganho? Muitos cresceram ouvindo aquilo, eles se veem. Todo ano faço um trabalho com músicas sobre as mulheres. Positivas e negativas. Trago Roberto, Erasmo, sertanejo, samba, axé, funk. Primeiro apenas ouvem. Depois estudamos as letras. Alguns dizem: “a gente cantando. Não acredito!”. É como você faz, como você enxerga os alunos. É um processo enorme. Educação é um processo político. Se a gente politizar os meninos e as meninas na escola, a gente tem uma guerrilha. Foi o que aconteceu quando a molecada foi para rua e impediu o Alckmin de fazer a reorganização [...].

Marcio Vidal: Estou muito feliz de estar ao lado do Márcio que admiro muito. Ouvir sobre esse trabalho que se confunde com os meus, falarmos de a escola ser um mundo, não só um espaço físico. E feliz de falar com os alunos, alguns meus. Escrevo desde a adolescência. Estudei em escolas estaduais e era proibido usar a biblioteca. Dos onze anos que passei na escola só vi uma apresentação cultural, uma roda de capoeira. E por conta dela passei vinte anos jogando capoeira. A cultura na escola é fundamental porque o estudante precisa experimentar o mundo, para enxergar a realidade e fazer escolhas. Descobri Cooperifa em 2004. Morava no fundão da M’Boi Mirim que não tinha e não tem, asfalto, saneamento, agora chegou energia elétrica. Comecei a recitar em 2006 depois de assistir um show perto de casa organizado pelo MTST com todos da Cooperifa. “Quero participar disso”. Mexia com minha vida e pela

¹³⁶ “Estou saindo do Sarau da Cooperifa, sem sair. É impossível sair desse lugar”
<http://coleccionadoredpedras1.blogspot.com/2012/11/mia-couto-sarau-da-cooperifa.html>

cultura. Onde estiver vou falar da literatura, da Cooperifa, do *rap*. A nossa literatura vem do *hip hop*, do *rap*. Quando levamos esses textos para os alunos eles gostam, alguns já são leitores. A Cooperifa é uma cooperação cultural da periferia, estamos numa Mostra, há pessoas estão se virando, tomando falta [risos] para garantir essa experiência. Tento passar para os alunos que precisamos criar condições para entenderem o mundo, se a escola está abandonada, se não tem merenda, não é por acaso. Gosto de escrever poesia de amor porque a primeira poesia que chegou em mim foi a de Vinicius de Moraes e com ele cheguei ao Pablo Neruda e à Cooperifa. Sempre digo, a Cooperifa faz história no mundo, não existe nenhum movimento, isso é comprovado, que mexeu tanto com a cultura, que colocou literatura diariamente na vida das pessoas quanto ela. Vivemos isso, não temos a isenção para um julgamento. Mas pessoas de muito longe fazem esse julgamento [...]¹³⁷

Com as falas, aparecia um aspecto que constitui a existência dos/das escritores/escritas periféricos problematizados por Marcio em sua dissertação: a experiência.

O que diferencia hoje o escritor periférico do marginal, entre outras, coisas é seu local de fala, o escritor periférico se coloca a partir de sua experiência de vida, mas não apenas isso, seu texto dialoga com determinado público e o escritor da periferia é engajado socialmente. Raro será o escritor da periferia que não faz parte de algum movimento social ou projeto que vise à superação dos problemas cotidianos por meio da literatura. Além disso, os saraus têm um importante papel na formação de novos leitores, uma vez que muitos saraus são realizados em escolas, estimulando assim, o hábito e gosto pela leitura (VIDAL, 2015 p.43)

À medida que Marcio e Elaine partilhavam sobre seus caminhos na educação e na literatura periférica, Marcio Batista trazia os movimentos produzidos na região que potencializaram a denominada cultura periférica. Eles davam a ver algumas portas abertas em suas existências com várias outras. Davam a ver as poéticas de seus agires disputadas dentro e fora da escola. Ao tempo em que contavam sobre seus modos de habitar aquelas *linhas comuns*, ressoava em mim, pela voz de Dona Edite um pouco destas tessituras que também são realizadas por outras mãos, uma destas estavam ali, Marcio Batista.

O professor Marcio Batista me convidou várias vezes para estar na escola e no ano passado me levou para o dia da consciência negra com a professora Jayane. O professor Fábio me levou algumas vezes para o CEU Canto do Amanhecer. Muitas pessoas vão na Cooperifa e me levam para os lugares. Fui convidada para uma entrevista na CBN, o Sesc de Campinas, para encontros realizados pelo Marcelino Freire. Aprendo muito com as pessoas.

Uma tessitura rizomática que expande fazeres e saberes. Uma tessitura que vai enredando muitos corpos. Movimentos que não tem nem começo e nem fim. Movências que se misturam à vida e que possibilitam a experimentação de outros caminhos. Era nessa direção que Marcio Batista seguia na condução do debate

Marcio Batista: Vimos gente chegando e saindo com ideias. E acontecerem saraus com suas especificidades. No início eram três, quatro poetas. Falávamos sobre a história dos poemas, sobre a vida. Hoje não é possível pela quantidade de pessoas que recitam e escrevem. Pergunto: a poesia transforma?

¹³⁷ Entre os estudos que tematizam a Cooperifa em sua relação com a literatura periférica estão a tese de doutorado “É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana” e a dissertação mestrado “Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena” (2006), de Érica Peçanha, que foi publicada pela editora aeroplano com o título “Vozes marginais na literatura” (2009). Outro estudo é a dissertação de mestrado “Cooperifa e a literatura periférica: poetas da periferia e a tradição literária brasileira” (2016) de Márcio Vidal Marinho que compunha este debate da Mostra da Cooperifa. A Cooperifa é um dos movimentos tematizados na obra “Cuidado com os Poetas! Literatura e periferia na cidade são Paulo”, de Lucía Tennina, que buscou traçar diferenciações sobre o conjunto de textos identificados como literatura marginal da periferia visando compreender a heterogeneidade e tensões que compõem tal universo (2017).

Elaine: Consigo ver muitas vidas mudando quando você trabalha com a poesia, com a literatura, porque parece que ficam muito mais interessados, críticos, propensos a fazer as coisas. E muitas vezes se tornam críticos com eles mesmos. Havia uma sala que era considerada muito ruim na minha escola. E quando foram elogiados disseram: “significa que não somos tão ruins assim. Estamos ficando autônomos. Queremos mais esse negócio”. A poesia permite essa transformação. A literatura é a porta.

E um pouco dessas mudanças também foram compartilhadas por Elaine em nossa conversa no Sesc Campo Limpo. Mudanças vivenciadas junto com seus/suas alunos/alunos e nela mesma, a partir dos encontros que segue constituindo

Ano passado, um aluno do 7º ano, que não tinha sido meu aluno, escreveu na autoavaliação que eu conversava muito nas aulas e faltava conteúdo. No final do ano, apresentei a avaliação do governo em que tiveram a melhor porcentagem da escola dos últimos anos 93.75%, sendo que ano anteriores media era 83%. A diretora falou: “não posso quebrar um trabalho desse. Se o resultado cai, eu explico o que?”. Mostrei para eles que discutimos todo o meu planejamento. Este aluno pediu desculpa e explicou que estavam acostumados com professoras que enchiam a lousa, que não conversavam e não terminavam o planejamento. É como como você enxerga, o quanto faz o outro enxergar. Se ele consegue se enxergar e enxergar que o outro é diferente, que não posso avaliar de forma igual. É um processo enorme. Educação é um processo político. Quando cheguei em uma escola em que estou, falaram que só tinha uma excursão cultural por ano. Eu e outra duas professoras que nos tornamos parceiras, achamos estranho. A gente meteu o loco. Fizemos o dia da consciência negra, percebemos a escola muito racista. Ano passado, fizemos trocentas excursões culturais. Fizemos a primeira feira literária da escola chamada “descobrimos as literaturas”, com literatura clássica, contemporânea, literatura, artes e história e literatura periférica. A Periférica não tinha sala e foi para a escola inteira e para Sérgio Vaz. Reproduziram o Sarau. Penduramos minhas camisas da Cooperifa, alguns vestiram, representaram a chuva de livro. Sergio olhou: “Caraca! Tá metendo os pés nas portas”. Esse ano temos mais parceiros porque perderam o medo. Se preparar o terreno, os alunos vão desenvolver. É dar as ferramentas, criar interesse para fazerem.

Assim, conheci um pouco mais das delicadas tessituras produzidas

Tenho um menino que quando cheguei na escola falaram: “Cuidado com ele. Já reprovou. Não dá nada, é burro. Só tem que passar”. Eu não gosto dessa definição. Observei bastante. Ele é estourado. Tem dificuldade enorme. Concentração, aprendizagem, mas consegue fazer. Fui trabalhando. Ano retrasado conseguiu uma melhoradinha. Ano passado conheceu a literatura, os poemas do Sergio. Ele leu o livro, se aplicou muito mais, fez o teatro. Os professores elogiaram. No final do ano eu chorei. Ele chegou numa felicidade com a prova de geografia: Tirei 7,5 e a professora me elogiou dizendo que fechei sem recuperação e que vai falar para minha mãe”. Perguntei: “acha que aconteceu por quê?”. E ele disse: “por tua causa”. Respondi: “Não”. E falou: “porque foi você que olhou para mim. Se não tivesse olhado, não tinha acontecido. Eu ia continuar fazendo o que fazia. Quando eu fico bravo você me chama: ‘por favor, olha o que está fazendo’. Eu entendo que estou fazendo besteira. A minha mãe pegou meu caderno e disse que está feliz”. Eu explodo de alegria com meus alunos. E a literatura periférica me abriu muitas portas, me fez descobrir muitas coisas, fez com que eu me descobrisse enquanto escritora, que eu posso fazer. A periférica e a negra estão lado a lado. É falar das dores, o que sente, retratar as mazelas, trazer muito à tona o que é viver aqui, mas também trazer a beleza do que é viver aqui. É eu não troco aqui, né? Viver aqui ainda é construir parte da história, fazer a diferença que precisa ser feita aqui.

E Marcio Vidal seguia na Mostra

Marcio Vidal: Se não fosse a cultura na escola, não teríamos Titãs, Ira, Sepultura. Hoje vários poetas e poetisas saem da escola para os saraus e slams, virando MCs. A escola está tão endurecida que não permite que isso aconteça. Achava que ia ser cantor de rock [risos]. Queria fazer parte da arte. Eu escrevia poesia e não sabia escrever música. Sempre tive que trabalhar e não pude me dedicar a cultura. A literatura transformou minha vida e a Cooperifa é a prova que tem transformado muitas vidas. A poesia mudou minha vida. Eu me descobri nas letras por causa da literatura. O poema deixa a gente livre. Todo mundo que aprende a ler poesia se transforma.

O debate já se encaminhava para o final: “Pegando duas palavras que os dois citaram e que temos dito todos os dias, *cultura* e *resistência*, como a poesia pode ser um instrumento de resistência contra a violência?”, dizia Marcio Batista.

Elaine: Trabalhei cinco anos no Jardim São Luís e vi muito meninos serem salvos pela poesia. Muitos envolvidos com o tráfico e que ao se envolverem com a poesia e a literatura foram fazer outra coisa. Hoje vi a foto de um como subchefe de hotel. Recebemos a notícia de morte de um dos meninos que participou do meu projeto do TCA e um dia depois do enterro um dos meninos me escreveu: “senti necessidade de agradecer hoje, porque sou pai, sustento minha família. Sei que consigo porque hoje leio, escrevo, porque em algum momento a poesia me salvou”. Tenho visto muitos jovens resistindo por conta da poesia. Pensando nas últimas eleições, fiquei muito feliz porque vários dois meus alunos estavam do lado certo da história. Só entenderam porque leram. A literatura salvou. Aplausos.

Marcio Vidal: Existir literatura e arte é resistência. As livrarias estão fechando, as pessoas não compram livros. Maior resistência é garantir que formemos leitores. Pensando na poesia contra a violência: que violência é essa? Não é só a de arma de fogo, é uma violência da dignidade. Quando pessoas passam a vida inteira em um espaço em que nada é oferecido, a dignidade dela está sendo rompida, negada. A arte é uma necessidade humana. Queremos sempre ter alguma coisa que nos tire do lugar, que nos mova, que nos faça refletir. O principal objetivo nosso enquanto artista da periferia é garantir que as pessoas não deixem de ler. Aí sim a leitura que vai emancipar as pessoas

O encontro agenciava algumas questões da plateia

Marcio Batista: A Cooperifa existe há 17 anos, fez muitas coisas, entrou nas escolas e o contrário também. Avancamos com a literatura periférica, com a cultura de resistência, também pensando nas discussões da negritude do debate anterior, pergunto: com “a escola sem partido”, o novo presidente, como vai ser a resistência?

Elaine: Para me calar vai ter que me matar. Estou amparada por lei. Na escola estadual em que trabalho alguns alunos depois da eleição, começaram a botar mangas de fora. É fácil acabar, o preparo deles é em *facebook*.

Marcio Vidal: Penso que será continuidade. Nosso trabalho é reconhecido pelos alunos. Falta afinar alguns discursos, retomar a empatia dos professores, alunos e escolas com a sociedade. Passando ou não o projeto, enfrentaremos o que vier. Um adendo. Tenho alunos aqui conscientes que não vale nota: “quem quer viver uma experiência diferente, aproveitar a cidade?” É mostrar que o bairro não é só Jardim Ibirapuera.

E Carlos Giannazi falava no palco próximo de Elaine

Boa tarde a todos e todas, quero parabenizar os escritores, poetas e sobretudo, professores e professoras. Há uma relação muito grande das escolas públicas e os saraus, muitos inspirados na Cooperifa que detonou movimentos culturais em São Paulo e no Brasil. Nós que acompanhamos, percebemos que o magistério vem participando ativamente da construção dos saraus e em todos, praticamente, há professores da rede pública. Faremos muita resistência contra o “escola sem partido”. O ato aqui de hoje é uma resistência. Lembro que nos anos 70, 80 e 90, vejo muito amigos aqui, tínhamos dois equipamentos de cultura, a biblioteca e o teatro Paulo Eró que atendiam Cidade Ademar, Campo Limpo, Capão Redondo, Marsillac, Parelheiros. Avancamos, temos esse teatro do CEU, um oásis, mas as coisas estão muito aquém. Além de alguns equipamentos, temos esses saraus que são centros de resistência que não existiam nos anos 60, 70 e 90.

Marcio Batista anuncia que o encontro será encerrado com poesia e novamente convida a todos para a apresentação de Jairo Periafricana, rapper, poeta e também integrante da Cooperifa.

E, na companhia de Paulo Freire, Elaine dizia: *“é preciso ter esperança. Mas esperança do verbo esperar, porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. Esperança do verbo esperar não é esperança. É espera. Esperançar é se levantar. Esperançar é ir atrás. Esperançar é construir. Esperançar é não desistir. Esperançar é levar adiante. Esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo”*.

Márcio enunciava que recitaria o poema “Vida do leiteiro à Carlos Drummond de Andrade” que estaria em seu próximo livro

Há no país alguns que recém o leite
 Outros correm atrás do prejuízo
 Noites mal dormidas porque é preciso entrega-lo cedo
 Há uma legenda no país
 Bandido bom é bandido morto
 Então Rafael que faz bico de leiteiro
 Adia seu sonho de ser professor e sai correndo pela
 madrugada
 Para entregar o leite às pessoas de bem
 Já são sete anos nesse trabalho
 Com uma carga de horário puxada
 Não tem tempo para os estudos
 Seus pais lhe encorajam todas as manhãs para que
 não desista
 “Deus proverá” diz sua mãe
 Os que aguardando o leite em seus sonhos
 logo estarão prontos para o dia a dia
 Rafael pensa nas irmãs pequenas,
 não quer que tenham a vida como a dele
 Quer que elas estudem, mas não pode pagar
 Há poucas escolas no país
 Vivem longe do Centro, na periferia
 Na rua ____ sem asfalto, sem saneamento básico
 Gosta de rodas de samba,
 nas quais aos 21 anos já é tido como bamba
 vai ensaiando alguns passos enquanto deixa o
 produto à beira das casas
 E como o leite é pouco, mas as casas são muitas
 Vai de casa em casa, corredor em corredor,
 uma travessa de vez em quando
 Silenciosamente deposita o leite, passa quase despercebido
 Sua pele o camufla na noite
 Pisa tão leve que seus pés parecem flutuar

Rafael, o leiteiro, caminhando pela madrugada mais flutua do
 que anda
 Algum barulho sempre acontece
 O cão da casa do portão da casa de madeira que é aberto
 em intervalos
 Ou o gato quizilento que se esconde debaixo do automóvel
 Alguém sempre revira na cama
 Jorge era comerciante
 Mal dormia por conata de rumores de assalto na região
 O revólver há muito aguardava o momento de sair da gaveta
 Bandido? Bom é quando está morto
 Os tiros na madrugada liquidaram Rafael
 Não tinha namorada, mas paquerava muito nas rodas de samba
 Virgem não era desde os 15
 Rapaz jovem cheio de sonhos
 Seria professor de português e compositor de sambas
 inesquecíveis
 Cedo demais para morrer
 Jorge repara que fora o leiteiro
 E se desespera: Meu Deus, matei um inocente!
 Arma nas mãos de gente de bem também mata trabalhador
 A vizinhança se assusta com a tentativa de assalto
 Somente Jorge defende o pobre rapaz no chão
 “um engano, este é filho de Meu Pai, Nosso Senhor!”
 A propriedade está salva
 Alguns desconfiam: “o que fazia o leiteiro a essa hora?”
 Rafael já não ouve ninguém
 Alguém ficará sem o leite
 Seus objetos de trabalho se espalham pela rua
 Latas reviradas e latas estilhaçadas
 Seu sangue escorre, se mistura entre a noite e o dia
 Formando um amanhecer sombrio
 Que perdurará na casa de Rafael mais do que uma triste aurora

Com Música e Poesia

Segunda-feira de outono. O relógio já marcava 08h43. Caminhava apressada pelo corredor da estação Jabaquara do metrô, que naquele momento parecia bem mais longo do que é. Segui apressada para o ponto de ônibus. O sol já brilhava forte e o calor já se pronunciava. Enquanto esperava o ônibus, abriguei-me em um dos poucos lugares que restavam do ponto. Logo veio a peruinha. O trajeto foi curto. Em poucos minutos estava caminhando apressadamente ao lado do muro colorido da escola em que Marcio Vidal realizaria um dos bate papos para os quais eu seguia sendo convidada. Pelo celular, eu recebia com frequência convites para os encontros nas escolas e em outros espaços e ainda reportagens, vídeos, áudios de poesias (como “lua e sol” que ativou ideias sobre *o não mexe comigo que eu não ando só*) que diziam de sua relação com a literatura periférica. Na porta da escola, por detrás da grade, falava a um funcionário onde iria. À medida que caminhava para o refeitório, ouvia acordes de guitarra e algumas vozes testando o microfone. Passei ao lado do local onde o grupo terminava sua preparação, atrás de uma grande cortina vermelha. Desci o pequeno lance de escadas do espaço e logo vi muitas cadeiras à espera das crianças. Fiquei na dúvida se elas eram só para as crianças. Sentei na última fileira.

De lá, fiquei observando um funcionário pedir para que adolescentes fossem para a sala de aula. E lembrava como os recreios eram tão mais curtos que nossa vontade. A cortina vermelha dava o tom de teatro ao ambiente. De onde estava entrevia alguns movimentos no palco por uma pequena fresta na cortina. Aos poucos as crianças foram chegando, cada uma segurando nos ombros de quem estava à frente, acompanhadas pelas professoras das respectivas turmas. Sentada via as crianças serem constantemente interpeladas para que ficassem “quietinhas” e “comportadas” por algumas professoras, que seguiam em pé na lateral das cadeiras. E não demorou as crianças começaram a falar ao som de palmas: “*começa! começa! começa!*”. E o pedido foi se avolumando. Uma pequena insurreição. Logo Marcio apareceria detrás da cortina explicando aos pequenos insurretos que pareciam já não suportar a espera pelo encontro, que o grupo estava à espera de outra turma. “*Começa! começa! começa!*”.

A outra turma chegou. As crianças estavam eufóricas. Na cadeira eu as via da mesma altura. E dali vi várias crianças passando sorrindo, alegremente agoniadas para encontrar o melhor lugar. Lembro de um garoto que passou colado em mim gargalhando. Aquele garoto de quem não sabia o nome, a idade, o que gosta, com quem mora, se tem cachorro, o que pensa, logo se misturou rapidamente à multidão de crianças que passava. Um breve e alegre encontro. Tempo suficiente para que ficasse com o efeito de sua presença, que provocava a sensação de estar vivendo uma alegre invasão. Dos encontros que não é possível colocar em palavras. Um contagiante falatório pré-encontro tomava conta do ambiente. E nos primeiros acordes da guitarra e da bateria, uma gritaria. As cortinas se abriram: “*Procurando bem eu sei que tem, no início do amor eu vejo aaaaaa/ Procurando bem eu sei que tem, no pé do café eu vejo ééééé/ Procurando bem eu sei que tem no fim do Piauí eu vejo ííííí/ Procurando bem eu sei que tem, nas pontas do ovo eu vejo oooooo/ Procurando bem eu sei que tem, No meio da lua eu vejo uuuuu/ Aaaaa Éeeee éeeeeee Iiiiiii Oooo Uuuuuu*”.

Figura 62: apresentação do Grupo Trii no encontro “Com música e poesia”

Aquelas pequenas existências vibravam. Ao som da melodia contagiante, cada vogal se fazia e se refazia naqueles corpinhos, na presença da cantora que dava o tom da coreografia, como outras que

aconteceram durante o encontro. Fiquei pensando qual seria a visão do palco daquele mar de crianças que eu sentia bem de perto. *Corpos-acontecimentos-dançantes!* Bem próximo de mim, uma professora mantinha a postura ereta, com braços estendidos à frente do corpo. Mantinha o olhar nas crianças e acompanhava o ritmo da música com sutis movimentos de cabeça. Não sorria. O olhar que ela lançava para as crianças era incômodo, assim como a atitude de outra professora que trouxe uma garota pelo braço, isolando-a em uma cadeira por estar “perturbando”, como dizia à menina, visivelmente envergonhada. Difícil esquecer a expressão daquela criança diante dos olhares que recebia. Enquanto isso, outras três professoras faziam de seus corpos vogais, assim como uma senhora do outro lado do espaço, que vivenciava intensamente cada gesto com as crianças. Ao seu lado, um senhor observava a coreografia e logo vivenciou a música com palmas junto com as crianças perto da parede onde ambos estavam e que seria ocupada por muitas gentes até o final do encontro. A cada música mais coreografias. Volta e meia, crianças eram repreendidas com olhares e gestos para que permanecessem sentadas por aquela professora que seguia na mesma posição. *“Por que aquelas crianças tinham que viver aquele momento ‘sentadinhas’ e ‘comportadas’, pois ao menor sinal de comportamentos fora “da normalidade” seus corpos eram atravessados por reprimendas?”*, era o que me passava.

Em uma das pausas para conversar com as crianças, a questão partilhada por Marcio sobre o motivo de propor encontros como aqueles entraria na cena ao perguntar quantos ali tinham tido a oportunidade de encontrar com artistas na escola: “o objetivo é esse principalmente porque temos pouca oportunidade de viver isso”. E logo ele diria: *“quem quiser, pode sentar aqui na frente”*. Aquela foi a senha para que algumas crianças ficassem mais livres. Várias saíram de suas cadeiras, algumas sentaram na escada, outras dançaram juntas, outras ainda pulavam sem parar a cada música. Simples assim... e dali em diante, sorrisos, saltos, rodopios e crianças espalhadas pela escada do espaço. Sentada, olhava para algumas produções expostas. Ao final do encontro, li nas legendas: *“Máscaras Africanas. 6º ano A e B. Aproximando-se da Cultura Tradicional Africana. As máscaras lançam desafios: será feia? Será bela? Será jovem? Será velha? É deste mundo? É de outros mundos?”*.

Figura 63: Trabalhos expostos de crianças do 6º ano sobre máscaras africanas expostos no refeitório.

Voltava no ônibus pensando na vida e nos efeitos na vida daquelas crianças da experiência que viveram. O que contariam? Para quem contariam? Como as afecções delas seriam recebidas por seus/suas cuidadores/cuidadoras e familiares? Pensava na potência de experiências como aquela para a construção de encontros com elas mesmas e com o outro/a outra dentro e fora da escola. Elas se tocaram; dançaram juntas; decidiram até certo ponto onde queriam ficar; ouviram e experimentaram *beatbox* com Marcio; fizeram perguntas ao microfone; sentiram olhares e atos de repressão; viram professores cantando e dançando as coreografias que elas também estavam fazendo; conversaram com os músicos e a cantora após o encontro; quando pediram e deram autógrafos; tiraram fotos com os/as artistas e com seus amigos e professores; experimentaram a arte a partir de movimentos de um professor-poeta-escritor-militante. Conversando com a cantora, ela contou que Marcio havia ligado para eles convidando-os para uma primeira aproximação com aquela escola, que talvez acontecesse em breve ao longo de um dia inteiro, conforme Marcio contava ao explicar sobre um financiamento que havia recebido. Via e sentia uma presença, uma mobilização pelo encontro que habitava os músicos e a cantora, Marcio, as crianças e professoras. Um comum. O que podem a música e poesia que não param na escola?

Mais Música e Poesia

Seguia de ônibus pela estrada de M'Boi Mirim. Naquele dia aconteceria mais um encontro promovido por Marcio entre a comunidade de uma escola da zona sul com um artista da música. Desta vez a convidada seria a cantora Marina Lima. Olhando pela janela do ônibus aquele trajeto tão familiar da M'Boi Mirim, lembrava de minha pergunta para Marcio sobre como ele convidava os/as artistas para estarem na escola. Ele respondeu que muitos ele não conhecia e que enviava uma mensagem por uma rede social. Simples assim novamente. De convite em convite, muitos encontros foram tecidos nestes últimos anos nas escolas, alguns dos quais extrapolaram para a vida de Marcio. Dos encontros que produzem amizades.

Naquela tarde meu destino era uma escola de ensino fundamental no Jardim Angela. Sinal fechado. O ônibus parou em frente ao ponto de concentração do ato periferia resiste para o qual fui com Edna. Como das inúmeras outras vezes que passei por ali era difícil não lembrar daquela experiência: o ato contra a violência sofrida por professores e servidores em frente à câmara municipal de São Paulo e contra a execução de Marielle Franco. Um momento marcante de minhas andanças e que seguia vívido em mim.

Quando desci do ônibus, a tarde já havia se tornado noite. Atravessei a M'Boi e subi a rua que estava animada. Muitos jovens conversavam. Após uma curta caminhada cheguei à escola. Na entrada cartazes do encontro que eu havia recebido de Marcio compunham um arranjo colorido na parede. Logo

encontrei Cocão Avoz no local onde ocorreria o encontro que me cumprimentou com um abraço. O local estava arrumado com muitas cadeiras à espera dos convidados. No microfone era anunciado que o jantar seria servido e só depois o encontro começaria. Aos poucos todos foram se acomodando para jantar nas mesas arrumadas na quadra de esportes.

Figura 64: Participantes na quadra de esportes antes do início do encontro.

Enquanto esperava, me acomodei na primeira fileira. O ambiente estava animado. Ao fundo *black music*, Tim Maia, Jorge Bem Jor, Racionais. O local seguia sendo ocupado. Logo eu conheceria alguns dos convidados, um senhor e uma senhora que eram casados e um moço. Este me contou como havia retomado os estudos e que os três faziam parte da EJA. Não demorou e o casal também entrou na conversa. Naquele momento supus que o encontro seria com integrantes da EJA.

Márcio começava agradecendo à diretora da escola, ao DJ Adilson Catatau e a Fábrica de Cultura do Jardim São Luiz que viabilizou a estrutura para o encontro. A ideia é trazer o artista para que desmistifiquem o olhar para essa figura que só veem na televisão. É aproximar o artista da comunidade com um bate papo descontraído para continuar levando a cultura para as escolas. No bate papo um pouco da vida e de uma longa trajetória artística.

- Marina: Fiz uma audição tocando e cantando, nunca vou esquecer, o cara disse “para uma mulher você toca violão bem demais”. As mulheres perceberam que temos que nos unir. Já é difícil ser mulher, uma contra a outra não vamos a lugar nenhum. Tive a sorte de ter um irmão que é um grande poeta e que fazia letras pra mim. Por ele também ter morado fora, sentia que havia um preconceito em relação ao que não fosse tipicamente brasileiro. Fizemos um manifesto do disco Fugaz, foi um escândalo danado. No Brasil se não lutar contra a carece, não consegue seguir. E até por ser um país pobre, sempre tem gente esquisita, de direita, moralista querendo diminuir seu espaço de sua atuação. É importante você se colocar, mostrar o que quer mostrar. Nós não somos gado! Somos talentosíssimos e com poucas chances em quase todas as áreas. Tem que inovar, apostar e às vezes meter o pé na porta. Nos anos 80 como mulher tive que meter o pé na porta, não queria me submeter. Fui vista como difícil [...]

- Marcio: na história do mundo os manifestos são muito relevantes, a começar pelo mais famoso, o Manifesto Comunista. No Brasil há muitos como o da Antropofagia de Oswald de Andrade e que deu norte para uma arte que dominou todo o século. Tivemos também...

- Marina: o Tropicalista... na poesia

- Marcio: dadaísmo, cubismo. Em 2007 um famoso para nós foi escrito por Sérgio Vaz, o Manifesto da Antropofagia Periférica, que dialoga com Oswald. E o fugaz, Marina falou, vai defender uma posição, o lugar da música...

- Marina: É, as pessoas que trabalham com a arte sentem como se tivesse uma espécie de superioridade. Isso não existe. Talento, a arte, está na periferia, em todo lugar [...] você viaja o Brasil e vê que em alguns lugares não tem mais escola. É a igreja só. Ela ensina valores, mas não pode substituir a escola. A inspiração artística fica limitada à doutrina. A arte não faz parte disso. Precisa haver escola para dar um alicerce para descobrir o que quer ser [...]

O papo seguia. *“Uma das razões pela qual trazemos esse bate papo com artistas para a quebrada, além de aproximá-lo das pessoas, tem a ver com a minha história de vida que se confunde com a maioria das pessoas aqui”*, dizia Marcio. E um dos pontos que me chamou muita atenção na fala dele na Mostra da Cooperifa foi trazido novamente à cena: *“Passamos onze anos na escola e me lembro destes onze anos que única apresentação cultural que vi na minha vida foi uma roda de capoeira e por conta disso fiquei vinte anos fazendo capoeira”*. *“Claro, foi um estímulo”*. E seguia: *“Então vejo o quanto é importante a cultura dentro da escola e as pessoas terem oportunidade de ter contato e conviver com as mais variadas manifestações culturais”*

- Marcio: Algum poema que te inspirou, falo como poeta, um texto que escreveu que goste muito?

- Marina: Sempre gostei muito de poesia. Morava no exterior e meus pais me deram o violão para eu parar de reclamar porque queria voltar para o Brasil, uma criança solitária. Não gostava nos Estados Unidos. Era uma gente careta, de direita, horrorosa. O poeta que mais li é o Drummond. Conhecem? Temos uma música, *Virgem*, influenciada por um poema dele. Fala [recita]: “as coisas não precisam de você, quem disse que eu tinha que precisar. As luzes brilham no Vidigal e não precisam de você” [Marina era aplaudida]. E tem outra *Pra começar*, ela até hoje me pega [recita] “pra começar quem vai colar os tais caquinhos do velho mundo”. Quem é que quer colar caquinho do velho mundo??? [Márcio assentia] “Pátria, família, religião e preconceito, quebrou, não tem mais jeito. Se tudo caiu. Que tudo caia, pois tudo raia [faz gesto com força] porque o mundo pode ser seu”.

Marina bebia água: *“enquanto você se refresca vou fazer uma pausa poética e vou recitar um poema”*, dizia Márcio”. *“Ahhh que legal!”*, exclamava uma moça ao meu lado”. Marina sorria pondo o copo de água na cadeira. *“Vou fazer um poema de amor”*. *“Aaaah!”*, reagia a plateia. *“É um bom momento. Estamos precisando disso!”*, dizia Marina ao lado de Márcio. Lembrei, entre vários momentos que vi Márcio recitar poemas de amor, do bate papo com estudantes na faculdade em que se formou, no qual era um dos convidados junto com Sérgio Vaz. Será que recitaria do mesmo modo? E ele o fez.

Figura 65: Marcio recitando “O que odeio” de seu livro “Posso escrever os versos mais lindos esta noite”.

Marina chamava para a conversa: *“eu vim aqui para me comunicar, para estar perto. É o que quero fazer. Não tem que ser uma pergunta profunda. Se tiver vontade, pergunte!”* E seguia dizendo que os cds trazidos seriam ofertados a quem fizesse uma pergunta. E várias questões foram feitas sobre a carreira, a vida, a cultura, o contexto político: *“O governo quer tirar matéria como filosofia e sociologia que englobam a liberdade de expressão, qual sua visão?”*, *“Você tem filhos?”*, *“A gente tem a noção de que a música dos anos 80 era melhor que a de hoje, pode falar sobre isso?”*, *“Uma honra ter você aqui, tento ser compositora, faço parte do coletivo samba da vela e tenho um coletivo de mulheres, o ‘samba delas’, de musicistas do Capão Redondo, você falando de cultura brasileira e nos honra vir aqui artista filando com tanto amor e cuidado do povo brasileiro, queria que falasse de sua relação com samba”*; *“Você acabou de falar que fez vários shows na periferia e esse formato de conversa foi uma constante, como iniciou, faz parte do seu trabalho?”*

O encontro também contou com outra participação poética: *“Marina, tem um rapper aqui da região que é o Cocão Avoz e ele gostaria de recitar uma poesia. Venha Cocão”*, dizia Marcio sorrindo. Palmas explodiram para ele. *“Que honra, bem-vindo”*, dizia Marina estendendo a mão no alto para Cocão. Encontro de mãos, encontro de corpos. Após um abraço, Cocão cumprimenta a todos com um “boa noite” ao microfone que logo é devolvido a Marcio. *“E ela?...”*. Na primeira frase pensei na beleza que se faria com Cocão e sua poesia “A diarista”. Um arrebatamento a cada recitar.

Figura 66: Cocão Avoz recitando “A Diarista”.

“Parabéns! Lindo, lindo!!!”, exclamava Marina. “Você sabe que o primeiro disco de Racionais, lançaram agora um livro com “Sobrevivendo no inferno” em forma de letras, como se fossem poesias. É lindo. Eu acho incrível o rap. São como repentes do Nordeste. Parabéns, viu”, dizia Marina para Cocão após abraça-lo novamente. A conversa seguiu.

“Ainda temos vários cds e são cinco escolas, a gente não vai ter mais tempo para outras perguntas e a gente poder dividir...”. A plateia reagia. “Eu não mando, se puder, eu posso ficar”, respondia ela. a galera aplaudia. Acho que é legal também para quem quiser tirar uma foto e essas escolas tem que ir embora”. E Marina respondia: “sinceramente entre tirar foto e conversar, eu prefiro conversar”. É que a questão maior é que algumas escolas vêm de longe, do Aeroporto, da Vila Mascote. Tem escola do Jardim São Luiz”. “Você me falou de um lugar aqui perto que tem oficinas...”. “Vamos conversar, quem sabe a gente não faz um show lá. Venho com minha banda. Minha produtora está ali”. O coordenador da Fábrica de Cultura do Jardim São Luiz contava sobre as atividades desenvolvidas, convidando a todos para conhecer o espaço: “não tem restrição. É só chegar a casa é nossa!”

“Canta, canta, canta!!!”, pediam os participantes do encontro. “Não tem mais tempo mesmo? Bom, espero que esse pouco tempo que estive aqui, foi pouco, demorei mais para chegar que fiquei, seja de alguma maneira um estímulo para pessoas que gostem de música, tenham vontade de tentar alguma coisa. Minha história foi assim. Comecei a estudar violão, mandei uma fita para uma gravadora, fiz uma audição, fui contratada. Espero que tenha estimulado um pouco vocês”. “Dá uma palhinha!”, pedia um senhor. “Não gosto assim. Prefiro fazer um show aqui perto. Dar um show bonito para vocês!”

Uma aglomeração em frente ao palco aconteceu. Vários tentavam fotografar Marina ainda no palco e também serem fotografados com ela “*Podemos fazer uma foto coletiva?*”, perguntava Marcio ao microfone. O encontro havia acabado. Daquela noite....

O que ecoa de outras territorialidades?

Sentada na terceira fileira, ouvia Claudio Miranda falar no encontro “Expressões de Corpos Periféricos na Cidade - Sons que Ecoam das Periferias”, que contava com também contava a participação do DJ KL Jay, da cantora Karol Conka e do professor Acauam Oliveira. Aquele era o último momento de um ciclo de encontro denominado de Centralidades Periféricas, construído pela cátedra Olavo Setúbal do Instituto de Estudos Avançados da USP. Marcio Vidal também compôs a roda como um dos construtores do ciclo, que já havia tematizado os campos da literatura, artes visuais, cinema, teatro e dança. Como destacado na ocasião pela pesquisadora Eliana Souza da Silva, coordenadora do projeto Redes da Maré e do Centralidades Periféricas, a ideia era produzir uma provocação no sentido de estabelecer conversas com artistas que estão na periferia e com os quais a universidade não dialoga, afim de produzir outras aproximações ¹³⁸.

Me sinto honrado de estar nesse lugar. Sou Claudio, casado com Ellen também musicista. Venho do Jardim Ângela, vivo lá até hoje. Faço música há trinta anos. Comecei com uma banda de samba rock. Esse é um caminho que vem do meu pai, músico, do Nordeste. E ele me fez uma pergunta com nove anos: o que gostaria de fazer? Esse senso de liberdade poucas pessoas têm. Meu pai ofereceu para mim, meu irmão e irmãs uma oportunidade de sonhar. Entrei para o mundo do samba e montamos uma banda, Poesia Samba Soul, em 1989 no fundão do Jardim Ângela, rua de terra. Fomos percebendo que a necessidade de ser músico também era de muitos na comunidade. Meu pai ofereceu a casa dele para darmos aula de música. Ele doou a casa para fazermos o estúdio e foi morar num espaço menorzinho. Atendíamos quase 200 músicos por mês sem cobrar nada, uma questão colaborativa mesmo. Começamos um movimento de samba e um projeto que tem até hoje, o Samba na 2. Em 2009 recebi um chamado para uma Ecovila em Tamera, Portugal. Nem sabia o que ia fazer lá. Era uma questão de intuição, inclusive têm duas pessoas hoje aqui de lá. Vejo outro mundo. Uma comunidade com sistema de painel solar, de biogás, alimentação vegana-vegetariana. Desde 2009 fizemos mais de 40 viagens. Isso transformou nossa vida porque percebemos que tem sempre turmas querendo mudar o mundo, o seu entorno. Isso fortaleceu muito a gente. Meu irmão virou um desenvolvedor de tecnologia sustentáveis, hoje ele dá aula na USP Leste, não tem formação, criou o primeiro sistema de biogás numa favela de São Paulo. Criamos um estúdio de música, uma cozinha vegetariana-vegana que Ellen toca na comunidade conversando com mães e avós de como criar uma alimentação mais saudável [...].

Ao meu lado, um grupo de dois jovens e uma jovem ouviam animados a fala de Claudio: “*eu quero conhecer esse lugar, por favor!*”, dizia a moça. E encerrando Claudio falava:

¹³⁸ Eliana destacou ainda duas outras iniciativas relacionadas à cátedra: três pesquisas em comunidades no entorno da USP realizadas por vinte e oito bolsistas de graduação, mestrado, doutorado e pós doutorado com o propósito de produzir informações para os movimentos sociais destas comunidade e ao favorecer a aproximação da USP com considerando o propósito de conhecer o perfil população, que inclui as condições ambientais, de saúde e a produção cultural dessas comunidades. E a terceira iniciativa é a construção de uma plataforma virtual que possibilite identificar a produção na USP voltada para a periferia incluindo dissertações, teses, projetos de pesquisa, entender quais os pesquisadores, professores e faculdades realizam tais produções e ampliar o acesso ao conhecimento produzido.

Começamos a ver parceiros fazendo coisas no mundo inteiro. Vejo aqui o Leo e Leal do projeto C de Cultura que fazem essa ponte também. Começamos ser parte de uma rede sem que a gente pudesse ver, de forma orgânica. A gente queria ser famoso com a banda e isso criava uma perspectiva e frustração. E criamos um Instinto chamado Favela da Paz que está conectado a projetos e ecovilas do mundo inteiro. Volto no meu pai. O que posso fazer com valores e princípios que favoreçam a humanidade? Uma reflexão é que pisamos a mesma terra. Não interesse se negro, branco, da favela. Já atuamos com a USP fazendo esse trabalho, mas como o KL Jay falou sentimos falta de a USP ir nesses lugares. A gente faz essa conexão porque surgem coisas ali a partir de uma vivência, ela não é muito teórica, mas quando a gente começar a usar essa vivência com a teoria talvez a gente crie espaços e coisas diferentes. Nós precisamos nos curar e não o planeta [...].

Figura 67: Claudio Miranda no Centralidade Periféricas.

Naquela tarde Claudio partilhava parte da conversa que tivemos em minha primeira ida ao Favela da Paz. Conversa que naquela manhã acontecia ao som do piano tocado por um dos filhos de Claudio no espaço onde também acontecem os encontros do Projeto Vegearte.

[...] Começamos a viajar o mundo, contando nossa história. Estamos ligados a ecovilas, organizações e projetos sociais em várias partes do mundo, não apenas aqui. Fomos à Palestina, Colômbia, Estados Unidos, México, Europa. Cada um faz parte de um projeto e se conecta a uma rede que não está em um lugar. Não temos planejamento. Acordamos todo dia e fazemos o que precisa. Se precisa varrer o chão, lavar louça, fazer reunião, ir à Amazônia, a gente faz. Vivemos o fluxo [...] temos parcerias com o “coachs do bem” e o “líderes empreendedores” que junta executivos, lideranças comunitárias e músicos num programa de oito dias de autoconhecimento em vários ciclos. Todos aqui já participaram destes projetos várias vezes. As pessoas perdem muito tempo analisando o outro e não se autoanalisam. Fazer isso aumenta a confiança e o amor. Tenho sido chamado para falar sobre essa vida compartilhada, essa forma de servir que não pede algo em troca, de estar disponível para o outro. Estou músico, pedreiro, pintor. Não gosto de títulos, eles limitam como ser humano. É ter afetividade e transparência com o que está sendo feito. Estamos abrindo uma ponte dessa troca de cultura que acontece na quebrada. Nessa casa moram seis famílias e vivemos essa vida compartilhada. Percebemos, por exemplo, que se tivéssemos salário, hierarquias, seria limitante para esse aprendizado. Não existe minha vida lá fora e aqui dentro. Todos os desafios e problemas são compartilhados juntos [...]

Durante a longa conversa com Claudio e com integrantes do Instituto sentia um pouco da ambiência e das relações que ele partilhava sobre um *estar e fazer* junto que se ocupa das questões do outro, incluindo os projetos de energia energias renováveis e o primeiro espaço autosustentável de educação livre com atividades de educação e cultural para a comunidade como ele contava no *Centralidades Periféricas*. Uma ambiência naquela Casa-Instituto que só pode ser vivida, não descrita.

[...] fazer o hostel aqui, que já recebemos muita gente, vem disso. Os projetos surgem aqui por uma necessidade. É de existir um espaço para as pessoas se organizarem entre elas na comunidade. Os valores do mundo estão mudando e trabalho não vai mais existir, vai sobrar é quem somos em nossa forma melhor de ser e só aprendemos isso em comunidade. O Jardim Ângela é uma potência enorme. Saiu do bairro mais violento do mundo e está virando uma referência. Levo isso para o mundo, o que a mídia não mostra. Falo em muitas palestras das belezas do Jardim Ângela que ninguém vê. Esse lugar está em mudança todos os dias. Tentamos fazer o máximo para as pessoas serem visíveis como fizemos com as cantoras do samba. Quando olhamos um problema como desafio é um aprendizado. Estive da favela num campo de refugiados, entrei na floresta com Asfarc, sem medo, porque aqui aprendemos a lidar com o outro. [...] venho família de negro e índio, meus pais são os precursores desta coletividade. Quando tinha nove anos meu pai perguntou o que que queria ser e disse que queria ser músico. Qual pai fala isso filho no lugar mais violento do mundo? Antes era muito difícil. A pior coisa que já vi na minha ida foi ver um ser tirando a vida do outro. Vi isso dos 7 aos 25 anos muitas vezes. Precisei passar por esse processo. Onde tenho andado vejo que economia e política não servem mais para ser humano, não funcionam mais. E vejo jovens tomando conta e vindo com outras ideias. Vivendo e criando outras sabedorias [...] O preconceito não vem porque sou negro ou filho de índio, ele vem do lugar. E a economia e o poder são usados para manipular. Existe um valor muito grande em viver aqui. Vou para qualquer lugar do mundo que me mandar porque o que vivenciei aqui me faz ser forte em qualquer lugar [...]

A conversa naquela tarde no IEA seguia com várias falas, não apenas dos convidados. Pulsava ali uma energia sobre a instauração de outros movimentos, de outras ocupações, de outras escutas e fazeres no espaço da universidade, vinda daqueles e daquelas que já cultivam outros movimentos a partir denominada cultura na periferia, afim de que os conhecimentos produzidos possam ser *incorporados*, possam *estar no corpo* dos/das que habitam a universidade, de diferentes modos. Desterritorializações e instaurações urgentes em vários nós. E aquele encontro seria encerrado por mais uma *ocupação*.

Pick ups prontas. Cortinas elevadas. O verde se instalava no ambiente, assim como os olhares de quem seguia trabalhando nas salas próximas. A luz, o ar, as cores, os gestos eram outros. Do alto de uma cadeira, eu fazia alguns registros ao mesmo tempo em que dançava, como o faziam estudantes, docentes, funcionários, convidados do debate. Pelas mãos de Kl Jay, estávamos na presença de várias vidas, muitas delas negras... Tim Maia, Michael Jackson, Dee Lite, Karol Conka – com sua gravação de *Caxambu*. O tambor eletrônico de Kl Jay batia pra valer... seguimos naquela vibração por mais de meia hora. E com a fala de Claudio vibrando em mim, eu sentia as ressonâncias de vários encontros. E uma frase marcante de minha caminhada me passava: “Aqui não é mais o triângulo da morte. Aqui é um caldeirão cultural”.

Uma festa, uma alegria, uma ocupação, uma resistência aconteciam ao serem evocadas outras *centralidades*.

Figura 68: Participantes do encontro ao som de KL Jay e suas *pick ups* no IEA.

Segui caminhando pela cidade universitária até o ponto de ônibus, conversando com três estudantes do segundo semestre de Letras, que contavam sobre a recente combinação de irem à Cooperifa não concretizada. O mesmo grupo da jovem que comentou durante a fala de Claudio que gostaria de conhecer o Instituto Favela da Paz. No caminho, conversávamos sobre minhas andanças com a pesquisa e minhas idas ao Instituto. Falávamos ainda sobre o quanto era fundamental experimentarem encontros como aqueles também como estudantes de letras. Os olhos daqueles dois jovens e daquela jovem brilhavam, seus gestos diziam muito. Transparecia o quão agenciados estavam por tudo que tinham ouvido e pelo convite para viverem *outras centralidades*. Naquela tarde eu sentia, mais uma vez, que os movimentos não param neste rizoma-caldeirão...

Quem nunca viu vem ver
Caldeirão sem fundo ferver.
O que pode um caldeirão Com Música e Poesia...

Entre-tempos...

Ser um poeta da Literatura Periférica é, com certeza, mais difícil do que ser um escritor de qualquer outro movimento literário. Não por origens sociais e dificuldade de acesso aos grandes meios culturais, até porque estamos bem acostumados com os direitos que nos negam diariamente. Mas sobretudo porque ser um poeta da Literatura Periférica é justamente lutar para que todos tenham acesso à leitura e a cultura.

Essa luta deve estar nos seus versos, mas principalmente em suas ações, de modo que é preciso que um autor da periferia esteja nas escolas, nas universidades, nas praças, nas bibliotecas, nas quebradas, para levar a literatura ao máximo de pessoas, não apenas para vender livros, mas acima de tudo para dar acesso à informação, à experiência do universo literário e apresentar possibilidades à juventude periférica e enchê-los de vontade de realizar.

Como parte dos brasileiros que tiveram o acesso à educação, pude refletir sobre minha vida escolar e as expectativas que a sociedade coloca sobre sua juventude. Dos 11 anos que passei entre o ensino fundamental e médio tive apenas uma experiência cultural na escola que não valia nota. Uma roda de capoeira, que me deixou encantado e, por conta disso, passei 20 anos da minha vida jogando capoeira com o Mestre Tigrão, da Associação Cultural Corrente Libertadora, o mesmo grupo que fez a roda na minha escola. Fico pensando o quanto isso mudou minha vida de modo positivo, mais ainda, penso como seria se tivessem me oferecido outras vivências.

Na mesma escola estadual chamada Dom Duarte Leopoldo e Silva, que era longe da minha casa, mas que meus pais julgavam ser melhor porque estava num bairro de classe média e longe da favela que morávamos, lembro de receber uma advertência por ter entrado na biblioteca, que estava fechada há anos, e pegar um livro para ler.

Com o advento da Literatura Periférica e sua popularização com a Cooperifa, hoje, apesar das dificuldades e do descaso do governo com a educação, temos uma geração de profissionais que acreditam em seus alunos e promovem muitas experiências culturais nas escolas. Dentro disso, a literatura da periferia é responsável direta, de modo que nunca se falou tanto em literatura em nosso país como agora. Nunca tantos poetas e poetizas estiveram acessíveis ao povo, isso com certeza, também acontece porque esses poetas e poetizas de quem me refiro também vieram do povo e entendem a necessidade humana da literatura a todos.

Retornei à escola como professor e tenho utilizado a Literatura Periférica para atrair os estudantes ao universo da leitura. Porém, muitas vezes, no ambiente escolar, nos deparamos com as dificuldades diárias de uma escola pública, a primeira delas é o abandono do governo que sucateia as escolas não investindo na sua estrutura e cortando os poucos recursos que recebem. Isso gera uma série de problemas, falta de materiais básicos de trabalho, alimentação de baixa qualidade, degradação das estruturas etc. Isso gera um ambiente de insatisfação e violência, dificultando a aprendizagem e leva os alunos a pensarem que não são importantes e que aquele espaço não terá nenhum efeito em sua vida.

A partir da minha experiência de aluno e das reflexões apresentadas sobre esse período, desenvolvi um projeto de levar cultura para as escolas. Com minha influência de poeta passei a convidar amigos que fiz ao longo do caminho para bate-papos dentro dos espaços escolares para contar sua trajetória e aproximar alunos e artistas da grande mídia, algo que parece inalcançável ao público.

Esses bate-papos já são desenvolvidos há mais de 10 anos e já contou com muitos artistas como por exemplo: Ana Cañas, Sérgio Vaz, Ferréz, Edi Rock e KL Jay (Racionais Mc's), Projota, Fernandinho Beatbox, Marina Lima, Izzy Gordon, Mariana de Moraes, Poesia Samba-Soul, Z'África Brasil, Rashid, Lívia Cruz, Crônica Mendes, entre muitos outros.

Muitos resultados poderiam ser citados, mas darei apenas um para exemplificar, numa escola da região do Jabaquara, zona sul, quando cheguei para trabalhar encontrei um ambiente de extrema violência, todos os dias brigas entre alunos, drogas pelos corredores, destruição do patrimônio e professores com medo de entrar em sala. No primeiro mês de trabalho os alunos tinham simpatia por mim por já ter demonstrado meu trabalho de poeta e minha vivência de ser advindo da periferia como eles. Todavia, a escola mantinha o mesmo ambiente assustador e violento.

Foi então, que decidi ligar para meu amigo Edi Rock, integrante dos Racionais Mc's, a maior referência da periferia se tratando de Hip Hop. Fizemos um bate-papo com todos os alunos da escola, que puderam fazer perguntas, cantar juntos, tirar fotos etc. Mas o mais importante foi a fala apresentada pelo músico, ele falou sobre sua vida na escola, como deveria ter dado mais valor aos professores e que todos deveriam ter muito respeito pela escola. Essa fala, com toda certeza, mudou toda a história da EE Salvador Moya, de modo, que as brigas passaram a sumir do ambiente, a depredação do patrimônio parou completamente, o comprometimento dos alunos com os estudos também foi modificado, de maneira que a escola que não atingia o índice de desenvolvimento há anos, naquele ano, superou todas as expectativas.

Muito provavelmente, esses resultados são somas de diversos trabalhos do corpo docente, direção engajada e comprometida, dos alunos que mudaram seu jeito de encarar os estudos, mas a “chave” só virou depois que o maior ícone do Rap sentou ao lado de todos e disse aquelas palavras. Outros artistas naquele mesmo ano também vieram e deram sua contribuição, assim como nos outros anos em que estive como professor naquela escola.

Feiras de profissões, festivais culturais, cinema, rádio na escola feita pelo grêmio estudantil, enfim, um outro ambiente escolar foi criado a partir da cultura. Não quer dizer que todos os problemas foram resolvidos e, com certeza não foram, no entanto, a mudança na atitude de todos a partir das experiências culturais comprovaram que escola é um espaço para muitas experiências.

Além da minha atuação como professor, também vou à outras escolas como poeta da periferia para levar essa experiência da literatura e da cultura, trabalho do artista-cidadão que fala e age de acordo com seu discurso e, acima de tudo, que acredita no que faz.

Marcio Vidal Marinho

Este relato refere-se ao meu encontro com a Literatura Periférica e minha prática pedagógica a partir de 2011, me chamo Elaine Donizeti Martins, leciono a disciplina de Língua Portuguesa nas redes municipal e estadual de São Paulo. Sou graduada em Letras e especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, dentre outras.

Nasci no Dia do Folclore e em uma família tradicionalmente mineira, sou descendente de brancos, negros e índios, e, aprendi cedo a apreciar os costumes e tradições regionais, mesmo sendo paulista.

Durante minha infância, muitas manifestações culturais se fizeram presentes. Particularmente recordo-me das férias no sul de Minas Gerais, onde observava atenta a belíssima Folia de Reis, ficava encantada com a catira e adorava ouvir as modas de viola e os causos que eram contados por meus tios. Recordo-me também de manifestações que ocorreram em São Paulo, através das brincadeiras, dos trava-línguas, das cantigas de roda, das parlendas e das quadrinhas, tão famosas entre as crianças da década de 80 do século passado.

O tempo passou e a infância também, mas a cultura continuou influenciando minha vida; esta paixão alcançou novos horizontes quando me interessei pelas rodas de samba, costume trazido das senzalas brasileiras no tempo da escravidão. Este meu encantamento pela cultura vem do conhecimento de minhas raízes e se intensificou ao longo dos anos e de meus estudos. Parafraseando Mário de Andrade, posso afirmar que todos estes pontos assinam a minha brasilidade.

Em 2007 me deparei com a Literatura Periférica, uma literatura que falava dos meus, na qual eu conseguia me reconhecer, mas que eu não conhecia. Numa tarde de sábado, enquanto cursava uma pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), ouvi pela primeira vez o Poeta Sérgio Vaz.

Mais tarde, em 2011, fui trabalhar em uma escola municipal no Jardim São Luís, Zona Sul de São Paulo. O bairro vivenciava uma efervescência cultural naquele momento e, numa reunião pedagógica fomos conhecer o Sarau da Cooperifa. Este foi meu momento de reencontro com a Literatura Periférica e com o Poeta Sérgio Vaz. Aquele lugar me transformou, os versos, as canções e as palavras ditas naquele microfone fizeram vibrar minha alma e ir ao sarau passou a ser uma experiência fascinante.

Após perceber o interesse dos educandos desenvolvi uma pesquisa básica e explicativa com o intuito de trazer novos conhecimentos e maiores informações sobre a Literatura Periférica, suas obras, autores e ações. Uma citação de Candido¹⁴ me saltou aos olhos, quando diz que a literatura é um direito do homem, tornando-se assim essencial a sua humanização e um modelo de superação do caos em que nos encontramos. Tal citação somada a Paulo Freire fez-me pensar um fazer diferente em sala de aula. O autor chama de literatura todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, sendo então a literatura uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, logo, qualquer pessoa pode escrever e produzir literatura. A partir de então desenvolvi vários projetos envolvendo a Literatura Periférica.

Em 2012, participamos da Mostra Cultural da Cooperifa, e ouvimos Mia Couto e Sérgio Vaz debaterem sobre como os escritores surgem. Naquela noite, Mia Couto disse que os professores assassinavam os escritores na escola. Esta fala me fez tomar a decisão de observar qualquer coisa que meus alunos escrevessem e também, criar oportunidades de escrita e de divulgação dos textos produzidos. Em 2014, na escola municipal em que trabalhava, fui orientadora do Trabalho Colaborativo Autoral (TCA) e o tema foi Literatura Periférica. O grupo de alunos que participou do projeto não escolheu o tema – foi o que restou – mas durante a realização das oficinas e participação nos eventos a opinião deles mudou. Este projeto rendeu vários textos autorais e o desenvolvimento do educando como um todo. Nitidamente, partimos da realidade do aluno para a construção do conhecimento, como diz Paulo Freire¹⁵.

Segundo a LDB¹⁶, a educação é dever da família e do Estado, e, deve ser pautada pelo princípio da liberdade e da solidariedade humana e ter como objetivo o pleno desenvolvimento do educando, preparando-o para ser um cidadão e aproximando-o para o mundo do trabalho. Logo, faz-se necessário ultrapassar os muros da escola a fim de formar cidadãos conhecedores de seus direitos, deveres e participantes da vida da comunidade em que estão inseridos. A intenção é aproximar os educandos da literatura e utilizá-la como um poderoso instrumento de instrução e educação, entrando em currículos, sendo apresentada a cada educando como equipamento intelectual e afetivo, pois a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas, segundo Candido¹⁴.

Ler e escrever são atos sociais e políticos delegados à escola e cabe ao professor promover o encantamento e utilizar todas as ferramentas possíveis para o desenvolvimento de tais habilidades, sendo a literatura e a cultura popular algumas dessas ferramentas. Quando contamos com o conhecimento de mundo do educando e sua vivência, notamos um interesse maior pela realização do que se propõe, pois se reconhecem no que está sendo dito, tenho vivenciado isto na sala de aula. Atualmente tenho quatro oitavos anos que estão produzindo conhecimento. No primeiro semestre passamos pela experiência de ler excertos de Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus e foi incrível, a princípio pensei que a leitura precisaria de muitas intervenções, no entanto, as discussões e ideias que surgiram foram além das expectativas. No dia 15 de agosto visitamos a Biblioteca Municipal Mário de Andrade e vi adolescentes fascinados por livros, interessados na monitoria. Os mesmos educandos estão se preparando para lançar um livro no final deste ano com seus textos autorais.

Em 2014, na escola municipal em que trabalhava, fui orientadora do Trabalho Colaborativo Autoral (TCA) e o tema foi Literatura Periférica. O grupo de alunos que participou do projeto não escolheu o tema – foi o que restou – mas durante a realização das oficinas e participação nos eventos a opinião deles mudou. Este projeto rendeu vários textos autorais e o desenvolvimento do educando como um todo. Nitidamente, partimos da realidade do aluno para a construção do conhecimento, como diz Paulo Freire¹⁵.

Segundo a LDB¹⁶, a educação é dever da família e do Estado, e, deve ser pautada pelo princípio da liberdade e da solidariedade humana e ter como objetivo o pleno desenvolvimento do educando, preparando-o para ser um cidadão e aproximando-o para o mundo do trabalho. Logo, faz-se necessário ultrapassar os muros da escola a fim de formar cidadãos conhecedores de seus direitos, deveres e participantes da vida da comunidade em que estão inseridos. A intenção é aproximar os educandos da literatura e utilizá-la como um poderoso instrumento de instrução e educação, entrando em currículos, sendo apresentada a cada educando como equipamento intelectual e afetivo, pois a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas, segundo Candido¹⁴.

**O dia em que me tornei
uma reclusa pelas mãos de
uma descendente
de Dandara**

Noite de sábado. Os botecos e carrinhos de comidas próximos à saída do metrô Anhangabaú estavam animados. Caminhamos em direção ao Viaduto do Chá e logo chegamos ao Centro de Referência da Dança da Cidade de São Paulo. Assim que atravessamos o portão vi Flávia Rosa e Carmem Faustino sentadas aguardando. Flávia, ao me ver, sorriu e logo fui na direção delas para cumprimentá-las. Quando chegamos ao corredor onde fica o teatro algumas gentes já aguardavam. E nós, eu e Fernando, também ficamos ali aguardando. Algumas Agbaras saíam e entravam no teatro na agitação pré-espetáculo. Foi possível ver que duas delas traziam algumas pinturas brancas pelo corpo. No caminho cumprimentavam várias gentes conhecidas. Mais alguns minutos e a musicista do grupo saiu do teatro: *“boa noite, sejam bem-vindas, bem-vindos. Vamos pedir que entrem e circulem pelo espaço, mas que não sentem”*. Logo que cruzamos a porta havia muito gelo seco no ambiente. Logo foi possível ver as Agbaras no proscênio. Ali começava o encontro com *Reclusa*.

Cena

Cada Agbara estava despida no interior de uma estrutura de madeira vazada. Cada uma estava em uma posição: deitada no chão, parada com olhar fixo para a frente, movimentando-se para frente e para trás com olhar fixo para frente até agachada. Seguimos todos caminhando por entre as estruturas de madeira observando as Agbaras conforme a orientação da musicista.

Cena

Agbara entra lentamente no palco pela diagonal esquerda. Ao se deslocar é possível ver um tecido amarrado a sua cintura que conecta seu corpo a uma bacia de alumínio com um líquido vermelho. Ela está vestida de branco e sua roupa possui manchas vermelhas. Ao seguir deslocando-se, via-se que o conteúdo na bacia se assemelhava a um fígado bovino. Ela para, agacha-se por cima da bacia, grita, olha para a bacia. Segue ali por um momento. Levanta-se e caminha lentamente para a lateral do palco.

A luz cai

Cena

Duas Agbaras entram no palco vestidas de branco. Uma traz um buquê de canetas coloridas. Deslocam-se lado a lado sorridentes. Cada uma realiza um solo de dança. Elas não sorriem. Dançam juntas ocupando todo o espaço do palco, manipulando as longas saias que trajam. Saem juntas do palco.

A luz cai

Cena

Duas Agbaras que traziam pinturas brancas pelo corpo entram no palco. Elas trajam coletes compridos e coturnos. Elas se deslocam rapidamente. Param.

Agbara (1): As pessoas de cor são alvos fáceis. A nossa criminalização e vilanização é uma tradição americana. A imagem do selvagem, do sujo, preguiçoso e indolente. Do negrinho [inaudível] para nada. É o esteio da cultura e da ideologia racista que dominou a política

Fala incisivamente deslocando-se pelo palco

Agbara (2): o complexo prisional industrial não destrói somente [inaudível], ele destrói famílias, comunidades. Ele destrói famílias negras, indivíduos negros. Precisamos nos fortalecer, criar estratégias contra o genocídio da população negra. Eu sou uma revolucionária negra. Libertem todos [inaudível]. Libertem todas as mulheres negras encarceradas, libertem todos os povos, libertem os indígenas, libertem todas as pessoas encarceradas. Eu sou uma revolucionária negra. Libertem todas as pessoas já. Libertem todas as mulheres encarceradas. Libertem [inaudível]. Agoraaaa!!!

Fala incisivamente deslocando-se pelo palco

Dina: que tipo de mentalidade é essa [inaudível] sempre tem que corrigir, que tipo de sistema trata uma pessoa de 12 anos como sendo adulto, que tipo de mentalidade é essa que [inaudível]. Mata pessoas inocentes ao redor do mundo [inaudível]. Assassinar ao invés de cultivá-los [respiração acelerada. Grita].

Silêncio

O som do atabaque quebra o silêncio

Agbara (1) aproxima-se de um rapaz que estava nas cadeiras no palco e fala com ele. Este se levanta e caminha lentamente até o centro do palco onde está montado um grande retângulo feito com as estruturas de madeira da primeira cena e que mantém uma abertura frontal

Agbaras percorrem o palco falando

Agbara (2) para na minha frente e pergunta calmamente:

Você teria coragem de receber um estupro por mais de 12 horas com uma escova de dente?

Segui calada olhando em seus olhos

Diz, você aguentaria?

Continuei olhando para ela em silêncio

Responde.

Claro que não - respondi.

Vem comigo!!!

Lá estava eu, sendo levada para o centro do palco. Quando lá cheguei fiquei por alguns segundos tomada pela imagem do rapaz que havia sido levado antes de mim. Ele, de lado para a plateia, olhava assustado para um moço do lado de fora daquela estrutura formada por ripas de madeiras, que tanto me chamaram atenção na primeira cena. Não apenas havia entendido o que me intrigava sobre a montagem e desmontagem das estruturas em que cada Agbara estivera, como eu mesma estava vivendo o desconforto de ocupar aquele espaço de cárcere.

Ao tempo que seguia observando o desconforto do rapaz, ouvia ao longe os ruídos que vinham das perguntas que as duas Agbaras continuavam fazendo para a plateia. Eu não entendia o que elas falavam devido à distância. Não olhava para as Agbaras e nem para a plateia, pois meu constrangimento, ali no centro do palco, falava mais alto. Seguia em pé na mesma posição que havia assumido na chegada. Tinha dificuldade de me mover. Permaneci parada, de lado para o público. Eu olhava apenas para meu *companheiro de cárcere*. Eu não queria estar ali!

De repente, vi alguém com uma camisa vermelha se levantando e vindo em nossa direção. Estava tão atordoada que demorei para reconhecer quem era: Fernando também havia sido pego! Enquanto ele caminhava para o centro do palco, eu tentava processar que ele também viria para onde eu estava, mas eu não conseguia. Meu raciocínio estava lento como seus passos. Ele entrou e ficou ao meu lado. Alívio e vergonha. Estava aliviada por estar com ele ali, ao mesmo tempo, em que me sentia duplamente constrangida, pois além de viver o desconforto de habitar aquele cárcere, sentia o peso de supor que eu havia dado causa à captura dele. *Aonde um espetáculo pode nos levar?*

Outras pessoas foram sendo escolhidas. À medida que chegavam, pude ouvir mais nitidamente às perguntas que continuavam sendo realizadas: “*Você é um alvo? Você é um alvo? Você é um alvo?*” E mais e mais gentes foram entrando. Logo o espaço ficou pequeno para tantos corpos.

O atabaque para.

O som do chocalho dedilhado pela musicista rompe o silêncio. Ela entoa um canto de evocação a Xangô. Uma moça, branca e loira, começa a acompanhar o canto de dentro da cela com suaves movimentos corporais, ora com a cabeça baixa, ora com a cabeça elevada e os olhos fechados, ora olhando para frente. O canto da moça é ouvido pela musicista que vira o rosto lentamente em direção à cela e sorri para ela. A musicista volta-se para a plateia e segue cantando. Silêncio. A musicista começa a tocar agogô. Agbaras voltam ao palco passando pelas laterais da cela, posicionando-se entre a cela e a plateia.

- Uma Agbara: a justiça que prega amor é a mesma que pintou o amarelo com [inaudível] desse mundo. Tentaram nos enterrar, mas esqueceram que somos como sementes e que a nossa justiça mora na [inaudível]

Musicista segue tocando o Agogô

- Uma Agbara: É com seu machado que vamos cavar terras infindas por um pouco de humanidade. Se a lavagem faz bem aos porcos, eles que comam. Se é dentro de um cerco de pedra e de ferro é a posição de vida preta que eles querem nos deixar, pois bem, irão sentir a fúria de meu pai [inaudível]. [Agbara desloca-se evocando o orixá - inaudível] Xangô! Peço proteção a todos aqueles que tem a humanidade de se sentir mulher.
- Uma Agbara: que seu raio desça [inaudível] em prol da justiça [inaudível] pena essa que deve ser nenhuma já que não tivemos culpa de nada. Se tomamos algo foi para a reparação de tudo que nos foi roubado e se a pena, meu pai, for tu tomar a vida de alguém, eu peço que a justiça venha em dobro, mas antes quero que saiba que fomos colocados num mundo cão e que às vezes [pausa – som do agogô], a gente aprende o que a branquitude ensina

Agogô ecoa com mais intensidade

- Uma Agbara: o ódio, o medo e a dor não vieram de graça. A sua benção meu pai Xangô [inaudível]. Nosso povo de cor [inaudível]. Já se cansou demais dessa vida sem descanso [inaudível] Xangô!
- Uma Agbara: Queremos liberdade
- Uma Agbara: sim!
- Uma Agbara: queremos liberdade! Queremos o que é nosso de direito! É necessário que não existam mais terras que dê para fazer [inaudível] essa vida miserável. Tentaram nos enterrar. Sim, tentaram nos enterrar. Mas esqueceram que somos como sementes.
- Uma Agbara: Não conseguimos pegar os erês que ficaram perdidos [inaudível]. Estamos a cada dia pegando o resto da humanidade que nos sobrou.

Agogô ecoa com mais intensidade

Peço que nos ilumine e que nos proteja para enfrentar os porcos com o mesmo nível de [inaudível] que eles têm. E se precisar de força, ahhhhh, se precisar de forças, [inaudível] meu pai, Xangô.

Musicista canta: São João batista é Xangô, ele é dono do meu destino até o fim. Ela toca o atabaque. Agbaras evocam Xangô. Atabaque para. Silêncio. Ouve-se a respiração ofegante das Agbaras. Inicia uma batida de rap.

Musicista: Sou da pele preta.

Agbaras: Negra, negra, preta.

Musicista: Sou da pele negra.

Agbaras: Preta, preta, negra.

Agbara: Fui escravizada [inaudível] assassinada, violentada

Os brancos protegidos em suas casas de colete à prova de bala

Enquanto negro morre na quebrada, encruzilhada.

Agbaras: encruzilhada!

Agbara: A minha pele já nasceu acusada pronta para ser executada

mesmo sem estar errada

Agbaras: Mesmo sem estar errada.

Mesmo sem estar errada.

Mesmo sem estar errada!

Agbara: Sou da pele preta.

Agbaras: Negra, negra, preta.

Agbara: Sou da pele negra.

Agbaras: Preta, preta, negra.

Agbara: Sou da pele preta.

Agbaras: Negra, negra, preta.

Agbara: Sou da pele negra.

Agbaras: Preta, preta, negra.

Agbara: Não vai achando que vou ficar calada

enquanto a minha juventude é massacrada

Eu não ficar sem fazer nada

Eu não ficar sem fazer nada!

Agbara: Sou da pele preta.

Agbaras: Negra, negra, preta.

Agbara: Sou da pele negra.

Agbaras: Preta, preta, negra

Agbara: Olha seu racista é melhor parar

O seu desejo sujo não vai funcionar

Vou ser obrigada a passar por cima porque

Porque cansei de ser alvo na sua mira

Agbara: Sou da pele preta.

Agbaras: Negra, negra, preta.

Agbara: Sou da pele negra.

Agbaras: Preta, preta, negra

Todos que estavam na cela voltam para seus lugares

Aplausos

Boa noite a todas e todos. Obrigada por estarem aqui com a gente nessa noite de sábado. Como vocês podem perceber é um grupo formado por mulheres pretas e gordas. E este é o espetáculo Reclusa. É o nosso terceiro trabalho e a gente mergulhou um pouco no universo do encarceramento feminino. Não apenas no viés institucional, prisional, mas no viés social também. Quais são os encarceramentos que as mulheres pretas vivem hoje nessa sociedade machista, homofóbica. Enfim, todos os outros adjetivos que a gente está carregando nas costas. A gente teve o apoio do programa Vai 2 e eu sol a Gal Martins, *sou Ana Lúcia, Dandara Kuntê, Dina, Fabiana Preta, Luciane barros, Rosângela Alves*. Gostaria de apresentar a equipe. Vocês estão bem, gente? Tá

um clima. [Risos]. Sei que a gente provoca, mas.... produção, composição de trilha sonora técnico de som Dani Lova, desenho de luz é de Camila Andrade que não está aqui, assistência do Rafael, honra de estar com a presença de nosso visagista e figurista Gil Oliveira, fotografia Sheila Sgnário, Rodrigo selva na nossa cenografia, Ana Lúcia, primeira música cantada [inaudível], assistência de produção Lua Santana. Nos acompanhem nas nossas redes sociais. A partir de semana que vem, vamos circular pelas periferias da cidade.

Enquanto as Agbaras eram cumprimentadas pelo público, uma cena belíssima. Gal Martins e Flávia Rosa encontrando-se. Da distância que eu estava, pude vivenciar aquele momento, ambas de branco, seguiam conversando abraçadas. Uma Agbara e uma Capulana, olhos nos olhos, braços nos braços, sorrisos nos sorrisos, corpa na corpa¹³⁹. Das cenas difíceis de esquecer dos encontros com estas *mulheres-acontecimento*.

Figura 69: Gal Martins e Flávia Rosa ao final de Reclusa

Na volta para casa eu estava mais uma vez atordoada. Novamente um espetáculo daquela *Zona de Força e Potência* havia provocado experiências de corpo que possibilitaram um encontro vivo com afetos que marcam tantas existências com as quais eu havia construído relações. Novamente meu corpo era marcado pelo encontro com aquelas *mulheres-multidão*. Novamente um arrebatamento! Porém, aquela experiência de corpo tinha sido vivida de um modo totalmente novo, do modo que eu mais tinha receio: sendo chamada para o palco.

¹³⁹ Termo usado por Dandara Kuntê, Agbara que me levou para o cárcere, que subverte o uso masculino da palavra “corpo”. Eu conheceria o termo posteriormente, a partir de Flávia Rosa, no período em que a convidei para a oficina que ela ministrou intitulada “Corpa território presente” no Encontro Sudeste da Rede Unida, do qual a Zona Agbara também participou com a intervenção “O que costume engolir?” da Zona Agbara. Falei sobre o Encontro Sudeste da Rede Unida na narrativa “Multidão de nós”.

Este foi um dos assuntos de nossa volta. Lembrava de minha insistência para permanecermos no palco e não na arquibancada, porque como eu havia ficado desorientada ao final da primeira cena quando vi o público ocupando rapidamente o espaço, julguei que seria melhor garantirmos as poucas cadeiras que restavam. Foi apenas quando estávamos sentados que percebi as arquibancadas. Contava para Fernando que mesmo com receio, a minha impressão era a de que nada *aconteceria comigo naquela noite*, apesar do desconforto que continuava me habitando por estar tão perto do proscênio. Porém, logo na segunda cena meu desconforto aumentou. Olhava para a arquibancada que parecia ser um local *mais seguro* com certo arrependimento. E bingo! Fui escolhida! Uma escolha tão necessária para minha caminhada como pesquisadora e para além dela...

Seguia no metrô falando sobre meu desespero quando ouvi: “*Vem comigo!*”. Eu mal podia acreditar. Confessei que a ideia de sair da cela me passou, mas que logo entendi que essa não seria uma opção naquele momento. Mesmo na incerteza do porvir, a experiência que experimentava foi me fazendo pensar o quão necessário era viver o tema do encarceramento feminino daquela perspectiva. Uma experiência tão necessária para minha caminhada como pesquisadora e para além dela...

E nessa vivência meu desconforto assumiu outras características, pois passei a sofrer pela impossibilidade de acompanhar as cenas seguintes, especialmente a da saudação a Xangô em que as Agbaras evocam a justiça com falas tão cortantes e tão vivas e que me remetiam a tantos encontros, incluindo o que tive com a peça “Isto é um negro?”.

Enquanto seguíamos para casa após, Fernando contava que também lhe havia sido perguntado: “*Você é um alvo?*” Processando o que se passou por outra perspectiva, considerei que eu não havia dado causa a reclusão dele. Tudo fez sentido: ele era um homem branco assim como os outros escolhidos. Seguíamos caminhando e lembrando da conversa que havíamos tido dias antes sobre os enquadros pelos quais passam as existências consideradas negras e como ocorrem as abordagens policiais a depender de quem é o/a enquadrado/a conforme eu ouvi em tantas conversas no campo.

- Na ditadura a polícia vinha com um caminhão da cavalaria e um só com policiais. Eles desciam pelos bairros de periferia. Os policiais seguiam andando e paravam num ponto. Aquele que não tivesse com documento para se identificar era enquadrado. Era feita uma fila imensa, um do lado do outro de mão dada ou de braço para trás, não algemava nem nada. Aquela fila de policial acompanhando e aquela fila de gente detida. Era teu vizinho, era teu amigo do futebol. Aquilo era a coisa mais humilhante. Isso era diariamente. Chamava-se arrastão. A gente era enquadrado na lei da vadiagem. A gente chegava a ficar na casa de amigos até dez, onze horas da noite esperando o arrastão ir embora. Essas coisas começam a entrar na cabeça da gente e a gente começa a se revoltar contra tudo aquilo. A gente começa a mudar. Num dado momento: ‘não quero mais isso’. Descobrimos que não éramos comunistas. Éramos socialistas. Queríamos as coisas iguais para todo mundo. Essa era a ideia. Esse comum. Por que o cara pode ter cinema perto da casa dele e a gente não pode? Porque um filho de classe média pode ter uma quadra de futebol e nós não? Porque a gente vai trabalhar de ônibus pendurado e o cara anda dois quarteirões para trabalhar ou vai de carro? Então a gente começa a peitar

o sistema, a transgredir. A ver um policial e afrontar um policial se possível. Os Racionais diziam “não confio na polícia, raça do caralho”. Abordagem policial na periferia, por exemplo, é diferente da abordagem policial na Paulista [...] (participante da pesquisa)

- A gente cresceu com isso do medo. O medo nos construiu e criou traumas na gente, de ser morto pelo pé de pato, pela polícia no enquadro. Quantas histórias de pessoas que desapareceram depois de tomar um enquadro ou que morreram e a polícia distorceu a história. Tenho colegas da minha escola dos anos 90, perdi alguns. O medo era todos os dias na nossa vida nos anos 90. Dez horas da noite e ninguém podia estar na rua. Hoje infelizmente as mulheres continuam sofrendo com isso e nós homens negros com medo de tomar enquadro da polícia. O medo já foi pior. Hoje, digamos, tenho menos medo. Mas ainda tenho muito medo. (participante da pesquisa)

Estava andando com um amigo na Paulista num domingo com um outro amigo mais retinto e um policial veio abordar a gente. Peitei ele, fui pra cima dele: “todos os dias eu passo aqui com roupa social e você não me aborda. Agora você vem querer me abordar!”. (participante da pesquisa).

- Não gosto nem de ver esses policiais abordando as pessoas. Meu filho já passou por isso aqui mesmo na Ana Rosa. Ele tinha ido fazer a manutenção do aparelho com a dentista e como estava chovendo cobriu a cabeça com o capuz do moletom. Quando atendi o telefone ele dizia chorando: mãe, por favor, vem me buscar, vem me buscar! Era só um adolescente que estava andando na rua e os policiais abordaram ele só porque estava com a cabeça coberta. Foi uma situação horrível. Ele tem medo até hoje. (Conversa no ônibus com uma senhora no período da pesquisa).

Ao lembrarmos dos relatos, falamos sobre um modo de operar contra certas existências que já vem de longe, que é seletivo e que não se resume às regiões consideradas *periféricas*. Corpos-alvos que são atingidos violentamente em todos os lugares e a todo momento. Neste instante repeti, literalmente, nosso diálogo ao partilhar com Fernando, incomodada, os relatos do campo sobre os enquadros: “*e você nunca foi enquadrado em Diadema quando voltava da faculdade tarde da noite? Você nunca passou pela situação de ser enquadrado em nenhum lugar?*”; “*Não, Valéria. E sabe por que não aconteceu comigo, mesmo em Diadema, cenas duras de enquadros como as que você acabou de contar? Porque eu sou branco*”. “*Nossa, você não é um alvo! Você não é um alvo! Independentemente do local ou da cidade em que estiver, você não é um alvo!*” era o que eu repetia sem parar. Coincidência ou não ele tinha sido capturado com o mesmo termo que eu havia falado ao constatar o que não se passa em relação à existência produzidas como *brancas*: elas não são um alvo! *Aonde um espetáculo pode nos levar?*

“Reclusa” me levou a “Isto é um negro?” que me fez viver de modo tão intenso, na presença de vários intercessores, os efeitos do sequestro de tantas vidas *inventadas como negras* na construção de um *Novo Mundo*, do que decorreram práticas sustentadas até hoje. Práticas que não cessam de ser reinventadas no âmbito uma plataforma de *políticas de mortes*, que têm como alvo um enorme contingente de existências que, além de serem produzidas como *culpadas* e *puníveis*, vem sendo tomadas como *elimináveis* e *matáveis*. “Isto é um negro?” ilumina “Reclusa”, que, por sua vez, amplifica o que

se passa com as mulheres negras e pobres ao ocuparem o lugar mais baixo da escala quando o tema é produção de direitos e de justiça social.

- O que você ficou pensando quando estava lá dentro? Alguma coisa te pegou?" - perguntei
- Fiquei pensando como as pessoas dormem na prisão, que são obrigadas a dormir em pé [...].
- Eu não conseguia ver nada de onde eu estava. Como fomos um dos primeiros acabamos ficando no fundo. Eu não vi quase nada. Tentei ver de vários modos, mas eu não conseguia. Estava ficando desesperada por não poder ver quase nada!
- Mas é difícil ver alguma coisa lá de dentro. Da prisão não se enxerga muita coisa [...]

Eis o vivido naquele encontro

Ser conduzida sem saber o motivo
 Estar dentro de um espaço sem mobilidade
 Não poder falar
 Ter a visibilidade e a escuta do fora reduzidas
 Não saber o que aconteceria com a minha e com as outras existências
 Ter que dividir o espaço com tantas existências de um modo possível
 Ter existências do lado de fora desqualificando as existências do lado de dentro
 Não saber *como* e *quando* seria a saída

Dos encontros que produzem encontros sobre experiências vividas
 por tantas existências-alvo e pelas quais tantas outras existências
 precisam ser ocupadas e delas se ocupar...

Entre-tempos...

Quando encontrei com “Reclusa”, a exemplo do que aconteceu com o espetáculo “Isto é um negro?”, estava na fase de escrita da tese. Ainda assim foi possível construir aproximações com as questões que compõem e atravessam o campo problemático do encarceramento no Brasil e em especial do encarceramento feminino: escravidão e prisão, intersecção entre raça, gênero e classe, produção de certas existências como matáveis (física e simbolicamente), invisibilidades para os efeitos de uma política punitivista e de morte que tem como alvo aqueles/aquelas historicamente produzidos/produzidas como negros/negras, pobres e periféricos/periféricas. Vivenciar “Reclusa” clamou por outros encontros.

Em uma primeira busca, “encarceramento feminino”, encontrei com duas produções. A primeira, o artigo “Rés negras, juízes brancos: Uma análise da interseccionalidade de gênero, raça e classe na produção da punição em uma prisão paulistana” (2017), que traz os resultados de investigação de mestrado de Dina Alves, sobre uma análise interseccional dos atributos de gênero, raça e classe na distribuição da punição no sistema criminal paulista¹⁴⁰. A segunda produção foi a pesquisa “Mulheres sem Prisão: Enfrentando a (in)visibilidade das mulheres submetidas à justiça criminal” do Instituto Terra Trabalho e Cidadania (ITTC), que traz os resultados do acompanhamento de 213 mulheres em audiências de custódia na região metropolitana de São Paulo, entre 2017 e 2018, com o propósito de demonstrar como o sistema de justiça criminal valoriza, prende ou concede liberdade a determinadas mulheres e cujos resultados localizam dois momentos acerca do processo de criminalização, a saber, o filtro operado pela polícia por meio de prisões em flagrante e o início do contato destas mulheres com o Poder Judiciário.

A partir destas leituras, cheguei ao artigo “Mulheres negras na mira”¹⁴¹ e ao livro “encarceramento em massa”, de Juliana Borges, a partir dos quais ela traça uma análise da conexão entre o sistema de justiça criminal e o racismo, bem como de seus efeitos na manutenção do racismo e de um conjunto de desigualdades. Com estas duas autoras fui caminhando para outras conexões, como o Mapa da violência (2016), o Mapa da desigualdade (2019), o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias do Infopen (2016 e 2019), o Atlas da Violência (2019) que evidenciam os lugares que as vidas negras ocupam nesta construção. Assim, neste entretempo busco trazer algumas linhas acerca do encarceramento, visibilizadas pelo encontro com as produções de Dina e Juliana que vêm dialogando com um conjunto de intercessores/intercessoras neste campo de lutas.

Caminhando com as questões orientadoras de Dina - *o que o encarceramento desproporcional de mulheres negras tem a nos dizer sobre o padrão de relações raciais no Brasil contemporâneo? O que tal prática revela sobre o lugar histórico ocupado pelas mulheres negras em nossa formação (como escravas, empregadas domésticas, moradoras das favelas) e no imaginário social brasileiro?* - foi possível entender mais sobre o gênero e a cor das prisões brasileiras, quando considerados os dados à época, que posicionavam o Brasil atrás de Estados Unidos, Rússia e China em termos de população prisional majoritariamente conformada por jovens negros. Olhando mais detidamente para o gênero, aparece uma acentuada ascendência na curva de encarceramento em massa das mulheres (567%) quando comparada a dos homens (220,20%), sendo que no estado de São Paulo, onde a pesquisa de Dina foi realizada, entre os anos de 2006 e 2016, privilegiou-se a construção de novos presídios aliada a uma política de encarceramento em massa (denominado de *boom* no sistema prisional), que resultou na maior população absoluta de mulheres encarceradas (39% do total de mulheres presas no país).

Há, portanto, nas prisões paulistanas uma linha de gênero e cor com as mulheres negras perfazendo um total de 67% das mulheres presas, sendo 50% jovens entre 18 e 29 anos, 50% com ensino fundamental incompleto e 63% condenadas com penas de até oito anos de reclusão. Um outro aspecto fundamental se refere à comparação das estatísticas criminais com o gênero masculino que, no caso das mulheres, apontam um menor número de crimes contra a vida (7%), seguida de crimes contra o patrimônio (15%) e um salto de crimes de tráfico de drogas (63%), o que segundo Dina evidenciam uma *feminização da punição* em relação ao crime de tráfico de drogas. Neste universo, as mulheres seguem ocupando uma posição coadjuvante a partir de serviços de transporte de drogas e de pequeno comércio, sendo muitas usuárias e poucas exercendo a gerência do tráfico. Somado a isso, os dados da pesquisa de Dina mostram que estas mulheres vivem em regiões periféricas, têm responsabilidade pela provisão do sustento familiar, são de baixa escolaridade e estão inseridas no trabalho informal no período anterior ao aprisionamento.

¹⁴⁰ A discussão que trarei neste Entretempo será baseada no referido artigo publicado na Revista CS da Facultad de Derecho Y Ciencias Sociales da Universidad Icesi, Colombia, um dos produtos da dissertação “Rés negras, juízes brancos: uma análise da interseccionalidade de gênero, raça e classe na produção da punição em uma prisão paulistana” realizada na Universidade Pontifícia Católica de São Paulo que pode ser acessada em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3640>

¹⁴¹ Artigo disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-juliana-borges.pdf> SUR. Revista Internacional de Direitos Humanos / Associação Direitos Humanos em Rede SUR 28 - v.15 n.28•45 - 53 | 2018

Olhando para estas questões a autora defende, na companhia de outras mulheres negras como Lélia Gonzales, Sueli Carneiro e Kimberley Crenshaw, a composição de um olhar com base na noção de “matriz de dominação” em diálogo com uma análise interseccional. Neste campo analítico é possível problematizar como raça, gênero e classe social produzem a categoria “mulher encarcerada”, pois, como afirma a autora, apesar dos estudos e estatísticas ajudarem a entender a dimensão de gênero nas prisões ao possibilitarem a desmasculinização das narrativas sobre o universo prisional, eles têm se mostrado insuficientes no que diz respeito à especificidade da mulher negra. No âmbito da discussão sobre “Feminização da pobreza”, Dina traz o tema da “racialização da punição” a partir de uma dura cena verídica: “No dia 16 de março de 2014, após operação da Polícia Militar numa favela do Rio de Janeiro, o corpo negro e quase sem vida de Claudia Ferreira da Silva, de 38 anos de idade, empregada doméstica, foi arrastado pelas ruas. Claudia foi baleada no pescoço e nas costas, foi colocada no porta-malas da viatura policial supostamente para ser levada ao hospital. No caminho, seu corpo rolou do porta-malas e, preso por um pedaço de roupa, foi arrastado pelo asfalto por mais ou menos 250 metros, sem que os policiais da viatura dessem atenção aos apelos de outros motoristas e pedestres”. E com a cena, uma questão: o que tem a ver a morte de uma mulher na favela com o encarceramento em massa?

Segundo Dina, o caso nos ajuda a entender a relação senzala-favela-prisão no âmbito do *continuum penal* que marca a transição entre escravidão e democracia, quando considerado que o trabalho doméstico foi e continua sendo a principal ocupação das mulheres negras. No sistema escravocrata elas ocupavam atividades como de lavadeiras, cozinheiras, babás, amas de leite, mucamas e no período pós-abolição vários arranjos se constituíram para que as mulheres negras continuassem a exercer as mesmas atividades. Uma continuidade da sujeição e desumanização e uma atualização da divisão sexual do trabalho hierarquizado a partir das representações sociais do “lugar” histórico ocupado por estas mulheres (empregadas domésticas, moradoras das favelas/periferias, escravas, babás).

Na relação senzala-favela-prisão, se a cozinha é o lugar de representação colonial por excelência, as prisões modernas são o lugar onde se materializam as estruturas hierárquicas impostas pela lógica racial da desumanização do corpo negro. Ou seja, a desumanização produzida na cozinha e na prisão abre caminho para a criminalização pelo Estado penal. Neste contexto, Dina afirma que os resultados de sua pesquisa sugerem que o sistema de justiça penal funciona como instrumento de dominação racial, considerando que na sua administração se manifestam explicitamente a intersecção dos eixos de vulnerabilidade (demarcados por raça, classe e gênero) na produção de categorias de indivíduos puníveis. Tal constatação remete à importância de considerar a vigilância ostensiva e a seletividade penal a que estão submetidas as mulheres negras, na medida em que os intérpretes da lei (policiais, promotores, juízes, advogados, legisladores, administradores, defensores públicos e demais servidores públicos da justiça penal) são responsáveis por reproduzir, disseminar e sustentar um regime racial de “produção de verdade”, conforme proposto por Foucault (2004), cujos modos de operar favorecem a produção de provas, bem como uma atuação voltada à ampliação do poder penal e ao encarceramento em massa de indivíduos considerados “suspeitos”.

Tal constatação remete ainda à questão de que quando o Estado neoliberal se ausenta das políticas sociais, o modo de governar acontece por meio de políticas de controle da criminalidade, que têm como sua razão de ser a criminalização de grupos racializados. Isso leva Dina a considerar que o ordenamento jurídico brasileiro se produz como uma (re)atualização da ordem escravocrata, em que o lugar social ocupado pelas mulheres negras na sociedade brasileira é refletido nas decisões desfavoráveis a elas no sistema de justiça penal. E a autora segue pontuando que analisar a relação entre regime punitivo e escravidão no Brasil amplia as análises de Foucault sobre o nascimento das prisões, pois quando se considera a condição negra parece mais pertinente argumentar que a prisão moderna funda um tipo de direito penal em que o corpo negro é o alvo e a espetacularização da punição é a racionalidade. É nesta perspectiva que, analisando o “lugar” racialmente privilegiado ocupado pelos juízes e as decisões desfavoráveis às mulheres negras, a partir da relação *juízes brancos e rés-negras*, Dina problematiza a existência de uma colonialidade da justiça com a punição dos grupos historicamente situados à margem da cidadania. O sistema de justiça criminal na América Latina tem a raça como seu princípio organizador no processo de encarceramento, bem como na história de dominação colonial que persiste na atualidade. Colonialidade que também se repete na justiça brasileira, conforme constatado nas entrevistas realizadas com dez mulheres negras que cumpriam pena na penitenciária Feminina de Sant’Ana no município de em São Paulo. A partir desse material a autora constata que são homens brancos, jovens, de classe média alta os que proferem cada vez mais as decisões judiciais e que, portanto, definem o futuro das mulheres negras a partir do lugar ocupado por elas na ponta do microtráfico de drogas.

As análises dos relatos, das narrativas penais nas sentenças e da resistência ao cárcere produzida contra os servidores judiciais por parte destas mulheres, segundo Dina, chamam a atenção para a condição paradigmática da mulher negra no que se refere ao Estado penal, na medida em que o ato de resistir ao sistema a partir da denúncia e do silêncio pode ser entendido em conjunto com um outro ato explícito de confrontação e desnudamento do Estado carcerário. É neste contexto que o reconhecimento do racismo pelo poder judiciário se torna uma questão fundamental, pois ainda que todos e todas tenham igualdade formal quanto aos direitos fundamentais e sociais segundo preconizado na Constituição, há mecanismos “invisíveis” de discriminação que produzem algumas pessoas como menos iguais ou menos humanas, ou não humanas. Como exemplo disso, das práticas rotineiras de policiamento de comunidades predominantemente negras e do crescimento nas estatísticas prisionais de mulheres negras que podem ser entendidos como um diagnóstico da insidiosa persistência do racismo e da colonialidade da justiça criminal no Brasil contemporâneo.

Em diálogo com a problematização de Dina, a discussão de Juliana Borges em “mulheres negras na mira” (2018) nos ajuda a entender a construção da punição de mulheres negras no Brasil. A autora situa um regime diferenciado de penalização entre brancos e negros desde o período da escravidão, quando analisadas a primeira lei criminal de 1830 e uma série de documentos históricos que contribuíam para a construção desta seletividade. Assim, os corpos de cor foram produzidos como matáveis e descartáveis, a serem controlados. Construção, que segundo Juliana, foi potencializada pelo discurso do médico César Lombroso, que buscou encontrar critérios científicos para as causas da delinquência a partir do estudo do biótipo do criminoso. Em sua obra “O homem delinquente”, datada de 1876, contribuiu para a construção da figura do criminoso na sociedade e para a estigmatização do negro. É nesta fabricação que o Sistema de Justiça Criminal pode ser percebido como um exemplo da íntima atuação entre precariedade e necropolítica, na perspectiva de que há uma precariedade diretamente ligada a um projeto de controle e extermínio ao qual as vidas negras estão submetidas.

E precarizar vidas, neste caso, para além de prendê-las à ideia de corpo-objeto, significa operar um projeto político desmobilizador, que produz insegurança e vulnerabilidade constante. Assim não é à toa que a guerra às drogas seja a narrativa que acelerou e aprofundou o super encarceramento no Brasil, a exemplo, do histórico proibicionismo e perseguição que são produzidos contra a população negra desde o século XIX. Veja-se o uso do “pito de pango” (expressão usada para maconha) que punia vendedores com multa em dinheiro e aprisionava os usuários, que neste contexto eram os escravizados. O uso dessa substância era considerado pelos senhores de escravos como forma de recusa ao trabalho forçado e de rebeliões, associando-o à “vagabundagem”.

Como segue problematizando Juliana, este processo de criminalização dos corpos negros se desenvolveu no âmbito da ideologia predominante no período colonial de que os corpos africanos deveriam ser escravizados como sofrimento e punição divina aos “desalmados”. Associada a ideia de que o trabalho era uma atividade disciplinadora e civilizatória aos “selvagens”. Essas práticas se inscreviam como um modo de produzir exemplo e de garantir autoridade por meio do medo.

Ademais, havia a construção de hierarquizações pela cor, cultura e territórios – que persiste até os dias atuais – como parte de uma produção que ganhou roupagem científica a partir de teorias eugenistas. Assim, negros, deficientes, asiáticos eram considerados como inferiores. E disso decorreu a elaboração de políticas visando o embranquecimento e o predomínio da raça branca com a criminalização tomada como uma política que passava pelo clareamento da população, pelo incentivo à imigração, pela tentativa de “sanear” a população e pela intensificação da repressão e controle da população negra. Foi neste processo, portanto, que se produziu o discurso do negro como inimigo, uma figura “naturalmente” criminosa e que terá como aparato de controle o cárcere.

Olhando para as mulheres negras, percebe-se a construção da violência desde o período da escravidão com os estupros sistemáticos, incluindo os “corretivos” a partir da ideia de que com a punição e com o sofrimento estas vidas alcançariam a “salvação”. E quando as punições criminais incidem sobre as mulheres negras no contemporâneo, elas vêm acompanhadas da produção de um lugar de anormalidade, de desequilíbrio emocional e de desestabilidade moral que levam a construção de diagnósticos “incorrigíveis”, como os de loucura e de histeria, que contribuem para a sustentação de uma esfera privada de punição, incluindo as redes religiosas e os estabelecimentos psiquiátricos. Assim, seguindo a discussão de Angela Davis, Juliana chama atenção para a relação entre a dimensão doméstica da punição e a violência doméstica a partir dos sentidos de propriedade e de “não cidadãs” conferidos às mulheres e que se diferencia do olhar produzido para os homens, pois à medida que eles são considerados cidadãos há uma previsão na esfera pública acerca da criminalidade e da punição, como se pelo estabelecimento de uma pena pudessem ser reintegrados à sociedade.

E neste âmbito, as noções de “cura” e de correção adentraram o campo da criminologia ao adquirirem uma perspectiva científica. Foi a partir do discurso de setores dos feminismos pela “separação com igualdade” nos sistemas punitivos que houve a implantação dos cárceres femininos, o que, em vez de trazer melhorias, acarretou em uma igualdade de repressão e agravamento da punição em relação às mulheres, em decorrência deste conjunto de juízos morais que atravessam seus corpos.

Neste contexto, Juliana, reitera a importância de pautar o gênero para pensar a punição, tendo em vista que diferentes formas de violência a que são submetidas as mulheres são aprofundadas pelo encarceramento. Dentre eles se destacam a negação de acesso ao controle reprodutivo e a remédios, as questões relacionadas à disponibilidade de produtos de higiene (papel higiênico e absorventes), a negligência médica e outras questões relativas ao campo da saúde – a respeito deste último, por exemplo, cabendo considerar que há mais chances de contaminação por HIV/AIDS no sistema prisional.

A narrativa de guerra às drogas é o pretexto de uma ação ideológica articulada que tem como objetivo militarizar, bem como exterminar subjetividades e vidas. Uma guerra cotidiana em territórios negros e periféricos e que atua na ponta da economia das drogas que, ao permanecer na ilegalidade, impede a visibilidade de sua extensão e coloca em risco as instituições ao corromper suas estruturas. Assim, Juliana afirma que as prisões são produtos políticos que tratam as diferenças como desigualdades e que seguem sendo tomadas como única saída para a solução de conflitos e para a criminalização de questões sociais. As prisões podem ainda ser entendidas como um aparato inserido na ideologia que reforça a precariedade das vidas negra e que visa controlá-las, puni-las e exterminá-las em todas as esferas de organização e das relações sociais. Estas questões, que se inscrevem em um conjunto de discussões relativas às liberdades são de fundamental importância para as mulheres negras à medida que estas ocupam a base da pirâmide de desigualdades, pois isso significa considerar que mudanças na vida das mulheres negras podem produzir alterações radicais e positivas para a sociedade.

É nesta perspectiva que o pensamento feminista negro - que não deve ser entendido como um aditivo ou vertente de um feminismo “universal” - é um ponto de partida para que seja vislumbrado um futuro que pautar a diversidade e a defesa da humanidade dos indivíduos negros, que como pontua Juliana, são diversos e têm direitos à vida, à liberdade e à opinião.

Outro ponto fundamental desta perspectiva é a luta anticolonialista, explicitada com maior intensidade a partir da interseccionalidade, à medida que a noção mostra o imbricamento das opressões sistêmicas e estruturais e a necessidade do entendimento das diversidades e da complexidade dos fenômenos de opressão. É neste sentido que, segundo Juliana, as mulheres negras desejam travar uma luta por identidades e por uma transformação radical da sociedade, o que necessariamente remete à descolonização do modo político de pensar e agir, justamente porque a liberdade só será alcançada quando as amarras físicas e simbólicas forem desmanteladas.

E pensando o tema das liberdades, Juliana nos oferta a discussão relacionada ao relatório “Cartas do Cárcere”, que mapeou as demandas e narrativas de pessoas privadas de liberdade enviada por carta à Ouvidoria Nacional do Sistema Penitenciário, cujas censuras e obstruções identificadas impacta no baixo número de denúncias de abuso e violência, evidenciando que a instituição prisional busca moldar a palavra e invadir a esfera do pensamento ao tentar aprisioná-lo. Ou seja, uma busca pela privação da liberdade e para fazer sumir corpos, mentes e pensamentos com o propósito de que se esqueçam de si mesmos. Assim, Juliana defende que pesquisadores, especialmente as pesquisadoras negras, façam de suas pesquisas e escritas espaços de ativismo pela liberdade e pelas vozes das pessoas em situação prisional, pois lutar pela liberdade passa pela liberdade de mulheres negras e pelo fim do controle e do extermínio das populações negras, no sentido afirmado por Angela Davis, de que não haverá liberdade enquanto existirem prisões e enquanto persistirem hierarquias sociorraciais (BORGES, 2018).

E foi caminhando com essas questões que cheguei ao tema do abolicionismo penal, tendo como discussão “ensaio sobre abolicionismo penal” (2006) do professor Edson Passetti da PUC-SP. É como uma prática viável no presente – e longe do rótulo de utopia – que o abolicionismo penal se inscreve como problematizador contundente do direito penal com o propósito de afirmar outros percursos para lidar com as situações tipificadas como crimes, atuando pela via da conciliação entre as partes tal como ocorre no direito civil. Deste modo, produz uma reviravolta no atual sistema penal, abrindo possibilidades para um percurso ao propor novas práticas que buscam relacionar as partes envolvidas e a justiça pública, com base na continuidade da vida livre de punições, ao ter como objetivos tanto a redução e a anulação da reincidência, quanto a obtenção de uma indenização do Estado para a vítima.

O abolicionismo penal abole a concepção criminológica, orientadora do direito penal, de indivíduo perigoso e propicia a expansão da educação livre do castigo ao propor percursos experimentais para lidar com cada infrator em liberdade, especialmente diante do velho, repetitivo, fracassado e inoperante itinerário punitivo de sentenciamentos consolidado pelo direito penal. Esta prática opera fora da órbita da linguagem punitiva e da aplicação geral das penas com o sentido de lidar com a infração como situação-problema e de considerar cada caso como uma singularidade, de modo que, como destaca Passetti, o abolicionista penal se distancia das práticas seletivas que alimentam os corredores limpos e engravatados dos tribunais, bem como as sujeiras e fedores nas prisões, lares e escolas, repartições públicas, sendo um adversário do universalismo moralizador ao praticar a ética da liberação a partir da problematização do direito penal e dos costumes punitivos da atualidade sem se restringir ao papel de resistência jurídica. Neste contexto, o abolicionismo penal não se trata de uma utopia. Trata-se de uma escolha libertária de quem abole o castigo ao proferir um não afirmativo aqueles que buscam a ampliação das punições, o que não palavras do professor Passetti remete à: em meu nome não! (PASSETTI, 2006 p. 29)

O encontro com o tema do encarceramento feminino abriu importantes visibilidades sobre as prisões como um produto da negligência das políticas públicas que tratam as diferenças como igualdades, conforme pontuado por Juliana. Neste contexto, Juliana Borges reforça no fechamento de seu livro “encarceramento em massa” a necessidade de pensar que as prisões “não estão distantes de nós”. É neste plano que o feminismo negro e a produção teórica e ativista de mulheres negras é um questionamento às desigualdades baseadas em hierarquias raciais e que a busca radical por transformações, bem como a luta contra uma guerra às drogas que, como ela afirma, violenta, encarcera e mata nossos filhos, companheiros, irmãos, tios, pais, sobrinhos, filhas, irmãs, primas e nós mesmas é uma emergência, pois como diz Angela Davis, só seremos livres em um mundo sem prisões (BORGES, 2019 p. 122).

**Poesia no ar...
sem certezas e nem
verdades**

Era mais uma terça-feira. Seguia caminhando... Naquela noite, eu e André, estávamos novamente no bar do Zé Batidão. Era dia de Sarau da Cooperifa. Enquanto os poetas partilhavam poesias, textos e letras de música ao microfone, balões eram enchidos com gás próximo ao balcão do bar, ao lado da estante-biblioteca. *Balões*, como aprendi a chamar desde criança essa bola de borracha que pode ser preenchida com várias substâncias e que em São Paulo esforço-me para lembrar de chamá-la de *bexiga*. Ao passarmos com certa dificuldade pelo poeta que enchia os balões, considerando o corpo a corpo que experimentávamos com a multidão que povoava o bar naquela noite, via que ele era ajudado por várias pessoas enquanto seus corpos eram embalados pelo intenso vai e vem de gentes que iam e vinham do balcão do bar. Corpos em pororoca como também experimentávamos ao passar por ali... e passando ouvíamos o ruído agudo, acutíssimo, do gás que dava forma a cada balão.

E após o ruído... víamos os balões serem amarrados e lançados para o teto do bar e também levados agrupados como o fazem os vendedores nos parques para o local onde ocorria o sarau. Aquela era a nossa primeira experiência no encontro em que inúmeros balões ganham o céu da zona sul rumo ao encontro de outros espaços e de outras existências... um voo em outra temporalidade, *um como que* acontece na Cooperifa uma vez por ano: *o Poesia no ar*.

Figura70: Balões sendo levados e tomando o ambiente do Sarau.

Assim os balões foram tomando o ambiente. Foram preenchendo o teto e dividindo o espaço com a árvore que habita o bar e cujo corpo se conectava a nós que dividimos aquele ambiente com ela. Conexão está que se tornou assunto entre nós em uma de nossas idas ao sarau da Cooperifa. Um dos vários encontros que ali produzimos. Um encontro forte que transbordou de nossos corpos e se

materializou em uma escrita conjunta¹⁴². Quando volto a Cooperifa, atualizo esta experiência. Quando lá estou, o reencontro com a árvore-corpo *acontece*.

Figura 71: Árvore-corpo envolta pelos balões que tomavam o ambiente

Enquanto o sarau seguia, a árvore-corpo seguia sendo tomada por balões. À medida que os balões preenchiam o ambiente e envolviam a árvore-corpo, configurava-se uma outra conformação estética. Os barbantes que amarravam os balões pendiam milimetricamente como se tivessem sido cuidadosamente arrumados sob nossas cabeças. Ao olhar para o teto a impressão era a de que havia uma gradual formação de uma nuvem branca que era entremeada pelos feixes luminosos provenientes do teto, remetendo à imagem de uma fina chuva, uma vez que o alinhamento dos barbantes oscilava ao sabor da suave brisa refrescante que tomava o ambiente e invadia nossos corpos. Fiquei por um tempo naquele encontro com a dança dos balões no espaço...

¹⁴² “Uma árvore preservada no interior do bar conecta aquele espaço entre a terra e o céu noturno. Um de nós comenta: “esta árvore parece ligar com seu corpo os firmamentos e as raízes de vários povos e as suas travessias, para que juntos ganhem novos ares”. Outro responde: “fica forte para mim, a imagem de continuidade do piso de concreto, da árvore e da laje. Outro fala: isso não é comum. Primeiro, uma árvore em um bar e, segundo, na cidade de São Paulo que é marcada pelo excesso de concreto e, na periferia, marcada pela escassez de árvores”. Era como se árvore rompesse o concreto, resistisse à força do concreto. Algo próximo do que acontece com as vidas que vão lidando com as capturas nos corpos, com as apostas e com as poéticas que as compõem. Tudo isso nos remete a uma travessia, um movimento de resistência. Árvore-corpo. (MENDES et al, 2019).

Figura 72: A ambiência produzida pelo alinhamento dos balões próximo às existências que participavam do Sarau

Os balões permaneciam em compasso de espera, pois logo ganhariam liberdade para tomar o céu da zona sul e talvez para além dela. Ao sabor do vento e da sorte, um outro vivente receberia um daqueles balões e um encontro aconteceria com as palavras de seu remetente. E nesta errante movência de um destinatário selaria um encontro com as poéticas de um desconhecido remetente. E até poderia ser que o encontro não ficasse como uma oferta poética entre anônimos, pois ao microfone uma componente da Cooperifa incentivava que nos identificássemos de algum modo no papel que carregaria a poesia noite afora... sabe-se lá que possíveis encontros nossa oferta-convite poderia provocar... impossível prever o que pode um balão prenhe de poesia a voar pelo infinito noturno.

De onde eu estava, via várias existências a se ocuparem das movências dos balões entre nós. Tal estética fazia parte daquela celebração poética junto com cada poesia declamada. Sem dúvida, acontecia um espetáculo à parte que era registrado de diferentes modos pelas existências que ali estavam... com câmeras profissionais, com o celular ou somente com os olhos que, ao que parecia, davam pistas de que fitavam com alegria a nuvem de balões que pairava sob nossas cabeças. Aos poucos os balões tomaram totalmente o ambiente e aquela nuvem foi tomando outras formas. E a tal chuva também, pois os barbantes de alinhados passaram a emaranhados. O que havia no ar? Delicadezas, miudezas, afetividades, movimentações entre corpos, uma alegre presença... existências que vinham de perto e de longe e que produziam encontros e reencontros como era possível ver e sentir. Tudo e todes, humanos e não-humanos cultivando e vivenciando um sem fim de conexões e de estéticas.

Naquela noite o Sarau estava um pouco diferente. O combinado inicial, ou pelo menos a “orientação”, era para que as pessoas declamassem de forma breve o que tivessem escolhido para partilhar no encontro e que não usassem o espaço para outras falas porque o sarau seria um pouco mais curto. As idas ao microfone seriam encerradas às 20h45 para que que começasse a organização da soltura dos balões. Em seus momentos ao microfone as ofertas poéticas foram em sua maioria curtas, porém não menos contundentes. Elas foram breves e certeiras.

Outros deram seu recado, agradeceram e manifestaram-se antes e/ou depois da poesia escolhida para aquela noite. Outros ainda partilharam poesias que foram escritas a partir do recente encontro com o espaço-tempo-corpos que povoa a Cooperifa, a exemplo de uma moça que declamou uma poesia escrita por ela após ter ido pela primeira vez ao Sarau há poucos dias e um poeta que declamou uma poesia escrita especialmente para aquela noite. Do que pode o corpo ao ser tomado por uma experimentação poética.

O bar fervia. Explodia de viventes. Arriscaria dizer que havia mais que o dobro de pessoas no interior do bar, sem contar o tanto de gentes que estava do lado de fora. Dentro e fora, um movimento incessante. Fiquei parada próximo à entrada, perto da escada que dá acesso ao segundo andar do bar. Vivenciei o Sarau de uma outra perspectiva, do lugar que tanto queria ter estado. Inicialmente não pude subir a escada, pois estava tomada. Fiquei parada próximo à porta, dividindo o espaço com um vaso de planta que nunca havia percebido e que naquela noite estabelecemos uma relação. Parada perto do vaso? Não. Estava em movimento contínuo, pois sentia as movências das pessoas que por mim passavam e que também me movimentavam ao entrarem e saírem do bar. Definitivamente não estava parada assistindo o Sarau, pois passei também a cuidar para que as pessoas não trombassem com o vaso. Escolhi ficar ali, no burburinho da entrada.

E nessa movimentação que não parava vi algumas crianças empunhando alegremente o balão que haviam recebido; uma moça equilibrando uma travessa do famoso escondidinho de carne seca do Zé; um rapaz relutando para que as cinco garrafas de *Cacildes* não escapassem de seus dedos, uma moça que tentava segurar três coxinhas de frango, tamanho G, que teimavam em escapar da cumbuca. Vi ainda a movimentação de integrantes da Cooperifa percorrendo o bar a fim de oferecer a todos um saquinho com um papel em seu interior que eu não sabia como seria usado até que elas nos convidassem a escrever uma poesia, guardá-las nos saquinhos e amarrá-los ao balão.

Após o convite cada um encontrou um modo para escrever. Houve quem vasculhasse a bolsa até que encontrasse uma caneta. Houve quem pedisse emprestado este objeto que passou a ser intensamente compartilhado. Aqueles que estavam à mesa escreveram confortavelmente sobre ela. E aqueles que estavam de pé buscaram toda sorte de apoio, o degrau da escada, a mochila nas costas do colega, a própria mochila, a parede do bar, o teto dos carros...

Figura 73: As escritas e seus possíveis no Poesia no ar

Fiquei durante todo o Sarau no interior do bar. E quando começaram os preparativos para que os balões fossem soltos, tive a dimensão do número de pessoas que estavam do lado de fora. A efervescência também estava lá. Muitos aguardavam sentados em cadeiras, na calçada ou em caixotes de madeira, especialmente aqueles que estavam com crianças como foi o caso de uma integrante dos Poetas Ambulantes. E ao caminhar por entre as pessoas encontrei muitos rostos conhecidos... poetas, professores, frequentadores da Cooperifa. Naquela noite duas ausências: Dona Edite e Zazá. Uma das poucas vezes em que estive na Cooperifa e que elas não estavam em seus conhecidos lugares, na primeira e segunda cadeiras da mesa na mesa à direita de quem está ao microfone. Aqueles lugares são delas...

O povo foi ficando cada vez mais agitado. Era possível perceber uma expectativa que tomavam os corpos, incluindo o meu. A esta altura a maior parte das pessoas já estavam com os balões em punho, tendo as poesias devidamente amarradas aos barbantes dos balões. Outros ainda ajudavam os que não tinham terminado de preparar os balões, como nós, que contamos com a ajuda de Jefferson Santana. Muitos registros eram feitos da ambiência e dos encontros que se produziam naquela noite. De dentro

do bar, Sérgio dava o tom de que estávamos próximos da hora de soltar os balões. A esta altura os ônibus e os carros já não circulavam por ali. A rua em frente ao bar estava tomada.

Figura 74: As existências que tomavam a rua em frente ao Bar do Zé Batidão empunhando os balões que logo seriam soltos.

E um dos poetas começa a contagem regressiva: “10; 9; 8; 7; 6; 5,5” e o povo grita frustrado com o retardamento da contagem. Sergio solta uma gargalhada O poeta ri também. A contagem foi retomada... “4;3;2;1”. Os balões tomaram o céu!

Olhares voltados para o céu noturno. Muitos braços permanecem estendidos como que tentando acompanhar a tal nuvem que havia sido solta... e o delírio se fez! Uma mistura de sensações tomou meu corpo de pesquisadora-vivente... tudo ao mesmo tempo, em ato: sentir-viver-registrar-experimentar-vibrar... pois, é assim, não há outro modo de estar *in-mundizada*.

Os balões tinham ido. O ápice da noite tinha acontecido. Mas a *Poesia no ar* ainda não tinha acabado. Gestualidades múltiplas se faziam após a soltura dos balões... conversas, fotos, cumprimentos de comemoração, abraços afetuosos – alguns com o tom de um até breve – ainda seriam experimentados por muitos, inclusive por nós. Muitos foram embora e muitos permaneceram. E uma expectativa comum permanecia: na próxima semana tem mais Sarau da Cooperifa!

Figura 75: Os balões tinham ido, mas o Poesia no ar não tinha acabado.

Ao seguirmos em direção ao ponto de ônibus, mais alguns registros daquela experiência singular e difícil de ser apagada do corpo... Talvez estivéssemos refreando o momento de ir embora. Talvez uma vontade de ficar mais um pouco. Seguimos para nossos destinos pois a hora já avançava.

O que ficou em nossos *corpes*? A potência que se inscreve ativamente nos interstícios dos encontros como a que vivenciamos lado a lado, corpo a corpo, com tantas existências. Movimentos que surpreendiam, agenciavam, alegravam nosso existir que era vivido cada vez mais próximo de tantas coletivas e coletivos. Movimentos-criações que não cessam de acontecer e que trazem consigo infinitas poéticas como tecnologias produtoras de vida na singularidade. Movimentos-revides que ativam potências, que incitam persistências, que cultivam permanências, que afastam o medo, que produzem modos para existir-resistir, que provocam interferências em espaços vivificados como *de todes*.

Seguimos nosso caminho em direção ao ponto de ônibus partilhando o que havíamos experimentado naquela profusão de encontros vividos separadamente, pois Andre permaneceu quase todo o sarau do lado de fora e eu o tempo todo do lado de dentro, sem que tivéssemos feito qualquer combinação a esse respeito.

Do alto da ladeira que nos leva à avenida M'Boi Mirim era possível ver um número menor de pontos de luz no horizonte. Talvez parte da zona sul já dormisse, pois já estava próximo de 23h:30min. As ruas estavam pouco movimentadas como já havíamos vivenciado outras vezes. Uma familiaridade povoava nossos corpos naquele trajeto... os comércios fechados, o ponto de ônibus com um ritmo bem

diferente de outros horários, a avenida M'Boi Mirim que podia ser atravessada com o semáforo aberto ou fechado. Mas um outro tanto de existências ainda não dormia. Um bar ou outro permanecia aberto, o vendedor de verduras seguia no mesmo ponto em frente a uma loja da M'Boi Mirim, as barracas de comida seguiam juntando viventes no Largo de Piraporinha.

Havíamos partilhado mais um Sarau da Cooperifa com tantas existências, cada vez mais vinculadas a elas. Naquela noite vivenciamos outras perspectivas sobre o que podem a poesia e as poéticas em nossos corpos e nos corpos de tantas gentes.

E seguimos caminhando, ampliando nossas conexões e vivenciando acontecimentos que faziam variar nossa potência de pensar-agir, para muito além de nossas pesquisas. E seguimos... *carregando nuvens daquele encontro*¹⁴³... como existências que experimentavam o ato de pesquisar...

ocupados por alegrias...
sem certezas e nem verdades

Figura 76: Das alegrias daquele encontro,
sem certezas e nem verdades

¹⁴³ No texto “Pesquisar no lugar infame, obscuro e mudo”, Adriana Barin, Alexandre Henz e André Rodrigues trazem esta imagem ao partilhar o processo de acompanhamento de duas vidas, Renata e Renato, apostando em um pesquisar no lugar não tomado pela fama que aquelas adquiriram, “um investigar nos intervalos das camadas repletas de linguagem, lei, moral, significação, tentando aproximar do sutil, do insignificante que pertenciam ao silêncio” (2019, p.102). E seguem partilhando que “ideia, afetos, tensões foram alguns dos movimentos que embalaram uma ética, nossa tentativa de pesquisar com Renata e Renato num lugar infame” (2019, p. 103).

**Um encontro com
minha constelação
de intercessores:
Isto é um negro?**

Final de tarde de novembro. Naquele dia, o ponto de encontro foi a plataforma da linha lilás do metrô. Assim que desci a escada rolante, avistei Larissa sentada lendo. Paula chegou minutos depois. Logo tomamos o trem rumo ao nosso destino: o Sesc Campo Limpo. Engatamos um papo animado. Ao longo das várias estações, até nosso destino, o trem foi ficando mais vazio. Seguíamos falando de vários assuntos *juntos e misturados*, como de costume. Hora de descer. Quando sai do trem vi a placa: Estação Capão Redondo. No calor do *converse*, passamos da estação em que desceríamos. Seguimos rapidamente pelas escadas rolantes e logo estávamos do outro lado da plataforma rumo à estação Campo Limpo. Das alegres distrações de minha caminhada...

A tarde estava ensolarada. E o Sesc Campo Limpo, como na maioria das vezes, estava animadíssimo. Jovens jogavam basquete e vôlei nas quadras, crianças ocupavam o tabuleiro de xadrez “gigante” na companhia de adultos; muitas outras gentes espalhavam-se pelos diferentes espaços de convivência. Após um chocolate com pão de queijo, seguimos para o setor de distribuição das entradas. Lá encontramos André, que também havia combinado de estar conosco naquele dia. Ele estava na companhia de Luiza e da mãe e um amigo. Quando nos aproximamos, André disse: “*Valéria essa é a Luiza! Luiza essa é a Valéria!* Apesar de já nos conhecermos pelas conexões de nossas pesquisas, eu e Luiza, ainda não havíamos estado frente a frente. Finalmente Sankofa, Niara e Ayubu estavam *juntas!*”.¹⁴⁴ Estávamos todos ali para viver a peça: “Isto é um negro?” do Grupo EQuemÉGosta.

Seguimos para a fila que já se formava. Logo o tempo começou a virar. Uma ventania chegou, com bastante força, anunciando a intensa chuva que cairia em poucos minutos. Tão logo a chuva chegou os funcionários do Sesc trataram de reorganizar a fila para o local onde ocorreria a peça, pedindo que nos deslocássemos, fugindo das grandes poças de água que se formavam no espaço da área de convivência/comedoria.

Ali eu tinha boas lembranças da abertura de uma Mostra da Cooperifa quando assisti, com André e um amigo seu, aos “Literatura: Narrativas poéticas de liberdade” e “Cultura e estética como práticas para o empoderamento” e ao show de Elen Oléria¹⁴⁵. Naquele dia duas falas marcantes. A primeira de

¹⁴⁴ É deste modo que Ayubu se refere a nós ao contar no texto “Caminhos de Ayubu: transvisões de si e do mundo no encontro com produções negras!”, do qual Niara participou em vários momentos, sobre suas percepções e processo de pesquisa ao caminhar com Sankofa e Niara partir de suas pesquisas como mencionado na narrativa “Entrando em uma zona de força e potência: corpos que incitam a engolir o mundo”.

¹⁴⁵ E o folder da Mostra trazia: Debate – “Literatura: Narrativas poéticas de liberdade”: com objetivo de refletir sobre suas trajetórias, influências literárias e os processos criativos que norteiam suas obras. Cristiane Sobral – É escritora, professora, diretora de teatro e atriz. Mestre em Teatro e ganhadora do Prêmio FAC 2017 Culturas Afro-Brasileiras. Publicou cinco obras com maior destaque para “Não vou mais lavar os pratos”. Jeferson Tenório que é doutorando em teoria literária pela PUCRS. Estreou na literatura com o romance O beijo na parede (2013), eleito o livro do ano. Além disso, teve textos adaptados para o teatro. É autor também do romance Estela sem Deus. Mediação: Elizandra Souza – Poeta, Jornalista, integrante do Sarau das Pretas. Autora do livro de poesias Águas da Cabaça. Foi editora e jornalista responsável na Agenda Cultural da Periferia. Idealizadora do evento Mjiba em Ação – Comemoração ao Dia da Mulher Negra. Editora do Fanzine Mjiba. Debate – “Cultura e estética como práticas para o empoderamento” Joice Berth que é arquiteta e urbanista, pós-graduanda em Direito Urbanístico pela PUCMG pesquisadora sobre questões raciais e gênero, escritora e autora do livro O que é Empoderamento? da coleção Feminismos Plurais! Renata Prado, que é pesquisadora na área da educação partindo da proposta a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino; dançarina de funk; produtora executiva da festa Batekoo SP e diretora da Frente Nacional de Mulheres no Funk. Mediação: Jenyffer Nascimento – Produtora, feminista, e apreciadora de arte, porta-voz de uma geração de mulheres negras que estão

Cristiane Sobral, que compartilhou a experiência de uma reunião em uma editora de São Paulo, quando ouviu que ela seria muito mais aceita no mercado se passasse pelas mãos de um visagista, que cuidaria de seus cabelos e pele. E ouviu também o desafio proposto pelos de que o conteúdo de seu livro não tivesse as palavras *negra* e *negro*, se ela conseguiria compor essa escrita. Contando que não havia se submetido à proposta, ela pautava o tema da tentativa de seu embranquecimento, premissa que predomina no mercado literário. Uma fala forte, ilustrada por trechos de sua produção: “Não vou mais lavar pratos”. A segunda fala foi o *chamamento* de Elen Oléria, que frequentemente me assaltava quando eu estava naquela unidade do Sesc, durante um dos momentos de conversa com a plateia: “*Ei, não fica com medo, não! Vem com a gente, porque temos as tecnologias de defesa há muito tempo! Nós estamos juntos. Cola na gente!*”. Ali eu também lembrava do comentário de uma professora que conheci também nesta Mostra da Cooperifa sobre as diferenças estruturais daquela unidade do Sesc em relação a outras da cidade. Pensamento, aliás, que me passou logo na primeira vez que estive lá. O Sesc Campo Limpo, guarda várias semelhanças com a unidade Parque Dom Pedro II, perto do Mercado Municipal no Centro de São Paulo, ambas formadas por estruturas de galpões, áreas descobertas e *containers* que abrigam espaços de leitura, guichês para pagamento de serviços, lanchonetes e banheiros.

Na fila, nós e muitas gentes, fugíamos da chuva intensa. De longe, eu via Adriana Paixão da Cia Capulanas e um integrante do projeto Bixa Preta de Fé, ambos também aguardando. Entrada liberada. Ao chegarmos à tenda multiuso vi uma arquibancada com cinco andares. Em cada cadeira um cartaz nos recepcionava. Na parte da frente: a questão que dava título ao espetáculo. No verso do cartaz: o texto

Em cena corpos estudam, se estudam. Um estudo sobre o racismo é principalmente um estudo sobre práticas. Fusos, infusões, efusões, difusões: temporalidades que **incorporam** e **desincorporam** a “carne mais barata do mercado”. A cena é uma tentativa, uma luta contra formas de destituição da fala. Para quem é preto ou sabe a pretidão que lhe concerne, negro não é **uma** cor, não é **uma** ideia, não é **uma** postura, não é **uma** dor, não é **um** orgulho: sendo tudo isso, é antes uma **situação**. É sempre em situação que aprendemos sobre aquilo que somos. Nesse tempo em que as fúrias se movem contra o humano, organizar a ira é dar corpo a existências e formas de vida; mais: reconhecer os corpos dessas existências e forma de vida cuja afirmação é a negação de toda necropolítica; é produzir tais corpos, redesenhar mapas na medida em que esses corpos se movem. A cena poderia ser: um branco grita na rua “neguinho, você me roubou, e vai apanhar por isso”; em volta, pessoas olham a situação e têm dúvida o neguinho pode ter roubado; se o neguinho roubou então ele merecer apanhar. Eis o estágio em que vivemos, de naturalização de uma pratica generalizada. Na cena, a lei

descobrimo e construindo sua identidade enquanto mulheres negras, fortalecendo-se mutuamente e construindo diálogos visando ao fortalecimento de sua autoestima. Show de abertura com Ellen Oléria – Cantora e compositora brasileira, nascida e criada em Brasília, onde se formou em Artes Cênicas na Universidade de Brasília. Com mais de 15 anos na estrada da música, a artista acumula prêmios em festivais, tem 5 discos lançados e turnês realizadas pelo Brasil e mundo afora.

do merecimento, a hesitação que uma fisionomia confere, o decreto de suspeição de um corpo, tudo isso tem efeito de uma chanchada sinistra. Entre merecimento e mérito, as cores do sistema são os tons de vermelho-sangue de corpos que merecem morrer porque não tem o mérito do privilégio. O direito custa muito caro. A exceção produz lugares, e neles, outros antagonismos. Olhe, mire, veja: isso não é *seu nego*.

A expectativa era grande. Na leitura do cartaz uma relação de familiaridade com vários trechos. Eu havia ouvido-vivido-sentido muitas daquelas questões com várias existências negras: *“organizar a ira”*; *“uma luta contra formas de destituição da fala”*; *“reconhecer os corpos dessas existências e forma de vida cuja afirmação é a negação de toda necropolítica; é produzir tais corpos, redesenhar mapas na medida em que esses corpos se movem”*; *“naturalização de uma prática generalizada”*; *“lei do merecimento”*; *“hesitação que uma fisionomia confere”*, *“decreto de suspeição de um corpo”*; *“cores do sistema são os tons de vermelho-sangue de corpos que merecem morrer porque não tem o mérito do privilégio”*, *“direito custa muito caro”*; *“exceção produz lugares”*. Tantas existências que eu conheci estavam ali naquelas frases!

Naquele dia, minha aposta continuava sendo a de seguir vivenciando encontros que pudessem agenciar o pensamento que faria parte da composição da tese. E aquele espetáculo foi mais um dos acontecimentos que experimentei, tal como seria com o espetáculo “Reclusa” da Zona Agbara. Produções que me agenciaram em vários planos no do pensamento, no da escrita, no do viver! Ali eu seguia com o cartaz de “Isto é um negro?” nas mãos. Logo no primeiro instante de leitura, um texto que explicitava tantas questões expressas pelas existências com as quais me encontrei. E seguindo fui percebendo que algumas/alguns intercessoras/intercessores para as/os quais eram ofertados agradecimentos como Achille Mbembe, Aimé Césaire, Angela Davis, Bell Hooks, Djamila Ribeiro, Franz Fanon, Grada Kilomba, Lélia Gonzales, Mano Brown, Racionais MC’s, Ruth de Souza, Sueli Carneiro, n- 1 edições também haviam sido minhas/meus intercessoras/intercessores no decorrer do campo e na recente aproximação com algumas/alguns destas/destes na produção da pesquisa. O cartaz dava pistas de que aquele espetáculo seria intenso.

Cena

Quatro existências entram no palco. Quatro corpos olham para a plateia e perguntam “Nós?”. Logo se desnudam de costas para a plateia e de frente para um emaranhado de cadeiras brancas. Na sequência aproximam-se das cadeiras e começam a empurrá-las conjuntamente. Cada existência permanecia em um ponto empurrando as cadeiras. Seguem movendo aquela pilha de cadeiras de variados formatos e materiais. Força. Peso. Desafio. Desconforto. Dor. Diferentes corpos negros. Dois homens e duas mulheres. Uma mulher gorda, com cabelos curtos, corte “Joãozinho”, a mais alta de todos. Outra mulher com curvas proeminentes, cabelos longos e trançados com tons de azul. Um homem mais magro com certa definição muscular e com a cabeça raspada. Outro homem também magro com um pouco de definição muscular e com um *black* que tinha as bases mais

aparadas. As quatro existências empurravam aquele amontoado de cadeiras. Elas/eles seguiram deslocando lentamente aquele bloco de cadeiras até que tal emaranhado ocupasse o fundo do palco.

A luz cai.

Cena

Os corpos reaparecem no canto direito do palco. Via-se um pequeno foco de luz ao longe. Aos poucos via-se que um corpo trazia um foco de luz nas mãos. Corpes nus ao chão. Corpes aos poucos se misturam. Não era possível ver quem era quem naquele emaranho. Partes de um corpo invadiam o espaço de outro corpo ao mesmo tempo que este era invadido. Um ruído. Aos poucos o ruído avolumou-se. O som ficou muito intenso. Ruído de vento. Corpes começam a se movimentar. Seguem movimentando-se lentamente. Percorrem vagarosamente o prosscênio de uma ponta a outra emaranhados. O foco de luz circulava de uma mão a outra naquele emaranhado. Não se via quem entregava o foco. As expressões dos rostos assumiam diferentes formas. As peles eram esticadas e comprimidas à medida que se movimentavam. Quase na extremidade do palco o foco deixou de circular de mão em mão. Neste momento um corpo tentava retirar o foco do corpo que o continha. Uma cabeça emergiu daquele emaranhado. Logo foi invadida e afundada por uma mão. Pernas e braços se cruzavam. Troncos eram torcidos. O emaranhado de corpes não assumia uma forma única.

A luz cai

Cena

Atores falam várias frases ao mesmo tempo.

Atriz: Gente, a peça não tem legenda. A gente vai repetir “nós” para entender o quanto de brasileiro tem. Nós, brasileiros?

Plateia: nós.

Atriz: não, não. Cada um deve repetir “nós” à questão quando se identificar.

- Nós, brasileiros?
- Nós, de fora do estado de São Paulo?
- Nós, mulheres
- Nós, mulheres que ficamos [inaudível] privadas para vocês mulheres
- Nós, bixa
- Nós, sapatão
- Nós, que nunca saímos do país

Atriz: Uruguai, Argentina, vale?

- Nós, filhos de pais pretos

Vozes em coro: nós

- Nós, estourando champagne que é para abrir nossos caminhos
- Nós, de pé diariamente no busão lotado

Vozes em coro: nós!

- Nós, que convivemos com uma doença terminal

Ouçõ a voz de um homem bem perto: nós.

- Nós, que não falamos inglês fluente, nem inglês nem espanhol nem nada.

Vozes em coro: nós!

Atriz aponta para uma moça: fala espanhol fluente?

Moça responde: não falo nem português direito, moça.

Atriz responde: é nós!

- Nós, que já sofremos alguma violência sexual

Várias vozes femininas: nós

- Nós, com ascendência indígena:

Várias vozes: nós

- Nós, com ascendência europeia

Poucas vozes ecoaram

- Nós que [defendemos] pautas dos direitos humanos
- Nós, que já silenciámos uma mulher mesmo que não intencionalmente
- Nós, que representamos uma ameaça por andarmos sozinho à noite numa rua
- Nós, que temos medo de andar sozinhas
- Nós, fetiche de branco
- Nós, fantasia de carnaval
- Nós amarrado no poste para servir de exemplo
- Nós, que duvidamos diante de uma situação de racismo
- Nós, que nunca tivemos uma empregada doméstica trabalhando em nossas casas
- Nós, que temos ou tivemos algum familiar encarcerado

Várias vozes em coro: nós!

- Nós, que temos algum policial familiar: alguns
- Nós, aprendendo a gingar desviando do chicote
- Nós, enquadrado na lei antiterrorismo por ter um pinho sol guardado na mochila
- Nós, atração da festinha, mas que vão voltar para casa sozinha
- Nós, que antes do “oi” tem que responder quantos centímetros de pau tem.
- Nós, com um trêsóitão na tua cara
- Nós, que estudamos em escola particular
- Nós, de escola pública
- Atriz: Estudei minha vida inteira na escola pública desde a pré-escola até o ensino médio

Plateia em coro: nós

Ator: Uma das matérias que eu mais gostava era a de história, minha matéria favorita – vários

Lembro que quando a gente estudava colonização os professores sempre falavam de doenças [inaudível] pelo contato migratório, enfermidade para a civilização e já entendia aquilo pouco estranho. E hoje, depois de alguns anos que saí desse colégio, está cada vez mais presente o outro lado dessa história de terras confiscadas, religiões assassinadas, culturas espezinhadas, magnificência artística aniquilada, milhares de possibilidades suprimidas e um pouco mais além de ter começado a entender que a África não era só um continente de onde vieram meus ancestrais, mas também pode ser uma maneira de viver o aqui e o agora. [E o conceito de negritude não [inaudível] pernicioso concepção do universo é simplesmente uma maneira de você enxergar a história através da história. Minha história por exemplo, sou filho de uma mulher negra...

A luz cai

Cena

Atriz (Mirela) entra caminhando

- Desculpa, desculpa. Teatro lotado... estava procurando um lugar que tivesse gente e entrei aqui. Uau! [atriz ri]. Vocês têm plateia! Chego 14 minutos atrasada e ninguém quer me ouvir. Existe apenas um mundo. Vou repetir: existe apenas um mundo, pelo menos por enquanto. Ele é tudo que temos. O que eu estou chamando de mundo. Conjunto do vivo. Animais, vegetais, a terra que treme, os vulcões que eclodem, as divindades, as matérias, células, moléculas, água que cai do céu, sol, que nasce e queima as peles por aí fora. E tempo também de uma tonelada de cacos e de tocos, de pedaços de palavras dispersos no ar a [sustentabilidade - inaudível] desse mundo depende da nossa capacidade de erguer esses seres e coisas aparentemente sem vida. O homem, morte, devolvido ao pó pela seca economia. Aquela que [inaudível] de mundo a vida para os corpos

e as almas. Dividir o mundo com outros seres vivos. Eis a dívida por excelência. O que eu estou chamando de dívida? Dívida substantivo feminino do latim *debita*. Aquele que deve algo a alguém, porque nós não nos livraremos tão facilmente dessas cabeças de homens, dessas orelhas cortadas, dessas casas queimadas, desse sangue fumegante, dessas invasões góticas, dessas cidades que desaparecem pelo fio da espada. Reparação. Porque a história deixou lições e cicatrizes – ah, que história triste! [atriz fala em tom irônico] – lições e cicatrizes impedem de formar comunidade. O cenário é a capital federal da república 1998 – escola particular, a professora grita. Naquele dia, aqueles professores, aqueles alunos tiveram a sorte de ter um aluno negro na sala. Uau! Que sorte! Porque não usá-lo de exemplo? “Raoni pode vir aqui um pouquinho, por favor?” Hoje a gente vai mostrar para eles como é o corpo de um escravo.” Eu fui e ela levantou o meu braço. Ela levantou meu braço: “você podem observar que no corpo negro a axila é mais escura, assim como os cotovelos e os joelhos. “Mirella pode ficar de lado? Melhor para observar essa protuberância na parte traseira”. É que geralmente no corpo negro da cintura para baixo é tudo maior, do corpo da mulher negra. Faz da mulher negra uma mulher forte, uma mulher que tem base, segura o tranco, que aguenta tudo, uma mulher que não chora, uma mulher que não sente”. Uurgghaaaa [atriz grita]. [COMEÇA MÚSICA AO FUNDO]. Eu sou uma mulher negra, porque eu sou contra o que eles fizeram e vem fazendo com a gente até hoje. Tenho algo importante a falar sobre essa nova sociedade que está se constituindo, porque eu sou parte importante daquilo que eles vêm tentando desacreditar. Aquele dia a professora definiu o que é o negro. Uurgghaaaa [atriz grita]. Tarefa árdua, mas ela conseguiu que vissem o que é um negro.

Atriz: O que é negro? Não precisa responder. Não precisa responder porque vou fazer uma retrospectiva para a gente ter o mesmo ponto de partida. Vem comigo. Num dia numa manhã ensolarada, bem ensolarada, um homem claro, claro, claro, bem clarinho abriu a janela olhou em volta toda aquela terra que ele tinha conquistado. Poderia ficar feliz, mas não. Ele ficou triste, chateado, enfadonho, enfezado, porque que adiantava aquela terra conquistada se ele não tinha mão de obra para construir [inaudível]. Essa história poderia terminar aqui, mas não termina, porque é a história de um herói. E um herói acorda com o desejo de desbravar. Vou desbravar esse mundo. Fechou a janela do castelo, calçou suas pantufas e vestiu seu roupão de seda azul, ele tinha um ótimo gosto, desceu a escada do castelo. Abriu o portão do castelo, uau! Estava ele em seu lindo e belo cavalo, branco. Subiu no seu cavalo e cavalgou, cavalgou, querendo desbravar, porque nosso herói é demais. Quando, de repente, uouuu! O cavalo parou porque eles tinham chegado na frente do mar. Nossa história poderia terminar aqui de novo, mas ela não termina, porque um herói consegue tudo o que quer. Nosso herói tomou o cavalo de volta para casa com o roupão no ombro dele, levou as pantufas, e se atirou ao mar. Aí ele nadou, o clássico crawl, basicão [atriz faz os gestos – ela ri. Algumas pessoas da plateia riem]. Nadou peito, ótima respiração, nadou borboleta, mas ele tinha... uouuu! ombros largos... nosso herói, oh!... é perfeito. Nosso herói nadou de costas e quando ele nadou de costa, uouuu! Que alegria. Nosso herói ficou muito feliz porque ele tinha uma legião de homens brancos, heteros, cis, nadando junto com ele. Aí ele ficou muito feliz. Deram uma festinha em pleno mar. Abriram um mapa e construíram um bote, construíram um caiaque, eles construíram um navio, um jet sky, um *banana boat*, uma caravela, um navio [prancha! Fala alguém na plateia]. Construíram uma prancha, *stand up* [risos] construíram todas essas embarcações, organizaram essas embarcações como um grande abre-alas carnavalesco-marítimo e eles se ajudaram a subir nessas embarcações, porque essa galera sempre se ajuda, é impressionante. E remaram junto, uaaah! Eram homens, uaaah! [atriz segue fazendo gestos de remar com força]. Heteros, uaaah! Cis, uaaah! Pau duro, uaaah! [atriz segue fazendo os gestos]. Aí eles chegaram do outro lado do oceano, porque eles traçaram uma linha bem reta no mar. E chegando lá... uouuu! Nosso herói encontrou pessoas. Que legal! Mas ao invés de ficar feliz, ficou triste, ficou chateado, enfadonho, mais uma vez enfezado, porque o que adiantava toda aquela mão de obra qualificada se ele não tinha como pagar pelo serviço. Nossa história poderia terminar aqui de novo, mas ela não termina, porque o herói muda o curso da história. E nosso herói teve uma nova ideia. Nosso herói resolveu escravizar. Uau! Não gostaram estão com a mesma carinha? Ele tinha uma carta na manga. Aquele povo, aquele povo tinha a pele de outra cor. Nosso herói inventou o negro. Uauuuu! Genial nosso herói, genial! Pergunto para vocês: é interessante colocar duas civilizações diferentes em contato? Poxa, pode ser proveitoso colocar dois povos que nunca se viram para trocar? Agora pergunto: a colonização fez isso da melhor forma? Respondo:

não! Conhecer mundo, seus limites, suas fronteiras [inaudível] ser humano de carne, osso espírito surgiu sob o signo do medo. O ser humano mercadoria, metal, moeda o nascimento da questão da raça está intimamente ligado à questão do capitalismo e o motor do capitalismo é uma figura exemplar de uma violência sem limites, de uma precariedade sem limites. Logo, eu posso pensar que ser negro é uma *função* do sistema capitalista. E vou além, vou dar um salto, quem quiser acompanhar é uma escolha [atriz dá um salto. E o mundo, senhoras e senhores, está sendo feito por escolhas. Mas é um salto. [Atriz salta] Uou! [Atriz ri. Plateia ri. Palmas]. E se toda a população subalterna de desumanizada do mundo se identificasse com a função negro. O que aconteceria? Afinal de contas, o que é um negro? o que é um negro? Não precisa responder. Imagens, senhoras e senhores, falam mais que mim palavras. Vem DJ!

Imagens são projetadas no fundo do palco: Michelle e Barack Obama, Machado de Assis, Steve Wonder, Michael Jackson [“branco”], Chiquinha Gonzaga, Pele, Lucélia Santos [caracterizada de escrava Isaura], Elza Soares. [Música ao fundo]

Atriz: Isso é um negro? O que é um negro? isso aí é um negro? esse é preto. É aí é negro? típica personagem negra. O que é um negro? Isso é bem negro, hein? Olhar de uma pianista negra? Esse típico poeta negro esse aí típico poeta negro. imagens aceleradas. I Just call to say I love you. Adoro negão! [atriz canta várias músicas]: “Um sorriso negro, um abraço negro traz felicidade. Negro sem emprego, aí que dó! Fica sem sossego Negro é a raiz de liberdade”; “O seu cabelo não nega, mulata”.... “Eu sou o negro gato” ... “Entra na minha vida mexe com minha estrutura o sr. é meu Deus maior. Faz um milagre em mim”. “Marrom bom, marrom bombom”.

Música eletrônica fica mais intensa e mais alta.

No fundo do palco imagens seguem sendo projetadas na velocidade da música

Ator realiza movimentos de capoeira, de axé, samba

Imagens ficam aceleradas. A música é intensa.

A luz cai

Cena

Atores e atrizes entram em cena e se sentam em cadeiras brancas

- Boa noite, gente. Eu me chamo Raoni.

- Atores respondem: boa noite Raoni.

- Eu sou um negro há dois anos, sete meses e vinte e uma horas. E hoje é mais um dia.

- Atores respondem: mais um dia, Raoni.

Bem-vindos. Legal, essa semana tem bastante gente. Bacana. Vou ser o facilitador desse encontro e vou compartilhar minha história como a gente faz aqui. Pode ser a história de alguns de vocês. Eu sempre fui branco. Fui criado como branco. Eu caminhava, eu me vestia como um branco, eu dormia, eu sonhava como um branco. Sem quis ter uma casa na praia, uma casa no campo, um bulldog, um labrador. Meu processo de transformação começou quando entrei num curso de teatro de uma universidade pública. No primeiro dia, na recepção de calouros, eu vi a galera comentando na minha direção: “olha, gente, que legal mais um preto na turma”. Olhei em volta e percebi que havia um rapaz negro entre nós. Mas eles continuaram insistindo “ô, preto vem pra cá. Ô, negão não fica sozinho”. Pra mim isso, “negão, preto”, eu? “É, você, vem cá”. “Eu tenho traços finos cara, eu tenho uma avó branca, a única avó que eu conheci é portuguesa e branca”. Aquela ladainha estava me enchendo o saco, pensei logo no IBGE. Vem cá, Gabi, preto não é quem se autodeclara? Então? Eu nunca me autodeclarei preto. Não sou preto. Ficou um mal-estar no primeiro dia, mas eu estava ali para

defender o meu e fui tocando o baile. Quando chegou no final do primeiro semestre, na apresentação de peças curtas, esqueci o *kit* de maquiagem em casa. Aí pedi para um amigo branco, assim como eu, um *pancake* tom natural, cor da pele. Quando passei percebi que ficou um pouco uniforme demais, meio pálido, meio expressionista. Mas naquele momento eu não elaborei. Fui tocando o baile. Quando chegou no final do segundo ano, na montagem de um clássico na nossa escola, para a nossa turma caiu Otelo, de Shakespeare, e aí eu vi que era a oportunidade de agarrar esse personagem mais paradoxal, mais dicotômico, mais perspicaz de toda dramaturgia mundial, Iago. Estava ali esperando a distribuição dos papéis quando a professora disse: Raoni, Otelo. Otelo, gente? É o único personagem, o único protagonista negro da obra de Shakespeare. Tinha um rapaz para fazer Otelo. E eu pronto para fazer o vilão, para fazer o protagonista dessa história, Iago. Então tentei argumentar com ela: e aí, qual o conceito que a senhora vai lançar mão, vai me pintar? Ela falou: não, você vai fazer Otelo assim, de cara lavada, de cara limpa. Naquele momento falei: “ok, afinal estou no segundo ano da escola de teatro e que estudante nesse momento não quer ser um protagonista da turma? Otelo, mal ou bem, é um protagonista”. Realmente foi um desafio da carreira. Fui, fiz esse espetáculo. Quando chegou no final, na festa de comemoração do final dessa temporada, eu cheguei para esse meu amigo preto engajado e falei: e aí? “O que você achou dessa problemática da dialética dessa encenação de colocar um ator não-negro para fazer Otelo? Inédito isso na história do teatro nacional”. Ele falou para mim: “Raoni, sabe por que você acha que você não é preto? Você é [burro (?) – inaudível]”. Não elaborei. Ficou uma coisa estranha. Decidi que ia parar tudo naquele momento. Ali rolou um baque. Então decido parar a escola, parar tudo, ficar um pouco mais em casa mais quieto, mais silencioso. Meus pais começaram a ficar preocupados, porque eu não sou disso de ficar silencioso em casa. “Raoni, o que está acontecendo? Por que você está nessa?”. “Me deixa, gente, me deixa quieto”. “Você tem que reagir, você não pode ficar assim trancado no quarto. Porque você não vai fazer uma viagem?”. Em uma reunião de família a gente decidiu que vai fazer um mochilão. Fazer o roteiro clássico: Ouro Preto, Mariana, Sabará. Quando estava fazendo o primeiro passeio, estava de canto conversando com a historiadora, distraído com aquela paisagem mineira, me distraindo, me distraindo, pois é. Foi assim que fiquei, ela tirou meu tapete. A gente estava conversando, ela virou para mim e disse: “Raoni, eu acho muito interessante quando as pessoas vêm à Minas buscar suas raízes”. Falei: “opa!”. Ela tira meu tapete, essa criatura, porque ela achou que eu estava lá para isso. Aí eu comecei a ficar meio desconfiado dessa historiadora. Falei: “qual a próxima que ela vai ter pra mim?”. Ela disse: “mas, Raoni, já que você está aqui eu indico para você o circuito dos quilombos de Minas”. Nossa, eu não curti a *vibe* daquela historiadora naquele momento. Resolvi ir para o centro histórico tomar uma cerveja gelada. Quando estava lá no maior calor o cara me oferece uma cerveja preta. Falei: “não, quero uma tradicional dourada, gelada”. Estava de [inaudível] e chega um monte de gente com sacola e tacaram um monte de instrumento em cima da mesa. Tacaram um pandeiro na minha mão: “toca aí, negão”. Falei: “porra, tocar o que? Não toco nada”. Eu tenho apreço pelos instrumentos eruditos, por violino. Gosto mesmo é de piano. Mas eu não toco nada”. Então eu resolvi deixar aquela cidade que estava me atazanando. Estava praticamente ouvindo o som de [inaudível] daquele lugar. E fui embora para casa e falei: “meu, o problema não é o lugar. Sou eu. Não posso fazer nada. Preciso ficar aqui processando”. Meus pais já ficaram preocupados: “Raoni, você não pode ficar em casa. Saí disso, você não é assim. Por que você não vai tomar um banho de loja?”. Naquele momento eu levantei, sacudi a poeira, dei a volta por cima e fui direto para o Brás. Nossa, quando eu cheguei no Brás a primeira coisa que eu vi foi um preto interessante vindo na minha direção: “ai, ai, isso é um sinal, gente!”. Então fui andando na direção dele. Ele também veio andando na minha direção. “Opa!”. Desviei o olhar, ele também desviou. O Brás é rápido, hein? a linguagem corporal já se estabelece no primeiro passo. Opa! Quando cheguei cara a cara, frente a frente, *face to face*, com aquele negão maravilhoso, Nossa, foram caindo tocas as minhas fichas, fui compreendendo que aquele preto interessante era eu, refletido na vitrine de uma loja. Saí correndo, liguei para minha mãe e falei: “mãe, acabou a tristeza, acabou a depressão, porque eu sou preto!” [Ator bate palma – atores batem palma – algumas pessoas da plateia batem palma]. A velha surtou: “Raoni, com quem você está andando? Você está de boné? Está usando droga?”. “Mãe, o buraco é mais embaixo. Chama meu pai, deixa eu falar com meu pai. Chama ele aí: pai, acabou a porra toda, pai. Eu sou preto”. O velho deu uma gargalhada. “Vai dizer que é viado também. Calma que é uma coisa de cada vez”. Ficou uma coisa muito estranha. P e B. Bicolor, porque em casa eu era branco e na rua eu era preto. Em casa meus pais me obrigavam a ver televisão para entender o que é ser preto

no Brasil. Diziam que, no máximo, eu era moreninho, porque preto é o Pelé. Na geração estava cada vez mais antenado na geração tombamento, no afro-futurismo, no afro-punk, nos vidros dos carros que se fecham quando atravesso o sinal, nos olhares de seguranças que se armam contra mim quando atravesso o sinal, nos olhares de seguranças que se armam contra mim quando entro no estabelecimento. Então comecei a identificar todas essas situações cotidianas de discriminação, todo esse racismo cordial e fui entrando numa afro-paranoia, até que eu encontrei a acolhida desse grupo aqui. Por exemplo, com a Mirela aprendi a fazer meu primeiro acarajé. A Ivi, essa é a nossa angoleira de raiz que ensinou todos os fundamentos do Mestre Costinha. Lucas, meu *brother*, me levou para a primeira balada *black*. Aí na semana seguinte eu já queria tirar os [inaudível]. Já queria fazer a cabeça. Calma, você está no afro-surto cara. Fui seguindo na cadência desse afoxé. Até que ouvi aqui falar pela primeira vez no colorismo. No colorismo, porque a gente sabe que numa sociedade meritocrata como a nossa quanto mais claro o tom da pele... Quem aqui não quer ter um privilégio desses. Já reparou que só preto se confunde. Branco no mais alto grau de morenidade não tem dúvida que é branco. Ninguém se confunde preto. Um preto de pele mais clara, vamos sair aqui do lado, vamos sair aqui fora, a sociedade vem enfeitando seus ouvidos “quem é você? “vem ser branco é com a gente”. [Moço ri alto próximo de mim]. “Você está perfeito”. “Ser branco! Que legal, cara!”. Você está quase lá, hein”. “Você quase pode ser uma de nós”. [Mesmo moço ri alto próximo de mim]. Mas eu sigo firme como um Ulisses. Um Ulisses preto, porque eu sou preto! [Atores batem palmas. Plateia acompanha]. Mas nem tudo são flores na vida de um ex-branco [risos na plateia]. As recaídas. As recaídas fazem parte, não se preocupem. Quem está nesse momento, não se preocupem, as recaídas diminuem com o tempo. Isso é dado estatístico. Só para ilustrar vou falar uma primeira que nem foi uma recaída, de fato, foi uma vacilada, uma comida de bola, estava empolgado na loja de cd com meus amigos quando eu vi estava prestes a comprar o álbum da Celine Dion ao vivo com Adeline. Porra, fui direto para a seção de *rhythm and blues* peguei um do Marvin Gaye e da Whitney Houston, dois, para compensar, para restituíiiiiirrr, porque eu sou preto! [Atores batem palmas. Plateia acompanha]. A segunda, sim, foi uma recaída pesada. Estava comemorando um ano de namoro com meu namorado branco. Quando eu era branco só namorava preto, agora que sou preto eu só namoro branco. Eu sei que esse tema interracialidade ele dá pauta para um encontro inteiro, mas fica para uma próxima oportunidade. Talvez no sábado a gente possa falar pô sobre isso, tá bom? Meu, estava falando de que me deu um branco agora [atriz responde]. Ah, do namorado, né? namorado branco. Sempre que eu falo do branco dá branco. Ele me convidou para comemorar um ano de namoro lá no *Starbucks* da Haddock Lobo, perto da Avenida Paulista, sabe? Tem um *Fran's café* e do lado um *Rooftop*. Já foram? [alguém fala próximo de mim: “lógico que não!”] Dá para ver o *Rooftop* do hotel *Renaissance*. Estava entrando com ele lá e a porta automática se abriu aquela musiquinha que tem [atriz canta Bossa Nova], aquele ar gelado dos alpes franceses. Segura, meu povo, que a coisa está vindo lá de cima [inaudível] para pedir meu *capuccino* bem cremoso com leite de castanha com pingadinho de chocolate e canela, sabe? Falei: “boa tarde, eu quero um café puro e preto, porque eu sou preto!”. [Atores batem palmas. Plateia acompanha]. [inaudível] subi no *Rooftop*. Quando cheguei lá tinha um lugar desocupado. Tinha uma mocinha encostada sem fazer nada. Falei: “será que você poderia limpar aqui para a gente ocupar”. Ela me disse [atriz fala]: “desculpa, eu não trabalho aqui”. Meti a clássica. Cometi a clássica, porra. Eu pedi para ela limpar porque era preta. A partir desse instante, eu decidi nunca mais abandonar os encontros semanais desse grupo aqui. E eu sigo firme com as roupas e com as armas de Jorge. Ogum, porque sou preto! [Atores batem palmas. Plateia acompanha]. Hoje mais um dia. atores respondem: “mais um dia”.

Ator (Raoni) prossegue: E aí, gente, hoje suei nessa cena. Pelo menos hoje, a segunda semana de Campo Limpo, que eu suei. Tiraram meu coró. Será que eu arrasei de ex-branco. Deu para convencer que eu era ex-branco?

Atriz responde (Yvi): não sei se a palavra é arrasar, também perguntar como as pessoas receberam. Acho que funciona.

Atriz (Mirela): eu não gostei

Ator (Raoni): não?

Atriz (Mirela) responde: não

Atriz (Yvi): de nada?

Atriz (Mirela): não, para dizer que arrasou. Arrasar acho meio muito

Ator (Lucas) acho meio forte também.

Atriz (Mirela): como vou te dizer isso? Você tem muita postura de negro

Ator (Lucas): concordo contigo, Mi. Tá muito explícita essa postura de negro já.

Atriz (Mirela): tem que ter mais dúvida, para parecer realmente que você tem dúvida

Canta Negro Drama

Atriz (Mirela): Nós mulheres negras estupradas por homens brancos para gerar miscigenação

Cena

Boa noite, São Paaauloooo!!!

Plateia: Boa noite!

Quando fizer esse gesto, vocês aplaudem [abre os braços – sorri]

Eu sou a negra que mais tem amigos brancos do brasil

Aplausos

Estou emocionada porque isso torna minha vida cheia de pulsação me sinto uma aventureira. Tenho um amigo toda vez que falo, amigo, cara, pessoa, gente, é porque é branco. Quando falar uma pessoa negra “olha, uma negra linda”. Tenho um amigo, ele faz economia. Sabe o que é curioso. Ele que compra e eu que sou [inaudível] Sabe como faz uma *rave* só com preto coloca um pão... [inaudível]

[atores e atriz riem – moço perto de nós ri]

Quando um preto é gente? quando está no banheiro e grita: tem gente

[atores e atriz riem – moço perto de nós ri]

O que acontece quando um peto vai para ilha? Um eclipse

Uma das vantagens de ter muitos amigos é porque eu animo

[atores e atriz riem – moço perto de nós ri]

Para te animar melhor

Em uma dessas festas tive um encontro e o cara branco, loiro

Ele queria me conquistar. Chegou no meu ouvido e falou Nossa, você é preta, mas é cheirosa. Me ganhou ali

[atores e atriz riem – moço perto de nós ri]

O que acontece com um preto se cai da janela? Se pular é macaco, se cair é bosta

Por que preto só come chocolate branco no cinema?

Plateia: para ser identificado que está lá

Não, é para não morder o dedo. É muito engraçado. Queria aproveitar esse momento pra dizer estamos num momento delicado politicamente, mas temos que entender os nossos privilégios. Eu tenho vantagem pelo tom da minha pele. [Mesmo moço próximo de nós ri]

O Brasil está em crise, pessoas estão sem emprego. Isso é uma coisa que não passo, por exemplo. Estava andando e uma placa escrito “procura-se”, porque sei ler [atores e atriz seguem rindo]. Fui lá tinha uma moça. Vi que talvez tenha uma vaga. Poderia me ajudar. Queria concorrer. Você pode me dar mais informações. Ela falou: “é para você? você está contratada”. Falei: “Para! Ela nem me conhece”. Fiquei tímida. E já vai me contratando assim. Queria concorrer. Ela falou: “calma, dá pra ver. Preto aguenta tudo” [Atores e atriz riem]. Tenho me sentido mais empoderada. Quando me perguntam falo: “empoderada!” Tenho consumido mais, tenho saído mais. Estava andando, passeando pela Paulista, passeando, não passando, porque preto não passeia. Preto passa. [Atores e atriz riem]. Foi muito curioso porque vi uma multidão de preto e policiais juntos. Dentro daquela multidão ouvi um grito que ecoou: “racistaaaaaaa!”. Será que estou ouvindo isso? Não fazia sentido pra mim. Estava distraída passeando pela Paulista... porque 13 de maio de 1888 quando a princesa assinou aquele papel, não podia ter nenhum racista solto pela Paulista

[moço perto de nós ri. Plateia em silêncio]

Não entendi, a aventureira que sou, que eu era naquele momento talvez uma oportunidade, senhoras e senhores, de eu ver o racismo. Se eu pudesse pegar...

[Moço perto de nós ri. Plateia em silêncio.]

Aventureira, voltei. Entrei naquela multidão de policiais e pretos juntos. Quando cheguei lá no meio, senhoras e senhores, uma senhora de um metro e meio, vestida com um gorrinho amarelinho no pescoço, gritando coisas horrendas que eu não poderia repetir aqui, olhou no fundo dos meus olhos e falou: “pelo menos não estou na pele de vocês”. Mas isso não me paralisou. Não me abati, não me denegriu, porque prontamente lembrei da minha mãe que dizia: “se apegue no amor”.

[risos próximos de nós]

Mais amor, por favor.

[risos próximos de nós]

Voltei a sorrir de novo. É preciso relembrar, reconhecer a trajetória. Desde pequena sempre tive um tratamento especial um tratamento diferenciado. É preciso ser grata. As pessoas costumam falar que tem um apelido. Um? Eu tenho vários. [inaudível] de petróleo, bailaria da coxa grossa, gostosa. Tem um que é um trava-língua: Olha lá a nega morena! Olha lá a negra mulata! Morena jambo da cor do pecado. Deusa do ébano. [Atores seguem rindo dos apelidos], Ô, o cafezinho, Xica da Silva

Desde pequena. Festa junina? eu amo. Festa popular. Dançam como no casamento. Eu não dançava. Pessoa [inaudível] você assiste o outro dançando, o outro se divertindo, você observa tudo aquilo. E desde então eu venho desenvolvendo habilidades... “olha o assalto!”. “É mentira!” Narrando quadrilhas. Eu gosto de observar. É curioso porque viajei faz pouco tempo para a Alemanha de avião, porque eu viajo só de navio [atores e atriz riem].

É muito curioso como cada povo, cada local cuida de sua memória. Às vezes é preciso se deslocar para poder entender algumas coisas, porque no Brasil se a gente quiser a gente pode jantar no restaurante Senzala, a gente pode passear na Duque de Caxias, tirar uma foto na Borba gato. Na Alemanha, não. Na Alemanha, o nazismo foi horrível. Hitler foi demônio. O nazismo é e foi uma chaga na história mundial, mas o que é curioso e o que não se perdoa, não é o crime contra o homem. É o crime contra o homem branco, porque os mesmos métodos de tortura usados contra os judeus nos campos de concentração, a subjetividade do ser. Objetificação da cultura, objetificação, anulação da cultura. Os mesmos métodos já vinham sendo ensaiados há mais de 500 anos contra os negros e os indígenas nas colônias. [silêncio]

Pesei? – pergunta a atriz aos outros atores.

[moço ri alto perto de nós]

Ai, passou, desculpa. Nossa desculpa.

[moço ri alto perto de nós]

Dores e horrores não se comparam. Tenho amigos judeus, não queria que ficasse um mal-entendido. Eu comparo, porque o nazismo foi foda. É foda. É foda. Sabe o que seria foda? Foda seria se eu cagasse aqui.

[moço ri alto baixo de nós]

Se eu cagasse aqui agora? se eu cagasse aqui agora. batesse uma siririca

[moço que ria fala: aê!]

Gozasse no jato

[moço que ria fala: pronto! te ajudo]

Fizesse um crime. Se eu fizesse um black face na cara de cada um de vocês meus amigos

[moço perto ri alto e fala: seria foda!]

Cena

Não sabíamos como terminar. Pensamos em várias coisas...

Nós não temos um final...

Raoni, Lucas, Ivy e Mirela nos diziam que tinham pensado em finais possíveis. E após contarem várias possibilidades de encerramento, o inesperado aconteceu: os quatro começaram a se deslocar lentamente em direção a nós. Mãos, pés, braços, pernas, quadris se encaixavam onde era possível.

Olhava ao redor e via o desconforto que se pronunciava entre o “nós”. As pessoas se movimentavam nas cadeiras, olhavam-se espantadas, esboçavam “sorrisos amarelos”, fixavam-se nos atores esperando o porvir. Incredulidade com a cena. Tudo isso enquanto eles/elas não paravam de passar sobre cima de todes. Eu mesma estava tensa com o que aconteceria ao passarem por mim. Nada podia ser feito em relação a mais um arrastão que eles e elas provocavam, a não ser *viver* aquele acontecimento. E os movimentos de Mirela, Raoni, Ivy e Lucas se intensificaram. Com quais corpes nossos corpes iriam se encontrar diretamente? Que partes do “nós” seriam tocadas, friccionadas, empurradas, umedecidas, invadidas pelos pesos, fluídos, cheiros, velocidades, pressões daquelas quatro existências que se movimentavam e falavam freneticamente?

Fiquei aliviada por não ter sido atingida diretamente por aquele *tsunami*. Porém, quando um dos corpes passava por mim um pinga de saliva pousou em minha face. Uma gotícula. Um desconforto. Uma presença. O final foi tenso, desterritorializante, mas minha vontade era uma só: que o encontro com aquelas existências, que me levaram a um “nós-intercessor”, não terminasse. Virei para trás buscando os movimentos finais dos quatro até que não mais pudesse vê-los. E o último gesto que vi foi o de Ivy Souza descendo lentamente pela lateral da arquibancada. Vi seus olhos arregalados e em seus lábios li: *“a revolução não para”*.

Paralisia. O prosccênio estava escuro. A plateia seguia iluminada. Será que eles voltariam? Eles não retornaram. Não estaríamos mais com aqueles corpes que se despediram de nós em meio àquela *tormenta*. Eu, Paula e Larissa descemos a arquibancada lentamente. Ficamos um tempo paradas na porta da tenda como outras gentes. Olhares perdidos. Pensamentos atordoados. Corpos desterritorializados.

Sentia meu corpo cansado, pesado. Mo-í-do! Sentia uma ambivalência que oscilava entre letargia e aceleração. Neste estado, compartilhei um dos incômodos que me habitaram: a risada do moço próximo de nós três, principalmente na penúltima cena: *“Será que ele não tinha entendido o tom das provocações sobre um corpo negro feminino vivenciando diferentes nuances do racismo?”*; *“O riso dos outros atores e a excelente atuação de Ivy Souza com as diferentes cargas de ironia sobre experiências com o racismo o teriam confundido?”*. Larissa respondeu: *“ele entendeu, sim, Val. Quem sente o racismo no corpo entende!”*. Eu estava intrigava com aquela experiência. O sarcasmo e a ironia confundem? O que havia se passado naquele corpo que não vi quem era e que reagia com risos diante de cenas sobre o modo como *existências negras* continuam a serem tratadas na plataforma que institui e movimenta *o que é ser negro*? Neste instante, eu me recordava de Salloma Salomão: *“Um teatro é negro quando relacional e dramático, sarcástico e cômico, quando sabe ser sincrônico e dissonante, simpático, mas diacrítico e insubmisso. Este Teatro Negro em construção tem se alimentado de um desejo incomensurável de*

visibilidades e reconhecimento, mas também deve ser capaz de virar as costas e tapar os ouvidos a tudo que se espera de um teatro negro” (SILVA, 2011 p.103)¹⁴⁶. Pistas...

No curto caminho até o metrô, eu, Paula e Larissa seguimos um pouco mais à frente de André, Luiza, sua mãe e seu amigo. No trajeto, o silêncio foi nossa companhia. Ainda tomada por aquela ambivalência, predominou a vontade de falar sobre o que havíamos vivido. Não queria mais a companhia do silêncio que gritava entre nós. Queria saber como tinha sido a experiência para elas. “Que forte, né?”, disse eu não na tentativa de quebrar uma espécie de tristeza que parecia se avolumar na caminhada. Ao tempo em que falei, perguntava-me se deveria ter tentado nos tirar daquele estado que mantinha cada uma, a seu tempo, em contato com o vivido. Falamos pouco. Nossa breve conversa reafirmou quão impactante e necessária havia sido aquela experiência. Chegamos em poucos minutos ao metrô, que estava bem movimentado naquela noite de sábado, e outros assuntos foram nos habitando.

Pouco a pouco fomos nos separando pelas estações rumo aos nossos destinos. Abraços demorados, olhos nos olhos e agradecimentos mútuos expressavam a força do momento que vivenciamos. Seguindo sozinha no metrô, eu pensava o que pode um espetáculo na ativação de tantos encontros como os que eu experimentei. Aquele foi um *encontro* com existências que povoaram o espetáculo de muitos modos. Uma *experimentação-intercessora* que atualizava minha *viagem-navegação* cartográfica e que fazia ecoar várias vozes em mim. Ecos de lutas... ecos de enfrentamentos... ecos de dor... ecos de encruzilhadas... ecos de produções artístico-culturais-ancestrais-militantes vividas com a carne... ecos de saberes-fazer-viveres... ecos daquelas/daqueles que erguem suas vozes em gritos anti-racistas/anti-necroativistas/anti-LGBTQUIA+fobia/anti-silenciamento-apagamento das diferenças. Eu vivi “Isto é um negro?” na presença da vários de meus/minhas intercessores/as. Muitos e muitas ... com os quais iniciei minha caminhada e outros/outras que fui constituindo com as *travessias-pontes-encruzilhadas* que vivi.

E era entre entradas e saídas nos trens que eu seguia atualizando vários momentos do espetáculo como o processo de “invenção do negro”, o encontro de um jovem com “o ser negro”, os episódios de racismo produzidos também como “piadas”, as reações do moço que ria próximo de nós das/com as tais piadas e que não se conteve à pergunta: “Se eu batesse uma siririca?”, o final desterritorializante daqueles *corpes* entre nós, “a revolução não para”.

Logo no início, uma questão me afetou. Eu, naquele “nós” revivi minha condição de *estrangeira*. Experiência com a qual tive que lidar tantas vezes considerando o susto que eu vi estampado

¹⁴⁶ E Salloma segue afirmando: “só pode haver dramaturgia negra, como insurgência, como revolta, como captura e quebra de um padrão hegemônico de cultura, civilidade, beleza e estética. É uma revolta da imagem do negativo, tentativa de anteceder a revelação. O teatro e a dramaturgia, tal como conhecemos, para ser operados por não brancos, só se forem sequestrados, domesticados, destruídos ou quase mortos. Então, Teatro Negro tem sido um ato de violência simbólica pequena, que tenta repor uma outra grande violência cultural-global, que quase nunca cessa” (SALOMÃO 2018, p.204b).

em tantos rostos quando eu respondia de onde vinha: “*de Belém???!?*”. Parecia que eu estava dizendo: “*sou de Plutão*”. E olha que Plutão nem é mais planeta, como atestam a ciência e a arte¹⁴⁷. Vários desconfortos vividos! Lembro que uma de minhas estratégias foi “devolver” a pergunta para meus/minhas interlocutores/as que afirmavam não conseguir me “encaixar” em alguma cidade devido ao meu sotaque “diferente”: “*De onde você acha que sou? Vou te dar três chances*”. Uma única resposta certa em tantos anos. E como estrangeira, eu vivi o sentido de ser acolhida-amparada-cuidada-preparada para os desafios do universo acadêmico por tantas gentes, como aconteceu inicialmente no Corpus e posteriormente no Micropolítica. E como estrangeira, sentindo no corpo o sentido destes movimentos me pus a acolher-cuidar daqueles/daquelas que se achegavam com o mesmo status” de estrangeiras/estrangeiros. Um movimento que senti a necessidade de cultivar.

E foi do lugar de estrangeira que, no início do campo, pensei que, de certa forma, eu compartilhava com várias existências o signo de ser *periférica*, de ser tomada como *diferente*, de entender que em São Paulo quem nasce na região Norte é adjetivado de *baiano*, por exemplo. E disso pensei: *Periferia em relação a que mesmo? Quais linhas de fuga relacionadas à produção do viver são possíveis considerando a referência de centro fixada em uma plataforma antropofaloecológica racializada?* Foi neste período, que voltaram as palavras repetidas em alto e bom som por Sérgio Vaz junto com as crianças e adolescentes, no encontro “Vida loka é quem estuda” na Fábrica de Cultura do Jardim São Luiz: “periférico sim, e daí!”, “periférico sim, e daí!”, “periférico sim, e daí!”. E daí que naquele momento as experiências visibilizadas na pesquisa explicitavam que as regiões tidas como *periféricas* não param de instaurar novos *pontos de referências* na literatura, na dança, na música, no audiovisual e em tantos outros planos. Planos a partir dos quais são produzidos modos de estar no mundo como máquinas de guerra, em oposição à plataforma neoliberal que constrange, violenta e mata tantas *vidas periféricas* e que têm se colocado em combate diante do *centro* que pouco as visibiliza. Como periférica eu seguia experimentando-pensando... Como periférica eu seguia experimentando-pensando... seguindo com um intercessor que constituí pelas mãos das Capulanas-Ialodês

A percepção dos lugares pobres, tidos como espaços vazios ou de ausência, vem sendo gradualmente modificada. A ideia tradicional de centro e periferia, por sua vez, não é capaz de elucidar este complexo texto topográfico. Mas o termo periferia aparece recorrentemente na linguagem dos produtos culturais, como forma de denúncia e demarcação de um território singular; manifesta uma visão de mundo e define um pertencimento, podemos usar o termo alteridade. Essa percepção tem ressonâncias na sensibilidade do pesquisador contemporâneo. A construção da periferia como lugar de experiência e alteridade social e cultural. Isso devemos à cultura hip hop e a música rap, principalmente ao grupo paulista Racionais Mc’s [...] um giro de olhar sobre práticas culturais afro-brasileiras na periferia da grande

¹⁴⁷ “Plutão Já Foi Planeta” é o nome de uma banda brasileira de *indie pop* formada em 2013 na cidade de Natal.

São Paulo: quintais, praças, ruas, becos, botecos, vielas, moradas são os locais onde as pessoas se reúnem para cantar, ver e recriar cinema e teatro, dançar e celebrar a vida. Desconstruir percepções cristalizadas é ofício de alguém que, por vezes, se vê também relegado à invisibilidade (SALOMÃO, 2018 p.182 a).

Vivendo aquela primeira cena do espetáculo, junto com o “nós” que ecoava de vários pontos da plateia, eu encontrava com muitas vozes

Nós, de fora do estado de São Paulo?

Começamos os trabalhos artísticos que falavam de... essa ideia de entender a negritude e acabamos mudando de foco, porque fomos falar de nossa origem nordestina. Como, majoritariamente no grupo, as famílias vieram do Nordeste e migraram para cá, isso foi unânime: vamos falar de negritude. Mas não conseguimos ignorar o fato de que nossas famílias não são dessa cidade e que a relação que elas têm com a cidade é totalmente diferente da nossa. A gente se sente pertencente da cidade de São Paulo e entendemos que ela não oferece todos os sonhos que nossos pais vieram buscar aqui. Então fizemos um esquete chamada “carne seca não dá sopa”. A gente trazia uma provocação inspirada no “Sertão Veredas”, pensando questão da forma e da relação da Periferia com a fome, do dinheiro o que causa, a ideia de querer sair e voltar. (Integrante da Cia Basalto de teatro)

Nós, bixa

A gente fazia parte da peça *Traição em Família*, um texto sobre como famílias brasileiras são complexas. Tinha um personagem gay, um amigo fazia o personagem, com trejeitos reproduzindo estereótipos que entendemos não serem estereótipos. Há pessoas como ele. Em uma das rodas depois da apresentação um senhor perguntou: “não é perigoso falar disso dessa maneira, colocar tanto “trejeito”, estereótipo e reproduzir esse lugar que se espera?”. A questão porque se fala sobre negritude, nossa relação com a periferia, migração do nordeste e não conseguimos falar sobre nós, nesse aspecto, sobre sexualidade, sobre gênero? Escrevi o Manifesto da Bicha Preta. Concorremos ao Programa Vai e passamos. Já tínhamos começado a pesquisa em 2015, pensando em falar sobre banho como fonte de cura, e o que precisava ser curado era esse processo de adoecimento por conta dessa violência afetiva, da negação do afeto, do não-lugar afetivo, do preterimento. O projeto virou outra coisa. No processo pensamos que talvez não fosse tão interessante falar sobre a sigla LGBT e fechamos em homens gays e negros. Foi interessante porque esse nosso amigo é gay e negro, só que não tão afeminado como eu. Nesse momento não estava passando pela minha cabeça a ideia de transição. Falo que sou bicha que é totalmente diferente de ser gay. Tem a ver com o lugar em que esse feminino me coloca. Fechamos então, no projeto, que íamos falar sobre afetividade de homens gays e negros e sobre os afeminados, por ser o que está mais próximo de mim. No começo do processo do Manifesto da Bicha Preta uma preocupação era como incluir as crianças na discussão. *Nas duas rodas de conversa aqui na Casa foi pautada: infância LGBT e afetividade negra*. Sempre falo que a gente faz esse trabalho para criar relações com as pessoas. O teatro, a dança, o filme *Salto Alto*, fizemos para poder comunicar, chegar perto, ampliar horizontes que, de

alguma forma, alcançamos aprendendo, estudando, pesquisando e pela questão do reconhecimento. Trabalhamos seis anos juntas e as pessoas não sabem quem somos nós no Capão Redondo.

É um monólogo muito brutal, porque se estou apaixonada, tenho que fazer um exercício de que corpo eu habito, porque é o corpo de uma travestilidade passável, onde heteros vão querer se relacionar comigo pelo meu corpo. Também não habito um corpo masculino onde minha relação com homens gays cai em um latifúndio, que, por vezes, não atinge minhas demandas. Também por ser um corpo gordo onde as relações parecem que também cegam: “você é gorda? Não!” Tenho visto cada vez mais que não caibo nessa ideia de amor. Estou construindo o meu corpo enquanto identidade de gênero, sexualidade, arma política.

Nós, que nunca saímos do país

Estudei no Instituto Brincante do Antônio Nóbrega. Fiquei sete anos lá e saí representando o Instituto em outros lugares. Sou da primeira turma de brincantes itinerantes. Muito do que faço com o Flor de Lis tem essa base. Não tive oportunidade de ir para outro estado aprender sobre isso. Apreendi pelo contato com os mestres que vieram [...]

Nós, de pé diariamente no busão lotado

É desumano o que acontece no transporte público. As pessoas parecem sardinha na lata. Essa obra do metrô aqui já era para ter sido inaugurada há muito tempo.

[...] o trem é uma porcaria. É lotado, demora. Todas aquelas coisas do transporte público.

[...] porque não deram isso antes para nós, a linha lilás.

Nós, que não falamos inglês fluente, nem espanhol, nem nada

Valéria, você sabe de alguém do seu campo que fale inglês ou espanhol? Tenho uma indicação para uma participação em um projeto fora do Brasil, mas não conheço ninguém aqui que fale inglês ou espanhol.

As questões seguiam...

E as respostas em mim também...

Nós que defendemos pautas dos direitos humanos

Depois do espetáculo *Colonizar*, que apresentamos nas escolas falando sobre o processo de rapto dos povos africanos e o genocídio indígena, entramos numa imersão com as mães de maio. Fizemos um curso na Unifesp de Santo Amaro, trabalhando práticas pedagógicas pensando em afro brasilidade e entendemos tantas coisas da diáspora negra, que estruturamos uma ideia para um espetáculo e conseguimos o Programa Vai. O espetáculo chamava “Divinas”. Inicialmente a gente queria falar sobre o genocídio do povo negro, entrando pela relação com as “mães de maio” e virou outra coisa. Falamos do protagonismo negro na periferia e o desmembrar disso. Apareceram coisas muito fortes que eram o espelho das nossas famílias. Sempre que temos um tema procuramos o tema dentro da gente e entre os nossos e depois vamos abrindo para as vivências de pessoas relacionadas ao tema.

Surgiram coisas como a violência doméstica, a relação com o candomblé e o quanto o candomblé é um espaço comunitário que consegue reunir e organizar as pessoas enquanto sociedade também. E conseguimos falar sobre o genocídio do povo negro desde esse lugar das mães negras que perdem seus filhos para a violência policial, das esposas que perdem seus maridos para outras violências.

A gente precisava interferir no bairro: “a gente pode tornar esse lugar melhor”. Se tiver aqui uma quadra de futebol de salão, vou reunir as pessoas e mudo a convivência. Se tiver um time de futebol, onde agrego todo mundo do bairro, crio um grupo maior e mais forte e melhorou o pedaço. Se faço um voleibol e disso faço uma parte cultural, um baile, agrego as famílias. A gente interferia no bairro o tempo todo. Foi uma das formas de ampliarmos esse território. E o território não é só território. Uma das ações foi se interferir com a várzea. Criamos um projeto chamado “Várzea Poética” por volta de uns 5 anos. Eles vão à Cooperifa e a gente vai ao campo de futebol assistir jogo. Nisso a gente ampliou o território, a gente começou a falar a linguagem de Periferia. Uma das coisas mais fortes na Periferia é o futebol de várzea e entendemos que não tínhamos que ficar só no campo da Cultura, mas interferir no social [...]

Essa coisa da cultura de paz me incomoda um pouco. Não podemos falar em cultura de paz enquanto não falarmos de justiça primeiro. Têm várias questões. A gente precisa olhar olho no olho, conhecer o que o outro está fazendo, entender como isso afeta para então a gente se fortalecer e criar espaços de combate direto com o poder público. Precisamos pensar nos espaços compartilhados e nos afetos, mas não nos afetos como carinho. Pensar como eu afeto o outro, politicamente falando, e como crio outros afetos que se contrapõem a afetos hegemônicos que viram verdade.

Nós, que duvidamos diante de uma situação de racismo

No segundo dia do trabalho, o meu supervisor falou: “é, cabelo de Bob Marley. Oh, você curte um?”. Eu não fiz nenhuma associação, tinha 19 anos, com racismo. Falei: “ah, para mim é um símbolo”. Mas eu sabia que ele estava querendo me zoar porque tinha um cabelo, um cabelão, e atrelada à ideia de que eu era maconheira. E eu nem era. Acho que é o que mais me pega é essa confusão que o racismo cria. Você não sabe se foi o outro que disse errado ou se foi você que não comunicou direito. Isso só vai reforçando que você não está fazendo alguma coisa bem, que você não está se comunicando bem. Hoje vou num espaço e toda vez que eu vou me apresentar e tem uma equipe para me recepcionar eu falo: “vim participar desse evento”. As pessoas sempre mandam eu ir para um lugar onde está o público. E sempre penso: “será que não estou conseguindo me comunicar e dizer que eu não sou público”. Toda vez eu tenho que explicar e ouço: “ah, é que eu não tinha entendido que você...”. Então é sempre se eu tivesse comunicado errado, mas eu já comuniquei de formas diferentes. Isso já aconteceu muitas vezes, mas eu comecei a sentir de maneira mais abrupta ocupando outros espaços institucionais e com mais de renome. E você não sabe se não está adequada porque não falou direito ou se você não está adequada. E você começa a pensar que está inadequada.

o “nós” seguia...

E o “nós” que eu vivi também...

Nós, aprendendo a gingar desviando do chicote

Muitos estão dizendo “o que vocês escrevem com a literatura periférica está fazendo muito sentido pra mim nesse momento tão difícil que estamos passando”. Está fazendo sentido agora pra muita gente, mas para nós já faz sentido há muito tempo. Não tenha medo. Cola em nós que temos as tecnologias de defesa.

Na ditadura a polícia vinha com um caminhão da cavalaria e um só com policiais. Eles desciam pelos bairros de periferia. Os policiais seguiam andando e paravam num ponto. Aquele que não tivesse com documento para se identificar era enquadrado. Era feita uma fila imensa, um do lado do outro de mão dada ou de braço para trás, não algemava nem nada. Aquela fila de policial acompanhando e aquela fila de gente detida. Era teu vizinho, era teu amigo do futebol. Aquilo era a coisa mais humilhante. Isso era diariamente. Chamava-se arrastão. A gente era enquadrado na lei da vadiagem. A gente chegava a ficar na casa de amigos até dez, onze horas da noite esperando o arrastão ir embora. Essas coisas começam a entrar na cabeça da gente e a gente começa a se revoltar contra tudo aquilo. A gente começa a mudar. Num dado momento: ‘não quero mais isso’. Descobrimos que não éramos comunistas. Éramos socialistas. Queríamos as coisas iguais para todo mundo. A gente começa a copiar aquilo que a classe média tinha e faz na Periferia. Essa era a ideia. Esse comum. Por que o cara pode ter cinema perto da casa dele e a gente não pode? Uma quadra de futebol, campo de futebol. Por que um filho de classe média pode ter e nós não? Por que a gente vai trabalhar de ônibus pendurado e o cara anda dois quarteirões para trabalhar ou vai de carro? Para pegar um ônibus, você saía mais cedo do que todo mundo e ia ficar uma hora dentro do ônibus apertado. Aquela música do Jorge Bem Jor que fala do surfista de trem. Fomos surfistas de ônibus durante muito tempo. Era um pé na porta e outro no para-choque e a gente começou a curtir aquilo. Punha as meninas para dentro e a gente ia surfando na beirada do ônibus. Descia pela porta de trás, pulava a catraca. Então a gente começa a peitar o sistema, a transgredir. A ver um policial e afrontar um policial se possível. Aonde tinha movimento, você queria estar. Os Racionais diziam ‘não confio na polícia, raça do caralho’. Abordagem policial na periferia, por exemplo, é diferente da abordagem policial na Paulista

[...] A gente cresceu com isso do medo. O medo nos construiu e criou traumas na gente, de ser morto pelo pé de pato, pela polícia no enquadro. Quantas histórias de pessoas que desapareceram depois de tomar um enquadro ou que morreram e a polícia distorceu a história. Tenho colegas da minha escola dos anos 90, perdi alguns. Medo era todos os dias na nossa vida nos anos 90. Dez horas da noite e ninguém podia estar na rua. Hoje infelizmente as mulheres continuam sofrendo com isso e nós homens negros com medo de tomar enquadro da polícia. O medo já foi pior. Hoje, digamos, tenho menos medo. Mas ainda tenho muito medo.

[...] Tá com medo? Não fica com medo, não. cola em nós porque nós temos as tecnologias de defesa há muito tempo.

[...] Estava andando com um amigo na Paulista num domingo com um outro amigo mais retinto e um policial veio abordar a gente. Peitei ele, fui pra cima dele: “todos

os dias eu passo aqui com roupa social e você não me aborda. Agora você vem querer me abordar!”.

Nós, atração da festinha, mas que vão voltar para casa sozinha

Ao centro do placô diz: “Essa música é a mais linda. Uma deusa por ser empoderada, por gostar de ser preta e gorda. Mas na balada nunca sou beijada. Eu não sou padrão. Quem tem coragem de me beijar agora?” [atriz percorre o palco perguntando para o público].

Nós, de escola pública

Vejo que é esse caminho, que estudando consigo melhorar o que faço. Nunca parei de estudar. Lembro que quando estava no grupo espírito de zumbi ouvimos: “ano que vem todo mundo vai ter que estudar e todo mundo fez assim [arregala olhos]”. Hoje vejo a potência disso [...] fiz a ETEC de dança. Pensei: “isso é incrível, vou fazer cursinho. Mas, como?”. Fui no ACPUSP, concorri e ganhei bolsa de 100%. Todo meu estudo foi de graça [...].

Mirela ao trazer a história de um herói desbravador que, ao se lançar em águas desconhecidas na companhia de uma legião de homens *brancos, heteros, cis, inventou do negro e escravizou milhões de existências a partir da cor de sua pele*, me fez reencontrar com a Achille Mbembe em sua *Crítica da Razão Negra* (2018) a respeito da *existência de apenas um mundo; a dívida de partilhar o mundo com outros seres vivos e sobre as lesões deixadas pela história que impedem de fazer comunidade*. Mais um encontro intercessor de minha caminhada

Apenas existe um mundo. Ele é um todo composto por mil partes. De todo o mundo. De todos os mundos [...] É, portanto, a Humanidade inteira que confere ao mundo seu nome. E assim, conferindo seu nome ao mundo, delega-se a ele e dele recebe confirmação da sua própria posição, singular mas frágil, vulnerável e parcial, pelo menos em relação a outras forças do universo - os animais e os vegetais, os objetos, as moléculas, as divindades, as técnicas, os materiais, a terra que treme, os vulcões que se acendem, os ventos e as tempestades, as águas que sobem, o sol que brilha e queima e assim por diante (MBEMBE, 2018 p.310)

Compartilhar o mundo com outros viventes, eis a dívida por excelência. Eis, sobretudo, a chave para a durabilidade tanto dos humanos como dos não-humanos. (MBEMBE, 2018 p.311)

A história deixou lesões e cicatrizes [...] Tais lesões e cicatrizes impedem de fazer comunidade, partilhar o mundo com outros seres vivos, eis a dívida por excelência (MBEMBE, 2018 p.311).

Eu reencontrava com este intercessor, que esteve presente nas minhas andanças de diferentes formas: em debates, nos meus estudos, nas conversas do campo, nos processamentos com Laura e André.

Pensar na *existência de apenas um mundo*, enunciada por Achille, traz o tema das *relações*, pois, como ele discute, é a relação produzida com o conjunto dos viventes que se manifesta, no último, o que somos, sendo, portanto, no âmbito de um *compartilhamento do mundo com outros viventes* a dívida fundamental a ser reparada. O pressuposto é que a produção de partilhas seria a chave para a durabilidade de humanos e não humanos, considerando que “o mundo não vai durar, a não ser que a humanidade se empenhe na tarefa de constituição daquilo que é preciso chamar de *reservas de vida*”, pois, se a recusa da morte faz de nós seres de história e nos possibilita a constituição do mundo, “a nossa vocação para durar só pode realizar-se quando o desejo de vida for a pedra de toque de um novo pensamento, da política e da cultura” (MBEMBE, 2018 p.312). Assim, produzir encontros com um processo histórico produtor de *lesões* e *cicatrices* em grande parte da humanidade e que provocou um processo de *habituação à morte do outro*, quando considerado que vários seres humanos creem não haver nada a ser partilhado com o outro, que pode ser eliminado, é parte da construção de um processo de *restituição* e de *reparação* que se coloca a todos, na medida em que o habituar-se com a morte do outro é uma das formas de esgotamento das fontes vivas da vida, em nome da *raça* ou da *diferença*, que deixou vestígios profundos no imaginário, na cultura, nas relações sociais e econômicas. É nesta perspectiva que as lesões e marcas produzidas em muitos corpos pela história, enunciadas de forma tão eloquente por Mirela como *impeditivos de fazer comunidade*, remete à discussão de que há um comum que é inseparável da reinvenção da comunidade como propõe Achille Mbembe (2018 p.311).

As palavras de Mirela me faziam pensar na intersecção entre Modernidade-Colonialismo-Racialização-Escravidão-Racismo que produziu as existências negras como *o inimigo*. Eu sentia um soco no estômago ao ouvi-la citar o tema da *dívida* a partir de um trecho da obra *Discurso sobre o colonialismo*, de Aimé Césaire, um entre tantos intercessores de Achille Mbembe em *Crítica da Razão Negra*, com o qual eu também construí aproximações em meu processo. Trecho este se torna ainda mais intenso quando nos encontramos com a primeira parte que o compõe

Seria inútil citar o coronel Montagnac, um dos conquistadores da Argélia? “Para varrer as ideias que me assediam algumas vezes, mando cortar a cabeças, não cabeças de alcachofras, mas verdadeiras cabeças de homens”. Conviria recusar a palavra ao conde d’Hérissou? “É verdade que trazemos um barril cheio de orelhas colhidas, par por par, aos prisioneiros, amigos ou inimigos”. Deveria negar-se a Saint-Arnaud o direito de fazer a sua bárbara profissão de fé? “Devasta-se, incendeia-se, pilha-se destroem-se as casas e as árvores”. Deveria impedir-se o marechal Bugeaud de sistematizar tudo isso numa teoria audaciosa e reivindicar-se dos egrégios antepassados? “Impõem-se uma grande invasão em África que se assemelhe ao que faziam os Francos, aos que faziam os Godos”. Deveriam, enfim, relegar-se para as trevas do olvido o feito de armas memorável do comandante Gérard e silenciar a tomada de Ambike, cidade que, a bem dizer nunca pensara em defender-se? “os atiradores não tinham ordem de matar senão os homens, mas não os contiveram: ébrios com o odor do sangue, não pouparam nem uma mulher, nem

uma criança... Ao fim da tarde, sob a ação do calor, uma pequena neblina se levantou: era o sangue de cinco mil vítima, a sombra da cidade, que se evapora ao pôr do sol [...] Quanto a mim, se recordei uns tantos detalhes dessas hediondas matanças, não foi por deleitação morosa, foi porque pensam que estas cabeças humanas, estas colheitas de orelhas, estas casas queimadas, estas invasões góticas, este sangue que fumeja, estas cidades que se evaporam à lâmina do gládio, não é a tão baixo preço que nos desembaracemos delas. Provam que a colonização desumaniza, repito, mesmo o homem mais civilizado; que a ação colonial fundada pelo desprezo pelo homem [...] tende, inevitavelmente, a modificar quem a empreende, que o colonizador, para se dar boa consciência se habitua a ver o outro como animal (CESAIRE, 1978 p.20).

Uma dívida de todes a ser saldada. Uma inadiável reparação, quando considerado o processo de produção de existências negras como *não humanas*. Dor, crueldade, humilhação, indiferença pela vida do outro, era o que me passava ao vivenciar cada detalhe da cena de uma professora mostrando à classe “o que era um negro”. “*Mirella, pode ficar de lado. Melhor para observar essa protuberância na parte traseira*”: os gestos e as palavras de Mirela e Raoni, que encenavam o encontro entre uma professora e uma criança negra, me remeteram à história da Vênus de Negra que conheci pelo encontro com a Zona Agbara e seu “Manual de como engolir o mundo”. Vivendo a cena, eu pensava naquele triste episódio que explicita a relação racista intensificada no XIX e a respeito da qual pouco se fala, por exemplo na academia, e que, guardadas as devidas proporções, não está circunscrita a um passado longínquo¹⁴⁸.

À medida que “Isto é um negro?” prosseguia, eu experimentava novos agenciamentos pelo encontro com vários planos que apareceram em meu campo de pesquisa, a exemplo do racismo. E outras lembranças se somaram à fala da atriz que expunha um imaginário produzido sobre as existências negras.

Cena [fragmentos da peça]

É que geralmente no corpo negro da cintura para baixo é tudo maior, do corpo da mulher negra. Faz da mulher negra uma mulher forte, uma mulher que tem base, segura o tranco, que aguenta tudo, uma mulher que não chora, uma mulher que não sente.

¹⁴⁸ Sobre o racismo científico, que teve grande repercussão e prestígio nos meios acadêmicos e políticos no século XIX, Silvio Almeida nos fala que o espírito positivista deste período transformou as indagações sobre as diferenças humanas em indagações científicas, de modo que o homem passou de *objeto filosófico* a *objeto científico*, tendo a biologia e a física como modelos explicativos da diversidade humana do que nasce a ideia de que as características biológicas (determinismo biológico) ou condições climáticas (determinismo geográfico) seriam capazes de explicar as diferenças morais, intelectuais e entre as raças. É nesse contexto que se constrói a ideia de que a pele não branca e o clima tropical favoreceriam comportamentos imorais, lascivos e violentos, bem como indicaria pouca inteligência, o que levou ao escritor e filósofo Arthur de Gobineau a recomendar que “mistura das raças” fosse evitada porque o mestiço tendia a ser o mais “degenerado” (ALMEIDA, 2019 p.29).

Esta cena me colocou novamente diante de Flavia Rosa que relatou o encontro das integrantes da Capulanas Cia de Arte Negra com as violências que atravessam os corpos das mulheres negras no processo de pesquisa da peça “Sangoma: Saúde das Mulheres Negras”.

[...] começamos a questionar a saúde, porque entendemos que não teria como falar de autonomia sem entender o que nos adoce e entramos pelo caminho da saúde das mulheres negras. Sacamos coisas que não são de recorte racial, que acometem mais a população negra por uma instância de vulnerabilidade social nas bordas, nas periferias, onde o povo preto está em massa. [...]. Pensando na população negra, não há estudos, por exemplo, que falem sobre maior tolerância à dor pelas mulheres negras ou sobre uma dosagem menor de anestesia. Culturalmente se herdou isso. Ouvimos relatos de maior tempo de espera para parto normal e casos de parto normal que eram encaminhados para a cesárea. Uma coisa horrível. Várias violências físicas e simbólicas. Somos um grupo de teatro de matriz diaspórica de povos africanos e afrodescendentes e foi muito interessante ouvir depoimentos, viajar, coletar material para pensarmos nos problemas dessa população e caminhos para superá-los, se empoderar para se pelo menos. Entendemos sobre as doenças que nos atingem e formas de tratá-las considerado a negligência do aparelho público. Entendemos sobre o estado de vulnerabilidade das jovens negras da periferia ao chegarem grávidas no Posto que são subjugadas da atendente, à enfermeira até o médico e que não estende o papel na maca. Como cuidar dessas jovens assim? Elas não voltam para o pré-natal neste ambiente hostil. Como falar sobre sexualidade, proteção com elas? Como são atendidas e quais os desdobramentos disso? Chegamos em muitos caminhos. Nesse processo fizemos vivências e intercâmbios no território com várias mulheres [...]

Tudo estava conectado. Uma conversa acontecia. E no arrastão produzido por aquelas quatro existências, eu navegava na questão lançada por uma Mirela ao ter seu corpo investigado para que suas formas, tonalidades e texturas pudessem reafirmar seu estatuto de inferior: “*O que é negro? Não precisa responder porque vou fazer uma retrospectiva para a gente ter o mesmo ponto de partida*”. Assim, a história, baseada em fatos reais, contada sobre o herói desbravador que buscava conquistar um novo mundo na companhia de homens brancos, heteros, cis em embarcações-abre-alas-carnavalesco-marítimo expunha a transformação de milhões de existências em *mercadoria, metal e moeda* e como um dos motores do capitalismo, uma discussão que me provocou intensamente no período de estudos de a Crítica da Razão Negra

O substantivo “negro” é, além disso, o nome que se dá ao produto resultante do processo pelo qual as pessoas de origem africana são transformadas em *mineral* vivo de onde se extrai *metal*. Esta é a sua dupla dimensão metamórfica e econômica. Se, sob a escravidão, África era o lugar privilegiado de extração deste mineral, a plantação no Novo Mundo, pelo contrário, é o lugar da sua fundição, e a Europa, o lugar da sua conversão fiduciária. Essa passagem do *homem-mineral ao homem-metal* e do *homem-metal ao homem-moeda* é uma dimensão estruturante do primeiro capitalismo (MBEMBE, 2018, p.82).

Ali me passava a ideia de que talvez tivéssemos vivido a explicitação de várias *intersecções* do racismo, que “é sempre estrutural” como diz Silvio Almeida. O racismo como um elemento que compõe a organização econômica da sociedade, fornecendo o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e de violência que moldam a vida social contemporânea. O racismo como a manifestação de algo que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade em suas diferentes expressões cotidianas, seja nas relações interpessoais, seja nas instituições (ALMEIDA, 2019, p.20)¹⁴⁹. O racismo como um problema que pertence a *todes* nós...

Intersecção foi um termo para o qual produzi outros sentidos e visibilidades em meu processo. Um plano de análise fundamental a ser considerado quando a questão é a produção das existências negras, pois olhar sob esta vista do ponto permite entender a correlação de forças que segue ativamente produzindo práticas que provocam um conjunto de sofrimentos, violências e mortes. E talvez confusões, dúvidas sobre a experiência com o racismo, como ouvi de uma daquelas vozes intercessoras que encontrei em minhas andanças. Forças estas que se movimentam no âmbito de uma plataforma composta por um emaranhado de linhas de uma política que invade-suga-expropria a vida em diferentes planos e institui um exercício de poder sobre um *fazer viver e deixar morrer*¹⁵⁰, a partir do qual o racismo foi forjado como tecnologia, na perspectiva de que, como propõe Foucault, quase não há “funcionamento moderno do Estado, que em certo momento, em certo limite e em certas condições, não passe pelo racismo”. Um emaranhado de linhas que produziu o colonialismo como um modelo que define quem

¹⁴⁹ E com este intercessor, que constitui pelas mãos de André, pude pensar outras questões sobre racismo, entre as quais, de que se trata de uma forma de sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em vantagens e privilégios para indivíduos, a depender do grupo social ao qual pertençam. Almeida discute quem apesar de haver relação entre *racismo*, *preconceito racial* e *discriminação racial*, estes conceitos apresentam várias diferenças. Assim, *Preconceito racial* é o juízo produzido com base em estereótipos sobre indivíduos que pertençam a certo grupo racializado tal como considerar negros violentos e inconfiáveis ou orientais “naturalmente preparados para as ciências exatas”, ao passo que a *discriminação racial* é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados que tem como pontos fundamentais a produção de *poder* e o uso da força, sendo ele que possibilita a atribuição de vantagens ou desvantagens por conta da raça de modo direto.

E Almeida aponta três concepções relacionadas ao racismo: *individualista*, institucional e estrutural. Na concepção individualista o racismo é concebido como uma espécie de “patologia” ou anormalidade, na condição de um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual e/ou coletivo que é atribuído a grupos isolados, reafirmando sua dimensão psicológica em vez de política. Na perspectiva institucional, o racismo está para além de comportamentos individuais, pois é concebido como resultado do funcionamento das instituições cuja dinâmica confere, mesmo que indiretamente, desvantagens e privilégios baseados na raça. Segundo Almeida, a tese que atribuiu a existência do racismo institucional é a de que os conflitos relacionados à raça também pertencem às instituições, na medida em que a desigualdade racial é uma característica da sociedade, não somente em função de atos racistas individuais ou de um grupo. Nesta vertente o aspecto fundamental é que as instituições são hegemônicas por certos grupos que impõem seus interesses políticos e econômicos ao operarem determinados mecanismos institucionais, o que significa considerar que tal modo de operar depende da capacidade de o grupo dominante institucionalizar seus interesses no sentido de impor regras, padrões de conduta e uma racionalidade que normalize seu domínio. A questão é instituições são racistas porque a sociedade é racista e neste contexto se o racismo está presente na vida cotidiana quando instituições não o tratam de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial práticas racistas tidas como “normais” continuarão a ser produzidas, o que significa que sem a produção de práticas antirracistas a transmissão de privilégios racistas e sexistas continuarão a ser produzidos justamente porque a presença de pessoas negras e outras minorias em espaços de poder e decisão não significa que a instituição deixará de produzir racismo. E Almeida ressalta que pensar o racismo como parte da estrutura social pode tornar cada um mais responsável pelo combate de práticas racistas tendo em vista que o conceito de raça só pode ser recolhido em perspectiva relacional, na medida em que raça é uma manifestação que se dá em atos concretos no âmbito de uma estrutura social marcada por conflitos e antagonismos e que nos coloca a urgência de produção de outras relações e considerado que mudanças se fazem com a quebra do silêncio e repúdio moral e, antes de tudo, dependem da produção de outras posturas e de práticas antirracistas (ALMEIDA, 2019, p. 52).

¹⁵⁰ Como mencionei na abertura da tese ao partilhar com quais intercessores iniciei minha caminhada.

deve viver e quem deve morrer, justamente por se inscrever como um exercício que opera formas de matar e de colocar o outro em constante contato com a morte, isto é, o exercício de um necropoder e de uma necropolítica, cuja característica mais original em tal formação de terror é a combinação entre biopoder, estado de exceção e estado de sítio, na qual não há distinção entre política, homicídio, suicídio e guerra (MBEMBE, 2018). O racismo como um problema que é de todos nós...

Eu seguia pelos corredores do metrô pensando que a intersecção entre estas linhas produtoras de mortes, nos planos simbólico e físico, alimentam o *segredo público* enunciado por Gal Martins e do qual eu lembrava mais uma vez. Uma fala que ressoou em muitos momentos de minha caminhada

Tenho lido muito sobre Necropolítica, pensando o corpo negro como suspeito e o genocídio da população negra como inseridos num projeto de morte estruturado não só pela via da polícia militar, mas também pela via da saúde mental. Temos um segredo público: todo mundo sabe que o corpo negro é suspeito, mas ninguém diz. Esses espaços compartilhados dão voz para que esses corpos possam sair da Necropolítica para o lugar de pulsão de vida, de afeto. Precisamos pensar nos espaços compartilhados e nos afetos, mas não nos afetos como carinho. Pensar como eu afeto o outro, politicamente falando, e como crio outros afetos que se contrapõem a afetos hegemônicos que viram verdade. Como podemos afetar esses afetos hegemônicos que constroem preconceitos, racismo, LGBTfobia, gordofobia e outras coisas? Pensar em espaços compartilhados é pensar também nessa disputa e nesse combate a esses afetos hegemônicos como espaços de segurança, de poder de fala e de reconhecimento de potências¹⁵¹.

Com o pensamento variando na presença de tantas companhias intercessoras, eu lembrava da última cena de Ivy Souza que parecia ter dado a ver questões do *racismo genderizado*, como discutido por Grada Kilomba. Noção que diz da “opressão racial sofrida por mulheres negras como estruturada por percepções racistas de papéis de gênero” e que nos exige pensar nas interseções entre *racismo vs. sexismo, a ideia de sororidade como universal, raça vs. gênero, patriarcado vs. patriarcado branco* (KILOMBA, 2019 p.99). Ali eu retomava a leitura de “Memórias da Plantação”, que permitiu que visibilizasse importantes campos problemáticos sobre o racismo que se atualizaram com “Isto é um Negro?”.

No trem, eu relia a discussão de Grada sobre racismo genderizado e várias passagens da peça se misturavam à leitura. Ali saltavam vários pontos da discussão, como a tendência de muitos debates contemporâneos equipararem as experiências entre *Racismo vs sexismo*, tendo em vista a abordagem da relação entre “raça” e gênero ter sido produzida como paralela no contexto de discussões *feministas brancas*, que buscaram construir analogias entre suas experiências com o sexismo e as experiências de

¹⁵¹ Trecho da fala de Gal Martins no encontro realizado no Sesc 24 de maio, região central da cidade de São Paulo, na roda de conversa “Espaços compartilhados” que contou também com a participação de Fernando Garcia (gestor cultural, professor, artista visual e diretor do mARTadero – Arte y Cultura da Bolívia) e Luís Rubio (idealizador do projeto enNingúnLugar, México <https://enningunlugar.com/>). Eu me encontraria com a problematização enunciada por Gal sobre o corpo negro como suspeito na estreia do espetáculo “Rituais de Suspeição”, da Cia Sansacroma, que aconteceu alguns meses depois no Sesc Pompeia, zona oeste da cidade de São Paulo.

mulheres negras, do que resultou em uma redução de ambas a uma forma similar de opressão. Ali, eu reencontrava o aspecto fundamental ressaltado por Grada, ao afirmar que apesar de haver semelhanças entre racismo e sexismo como processo, considerando que ambos constroem ideologicamente um senso comum a partir da referência às diferenças “naturais” e “biológicas”, não é possível entender gênero e opressão racial como paralelos, porque ambos afetam e posicionam grupos de pessoas de forma diferentes, sendo, portanto, difícil produzir comparações entre as experiências, tendo em vista dois aspectos pouco problematizados que contribuíram para invisibilizar e silenciar as mulheres negras no projeto feminista global: os privilégios vivenciados pelas mulheres brancas e o fato de as mulheres negras também experienciarem o sexismo por serem mulheres.

Pensando na última cena de Ivy, eu seguia na leitura sobre *a falsa ideia da sororidade universal*, que evidencia a posição de algumas discussões feministas ao conceituarem *mulheres* como um grupo coletivo, genderizado e oprimido em uma sociedade patriarcal. Eu atualizava a passagem da peça em que uma mulher gritou para a personagem de Ivy “pelo menos não estou na pele de vocês”, ao reler a afirmação de Grada de que a ideia de sororidade, que supõe uma crença em uma conexão familiar entre todas as mulheres do mundo e um desejo por uma cumplicidade entre mulheres em um mundo dominado por homens, quando tomada de modo não contextualizado reafirma uma presunção falsa e simplista que negligencia a história de escravização, do colonialismo e do racismo, bem como permite as mulheres brancas receberem sua parcela de poder branco masculino em relação às mulheres e homens negros. A passagem me fazia pensar, entre outros pontos, sobre o falso universalismo relacionado à sororidade que define as mulheres negras em referência a uma noção branca de mulheridade e que leva as reivindicações de mulheres negras serem tomadas como específicas e ilegítimas, à medida que as experiências de mulheres brancas seguem como universais (KILOMBA, 2019).

Enquanto eu aguardava o trem na plataforma ainda na companhia da leitura sobre racismo genderizado, via um grupo animado que seguia para uma balada na Rua Augusta, como pude ouvir... ali estavam um jovem branco e três negros e uma jovem branca e duas negras. Próximo a eles e elas, eu pensava no que eu havia relido sobre a discussão de “*Raça*” vs. *Gênero* proposta por Grada: os estudos feministas ignoram a opressão de mulheres negras produzida a partir de homens brancos e negros institucionalizadas em distintas formas de sexismo e do racismo de mulheres e homens brancos quando o gênero é conceituado como único ponto de partida da opressão. Novamente, como analisa Grada, prevaleceu o interesse nas discussões feministas em refletir sobre as experiências de opressão, neste caso no âmbito do patriarcado, sem pautar suas posições em uma sociedade supremacista branca. Projeto que resultou em um modelo de homens contra mulheres a partir do qual houve um obscurecimento da questão da “raça” e uma desresponsabilização das mulheres brancas pelo racismo contra mulheres e homens. E foi neste contexto que feministas negras produziram a noção de “Patriarcado branco” ou “Patriarcado

racial”, que possibilitou uma nova perspectiva para o feminismo, ao reivindicarem que talvez as mulheres negras possam querer se auto-organizar acerca das questões relacionadas ao racismo usando também a categoria de gênero¹⁵².

Entrei no trem com o grupo que seguia para a balada e logo consegui um lugar para me sentar. Lembrando das cenas de piadas contra existências negras explicitadas na peça, eu buscava um trecho de uma das *Políticas* problematizadas por Grada, as *Políticas Sexuais*, em que ela traz a experiência produzida por um homem branco que subjuga sua namorada negra ao lhe contar piadas racistas, o que evidencia um processo de *sadismo racial* que, ao combinar violência e diversão, desempenha a função sádica de provocar prazer a partir da dor infligida e da humilhação da/o “*Outra/o*”¹⁵³ racial que experimenta um senso de perda em relação ao sujeito branco quando considerado que a piada, para além de uma narração, se torna uma experiência em si que reforça a superioridade branca e o racismo (KILOMBA, 2019 p.135).

Enquanto via o grupo de jovens desembarcando na estação Consolação, eu buscava duas passagens de *Políticas da Pele* pensando na cena protagonizada por Raoni no grupo de “autoajuda”, em que partilha a construção da percepção de si como um homem negro. Logo localizei a primeira passagem, uma mulher negra que relata ter ouvido de uma amiga que ela “não a via como negra” e que “até esquecia que ela era negra”, o que para Grada, de um lado, explicita um processo de invisibilização do visível, em que a mulher negra ao confrontar a amiga é inesperadamente fantasiada como sem cor e, de outro lado, o episódio parece manter relação com um mecanismo de negação massivo, no qual a negritude é apenas admitida em sua forma negativa. Assim, a ambivalência que se inscreve em tais confissões atua de modo a prevenir que pessoas *brancas*¹⁵⁴ sejam confrontadas em suas vidas cotidianas com a realidade de pessoas *negras*¹⁵⁵ e com as formas pelas quais percebem e experienciam essa realidade, bem como impedem que o sujeito branco tenha de lidar com o desconforto de que diferenças existem e que elas ocorrem por meio de processo de discriminação. Uma experiência de fobia racial, como segue analisando

¹⁵² Considerando a noção “Patriarcado branco” ou “Patriarcado racial”, Grada discute o sentido da produção desta noção afirmando que a aplicação da noção clássica de patriarcado à diferentes situações coloniais se mostra insuficiente ao não explicar porque homens negros não usufruem dos benefícios do patriarcado branco. Assim, é neste contexto que feministas negras divergem de feministas brancas ao afirmarem que homens negros não necessariamente são antagonistas patriarcais por sentirem que há um compartilhamento da opressão racial, o que sugere uma nova perspectiva para o feminismo ao reivindicarem que talvez as mulheres negras queiram se auto-organizar acerca do racismo usando a categoria de gênero, ainda que historicamente as mulheres negras tenham formulado pertença política em termos de “raça” em vez de gênero ou classe se considerado que vivenciam primeiro as opressões relacionadas à raça em comparação com as de gênero (KILOMBA, 2019).

¹⁵³ É uma das palavras que Grada descreve seu significado para a versão em português de Memórias da Plantação. Ela afirma que o termo “Outra/o”, que não possui significado em inglês, quando traduzido para o português, embora seja parcialmente satisfatório pela inclusão do gênero feminino, ainda produz uma redução à dicotomia feminino/masculino e não permite uma extensão a gêneros LGBTQIA+, o que expõe a problemática das relações de poder e as violências na língua portuguesa. Assim, opta por escrever o termo em itálico e entre aspas. As outras palavras grafadas em itálico com os significados descritos são: *sujeito*; *objeto*; *negra/o*; *p.*; *m. (mestiça/o)*, *m. (mulata/o)*, *c. (cabrita/o)*; *escravizada/o*; *subalterna*.

¹⁵⁴ Expressão e grifo de Grada Kilomba

¹⁵⁵ Expressão e grifo de Grada Kilomba

Grada, a partir da qual pessoas negras só se tornam negras quando são consideradas a/o Outra/o (o chamado *wild-fremd*). A questão é que como a mulher não enxerga a amiga negra nem como selvagem (wild), nem como estranha (fremd), ela instantaneamente não é vista como negra, permitindo que os sentimentos positivos dirigidos à amiga negra permaneçam intactos e os repugnantes e agressivos sejam projetados para fora, o que nos possibilita entender a função do politicamente correto que protege as pessoas negras do imaginário tóxico do sujeito branco tendo em vista que a preocupação não é o que o sujeito branco pensa, mas não ser invadidas/os por suas fantasias tóxicas e sujas (KILOMBA, 2019, p. 147).

Eu seguia na viagem com Memórias da Plantação, lendo a outra passagem de Políticas da Pele sobre a experiência de uma criança que não queria ser vista como *Neger*¹⁵⁶. Episódio que, entre outras questões, evidencia a luta em que o negro é submetido à identificação *com o que se é*, mas não *como se é visto* no mundo conceitual branco: uma ameaça. A experiência dizia de uma criança com o medo de olhar para pessoas negras, não em decorrência *do que elas eram* - negras -, mas em virtude de *como a negritude era vista*: ameaça¹⁵⁷. O relato explicita como sujeito negro é forçado a se identificar com a branquitude porque as imagens de pessoas negras não são positivas, na perspectiva de que antes mesmo de uma criança ter lançado o olhar para uma pessoa branca ela já foi bombardeada com a mensagem de que a branquitude é superior e a norma. Tudo isso é potencializado por revistas, quadrinhos, filmes e televisão, que coagem a criança negra a se identificar com os outros brancos e a produzir uma relação alienada com a negritude, sem se identificar consigo mesma, já que os heróis desses cenários são brancos e as personagens negras personificam fantasias brancas. “Apenas imagens positivas, e eu quero dizer imagens ‘positivas’ e não ‘idealizadas’, da negritude criadas pelo próprio *povo negro*, na literatura e na cultura visual, podem dismantelar essa relação. Quando pudermos, em suma, nos identificar positivamente com e entre nós mesmos e desenvolver uma autoimagem positiva” é o que afirma Grada Kilomba (2019, p.154). Tudo fazia sentido com o que vi-senti-vivi-produzi com tantas vidas...

Caminhando para casa, com ruas quase vazias, eu seguia por um trecho que naquela noite estava sem iluminação. *O que se passaria com um corpo se encontrasse com outro corpo que traz em sua pele um segredo público, estrutural, que foi inscrito com as navegações de abre-alas-carnavalesco-*

¹⁵⁶ “Essa palavra alemã, equivale à palavra N. do inglês, é usada pejorativamente em relação à pessoas negras não apenas significando, na pior conotação, *negra/o*, “*escrava/o*”, animal, ela também carrega consigo o cenário de ódio racial colonial até os dias de hoje, enunciando assim o ódio que racistas sentem do povo negro” (p.147) é o que escreve Grada Kilomba sobre o termo *Neger*, por ela grafado como *N*. E ela afirma ainda: “*N*. não é uma palavra neutra, mas um conceito colonial inventado durante a Expansão Europeia para designar todas/os as/os africanas/os subsarianas/os (Essed, 1991; Kenenedy, 2002). Ela é, portanto, um termo localizado dentro da história da escravidão e colonização, ligado a uma experiência coletiva de opressão racial, brutalidade e dor”. (KILOMBA, 2019 p. 155).

¹⁵⁷ Seguindo suas análises sobre o depoimento da mulher, Grada afirma que se trata de uma luta entre a criança negra e as fantasias brancas por ela internalizadas e que talvez este conflito não ocorresse, se sua mãe branca, tal como relatado em outros episódios, tivesse refletido sobre sua branquitude e fosse capaz de lidar com a negritude, considerando que a mulher negra de hoje carrega o conflito de sua mãe adulta (KILOMBA, 2019 p.154).

marítimos e a partir das quais foi produzido o homem mineral-moeda-metal? O que provocaria esta experiência que intersecciona Modernidade-Colonialismo-Racialização-Escavidão-Racismo e que é vivida de forma cotidiana¹⁵⁸ por incontáveis existências? O que...?

O que pode um corpo-negro? Mercantilizado. Desumanizado, zoomorfizado. Reduziram a potência de seus corpos, a um corpo-amassa-barro. Corpo-objeto. Homem-mineral, homem-moeda, homem-metal. Sequestrado de seu continente, o corpo negro atravessou o atlântico.

Milhões, chegaram. Muitos, ficaram.

Pelos caminhos...

Lançaram-se aos mares. Foram lançados.

Kalunga grande.

Travessias para mortes físicas e existenciais.
Travessias para atualizações de saberes e viveres.
Ancestralidade.
Travessias para séculos de disputas pela vida.
Diáspora.
Sankofa.

(...)

O que pode um corpo-negro? Devir-resistência, dos quilombos, às periferias, à cidade grande.

(...)

O que pode um corpo-negro? Corpo-devir-crespo-bailarino que pulsa nas batidas do *rap* cotidiano. Tum tum tá. Carrega uma força ancestral imensurável, saberes de seus povos, de seus corpos, dos seus cantos, dos seus orixás, das suas danças, das rezas, das tramas crespas de seus cabelos, do compartilhar, do estar no mundo, do inventar muitos outros. Pá-tum Pá-tum Pá-tum Tum.

Grada Kilomba nos fala que o *racismo cotidiano* se refere a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o *sujeito negros* e as *Pessoas de Cor* como “Outra/o” (a diferença contra a qual o sujeito branco é medido) e como “Outridade” (a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca) e que ao ser colocado como “outra/o” (seja como “outra” indesejada, intrusa, perigosa, violenta, passional, suja, perigosa, excitada, selvagem, natural, desejável, exótica) se trata de uma experiência de racismo, na medida em que a pessoa negra é forçada a se tornar a personificação daquilo com o que o sujeito branco não quer ser reconhecido. No racismo cotidiano a pessoa negra é usada como tela para projeções do que a sociedade branca tornou tabu num movimento de tornar estas vidas um depósito para medos e fantasias brancas do domínio, da agressão ou da sexualidade, sendo neste contexto que uma pessoa negra pode ser percebida como “intimidante” e na sequência como “desejável”, e vice-versa; e/ou como “fascinantemente atraente” e no minuto seguinte “hostil”, pois a agressão e sexualidade são reprimidas e reprojatadas de forma massiva em outros grupos raciais. Na análise de Grada é deste modo que processos de repressão e projeção permitem que o sujeito branco escape de sua historicidade de opressão e se construa como “civilizado” e “decente” enquanto “Outras/os” raciais se tornam “incivilizada/os” (agressivos) e “selvagens” (sexualidade), sendo nesta dinâmica que o sujeito negro é percebido como um ou outro através da *infantilização*, *primitivização*, *incivilização*, *animalização*, *erotização*. Assim, o racismo cotidiano é uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” ao longo da vida de alguém (p.80). Já o *racismo estrutural* ocorre quando pessoa negras estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas que operam privilegiando seus sujeitos brancos e colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível fora das estruturas dominantes. E o *racismo institucional* remete à questão de que o racismo também é um fenômeno ideológico, evidenciando um padrão de tratamento desigual nas operações cotidianas (agendas educativas, mercado de trabalho, justiça criminal, entre outros).

(...)

O que pode um corpo-negro? Guerra. Luta. Na dor ou no amor, escancarar o genocídio do corpo-preto-periférico cujo os milésimos segundos não são de paz. (Não) se sabe de onde vem a violência... mas que ela vem... ah, vem!

(...)

O que pode um corpo-negro? Tudo! Que seja eu-corpo-racionalidade-negra a decidir. Decidir pela vida, pela morte, pelos sonhos, por onde quero e quem quero ser. Pelos caminhos, bailarinos, a construir. Livre, sem notas de rodapé a relegar qual é o lugar a calar. Livre, para calar corpo-racionalidade-branco-massa. Livre, para tecer sua arte-vida-poesia.

(...)

O que pode um corpo-negro?
Quem tem medo do corpo-negro?¹⁵⁹

... Isto é um negro!

¹⁵⁹ Texto “O que podem corpos negros? Navegando pelas existências que habitam narrativas-rizoma-visceral” produzido por Paula Bertoluci que foi ganhando corpo como uma escrita *rizoma-visceral* ao ser tecido coletivamente em ato entre Paula Bertoluci, André Rodrigues, Josiane Germano e eu e que está em fase de finalização para ser submetido à revista Interface

**Quando um mestre
se vai tem festa**

- Oi, Valéria, desejo-lhe um bom dia! Trago uma notícia triste, Sr. Raimundo faleceu nessa madrugada. Provavelmente o enterro será amanhã.
- Nossa, Aline! E ontem estava pensando nele, acredita? Onde será o enterro?
- Eu ainda não sei, estamos aguardando notícias. Fui visitá-lo, estava muito fraquinho. Ele cantou comigo quando fui no hospital. E disse: Line, Deus sabe de todas as coisas, se for para eu voltar, eu volto.
- Foi muito bom tê-lo conhecido. Ele era muito especial.
- Sim. Estamos tristes. Amanhã provavelmente nos reuniremos na Casa de Cultura para irmos ao enterro. Se puder ir, se acheque.

E eu me achequei e aconchegada com eles vivi um dos momentos mais fortes de todo esse período, vivi novos acontecimentos. A notícia trazida por Aline me afetou. Tomada pela mensagem, parei imediatamente o que fazia no computador. Olhei para a janela e fiquei pensando que naquele domingo frio e garoento de novembro o sol certamente havia ficado macambuzio pela partida de sr. Raimundo. O sol, do qual ele emprestou a cor para os trajes e para a bandeira do grupo de Folia de Reis, que era tão fundamental para sua existência como senti ao conhecer este signo por suas mãos.

No dia anterior havia pensado muito em sr. Raimundo. Das conexões que vivi... Ainda pretendia conversar mais com ele sobre sua vida, sobre seus saberes e histórias relacionados à Folia de Reis. Ainda gostaria de ouvir mais sobre os caminhos que aquela delicada existência havia percorrido. Mas isso não foi possível. Sr. Raimundo havia partido. Bem que poderia ter vivido até virar *semente* para florescer outra vez entre nós... uma espécie de *fazer devir-semente* me habitou em relação àquela existência de sr. Raimundo. Mas isso também não seria possível.

Eu e Aline seguimos combinando por todo o domingo a saída da Casa Cultura. No dia seguinte acordei antes do despertador. Tive um sono agitado. Saí de casa faltando alguns minutos para às 6h00 e segui uma parte do percurso acompanhando o despontar dos primeiros raios de sol, que naquela manhã parecia ter resolvido sair para nos acompanhar na despedida porvir.

Caminhava apressada, pois não poderia perder a saída do ônibus marcada para às 07h30. Embora fizesse o trajeto habitual – linha lilás do metro, baldeação para a CPTM na estação Santo Amaro, Estação Socorro e um ônibus – a cada passo sentia um estranhamento pelo motivo que me levava até a Casa de Cultura. Cheguei rápido, pois seguia no contra fluxo. Durante todo o percurso observava o povo em compasso de peregrinação. No corredor de acesso do trem, ao caminhar ao lado da multidão que seguia no sentido contrário, via que a maior parte estava na companhia do celular, ouvindo música ou mantendo os olhos fixados na tela, outros mantinham o olhar para adiante como se buscassem avistar o final daquele confinamento. Nos ônibus, além destes encontros com o celular, era possível ver várias existências fazendo do vidro da janela um apoio para mais alguns minutos de sono, enquanto que a maioria seguia em pé nos coletivos lotados, como “sardinha em lata”, exatamente como Aline havia relatado: “*é desumano o que acontece no transporte público. As pessoas parecem sardinha na lata. Você*

já viu como fica avenida Guarapiranga de manhã? É o que passo todo dia para ir para a faculdade. Também lembrei de outra conversa das minhas andanças: “porque não deram isso antes para a gente. Demorou muito tempo para a linha lilás do metro ficar pronta. Enquanto a gente seguia sofrendo!”.

Estas frases seguiam comigo enquanto observa aquele fluxo que, ao fluir lentamente, parecia sugar a vitalidade daqueles que o vivenciam - como eu já havia experimentado tantas vezes para além do campo de pesquisa. Neste momento me passaram as experiências que vivia com o transporte público na minha cidade que ainda hoje, mais de dez anos depois de minha saída, permanece oferecendo como única opção para quase três milhões de existências o ônibus. Uma situação que se repete em muitas cidades brasileiras: engenharia de tráfego insipiente que convive com um sistema de transporte que carrega uma questão “intocável” no que se refere ao processo de licitação das empresas de ônibus. Disso decorrem passagens com preços elevados, equipamentos sucateados e motoristas/cobradores e a população em pé de guerra. E triste pensar que as experiências que observava naquela manhã podem atingir graus de sofrimento ainda maiores em tantos lugares...

Quando virei a esquina para entrar no largo de Piraporinha, logo avistei um ônibus parado no ponto quase em frente à Casa de Cultura. Suspeitei que seguiríamos nele até o nosso destino. Caminhei mais um pouco e logo vi uma roda formada no quintal da Casa por Dona Edite, Zazá, Aline e algumas senhoras do Flor de Lis, que estavam de costas para a rua. Zazá me viu e sorriu. Imediatamente lhe devolvi, à distância, o sorriso recebido. Aproximei-me e cumprimentei a todas. E ao abraçar Dona Edite, ouvi: “*Que bom que você veio, Valéria!* E naquele abraço respondi: “*Aline me avisou. Não poderia não vir, Dona Edite*”. Uma parte das *mulheres flores*¹⁶⁰ estava lá.

Logo fui cumprimentar Magela e sr. João que conversavam próximo ao conhecido fusca azul deste antigo companheiro de sr. Raimundo na Folia de Reis. Como de costume, sr. João estava impecavelmente arrumado. Estava quase todo trajado de branco – camisa, calça, sapatos, chapéu panamá – não fosse o colete florido também usado por sr. Raimundo e por Magela no grupo. Aquelas existências que junto com sr. Raimundo partilhavam semanalmente intensidades, sentires e saberes com o grupo também seguiriam para a despedida. Os *tocadores* do Flor de lis também estava lá.

Ainda esperamos por cerca de meia hora. E aos poucos muitas gentes foram chegando. Quando fomos chamados para o ônibus, vários já estavam acomodados. Fomos nos arranjando como possível, dando prioridade de sentar para os mais velhos ou para aqueles com alguma necessidade. Na partida, o ônibus estava cheio. Segui em pé durante todo o trajeto, próximo de Aline, de Magela e de algumas

¹⁶⁰ Expressão que produzi no processo de construção da narrativa *Ato-Ocupação: Que Casa É Essa?* do artigo *Ocupações poéticas I de si e do outro: cartografando encontros entre arte, cultura e produção da vida* para se referir às integrantes do grupo Flor de lis: *Mulheres flores. Mulheres fortes. Mulheres que se ocupam de cuidar daquela Casa, que pelo modelo de gestão partilhada se tornou uma referência para outros espaços da cidade no período de sua fundação e que nos dá exemplos sobre possibilidades de produzir coletivamente cuidado, proteção e defesa de povos, de valores e de vidas.* (p.365)

*Flores de Lis*¹⁶¹. E daqui e dali era possível ouvir prosas, causos e conversês que se faziam e se desfaziam. E em muitos destes sr. Raimundo estava presente. Demoramos quase uma hora para chegar, pois o trânsito estava um pouco pesado. Nosso destino era o quilometro 75 da rodovia Régis Bittencourt, na região de Embu das Artes. Um trajeto de pouco mais de vinte quilômetros da Casa de Cultura.

A certa altura o ônibus virou à direita saindo da rodovia e seguimos por um trecho de subidas e descidas. Estávamos chegando ao nosso destino. A paisagem havia mudado. Agora havia mais casas, pequenos comércios e alguns resquícios de mata. Ao entrarmos na trilha onde estava localizado o cemitério, a sensação era de frescor e tranquilidade. Muitas árvores. Predominava o silêncio e o movimento de gentes e de trânsito no entorno era bem pequeno. Àquela altura, o sol já brilhava com mais intensidade, ajudando a aquecer nossos corpos já tomados pela saudade.

Fomos descendo do ônibus e ajudando aos que necessitavam de apoio. Caminhamos por alguns metros e logo chegamos ao local onde sr. Raimundo estava. Havia muita gente, dentro e fora do espaço reservado a ele. Não demorou muito e os integrantes do Flor de lis começaram a se movimentar. Aline começou a retirar a caixa do divino da capa, Magela e sr. João iniciaram os ajustes do violão e do banjo respectivamente e as Flores de lis começaram a se levantar cada uma a seu tempo. Então o grupo foi chamado para entrar onde sr. Raimundo estava. E eu entrei com eles.

Aos poucos todos foram se ajeitando. E em meio à movimentação que acontecia, vi Edna em seu encontro silencioso com sr. Raimundo. Olhando afetuosamente para ele, ao tempo em que as lágrimas escorriam por seu rosto, ela pôs-se a arrumar delicadamente sobre o tule que o cobria uma pequena tiara, como as usadas pelas Flores de lis, ornada com flores e fitas coloridas, que seguiria com sr. Raimundo. Uma imagem inesquecível.

Neste momento um dos filhos de sr. Raimundo entoou o primeiro canto que foi acompanhado por sr. João e Magela ao violão e por todos ao ritmo de palmas.

Desejamos a felicidade e também muitos anos de vida.
Desejamos a felicidade e também muitos anos de vida.
Ó, minha mãe, minha mãe. Ó minha mãe, minha amada.
Quem tem sua mãe tem tudo. Quem não tem mãe não tem nada.
Quem tem seu pai tem tudo. Quem não tem pai não tem nada
Parabéns, parabéns para você.
Parabéns nesta data querida.

Desejamos a felicidade e também muitos anos de vida.
Desejamos a felicidade e também muitos anos de vida.
Quem tem sua mãe tem tudo. Quem não tem mãe não tem nada.
Quem tem seu pai tem tudo. Quem não tem pai não tem nada.

¹⁶¹ Expressão habitualmente usada por Aline e Edna quando se referem às integrantes do grupo.

Foi um momento intenso. Era possível acompanhar o desespero de alguns parentes que chegavam a gritar, tamanha a dor que parecia lhes cortar a carne. Uma cena muito difícil. E o canto entoado na sequência ativou ainda mais este estado de sofrimento. Os versos de diferentes congadas eram o sr. Raimundo!

Vamos alicençar, vamos alicençar, senhorita
Vamos alicençar, vamos alicençar, senhorita

Vamos simhora que a chuva em vem!
Vamos simhora que a chuva em vem!

Sariô, sariô, sariô, sariô
Sariô, sariô, sariô, sariô
O pau quebrou, quero ver quebrar
O pau quebrou, quero ver quebrar

“*Vamos simhora que a chuva em vem!*” é um verso que celebra a saída da Folia de Reis, anunciando que havia chegando a hora de ir embora. Mas, nós, que ali estávamos, não sairíamos com a chuva. Nossa companhia seria o sol que naquela altura parecia já ter varrido todas as nuvens do céu para se despedir sozinho do mestre. Talvez sairíamos como sr. Raimundo gostaria... nunca saberemos. E daquela congada de despedida que havia sido *alicençada* muitos vivas ressoaram ao serem anunciados pelo filho sr. Raimundo:

Viva sr. Raimundo!!! Viva!!!
Viva Santo Reis!!! Viva!!!
Viva a congada!!! Viva!!!
Viva todo mundo que está aqui!!! Viva!!!

Partilhávamos aqueles *Vivas* com muitas palmas. Vivificávamos aquela existência que jamais partiria de tantas outras. Aquela *existência-acontecimento* que celebrávamos jamais sairia de nós, seja dos mais antigos, seja dos mais recentes como eu. As marcas de sua passagem ficaram em nossas peles.

Um pastor fez então uma fala e uma oração. Crenças à parte, de tudo o que foi dito saltou um ponto: várias pessoas ali levantariam amanhã e sentiriam falta de sr. Raimundo; passariam outros dias e ainda sentiriam falta dele, mas que pensássemos na oportunidade de termos sentido a alegria e a paz que ele havia deixado para cada um. Aquela fala foi certa: *alegria e paz*. Dois afetos que marcavam os encontros com sr. Raimundo. Ele que chegava devagarinho como um passarinho, cumprimentando cuidadosamente a todos. Ele que falava baixinho, num tempo próprio e de modo assertivo, fazendo-nos pensar no sentido de uma boa prosa. Ele que acompanhava cada música entoada no Flor de lis com gestos delicadíssimos para a caixa do divino a sua frente e ladeado por sr. João e Magela e também por Arakunrin, que compunham com Aline *o pulso* das cantigas, a *retaguarda* do grupo. Ele que acenava a todos serenamente ao final dos encontros do Flor de Lis com um sorriso que, mesmo ocupando por vezes apenas o canto da boca, tornava-o ainda mais belo. A alegria e a serenidade que transbordavam de sr.

Raimundo e o sentido de sua presença a cada novo encontro do Flor de lis não estavam no plano do dizível.

Figura 77: Na imagem à esquerda com o violão o músico Geraldo Magela, Arakunrin e sr. Raimundo com a caixa do divino. Na imagem à direita Sr. Raimundo e Sr. João.

Havia chegada a hora do Flor de Lis, anunciada pelo filho de sr. Raimundo. Então Aline, circundada por sr. João, Magela, Edna e as Flores de Lis, fez o chamamento com o apito amarelo da Folia de Reis, dado a ela por sr. Raimundo:

Sr. Raimundo ensinou que antes de começar tem o primeiro apito

Apita uma vez

Tem o sinal da cruz na testa

Faz o sinal da cruz sendo seguida por várias/vários

Depois desse apito a gente começa a tocar e cantar

Apita e toca com sr. João e Magela

Ô, vem ver. Ô, vem ver. Sra. do Rosário

Ô, vem ver. Ô, vem ver. Sra. do Rosário

Apita. A música para.

Estou aqui, estou fazendo essa congada em homenagem ao sr. Raimundo, a tudo que ele foi nessa vida. Eu agradeço essa oportunidade. Estou aqui ao lado da Didi, a maior, aquela que veio primeiro e que ensinou para gente isso, trouxe para o grupo Flor de lis junto com a Edna, coordenando o grupo. E a gente teve o prazer, a honra e a alegria de conhecer o sr. Raimundo, sr. João e a família de vocês.

Após anunciar o verso que cantaríamos, Aline apitou novamente uma única vez. E mais uma cena difícil de esquecer: Magela retirou a caixa do divino de seu corpo e o entregou nas mãos do filho de sr. Raimundo para que ele tocasse a próxima congada na companhia de Aline e sr. João.

Virgem do Rosário, essa casa cheia.

Virgem do Rosário, essa casa cheia.

Cheira a cravo de rosa, flor de laranjeira

Cheira a cravo de rosa, flor de laranjeira

Que cena belíssima! Aline cantava a primeira frase: *Virgem do Rosário*. E respondíamos: *essa casa cheia*. E em uníssono nossos corpos prosseguiram vibrando: *Cheira a cravo de rosa, flor de laranjeira*. Olhei ao redor e vi muitas trocas de sorrisos entre os que seguiam intensivamente naquela cantoria. Uma alegria se fazia entre nós. Uma festa se fazia em ato. Repetimos o verso por várias vezes de forma muito viva, seguindo no compasso das palmas e na forte marcação da caixa do divino cuja sonoridade tornava-se cada vez mais intensa no pequeno ambiente em que estávamos. Eu estava muito perto de Aline e a reverberação da caixa do divino sendo tocada por ela era muito forte! Aline e caixa do divino pareciam ser uma só.

Já havia visto Aline cantando algumas vezes ao conduzir o grupo na Casa de Cultura, mas aquele dia foi diferente. Sua voz parecia alcançar uma potência e uma vibração únicas. Seu olhar brilhava. Seu corpo inteiro parecia cantar. Permaneci o tempo todo próxima a ela e era possível percebê-la tomada por uma intensa emoção. E nessa intensividade, ela se manteve firme como uma rocha. Voz empostada, cabeça elevada e gestos firmes que eram acompanhados de um olhar que buscava a todos e que sempre retornava para sr. Raimundo.

Sua incumbência não era leve, pois estava conduzindo parte de um momento de despedida, por meio do qual buscava compartilhar o que havia aprendido com aquele mestre da cultura popular. Tudo isso diante de tantos viventes, alguns dos quais como o era sr. Raimundo, mananciais de saberes e práticas. Conhecimentos que pertencem a um tempo-espço próprios da oralidade e que ainda são cultivados para que não acabem.

Junto com tal incumbência, aquele era o momento de Aline com sr. Raimundo. Um momento de deferência, de agradecimento e de celebração da vida daquele que ao passar por esta jovem existência havia ocupado um lugar singular, constituindo-se também como seu *mestre*. E no compasso da energia que ressoava do couro do tambor e dos versos que mantinham sr. Raimundo entre nós, Aline seguiu cantando com uma alegria que não a abandonava, ao tempo em que visivelmente lutava para empurrar goela abaixo a emoção que teimava subir e que tentava transbordar por seus olhos. E assim Aline levou aquela congada até o final, sem chorar. Neste turbilhão de afetos que eu também compartilhava, a minha sensação era de estar vivenciando a tessitura de mais uma camada naquela existência: a jovem amiga da poesia metamorfoseando-se em uma jovem *Griot*.

Um novo apito. A música para

Tem uma música que ela é de alegria, de celebração, que o sr. Raimundo ensinou. Ele achava engraçado. A gente colocava coisas no meio para falar *aruê, viva, aruê viva*.

E mais alegria viria. Foi neste alegre compasso que Aline entoou aquela congada. E a cada frase várias existências foram colocadas na roda, entre as quais Didi, cunhada de sr. Raimundo. E naquela deferência foram muitos: *aruê, viva, aruê viva*.

Após um novo apito, o filho de sr. Raimundo anuncia: *“Tem uma pessoa aqui que vai falar um verso. Na sequência ouvimos: Este poema dedico a todas as pessoas que amo e que estão comigo nesta jornada. Autor da Vida, Paulo Roberto”*:

A vida é uma tela com pequenos rabiscos onde criamos o céu
Ou o inferno de acordo com as tintas que usamos
Vai, deixa de tristeza e deixa o sonho te leva,
acredite que é possível ainda hoje uma virada,
acredite que tudo foi apenas um engano,
mantenha a rota do seu barco da vida,
não desista novamente,
as pedras são apenas restos que a chuva trouxe...

Amar, viver, sonhar, acreditar, lutar e até o chorar,
são fases que compõem o grande quadro chamado vida,
onde a tela é a sua história,
as tintas são as pessoas que passam por ela,
mas, o pintor, o responsável pela obra é sempre você.

Haja o que houver, aconteça o que acontecer,
o pincel que mistura as cores,
que dá forma ao que vai surgir na tela,
que cria e apaga situações e imagens,
ainda está na sua mão.
É você quem pode criar agora, uma estrada florida,
ou o caminho escuro das incertezas e dúvidas.

Já que você é o autor, o pintor dessa tela chamada vida,
comece pintando um sorriso,
que é o sinal que representa a esperança, a renovação,
símbolo dos que não desistem nunca de ser feliz,
e ser feliz exige criatividade, esforço e dedicação.
Se tudo deu errado até aqui,
passe tinta branca em toda a tela e recomece,
hoje é o dia perfeito para...

E no lugar da frase final do poema, *hoje é o dia perfeito para uma nova pintura*, Dona Edite disse: *“para que a gente tenha força para passar esse momento, que dedico à Didi, à toda família de sr. Raimundo, que deixou na terra o exemplo de luta e vida.”* Enquanto a ouvia fiquei pensando justamente como Dona Edite finalizaria aquele poema tão significativo para ela. Lembrei de seu relato, no sofá de sua sala, sobre o encontro com esta poesia em nossa primeira conversa: *“quando ela chegou na minha mão passava um momento muito difícil. Ela tem um imã. Teve para mim e tem para muita gente [...] de repente meu irmão tinha que sair do serviço para me levar no pronto socorro. Isso se arrastou por muito tempo. Não que as doenças saíram de mim, mas saiu um monte de coisa que eram obstáculo”*. Voltou também o choro de uma moça que ao abraçar Dona Edite no final de uma apresentação agradecia pelo

“autor da vida” naquela noite. Mais uma vez vivenciava Dona Edite conduzindo-nos pela “*difícil viagem que ela navega com a poesia*”, na qual a escolha do que será partilhado mantém relação com seus “*protestos, afinidade, vontade de mudança*” como ela contou em um de nossos encontros. Nenhuma palavra sai à toa do corpo de Dona Edite.

E outras duas cantigas ainda entrariam na cena. A primeira, muito significativa para mim, pois fui ocupada por estes versos quando escrevia a narrativa sobre o ato-abraço realizado na Casa de Cultura após uma situação intolerável vivida com o diretor do espaço nomeado pela secretaria de cultura¹⁶²: “*Lá vai, lá vai, lá vai, lá vai subir o morro quem bate o joelho enterra, o lêlê, vamos todos pedir socorro*. E a segunda cantiga foi uma explosão: *Ô Didim ioiô, ô Didim iá, iá. Deixa a caixa bater. Deixa o povo pular. Ô Didim ioiô, ô Didim iá, iá. Deixa a caixa bater. Deixa o povo pular*”. O estado era de festa entre nós. E em meio àquela vibração que ocupava meu corpo, minha vontade era uma só: *de pular*. Só estando lá para saber.

Após um novo apito, um recado: “*Essa congada sr. Raimundo é da sua família. Estou aqui só intermediando um pouquinho. Mas eu fico tranquila porque... ele me deu o apito. Estou lá na Casa de Cultura para quem quiser fazer com a gente. A congada é da família de vocês*”. E o filho de sr. Raimundo prossegue: *Eu ajudava meu pai, andava com ele, mas tem uma pessoa aqui que a gente não pode esquecer: Sr. João. Uma salva de palmas para ele. Agora não aguento mais vou ficar do lado de fora*”. E em meio às palmas o filho de sr. Raimundo se retira.

Aquela alegre celebração estava terminando: “*A gente toca mais uma e depois vai caminhando. Vou puxar uma música que sr. Raimundo fez questão que a gente cantasse no dia do aniversário da Didi, a responsável por ele conhecer a gente*”:

Vamos buscar rainha fulô, meia de seda, sapato de lã.
Vamos buscar rainha fulô, meia de seda, sapato de lã.
Salve a cantoria, a cultura popular e toda sua trajetória

O grupo aos poucos foi saindo. Quando me virei também para sair: um susto! A bandeira da Folia de Reis, que sr. que Raimundo havia me apresentado na semana seguinte de nossa conversa no quintal da Casa de Cultura, estava lá pendurada no alto de uma das portas, bem atrás de mim. Foi desconfortável vê-la.

Segui com Aline e Magela para o gramado que ficava logo em frente. E ficamos lá em pé conversando por mais de meia hora. E as primeiras palavras de Aline foram:

- Estava sentindo uma alegria ali.
- Porque ele gosta – afirmou Magela
- Ele gosta, ele gosta muito disso. Ele dizia: *tem o apito, tem que ter o apito* – seguiu Aline

¹⁶² Esta narrativa abre o Movimento 2: *Ato-Ocupação: Que Casa É Essa?* do artigo *Ocupações poéticas de si e do outro: cartografando encontros entre arte, cultura e produção da vida* denominado (p.361).

- Quando ele começava a contar parecia que não tinha problema nenhum. Isso que você falou foi legal, de cutucar a família. Como ela vai fazer? Tem que estar ajudando... ou não. Mas são lindas essas cantigas – prosseguiu Magela.

E Aline relembrou de vários momentos vividos com sr. Raimundo:

- Lembra da gente na casa dele? Ele começou a cantar e de repente começou a aparecer filho, sobrinho, bisneto... Não cabia mais ninguém na casa.
- Esse ano ele sempre dizia “vamos ensaiar a Folia de Reis, tô te esperando”. Mas ele desmarcava – disse Magela
- Não dava para ele. Ele sozinho não conseguia fazer. Lembra que a gente abriu o Festival da Cooperifa?
- Lembro – respondeu Magela.
- Abrimos com a congada. Estava todo mundo para abertura no quintal da Casa e a gente lá atrás. Sabe o portãozinho que dá para rua?
- Sei - respondi.
- Falei para o grupo sair dali para gente chegar da rua tocando tambor e cantando. Foi isso que aconteceu. A gente estava lá fora, na rua. Então quem estava na Casa ficou ouvindo um som vindo de longe. E quando olhou um monte de idoso [sorri ao contar] arrastando, vindo, entrando na casa. Todo mundo de branco, que é assim que a congada faz. Um grupo com uma tanga azul e outro grupo com tanga vermelha. A minha era branca. A gente veio cantando e o Tampinha [filho de sr. Raimundo que tinha participado há pouco da congada] viu, se aproximou e dei um tambor para ele. Aí, sim o pai ficou feliz! Entramos, viramos para o público e sr. Raimundo, Magela, Edite, todos que tinham que sentar, sentaram. Os microfones estavam lá posicionados para aquelas que iam cantar. Eu ficava com o apito na frente e o Tampinha dançou junto comigo, porque as meninas não conseguiriam dançar. A gente quebrou o pau junto. Ele participa, mas ele não consegue ficar muito tempo.

A esta altura estávamos apenas nós duas, pois Magela iniciou uma conversa com outros integrantes da Casa que estavam próximos. E o signo que Aline havia recebido de sr. Raimundo e a história deles com o apito tomou a cena

- O apito é o que comanda
- E como foi de ele ter dado para você?
- Ah, ele deu! Falou assim: “agora você vai ser a puxadora. Olha o apito!” [fala como sr. Raimundo].
- Disse para ele: “é teu, da sua família”. E ele me disse: “não tenho voz. A tua voz é boa”. Ele não conseguia mais puxar e me deu o apito. Sempre que a gente ia começar o ensaio ele falava: “cadê o apito?”. Às vezes esquecia e pensei: esse apito não vai sair mais da minha mochila. E ele ajudou numa aula lá na EACH. Disse: tenho um apito. Mas esse não é um apito desses pretinhos. Esse apito é de congada, amarelo!”. Porque a Folia de Reis deles usava camisa amarela. Lembra ele com a camisa amarela?
- Sim, ele deu para você na casa? O que você sentiu?
- Alegria, alegria. Sinto bem aqui dentro do peito [pressiona o peito]. Para a cantar agora foi muito forte... [arrrr!]. Senti alegria ali e era como se... ele vai ver um dia. Não sei o que você pensa sobre isso, mas é alma. Ele sente as energias onde quer que for, onde quer que esteja. E isso é muito forte nele, para ele. Tenho certeza que ele sentia essa vibração que a gente fez. A Didi que estava do meu lado ali: “você está no caminho. É isso!” Ela é a maior. Ela é a maior da família, que veio primeiro.
- Você deixou isso bem marcado quando disse para Didi: “entra que você é a maior”
- Isso tem que ficar marcado. Aprendi que isso tem que ficar bem claro. Existe uma hierarquia na vida, na família, em qualquer lugar. A gente precisa respeitar. Tem muito desrespeito nas famílias e isso causa desentendimento, conflitos, karmas. Enquanto tiver oportunidade, vou falar sobre isso. Respeitar, reconhecer o lugar do outro. Didi

- está mais velha, sim, não aguenta mais cantar direito andar, cantar, mas ela consegue, no ritmo, acompanhar. Falar da Edna também porque só estou no grupo por causa da dela. Vim depois de todas
- Pensar que você veio depois de todas e ele te escolheu para estar nesse lugar, já pensou sobre isso?
 - Acho que era a pessoa que estava mais disponível. Tem uma frase, acho besta falar essas coisas de frases. Mas faz um sentido para mim. Sobre disposição: *que os dispostos se atraem*. Estava ali, disposta.
 - Ela está na parede da sala da minha orientadora: *os opostos se distraem e os dispostos se atraem*
 - É sério?! Olha aí!
 - Não foi à toa que ele te deu esse apito. A tua energia ali. Era evidente essa alegria. Tinha uma alegria ali sua, de quem estava acompanhando. Foi muito bonito te ver ali naquele lugar.
 - Com certeza, agradeço essa oportunidade. Falei também no aniversário da Didi. Eu me coloco como intermédio.
 - Você já pensou que está se tornando uma *Griot*?
 - Já... [respondeu ficando em silêncio]

E na presença da neta de sr. Raimundo que se havia aproximado e que pedia para Aline cantar o trecho de uma música da homenagem, pois em sua percepção Aline havia sido interrompida várias vezes por seu pai, possibilitou que Aline falasse sobre o momento de despedida de sr. Raimundo no hospital:

A gente tem uma tradição de terminar cantando essa música e ir embora. E foi isso, eu saí do quarto cantando: *vamos simhora que a chuva em vem*. Peguei na mão dele e pensei: “Nossa, é a última vez que eu pego essa mão”. Me veio isso muito forte, muito forte Valéria! Peguei na mão dele e não consegui mais cantar e não quis que ele me visse chorando. Como a gente já tinha cantando, eu só abaixei e fui embora. Chorei horrores. Fui embora desolada, não consegui falar. E penso que o recado foi dado, o que a gente podia ter vivido foi vivido, o que ele podia ter me ensinado, ensinou. E ele tinha tanto para ensinar. Peguei o caderno ontem: “o que fala na Embaixada”. Tem muita coisa além do que eu anotei e que ele ficou de passar. Mas não deu tempo. E morreu, né? Porque se ninguém sabe, ficou. Antes de falar *vamos simhora que a chuva em vem*. Tem uma outra parte: *Adeus povo todo, nós já vai simhora*. Foi assim que a gente começou a cantar no hospital. E não é só cantar. Você está vendo o tom que estou cantando? Ele fazia um tom acima. Na congada é assim que canta. Uma canta num tom e o outro em outro tom. É que Dona Didi está meio velhinha, mas ela cantava assim com ele. E a gente cantou: *Adeus povo todo, nós já vai simhora. Adeus povo todo, nós já vai simhora*. E ele começou a bater palma no hospital: *vamos simhora que a chuva em vem; vamos simhora que a chuva em vem* [acompanha com palmas]. Sr. Raimundo ainda fala assim: *quando o tempo está meio de chuva, ela vem mesmo. Se um grupo for apresentar depois, não pode ir embora cantando essa música*. Ele falava que se tinha outro grupo depois deveria cantar: *o povo já vai simhora, muita gente boa chora. Vocês ficarão com Deus e eu vou com Nossa Senhora*, porque se a congada sai cantando *vamos simhora que a chuva em vem a chuva vem* não dava para o outro cantar.

Ficamos ainda apenas eu e Aline conversando até que Magela retornou. Ambos começaram a relembrar outras histórias e Magela começou a contar sobre suas histórias com a cultura popular e com seu espaço no Campo Limpo, o *Candearte*. Logo chegaram Edna e seu esposo que nos contou sobre o grupo de Folia de Reis em Osasco, onde moram: “*é uma Folia de Reis mais moderna e moderna, entenda-se urbana, inclusive na questão de gênero. Quase 60% são mulheres*”. Neste momento sr. João estava ao longe, apenas na companhia de seu cigarro. Logo veio um comentário: “*olha lá o sr. João fumando. Mas com essa idade fumando!*” Fiquei ali ouvindo onde aquele comentário iria parar. Não

parou em lugar nenhum. E o momento seguiu com outros assuntos. Então virei-me discretamente para Aline dizendo: “*a última coisa que deveria sair da vida de sr. João, na idade dele, é o cigarro!*” E Aline comentou pensativa: “*é mesmo, né?*”.

Enquanto nos encaminhávamos para o local onde ocorreria o sepultamento o único registro por imagem deste dia

Figura 78: Da esquerda para a direita Didi, cunhada de sr. Raimundo, Edite, Zazá, Angelina.

Enquanto seguíamos, Aline comentou novamente sobre o assunto da entrega para ela da bandeira da Folia de Reis pela família de sr. Raimundo:

- Eles queriam dar a bandeira para mim. Mas a bandeira é da folia de reis, a bandeira é da família. Não faço Folia de Reis.
- Você faz a congada – disse Magela
- Só a congada e olhe lá e o Flor de lis não está fazendo – disse Aline
- A questão é que, ao que parece, eles não atribuem o mesmo sentido à Folia de Reis e o sentido da bandeira para eles é outro – afirmei
- É isso... – concordou Aline

Ouvia-se os ruídos de tambores, violões, chocalhos, bastões de congada que estavam sendo preparados. O apito soou. E aquele chamado ecoou na imensidão do vasto espaço em que estávamos e que era circundado por muitas árvores. Ao fundo ouvia-se também o choro de uma das netas de sr. Raimundo, que permaneceria intensamente entre nós. Várias cantigas foram entoadas novamente. E seguimos naquela celebração entre *aruê viva; vamos simhora que chuva em vem; o pau quebrou quero ver quebrar; o povo já vai simhora, muita gente boa chora, vocês ficarão com Deus e eu vou com Nossa Senhora.*

Porém, fiquei muito afetada quando ouvi novamente:

Lá vai, lá vai, lá vai. Lá vai subir o morro. Lá vai, lá vai, lá vai. Lá vai subir o morro.
Quem bate o joelho enterra oh, lê, lê, vamos todos pedir socorro.
Quem bate o joelho enterra oh, lê, lê, vamos todos pedir socorro.

Os bastões da Folia de Reis eram empunhados pelos filhos de sr. Raimundo. E ao som daquela cantiga começaram a dançar com os movimentos próprios da congada, formando a imagem de um xis com as varas. Começaram a *“quebrar o pau”*. Ao mesmo tempo, havia várias existências cantavam e batiam os pés no solo com energia suficiente para que seus joelhos dobrassem, ao tempo em que repetiam: *quem bate o joelho enterra oh, lê, lê, vamos todos pedir socorro*. Muito afetada, sentia vontade de apenas contemplar o que se passava. Mas meus pés também queriam entrar naquela dança, naquela frequência. No mesmo instante lembrei dos gestos realizados pelos participantes do ato em defesa da Casa que tinha na linha de frente: sr. Raimundo, Dona Edite e Aline.

Figura 79: Ato abraço a Casa popular de cultura de M'Boi Mirim (Imagem do vídeo produzido por Daniel Fagundes)

Segui no mesmo compasso de todos, dobrando meus joelhos e fincando meus pés no solo. Cantei, dancei, bati palmas para sr. Raimundo. Ao mesmo tempo, contemplava e vivia aquele acontecimento de corpo inteiro na companhia de todas, todos e todes. Uma experiência ainda viva em mim.

O ônibus saiu lotado. A fome apertava, a coluna pesava, as pernas estavam exaustas e os pés muito doloridos. Apesar disso, não descí no caminho como vários fizeram. Decidi seguir até o destino final: a Casa de Cultura de M'Boi Mirim. Precisava completar aquele ciclo. Como na ida, segui viagem perto de Aline e Magela. E em meio a prosa que se fazia entre nós, Aline disparou: *“Quando um mestre se vai*

tem festa. Aquela frase me pegou! Novamente uma frase de Aline me pegava, como a “*Não fale das ruas se você não anda por ela*” em nossa primeira conversa. Segui o restante da viagem atordoada por... Era exatamente isso que eu tinha vivido com aquele povo, do qual eu me sentia parte!

O ônibus nos deixou na rua lateral da Casa de Cultura. Várias Flores de Lis desceram e foram tomando o caminho de casas, algumas seguiram a pé e outras para o ponto de ônibus. Após ajudar Dona Edite a descer, segui com ela e Zazá pela calçada. Logo avistaria o carro de sr. Zé, o taxista que as acompanha. Despedimo-nos e elas seguiram. Também me despedi de Aline e de Magela, que caminhou comigo até a avenida M’Boi Mirim. Na ida para casa a *frase-acontecimento* de Aline seguia comigo... *Quando um mestre se vai tem festa ... Quando um mestre se vai tem festa...*

Cheguei em casa faltando poucos minutos para as 15h00. Estava exausta. Ainda tentei recobrar as energias para uma experiência que aguardava há dias: o encontro do Projeto Bixa Preta de Fé no quintal de Alânia Cerqueira que fica a aproximadamente quinze minutos de caminhada da Casa de Cultura. Ainda falamos pelo celular e ela insistiu para que eu fosse. Mas não dei conta. O cansaço de ter permanecido muitas horas em pé, o jejum prolongado e a intensa emoção tinham levado todas as minhas energias. Fiquei entristecida por não ter ido. Mas precisava respeitar o tempo do meu corpo.

Naquela tarde meu refúgio foi o sofá. Lá fiquei pensando no que havia vivido neste dia e no que poderia ter vivido com sr. Raimundo na companhia de Aline, Magela, Didi, Edna, Arakunrin, Dona Edite, Zazá e as Flores de Lis que carregam tantos saberes e o desejo de seguir cultivando-os como parte de seus viveres. Isso não seria possível. O tempo da vida não espera por nossos planos e planejamentos. Porém, a experiência de sr. Raimundo ter compartilhado comigo aquele signo que saía de sua casa apenas em ocasiões especiais foi uma alegria inominável, uma experiência que carrego desde então para minha vida, assim como o que vivi naquele dia considerando o delicado convite de Aline para que eu me *achegasse*. Momentos que estão para além de qualquer plano ou planejamento. Momentos que fazem pensar no imprevisível que se instala a partir dos efeitos de agenciamentos *entre corpos* que experimentam uma relação em ato.

E segui com essas existências, cultivando outros encontros e testemunhando que sr. Raimundo permanece vivo entre nós. As palavras Aline, no encerramento do Festival Cambia realizado pelo Instituto favela da Paz na Escola Estadual Oscar Pereira Machado no Jardim Ângela, como ainda ocorreria em outros momentos, são a manifestação disso:

Nosso grupo é composto por vinte e nove mulheres e três homens. Hoje estamos em doze. Vou apresentar cada uma. Temos aqui Marcia, Vanda Iracema, Edite, Isabel, Eva, Lurdinha, Graça, Gilda, Valdete, Cidoca, Conceição, Arakunrin, Geraldo Magela, João, eu sou a Aline. Nosso grupo tem muitas histórias. É um grupo que tem 19 anos. Estou com o grupo há 10. Muitas pessoas já passaram pelo grupo. E tem uma pessoa que passou pelo nosso grupo e fez muito, deu muito dele para a gente, que é o finado Mestre Raimundo, amigo do sr. João. Por isso que sr. Joao entrou no grupo também. Eles são de Folia de Reis e Congada de Minas Gerais. Moram em São Paulo há muito anos, né sr. Joao? E aí sr. Raimundo passou a congada para a gente. Desde então a gente chega com a Congada e vai embora com a Congada.

E assim seguimos, com a presença de sr. Raimundo entre nós.

Figura 80: Mestre Raimundo Honorato

Salve a existência de Mestre Raimundo Honorato!!!

Entre-tempos...

Aline Lima: arte-educadora brincante

Eu cheguei no grupo Flor de Lis em 2009, fui selecionada pela secretaria de cultura para desenvolver aulas de danças brasileiras para idosos, e fui chamada pela Casa de Cultura M'Boi Mirim sob consentimento e escolha da Edna Maria (psicóloga ex-funcionária pública, coordena o grupo). O contrato acabou depois de um ano, e eu resolvi continuar o trabalho, e estou lá até hoje, as vezes contratada, às vezes não.

Com o tempo eu fui aprendendo a lidar com o grupo, e desenvolvi um modo de direcionar as atividades promovendo a **inclusão** de todas as participantes.

Direcionei o **objetivo principal** do meu trabalho, para promover bem estar através das músicas, danças e brincadeiras populares brasileiras. É uma visita a identidade nacional, trabalhando memórias afetivas, resgatando histórias de um povo, narrativas e sabedorias, singularidades da miscigenação desse país, o que faz muito sentido especialmente para quem já viveu mais de 60 anos, afirmação de acordo com relatos de participantes idosos das minhas oficinas.

Dança dos Arcos, pastoril, samba de coco, frevo, ciranda, bumba meu boi, samba de roda, maracatu, xaxado e congada, são alguns dos **ritmos brasileiros** que trabalhei com o grupo. Sobre a congada, esta chegou por intermédio de uma das senhoras que participava do grupo, a Didi, mineira de família de Folia de Reis e Congada. Ela me disse assim: Aline, você não sabe Congada? Respondi: Eu não! Me ensina? Ah, mas é melhor você ir conhecer meu cunhado, o Raimundo, ele que puxava a nossa congada, era o Mestre. Marcamos um dia e lá fui eu conhecer o senhor Raimundo Honorato.

Na casa da Didi conheci seu esposo Amaro (irmão de Raimundo), um senhor com Alzheimer, estava deitado no sofá com as mãos apertadas uma contra a outra, e não esboçou qualquer reação a minha presença. O senhor Raimundo chegou meio desconfiado, eu expliquei que gostaria de conhecer a Congada da família dele, e ele foi logo falando e cantando, mostrando o toque do tambor, e a dança. Havia uma satisfação em passar seu conhecimento, em falar da sua história, em cantar, tocar e dançar com sua cunhada, eu logo aprendi o toque e segui no fluxo deles, acompanhando a cantoria. Em um determinado momento, fui surpreendida com o senhor Amaro sorrindo (isso foi muito marcante para mim), sentado no sofá e relaxado, depois ele falou: olha a congada aí! Se levantou, caminhou até a sacada da casa, olhou para a rua sorrindo, ficou um tempo de pé, depois sentou-se e ficou acompanhando nossa conversa. Notei o poder da congada para Amaro, pois fez com que ele “saísse” da rigidez promovida pela doença. Além de ver o entusiasmo de Didi e Raimundo, mostrando para mim com satisfação, algo que por muito tempo sustentou a conexão entre seus familiares e amigos. Restando poucos vivos, me apresentaram o senhor João amigo da família também vindo de Minas Gerais, e que acompanhou enquanto durou a congada e a folia de reis da família Honorato. João hoje com 91 anos, continua com o Grupo Flor de Lis tocando seu banjo. Um irmão do seu Raimundo, João e Didi hoje são os mais velhos, os que vivenciaram a raiz da Congada Mãe África Nossa Senhora do Rosário, manifestação, tida na época (há uns 30 anos atrás), como uma responsabilidade a ser cumprida pela família com respeito, seguindo todas as ritualidades.

Eu tive um pouco de **dificuldade em entender** o que seu Raimundo queria dizer, por exemplo: precisa cantar na mesma língua. O que ele queria dizer com isso? Na congada canta-se abrindo vozes, cada pessoa em um tom diferente cantando a mesma canção ao mesmo tempo. O que acontecia é que algumas palavras eu cantava outra coisa, por exemplo: Oh vim vê, senhora do Rosário eu quero vê! E as vezes eu cantava: Oh vem ver, senhora do Rosário eu quero ver! Levei um tempo para entender que ele não estava dizendo que queria no mesmo tom, e sim nas mesmas palavras. Acabou que o Grupo Flor de Lis canta no mesmo tom, e as vezes não canta na mesma língua. Colhi vários áudios dele no susto, porque ele lembrava das músicas e derrepente começava a cantar.

Ganhei o apito do seu Raimundo! Um dia ele chegou na Casa de Cultura com o bastão do mestre e um apito, e me disse: toma pro cê tocar a Congada. Fiquei surpresa!!! Ele estava satisfeito com minha desenvoltura em conduzir a Congada, mesmo com toda limitação apresentada. E me dizia: Ô Line, ocê é corajosa, lidar com gente não presta não! Ele queria dizer que lidar com gente é muito trabalhoso. Com o tempo ele foi entendendo que não haveria jeito de fazer o Grupo Flor de Lis dançar como a família dele dançava (com pequenos saltos e giros), nem mesmo batendo os bastões, mas mesmo assim ele demonstrava satisfação em participar, e estar junto com o grupo.

A **chegada da Congada** fortaleceu e ampliou as cantorias no Grupo Flor de Lis, pois com o seu Raimundo chegou o seu amigo João, e a convite da Edna chegou o músico e artista popular Geraldo Magela. Depois chegou a Helena (hoje uma das integrantes do grupo), certo dia ela estava passando em frente a Casa de Cultura e ouviu a cantoria, achou bonito, resolveu entrar, e nunca mais saiu! Com ela veio suas composições musicais que hoje cantamos, em especial a ciranda que ela fez inspirada em mim.

As minhas aulas de danças brasileiras nunca mais foram as mesmas (ficaram totalmente fora do meu controle, sem um planejamento), eu precisava adicionar os músicos nas minhas propostas, e assim fomos nos adaptando. Fui fazer aulas de canto e violão, precisei aprender a conduzir grupo musical, pois os músicos não conseguiam fazer isso com as senhoras do Grupo Flor de Lis. Em se tratando de cultura popular brasileira, cantar, dançar, e tocar fazem parte da composição do artista brincante, esses elementos estão todos misturados, envolvidos em uma sabedoria ancestral que organiza e promove a harmonia do brinquedo (manifestação artística popular brasileira), portanto eu tinha uma certa facilidade em transitar por tais linguagens, o que não diminui o mérito da energia, esforço e tempo destinado a aquisição e aperfeiçoamento técnico musical.

O Ser Brincante é o modo como os artistas populares se autodenominam, têm em sua manifestação popular o seu Brinquedo. Assim, me autodenomino uma Brincante, pois é através das manifestações populares que promovo momentos lúdicos para mim, e para outras pessoas.

O sagrado e o profano fazem parte dos folguedos, embora o seu Raimundo tenha falado da importância do sagrado, eu não me aprofundi muito nesse conhecimento, entendo que por isso esqueci algumas vezes de fazer o sinal da cruz antes de iniciar a congada, ao mesmo tempo levo em consideração que é importante fazer o sinal da cruz, antes de iniciar, afinal a Congada toma força dentro das manifestações afro brasileiras, quando os negros conseguem retirar a Santa (Nossa senhora do Rosário, elemento sagrado), do mar, como reza a lenda.

A história da Congada conta que o Senhor dono da fazenda recebe uma notícia que havia uma Santa no mar, este chama toda a sua família e vão tentar pegar a tal Santa, porém não conseguem. Uma de suas escravas sugere ao Senhor que deixe ela e seus irmão tentarem tirar a Santa do mar, ele permite meio a contra gosto. Os negros tocam seus tambores, e entoam cantos a nossa Senhora do Rosário, aos poucos a Santa foi saindo do mar até chegar na areia, por isso ela é reconhecida como a Santa dos Homens Negros. Na Congada do seu Raimundo louvava-se a Nossa Senhora do Rosário, mas outras Congadas louvam Santa Efigênia, São Benedito. O lado profano fica com as lutas (uso do bastão), “enfrentamento” entre grupos “rivais”, tem toda uma encenação, um cortejo para coroar o rei do Congo. Eu não aprendi as falas, ou seja, não sei fazer as encenações. Seu Raimundo só conseguiu me passar o básico da Congada de sua família.

A Apresentação no desfile da melhor idade foi um grande dia, para o marco da Congada no Grupo Flor de Lis, pois foi a primeira vez que todo grupo permaneceu no palco durante toda a apresentação artística. Contamos com as participações super especiais das filhas, e do filho do seu Raimundo no palco. Foi bonito demais! Seu Raimundo e Didi foram apresentados para toda a comunidade presente e falaram sobre a Congada, dançaram e cantaram juntos.

O envolvimento da família Honorato se deu, com mais intensidade (junto ao Grupo Flor de Lis), no **aniversário de 86 anos da Didi**. A família alugou um salão bem grande, parece que todos os seus parentes estavam lá, tinha muita gente. Eu organizei uma sequência para a apresentação da Congada, foi o ponto auge da festa, eu nem imaginava tudo como foi de tão gratificante! Membros da família deles cantando com força, e dançando com animação, uma sabedoria que por muito tempo ficou esquecida pela maioria ali. Foi emocionante para mim, afinal eu (uma pessoa de fora), estava puxando a Congada deles, claro que com o apito (consentimento), do seu Raimundo, ex mestre da Congada. Mas eu ali era forasteira, o que fez, e faz me manter envolvida é a valorização que tenho pela cultura popular brasileira. Ampliando o olhar para uma visão sistêmica, percebo o quanto a minha história, e ancestralidade me conecta com tudo isso.

Além da Congada, a família Honorato também fazia a Folia de Reis, o mestre Raimundo comandava as duas manifestações pelo bairro (em São Paulo), na região de Piraporinha. Na Folia de Reis caminhavam em procissão e visitavam as casas dos moradores em troca de bebida e comida, lá cantavam e faziam as rezas. **A bandeira** com as imagens dos Três Reis Magos, era cultuada e beijada por todos, junto com os membros da Folia de Reis, a bandeira estava lá simbolizando a fé dos homens na Terra. Com o passar dos tempos ocorreram algumas perdas na família Honorato, a morte da esposa do seu Raimundo, depois de outros membros do grupo, desistência dos mais jovens, com isso, a Congada Mãe África Nossa Senhora do Rosário, assim como também a Folia de Reis pararam de sair, mas mesmo assim seu Raimundo manteve sua fé, e nos dias de Reis ele montava o seu presépio colocava a bandeira e fazia suas orações. No dia de seu aniversário de 84 anos seu Raimundo levou a bandeira da Folia de Reis no Grupo Flor de Lis, como um sinal de agradecimento aos Santos Reis, pela celebração por mais um ano de vida. Eu não sei se ele conseguiu passar para as pessoas o quanto esse símbolo era importante, ao mesmo tempo foi possível observar as pessoas beijando e saudando a bandeira.

A saúde do seu Raimundo estava prejudicada havia tempo, ele era ex-fumante, diabético, e tinha câncer de próstata ao qual tratava com vacinas. Sua marcha ao caminhar foi ficando comprometida conforme se passaram os meses depois que o conheci, sua voz foi perdendo o volume, e os efeitos colaterais do tratamento o deixavam mal, foi quando ele começou a faltar no grupo. Ele tinha muita vontade de me passar tudo que ele sabia sobre a Congada, mas não havia tempo... ele dizia: tem muita coisa procê saber, mas assim já está bom! Ele foi ficando muito fraquinho, o internaram. Quando eu o vi no hospital, meu coração apertou, eu estava diante de um amigo que estava indo embora, não havia mais força, vitalidade, havia desconforto, incômodos e aceitação, ele olhou para mim e disse: Ô Line, se for pra eu voltar eu volto, mas se não for, Deus é que sabe de todas as coisas. Eu chorei muito, senti aperto no meu peito... parecia que eu estava sentindo o que ele estava sentindo, tive vontade de falar muitas coisas, mas sem espaço para isso, ao mesmo tempo parecia que ele estava demonstrando o mesmo, e no caso dele não havia forças. A despedida no hospital foi triste, honesta e muito sensível, eu comecei a ficar incomodada com a hora que findaria o encontro, meu coração começou a ficar mais apertado, fiquei engasgada, daí falei: Preciso ir embora, já deu minha hora. Ele começou a cantar bem baixinho a Congada de despedida, cantamos juntos pela última vez:

*“Adeus, povo todo.
Nóis já vai simhora.
Adeus, povo todo.
Nóis já vai simhora.
Vamos simhora que a chuva em vem!
Vamos simhora que a chuva em vem! ”*

Flexionei meu tronco segurando a mão dele em sinal de reverência, as lágrimas escorreram silenciando o canto, me afastei e saí do quarto. Eu nunca havia chorado daquele jeito, com aquele sentimento de Adeus doído. Algo me fazia pensar que era a nossa última cantoria, último aperto de mão. Ainda me emociono de lembrar. Sua filha e neta estavam lá também.

A filha do seu Raimundo me ligou no dia 25 de novembro de 2018, deu a notícia do falecimento, passou o endereço do cemitério, horário do velório e enterro, fiquei triste, silencieei por alguns minutos, orei por ele, avisei as senhoras do Grupo Flor de Lis. Já era bem tarde da noite, e me deu vontade de falar com o seu João, para ele levar o banjo para tocarmos no enterro, e para a minha surpresa ele ainda não estava sabendo do ocorrido! Foi um choque para mim! Do outro lado da linha seu João com voz trêmula, e eu angustiada em ter sido a porta voz dessa notícia, indignada também, pois toda a família do seu Raimundo conhece o seu João, e não o avisaram até aquela hora!

O enterro aconteceu em 26 de novembro de 2018, numa segunda-feira. Eu e o Grupo Flor de Lis nos encontramos na casa de Cultura, pois um ônibus alugado pela família passaria por lá para nos pegar. Eu e seu João vestidos de branco, com nossos instrumentos em mãos, estávamos como membros de uma Congada, senti vontade de levar também os bastões do seu Raimundo, assim fiz. Subi no ônibus com os bastões, as pessoas olharam sem entender, depois eu expliquei que os bastões faziam parte da história do seu Raimundo, logo da família deles, muitos deles já dançaram com aqueles bastões, eram objetos que simbolizavam a luta do povo, da família. Eu senti muita força no velório, uma vontade grande de fazer o que eu estava ali para fazer, era como se eu tivesse conhecido o seu Raimundo só para fazer o que eu estava prestes a fazer, tocar para um mestre no seu velório e enterro, onde já se viu um mestre não ser homenageado com o que ele mais gostava de fazer, música! Quando eu vi a Didi chegando fiquei do lado dela, dei a ela um chocalho e fomos tocando até perto do caixão, seu João do lado também tocando, um filho do seu Raimundo se juntou a nós, soprei o apito, senti uma força enorme! Me apresentei, falei porque eu estava ali, assim como o Grupo Flor de Lis, pois logo todas as senhoras se juntaram, e comecei a entoar os cânticos aprendidos pelo mestre, primeiro em louvor a nossa Senhora do Rosário, a grande maioria dos presentes também cantaram fazendo coro. Eu senti alegria no enterro dele, era como se fosse isso mesmo que era para ser feito. Conversei com as netas e filhas dele, sobre o que significava a Congada e a bandeira de Santo Reis para o seu Raimundo (era símbolo de vida e devoção), eu disse que sinceramente sem alguém da família deles, seria muito difícil eu comandar a congada, pois era uma manifestação da família deles, por isso recusei de ficar com a bandeira e bastões do seu Raimundo. Sigo conectada com meu entendimento de que fiz o que eu podia ter feito com a Congada deles durante a vida do seu Raimundo.

Era muito gratificante receber uma ligação telefônica dele, ele gostava de falar com meus pais no telefone, eu e ele cantávamos juntos durante as ligações, era com alegria que eu o via chegar no grupo arrastando o pé, eu caçoava dele e logo ele fazia os passos da dança da Congada para disfarçar, e ria disso. No seu último aniversário (85), ele me disse que olhou para sua família (filhos e netos), e pensou preocupado, sentindo o peso da responsabilidade: poxa vida, tudo isso saiu de mim! Ele disse que ficou muito feliz nesse aniversário porque toda a família estava lá, e deram uma televisão de presente para ele.

Na comemoração dos aniversariantes do mês de Agosto no Grupo Flor de Lis, fizemos um ensaio no palco da Casa de Cultura, e seu Raimundo fez um discurso, ele estava muito feliz em estar ali com a gente, nesse dia ele vestiu a camisa amarela (usada na Folia de Reis), levou o violão usado na Folia, mas não conseguiu tocar, era como se para isso ele precisasse de mais calma, e o ambiente era de festa com muito falatório e risadas. Lembrando disso eu sinto muito por não ter sido mais sensível sobre essa sutileza que se apresentou na ocasião, eu simplesmente deixei as coisas fluírem, e ele não fez o que pensou em fazer com seu violão. Que triste! E ainda nesse dia por acidente eu quebrei o apoio que ele usava no violão, fiquei arrasada, ele todo sereno disse que não foi nada.

Eu me permiti ser afetada pela Congada da família Honorato, criamos uma relação de amizade honesta e respeitosa, sinto tristeza ao mesmo tempo gratidão e satisfação em tê-los conhecido.

A partir de 2014, ano em que entrei na faculdade (hoje 2019 estou no último semestre), o trabalho com o Grupo Flor de Lis me pareceu mais intenso, a ponto de eu pedir um tempo de afastamento, pois eu não estava conseguindo estudar direito (não me afastei). Passei por períodos bem difíceis sem forças, sem energia, problemas físicos, emocionais, e mentais, daí resolvi aprender Reiki, Chi Kung, e Ayurveda (práticas complementares), para fortalecer minha saúde que estava bem abalada, foi muito bom! A vida acadêmica me deixa muito cansada, ao mesmo tempo me proporcionou conhecer e validar a eficácia das práticas complementares em saúde, e olhar para o trabalho que desenvolvo com os idosos, como uma prática complementar em saúde, e isso valeu muito a pena.

Sigo aprendendo, e agradecendo os encontros da vida.

**Movências (po)éticas
que transversalizam
a escola – O Sararô**

Manhã quente de inverno. Seguia em direção ao Jardim Nakamura. Meu relógio já marcava 08h23. Estava a caminho de um dos encontros poéticos produzidos por Jefferson Santana e seus alunos. Era dia de sarau na escola. Uma entre tantas linhas cultivadas na fiação de um existir por este jovem *professor-poeta-escriptor*, entre outros planos que produz para si, povoados pela poesia e a literatura. No trajeto habitual – metrô da linha azul com baldeação para o trem na estação socorro e um ônibus na M’Boi Mirim – seguia na expectativa daquele encontro. Perdida nos pensamentos de uma das conversas com Jefferson sobre o processo de feitura dos saraus na escola, observava o esvaziamento do ônibus ao longo da Estrada do M’Boi Mirim.

- Antes de ser professor no Jardim Nakamura fui convidado para um sarau por uma professora que fez esta experiência porque frequentava saraus. Eu me inspirei no Rodrigo Siríaco, levei vídeos dele para os alunos, e na Michele Santos do Saraldina. Desde o ano passado faço pelo menos um sarau. Esse ano foi mais difícil por problemas com gestão, gestor nos oprimindo, coisas horríveis. Ano passado quase não teve, mas os alunos foram me dando força. É muito difícil fazer sarau na escola, alguns professores acham que a forma de se manifestar é muito informal. Escutei isso de professores de português. Entendo a língua como algo vivo, mais ampla que a regra da gramática. Um professor me disse: “esse menino não faz nada, mas no seu sarau declamou!”. Os alunos estão cheios de coisa para mostrar, mas nessa estrutura educacional não cabe. Temos que buscar outras maneiras todos os dias [...].

A fala de Jefferson conversava fortemente com a da professora Elaine em uma das Mostras da Cooperifa no debate “além dos muros da escola”.

- Em 2011 fui trabalhar ao lado da Cooperifa e comecei a frequentar o Sarau. A escola era nova e era muito difícil chegar nos meninos. Eles não queriam estar na escola porque tinham sido tirados de onde gostavam. Eu tinha que arrumar alguma coisa que eles gostassem naquele lugar e alguns deles já frequentavam a Cooperifa [...] “Essa vai ser minha estratégia”, comecei a levar os poemas e os meninos começaram a se interessar [...]

(Elaine Martins - Debate na Mostra da Cooperifa)

A produção de estratégias a partir do que faz sentido para uma vida, que – entre outros - ocupa o lugar de professora/professor. Neste caso, sentidos produzidos no encontro com a literatura periférica que permite fazer ver e sentir diferentes planos de seu existir e do existir de suas/seus alunas/alunos. Experiências que como eu vivenciava se fazem no espaço da escola e ultrapassam seus muros, muitas vezes pouco porosos para outras cores, sons, gestos, sabores, saberes, fiações...

- Estudei em escolas estaduais e era proibido usar a biblioteca. Se fosse pego, tomava suspensão. Dos onze anos que passei na escola só vi uma apresentação cultural, uma roda de capoeira. Achei maravilhoso. E por conta disso passei vinte anos da minha vida jogando capoeira. A cultura na escola é fundamental porque o estudante precisa experimentar o mundo. A literatura, a música, a cultura brasileira fornecem repertório de vida para enxergarmos nossa realidade [...]

(Marcio Vidal – Debate na Mostra da Cooperifa)

Via e percebia uma micropolítica de produção de furos em vários muros, operada por estes viventes. Professores e professoras que, sendo ou não poetas, convocam outras existências que não

atuam formalmente no espaço escolar para ocupá-lo e juntas possam operar aquela fiação. Uma fiação que vem provocando fricções, abalos e desconfortos dentro e fora da escola.

Pontes. É disso que se trata, pois é por esta via que poetas, rappers, músicos de outras vertentes, artísticas plásticas, escritores se encontram com outras existências para experimentar cantar, dançar, falar, pensar, escrever o que se passa em suas vidas e nas vidas de tantos outros/outras, conforme eu via e vivia nos encontros para os quais eu era convidada a conhecer. E foram muitos convites e muitos encontros vividos. Na presença de várias vidas, infantes, adolescentes e adultas, como no caso dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, eu sentia a força de um arrastão poético que se materializava de muitos modos, vários *comos* produzidos, a exemplo do que eu viveria naquele dia em uma escola do Jardim Nakamura.

Já próximo ao ponto final, a minha conversa com as falas de Jefferson, Elaine e Márcio e os pensamentos sobre tantas fricções foram tomados de assalto por uma constatação: havia restado apenas eu naquele ônibus articulado.

Figura 81: Das travessias em meu corpo.

Percebi que só estávamos eu, o motorista e o cobrador no ônibus. O que senti? Um estranhamento. Tinha a ver com o lugar? Não, o incômodo não estava neste plano, pois a circulação que eu já tinha produzido na minha pesquisa somada a outras, principalmente com os alunos da graduação e com a RAC, tinham me possibilitado produzir um corpo que ajudava a dar sustentação a minha experiência de pesquisa naquele momento. Que questões ficavam fortes naquele ônibus? Um estranhamento que eu já havia experimentado em outros locais e que não depende de uma demarcação geográfica. Um desconforto que está conectado à experiência de *ser/ter* um corpo feminino constantemente atravessado pelos efeitos de uma cultura *antropofalocisgologocêntrica* como propõe Sueli Rolnik. Ali era um corpo de uma mulher,

o meu corpo, que atualizava afetos que constituem essa tal subjetividade *antropofalocisegologocêntrica* que é forte, presente e comum a vários outros corpos para além do gênero. Um estranhamento que coloca uma existência em constante alerta em uma luta que parece interminável...

Desci do ônibus. Enquanto caminhava, pensava na primeira vez em que havia estado ali para ir ao Instituto Favela da Paz. A sensação era de familiaridade. Caminhava lembrando de vários momentos. Um destes, a gravação do cd do Flor de Lis, da qual, aliás, participei em virtude de uma ligação de Dona Edite, *uma frequência* que vivemos juntas. Com suas ligações telefônicas, ela me contava por onde tinha andado e por andaria e o que aconteceria na Cooperifa e no Flor de Lis. Uma relação que foi sendo produzida entre nós duas e aos poucos também por Zazá. Uma produção de miudezas¹⁶³ entre nós, como diria o jovem poeta que eu encontraria em alguns minutos. Miudezas que ganharam língua em duas frases que me marcaram muito, ambas ditas no momento de despedida, no portão, após horas de conversa. A primeira de Dona Edite: *“boa sorte no seu trabalho, Valéria, que também é nosso!”*. Jamais esquecerei o quanto minhas pernas bambearam com aquela frase. A segunda miudeza com Zazá no dia da entrega do cd “não mexe comigo que eu não ando só”: *“Uma pena que você não jantou, Valéria. Você cuida tanto da gente, a gente tem que cuidar de você também”*, disse ela, ajeitando meu casaco. A frase chegou em mim com a força de um trovão naquela noite estrelada. Dois longos encontros que transbordavam alegres e intensas miudezas encerrados com duas frases tão curtas e tão cheias de significados.

A cada passo que eu dava em direção à escola naquela manhã, lembrava do encontro com as Flores de Lis no Instituto Favela da Paz no dia da gravação do cd do grupo em que fiz as vezes de “fotógrafa”, como comentou com alegria Aline considerando que nem ele e nem Edna poderiam fazê-lo por conta da gravação. Atualizava a longa espera na avenida M’Boi Mirim junto as Flores de Lis e Edna, as discussões sobre qual ônibus nos levaria mais rápido ao Instituto, do nosso percurso, da descida pela ladeira que encurta o caminho e que percorremos orientados por Fábio Miranda, irmãos de Claudio, após uma tarde de prosa no Instituto, dos momentos de aquecimento vocal e de ensaio das músicas que comporiam o cd com as Flores de Lis trajando suas saias floridas, da paciência e da persistência de cada uma e de sr. João e Magela, que seguiram firmes diante do calor e do cansaço daquela manhã, da alegria de Dona Edite que em alguns momentos realizava os gestos da coreografia com as músicas cantadas, da disponibilidade e sensibilidade de um dos integrantes do Instituto, que comandava o processo de gravação encerrado

¹⁶³ Em uma conversa com Jefferson Santana ele falou sobre a importância de estarmos atentos às miudezas do dia a dia, das relações. Ao responder o que viam e recolhiam nas saídas mensais dos Poetas Ambulantes pelo transporte público, falou: Olhar das pessoas. Quando você começa a declamar, vê, sente admiração das pessoas. Essa é coisa que não temos como periferia, de não sermos vistos. A miudeza do olhar de uma pessoa é uma coisa muito grande para gente. É prestar atenção nos sinais. Por exemplo, olha aquele balde ali, penso na pessoa que está fazendo esse serviço, tirando sujeira para que a gente possa estar aqui. Prestar atenção nas miudezas das reações das pessoas e nas miudezas dos objetos também. Na história que eles carregam, no Cuidado que temos que ter com tudo.

com um bolo servido em comemoração aos aniversariantes do mês, como acontece nos encontros do Flor de Lis na Casa de Cultura.

Figura 82: gravação do cd do Grupo Flor de Lis no Instituto Favela da Paz.

Na rua que me levava até o escadão, seguia o ritmo da vida pulsando. Algumas pessoas entravam e saíam de um mercadinho, outras disputavam a passagem com carros, ônibus e motos no trânsito agitado pela estreita rua. No topo do escadão, uma senhora começando a estender as roupas no varal e um gato que se acomodava como podia na janela de uma casa. Faltavam poucos metros para eu chegar na escola e me invadiam as cenas da *vida vivida* naquela manhã de quarta-feira: duas crianças atravessando a rua correndo atrás de uma bola, uma senhora que caminhava em minha direção com um saco de pão, um senhor sentado na porta de uma casa e um pequeno cachorro na calçada em seu banho de sol. À medida que eu me aproximava da escola, o som que vinha do sarau se tornava mais forte. Cruzei o portão, mas uma grande porta de ferro onde supus que estava ocorrendo o sarau estava fechada. Dei a volta tentando encontrar a entrada. Nada. Nenhuma passagem. Logo entendi que deveria entrar pela escola. Enquanto seguia apressada, reconheci a voz de Jefferson: “Já Hugo, não nasceu, estreou [...]”. Ele recitava “os miseráveis”. Esse poema, eu já havia vivenciado algumas vezes com Sérgio Vaz, com Márcio Vidal na Cooperifa e nos bate-papos que realiza nas escolas e com Dona Edite, em várias ocasiões como na Mostra da Cooperifa, no Sarau na biblioteca Mario de Andrade e no primeiro dia em que ela nos pegou de surpresa em sua casa. Aquela escrita de Sérgio Vaz foi muito presente em minha caminhada. No meu caminho seguia ouvindo trechos do poema.

[...]

Um roubava pro pão, o outro, pra reforçar o salário.

Um usava capuz, o outro, gravata.

Um roubava na luz, o outro, em noite de serenata.

Um vivia de cativo, o outro, de negócio.

Um não tinha amigo: parceiro.
 O outro, tinha sócio.
 Retrato falado, Vítor tinha a cara na notícia,
 enquanto Hugo fazia pose pra revista.

Eu andava rápido, querendo chegar antes que Jefferson terminasse de declamar. Durante meu percurso o encontro foi apenas com sua voz, cada vez mais forte. Quando cheguei ao espaço onde ocorria o Sarau, vi Jefferson ao microfone dizer com a mão direita erguida

O da pólvora apodrece penitente, o da caneta
 enriquece impunemente.
 A um, só resta virar crente, o outro, é candidato a presidente.

Eu estava no sararô. As/os estudantes estavam em bancos que enfileirados e separados por um tapete vermelho. Ao fundo, na parede do palco, dois cartazes: um com a palavra feminismo, abaixo da figura do *espelho de vênus* que trazia um punho cerrado, e outro com a palavra Sararô, abaixo de um desenho que posteriormente entendi ser o símbolo do sarau. No lado direito do palco, um adolescente, ao qual Jefferson se referia como DJ, operava um computador e outros dois seguiam ao seu lado no apoio. No lado esquerdo do palco, um grande varal trazia livrinhos pendurados e uma mesa acomodava muitos outros livrinhos. Uma imagem linda.

Sentei próximo à parede que estampava cartazes que enunciavam vários possíveis para uma constelação de mulheres: mulheres são poesia, mulheres são de luta, mulheres não se limitam, mulheres têm voz.

Figura 83: Das mulheres que povoavam o Sararô

Naquele dia uma das mulheres enunciadas como “poesia” estaria presente entre nós, conforme lembrado por Jefferson algumas vezes: “hoje ainda teremos a presença da poeta Carolina Peixoto para um bate-papo conosco!”. Havia ainda cartazes com frases que denunciavam diferentes formas de violência contra as mulheres e outros que traziam algumas poesias.

Figura 84: De outras produções que povoavam o sararô

Passei um bom tempo olhando cada detalhe destas produções e pensando como teria sido o processo de construção de cada cartaz. Lembrava das palavras de Jefferson sobre um acontecimento vivido em um dos Sararôs:

- Teve uma experiência no sarau que achei impressionante. Meninas de sexto ano do ensino fundamental, que nem são minhas alunas e acompanharam o desenvolvimento do sarau, quando os alunos trouxeram o tema do feminismo e violência contra as mulheres, elas montaram uma apresentação. Super miudinhas com cartazes: “não estamos lutando contra os homens, estamos lutando contra o machismo”. Na minha época ninguém fazia isso. Alguns estão olhando para o mundo e se posicionando. Tenho ex-alunos que montaram coletivo de saraus. Tem aluno meu escrevendo poesia e que estou conseguindo levar para sarau. Está tendo uma transformação. Não é ainda gigantesca, mas alguns já estão trazendo isso

A experiência partilhada por Jefferson, cruzava novamente com uma fala da profa. Elaine no debate da Mostra da Cooperifa, reafirmada em nossa conversa no Sesc Campo Limpo sobre seus movimentos na escola com as/os estudantes e sobre os quais ela me mostrou várias imagens naquela tarde de dezembro:

- Trabalhei cinco anos no Jardim São Luís e vi muito meninos serem salvos pela poesia. Muitos envolvidos com o tráfico e que ao se envolverem com a poesia e a literatura foram fazer outra coisa. Hoje vi a foto de um como subchefe de hotel. Recebemos a notícia de morte de um dos meninos que participou do meu projeto do TCA e um dia depois do enterro um dos meninos me escreveu: “ele morreu ontem e senti necessidade de agradecer hoje, porque sou pai, sustento minha família. Sei que consigo porque hoje leio, escrevo, porque em algum momento a poesia me salvou”. Tenho visto muitos jovens resistindo por conta da poesia.

(Elaine Martins - Debate Mostra da Cooperifa)

“Respeita os manos, respeita as minas e escuta as rimas”. O sarau prosseguia com o chamamento para uma nova apresentação, puxado por Jefferson e/ou pelos alunos que integravam a equipe do sarau. Entre um chamamento e outro, que era repetido por todas e todos, Jefferson se desculpava pelas falhas do microfone: “peço desculpa pelo som, apesar de não ter culpa”. E após se desculpar pelo mau contato do microfone, prosseguiu dizendo: *“A língua portuguesa é uma língua que tem variações, sotaques, e a poesia consegue trazer muito bem isso para a gente. Vou declamar um poema de um pernambucano, lá do sertão de Pernambuco chamado Zé da Luz e o nome do poema é “Ai se sêsse!”*. E, com um respeitoso sotaque nordestino, Jefferson declamou:

Figura 85: Jefferson declamando o poema “ai! Se esse!” de Zé da Luz

Se um dia nois se gostasse
Se um dia nois se queresse
Se nois dois se empareasse

Mas, porém, acontecesse de São Pedro não abrisse
A porta do céu e fosse te dizer qualquer tulice
E se eu me arriminasse

Se juntim nois dois vivesse	E tu cum eu insistisse pra que eu me arresolvesse
Se juntim nois dois morasse	E a minha faca puxasse
Se juntim nois dois drumisse	E o bucho do céu furasse
Se juntim nois dois morresse	Tarvês que nois dois ficasse
Se pro céu nois assubisse	Tarvês que nois dois caísse
	E o céu furado arriasse e as virgi tooooda fugisse

Mais uma miudeza que vivia *na presença* de Jefferson: *o sensível entre nós* que ali estávamos. Apresentações musicais e de dança também fizeram parte do encontro. E uma fala de Jefferson que antecedeu um destes momentos trouxe para a cena o sarau como uma experiência de encontro, de partilha e de escuta.

- Para muitos é o primeiro no sarau. Este é um momento de encontro, de partilha, de fomentar o respeito, de aprender a escutar, porque no sarau você muito mais ouve que fala. As pessoas vêm declamam, depois sentam e viram plateia. Isso é um exercício para a vida. Escutar, analisar e depois se posicionar. Estou muito feliz de ver vários alunos participando, infelizmente as condições do som não são boas, peço desculpas mesmo sem ter culpa. Todo mundo que veio e declamou merece muito respeito, porque na idade de vocês eu não vinha à frente falar. Quem está vindo, mesmo que timidamente, está mandando muito bem. Aos poucos vão se apropriando. Peço uma salva de palmas para quem veio e ainda virá aqui.

Com um tom firme e delicado, Jefferson prendia a atenção de todas e todos. As crianças, ouvindo atentamente suas palavras, vibraram em palmas ao final. E ele prosseguiu: *“DJ está tudo certo aí? Vou pedir para Bianca anunciar a próxima atração, porque o sarau é a mistura de várias artes poesia, dança, música. Chega pra cá Bianca”*. E uma criança da equipe do sarau entoou a primeira frase do chamamento: *“respeita os manos...”* e anuncia a apresentação de dança do 6º ano. As que se apresentariam se aproximavam do palco em meio à convocação: *“respeita os manos...”* e a resposta das/dos estudantes: *“respeita as minas e escuta as rimas”*.

As alunas, no palco, começaram a se posicionar para a coreografia. Uma delas seguia em pé, coordenando o posicionamento do grupo Jefferson dirigiu-se rapidamente para o palco e apontou uma poça de água no chão. Prosseguíamos à espera da apresentação. A estudante que orientava as outras então levantou-se e começou a gesticular repetidamente apontando novas posições para as meninas. Já haviam se passado mais de dois minutos de preparação. Várias crianças da plateia mexiam-se de um lado para o outro, tentando entender o que estava acontecendo. E Jefferson dizia: *“Últimos ajustes. Estamos com um problema de água no palco. Água não é problema, é solução, mas às vezes ela não pode estar em alguns lugares e as meninas estão se reposicionando”*. Havia certo desentendimento entre as meninas sobre o posicionamento no palco. A estudante que orientava as outras olhou desconcertada para Jefferson. Desconforto geral. Todos acompanharam com o olhar e com o pescoço a menina que desceu do palco e se sentou na plateia. De lá ela vivenciou a apresentação do grupo. Ao final da apresentação, todas seguiram para a plateia formando um círculo em torno da garota que não havia se

apresentado e seguiram resolvendo o entrevero. A apresentação ainda ocorreria novamente depois do intervalo e desta vez com a participação da estudante que deixou o palco. Das vivências e aprendizagens coletivas.

Logo Jefferson fez uma nova intervenção anunciando novamente Carolina Peixoto

O tema do sarau esse ano é o feminismo, o empoderamento feminino. Daqui a pouco faremos o intervalo. Prestem atenção nos cartazes. Têm imagens, referências, poemas de escritoras, inclusive vai chegar uma convidada, uma escritora e vamos bater um papo com ela. É a Carolina Peixoto.

Uma apresentação de percussão foi chamada

Figura 86: Das apresentações que povoavam do sarau

Ao final, Jefferson contou que os estudantes integravam um projeto de percussão do Instituto Favela da Paz. E ao perguntar se conheciam o Instituto, ouvia-se um sonoro: “*Siiimmm!*”.

- O Instituto fica aqui coladinho na escola, na mesma rua. Como falei têm uns cartazes e uns livros que são produções poéticas. Som, som... [microfone falha]. São os trabalhos feitos por alunos do professor Jefferson e da professora Daiane [e Jefferson prossegue sem o microfone]. Têm poemas autorais, de outros autores. Quem quiser pode olhar, mas tomem cuidado porque são os trabalhos dos colegas de vocês.

Figura 87: Das produções poéticas que povoavam o sararô expostas em um varal e em uma mesa para leitura.

Estava um pouco deslocada. Não sabia se ficava ali no intervalo ou se ia ao encontro de Jefferson. Decidi olhar os livrinhos de poemas. Enquanto olhava a produção na mesa e no varal, Jefferson aproximou-se, convidando-me para um lanche com a equipe do sarau. Enquanto seguíamos pelo corredor, ele contou que estava à espera de Carol. Ao chegarmos na sala, anunciou: “*essa é a Valéria, uma amiga, que veio acompanhar nosso sarau*”. Fui recebida com muita delicadeza pelos estudantes, que logo trouxeram-me bolo e suco. Logo comecei a conversar com um dos alunos que havia participado da apresentação de percussão:

- Muito legal a apresentação. Vocês tocam super bem – disse a ele.
- Ah, tivemos alguns problemas – respondeu referindo-se a um descompasso na coreografia durante a troca entre os instrumentos.
- Isso acontece – eu falava sem tratar o ocorrido como um problema
- Eu sei – respondia ele com um tom de desapontamento.
- Vocês fazem oficina no Favela da Paz? – disse a ele
- Sim, você conhece o Favela da Paz? – perguntava interessado
- Conheço, já fui lá algumas vezes lá – respondi
- A gente faz com o Pikenô – ele explicava
- Eu Conheço o Pikenô - respondia
- Conheço??? – respondeu ele surpreso
- Conheço. A apresentação de vocês foi super legal mesmo – eu seguia.
- Para que não toca parece que foi tudo bem – respondia ele

Ainda ficamos ali mais um pouco. Eles falavam animadamente sobre o sarau. Jefferson seguia pra lá e pra cá. Na volta consegui fazer uma foto que tanto quis captar na ida para o lanche. Da parede de tijolinhos era possível observar o espaço onde ocorria o sarau e a vista da região que me era tão familiar. Fiz a foto. O momento era aquele. Como diz Dona Edite: “*não repete igual!*”¹⁶⁴.

¹⁶⁴ Em uma conversa com Dona Edite na Festa do Panelafro, na Casa de Cultura, ao conversarmos sobre um encontro que ela participou no Sesc Belenzinho junto com duas outras mulheres negras e, no qual eu e André estivemos presente, ela me contou sobre sua alegria de participar de momentos como aquele e que é muito importante para ela quando as pessoas vêm cumprimentá-la conforme aconteceu ao final do encontro. E disparou esta frase: “esses momentos são muito especiais, nunca repete igual”.

Figura 88: Sobre “furos” nos muros que eu seguia vendo como naquela experiência do Sararô.

Quando cheguei ao local do sarau, logo vi Carol. Cumprimentamo-nos e seguimos proseando por alguns instantes. Logo uma estudante anunciou: “o Sararô tem o prazer...”. Havia um zum-zum-zum no ar. Então o estudante com quem havia conversado há alguns minutos sobre a apresentação de percussão falou alto, sem o microfone: *“Respeita os manos, respeita as minas e escuta as rimas”*. E Jefferson insiste: *“Vamos de novo. O que a gente combinou depois que dissermos isso?”*. Um garoto respondeu na minha frente: *“é para calar a boca!”*. Jefferson puxou novamente a frase e todos responderam: *“[...] respeita as minas e escuta as rimas”*. E a aluna prosseguiu: *“Agora no Sararô temos o prazer de receber a poeta, a professora, militante cultural e feminista Carol Peixoto”*.

Começava ali *a prosa com poesia* entre Carol, Jefferson e as/os estudantes

Jefferson: Como falei, teríamos uma convidada super especial. A Carolina Peixoto, como foi falado, é poeta, professora, militante cultural e feminista. Ela vai falar sobre isso [microfone falha]. Tá difícil... Carol fala um pouco para eles como você começou na poesia, como se descobriu poeta, como foi esse processo?

Carol: Escrevo desde 12 anos. Sempre gostei de fazer diário, agenda, principalmente quando estava triste. Era uma forma de desabafar. Mas eu não tinha essa escrita poética. Em 2012, conheci o Sarau da Cooperifa. A primeira vez que ouvi poesia falada, fiquei muito encantada. O texto ganha vida. Outro sentido. Quando comecei a ir na Cooperifa, não gostava de rap e vi um cara declamando um poema do Sabotagem, muito incrível. Não é que eu não gostasse, nunca prestei atenção. Hoje sou casada com um MC de rap. Mudei a minha cabeça. Depois de um tempo frequentando a Cooperifa, encaminhei minha escrita para essa linguagem poética e a escrita, como tudo, precisamos exercitar.

Jefferson: você pode mandar um verso para esquentar?

Todo lugar é nosso
Também queremos as nossas
Poder trabalhar um livre pensar
Igualdade sem ter que brigar
Ser dona de casa, dona do tempo,
Dona de mim, dona do mundo
Pelo fim da misoginia
Chega de violência
Não ao patriarcado, ao coronelismo

Cultura do estupro, pro ralo o machismo
 Um salve pra aquelas que lutam
 Por todas que morrem e as que vencem
 Estamos juntas, sempre
 Somos muitas, senti
 Parceiras de vida e boas de briga
 No front unidas
 Se liga, hein
 Direito ao voto, Dilma na Alvorada
 Tomamos um golpe, não tamu parada
 No corre com as manas de várias quebradas
 Ocupando espaços, criando outros laços
 Longe de quem nos quer apenas pedaços
 A história deixou marcas que não vamos esquecer
 E de tanto apanhar aprendemos bater.

Jefferson: Vê a potência, né? A Carol veio no ano passado. Todos que estão participando do sarau vão concorrer aos livros que Carol trouxe. Se os professores quiserem, ela está vendendo. Esse é o penúltimo livro, vou perguntar disso.

Figura 89: Jefferson falando sobre os livros de Carolina Peixoto que foram sorteados ao final do sarau

A potência enunciada por Jefferson após a forte apresentação de Carol, *“comecei a conhecer galera nova que estava chegando, da minha idade, com uma potência muito grande. Carol Peixoto, Luz Ribeiro, Thiago Peixoto. E começamos a nos aproximar. Vários rolês juntos por outros saraus da cidade. E fomos criando vínculo de amizade”*. Encontros entre existências que produziram o arrastão que atende pelos nomes de Poetas Ambulantes e pela coletiva Slam das Minas SP.

Jefferson: [microfone falhando] será que conseguem escutar sem microfone? Eu e a Carol somos conhecidos por falamos muito alto no nosso coletivo. Aliás, falo para os meus alunos sobre os Poetas Ambulantes e que você e a Luz idealizaram o projeto. Cheguei ali com a coisa acontecendo. Conta dessas suas ideias, como surgiram?

Carol: somos em cinco no coletivo. Começamos a frequentar a Cooperifa e queríamos conhecer os saraus da cidade. Rodávamos de segunda a segunda, né? [Jefferson assenti]. Começamos com a inquietação de falar poesia fora do sarau, porque no sarau a palma acaba sendo automática, e para quem não estava esperando. Levar o que falamos no sarau como as discussões de feminismo, de política, sociais. Uma primeira ideia foi quando estávamos num sarau no Centro e escrevemos poesia na avenida com giz para que pessoas verem quando acordassem. Só que choveu de a madrugada

e quando falei de manhã com Luz Ribeiro ela falou: “poderíamos entregar poesia nas casas”. A Clarice Lispector começou assim. Falei para ela: “Por que a gente não entra no ônibus? Está todo mundo lá!”. Aí chamamos duas amigas, Mari e Bia, e ideia era ir do Terminal Guarapiranga até o Ibirapuera e voltar. Pedi carona para o motorista. Foi de boa, faço isso direto [Jefferson ri delicadamente]. Mas ficamos com muita vergonha. Falei: “Vamos ou não vamos?!”. Nem sentimos o trajeto de uma hora e meia. Depois fomos para a Cooperifa.

E sob olhares das/dos estudantes e de professores e professores que não abandonavam Carol e Jefferson, ela seguia

Carol: Neste dia encontramos o Jeff e o meu irmão na Cooperifa: “Fazer poesia no ônibus é muito legal, a reação é na hora!” É uma energia muito bonita, porque o palco cria uma barreira. No ônibus, não. Primeiro que entramos pedindo carona e mostrando que somos artistas, passageiros, cidadãos. E tem sido muito lindo [fala olhando para Jefferson que assenti sorrindo]. É muito incrível, apesar de ouvirmos: “uma vez por mês fazendo a mesma coisa”. Nenhuma saída é igual! Estava conversando com a amiga ali [eu] semana passada fizemos a linha de Osasco ao Grajaú e fomos totalmente intimidados pelos seguranças [Jefferson assenti]. É um trabalho que existe há sete anos sem autorização, na raça. Antes, descíamos quando mandavam [Jefferson manuseia os livros sorrindo discretamente]. Hoje argumentamos. O trem é uma porcaria, lotado, demora e saímos porque alguém disse que não pode ter poesia. É muito importante porque, para além da poesia, conversamos sobre essas questões políticas. Nem todo mundo pensa igual a mim. No transporte público falamos com a grande massa que é com quem a gente precisa dialogar.

E Jefferson perguntava para os/as estudantes se já tinham estado diante de um escritor para conversar, para bater um papo? E a resposta foi em alto e bom som: “*nãããooo!!!*”. Ali lembrei de uma fala dele em nossa conversa sobre a distância dos escritores/escritoras/poetas e da ideia de que são não são pessoas que estão “vivas” com os quais é possível até tomar uma cerveja. Por um instante voltei ao nosso encontro em um CEU da região

- Na faculdade eu tinha um colega da zona leste. Mostrei para ele minhas poesias: “Você escreve bem, porque não vai na Cooperifa”. Eu era tímido, muito fechado com minha poesia. Tinha a questão do preconceito, que quem escreve poesia é menininha. Não tinha essa cabeça que tenho hoje. Em 2009, no primeiro ano de faculdade, comecei a frequentar a Cooperifa. Foi uma abertura gigantesca para mim, porque me coloquei em público com a minha poesia, dando as minhas ideias. E daí em diante vi que a poesia era um caminho para eu chegar em outros lugares, falar com outras pessoas. Eu encontrei poetas contemporâneos, poder tomar uma cerveja com um poeta, conversar com Sérgio Vaz, com outras pessoas, isso para mim foi revolucionário. E comecei a me colocar neste espaço. Era chamado para ir para outras regiões da cidade e comecei a ver a poesia como caminho para eu mudar alguma coisa da minha realidade.
- Os poetas não estavam todos mortos, né?
- Tinha muita gente viva, gente que tomava cerveja comigo. Foi muito importante. Nesse espaço publiquei meu primeiro livro e com meu FGTS.

Jefferson: tirando as salas que conversei, as pessoas acham que o escritor é de outro mundo. Ele é mais comum do que imaginamos. É que não fomos, digamos, ensinados a usar da literatura, da arte para mostrar o que somos. Ouvindo a Carol, percebem que o escritor tem os problemas de qualquer um. E qualquer um pode ser um poeta, escritor.

Carol: as artes, dança, teatro, literatura, são uma forma forte de nos conectarmos conosco, às vezes não conseguimos conversar sobre o quanto estamos tristes, mas conseguimos colocar numa música, numa performance. Estou vendo aqui as meninas pintadas. É muito importante entender que todos somos capazes de produzir alguma forma de arte. A poesia que declamei é uma música do *Slam* das Minas, que faço parte. É muito louco, já lancei duas músicas. Passei a vida ouvindo que não podia ser cantora. Encontrei um jeito com minha voz desafinada de fazer música.

Aluna: queria perguntar a diferença entre poema e poesia?

Carol: Acho que o Jeff pode falar melhor. Ele já me explicou, mas sou péssima de memória

Jefferson: basicamente o poema é a poesia escrita. A poesia é isso, mas também é algo muito maior porque está presente na música, na pintura, em diversas artes. Podemos considerar como poesia tudo que faz a gente sentir algo diferente, que brinca com nossa imaginação, que faz a gente refletir. Esse conceito varia um pouquinho na literatura.

Jefferson [microfone falhava]: você entendeu a pergunta Carol? Ela perguntou sobre sua religião.

Carol: Não tenho religião fixa. Sou adepta de uma vertente do candomblé chamada tambor de mina. Sou muito simpaticante do kardecismo. Gosto das religiões que têm esse lance da energia, dos santos. Respeito todas.

Aluna: você é favor do aborto?

Carol: depois da consciência política de que vai além do feto, não cabe a mim decidir se outra mulher deve fazer. Eu não faria pela relação que tenho com a maternidade. Acho que deve ser legalizado, porque pessoas ricas fazem nos hospitais com segurança, enquanto as meninas pobres fazem em qualquer lugar e morrem. É legalizado para homens [Jefferson assenti], ele some e você se ferra com seu filho. Que a mulher também possa ter essa opção.

O papo seguia. As perguntas também. *“Estamos com o tempo bem corrido. Podemos encerrar fazendo uma poesia que eles gostam muito que é...”*. Um aluno prontamente responde em alto e bom som: *“vendo pó, vendo pó, po-e-sia!”*. Carol e Jefferson se entreolham e sorriem. Dos momentos inesquecíveis de minha caminhada.

Neste momento eu já estava perto do palco e o aluno que comandava o som me olhou e levantando-se disse: *“é agora! vou até me preparar”* – agitado, ele se preparava para aquele encontro com Jefferson, Carol e Rodrigo Ciríaco. Todas e todos da equipe do sarau também se juntaram ali próximo ao palco. Vários estudantes sorriam, esfregavam as mãos, batiam palmas curtas e rápida, mexiam-se em seus lugares. Havia uma agitação no ar. Carol e Jefferson tomaram o tapete vermelho. E ali encenaram os mesmos gestos, ruídos e sons próprios daquela apresentação que realizam coletivamente no Poetas Ambulantes. Corpos em movência, corpos em criação de si e de possíveis com outros corpos era o que eu via e sentia. E sentindo eu lembrava de uma fala de Jefferson

- [...] montando nossos espetáculos, comecei a entender que o corpo é potência pura. Vontade que tenho é fazer teatro um dia. Quando coisas estiverem mais calmas. Estudar um pouco mais essa potência do corpo. Talvez a arte que mais me aproxime, depois da literatura, seja o teatro.
- Como é essa questão da potência do corpo? A sua expressão até mudou.
- Pois, é. O gestual, o olhar, o posicionamento, o tom de voz tudo é abordado no teatro. Tivemos que trabalhar o jeito como fala a palavra. É diferente declamar um texto corrido de um pausado que você aproveita mais do significado. Tem palavra que exige que você corra para dar esse efeito de sentido. Há várias possibilidades de fazer uma obra poética no corpo. Ele é potência. É linguagem. Entender essa potência tem tornado nosso coletivo capaz de atingir outros lugares, outras pessoas. Potência para mim é isso. Aproveitar ao máximo o que seu corpo pode. Algumas pessoas acham que ele só serve para trabalhar, ele pode tanta coisa...
- E pode encontrar com outros corpos, né? – eu disse
- E pode encontrar com outros corpos! E ver que esses corpos têm formas, possibilidades, que nos chamam para perto também [...]

Ali sentia o que pode a poesia encarnada naqueles corpos. Existências em devir. Desde a primeira frase Carol e Jefferson foram seguidos em coro a cada: *“Vendo pó, vendo pó... Vendo pó...esia”*.

Estávamos mais enfeitiçados por aquele momento. Vivíamos um feitiço poético. Das/dos poetas-feiticeiras/os que conheci.

Figura 90: Jefferson Santana e Carolina Peixoto no Sararô declamando “Biqueira literária” de Rodrigo Ciríaco

- Agradecemos muito a presença da Carol Peixoto. Ela ficará mais um pouquinho. Ao final, vou sortear os livros dela.
- Obrigada mesmo, sempre gosto de vir para a escola do Jeff.

Para encerrar, várias estudantes e algumas professoras foram convidadas para passar pelo tapete vermelho ao som do DJ. Algumas mais tímidas, outras mais animadas uma a uma, elas foram passando por entre os outros estudantes naquela homenagem.

O encontro chegava ao fim. Um grande mutirão para arrumação. Estudantes, professores e outros funcionários seguiam colocando os bancos no lugar. Em poucos minutos o espaço estava totalmente arrumado. Após nos despedirmos de Jefferson; eu e Carol, seguimos juntas para o ponto de ônibus em uma rua que eu ainda não conhecia. Carol contava quanto gostava de estar com os alunos. Logo o ônibus despontou e lá seguimos por um trajeto que eu não conhecia. Carol dizia que todas as vezes que Jefferson a chamava, ela sempre ia e o quanto via como importante as crianças e os adolescentes viverem momentos como aquele, escreverem, montarem uma apresentação, estarem juntos a partir da arte. Entre uma e outra mensagem de *zap*, Carol resolvendo alguns compromissos, conversamos sobre o envio do áudio que ela faria para o cd que eu estava preparando para Dona Edite. Perguntei se ela achava que Thiago (Peixoto, seu irmão), também toparia participar. “Claro, ele fez uma poesia para Dona Edite! Vou pedir para ele enviar essa!”. Ali mesmo Carol enviou uma mensagem para Thiago convidando-o. Dias depois recebi a declamação inconfundível de Thiago para a *diva Edite*¹⁶⁵

Edite, é de ti esse sorriso de ciso a ciso aberto em meu rosto

¹⁶⁵ É o título do poema de Thiago Peixoto e que ele ofereceu a ela no cd “Não mexe comigo que eu não ando só”

mostrando-se com todo gosto
 afim de chamar-te atenção para que sintas toda a alegria
 vinda da alegria que transmite seu coração
 Edite, é de ti cada suspiro solto quando te postas diante de todos
 És a própria poesia da vida vociferando, arrepiando
 e ensinando que bem mais somos
 Edite, dona de toda atenção
 é de ti minha inspiração nestes versos que pedem perdão
 pois, o poeta disperso deixou de cumprimentá-la pela delicadeza feita
 naquela noite perfeita em que a poesia pairava
 É de ti a mensagem que afaga
 seja de Márcio, Sérgio, Paulo, Vital
 As palavras por ti lançadas
 ecoam por todo o Sarau
 faz com que a gente acredite em transpor nossos limites como algo natural
 Edite, sei que nunca te disse
 mas veio de ti a emoção que à primeira vista tocou meu coração
 Obrigada por nos doar seus ouvidos tão precisos que a todos pode enxergar
 Edite, que bom que você existe, pois sua energia cativa
 Merecidamente diva
 Diva Edite

Eu e Carol nos despedimos no metrô Largo Treze. Um até breve, pois no dia seguinte nos encontraríamos novamente no sararô que aconteceu à noite. Naquela semana foram três dias de sararô, pois um terceiro encontro ainda seria realizado de manhã, no dia seguinte ao sarau noturno, tendo como convidada para o bate-papo a poeta Michele Santos.

Na noite do sararô, eu e André seguíamos apressados. Já passava um pouco do horário marcado para o início do sarau. Quando chegamos na porta da escola vimos que ainda estavam nos últimos preparativos. O clima do sarau noturno era outro. Desta vez, o portão pelo qual eu havia tentado entrar no dia anterior estava aberto. Na entrada fomos perguntados quem éramos? Quando disse que conhecíamos o professor Jefferson, o semblante da funcionária mudou. Nossa entrada foi liberada. Sentamos e aguardamos. Logo André quis sair para comer. A funcionária que havíamos acabado de conhecer nos indicou uma padaria. Seguimos pela rua e logo chegamos próximo ao local indicado. Mas André não se convenceu de que era ali a padaria, embora eu repetisse a indicação. Seguimos andando e logo voltamos: era ali a padaria...

Quando voltamos para a escola, o portão estava fechado. A única alternativa era tentar entrar pela porta principal, por onde eu havia entrado no dia anterior. Lá chegando, uma funcionária falava rispidamente com uma adolescente: *“o sarau estava marcado para às 19h00! Passou do horário, não entra mais! Não adianta insistir!”*. A adolescente, que trazia um papel na mão, finalmente conseguia dizer: *“eu trouxe o atestado. Eu trabalho”*. Desconcertada a funcionária respondeu: *“mas não pode entrar”*. A adolescente então repetiu calmamente que tinha atestado. A funcionária finalmente respondeu: *“ah, tem atestado. Mas vai ter que esperar um pouco”*. Seguíamos ali assistindo a cena. Logo a funcionária que havia liberado nossa entrada anteriormente chegou e ao nos ver disse: *“eles são*

conhecidos do professor Jefferson". Em fração de segundos a funcionária que havia sido ríspida com a adolescente escancarou um sorriso para nós: *"boa noite, sejam bem-vindos, podem entrar!"*. Indignada entrei falando alto com André: *"preferia ter sido maltratada a ser tratada desse jeito na frente da moça que não conseguia entrar mesmo com atestado"*. André me olhava... ele sorria. Seguimos para sarau.

Acomodamo-nos e logo Jefferson tomou o microfone agradecendo a todos que possibilitaram a realização do sarau: *"Gostaria de fazer um agradecimento à nossa diretora, que está há pouco tempo com a gente"*. E eis quem toma o microfone, falando sobre a imensa felicidade de participar do sarau, com um largo sorriso no rosto... eu e André olhamo-nos subitamente de rabo de olho.

Logo Carol chegou e de longe nos cumprimentou. Ela sentou-se um pouco mais atrás de nós. Foram muitas apresentações musicais, de dança, de poemas feministas.

Figura 91: estudantes cantando a música “dona de mim” da cantora Isa

“Está tudo bem aí? Estão gostando do sarau. Estamos esquentando. Pediram para eu recitar o poema ‘Afrô’ do Emerson Alcalde” era o que dizia Jefferson

Seja como for Seja como flor
 Em seca que for cultive o amor
 Que ele ou ela virá
 Beijará AfroDite dirá "
 Se precisar afrô affrontará
 Mas quem vier pra sentir sem tirar sentirá
 Se te plantaram tu és planta
 Então seja como flor
 Tua semente foi plantada em terra preta
 por mãos sofridas
 E não no algodão artificial do cientista
 Eu falo em nome das rosas despedaçadas
 pelos cravos cravinhos cravocratas
 Ossain olha a mim não esqueça
 Seja como for cresça Seja como flor floresça

Não é pra ser florido é pra ser floral
 Igual uma cereja no imenso cerejal
 Simbolize a paz a morte em maços de florais
 Mas principalmente os desejos sexuais
 Você tem preço só pro vendedor de flor
 Pros amantes tu tens valor
 Seja como for negô Seja como for negá
 Mas não vai negar
 A sua raiz
 Ela cresce pra baixo pra você poder subir

E no tapete vermelho Jefferson caminhava por entre nós. Ao passar bem ao lado de André, olhou-lhe nos olhos e seguiu...

No verão se feche pra se nutrir
 Depois se abrir e ajudar as outras a florir
 Você nasceu na rua foi pisada e tachada de feia
 Cresceu fora da mata
 foi usada e largada após a serenata
 Entendeu agora por que não da pra ser florzinha
 Que ao ver o guardinha gela?
 Tem que ser forte que nem a planta favela
 Reagir Resistir
 Proteger a sua floribela
 Na primavera a reprodução
 E quando mudar a estação
 Não fique parado na anterior
 Seja como flor
 Floração
 O mundo não para
 Girassol
 Cai a chuva e vem o sol
 Não se preocupe se isso vier a desbotar a sua cor

E batendo no peito e erguendo o punho dizia: Porque a sua essência é vermelha.
 E será sempre AFRÔ.

E aconteceu: Uma explosão de aplausos! Uma explosão de gritos!
 Uma explosão de força naqueles corpos!

Figura 92: Das intensidades do poema “Afrô” ao ser recitado por Jefferson Santana no Sararô

O sarau seguia...

Figura 93: Das apresentações do Sararô

E Jefferson dizia: “*E esse sarau nasceu de uma ideia de um outro sarau, que acontece numa escola no Grajaú, o Saraldina, consegui trazer esses alunos semana passada. Nada do que está acontecendo aqui é à toa. A gente está continuando um movimento histórico. Diziam que a periferia não sabia de nada, que não tinha cultura e a gente está aqui mostrando o contrário. Então é palmas pra gente mesmo!*”. Assovios, palmas, gritos. “*E uma coisa que não falamos no começo, essa primeira edição do sararô está trazendo a temática do feminismo. Foi assim de manhã, está sendo agora à noite.*

E nossos convidados vão bater nessa tecla. A gente reflete com as apresentações e com as falas, para revermos nossas posturas, nossos posicionamentos. Depois do intervalo teremos algumas apresentações e entre essas a Carolina Peixoto [...]”

Começava o bate papo com Carol, apresentada por Jefferson ao som de muitos gritos e palmas, sobretudo das meninas: *“essa é a Carol, professora, poeta, feminista, articuladora e produtora cultural. Antes da Carol falar, vamos soltar um vídeo para vocês”*. Ali nos encontrávamos com um dos episódios de uma ação em homenagem ao dia das mulheres, do qual participaram o slam das minas¹⁶⁶. Ali nos encontrávamos com Carol em “Materna”

É das cenas mais lindas

Uma teta de fora com um bebê faminto se enchendo de vida.

Ser esse bicho gente, que gera e dá luz, me tornou mais forte.

Indizíveis sentimentos, invisíveis sofrimentos,

Por sangrar todo o mês, a gente aprende a lidar com as dores,

Chorar amores e sorrir chocolates.

Penso que depois do positivo no exame nos tornamos rocha,

Peito cresce, barriga cresce, a gente cresce, muito antes do ser vir.

É de encher o peito,

Ouvir o ritmo acelerado do centímetro humano crescendo no ventre.

É de sentir dó,

Ouvir os gritos de leoa expulsando o até então feto.

É poesia,

A primeira vez que olhamos os olhos e tocamos o rosto do nosso melhor pedaço.

É fortaleza,

Todas as vezes que interrompemos o nosso sono, banho ou refeição para acalmar choros nem sempre decifráveis.

Instinto?

Solitário.

Isso ninguém diz, a maternidade não são só flores, precisamos falar muito, além dos momentos felizes

O bate papo começava

- Jefferson: Aproveitando a temática do sarau, você também veio de manhã, queria que falasse como o feminismo chegou para você e o que é essa atuação para você?

- Carol: Frequento a cena cultural periférica, os saraus, desde 2012. Desde então tenho criado uma consciência política, social. Sempre fui leiga, ignorante, de querer entender para além do meu umbigo. E frequentando o sarau me choquei com várias outras coisas, muitas eu conhecia, mas nunca procurei saber. O feminismo é um movimento que conheço desde a adolescência, mas não me sentia parte e não pensava o quanto é importante para minha formação. Eu tinha uma visão de que precisava de muito embasamento teórico para militar. Teve um movimento muito forte na cena independente em 2015, o “Não Poetize o Machismo”, onde várias mulheres denunciaram o machismo na cena cultural. Foi muito forte para mim. Entendi que não precisava ler muitos livros para conseguir lutar pelos meus direitos, para compreender que feminismo é igualdade dos gêneros independente se é homem, mulher, trans. Em 2016 eu me juntei no *slam* das minas sp. É diferente da batalha de rap em que os *Mc's* fazem os textos na hora, no *slam* são poesias prontas de até três minutos. Aqui no Brasil ele acontece desde 2008, mas era uma cena majoritariamente masculina e em que as mulheres nunca chegavam na final. Fizemos o *slam* das minas para conseguir esse espaço e eu me fortaleci muito, inclusive esse texto sobre maternidade, pude pensar o quanto somos excluídas de vários espaços quando mães. Várias consciências do ser feminino, das lutas pela igualdade de gênero vieram pela poesia, saraus e o *slam* das minas

- Jefferson: Que recado daria para as meninas e para os meninos? [fala com um discreto sorriso]

- Para as meninas, eu gosto muito de estar em escolas. Esse foi um dos ambientes que eu mais sofri assédio, de não me sentir respeitada por ser mulher. E hoje vejo vocês muita mais fortalecidas do corpo de vocês, da voz de

¹⁶⁶ Demais episódios disponíveis em https://www.youtube.com/results?search_query=%23ONErpmPorElas

vocês. Acho que é tomar de assalto mesmo. Vocês estão no caminho certo. Todo lugar é nosso independente do que quisermos. Para meninos, eu sempre falo: o feminismo não é contra os homens, ele é contra o machismo, contra essa cultura que mata. Muitas mulheres, pessoas trans morrem por isso. Homens também sofrem com o machismo. O mais importante é vocês entenderem que lutarmos sozinhas ele nunca vai acabar. Tem um grito das mulheres que lutam na América Latina “se cuida, se cuida seu machista, a América latina vai ser toda feminista”. Não adianta eu fazer a minha parte se fico quieta quando um homem não faz a dele. Como mulher branca falo “não sou racista”, mas o quanto estou rompendo com o racismo. Sou casada com um homem negro e muitas vezes, no início do namoro, via ele sofrendo racismo, mas eu tinha aquela trava. Às vezes eu falava: “mas ele não ouviu!”. E comecei a pensar: “ele não ouviu, mas eu ouvi e isso tem que parar”. Comecei a agir. Acho que é isso para todas as formas de opressão. Não adiantar respeitar a mina na rua e em casa não ajudar sua mãe. E é combater em casa, na rua, no trabalho. Parar de ser omissa.

E diante de todes, ao ser convidada a declamar mais um poema para encerrar o bate papo, Carol dizia:

Que toda mulher encontre sua voz a liberdade de ser o que se é [Carol tira o microfone]
 Parem de fingir que não escutam
 O socorro, o nojo, os gritos agudos e mudos que vocês insistem em não meter a colher
 Dói em mim cada machucado ainda que não seja meu o útero interrompido
 Mas como ficar inerte?
 As varandas, os quintais, as janelas
 Todas essas coisas que se jogam bitucas de cigarros e mulheres
 Choca quando passam essa e outras atrocidades na hora do jornal
 Mas até quando será normal o silenciamento, o desrespeito e a inferioridade imposta?
 Mana, não se cale numa briga, numa conversa
 Enfrenta e combata toda e qualquer resquício dessa cultura misógina, machista e patriarcal
 Foram gerações e gerações de abuso, violência e desrespeito
 Os *soutiens* outrora queimados ainda sangram o nosso direito de não nos reduzirmos a saias e batons
 Essa sociedade há de aprender a respeitar os nossos corpos, o nosso espaço e a nossa voz

Figura 94: Do *grito* dado por Carol Peixoto pelo respeito de nossos corpos, espaço e voz.

O baile seguia...

Naquele momento Lunna brilhou no Sararô... uma apresentação desterritorializante.

*A mulher dentro de cada um
Não quer mais silêncio, psiu
A mulher de dentro de mim
cansou de pretexto
A mulher de dentro de casa
fugiu do seu texto
E vai sair de dentro de cada um
A mulher vai sair
E vai sair de dentro de quem for
A mulher é você
[...]*

(Elza Soares – Dentro de cada um)

Figura 95: Apresentação de Lunna no Sararô

Lunna agradecia fazendo menção ao convite que recebeu de um dos professores para estar ali. Ela dizia que havia pensado em criar algo para a apresentação também com artistas que gostava e que são muito importantes: “*Espero que as letras tenham ficam na cabeça de vocês. Escutem Elza Soares, escutem Ekena e tantas outras artistas que fazem um trabalho incrível. Valorizem as mulheres. Valoriza!*”.

*Eu tenho pressa eu quero ir pra rua,
quero ganhar a luta que eu travei
Eu quero andar pelo mundo à fora vestida
de brilho e flor
Mulher a culpa que tu carrega não é tua
Divide o fardo comigo dessa vez
Que eu quero fazer poesia pelo corpo
e afrontar as leis
Que o homem criou pra dizer
[...]
Que se usa decote, é PUTA
E se a saia tá curta, é PUTA
Se dá no primeiro encontro, é PUTA
Se raspa o cabelo, é SAPA
E se deixa crescer os pêlos, é ZUADA
Se tem pau entre as pernas, é TRAVA
mas se bota salto alto é SANTA
Se usa 44, é GORDA
Se usa 38, é muito MAGRA
E se sai depois das 23h,
vai voltar ARROMBADA
"Porque ela pediu né? Tava na cara
Olha a roupa que ela saiu de casa"
E todo o discurso MACHISTA continua
[...]
(Ekena - Todxs Putxs)*

O sarau seguia. A hora já avançava. Quase 23h00. Eu e André voltávamos pelos corredores da escola, após falarmos brevemente com Lunna. Jefferson estava no meio do turbilhão. Vimos que não seria possível nos despedirmos dele. Fui até Carol para me despedir: “*Ai, já vão? Vou aproveitar para ir com vocês então*”. E seguimos os três para o mesmo ponto em que nós duas havíamos estado no dia anterior. A rua estava com pouquíssimo movimento. Ficamos ali de prosa. Os assuntos? O Sarau, o transporte público, o Slam das Minas... O ônibus demorou pouco mais de quinze minutos. Seguíamos no fundo do ônibus quase vazio. Carol contava de algumas andanças do Slam das Minas como a batalha e o espetáculo que fariam no sábado. Falávamos do transporte público e Carol contava que, na ida do Slam das Minas em Belém, ficaram impressionadas com a condição precária dos ônibus e com o elevado preço da passagem (valor próximo do de São Paulo que ainda tem bilhete único para a integração com ônibus e trem por um período determinado, o que não existe em Belém como ela frisava). Eu bem sabia disso... ela contava que tinham ido à Belém para realizar uma oficina com um grupo de mulheres que já desenvolvia o slam que lá é chamado de “Dandaras do Norte”. Ali eu falava sobre a pesquisa de Ana Silva. Minha pesquisa se cruzava novamente com a de minha conterrânea. A conversa com Carol foi curta, pois logo ela desceu na avenida M’Boi Mirim. Mais uma vez nos despedíamos afetuosamente.

Eu e André seguimos até o trem e o metrô com nossos corpos, mais uma vez, transbordando de afetos e de pensamentos. As andanças com Jefferson faziam pensar sobre o cultivo que ele produz com o Poetas Ambulantes a partir do qual ele segue polinizando encontros com a poesia por uma escolha de percorrer as linhas do imprevisível, das miudezas do inesperado, das latitudes e longitudes que não cessam de ser compostas e decompostas pelos corpos que encontram. Já na escola, seu cultivo faz pensar em uma trajetória por linhas mais pragmáticas e nem por isso endurecidas justamente porque por entre estas Jefferson ativa uma constelação de possibilidades de pensar-agir-ser-viver pelo encontro das/dos estudantes e das/dos professores com a literatura e cultura periféricas considerando as vivências de leitura, escritas produzidas e os saraus coletivamente construídos nas escolas em que atua e em outras unidades de ensino para as quais é chamado por tantos parceiros.

Em ambas as experiências, a permanente produção de um devir que experimenta linhas de fuga para si e para outras existências na companhia, como ele mesmo escreveu dia, daquele “substantivo feminino que a gente adjetiva pras coisas mais bonitas”. A Poesia! E de poesia em poesia, tendo o corpo encharcado pelas poéticas deste poeta-professor-escritor-fazedor de artes-provocador de encontros para fazer proliferar a vida em sua singularidade com parceiras e parceiros, dentro e fora da escola, que segui... pelos *Cantos e desencantos de um guerreiro* que em seus passos (po)eticamente vividos oferta

Pétalas e sabe dar *Pedradas* em constantes movências vividas com a carne e sobre as quais ele afirma “*Sinto Muito!*”¹⁶⁷.

Sobre ipês amarelos e travessias
Todos os dias a mesma estrada,
os mesmos pensamentos
na cabeça
cabisbaixa
e olhos fixos nas lacunas
do solo.

Ao lado,
ipês já amarelos
após secas, invernos,
arbusto, folhas...
a erupção.
Há flores,
há flores em tudo
que poderia ser visto.

Pra desvendar a travessia
de Brant, Milton
ou do que quer que seja
a trajetória é sempre hipotética,
e só saberá de alguma primavera
aquele que sobreviver as dúvidas
e as devastadoras mortes diárias¹⁶⁸

¹⁶⁷ Livros de Jefferson Santana.

¹⁶⁸ Poema do livro *Sinto Muito!* (2018), que, como enunciado por Jefferson Santana na abertura, é “Independente, escrito, diagramado e costurado pelo próprio autor”.

Entre-tempos...

Sou Jefferson Santana de Jesus, nascido e criado no Jardim Ângela, negro, periférico, poeta, professor e sobrevivente de todas as tentativas que o Estado e o Sistema atentam contra as vidas nesse território. Gosto de começar sempre tratando desses ataques, pois o lugar que vivo não possui teatros, museus, bibliotecas, e ainda por cima temos atendimento precário do SUS, nossas escolas não têm estrutura adequada, o transporte público é insuficiente, nossos trabalhadores não têm emprego e mal temos saneamento básico, inclusive moro praticamente na beira da Represa do Guarapiranga e quase todas noites fico sem água na torneira. Nesse contexto todo, como não estar diante da violência? Como se considerar cidadão se nem temos acesso aos mínimos direitos para a plena cidadania? Esse é o meu contexto social. Ainda assim há pessoas incríveis por aqui, sendo que muito por causa delas encontrei meus meios para sobreviver às precariedades. Temos professores super engajados com a missão da Educação e outras pessoas valentes que tocam projetos de forma independente que tentam mudar de alguma forma essa realidade.

Passei boa parte da minha infância falando pouco, sem conseguir me expressar direito, mas com muito sentimento entalado. A primeira mudança veio na EMEF Antônio Estanislau do Amaral, quando peguei meu primeiro livro de poesia pra ler. Era um livro do Carlos Drummond de Andrade numa atividade na sala de leitura. A professora Edivânia de Língua Portuguesa da 7ª série propôs que fizéssemos paródias de poemas que havíamos encontrado e foi nessa atividade que reconheço ter escrito o meu primeiro poema. Foi um texto que tratava das enchentes que aconteciam na cidade no começo dos anos 2000 (e que até hoje perto de 2020 ainda acontecem). Daí em diante percebi que levava jeito pra poesia e que podia escrever sobre coisas das quais eu não conseguia me expressar.

Problemas na família surgiram e comecei a usar os livros como tentativa de adentrar num outro universo e transpor um pouco da minha realidade social. Lembro-me que quando tinha meus 15 anos nos sábados ia para a biblioteca Presidente Kennedy, atual Biblioteca Prestes Maia, em Santo Amaro, para poder ter acesso aos livros. Geralmente eu não tinha dinheiro e nessas ocasiões eu pedia carona e/ou passava por baixo da catraca do ônibus. Era um exercício semanal de leitura, sempre pegava livros e os levava pra casa. Nessa época eu já estava no Ensino Médio, na EE Luís Magalhães de Araújo e lá comecei a estudar literatura e conheci mais professores importantes na minha jornada. Foram também os tempos que comecei a ter um caderno de poesia, que praticamente todos os dias era preenchido com novos textos. Foi uma época difícil na questão financeira, emocional e psicológica, mas foi quando descobri que queria ser professor e que de fato eu também era um poeta.

Terminei o Ensino Médio e infelizmente vivi um tempo de pouco contato com a poesia, pois foi uma época que trabalhava bastante, de domingo a domingo, mas tinha o objetivo da docência na cabeça e que para isso precisaria de uma Faculdade. Prestei o ENEM em 2008 e fui muito bem na redação, conseguindo uma bolsa integral pelo PROUNI no curso de Letras do Mackenzie. Nessa época as pessoas da periferia estavam começando a entrar no Ensino Superior graças a esse programa e pude realizar um dos grandes sonhos de minha vida. No entanto não foi fácil minha vida durante a faculdade, eu continuava trabalhando de domingo a domingo, estudava num ambiente em que as pessoas viviam uma realidade bem diferente da minha e sofri muito com o preconceito. Mas gosto de destacar que foi justamente nesse ambiente que comecei a me encorajar para mostrar de fato quem eu era e como eu deveria me posicionar na sociedade. Aprendi que eu era diferente e mas que eu também tinha direito naquele espaço. Tive poucos amigos lá, teve um em especial, o Samuel que morava na Zona Leste e também era bolsista e que começou a me falar dos saraus da periferia. Decidi que deveria começar a frequentar esses espaços e mostrar a minha arte.

Em 2009 fui ao Sarau da Cooperifa e a partir daí não parei mais. Na Cooperifa conheci pessoas engajadas e me senti encorajado a publicar um livro. Publicar se tornou uma realidade dois anos depois quando fui mandado embora do emprego e com o dinheiro da rescisão custeei meu primeiro livro. Foi mais um sonho realizado. Eu estava no final do curso na Universidade e estava na época do TCC. Nessa época decidi escrever sobre os saraus e como isso poderia ser levado para as salas de aula. Consegui a nota máxima e foi uma outra vitória contra tudo o que tinha acontecido contra mim naquele espaço. Era um diploma que eu teria que usar da melhor maneira.

Em 2013 consegui passar no concurso público para professor da rede pública estadual. Nessa mesma época publiquei meu segundo livro e estava começando, juntamente com amigos que conheci nos saraus, o Poetas Ambulantes que é um projeto que leva poesia declamada para os transportes públicos da cidade. Foi mais um sonho (que eu não idealizava, mas sabia que tinha) realizado. Tinha a Poesia e a Educação já muito vivas em minha vida, aliadas às minhas concepções de lutar contra as injustiças sociais. Quando comecei a lecionar na EE Oscar Pereira Machado, na mesma região que vivo, percebia que tinha que começar a usar a minha vivência para movimentar ações na escola. Essa unidade possui poucos recursos, mas na época que entrei em 2014 tinha muita mobilização com os projetos. Ao longo dos anos, o Governo do Estado foi precarizando ainda mais o nosso trabalho e a escola foi perdendo junto, mas foi nessa mesma época que começamos um sarau lá. Todos os anos, desde 2017, realizamos pelo menos duas edições do sarau, em que os alunos são os protagonistas. Montamos uma equipe de organização e eles juntamente comigo fazem a poesia acontecer. Chamamos esse projeto de Sararô e nele descobri que meus alunos são meus principais aliados e com quem eu reaprendo todos os dias a ser mais humano. Juntos descobrimos que podemos fazer coisas interessantes e importantes dentro do ambiente escolar, nesses anos descobrimos poetas novos e gente que faz poesia nas suas atitudes, questionando os padrões e as ações sociais que tanto nos afligem e que, como disse no início do texto, tentam e muitas vezes conseguem acabar com as nossas vidas.

Realizar sarau em uma escola pública com todos os problemas mencionados acima é um grande desafio, mas os momentos gerados nesse projeto são inesquecíveis e importantes. Temos sempre temáticas que envolvem a construção desse sarau e durante algumas semanas me reúno com esses estudantes para refletir sobre e para pensar em ações que a evidenciem. Esses alunos são de diversas séries e muitas vezes nem são meus alunos, mas como quero todos os alunos da escola envolvidos quero pelo menos a maioria das salas representadas. Com os meus alunos em específico e com professores que topam realizar parceria, dedico muitas de minhas aulas a atividades de produção e declamação poética como ensaio e sempre promovemos a elaboração de matérias para exposição. Dentre esses materiais geralmente os estudantes produzem livretos com poemas próprios e de autores que gostam. Pensamos juntos depois em como colocaremos essas produções no espaço do sarau mas quase sempre fazemos um grande varal poético.

Outra ação que gosto de propor é o contato direto desses jovens com escritores periféricos, para que eles tenham contato com artistas vivos, possam ter referências, inspiração e principalmente possam entender que a literatura é algo vivo, inclusive em carne e osso, que devemos fazer a arte do nosso cotidiano e tempo presente. Tento sempre realizar a temática do sarau se relacionando com os escritores convidados, por exemplo, em junho de 2019 realizamos um sarau temático sobre o Feminismo, em que consegui levar escritoras mulheres para conversar com os alunos sobre os desafios da mulher no cotidiano e também na literatura.

Sigo como professor, poetizando pelos saraus, já com 4 livros publicados e atualmente tenho ido às escolas públicas contar um pouco das minhas experiências de vida e de poesia, para que outros que passam pelo que eu passo/passei possam acreditar que uma das maneiras para se manter vivo nessa realidade social é estar ativo com Arte, Educação e Humanidade, ajudando e sendo ajudado pelas pessoas ao seu redor. Não me considero melhor que ninguém, mas quero mostrar a quem conseguir alcançar com a minha voz e a minha poesia que nós juntos podemos ser melhores a cada dia e que podemos lutar juntos contra as opressões das quais sofremos.

**Uma conversa-recepção:
corpos em tensão...
corpos em movências...
corpos em criação...**

Você poderia pensar em alguns nomes do seu campo para uma conversa com os alunos na semana de recepção dos calouros, né?”

Fiquei muito agenciada com o convite de Laura. Seria mais uma oportunidade para construir encontros no espaço da FSP com as existências com quem me conectei em minha caminhada. Também o encerramento do projeto Bixa Preta de Fé aconteceu na FSP – outra oportunidade de conexão. Em todo o meu processo era uma questão tecer diferentes possibilidades de encontros que favorecessem a escuta e a vocalização sobre *como* estas existências produziam seus viveres. No caso deste momento com os calouros, abrir possibilidades de encontros entre existências partilham questões e militâncias, considerando o perfil dos estudantes do curso de saúde pública da USP.

Mais do que um encontro com “a faculdade”, uma tentativa de produzir conversações e experiências de corpo sobre questões que vem ganhando visibilidade pela gradual ocupação da universidade por existências que habitam as bordas em diferentes planos, como é o caso dos alunxs do curso de graduação em Saúde Pública. A aposta era ativar encontros, potencializar um “nós por nós” que já habita a FSP e outros “nós por nós” entre aquelxs que, mesmo habitando as bordas não estão tão próximxs das invenções que lá existem, conforme Laura já havia comentado em relação a certos estudantes do curso de saúde pública da FSP.

O encontro foi possível pela experimentação de um certo “entre nós” que se constituiu com minha caminhada no campo. Assim, a atividade daquela tarde integrou a semana de recepção dos calouros do curso de Saúde Pública da FSP. Neste dia nosso encontro foi com Débora Marçal da Capulanas Cia de Arte Negra e com os integrantes do coletivo Poetas Ambulantes, ambos da zona sul de São Paulo.

Mensagem de Débora Marçal no celular. Saí rapidamente da sala onde ocorreria o encontro e descí as escadas. Havíamos combinado que eu a esperaria no portão de entrada. Quando recebi a mensagem, ela já estava no saguão da faculdade. Débora sorriu. Um abraço apertado. Seguimos juntas para a sala. Após alguns minutos preparando o material áudio visual¹⁶⁹ que Débora usaria antes de sua fala, o encontro começou:

- Suas cartas de alforria estão prontas, mas cada um vai recebê-la na hora oportuna. De hoje em diante vocês estão livres!
- Estamos em plena safra. Eu preciso de vocês aqui. Vão receber pelo trabalho de vocês. E não haverá mais castigos!
- Certamente é na forma e na saliência que encontramos uma semelhança entre essa hotentote¹⁷⁰ e um orangotango.

¹⁶⁹ Documentário “Sangoma - saúde às mulheres negras”, um dos três produtos áudio-visuais da Capulanas Cia de Arte Negra em seus 12 anos de existência contemplado pelo edital de fomento à cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8Nwoq6gRg4M>

¹⁷⁰ Cena do filme *Vénus Noire* de [Abdellatif Kechiche](#) lançado em 2010. A história de Saartjie Baartman exposta em shows de aberração em Londres e o processo de investigação de suas formas ocorrido no século XIX foi a inspiração para o espetáculo da Zona Agbara “Vênus Negra: um manual de como engolir o mundo” conforme abordado na narrativa “Entrando em uma zona de força e potência”.

Eu e Débora, seguíamos lado a lado assistindo à introdução de Sangoma¹⁷¹ que traz a perversidade e os efeitos de práticas racistas que se instalam e se espriam entre todos nós. A cada fala do documentário, encontros com as práticas produzidas ativamente e por diferentes mecanismos no âmbito da plataforma *antropofaloegocislogocêntrica* que habitamos, a exemplo do caso de um homem que ofendeu uma funcionária negra que o impediu de furar a fila do cinema.

Figura 96: apresentação de cena de racismo do documentário Sangoma

[...] a funcionária do cinema foi ofendida porque impediu que o médico furasse a fila da bilheteria. “Ele disse que eu era muito grossa, por isso tinha essa cor, que ali não era o meu lugar, que eu deveria estar lidando com animal. Disse que eu deveria estar morando na África, cuidando de orangotangos”. Marina disse que nunca passou por tanta humilhação: “Eu fiquei muito nervosa na hora. Até chorei. Fiquei muito abalada mesmo [...] Me senti um lixo”.

Violências e opressões que apareceram duramente em tantos momentos de conversa e nas produções artísticas dos muitos coletivos com que me encontrei. Produções que explicitam sofrimentos e dão sinais da construção de um *como* e *o que é possível produzir diante de atravessamentos do viver*. E foram muitos os sinais que eu vi e senti como em “Sangoma” e “Ialodês” das Capulanas; “Vênus Negra: um manual de como engolir o mundo” e “Reclusa” da Zona Agbara; “Rituais de Suspeição” e “Outras Portas, Outras Pontes” da Cia Sansacroma; “Iwosan e “Depoimentos para Fissurar a Pele, respectivamente, de Débora Marçal e Djalma Moura; “Isto é um Negro?” do grupo EQUemÉGosta?; “Menstruadas” de Débora Marçal e Isabella Duvivier. E ainda na resistência coletiva produzida na Casa de Cultura de M’Boi Mirim que inclui as/os integrantes do Grupo Flor de Lis e Espírito de Zumbi; nos encontros literários e saraus nas escolas e no transporte público que extrapolaram um modo de fazer da Cooperifa no bar do Zé Batidão, o que inclui o processo de invenção de Saraus e Slams por várias

¹⁷¹ Documentário Sangoma saúde às mulheres negras – disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8Nwoq6gRg4M>

Coletivas. Questões que se conectam. Corpos em tensão que se fortalecem em mistura, pois várias existências atuam ativamente em diferentes frentes nestas produções. Linhas que permanentemente se fazem-desfazem-refazem para a invenção de modos de existir e resistir neste rizoma de produções.

A introdução do filme prosseguia com cenas de novelas brasileiras que traziam as poucas atrizes negras, da mesma geração das Capulanas, que se alternavam em cenas de subalternização. As troças produzidas por antigos desenhos animados e por programas de humor também apareciam. Imagens que formaram imaginários e modos de agir-pensar de gerações e gerações.

Figura 97: imagens de antigos programas e desenhos animados do documentário Sangoma

Silêncio. Corpos seguem imóveis. Olhares projetados na tela.

O documentário segue. Mais cenas daquele conjunto de experiências. Desta vez entra em cena a erotização da mulher negra. Começa a cena de Elisa Lucinda interpretando o texto “Mulata exportação”, entremeada a imagens de propaganda sobre o carnaval carioca que dão sinais da sexualização das mulheres negras e que incluem os termos: *samba for export, a sensualidade, a ginga, o balanço, a malícia, a beleza da mulher brasileira, tudo num só espetáculo - ritmistas, show de pandeiros, mestre e sala e porta bandeira, fantasias e ainda as mais belas mulatas de São Paulo!*

Cenas finais da introdução do documentário. Um filme vai se compondo em meus pensamentos-lembranças¹⁷², no meu corpo-memória... ao som de um canto para Xangô, imagens de *um olhar* para a cidade desde o interior de um ônibus: praça da Sé, avenida 23 de maio, parque do Ibirapuera, casas, velas, adesivo de gestante e a prioridade no transporte público, as pessoas nas ruas no vai e vem cotidiano, o sol, comércio, barrancos, a ponte, o rio, a Marginal Pinheiros, a linha do trem, nuvens, o trajeto do

¹⁷² Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio (2017, p.22)

Centro de São Paulo até a sede da Cia Capulanas no Jardim São Luiz. Tudo vivo, tudo misturado, tudo pulsando em mim.

Figura 98: imagem do documentário Sangoma que mostra o trajeto de ônibus do centro até a sede da Capulanas Cia de Arte Negra no Jardim São Luiz, zona sul da cidade de São Paulo.

No agenciamento de todas aquelas imagens, Débora inicia sua fala

Agradeço o convite para a Companhia. É importante esse diálogo aqui porque estamos na borda, do lado de lá. Esse é um pedaço de Sangoma, uma pesquisa de quatro anos sobre a situação da saúde da população negra.

Entendemos a saúde como uma tríade: saúde física, emocional e espiritual da população negra [...] somos um coletivo de mulheres negras, eu, Débora Marçal, Adriana Paixão, Priscila Obaci e Flavia Rosa. Nos formamos no curso de Comunicação das Artes do Corpo na PUC e entendemos que aquele lugar não era pra nós [...] nos caminhos da arte, a representatividade era de escravizadas, empegadas domésticas, estupro. Decidimos criar a Capulanas e contar a história do nosso jeito, criar histórias que gostaríamos de ver

Vimos da construção de um imaginário da educação de princesas e da televisão nas décadas de 1980, 1990. As cenas que vimos é a nossa construção imagética desde pequenas. Estou falando de um recorte específico de gênero, etnia e etnografia. Estou falando de mulheres negra, periféricas. [...] Entendemos que somos o que se projeta, descendentes de escravizados, nascidos num navio negreiro, vindos de um país chamado África.

E que se matam. Essa é a construção do nosso imaginário enquanto ser humano. Não tem como avançar sem entendermos que não somos loira, do olho azul. Além disso, tem a hipersexualização de nossos corpos. Quanto mais claras, servirmos à cama. Essa é uma construção que Gilberto Freyre vai trazer. A cultura brasileira entende as questões raciais a partir dele, que foi importante, mas com perdão da palavra fodeu com nossa vida [...]

A fala de Débora remetia ao mito da democracia racial e da harmonia entre negros, brancos e índios difundida por figuras como Gilberto Freire, que contribuiu ativamente para a produção e manutenção de uma certa ordem vigente. Questões pouco debatidas sobre uma certa produção das existências negras e mais especificamente das mulheres negras. Vidas desqualificadas e subjugadas em um imaginário supostamente com poucas diferenças entre brancos e negros. O não dito!

O corpo negro feminino quando se aproxima desse padrão serve para transar. A quantidade de mulheres negras mães solas é absurda, porque os homens não ficam até final da história [...]

[...] não temos um atendimento voltado para saúde da população negra. E quando se fala disso: “ah, tem que ter pela anemia falciforme”. Há muitas outras coisas que afetam a nossa saúde que não estão no *script* ali. A Maria do Carmo, que passou no documentário, é da secretaria Municipal de Saúde, e fez uma pesquisa para introduzir o quesito cor nos formulários no serviço público. Ela precisava explicar porque ter o quesito cor [...].

Identificamos em nossa pesquisa o mito de que as mulheres negras tem mais tolerância à dor. Porque somos descendentes de escravizados e os negros são mais fortes, as mulheres podem esperar mais pela anestesia no parto. O documentário cita uma pesquisa que perguntou para alunos de medicina onde leram sobre essa maior tolerância. E eles diziam: “não sei onde está escrito, mas sei que todo mundo sabe” e vai se tornando verdade [...]

O Brasil faz campanhas para diminuir cesáreas, mas não para as mulheres negras. É a população com maior índice de morte no parto, um dado denso de mortes evitáveis. Gravidez e parto não são doenças, mas morremos na mesa de cirurgia [...] com as mulheres negras tem um agravante “na hora de fazer não doeu” [...] a responsabilidade sobra para nós [...]

Figura 99: Débora tematizando os atravessamentos relacionados à saúde das mulheres negras

E Débora seguia

A Valéria falou da região da Cooperifa no início, ela conhece [aponta uma aluna], e por que lá é tão importante? Porque a região do Jardim Ângela, Capão Redondo e Jardim São Luiz, na década de 70, 80 foi considerada como o Triângulo da Morte, tanto da morte quanto da ação da polícia que exterminou uma grande quantidade de jovens negros. Isso chamou atenção e a região começou a ser ocupada por ONGs e com Heliópolis ou Paraisópolis, não lembro, são os lugares com mais ONGs para tentar frear de alguma forma a morte da população negra masculina.

O nosso recorte é feminino, mas os jovens até hoje morrem na mão da polícia também por uma herança escravocrata. A Polícia é a continuidade dos capatazes. É criada para prender e matar negros. Os meninos negros aqui devem saber o que estou falando “na rua, você e outra pessoa, vão te parar porque simplesmente é negro”. A polícia ainda usa o termo, não lembro agora, que se refere ao negro como um suspeito em potencial.

Laura: um aluno daqui fala que vindo de mochila não pode correr se o ônibus estiver chegando, senão nem pega

Débora: sim, se correr e a polícia estiver perto, ela atira e depois vai querer saber o que aconteceu. Essa é a ordem

Laura: depois decreta que morreu porque é bandido

Débora: É uma construção estrutural que nosso país produz, o último a abolir a escravidão e um dos mais racistas.

Alguns comparam Brasil e Estados Unidos. Lá a população negra é pequena e combatem o racismo porque entendem que ele existe e mata. Criou-se políticas públicas. Como atacar um fantasma? O racismo existe e mata todos os dias

Ouvindo Débora eu pensava no entrelaçamento ético-político das produções artísticas que vivenciei em minha caminhada como a produção da Cia. Sansacroma na qual o tema da *suspeição sobre o corpo negro* era a questão central de uma *cartografia sobre os atravessamentos que cortam os corpos negros e periféricos nos processos singulares de produção de suas existências*. O espetáculo? Rituais de suspeição.¹⁷³

Seguia ouvindo Débora sobre o tema de os corpos negros serem tomados como suspeitos, lembrando de Rituais de Suspeição. A cada cena, atrizes negras e atores negros compartilhavam o que se passa no olhar de quem os vê como suspeitos a todo momento e em todos os lugares. A cada ato, dores, humilhações, violências permanentemente experimentadas, ora apenas dos corpos femininos, ora apenas dos corpos masculinos. E o corpo de quem está a poucos centímetros daqueles corpos considerado suspeitos na plateia-arena também sofria. Olhar no olho de uma existência considerada como suspeita-inimiga-matável nesta partilha artístico-política doía. “*Dor e cavalo bravo não se amansa, dor e cavalo bravo não se amansa. Eu não tenho medo, eu não tenho medo. Eu não medo, eu saí da mata de manhã bem cedo*”. Era o que os atores e atrizes cantavam nos conduzindo para o ritual que aconteceu do lado de fora do teatro. Era também o que eu cantava. Era o que cantávamos. Novamente um arrebatamento ao ouvir aquela música cantada tão intensamente por aquelas mulheres e homens ao ritmo do atabaque. Ali vivi: Um ritual que chama a produção de alianças em diferentes tempos-espacos de resistência. Um chamamento que não tem fim!

¹⁷³ “E o prospecto da peça trazia “Rituais de suspeição” pretende ser um relato, uma cartografia, um escurecimento de todos os atravessamentos que os corpos negros e/ou periféricos vivenciam em seus processos de construção de suas singularidades, sendo inseridos na lógica estruturantes da falsa ideia de direitos civis universais e racismo cordial. O projeto procura trazer à tona uma temática que se torna necessária diante das atuais discussões que a Cia. Sansacroma está inserida: o estigma das pessoas negras como suspeita aos olhos da Lei. Apesar de o mito da democracia racial dar sustentação à concepção de que não há conflitos nas relações raciais no Brasil, todos sabem que existe preconceito e discriminação racial. No livro Rota 66 – a história da polícia que mata, o jornalista Caco Barcelos divulga uma pesquisa que realizou dentro dos arquivos da polícia sobre vítimas abordadas e mortas em confrontos com policiais. Ele constatou: “perfil das vítimas: ‘homem jovem, 20 anos’. Negro ou pardo. Imigrante baiano. Trabalhador sem especialização. Renda inferior a cem dólares mensais. Morador da periferia da cidade. Baixa instrução, primeiro grau completo”. O tempo mostra que, dentro desse conceito de suspeição, de uma forma geral, nada mudou. Uma pesquisa realizada pela Fundação Abrinq mostra que as vítimas de homicídio no Brasil têm cor. Em vinte anos, o número de jovens negros assassinados aumentou 429%, ante 102% de jovens brancos. a pesquisa de linguagem da Cia. Sansacroma fundamenta-se na Dança da Indignação. O conceito surgiu da necessidade e do amadurecimento estético da Cia. durante os últimos anos de produção e responde ao anseio de se criar um processo de fruição da dança que dialogue com as questões e interesses coletivos, juntamente com a apropriação de diversos meios de produção artística. O espetáculo, fruto de pesquisa e criação da Sansacroma e que compõe o projeto “Entre corpos negros e homens de bem, é baseado na pesquisa de doutorado do sociólogo paulistano Uvanderilson da Silva. Com esse trabalho, a Companhia pretende repetir acerca do corpo negro e/ou periférico como suspeito, sus coreografias sociais para camuflar processos de suspeição e coo esses corpos atravessa sua existência na tentativa do acesso à cidadania plena e aos direitos civis. “Este projeto é importante na medida em que consolida dezessete anos de trabalho e produção da Coa. Sansacroma. Ao longo deste tempo, e na perspectiva estética marginal, a Cia. vem ficando raízes de resistência no cenário da dança paulistana” (Gal Martins – coreografada Cia.)

Figura 100: Espetáculo “Rituais de suspeição” da Cia Sansacroma no Sesc Pompéia.

E Débora prosseguia

É importante falar aqui na Saúde Pública porque somos o público. Somos 53% da população, pensando que nem todos conseguem se identificar e se assumir como negras, porque ninguém vai querer ser descendente de negro ou negro sabendo que é isso. A dificuldade de autoafirmação ocorre pelo imaginário e pela prática racista que se perpetua. Pessoas dizem: “Isso não é problema meu”. Elas não se relacionam, não criam empatia e isso se perpetua.

Existimos, a Capulanas, porque precisávamos criar um espaço saudável, viver a arte que acreditamos. No caminho virou um objetivo de vida. Quando fazemos um espetáculo com um pente quente, as mulheres negras entendem e outras mulheres veem aquilo, conseguimos o objetivo de dialogar e disputar simbolicamente esse imaginário.

[...] na banca de jornal estão as mulheres mais lindas e nenhuma parece conosco, parte do princípio que não somos bonitas. Como tira a imagem dessa hegemonia branca e coloca algo no lugar [aluna negra assenti]? Falo de grande mídia que chega onde atuamos, na borda [...] a tv é uma produção de brancos e crescemos querendo ser aquilo.

Vamos nos descaracterizar para chegar nisso. Alisar o cabelo, ficar o mais branca possível para nos aproximarmos do padrão, do belo. Vamos adoecendo porque nunca seremos isso. Buscar referências imagéticas é fundamental para nos entendermos enquanto ser humano. Só existo porque vejo que ele parece comigo, pela imagem começo a existir.

A Maria do Carmo, no documentário fala sobre o racismo institucional, que garante a manutenção do racismo. A questão é não ser racista e combater. Estamos num grau muito alto de intolerância. É um problema coletivo [...] quem está morrendo somos nós. Então estamos tentando resolver, mas não vamos resolver sozinhos.

Quero mostrar um vídeo para encerrar sobre quando o racismo começa [...] é na barriga, uma criança negra vai saber que o cabelo dela não presta, que a cor dela é feia, que é um monstro, que não merece nada [...] tenho 36 anos e não vou ver o fim do racismo. Nem meus filhos, se eu tiver, nem netos. Daqui há muito tempo, as coisas podem mudar.

Começa doll test. Diante de bonecas negras e brancas crianças são perguntadas:

Qual boneca é branca? // Qual boneca é negra?
 Qual boneca é bonita? // Qual boneca é feia?
 Qual boneca é boa? // Qual boneca é má?
 Por que é bonita? “Porque tem olhos azuis”
 Por que é má? “Porque ela é negra”
 Qual boneca parece com você?

Final do vídeo. Silêncio na sala.

Estudante 1: voltando ao tema da hipertensão, no curso de farmácia da USP temos 49 professores e 1 se autodeclarou negro. Quando fomos discutir cotas, ouvimos que não era necessário porque havia representatividade. Na turma só 7% eram declarados. Pensando nos anti-hipertensivos, buscamos pesquisas na faculdade, que se pronunciava como vanguarda, e não existiam. Falaram que não era necessário com ressalvas produzir medicamentos para certa especificidade porque a hipertensão era algo resolvido. Não tinha ninguém para resolver ou pensar a questão. Formamos profissionais que entendem essa questão como resolvida. No site do Ministério da Saúde as normas estão lá. Não funcionam, mas está tudo ok.

Débora retomava a palavra afirmando que se trata de uma cadeia. E seguia questionando: *“quem vai ter ideia de pesquisar coisas para a população negra nesse corpo de alunos e professores?”* e *“como, nós que estamos fora e não temos acesso a esse espaço, vamos fazer isso?”*. E o tema do racismo voltava à cena: *“É a questão do racismo estrutural. Antes das cotas tinha 2% de alunos negros nas universidades públicas¹⁷⁴ e privadas de todos os cursos do país [...] que bom o seu exemplo”*.

A esta altura eu havia recebido uma mensagem de que os Poetas Ambulantes estavam chegando. Olho para trás e eles estão na porta da sala. Logo eles entram e começam a se acomodar próximos à Débora. Vejo Jefferson cumprimentando Débora. E outras trocas de abraços acontecem. Era uma alegria vê-los juntos, ainda que brevemente, pois Débora logo sairia em função de um outro compromisso. Os Poetas se acomodaram próximos à Débora. A roda de conversa prosseguia

Laura: precisa reconhecer que há várias estratégias. Como desmontar uma relação sem horizontalidade? É preciso reconhecer o saber do outro como legítimo. Nós podemos fazer de outro modo. É importante provocar no outro a certeza da legitimidade do direito de existir, do que ele sente. Uma relação de escutar mais e falar menos.

Estudante 3: Se alguém tem uma doença terminal a gente não pode ter dó daquela pessoa. Tem que reconhecer naquela pessoa a humanidade dela senão não tem o diálogo do que eu posso oferecer e do que ele quer.

Laura: As relações de educação, de saúde, são produzidas no encontro. Não é demagogia dizer que elas só operam pra valer quando produzimos alguma troca. Embora não seja suficiente ter estudante negro, concordo que não é a mesma coisa, o mesmo lugar de poder, mas tê-los traz uma força para dentro da universidade. Antes o assunto não tinha. Na hora que começam a estar coisas acontecem com os negros, com as questões de gênero. Já vivenciamos aqui cenas difíceis. Por exemplo, uma aluna nossa entrando no prédio da faculdade de medicina, numa situação que ia ter uma festa e foi cancelada, tinham vários alunos amigos dela daqui que estavam no bar do caoc. Quando ela foi entrar o porteiro disse: “você não pode entrar porque não tem festa”. E disse que não iria para uma festa, que iria encontrar com os colegas lá dentro, que era aluna da USP”. E o porteiro, que era negro, falou: “não está tendo festa agora, mas é só você chegar que vai começar”. Chamou a menina de prostituta. Ela entrou, chamou o centro acadêmico, entrou escoltada. Teve uma sindicância. Os alunos da saúde pública fizeram uma manifestação, os professores foram, nós fomos na Medicina falando que era um caso de racismo institucional. Nossos amigos da Preventiva ficaram furiosos. Parecia que estávamos acusando as pessoas. Lá, aqui, tem. Mas aconteceu lá. Como o porteiro era negro, então não foi considerado racismo. Virou uma certa pizza com alguns procedimentos disciplinares. Aconteceu outra coisa aqui com alunos brancos, namorados, que estavam de mãos dadas. Uma professora da casa falou para os seguranças colocarem os

¹⁷⁴ No final de 2019, uma matéria da Folha de São Paulo intitulada “Com cotas, aulas da USP começam a perder 'brancocentrismo'” relata o crescimento do número de estudantes negros na universidade que, de 2014 a 2019, no qual a parcela de ingressantes de escola pública na USP passou de 32% para 42%, e a de pretos pardos e indígenas, de 17% para 25%, sendo que desses 62% ingressaram pela cota. A matéria destaca ainda que no mesmo período, a participação de alunos com renda familiar de até três salários mínimos cresceu de 17% para 25%, e a faixa de mais de dez salários encolheu de 33% para 26%. Os relatos dos docentes entrevistados conversam diretamente com as questões levantadas por Débora e pelo calouro de saúde pública, na medida em que enunciavam que a presença destes estudantes traz outras discussões que não costumavam estar na Cidade Universitária. Nas vozes dos alunos entrevistados as tensões do abismo social e do racismo: “Um funcionário me parou e perguntou se eu era estudante. Eu estava com uma camiseta com o nome da faculdade” (aluno de direito); “Quando passei pela portaria, o funcionário me desejou bom trabalho” (aluno de fisioterapia); “Quando escurece, é comum as pessoas atravessarem a rua ao me ver na calçada”, (aluno de engenharia de produção); “Quando desço a rampa, sinto que um monte de gente fica me olhando” (aluno de medicina), “é comum ouvir que eu não tenho cara de médica” (alunas de medicina). “E, quando coloco o jaleco, ficam tentando olhar o crachá para tentar entender” (aluna de pós-graduação).

dois para fora. Eles reagiram, o centro acadêmico fez um documento dirigido à professora dizendo que se ela não sabia tinha cometido um crime, e exigiram, no mínimo, uma retratação pública. A comissão de graduação criou um espaço público e ela teve que pedir desculpa publicamente. O feminismo, as questões de gênero, vão ganhando visibilidade e vão explicitando temas que antes ficavam submersos. Na minha sala de medicina tinham vários homens gay, as mulheres eram mais enrustidas, mas eles ficaram na moita. Certos assuntos começam a ser tratados com a seriedade necessária quando os protagonistas estão dentro. Quando eles não estão é uma referência externa, longínqua. Hoje em dia temos alunos negros no mestrado, no doutorado que serão professores. Acho que isso vai fazer diferença. A presença como estudantes já está produzindo muitas modificações, possibilidades de lidarmos com assuntos que antes as pessoas sofriam preconceito quietas. Tenho amigas médicas negras que dizem “se for brigar, será todo dia, o tempo todo”. Ela entra num hospital, não o que ela trabalha, e acham que ela é técnica de enfermagem, se ela entra no centro cirúrgico pedem coisas como se não fosse médica. É sem parar. O menino não pode correr com a mochila nas costas na rua senão é derrubado. Tem que falar!

Neste momento Laura faz agradecimentos a Débora reiterando a vontade de repetirmos encontros como aquele. Débora se despede de todos agradecendo e explica que terá que sair por conta de um compromisso de trabalho. A conversa com os poetas já se iniciava enquanto eu e Laura saímos da sala para nos despedirmos de Débora.

Jefferson: A gente se conheceu no sarau. Surgiu isso de querer fazer no transporte público.

Estudante: Vocês são repentistas ou falam poesia de outros poetas

Jefferson: A gente ia para Cooperifa. Carol e Luz em um dia que a gente estava no CCSP¹⁷⁵ tiveram a ideia de escrever poesias no chão para que as pessoas pudessem ver. Choveu neste dia e acharam que ninguém viu nada. Começaram a pensar maneiras de levar a poesia que a gente via, sentia, para pessoa que não conheciam os saraus. Surgiu a ideia de entrar nos ônibus. Elas experimentaram viram que era possível. Chamaram a gente e a começamos a pensar como coletivo. Tem uma seriedade no trabalho porque a gente sabe o que é levar a palavra, a poesia

Mari: nós temos um *doc* de 10 episódios.

Enquanto saía da sala, via Caetano circulando e oferecendo água para pessoas. Começava o documentário. Ao final de uma breve apresentação do primeiro episódio do documentário, Jefferson enunciou: “*Embora haja tantas desventuras a vida é uma luta e poemas são armas letrais, Jefferson Santana*”. E Carol seguiu da outra ponta da sala: “*isso de a gente querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar além, Paulo Leminski*”. “*Em São Paulo o amor se inibe e se algum sentimento nasce o Doria proíbe, Jonas Worcman*”.

Em meio aos sorrisos e sustos que eu via se formando a cada verso, lembrava do que havia me passado quando vivenciei pela primeira vez o que podem juntos os Poetas Ambulantes em um aniversário do coletivo comemorado na Casa da Rosas: “*como eu queria que eles pudessem estar na faculdade*”. Era o que eu pensava. E lá estavam eles naquela tarde!

¹⁷⁵ O Centro Cultural São Paulo também fez parte de minha caminhada. Lá realizei uma conversa do campo e vivenciei o primeiro encontro de feminismo em fricção, uma série de debates e apresentações artísticas sobre temas insurgentes do universo do feminismo que inclui questões de gêneros, identidades e cultura. Este encontro foi iniciado com a intervenção artística Cura ao Gozo da Cia Capulanas inspirada no espetáculo Sangoma, sobre o qual Débora Marçal nos falava naquela tarde, e o segundo momento foi o debate Mulheres Contra a Cultura da Violência mediado por Nerie Bento (assessora de imprensa do CCSP, feminista negra interseccional e diretora da Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop) e que contou com Suzane Jardim (Suzane Jardim – historiadora, educadora, abolicionista penal e pesquisadora em dinâmicas raciais, criminologia, segurança pública e violência de Estado; coautora do livro Tem Saída e que atua como formadora em projetos antirracismo e anticárcere), Terra Johari (advogada, Mestra em Antropologia Social que atua como Analista de Políticas Públicas na Secretaria Municipal de Cultura, pesquisadora de teatro e performances negras e como atriz, modelo e performer independente e Gal Martins (arte educadora, formada em Educação para a Juventude pela Fundação Darcy Ribeiro, supervisora artístico-pedagógica no Programa Fábricas de Cultura, fundadora e diretora artística da Cia. Sansacroma e projeto Zona AGBARA).

“*Sonhava com coletivo. Foi trabalhar de motorista de ônibus*”. Com este verso lançado por Mari, vi sorrisos se apagando. Reterritorializações e desterritorializações é o que provocam estes/estas poetas em seus nomadismos. “*Acorda Brasil acorda, acorda [bate palmas]. A corda ainda tá no eu pescoço*”. E lá seguiam provocando uma profusão de afetos com toda a potência da crítica social que os habita em par com uma alegria. E lá seguiam eles e elas se instalando em nossos corpos de forma performática, misturando o que se passa e ressoa em corpos que se produzem *poeticamente políticos*.

Figura 101: Thiago Peixoto enunciando que a corda ainda em nossos pescoços

Após Thiago enunciar que a corda ainda circunda nossos pescoços, Carol dispara do outro lado da roda: *Vendo pó, vendo pó... Vendo pó...esia!*¹⁷⁶

E o poema que lembro ter visto provocar vários olhares de desconfiança no “assalto poético” que vivi no metrô, seria declamado por Thiago

A senhora estava andando pela rua quando caiu¹⁷⁷
 O que ela tinha?
 Tonturas, dores, fome, frio?
 Oqueelatinha?
 Não se sabia. Ela não dizia o que tinha
 Nossa! Você viu?
 Mas o que ela tinha?

¹⁷⁶ Poema Biqueira Literária d livro “*Vendo pó...esia!*” de Rodrigo Ciríaco (2016)

¹⁷⁷ Poema OQUELATINHA de Emeson Alcalde

Lá, tinha um cãozinho deitado tremendo de frio.
 Latia, lambia a tia.
 A multidão parou pra perguntar o que ela tinha
 O que ela tinha?
 Antes as pessoas não perguntavam o que ela tinha
 Mas agora todos querem saber O QUE ela tinha
 Lá tinha Si tinha Dó tinha Ré tinha Fá tinha Sol tinha
 PREtinha
 Mas afinal o que é latinha?
 Uma lata pequena - o antônimo de latão?
 Não! Não? Não!?
 A senhora morreu deitada no chão
 Abraçada com a única coisa que tinha;
 Suas latinhas

Eu vibrava em silêncio ao lado de Laura. Pedi sua mão, pois queria partilhar a alegria que se passava no meu peito. Eu seguia vibrando de vê-los ocupando aquele espaço. Mal podia me conter em ver no centro da roda Carol, Thiago, Jefferson e Mari com Caetano. Ah, o pequeno Caetano. Durante todo o encontro ele também brilhou. No momento da intervenção esteve o tempo todo colado ao corpo de Mari, atento aos gestos e aos versos declamados. Depois da apresentação, o mundo era dele... ele corria, sorria, trepava, balbuciava e cutucava o que via pela frente... mochilas, sombrinhas, garrafas de água, cadernos, celulares. E o que não via, explorava. Atraindo sorrisos e olhares.

Figura 102: Caetano em suas explorações

Muitos sorrisos foram oferecidos e arrancados por ele. E nesta os/as estudantes seguiam se dividindo entre a conversa com os Poetas e a interação com Caetano. Vendo-o, lembrei novamente das crianças que conheci em minha caminhada. Um cultivo de fazedores de arte, poetas, *escreviventes*,

musicistas, cantadores, atores, ativistas mobilizados por fazer germinar outros possíveis como o fazem todas/todos/todes que cuidam deles no agora...

Jefferson, que estava sentado ao lado de uma aluna, levantou-se. Suavemente começou a recitar os dois primeiros versos de a “Flor e a Náusea”. Thiago se aproximou. E ali, pela escrita de Drummond, aconteceria mais um dueto. Aquele poema se tornou muito marcante, pois todas as vezes que o ouvia, ao tempo em que atualizava a força da gestualidade de Jefferson e Thiago, os versos me colocavam em contato com outro poeta-professor, Acácio Batista, que o recitara sempre de modo tão singular na Cooperifa. Poema escolhido por ele para ser oferecido a Dona Edite no “não mexe comigo que eu não ando só”. Esta existência-voz que, como outras que ouvi e senti incontáveis vezes na preparação do cd, permanecia como uma presença viva na minha existência-memória. Vivo uma experiência indizível todas as vezes que este poema acontece. E Jefferson, Thiago, Acácio, Dona Edite e Drummond seguiam juntos naqueles versos.

Muitos sorrisos se escancararam quando Carol circulou pela sala na companhia de Adoniram Barbosa entoando seu famoso verso “*Não posso ficar nem mais um minuto com você...*”. E logo Jefferson, Thiago, Mari com Caetano também cantavam em um olho no olho com cada um de nós: *Quais, quais, quais, quais, quais, quais...* Adoniram e Kiko Dinucci se chegavam na roda¹⁷⁸. Em meio aos sorrisos que enchiam a sala por um instante chamou minha atenção as pessoas que circulavam pelo corredor da faculdade. Num instante pensei: *estaríamos incomodando?* No outro (des)pensei: *que incomodemos!*

Carol dispara: “Somos os poetas ambulantes muito obrigado a todos tenham uma boa tarde!”

Ali começaria um papo que foi longe. Carol conta que o Projeto do documentário contemplado pelo Projeto Vai da Prefeitura é uma web série de 10 episódios que contam um pouco da história e do dia a dia das saídas. “*É super gostoso a troca com os passageiros e muito legal enquanto artista porque é uma energia muito verdadeira, muito bonita. Fazemos uma saída por mês, quem quiser pode chegar, mesmo quem não é poeta pode ir. Paga condução, infelizmente. Mas quem quiser pular a catraca à vontade*” diz com um sorriso insurgente. E Caetano, como que em uma insurgente concordância, dispara no mesmo instante da fala de Carol uma sonora risada. Gargalhada geral.

“*Faltou hoje o que a gente também faz que é abrir espaço para vocês falarem poesia, porque a gente sabe que tem vários poetas aqui disfarçados*”. Mais risos. “*No busão a gente fala ‘promoção e pras moçonas quem falar um poesia ou qualquer expressão artística ganha um livro’*”. “*Vocês podem falar*” – diz Carol chamando os estudantes para a conversa

- Estudante: não vou fazer poesia, vou falar. Achei muito legal quebrar um ambiente totalmente encaixotado que quase todos devem passar no transporte público. Deve mudar o dia de várias pessoas. Gostei pra caramba de conhecer vocês.

¹⁷⁸ Trem das Onze, de Adoniram Barbosa, mesclado às estrofes declamadas de Depressão Periférica, de Kiko Dinucci

- Mari: a proposta é essa. A gente estar num lugar onde as pessoas não esperam escutar nada. Muito menos poesia.
- Estudante: vim pra São Paulo pra estudar. E hoje entrei num vagão que tinha três músicos tocando. É sensacional entrar e ter alguém mostrando o trabalho, a arte. Muda o dia completamente. Vim muito mais disposta. Apresentação de vocês foi incrível! Queria muito ter a oportunidade de encontrar vocês no metrô. Sei que ia mudar meu dia pra melhor [...]

As palavras da estudante que partilhava os efeitos experimentados no encontro com a arte no transporte público e na apresentação daquela tarde foram devolvidas com delicados sorrisos de Mari, Jefferson, Thiago e Carol. E esta última pontuou

- Obrigada! Essa a intenção mesmo. Uma das coisas importantes que nós quisemos levar para o transporte é que na cena cultural, o que vocês falavam antes de chegarmos sobre as questões sociais, debatemos muito, mas isso não chega na grande massa. No transporte público as pessoas estão lá. Intercalamos com humor, mas colocamos pautas para reflexão. Quanto a aceitação, pela correria da cidade, as pessoas ficam muito fechadas. Falo que a primeira entrada não é aceita, começamos com o discurso dos ambulantes e muitos acham vamos pedir. Por ter essa dinâmica vamos tentando falar uma poesia que achamos que vai encaixar com a pessoa. Costumamos sair com bastante aprovação.

Thiago partilhou que os efeitos das saídas são percebidos em ato e de modo virtual: *“Já recebemos várias mensagens pelas redes sociais, mesmo. A galera fala disso: ‘mudou meu dia’. Já aconteceu de pessoa fazerem o itinerário com a gente, de pararem o que iam fazer para seguir até o final da intervenção. Em São Paulo tem esse bloqueio: ‘eles vêm vender alguma coisa’. Damos ‘boa tarde’ cientes que as caras vão estar meio viradas”*, pontuou Thiago. E prosseguiu apontando para mim citando o dia em que vivi a saída com o coletivo: *“Não sei se você conseguiu observar isso, olhar, o semblante, das pessoas que estão de um jeito e como ele vai se transformando. É muito legal! Próximo a ele, concordei com um ‘sim’. A gente não passa o chapéu, que é legítimo. Vamos para fazer poesia, às vezes o pessoal dá dinheiro, 10 reais”* – continua. *“E a gente aceita”* – diz Jefferson sorrindo timidamente. *“Não, não adianta, a gente não aceita!”* – seguia Thiago. Gargalhada geral.

A fala de Thiago remetia justamente a uma de minhas percepções ao viver o “assalto poético”. Como esquecer o que se passou naquele encontro de corpos que se conectavam de diferentes formas entre si e aos corpos dos/das poetas; a moça que se dividia entre o livro e olhares de soslaio para o reflexo de Carol na janela do trem; a treta bancada por Carol quando um moço protestou que “*Paulo Vittar*” não fazia música; o mar que foi se fazendo nos olhos de uma mulher ao ouvir a partilha de outra que cantaria para o filho gerado com tanta dificuldade; o homem que aos poucos foi sorrindo e recostando cabeça, sem olhar para Carol ao seu lado, ao ouvir Adoniram Barbosa? Como esquecer da experiência com estes corpos em transpassagens tomados de súbito pelo imprevisível como também acontecia comigo? Experiências marcantes de um encontro com o sensível nas palavras, nos olhares, na gestualidade entre nós que éramos tomados de assalto.

- Estudante: Também vim para São Paulo faz pouco tempo e queria perguntar como é a relação com os guardinhas

- Jefferson: *“Com a SPTrans nunca tivemos problema. Ela até nos autoriza. O metrô e a CPTM não legalizam nosso trabalho. Há sete anos negociamos com eles. Houve um momento de aproximação, mas eles queriam padronizar demais nosso trabalho, separar um vagão. O coletivo quer pegar de surpresa”*. Sentada próxima à Jefferson, Laura assenti.
- Thiago: o vagão da poesia... quando tínhamos apoio do Vai, a Prefeitura indicou que os motoristas dessem carona.

Jefferson contava sobre os percalços das intervenções. Ela falava sobre um secretário de transportes que gostava de poesia e que ao saber da existência dos Poetas Ambulantes, embora não os tenha patrocinado, pelo menos havia indicado que os motoristas permitissem sua entrada no ônibus. *“Várias vezes usamos a estratégia de mudar quem está falando para fazer o guarda entender que não estávamos causando transtorno e para que percebesse que precisaria atravessar todo o vagão para achar quem estava falando”*. E do debate dos seguranças com a gente perguntávamos: *‘está alguém incomodado’*. As pessoas batem palma e o guarda foi embora. Mas já aconteceu de a ação do segurança incomodar mais do que a nossa, de ele ficar e nos fazer descer”. E prosseguia citando a relação com os vendedores ambulantes: *“Com os ambulantes nos damos super bem, eles entram, participam dos saraus.”*. E Carol segue respondendo ao estudante

- Carol: não sei se você já andou em todas as linhas, mas a verde é a que teve segurança todas as vezes que fizemos intervenção. É elitista A linha vermelha dificilmente tem. De trem menos ainda, com exceção da linha esmeralda da CPTM. Uma vez o Jefferson tentou trocar de vagão, nós trocamos, e ficou na linha
- Jefferson: tinham alguns amigos nossos, mas eu era a pessoa do coletivo que estava trocando ideia com o segurança, porque primeiro ele chegou na Carol super ostensivo e ela ali debatendo. Quando trocaram de trem, vieram dez seguranças e me rodearam, começaram a me intimidar, queriam me colocar para fora. Tive o azar, estava filmando ao vivo, o sinal caiu. Ao vivo, se acontece alguma coisa podia dar uma repercussão.

Mesmo já conhecendo aquela passagem ainda ficava chocada ao ouvi-la. Lembro da mistura do desconforto que senti quando perguntei agoniada a Jefferson em nossa conversa: *“e o que aconteceu???”*; *“tive que abaixar a minha bola e sair”* foi a resposta que ouvi dele na ocasião. Indignação eu senti!

“Vou morrer, mas vão descobrir” – dizia Mari. Risada geral. E Jefferson também rindo seguiu: *“vou morrer pela poesia, vou apanhar pela poesia”*. Todos seguiam fixados na experiência contada por Jefferson: *“A gente já conhece relatos de pessoas que vão para uma salinha no metro, na barra funda, onde vendedor ambulante costuma apanhar lá”*. E Laura perguntou: *“como você saiu dessa?”* E novamente as palavras de Jefferson me afetaram: *“Tive que abaixar minha bola e dizer que ia parar, porque ele estava a todo custo dizendo ‘vocês me desrespeitaram’*. O segurança que falou com a Carol cresceu porque estava no meio de nove. Foi bem chato. Reencontrei com eles e não tínhamos condições de continuar. Mas já conseguimos driblá-los, deixá-los constrangidos e continuar a intervenção”.

Uma relação difícil que aos poucos foi produzindo modos para lidar com ela. *“Em sete anos temos amadurecido no diálogo com eles. No início falavam pra gente sair e a gente parava ou tentava trocar de vagão – disse Carol. “Com o tempo percebemos que se estamos agradando, vamos chamar os*

passageiros para a discussão sem parar a intervenção. Neste dia do Jeff foi muito louco: ‘até quando vamos sair e abaixar a cabeça!’. A gente estava muito fortalecido de ir para o front. Quando encontramos o Jeff totalmente abalado falamos: ‘não temos ainda poder para comprar essa briga’”.

“Legalizar” o que não é ilegal. Para os seguranças do metrô e da CPTM (que também experimentam doses de diárias de opressão) é difícil lidar com o imprevisível, se movimentar por entre as linhas do nomadismo destes corpos poéticos e suas insurgências. Violência tende a ser a resposta, a depender da cor que tinge a linha em que estão Carol, Mari, Jefferson, Thiago e agregados em seu pouso temporário como eles já haviam me contato. Haveria medidas legais para lidar com a situação. Mas talvez elas não assegurassem sua função protetiva pela intensividade que se passa no encontro singular entre o sensível e as normas de convivência, possivelmente definidas em frios gabinetes, que são operada pelos seguranças, mesmo com manifestações favoráveis dos passageiros como vivenciado em diferentes saídas e que são tomadas como estratégias de enfretamento pelos Poetas. O instituído ocupa ouvidos que frequentemente se tornam moucos aos diálogos. E nessa conversação truncada os seguranças nada tem a dizer sobre quais regras estão sendo infringidas. Não conseguem responder porque simplesmente não há infração. O instituinte que pega os passageiros também pega os seguranças por linhas outras. O imprevisível sempre presente. E, assim, vivendo as imprevisibilidades que podem atravessá-los em seu devir nômade, eles seguem se fortalecendo para o combate. Há uma questão que me afeta sobre este tema: produzir meios legais para as saídas dos Poetas que pode reverberar para outros coletivos.

E o encontro com estas experiências me provocou uma outra questão: *poesias nas frias paredes do metrô, pode?* Esse pensamento me passou ao lembrar do período em que transitava diariamente na estação Vila Madalena, logo de minha chegada a São Paulo, quando via nas paredes várias poesias de Luiz de Camões. Uma incômoda constatação que diariamente me habita especialmente porque a cada vez que subo as escadas de uma estação de uma linha azul do metrô (a mesma que vivi a saída com os Poetas) cresce diante dos meus olhos mais uma destas poesias. Poetas canônicos e calados podem ocupar o metrô como acontece com outras formas de manifestação artística, conforme ilustradas na publicação *Arte no Metrô*¹⁷⁹. Diante de painéis de artistas consagrados e do mural que divide espaço com o mapa das linhas do metrô, já me pus a pensar inúmeras vezes sobre este assunto ao esperar a chegada do trem. Esta arte e manifestações artísticas “devidamente autorizadas” são bem-vindas no metrô, como é o caso das apresentações da banda de seguranças do metrô¹⁸⁰ e de outras apresentações musicais definidas para os ditos “usuários” do transporte público. Das interdições e liberações de São Paulo.

¹⁷⁹ <http://www.metro.sp.gov.br/cultura/arte-metro/livro-digital/arquivos/assets/downloads/publication.pdf>

- Estudante: queria fazer um relato. Vi uma intervenção de vocês na linha vermelha em 2014. Acho muito legal no trabalho porque vocês apontam coisas do cotidiano que as pessoas não se percebem disso. Neste dia, eu ia descer em Itaquera, não sei como é o itinerário, só sei que quando vocês deixaram o vagão tinha uma senhora assistindo que disse não estar passando bem. Na hora descemos, esvaziou o metrô, e ela caiu no chão. Fez uma roda e alguém na multidão gritou “o que ela tinha?”. Foi o suficiente para todos se afastarem. Foi engraçado, todos se entreolharam porque vocês tinham acabado de falar “o que ela tinha?”. Acho legal porque a poesia de vocês tem várias camadas.
- Laura: alguém ajudou ela?
- Estudante: sim, as pessoas foram percebendo que alguns estavam em cima dela só para fofocar. Com esse baque o pessoal conseguiu ajudar ela muito mais rápido, veio a maca, entrou com mais facilidade
- Estudante: já acompanhei o trabalho de vocês, já fui em alguns *slams*. Acho que esse trabalho de quebra da disciplina do dia a dia, horário de trabalho, o que as pessoas estão pensando, os relatos de embate com o policial ou a disciplina no vagão, mostra o quanto as pessoas têm essa voz, porque muitas vezes é o que queremos ouvir, o que não ouvimos ou o que queremos falar e não encontramos essa voz [estudante ao lado assenti]. Quando alguém fala está sendo parado naquele momento, naquele lugar se quem ouve e se identifica, quem está representando está ali sendo parado. Acho incrível esse poder de fazer as pessoas pensarem sobre a própria voz. É um agradecimento meu mesmo.
- Jefferson: tivemos que repensar algumas ações no período eleitoral, conversamos o que íamos falar. Estamos expostos, diante de desconhecidos. Muitas vezes no sarau ou no *slam* está o público que já frequenta e mesmo assim acontecem questões. No transporte público ao mesmo tempo que atingimos quem não se ligou tem esse outro lado de poder vir qualquer coisa. Essa tensão foi constante no segundo semestre do ano passado.
- Estudante: não conhecia o trabalho de vocês. É muito interessante, porque é muito difícil você se reconhecer na arte... Laura: não oficial. Estudante: isso! E quando vê uma galera falando poesia de coisas do cotidiano. É muito interessante.

E Thiago retoma a questão da disciplina colocada pela estudante que renderia mais conversa:

“Você falou de mexer na disciplina do local, a gente nem faz como aconteceu aqui, a gente começa a falar sem apresentar nada.. A gente sempre faz onde a gente vai, não só no transporte público, porque gostamos de ver essa reação ao não saber o que vai encontrar”. E Laura compartilha algumas impressões: *“vocês falam de muito assuntos, mesmo que só recitassem os poetas reconhecidos, é impressionante a intolerância ao imprevisível nesses espaços pelas ‘autoridades’. E chocante, né? Porque é: perturbou a ordem, a ordem é o silêncio, mesmo que não estejam passando o chapéu como se fosse ilegítimo isso. Mas é que em certos lugares coisas podem. No domingo, na Paulista pode tudo. É melhor que não ter, mas é impressionante como qualquer coisa que não seja o silêncio é muito incomodo”.*

E Carol trouxe justamente o assunto que ficou latente em mim a partir da interação com o que vivem-produzem os Poetas Ambulantes: *“na linha verde todas as estações têm poesia escritas. Ah, poesia só pode nas paredes. Ao vivo não?!”. E um estudante entrou na conversa: “acho que não é nem o silêncio porque tem o barulho das vozes indicando as estações. É, o som esperado”.* Do outro lado da sala Laura pontuava: *“É o silêncio das pessoas. Elas têm que ficar quietas. No máximo, cada um com seu fone de ouvido, não é para interagir”.* Ao lado de Laura, Jefferson lembrava: *“e teve a questão da música ambiente colocada no metrô. Na situação que o segurança estava debatendo com a Carol, quando outros me cercaram, uma passageira nos defendeu dizendo que estava incomodada com a*

música do metrô. O segurança estava tão desrespeitoso que a destratou. A passageira peitou o segurança dizendo que relataria o que estava acontecendo”.

O que diz de modo bastante eloquente à intolerância ao silêncio? Os corpos que se movem em movimentos dissonantes ao padrão, ao que é esperado, devem ser silenciados por existências que também não tem voz e nestes casos lançam mão do que podem: a coerção. *“Eu me aproveitei quando a passageira reclamou, mas tive que abaixar a bola porque tem muito isso: o que é permitido! Por exemplo, a Paulista está lá com horário marcado você pode tudo. Carnaval é com bloco regularizado, pode”*, seguia Jefferson. E Laura pondera: *pode médio, porque teve gente que levou bala na Paulista”*. Ao que Jefferson concorda enunciando uma prática naturalizada: *“é uma moda em São Paulo, alguma coisa que foge do padrão eles querem dispersar com gás lacrimogênio, bala de borracha. É uma tendência em São Paulo, no Brasil”*. Sobre o histórico de ocupação de cidade Laura analisa o quanto havia um recolhimento em São Paulo se comparada ao Rio de Janeiro se considerado que vivemos um processo de devolução da rua para cidade de vários modos, especialmente a partir da gestão de Fernando Haddad: *“o efeito disso é interessante porque vai quem quiser. Tem uma aluna de Itaquera que fala que quem vai para a Paulista não é quem mora em Itaquera”*. Ao seu lado Jefferson e Thiago seguem concordando. E Laura continuou: *“é muito importante um espaço como a Cooperifa e o que vocês fizeram que é levar esse movimento para quem não quem não vai, não está nunca em certos espaços. Mesmo com autorização, por exemplo, em relação à Paulista, é melhor as pessoas estarem se apropriando da rua que não”*. Jefferson novamente assenti com a cabeça à fala de Laura que seguia: *“porque as pessoas vão usando mais o espaço e mais coisas inusitadas vão acontecendo. Muito legal vocês começarem ‘eu podia estar...’”*

O agenciamento das palavras usadas para disparar as intervenções abriu caminho para que Jefferson partilhasse mais um pouco sobre a relação com os vendedores ambulantes. Enquanto eu saía da sala com Carol e Mari pela necessidade de levarem Caetano ao banheiro, Jefferson seguia. *“Essa nossa fala é uma provocação. É meio uma gratidão, porque o Poetas Ambulantes nasceu inspirado neles. Quando encontramos vendedores ambulantes dentro do trem alguns perguntam ‘estou atrapalhado?’. E dizemos: ‘Não, não você não está atrapalhando’. Paramos a apresentação: ‘pessoal intervalo comercial do shopping trem’. A nossa relação com eles é muito boa. Eles vêm com essa linguagem, pegamos isso deles. Eles várias vezes participam das intervenções como mostrou no documentário”*.

Thiago então traz para a cena a possibilidade de comunicação com os passageiros considerando a dinâmica produzida nos Poetas Ambulantes: *“sobre a não comunicação, vejo essa possibilidade pelo fato de o transporte público ser uma potência em termos de comunicação social mesmo. Têm vezes que distribuímos de 800 a 1000 panfletos com poesia, fora os que a gente não distribui, mas a voz alcançou.*

Então você está propondo um diálogo com muita gente mesmo. E ele se estabelecesse várias vezes como nesse caso que você trouxe sobre as pessoas se identificarem com o que falamos. Desde o começo, surgimos em 2012, em 2013 teve as manifestações, e fazíamos intervenções de apoio reunindo poetas da cidade toda. A gente já fez saída contra a redução da maioridade penal e trazendo questões no período de eleição. A gente vai levando os temas e gera debate dentro do transporte público para pessoas que muitas vezes esse debate não vai ser colocado hora nenhuma”.

Da fala de Jefferson sobre a relação com os vendedores ambulantes veio uma fala de Helena Silvestri, que também iniciava a graduação em saúde pública, sobre uma “conversa afiada” tecida a partir das linhas produzidas pelos Poetas Ambulantes.

- Helena: a gente encontrou uma galera que estava fazendo poesia no busão inspirada em vocês e um dos companheiros é camelô que inclusive labuta no MAO, movimento dos ambulantes organizados. Eles estão tentando organizar os camelôs por avenida porque com o desemprego um monte de gente começou a vender nos pontos de ônibus e começou a dar briga. Pensaram nisso para tentar que a prefeitura regularize ou permita o trabalho deles. E nessa história começaram a fazer a “conversa afiada”. Eles conversam sobre qualquer coisa um em cada ponta, gritando, uns assuntos polêmicos e até rolavam umas poesias. E disseram que tinham tido contato com o trampo de vocês.
- Thiago: Esse é um debate que a gente vem fazendo no nosso coletivo. De todos os projetos que a gente quer é se aproximar dos ambulantes, fazer um trabalho de poesia com eles e ver para onde isso vai

Foi interessante perceber como a presença de Helena produziu uma interferência. Binho e os movimentos realizados no Sarau do Binho passaram a ser incluídos nas falas. “*No documentário vocês falam sobre a Cooperifa, queria que partilhassem sobre a relação com a Cooperifa?*”, perguntei. “*Nos conhecemos lá. Eu e meu irmão fomos e aí conhecemos o Jeff, a Mari, a Luz. O primeiro ponto é que se não existisse, a gente não teria se encontrado*”. Neste momento os quatro se entreolham afetuosamente e sorriem com as palavras de Carol que continuou: “*E o Vaz, o Binho, toda a galera que veio antes são mestres*”. Jefferson assenti com a cabeça a fala de Carol. “*Admiro muito a escrita deles e a militância nessa causa pela cultura periférica. É muito forte, eles ensinaram muito pra gente nesses setes anos*”.

Jefferson ao contar sobre o encontro com a Cooperifa e com os outros integrantes do coletivo falou sobre os encontros que produziu consigo.

- Foi o lugar em que todos declamaram pela primeira vez. Eu escrevia desde adolescente, mostrava para meia dúzia de pessoas e num determinado momento alguém me falou da Cooperifa. Demorei uns dois anos pra ir e quando fui senti, de fato: “poxa, é aqui que vou falar, que vou ter minha voz”. Comecei a me desprender de um monte de coisas. Sempre falo que fui uma pessoa muito tímida e através da Cooperifa, comecei a trabalhar essas questões. Via os poetas mais antigos, conheci o pessoal do sarau do Binho [aponta para Helena] depois chegou uma galera da minha idade, conheci o Thiago, trocávamos ideia sobre o Corinthians [ri], daqui a pouco conheci Carol, Luz e Mari e fomos trocando ideia. A Cooperifa foi o ponto de encontro, onde todo mundo de alguma forma se libertou e colocou as coisas que estavam no coração pra fora. E nesse contexto o Vaz, a Cooperifa, assim como o Binho, são referências para esse movimento.

Na fala de Thiago pistas de um acontecimento no corpo, de um dispositivo que explode o encontro com o que parece já pertencer a uma existência e com o que ela pode aos ser afetada e afetar outros corpos. Encontros que afetam outros viveres e fazeres. Agenciamentos!

- Não sei se hoje um poeta, olha para isso. O primeiro sarau que fui era de dez anos da Cooperifa. Me influenciou demais, sou formado em comunicação, estava fazendo MBA, trabalhava em agência: “não, para!”. Fui fazer poesia. A Cooperifa tem um papel importantíssimo de enxergar uma possibilidade de viver de cultura e de ter um formato. Não temos o mesmo formato, mas ela ocupa um lugar que não era um espaço cultural. E a gente enxergar que pode transformar qualquer espaço para falar poesia passa por esse lugar também. Esse movimento é um absurdo. Isso mexeu demais com a gente. É a ideia de levamos este movimento mesmo pro ônibus. Já ouvi o [Sérgio] Vaz falar muitas vezes sobre o poeta ativista, que se preocupa com a sua cidadania, posso falar por mim, mas acho que desenvolvemos um pouco desse olhar para a cidadania através da poesia nos saraus. Estar no transporte público é exercer isso.
- Jefferson: é falar sobre o povo e estar junto do povo. É isso que ele [Sérgio Vaz] costuma ressaltar
- Laura: e abre espaço para o povo falar de si mesmo
- Jefferson: nós somos o povo também, somos todos periféricos

“*Gente, desculpa, meu filho é muito cutuquento*”. E lá seguia Caetano ao se liberar das pernas de Mari que o envolviam. “*Que bom, né! se ele ficasse parado ia ser muito esquisito*”, dizia Laura rindo. Carol anuncia que vai passar o livro¹⁸¹ do coletivo e de cada um deles. E um pouco mais *dos comos* vividos para além do Poetas Ambulante entraram na cena. Falando sobre suas obras, contavam de si. Thiago começa contando sobre “passageiro da linha tênue”, seu segundo livro que também é um *flip book* com temas variados em sessenta e cinco poemas curtos, sem uma métrica clássica. Dizia ainda sobre seu primeiro livro, de 2013, o “Embrionários Versos Revolucionário” e do próximo que lançaria. “*Vou falar um do passageiro da linha tênue*”:

Passou mais um dia cuidando do ontem
e sem perceber
deixou mais um hoje para amanhã.

Enquanto Thiago contava que fazia parte do *Slam do 13* e respondia a uma estudante que os encontros ocorriam no terminal Santo Amaro, na zona sul, alguns livros já circulavam pela sala. Então Jefferson começava a contar de suas escritas e produções para além dos livros. “*No comecinho contei que sou professor e acho que essas coisas acabam se misturando na minha vida de forma constante. Já participei de outros coletivos e no momento estou só no Poetas Ambulantes e o que eu tenho de coletivo também é o que eu consigo fazer com os alunos. Estou na rede pública há cinco anos nos enfrentamentos do cotidiano e trabalhando quatro anos dentro de uma mesma unidade escolar consegui desenvolver um sarau com esses alunos*”.

Um pouco do que vivi sobre as produções de alguns professores na escola como as de Jefferson e de Marcio Vidal foi partilhado: “*Estávamos há dois anos de caminhada fazendo um sarau semestral,*

¹⁸¹ “Uma vez poetas ambulantes...” é o título do livro lançado em 20013 pelo coletivo em referência à frase enunciada nas intervenções poéticas: “Uma vez poetas ambulantes e nada será como antes”.

inclusive com os próprios alunos fazendo a articulação do sarau, eles eram a equipe do sarau. Foi um processo muito bacana de descobrir vários escritores mesmo, vários adolescentes escrevendo muito bem, de desenvolver a escrita. Infelizmente por questões governamentais, de fechamento de sala de aula que esse governo está fazendo, não consegui aula nessa unidade. Mas agora em outra unidade estou procurando construir isso também. Como falei, sou poeta o tempo todo, levo poesia 24 horas por dia.

A poesia encarnada em uma existência. Com este pensamento, seguia ouvindo Jefferson sobre seus livros: *“Mas é isso. Eu coloco a questão da poesia no meu ambiente de trabalho. Claro, a educação tem vários entraves, de um modo geral, ainda está em modelos muito arcaicos. Mas conseguimos driblar algumas coisas. Entre aquilo que o livro didático e a apostila pedem encaixamos atividades de poesia que até vão em conformidade, mas que servem para questionar o sistema. Sobre meus trabalhos poéticos, publiquei um livro em 2011 chamado “cantos e desencantos de um guerreiro” e em 2014 o “pétalas e pedradas”. Em 2016, aprendi a fazer encadernação e comecei fazer trabalhos artesanais. Em 2017 publiquei “Descaminhos” e em 2018 “Sinto muito!”..*

“Sou a Mariane Staphanato, não tenho livro lançado. Ainda não tive essa vergonha na cara, mas tenho poemas em antologias de alguns saraus e no livro dos Ambulantes que tem poesias nossas e de amigos. As fotos do livro são da Renata Amerlin e vocês vão ver uma transmutação nossa nas imagens. Também sou farmacêutica, mas estou afastada para cuidar do meu poema”. E eis Mari abre os braços mostrando seu poema. Novamente os sorrisos lançados para Caetano enchiam o ambiente.

E por fim Carol se apresenta. E com ela um pouco da relação com a maternagem e como escritora.

Meu nome é Carolina Peixoto. Tenho três livros publicados. O primeiro é um livro de poesias infantis lançado em 2013. Minha formação é pedagogia. Trabalhei por muito anos com educação infantil e por conta disso quis dedicar minha primeira publicação ao público infantil. Desde que minha filha nasceu em 2015 não dou mais aula. Sempre conciliei a carreira artística com as aulas. Ela nasceu e decidi apostar mais neste trabalho. Tenho conseguido viver sobreviver. Em 2017 lancei o “Dez luas” que são dez poesias que têm alguma relação com a lua. Tem poesia de amor, de feminismo, de maternidade colocando a lua como personagem ou pano de fundo. Ano passado lancei outro infantil “Mexê a mão”. Com meu primeiro livro, sentia que quando ia usá-lo não conseguia prender os alunos, a não ser que cantasse. Meu irmão musicou várias poesias do livro e eles prestavam atenção quando eu cantava. Foi nesse processo que Jeff estava fazendo o livro artesanal e pedi para ele me ensinar. Costuramos alguns e tenho costurado sozinha. Quis construir esse livro para que, além da poesia, tivesse brincadeira, tem plástico bolha, lixa para desenhar. Tento mesclar sempre trabalhando com público infantil porque também é uma preocupação enquanto cena cultural. As crianças estarem no espaço. Uma sociedade se faz com todos.

Faço parte do Slam das Minas e levo minha filha. Não a levo mais na saída por ela é pesada. A licença maternidade do Poetas Ambulantes é curta. É muito importante eles estarem respirando poesia. Tive contato com sarau aos 24 anos e minha filha vai desde a minha barriga. Ela vai fazer quatro anos e percebo que ela já tem um discurso. Bate de frente com a gente, mas é muito interessante essa construção que ela e meu sobrinho já têm. Os livros vendem a maioria em eventos. Tenho experimentado a Paulista aos domingos. Meu irmão, a gente brinca, é o melhor entre nós vendendo. Com “O dez luas” foi um exercício levar um “não”. Ficava conversando com ele um tempão. Fui aprendendo com meu irmão e tenho conseguido.

“É uma prática que faz o ambulante mesmo. Os livros vendemos online e eles custam de 15 a 25 reais. Quem quiser pegar agora tem a maquininha esperta”. Entre risos sobre o anúncio da maquininha por Carol, vários livros continuavam sendo comprados durante a conversa. *“Todos esses trabalhos foram*

feitos por iniciativas nossas. São publicações que fazemos na raça. Às vezes quando se recorre a uma editora tem que bancar este livro. Os dois primeiros livros brinco que fiz pela editora rescisão. Fiquei pouco mais de três anos trabalhando em farmácia e quando fui mandado embora peguei a rescisão e publiquei meu primeiro livro. Depois trabalhei no telemarketing já fazendo faculdade, peguei a rescisão e publiquei o segundo livro. Agora encontrei no artesanato uma possibilidade de publicação. Vamos assim, fazendo campanha colaborativa, por conta própria. Estamos na independência total”, contava Jefferson.

Além dos livros confeccionados de forma independente, camisetas, bonés, bolsas são alguns dos artigos que possibilitam a difusão do trabalho das/dos poetisas pela comercialização em diferentes eventos incluindo os saraus. Estes além de serem espaços de troca, considerando o convite para participações, a exemplo dos movimentos de Jefferson e de outros poetisas, em diferentes saraus que possibilitam a venda de suas produções são também locais que se abrem para lançamento dos livros e de outros produtos feitos de forma independentes e/ou apoiados por editais. Neste momento lembrei das palavras de uma Ialodê que conheci em minhas andanças: *“A periferia sempre foi empreendedora. Costurar, cozinhar e vender, fazer nossa arte... tantas coisas que sempre fizemos e que seguimos fazendo de forma coletiva. É um nós por nós”*. Mais que o empreendedorismo que escraviza segundo a noção de “empreendedor de si”, *um como*, um fazer coletivo, colaborativo, compartilhado entre tantas vidas.

Thiago neste instante partilhava sua experiência com a produção e a venda de livros de forma independente. E um pouco do modo como vem produzindo sua existência apareceu: *“aprendi a vender na rua porque me predispus a viver disso, essa editora rescisão. Trabalhava em uma agência e vi que não queria mais a comunicação. “Acho que vou viver disso. Pedi demissão, comecei a vender livro na rua. Logo que publiquei vendi muito nos saraus. Não queria mais trabalhar de carteira assinada. Agora eu quero”, falou rindo. E seguiu contando sua experiência na Flip (Feira Literária de Parati). “Levei 60 livros e 50 reais e aquilo me deu um choque. Aprendi na raça. Voltei com todos os livros vendidos. Fiquei por anos só vendendo livro e conseguimos edital do Vai. Ano passado trabalhei como educador social e agora estou full time com a poesia. Apareçam de domingo na Paulista”*.

E o tema do levante feminino enunciado por Débora anteriormente foi colocado na cena com uma pergunta de Helena

- Tem aumentado a quantidade das mulheres escrevendo, produzindo poesia e puxando os saraus também. Antes as pessoas sabiam quem era o Binho, Sérgio Vaz e as mulheres que construíam esses saraus ficavam invisíveis. A impressão é de que agora os temas estão aparecendo nas poesias. Estava olhando o livro de vocês e já vi várias coisas.
- Thiago: a gente é um reflexo disso. Nosso coletivo a maioria é de mulheres, a gente acompanhou esse processo.

Entra na cena o movimento de Carol com outras poetisas em uma onda produzida por várias mulheres contra os atravessamentos decorrentes de valores e práticas que predominam na cena dos saraus e dos

slams. Carol partilharia um pouco sobre o *slam das minas* na cena cultural de São Paulo

- Carol: acho que isso vem acontecendo como num todo. Faço parte do slam das minas e nestes três anos acessamos lugares que não conseguimos em sete anos com os Poetas. Quando fizemos o slam eles eram a mesma coisas que os saraus. Masculinos. Foi em 2015 quando aconteceu um movimento das mulheres para denunciar assédios que rolavam há muito tempo na cena cultural. Um dos nossos impulsos foi que na final do torneio nacional de 2015 tinha a mesma quantidade de homens e mulheres na primeira rodada e na última não chegou nenhuma. Ficamos muito revoltadas: “vamos fazer o slam das minas!” Ele nasceu no DF [Distrito Federal]. E na primeira edição em São Paulo, a Casa das Rosas estava lotada. Um monte de mina declamando. Antes elas não se sentiam seguras. Muitas das meninas que batalhavam nos outros slams se sentiram à vontade para declamar pela primeira vez no slam das minas porque o público a maioria é feminino, as juradas são só mulheres. Lembro que os primeiros slams tinha muita poesia de amor entre mulheres. Elas não tinham coragem de expor esse amor no sarau misto. Vejo que o slam das minas e vários movimentos de mulheres foram importantes para nos fortalecer e nos acolher e para que conseguíssemos ocupar muitos lugares. E está acontecendo em vários campos. Paramos de aceitar estar atrás do grande homem. Fomos colocadas e ficamos lá por muito tempo.

Este foi um dos temas que chamaram atenção na conversa com Jefferson. Entrevia pistas de uma produção de alteridade que foi se constituído na convivência com as questões que atravessam o viver das mulheres. Uma chegada tensa que tem provocado muitos movimentos

De 2010 para cá mudei muito, comecei a olhar de modo muito mais solidário para os temas do feminismo. Foi muito transformador. Essas meninas mudaram minha cabeça. Como eu era preconceituoso. Outro menino do coletivo fala a mesma coisa. Entre nós houve essa mudança. Estar na linha de frente junto. Foi delas a iniciativa de montar nosso coletivo, se tornaram a maioria nele. Hoje as integrantes do nosso coletivo montaram o slam das minas. Tenho um respeito, um amor, por elas. Ver que precisa respeitar outro tão oprimido historicamente [...] até no ambiente do sarau era muito masculino. As mulheres aplaudindo ou em casa e os caras no protagonismo total. Ainda rola. Mas elas começaram a chegar de uma maneira forte, tensa, colocando as dores, fazendo os caras pensarem. [...] sou professor e percebo que as meninas estão chegando mesmo. Fiz um sarau há três semanas e elas foram protagonistas. É um processo [...]

Este tema também apareceu na voz de outro jovem poeta-professor

A partir de 2004/2005 outros temas começaram a aparecer na literatura periférica. Muito forte a questão da literatura feminina, a voz feminina nos textos [...] a participação de mulheres ainda é pequena, pegando Cooperifa, as mulheres poetas que falam ainda é pouco. A Cooperifa mudou um pouco o discurso sobre isso. Lembro de um evento de lá, o “ajoelhaço”. Todo 08 de março aquele bando de homens se ajoelhava para pedir perdão para as mulheres. Começou um movimento de mulheres contestando. Lembro de um sarau o Sérgio Vaz perguntar quem concordava. Várias mulheres não concordaram. E ele falou que era melhor parar. Acho que isso abriu espaço para mudanças. Falta muito, mas há algumas mudanças [...]

E a questão levanta por Helena seguia ressoando

Thiago: faço parte do slam do 13 que vai fazer seis anos. Vendo fotos antigas me deparei com a quantidade de homens na cena e há uns três anos passou a ser frequentado por mulheres querendo se apresentar. Hoje tem muito mais mulheres falando e ganhando slams. Há uma dificuldade grande para debater o machismo na cena cultural.

Carol: uma coisa importante é eventos sobre violência contra a mulher não ter homem. Temos que conversar com eles. Quando você fala na poesia todo mundo concorda, mas quando vai corrigir seu amigo ele vai ter “n” argumentos para se justificar. O machismo muito tolerável. Sou assediada desde os 12 anos, para mim nunca foi normal. Conversando com minha amiga entendi que ela também sofria e quando fui conversar com minha mãe “você estava andando sozinha no lugar errado. É problematizar e olhar para si. Os homens precisam discutir o feminismo e a reconstrução da masculinidade porque senão só fica na literatura, música. Eu e Thi brigamos muito na família. Viramos a geração chata [Thiago ri], que problematiza

tudo, porque os meus tios acham daora eu falar poesia na tv, mas quando falo sobre isso com eles, ficam putos. Temos que abrir esses diálogos sempre onde estivermos. Buscar essa mudança para não ficar “são as loucas”, como sempre fica. E Mari complementa: nossa luta é diária.

Thiago colocava Helena na conversa, buscando ouvir sua experiência há bastante tempo na cena cultural, pontuando que talvez ela já percebesse uma transformação, considerando que as mulheres estão puxando o movimento. E Helena contaria de uma *rebelião* produzida: “*Mano, a gente já tacou até carne crua no meio do Sarau do Binho nos cara. Depois do que aconteceu no Sarau da Fundão, na zona sul, virou uma rebelião de mulher. Pra um sarau a gente foi com mordação, pra outro a gente foi com carne crua pra jogar. Ninguém quer falar porque é o climão. Aí fica o climão só pra nós? Vai ficar pra todo mundo então. Problema!*”.

A resposta de Helena me remeteu a um momento apontado por Jennyfer Nascimento em nossa conversa ao partilhar, na cozinha do Bloco do Beco entre goles de suco e garfadas no bolo, a reação construída por várias mulheres no Sarau da Cooperifa, do Binho e da Fundão contra mais um episódio de assédio. O sarau como um espaço importante para visibilizar, como afirmou Jennyfer, que as mulheres estavam sempre nos bastidores e os homens sempre no lugar de protagonistas, tal como dois jovens poetas havia conversado comigo abertamente comigo. Nas palavras de Jennyfer

[...] Em 2011 fizemos uma ação com a insígnia “contra o machismo”, quando um cara do rap que se achava o fodão cometeu um assédio porque a menina não quis dar bola: Cadê seu marido? Aí ela jogou um copo de cerveja na cara dele. Sabe que a menina é casada e se ofende quer chamar o marido dela. Isso nos mobilizou muito. Várias de nós já tinha sofrido, mas nunca reagimos assim. Queríamos defendê-la e mostrar que não estávamos contentes de. por exemplo, cumprimentar um cara e ele pegar na sua cintura para senti se você está de calcinha ou de recitarmos um poema erótico e o cara achar que vai te pegar no final [...] as Capulanas também estavam conosco nessa ação.

O relato de Jennyfer foi visceral. Arrepiante. O relato de um acontecimento.

- Ninguém sabia de nada? - perguntei
- Ninguém! Ninguém entendia o que tinham feito para uma reação tão massiva. Eu lembro nitidamente...
- Nossa, fiquei arrepiada! – exclamei interrompendo-a.
- Todos ficaram pa-ra-li-sa-dos! Foi extraordinário! Na Cooperifa lemos o poema da Elisandra “vai mudar o placar”, uma recitava e repetíamos em coro. Todas de mordação. Na quinta, cortaram. No Sarau do Binho, menos formal, fizemos uma performance com as mordações, cartazes e umas 20 minas, a gente jogava carne nos homens. Tacava carne crua. Pá!!! Nojo. Mas ninguém tinha coragem de reagir. Quando acabou ficou um silêncio. Só mulheres vinham falar conosco. Os homens ficaram abobalhados. No Sarau da Fundão, onde aconteceu a violência, teve a performance da mordação e um debate sobre machismo [...].¹⁸²

E as mordações continuam a cair como relatou Carol: “*Ano passado eu e minha cunhada denunciemos um cara que agrediu a namorada dele. Eu já tinha tido um atrito de denunciar a fala dele*

¹⁸² O movimento produzido pelas mulheres nos saraus, incluído este citado por Jennyfer foi analisado pela pesquisadora argentina Lucía Tennina no texto “As poetas da Periferia: imaginários, coletivos, produções e encenações” (2017).

no slam das minas. Minha cunhada não mencionou o nome dele, mas falou várias coisas sobre o homem não ouvir a mulher. E ele foi para cima dela. Em vez de as pessoas pararem ele, tiraram ela do sarau. E continuou: *“essas meninas são loucas, querem causar. Quando uma mulher denuncia ninguém vai acolher, apoiar, falam para ela ficar quieta, que vai trabalhar o sarau. A mulher é sempre a louca, a que quer acabar com o movimento, com a família”.* Entra na cena uma situação ocorrida no slam do 13 de um jurado ter escrito junto com a nota “linda”. *“Você está avaliando todo mundo aqui pela poesia e está me avaliando pela beleza?”* foi a questão colocada pela poeta que desencadeou uma conversa em ato entre ambos e também posteriormente ao evento.

Aquela tarde de conversações e experiências intensivas chegava ao final. Na fala de Laura, a percepção de que aquelas quatro existências faziam poesia para existir, de um lugar de produção do sensível, especialmente considerando o instituído que atravessa frequentemente os espaços

- Laura: queria falar umas coisas, acho que tem um negócio bem legal, que vocês podem até ganhar uma grana com o trabalho, não tem nenhum problema nisso, mas é quase que fazer poesia para existir. É um lugar da produção do sensível fabricando vida mesmo. Acho que vocês fazem isso e de uma maneira militante que vão indo em muitos lugares. Em todos os espaços as questões da mulher, de gênero estão explodindo e na arte não ser diferente porque essas coisas atravessam todos os lugares. por exemplo, o MST era um movimento muito machista. De uns tempos pra cá fizeram que em todos os equipamentos tenha uma mulher que coordena e alguém para discutir questões de gênero. Eu duvidava que o MST ia fazer esse movimento. É que a força com que essas questões vêm... enfim, nos lugares mais duros institucionais é mais difícil de entrar. Mas eu diria, não me espanto, ela atravessa todos os lugares, acho que é uma batalha de todos os lugares mesmo. De vez em quando tem que ser louca mesmo. Muito legal!

Jefferson: estava falando que faço sarau na escola e tenho percebido que as meninas vêm com uma potência muito grande. Mostro os vídeos da Mel, da Lu, da Carol, levei já na escola e as meninas olhando outras mulheres empoderadas fazendo poesia, sentem também vontade para fazer na escola. Várias questões que estão ali na escola são manifestadas na hora da poesia. Posso dizer hoje que a maioria dos adolescentes que escrevem poesia que eu conheço são meninas, porque é o espaço onde elas se sentem à vontade para desaguar as dores e o tema do feminino entra muito. Elas escrevem sobre amor, questões que acontecem na adolescência, mas o feminismo está ali. Como a Carol falou, é um movimento que está vindo em todas as frentes e como professor tenho que me atualizar e ter uma reponsabilidade nisso. Mesmo eu não sentindo as dores que essas mulheres sentem, tenho que trazer referências que já conheço para essas meninas também se atualizarem sobre isso. É uma conscientização que tem que ser geral. Não adianta só as mulheres ficarem falando delas para elas mesmas. Os homens também tem que pensar sobre isso

Marília: Queria parabenizar e agradecer a presença de vocês aqui. Foi um presente para o curso de saúde pública, para quem está chegando com os olhinhos brilhante. Acho que essa conversa é como a gente inventa possibilidades de produção da existência no mundo, como se produz outros mundos onde possamos viver e viver com arte. Essa possibilidade de produção que vocês fazem é muito legal. A gente sabe que não é fácil e é muito legal vocês terem topado estar aqui.

Laura ao chamar atenção para o número de pessoas que já haviam esbarrado neles como partilhado naquela tarde pelos estudantes, manda um recado ao quatro: *“E a gente vai convidar vocês para mais outras coisas”.* Meses depois eles estariam em um outro encontro que realizamos na faculdade: o Encontro Sudeste da Rede Unida. E estariam também em outro encontro com os calouros do curso de Saúde Pública. Entre assinaturas nos livros, agradecimentos em abraços apertados e vários “até breve”

seguimos. E foi mesmo um até breve, pois vivemos muitas outras experiencias com aquelas existências que partilharam um pouco de seus saberes, fazeres e processos naquela tarde.

Embora os Poetas Ambulantes e Débora Marçal (individualmente e com as Capulanas) produzam várias circulações da ponte para cá, naquela tarde havia materializado uma ideia que fez presença o tempo todo em minha caminhada: fazer ressoar como possível as histórias e as produções que se misturam ao viver de tantos artistas-militantes-inventores de mundos. Viver que é constantemente atravessado por tensões que podem até fazer estes corpos vergar, mas que encontra resistencias em dobrá-los pela constante produção de estados de permanencia e fortalecimentos frente a uma produção de morte que é micropolítica como também é o fazer destas existências. Neste jogo micropolitico estas existencias produzem a cada instante mais e mais posiveis com outras existencias que se ocupam e são ocupadas por estes combates que vem de longe. Políticas e poéticas de si com outros/outras que atavessam territórios, constroem pontes, furam muros, habitam encruzilhadas, provocam fazeres, ocupam viveres.

E ocupada segui

Poéticas-políticas provocam?

Provocam!

Mas o que elas provocam?

Provocam dor

Provocam tremor

Provocam calor

Provocam temor

Provovam frescor

Provocam furor

Provocam sabor

E por quanto tempo é possível viver sem estas?

O tempo suficiente

que conseguimos

viver distanciados de nós mesmos

para encontros com múltiplos viveres ...

Entre-tempos...

De quem sou. Pra quem somos

Sou professor que arrisca, às vezes, uns versos. Sem a polidez clássica dos poetas que ensino. Sem a métrica clássica dos canônicos. Sem o rigor clássico que outrora exigia o mecenato. De classe, só aquela a qual pertença, de onde vim e pros quais resolvi lecionar. A gente sabe que é difícil, cada vez mais difícil, ser professor num país em que 1% da população concentra 30% da riqueza produzida. Capital que faz falta às escolas públicas, sempre a mercê das decisões de quem não as conhece de fundo. Capital sobretudo produzido por pais, mães, avós, tias e tios de quem frequenta as escolas públicas.

Talvez por ter um pouco de consciência desse processo é que resolvi ficar entre os meus. Ser professor e poeta de classe. Da minha classe. Nasci e cresci na região do Grajaú. E, gozando das poucas benesses conquistadas no período da janela histórica aberta durante os governos do Partido dos Trabalhadores, pude cursar Letras na Universidade de São Paulo, uma faculdade que abriu um mundo de possibilidades jamais pensadas por quem vem de onde eu venho. Vim, vi, venci, poderia dizer. Mas não. Vitória, pra mim, nunca foi uma conquista pessoal. Não posso me considerar vitorioso se os meus não podem vir comigo. Se, ainda hoje, há um sem número de derrotas cotidianas pra quem tá do lado de cá: a deficiência dos serviços públicos, a precarização das relações de trabalho, o assédio cada vez maior do capital privado sobre a população mais carente.

Ser professor e poeta neste contexto trouxe a mim mais responsabilidades do que simplesmente ofertar aulas de qualidade às minhas educandos e educandos: é preciso, também, enxertar um tanto de sonho, uma perspectiva de que é possível ir além do que a realidade nos impõe. Não se trata de uma visão romantizada, calcada na ideia de um progresso pessoal e meritocrático. A luta que é necessária travar só é possível se realizada em conjunto, com os nossos e para os nossos.

Dá que, para não esmorecer, sobretudo em tempos tão difíceis, busco na poesia dos meus o acalanto e a força para seguir. Dá a importância de um sarau como a Cooperifa, que resiste já há dezoito anos. Não é pouca coisa. Também não é muito, na verdade. Mas é imprescindível porque alimenta a nossa crença de que é possível sonhar junto, lutar junto, vencer ou perder junto. Não sou ingênuo. A poesia não vai mudar o mundo. E nem esse é o seu papel. Mas ela tem sido, nas periferias de São Paulo - de outros lugares também - o elemento que agrega e nos une. Ainda sem afinação, sem melodia, sem música. Talvez nunca cheguemos a orquestrar o nosso futuro. Talvez não. Isso, porém, não diminui a importância das partituras que andamos escrevemos juntos.

A poesia é o risco. É o rabisco no papel, o rastro que deixamos. O rastilho da pólvora que, em algum momento, vai se acender.

Multidão de nós

Vivo preocupada, sair de casa é sempre um desafio, não sei se vou voltar viva”

“Cresci com medo de estar aqui, do que pode acontecer. A tragédia sempre nos acompanhou aqui”

“Construímos um lugar para existirmos como artistas, rainhas, produtoras de conhecimento, de estética”

“Existimos, não somos só mão de obra para o sistema. É importante as pessoas verem que a gente existe que temos nossas histórias, que somos seres pensantes com capacidades gigantescas”

“Aqui não é mais o triângulo da morte. Aqui é um caldeirão cultural”

“Quando fazemos um recorte desses corpos e difícil não pensar em redes. Isso vem desde África. Para os povos de língua bantu significa “eu sou porque nós somos”. Essa “filosofia do Nós” pensa a comunidade como todos os seres do universo”

“Com 15 anos era uma adolescente que estava queimando pneu para garantir que um espaço super simbólico da região pudesse continuar existindo: Casa de Cultura do M Boi Mirim”

“Em África a pessoa sozinha é vista como doente”

“Questiona simplesmente o direito de existir. Existir com dignidade, respeito e liberdade”

O propósito era construir encontros. Ouvir, pensar, sentir, provocar, afetar e ser afetado pelos fazeres e saberes produzidos como algo fundamental para o existir-resistir.

Algumas semanas antes havia ocorrido o encontro Sul da Rede Unida em Londrina, “Multidão de Eus: o cuidado da vida e os movimentos de resistência”. Um encontro mobilizador para vários de nós que o viveram na pele. Vários eus em mistura: gentes dos movimentos sociais, da saúde, da academia partilhando questões e invenções na/da vida. Foi nessa linha que buscamos produzir o nosso encontro Sudeste da Rede Unida em São Paulo: um encontro-interferência.

No momento em que discutíamos a insígnia do Encontro a defesa do termo “existir” se fez viva em mim. E com aquelas frases que ouvi e vivi sobre o tema foi problematizado inclusive com apontamentos entre nós que remetiam à questão de que *estar vivo* por si é um ato de resistência. Sem desconsiderar que a produção de existências negras e LGBTQIA+ em si já explicita um ato de resistência tendo em vista a *marafunda da colonialidade*¹⁸³, na qual diferentes linhas de força tensionam a produção constante de estratégias de um jogo há muito conhecido de quem *deve viver e morrer*¹⁸⁴, que despotencializam o viver e matam de diferentes modos (nos planos físico e simbólico), minha questão era de que certas pessoas não tem a possibilidade de estar vivas como apareceu em várias conversas de minhas andanças. Viventes que explicitavam, por exemplo, que seus corpos eram alvo por serem negros e negras; por serem negros e negras trans e moradores da dita periferia; por serem mulheres negras e/ou não negras que buscavam erguer cada vez mais suas vozes para inscrever seus corpos na cena cultural.

¹⁸³ No artigo, “Pedagogias das Encruzilhadas” (2018), Rufino discute que a colonialidade opera como um sopro de má sorte que mantém o assombro e a vigência de um projeto de dominação nas dimensões do ser/saber/poder. E invocando o aforismo cantando pelos capoeiras ressalta que, nas margens do Novo Mundo os campos de batalha são também campos de mandinga, o que nos abre caminhos e aponta para outros horizontes. Neste contexto destaca que mais do que identificar o que marca o nosso tempo e o que emerge enquanto demanda a ser vencida, devemos nos ater a forma que atravessaremos e as sabedorias a serem invocadas para nos encarnarmos nesse jogo.

¹⁸⁴ Partindo da discussão de Foucault sobre biopoder de “Em defesa da sociedade”, Pelbart problematiza a produção de uma política de morte que é racializada e que extrapola essa dimensão na medida em que a negritude não é apenas uma condição de subalternidade reservada aos negros, uma vez que é o lote de sofrimento que pouco a pouco se estende para além dos negros, o que Mbembe intitulou como “devir negro do mundo”, que abarca desempregados, descartáveis, favelados, imigrantes. É neste contexto que a política declinada como necropolítica, como política de extermínio, diz algo da sobrevivência da matriz colonial no contexto contemporâneo.

“*A gente luta para estar vivo*”: era o que ecoava nos meus poros como um ritornelo. Luta enunciada e vivida de forma visceral, pois ao mesmo tempo em que estas existências explicitam as opressões e violências decorrentes de uma política de morte que podem alvejar de forma letal, a qualquer momento, seus corpos-alvo, elas são encaradas de frente a todo momento, seja ao enfrentar olhares e xingamentos para seu corpo *em transito* ao pintar as unhas e/ou trajar turbante e saia, seja por ter seu corpo de mulher-poeta retirado de um sarau ao denunciar o assédio de um poeta, seja ao perseverar com a poesia 24 horas por dia, inclusive em locais pouco afeitos a ela, seja ao ser perseguido por seguranças ao tentar distribuir currículos em um shopping, seja pela experiência com violência doméstica, seja por... seja por... seja por... como ouvi destas existências em nossos encontros. Corpos que fazem enfrentamentos aos diferentes planos desta política de fazer morrer não apenas na perspectiva da denúncia. Devires... Corpos-alvos cujo recuo poderia ser justificado, mas que há muito tempo não cessam de produzir revides, dentro e fora da dita periferia, de diferentes formas – mostras culturais, feiras de literatura, rodas de conversa, espetáculos e intervenções de teatro e dança nos equipamentos públicos e também nas praças, calçadas, terminais de ônibus, no transporte público. O que me agenciava nesta discussão que se conecta com uma estética e política vividas com o grupo Micropolítica, o Observatório e a Rede Unida era a defesa do existir como ato de estar vivo e não apenas do ponto de vista ético-estético-poético-político de produção da existência. Um comum com tantas existências, por meio de diferentes arranjos na produção de possíveis. Trincheiras compartilhadas.

Entre encontros e desencontros sobre a insígnia, seguimos pensando a programação. Nas discussões, partilhei várias possibilidades de convites individuais e coletivos, considerando questões e invenções dos coletivos e coletivas com os quais me encontrei. E várias possibilidades de convites também foram partilhadas por companheiras da comissão organizadora. O propósito era: construir uma programação que agenciasse encontros a partir de experiências com o sensível. Nossa primeira proposta ainda trazia elementos de um modo mais tradicional de compor os encontros. E neste processo, Laura nos fazia pensar que se buscávamos ativar discussões de modo vivo, as experiências com o sensível deveriam ocupar o primeiro dia do Encontro. Aprendizagens.

E assim o fizemos. Para o primeiro dia pensamos em uma conversa disparadora no período da manhã com convidados que também ocupam aquelas trincheiras de diferentes modos e para o período da tarde teríamos uma experimentação do corpo seguida de uma intervenção artística no jardim da faculdade. No segundo dia de manhã seguiríamos a mesma dinâmica e de tarde produziríamos rodas de conversas sobre os agenciamentos provocados pelos encontros até o momento. E para o último dia, combinamos um debate sobre o SUS, seguido de rodas de conversa sobre os temas partilhados na forma de trabalhos submetidos para o Encontro. A esse respeito aventurei propor uma forma diferente que foi acolhida pelos/pelas companheiros/as da comissão organizadora: uma escrita livre. Assim, cada

participante teve a possibilidade de escolher a linguagem que mais lhe conviesse (narrativa, relato de experiências, prosa, conto e/ou poesia), considerando os eixos “formação, cuidado, trabalho e gestão” e “cultura, arte, movimentos sociais e suas interfaces com a saúde e/ou a educação”. E nesse movimento, submeti com Laura o texto: “Quando as poéticas de outras existências ocupam a existência da pesquisadora”. Transbordamentos das travessias e encruzilhadas que experimentei na construção do Encontro.

E foram dias de muitas combinações para as oficinas, intervenções artísticas e debate. Eu e outra companheira da comissão ficamos à frente dos convites. Assim, eu e vários integrantes da pesquisa fomos compondo mais *conspirações* para o Encontro: o que e como fazê-lo. E no processo de organização do Encontro dei corpo a uma ideia que já me habitava: partilhar na FSP imagens de minhas andanças com a pesquisa. Assim montei uma pequena exposição intitulada: “Micropolítica da produção na vida nos territórios: o que vem de fora e a saúde não enxerga?”. Outro momento intenso realizado a várias mãos com os integrantes do grupo e com Fernando. Assim, seguíamos na montagem do Encontro. Aos poucos a Multidão de nós ganhava corpo. Ao longo de todo este processo a sala de Laura era nosso espaço de reunião, de montagem da exposição, de guarda do material e de bagagens, de “camarim” para um dos grupos que convidados do meu campo. O final de semana que antecedeu o encontro foi agitado. Últimos ajustes. Grupo à milhão. E poucas horas antes do encontro uma alegria coletiva: Preta Ferreira estaria na abertura do encontro com Peter Pelbart. Todos os intercessores estavam confirmados. Este era o convite aos participantes:

Primeiro encontro

Conversa de abertura: Peter Pal Pelbart e Preta Ferreira

Vivência: “Sopro, logo existo” O poder do elemento ar na palavra empenhada. Débora Marçal – pesquisadora cênica/ Capulanas Cia de Arte Negra e Macuas. A oficina propõe uma experiência sensorio corporal conduzida por movimentos de dança a partir da relação do elemento ar com nosso corpo-palavra. Venham de roupas confortáveis, de preferências roupas na cor azul claro, verde claro e branco

Vivência: Corpa território presente – experimentação corporal para mulheres. Flávia Rosa – atriz e pesquisadora/ Capulanas Cia de Arte Negra. Corpa território presente é uma vivência a partir de exercícios de consciência corporal e reconhecimento do seu corpo feminino no mundo. Qual é o seu corpo mapa?

Vivência: Oficina - Diálogo como Ação. Juliana Freire

Esta pesquisa transita por diversas ações que buscam equalizar as relações de poder entre os conceitos de condutor e conduzida na dança e também em outras danças a dois. Pensar que o diálogo não seja feito por meio de um modelo a priori (o condutor por exemplo), mas que seja construído pelos participantes do processo, seja individual, uma dupla ou um grupo.

Vivência: Messan Orun - Recriando Histórias e Memórias com a Dança. Priscila Brito, Claudio Henrique e Sol Assis Grupo que busca no resgate dos costumes da dança e musicalidade dos terreiros a forma de comunicação para suas criações; estimulando assim a conexão do pensamento social e a consciência da relação do corpo com a natureza, com os espaços urbanos e com outros corpos em transição nos cenários cotidianos e nas danças. Propõe uma imersão para estabelecer a conexão do movimento corporal com os elementos naturais. Explorando o corpo como espaço e templo

de criação, o laboratório é indicado para quem deseja expandir a consciência corporal através de suas vivências pessoais e histórias.

Intervenção artístico-cultural: Zona AGBARA

Oficina: Baobá – Fortificando Raízes: oficina literatura e identidade. Carmem Faustino – Poeta, arte-educadora e produtora cultural. A oficina Literatura e identidade, será ministrada por Carmen Faustino, poeta, escritora e produtora cultural na zona sul de São Paulo. Nos encontros os participantes terão a oportunidade de vivenciar momentos de reflexão, bate-papo e produção escrita, conhecendo um pouco sobre as narrativas e o universo imagético da literatura negra e periférica de São Paulo, a oficina foi desenvolvida a partir das vivências e observações da facilitadora, que atua há mais de 10 anos em coletivos, movimentos culturais e literários na periferia. A oficina propõe que a leitura e a escrita aconteçam de maneira orgânica, dinâmica e divertida, na qual o ponto de partida será a trajetória individual de cada um, suas histórias, sua identidade e o território que habita, em um exercício de protagonismo, autoconhecimento e desconstrução dos padrões e imaginários sociais, que por vezes, distância e desmobiliza indivíduos do conhecimento e da produção literária, incutidos na suposta dificuldade em ler e escrever e desenvolvendo também o pertencimento territorial e a identidade negra, tão presentes na periferia.

Segundo encontro

Conversa: Karina Holanda e Aline Lima - Ocupação Independente Aqualtune; Adriana Carajá; Emerson Merhy.

Roda de conversa com os participantes do Encontro.

Intervenção artístico-cultural: Poetas Ambulantes.

Terceiro encontro

Roda de conversa com os participantes sobre vivências de resistência no SUS e sobre os trabalhos submetidos.

Conversa: Laura Feuerwerker, Arthur Chioro, Túlio Franco.

O que se passou...

Primeiro dia – manhã

Figura 103: abertura do Encontro com Preta Ferreira e Peter Pelbart e com mediação de Lumena Furtado

Preta: Bom dia a todas. Quando falo todas quero me referir a todas as pessoas. Não tem gênero. Prazer estar aqui com o mestre. Ao ver o tema desse encontro, falo que não, minha vida foi o contrário: “resistir para existir”. Que é isso que o povo preto vem vivendo nos últimos dias. Pessoas pretas fora dos padrões da sociedade. O lugar que eles querem as pessoas pretas é no presídio, é nas ruas, é nos lugares mais obscuros. A gente faz isso por necessidade, não é por vaidade. É para sobreviver mesmo. Como falei quando sai do presídio. Ninguém ocupa porque quer. A gente tem necessidade de ocupar. E a gente não precisa só ocupar prédios ociosos, lixo como eles dizem, a gente tem que ocupar todos esses espaços que são nossos por direito.

Peter: Carta ao Presidente Lula,

[...] a grande prisão em que estamos todos submetidos aos mais diversos mecanismos de exploração, extorsão controle, monitoramento, massacre, silenciamento. Vários desses mecanismos presentes na grande prisão são o legado de nossa história colonial, escravagista, capitalista, neoliberal que precedeu em muito este governo e que marca estruturalmente nosso presente [...] A prisão não é uma falta de liberdade, assim como a vida fora da prisão não necessariamente é a liberdade, pelo menos a vida dos trabalhadores. Precisamos viver as paixões positivas, ou seja, aquelas que constroem as comunidades, que libertam as relações, que determinam a alegria e tudo isso é completamente condicionado pela capacidade que temos de captar o tempo de traduzi-lo num processo ético, ou seja, num processo de construção de alegria pessoal, de comunidade, de livre gozo do amor divino como diz Espinosa o pai de todos os ateus. A vida é uma prisão quando não a construímos ou não dispomos de nosso tempo para construí-la. E quando é que a construímos se a tal ponto nos vemos desde o berço submetidos a todos os mecanismos de submissão desde a família a escola a fábrica a universidade o sistema jurídico a exploração econômica inculcação religiosa, o conservadorismo moral, sexual, a psiquiatrização da vida, os vários mecanismos de exclusão ou de disciplinarização ou de controle da existência. em outras palavras vivemos todos aprisionados, como disse bem Preta em relação aos carcereiros [...] o capitalismo atual invadiu as esferas mais privadas. A linguagem perdeu sua eficácia, os sentidos foram virados do avesso, as palavras foram arrastadas para uma inefetividade [...] há esse outro nível em que eu desejaria insistir: a pobreza da vida. A esse respeito eis o depoimento de uma bailarina portuguesa, Vera Mantero: “O espírito pode entreter-se com coisas ricas ou com coisas pobres. O espírito é uma criatura muito ávida de ocupação. Precisa de se ocupar-se constantemente. O espírito deve ser o único pedaço de nós que ficou criança e que precisa de estar sempre entretido com uma qualquer coisa. Se dissermos a coisa assim, a palavra “entretenimento” torna-se muito menos pecaminosa. Necessitamos das

artes para não morrermos. As artes falam conosco, as artes dizem-nos coisas, não se calam, não nos deixam no silêncio, não nos deixam naquele silêncio em que se morre de tédio. Vejo as artes como um resíduo, aquilo que resta de uma série de coisas que o ser humano gosta de fazer para manter o seu espírito num determinado ponto de possibilidade. Talvez não só de possibilidade como de interesse. Um ponto em que seja possível e interessante existir. O ser humano precisa de não estar sempre só no cotidiano, precisa de sair do cotidiano e entrar em outros níveis, outras sensações do mundo, precisa de fazer coisas não produtivas, sair da lógica da produção, ter objetivos diferentes desses, precisa de voltar a saber que não há só um caminho entorpecedor e mecânico, que a vida é mais sutil do que isso, mais rica de redes mais rica de redes e nós de sentidos e sensações, de linhas que se cruzam e que baralham e iluminam. É preciso reconhecer essas coisas, assiná-las, sublinhá-las, não só através do discurso, mas também com o corpo, em ações, associando sentidos e elementos, virando de vez em quando as coisas ao contrário, desorganizando e reorganizando. É preciso entrar no êxtase, na contemplação, na calma, nos sentidos do corpo, na poesia, em visões, no espanto, no assombro, no gozo, no inconsciente, na perda, no desprendimento, na queda, é preciso entrarmos na imaginação, nas histórias, no humor, no pensamento, na relação com os outros” [...] nenhum esforço de pacificação há de calar o estrondo da guerra civil que subjaz aos golpes sucessivos que assistimos nos últimos anos dirigidos sistematicamente contra as mais diversas categorias, segmentos, minorias, subjetividades e que apenas põe a nu o passado colonial do qual ainda não nos livramos, põe a nu a perversão da elite financeira que determina os rumos e limites de nossa atuação. Porém, não devemos e não podemos ser apocalípticos há um avesso, um fora, um irreduzível, um inapropriável que nenhum regime ou poder estabelecido é capaz de capturar. A cada dia cruzamos tais fenômenos de resistência ou deles colhemos os ecos. Há linhas de fuga que escapam por toda parte e podem conjugar-se. São talvez movimentos tectônicos que não saem no jornal, mas indicam que certas modificações iniciadas há décadas não têm volta seja no que diz respeito ao lugar das mulheres, das negras, dos indígenas, dos LGBTQI, dos sem teto, dos sem cidadania. E se a perseguição a elas e a eles é hoje mais feroz, eu pergunto: não será por ela e eles levantaram a cabeça e por sua coragem têm aberto espaços antes totalmente bloqueados, não será ela tão virulenta porque a revolta nos espreita, porque a insurreição está por vir. A expressão multitudinária de um intolerável não obedece a qualquer previsão possível e pode estourar a qualquer momento, deslocando o que até agora parecia a fronteira rígida entre o possível e o impossível [...]

Preta: Quando estava lá dentro, pedi para ir na enfermaria, queria mesmo conhecer, porque no presídio existe um apartheid. Fiquei na cela com mulheres que tinham nível superior e tinham treze mil mulheres no pavilhão. Conversando com uma guarda falei: “como chamam de reeducandas se aqui não tem nenhuma atividade? Ela falou: “como vamos reeducar quem não quer reeducação?”. “Você fala por treze mil mulheres? Quer dizer que a segunda chance só cabe quando é para você, quando atinge alguém que você ama? Você está errada”. Foi assim que consegui dialogar e conversar e mostrar que todo mundo é merecedor de uma segunda chance. [...] em relação ao encontro com a Angela Davis está todo mundo romantizando, mas não vejo dessa forma. Ela foi presa em 1970, eu em 2019 e nada mudou. É potente esse encontro. Mas a gente se encontrou para dizer que chega, que estamos cansadas de ver Preta e Angela se encontrarem. É pesado, porque nota-se que o genocídio aumentou, que o número de prisões dos corpos negros também. Não é para romantizar, é para vocês pensarem o que pode ser feito. Angela precisou vir de fora para perguntar no que pode ajudar e aqui não me fizeram essa pergunta

Peter: Quero confessar que estou surpreso como se nesse espaço estivesse testemunhando uma mudança de tonalidade, que não sei definir direito e que é de ontem para hoje. Diria que há quase um clima pré-insurrecional aqui. Mas não por conta de discursos inflamados. É uma constatação que vem vindo um vento, é de pele. Isso me surpreende, me deixa em certo sentido perplexo e intrigado, se não é sinal de que alguma coisa vem vindo. Uma coisa é a exortação, absolutamente necessária, essa energia que a Preta tem e que a gente sente ó de ficar do lado dela é uma coisa poderosíssima. Tem também uma coisa que foi falado sobre davam coordenadas sobre o que tem que pensar, fazer, para onde ir. Algo desmoronou e isso não é ruim. Constatar isso é um passo fundamental para retomar essa energia na direção que o presente está pedindo. Algo se esgotou nesse modo de fazer, pensar política, na maneira das instituições lidarem com a hierarquia, não tem que ter medo. Conjugar as duas coisas, constatar que algo caducou sem lamúria, melancolia e ver como uma chance que tem novos movimentos acontecendo, novos modos de pensar a conexão entre esses movimentos, é aí que nossa inteligência, que nossa libido deveria se engatar. Oxalá isso esteja acontecendo já aqui hoje.

Dos registros – manhã do primeiro dia

Figura 104: Registros produzidos por Lorena Portela do primeiro dia do Encontro no período da manhã.

Primeiro dia – tarde: Das experimentações do sensível com as oficinas e vivências

Figura 105: Vivência “Corpa território presente – experimentação corporal para mulheres” conduzida Flávia Rosa.

Figura 106: Oficina “Diálogo como Ação” conduzida por Juliana Freire.

Figura 107: Oficina “Baobá – Fortificando Raízes com Carmem Faustino

Das narrativas de participantes do Encontro¹⁸⁵

O QUE NOS MOVE AO ENCONTRO DO DESCONHECIDO?

Ao entrar na sala onde aconteceria o encontro, olhei para as pessoas, pedi licença e as cumprimentei...

Inicialmente, buscando alguma pessoa conhecida...

Não encontrei...

Mas encontrei... “todas as possibilidades”...

Sim, diante do desconhecido... tudo pode acontecer...

Éramos 7 mulheres jovens e não tão jovens... ali, num pequeno espaço visivelmente organizado para reuniões científicas e/ou acadêmicas, motivadas para a vivência “Corpo território presente”, uma experiência coletiva orientada para mulheres.

O convite não poderia ser revelador da experiência... porque a proposta era para uma “vivência”... mas instigava a imaginação; talvez nos desse indícios do que poderia acontecer... mas, arrisco afirmar, que o convite ficou aquém do que efetivamente aconteceu...

Certamente cada participante viveu aquele tempo e espaço com o que carrega e cultua das vidas... a seus modos..., ainda que as orientações de Flávia fossem dirigidas a todas...

Não encontro sentido para descrever a dinâmica da vivência propriamente dita. O que me proponho aqui é apenas inventar uma narrativa, uma versão do que vivi, a partir de uma perspectiva, a da minha perspectiva, sobre a experiência com os corpos e o que podemos com eles quando fazemos uma intenção: a de nos conectar com o que carregamos no corpo, ainda que não tenhamos consciência de tudo que carregamos... sobretudo no que se refere a nossa ancestralidade...

Experimentar o que carregamos da nossa ancestralidade exige acessar os diferentes planos que acessamos com os movimentos e gestos dos corpos...

Para onde vamos, na dimensão do “corpo sensível”...

Flávia é uma mulher jovem, negra e bonita, sobretudo porque inteira...

Agradece nossa presença e oferece e comenta o cenário da roda...

Tudo – objetos, perfumes, delicadezas - nos convida para a magia de estar junto acessando nossos ancestrais divinos e divinizados, uma prática comum entre as religiões afro-brasileiras.

Os olhos olham,

Os olhos observam,

Os olhos veem...

E, assim, o olhar nos conecta com os corpos...

Sentimos os perfumes... da sala, do incenso, das pessoas...

Sentimos os calores dos corpos...

¹⁸⁵ À medida que o encontro foi sendo vivido, eu conversava com participantes do Encontro sobre a possibilidade de escreverem uma narrativa sobre a experiência vivida. Um convite em ato, a partir dos acontecimentos dos encontros com as falas dos convidados, com as vivências nas oficinas e com as experimentações artísticas. Uma escrita-experimentação sobre o que havia ficado marcado no corpo pelo encontro com outros corpos.

Percebemos os tamanhos dos corpos e como se movimentam no espaço...

Percebemos os ritmos, os tempos,

Percebemos os pequenos, os grandes e os detalhes dos movimentos...

E, assim, viajamos através do desconhecido...

Dos afetos que os corpos produzem...

Experimentamos que as mãos tocam o corpo,

As mãos tocam a pele,

Nas suas diferentes camadas...

E, desse jeito consegue fazer vibrar e movimentar o corpo todo...

Sozinhas... e juntas...

O coletivo mulheres inventa toques que disparam gestos inusitados, disformes, intensos, amplos, sinérgicos, suaves, abruptos...

E, ainda... movimentos que aproximam e afastam os corpos...

Afetos...

Adormecidos, escondidos, alegres, estranhos e tímidos nos atravessam e deixam escapar outros afetos... que nos fazem rir, lacrimejar, arrepiar, suar, voar e navegar...

Afetos...

Vem e vão...

Experimentarmos um ritual que convida a experimentar... o que pode o corpo...

Foi um ritual porque sacralizou o encontro... dessas mulheres...

Um ritual que surpreende porque possibilita o encontro com as diferenças, com o sublime, com o peculiar, com o ímpar, com o inerente ... com o imanente em nós...

Não é qualquer encontro...

É um encontro que está entre o desconhecido e o conhecido...

É um encontro único... singular... que não poderemos repetir...

É um encontro que, ao mesmo tempo, reverbera... ressoa... repercute...

Gratidão Flávia!

Sua invenção com o corpo foi leve, poética e potente...

Esse *entre* da experiência é estranho...

Ele me levou para o universo das artes que podemos produzir com os corpos...

Afinal, é também com as artes do corpo que deixamos passar o que carregamos...

As mulheres “presentes”... transformaram-se em “presentes”...

Com um abraço carinhoso e demorado..

Sopro de vida. Existência.

Sopro de vida. Sempre. O dito, o falado, sussurrado, grito que ecoa, voz que cala, corpo que fala. Existência.

A fala escrita não dá conta de traduzir o que fala o corpo e os sentidos, mas pode se aproximar quando perde as amarras da forma, culta oculta nos limites da grafia, da ortografia, vasta grafia de corpos se movendo ao sabor da ancestralidade.

Corpos.

Negros, brancos, altos, magros, gordos, pequenos, grandes, imensos, imersos na vibração da matéria ar.

Qual a força no empenho da palavra. Onde se assina com o ar respirado. O que anima?

Anima,

Animais,

Animação,

Anima

Ação.

O que se projeta e o que se faz.

O feito e a confiança.

Experimenta-ação

No fim, o sentimento de exaustão física, acompanhado de uma leveza pós catártica. Mulheres, homem, cria-ação.

Pensar saúde e sentir saúde, pensar afeto e sentir afeto. Diferentes. Próximos. Complementares. Uma mudança na forma de produzir, de compreender, de se aproximar.

A academia nos corpos. A leveza do ar que leva as sementes e a força do vendaval que sacode as estruturas. Corpos brisa. Corpos furacão. Sequências e consequências e novas essências produzidas a partir de um encontro de corpos e almas, de crenças, fé e idéias.

Relato sobre a oficina - Vivência: “Sopro, logo existo” O poder do elemento ar na palavra empenhada. Débora Marçal

O
Q
U
E
E
U
C
O
S
T
U
M
O

E
N
G
O
L
I
R
?

**As Agbaras
diziam:**

“Baleia!”

**“A carne mais
barata!”**

**“Quem mandou
matar Marielle?”**

**“Genocídio
da população
negra,
encarceramento
em massa!”**

“Preta Ferreira”

“Racismo”

**“Cláudia Ferreira
da Silva”**

Figura 108: Intervenção “O que costume engolir” da Zona Agbara (Fotos: Fernando Lopes)

**“Por que o
senhor atirou
em mim?”**

“80 tiros!”

“Lesbofobia”

**“Luana Barbosa
dos Reis”**

“Preta e gorda!”

**As Agbaras
pediam:**

**“Escreve
aqui
o que
você
costuma
engolir”**

Figura 109: Dos encontros na intervenção “O que costumo engolir” da Zona Agbara (Fotos: Fernando Lopes)

As Agbaras cantavam:

“É sempre essa porcaria. Barbies magras e loirinhas. Chega dessa hipocrisia Morte às Barbies causadoras de intrigas!!!”

Figura 110: Parte final da intervenção “O que costume engolir” da Zona Agbara (Fotos: Fernando Lopes)

“Somos o coletivo Zona Agabra. Viemos a convite da Val e trouxemos a performance o que costume engolir. Para nós é muito importante estar neste espaço, corpos negros, e, sobretudo, corpos gordos. Somos um coletivo de mulheres pretas e gordas na cena artística da cidade de São Paulo. E a nossa intenção é incomodar mesmo, porque é zona. Demarcar o território com esse tamanho que a gente tem, com essa cor que a gente tem a intenção é incomodar mesmo”, dizia Dandara Kuntê.

“A presença de vocês aqui é muito importante para nós. Muitos aqui tem um esforço de abrir outros encontros, outros espaços, trazer outros debates e modos de expressão. Se fosse escrever em vocês teria escrito “dor”, “morte”, porque são vivências muito brutais. Às vezes pegamos rebarbas disso que vivenciam de maneira muito intensa. Trazer isso num lugar que ensina saúde faz todo sentido porque para nós queremos que saúde seja uma coisa que favoreça a produção das existências nas suas singularidades e não essa maquininha de fabricar barbies magras e loirinhas. Muito obrigada por estarem aqui, mesmo”.

“Precisa incomodar mesmo muito em todos os lugares em especial nestes lugares como a universidade, um lugar que só tem gente branca, pessoas que vieram de uma classe média e precisamos que as pessoas vejam, se incomodem para conseguirmos mudar essa exclusão, o preconceito, a dor de vidas que merecem o direito de estar em todos os lugares. Não somos nós que temos que dizer o que devem fazer em relação à. e esse momento em que estamos aqui é um momento para nos repensarmos e pensarmos essa sociedade de um outro jeito onde haja lugar para todo mundo”.

Das narrativas de participantes do Encontro

O que eu costumo engolir ou o que fica entranhado aqui até que eu consiga engolir?

Eu não sei de que jeito eu posso começar a falar sobre o que ficou em meu corpo quando vi aquela apresentação da Zona Agbara. Então, eu gostaria de começar a falar um pouco sobre a presença da Preta Ferreira, que foi um dispositivo bem potente para todos ali. Acho que a presença da Preta nos conectou ainda mais com a ideia do próprio encontro. Preta, tem um jeito muito direto de se expressar, as suas palavras ainda estão regurgitando em meu corpo, como um soco do estômago mesmo, rs. Inicialmente, achei que Preta foi muito objetiva, acho que tínhamos urgência em ouvi-la, mas suas palavras sem muitas curvas, sem dúvida, eu posso dizer que ainda ecoam, entranham e afetam quaisquer corpos. Corpos e ouvidos. Sobretudo, aqueles corpos e ouvidos sensíveis que ali estavam.

O encontro intitulado: "Multidão em nós: existir para resistir" nos mostrou muitas possibilidades de re-existências. Preta fez um trocadilho invertendo o sentido do título do encontro para "resistir para existir" e isso me afetou muito, que ainda fico pensando nos inúmeros arranjos possíveis de tantas gentes que, em nossa sociedade, se organizam para provar ou garantir suas existências. E quando digo que é preciso provar ou garantir outras existências, eu quero dizer que nem todas as vidas que existem em nossa sociedade valem a pena, e isso não é óbvio! Eu tenho ressignificado o que parece ser óbvio também, o óbvio não é óbvio.

Para alguns corpos, para algumas tribos, para algumas ou muitas pessoas, é preciso resistir antes e, Preta e muitas outras pretas é uma dessas gentes, que lutam e que resistem a tanta iniquidade. Preta luta pelo direito de morar. Então, eu percebo que a gente vive neste misto tênue entre existir, re-existir, reafirmar, sobre-viver e também vivemos na tenuidade (?) do óbvio.

Pegando um gancho sobre necessidade de garantir e reafirmar a produção de algumas existências, eu gostaria de contar que fui tomada pela euforia, há alguns meses atrás, quando soube da presença da Angela Davis no Brasil. Angela Davis, filósofa, ativista pelos direitos civis e feminista foi uma das primeiras pessoas que li e que me fez pensar sobre muitas questões, sobretudo, as relações entre gênero, raça e classe; cultura e política, racismo e cárcere e; liberdade. Apesar de ser um conteúdo absolutamente tenso, intenso e complexo a perspicácia na qual Angela desenha o seu pensamento me instiga (e acredito que instiga os muitos que a leem), é de um jeito brilhante que ela consegue contemplar as pautas para as lutas em prol da sobrevivência e resistência a partir de uma análise muito robusta e minuciosa dos mais variados contextos sociais, políticos, culturais e econômicos.

Então, a minha euforia de ter a presença dessa mulher no Brasil (onde qualquer pauta sobre direitos civis se tornou o famoso "mimimi") e ouvi-la falar sobre todas as questões que estamos vivendo aqui, seria fantástico. Angela Davis, junto com outras mulheres como: Lélia Gonzales, Carolina Maria de Jesus, Grada Kilomba e Patrícia Collins, por exemplo, foram e ainda são dispositivos que despertam em meu corpo outros sensíveis sobre a minha presença no mundo. Então, eu não poderia mesmo falar sobre das minhas afecções com a presença da Zona Agbara antes de trazer para a cena essas coisas aqui. Talvez, há uns anos atrás, eu não concordaria em escrever algo sobre isso, porque me via totalmente insensível para essas questões.

Mas, retornando ao meu estado eufórico que também foi aguçado com a liberdade da Preta, me surpreendi ainda mais com a iminência do seu encontro com a Angela Davis. Um encontro de duas mulheres que carregam em seus corpos muitas coisas em comum: lutas por direitos civis e humanos, mas também, prisões políticas. Novamente, Preta Ferreira me fez regurgitar quando desconstruiu o romantismo que criei acerca do seu encontro com Angela Davis. Para nossas mentes românticas, ela

disse - “Eu a Angela nos encontramos para dizer que a gente está cansada. Angela foi presa na década de 1970 e eu em 2019, parece que nada mudou, até quando?” [...] “precisou Angela vir de outro país para me perguntar em que ela poderia me ajudar”.

Mais uma vez Preta respondeu tão brevemente que foi impossível não regurgitar mais um pouco, o que ela disse é muito forte. Angela, menciona em seus livros a sua solidariedade e o grito de liberdade para muitos povos de muitos cantos do mundo. Quando avanço nas leituras de seu livro intitulado “A Liberdade é uma Luta Constante” - tema das palestras que proferiu no Brasil - sinto vontade de gritar junto de um jeito bem extravagante e veemente: “até quando”. Um encontro que eu romantizei, Preta deslocou meu corpo para pensar o quanto a gente ainda, enquanto sociedade, tem que lutar e ampliar o nosso olhar mais outras multidões que re - existem, às vezes até a morte.

E assim, agora penso que seja possível falar um pouco do que me afetou com a apresentação da Zona Agbara, porque também é um dispositivo que dialoga com o que já trouxe aqui: a produção de existências em uma sociedade profundamente atravessada pelo racismo, sexismo, machismo, enfim. Eu cheguei um pouco atrasada e as atrizes já tinham iniciado a apresentação, mas, quando as vi eu já pude entender um pouco da mensagem. Percebi que o espetáculo buscava dar visibilidade aos corpos gordos.

Nós aprendemos a odiar nosso corpo. Quase todas nós, de uma maneira ou de outra. Esse ciclo de ódio não é individual nem recente: é coletivo e resultado de um longo processo histórico e cultural de desconexão e desvalorização do corpo - especialmente o corpo das mulheres, especialmente o corpo das mulheres negras e indígenas.

Vivemos numa sociedade que marginaliza alguns/muitos e o corpo negro e gordo está dentro deste contingente. Me senti representada, mas incomodada um pouco com as cenas. Acho que quando falamos da violência que é sofrer racismo diariamente fica ainda mais pesado quando você está inserido em outras “categorias desviantes” dos padrões normativos, no meu caso, a obesidade. Vou usar o termo “categorias desviantes” porque vivemos cada dia mais as loucuras da padronização: de corpos, mentes, cores, gostos e tamanhos. Então, participar de uma apresentação desta é também gritar o veemente “até quando”. Fico pensando que também é importante a presença das atrizes ali para mostrar que corpos também são plurais.

A violência produzida sobre as pessoas de “categorias desviantes” é muito cruel, eu me lembro de tudo que fiz na minha adolescência para ficar como as minhas amigas que não eram gordas, para ser aceita, para ser bonita. Eu sempre estava nos lugares, mas estava porque pegava carona nas coisas que elas conseguiam, de repente, se eu chegasse sozinha ou com um grupo de pessoas gordas, possivelmente não permaneceria ali. Então, no meu caso, perceber que ser gorda era um problema veio antes de perceber as opressões do racismo. Naquela época, eu jamais conseguiria refletir sobre isso, como disse, eu era insensível para essas questões. Hoje eu penso que as duas coisas sempre estiveram atreladas, mas eram imperceptíveis aos meus olhos.

Sobre a relação da gordofobia e o racismo, quando penso nos relacionamentos afetivos, eu dizia (para mim mesma) “ah, mas é que eu não sou do tipo das pessoas, cada um tem seu gosto eu também não tenho os meus?” – mas aí eu percebia que o gosto era sempre as outras e essas outras eram bem diferentes de mim. Esse é apenas um exemplo, mas que é possível disparar muitas coisas sobre a crueldade que é produzida sobre a nossa autoestima. Escrevendo este texto, eu consigo perceber que só fui parar para tensionar isso muito recentemente, mais precisamente, no início desse ano, rs.

Retornando a apresentação da Zona Agbara, quando eu olhei ao redor e percebi que as pessoas estavam um tanto quanto pasmas. Não sei se pasma é a palavra que define as minhas percepções, mas talvez surpresas ou pensativas. A peça era muito interativa e o público era convidado a responder,

escrevendo nos corpos daquelas atrizes negras e gordas: “o que eu costumo engolir” – racismo, genocídio da população negra, gordofobia, lesbofobia?

Confesso que eu olhava para o lado, mas não conseguia enxergar o que as pessoas escreviam na pele das atrizes de tão extasiada que eu fiquei, só consegui pensar no momento em que uma delas chegaria até a mim. E chegou. Ela chegou, chegou bem perto, olhou bem para os meus olhos e perguntou: “o que nós costumamos engolir?”. Até para pegar na caneta foi diferente, parecia que todo mundo estava olhando para o que eu iria escrever.

Nesse momento, sob muitos olhares, eu fiz o exercício de olhar para mim e pensar nas coisas que engulo. Hoje eu tenho consciência disso, às vezes, eu me pergunto em que mundo vivia. Possivelmente, eu jamais tensionaria as repercussões violentas dos olhares da sociedade sobre um corpo que não obedece a uma estética dominante, assim como os das atrizes. Eu admito que fiquei meio paralisada e confusa sobre o que escrever ali.

Mas enfim, perto de uma das artistas, ainda pensando em que nós costumamos engolir, eu confesso que olhei as outras palavras, mais calma, agora eu conseguia enxergar alguma coisa já escrita em seu corpo. Por um momento, eu queria escrever algo diferente daquilo, não queria repetições, mas, repeti: racismo. Depois disso ela voltou mais uma vez e eu escrevi gordofobia. Depois disso, as atrizes exclamaram algumas coisas relacionadas ao padrão Barbie, loirinha, causadoras de intrigas. Eu olhei para o lado e não sei se agora a galera estava pasma ou assustada mesmo. Ouvi alguns sussurros atrás de mim: “nossa, mas ela (a artista) fala como se estivesse com raiva”. Bom, se é raiva eu não sei, mas também gostaria de falar um pouco sobre o uso da raiva por nós mulheres no combate ao racismo.

No final de sua apresentação do SESC Pinheiros, Angela Davis recebeu uma pergunta que era mais ou menos assim: como conter a raiva das mulheres negras ou como ser menos raivosas em discursos sobre racismo e machismo. Angela disse algo assim, leiam Audre Lorde, prontamente fiz uma pesquisa sobre e descobri que Audre foi poeta, ensaísta, feminista interseccional e ativista. Achei algumas traduções de trechos de suas obras e nas palavras de Audre eu gostaria de responder às vozes que sussurraram atrás de mim que, quando as mulheres respondem ao racismo com raiva é a raiva da exclusão, da opressão, do estereótipo, da sexualização e do silenciamento. Por isso que teve um dia em que falei, Valéria, não me lembro se no grupo ou na disciplina que fizemos juntas “quero ver o que é que a academia/universidade (se resistir à barbárie neofascista) vai fazer quando começarmos a ocupar com mais intensidade as universidades com as nossas demandas que independente da condição social do negro brasileiro passa: racismo”.

Então, eu estou longe de me aceitar como uma pessoa obesa mas o exercício que tento fazer é entender que o meu perfil não vai caber no manequim 38, fico pensando que Zona Agbara despertou isso: corpos são plurais e devem estar inseridos em todos os espaços.

Figura 111: Registros produzidos por Lorena Portela do primeiro dia do Encontro no período da tarde (Foto: Fernando Lopes).

Segundo dia – manhã

Laura: bom dia. Estamos neste auditório grande, o de ontem era mais aconchegante, mas é que amanhã teremos um número grande de pessoas. Bom, estamos neste encontro, organizado pelo pessoal do grupo de pesquisa junto com pessoal da Unifesp, o Lascom, laboratório de Saúde Coletiva da Unifesp, e a principal aposta para a gente pensar nos tempos atuais é de quebrar caixinhas, murinhos e barreiras de encontro entre quem está na universidade e quem está nos territórios fabricando mundos diferentes, modos diferentes de estar no mundo e a gente fica na universidade vendo de telescópio, diria. E os trabalhadores dos serviços, às vezes nem isso, olham e não enxergam. E convidamos pessoas com quem o pessoal do grupo de pesquisa que coordeno já tem conexão, contato. Então estamos com a Karina e Aline coordenadoras da Ocupação Independente Aqualtune, com a Carolina ativista do movimento de moradia, sanitarista, doula, artista de rua, moradora da ocupação São João do Movimento sem teto pela Reforma Urbana e com a Adriana que é indígena da etnia Pataxó han han, mestre pelo programa de saúde coletiva da faculdade de medicina da UFMG, especialista em gestão serviços de saúde e uma militante que os indígenas produzem no país. Nossa dinâmica será, elas vão falar e depois Emerson vai fazer um comentário

Sou coordenadora da ocupação e sou das brigadas populares. Essa é minha décima ocupação. Acredito que enquanto a gente não mudar muitas coisas tem que persistir. Não é só moradia. Minha pauta é moradia. E tem educação saúde. muita coisa para lutar. Estamos com reintegração de posse, lutando para ficar. Moramos há três anos lá. Esse desgoverno está atacando com tudo os nossos direitos. Ir para cima senão vão engolir a gente.

A gente parece uma bolinha de pingue-pongue, vai pra um lado e vai pro outro, quando acontece reintegração e isso acaba atrapalhando porque hoje tem três anos que nós estamos lá, tem três anos que consegui estabilizar a vida das minhas filhas na escola. Minhas filhas são bolsistas numa escola particular. É uma escola muito boa. É uma oportunidade que eu não tive [...] a gente tem muita coisa, tem o trabalho feito com as crianças que a Harete, que está aqui faz, leva as crianças no SESC, leva para passear, fazem aula de reforço. Entendeu? Tem as psicólogas que atendem as famílias. Não é um lugar assim que as pessoas dizem lá tem que sair porque não tem utilidade, tem sim! Nós viramos um espaço cultural, com muita luta, a gente conseguiu um pessoal de uma companhia de teatro chamada Galocha, eles faziam peças de teatro lá na ocupação, nos ajudaram muito. Temos um cursinho popular destinado para jovens [...] é muito chato você saber que você vai pra rua e que tudo isso vai acabar e que o prédio vai ficar ali ocioso cheio de lixo igual estava. E que ninguém vai fazer nada. Só que o poder público não tem interesse em sanar esse problema. [...] Isso é muito chato, porque, como que a gente resiste? Como que a gente existe? Falo todos os dias que todo dia sou violentada pelo poder público porque todos os dias eu tenho meus direitos negados, ninguém olha pra mim, o que eu falo não é interessante pra ninguém. Então a gente vive resistindo, mas a gente também vive chateado, porque você não é ninguém. Eu só tenho direitos quando eu tenho que votar. Aí todo mundo me enxerga, aí sou cidadã, mas fora disso eu não sou cidadã em momento nenhum.

Sou militante do movimento de moradia e sanitário e uma pesquisadora independente. Sou nascida em Osasco. Com 18 anos conheço cursinhos populares e vou estudar ciências sociais no Mato Grosso do Sul. Quando faço isso, saio da periferia e vou para outro estado, começo pensar muito na saúde. Era uma pessoa em São Paulo muito doente, problemas respiratórios, e quando fui para o Mato Grosso meu corpo mudou. No último ano tranco a universidade, por vários motivos, como corte de bolsa e adoecimento, a universidade também tem esse lado de adoecer a gente. Nas ciências sociais estava muito envolvida com a saúde, mas não tinha professor que me ajudasse a pesquisar. Fiz curso de doula e percebi que queria atuar no cuidado. Saio de Mato Grosso MT com ideia de estudar medicina. Volto para São Paulo, uma mulher periférica e só com ensino médio. E encontro a ocupação. É quando começo a sistematizar meus estudos e pensamentos. Vou falar sobre projeto “ovulando em formação” em que tenho pensado nossos corpos nessa cidade. Além de seres ocupantes de espaços não destinados para nós, quem é esse corpo ocupado? Nas rodas de conversa com as mulheres fomos pensando as determinações da moradia diante da saúde. Antes de ser militante, já resistia enquanto pessoa sem teto. Cresci em cortiço, que são lugares muito insalubres. Além da insegurança de não saber como vai ser o dia de amanhã tem a questão da privacidade. A gente não consegue fazer duas coisas: coco e sexo. E como isso impactava a autoestima e a saúde era alarmante, não se tem saúde sem moradia. Senti dificuldade de pesquisar porque a pesquisa centralizada nesses espaços. Engraçado estar falando num lugar em que talvez nunca entre para estudar. É fundamental para a gente pensar saúde e como é importante que pesquisadores e trabalhadores estejam com a gente. Quando pensei que queria ser militante da saúde, encontrei na moradia um lugar de militância viável porque o movimento tem articulação, proposta, ação, para juntar isso. E tem *pessoas* no movimento [...].

“Bom dia” [língua Cariri e Pataxó]. Perguntei para professora Alzira o porquê do tema, me veio muito acho que por causa da ancestralidade, quando falamos esse bom dia é também para quem esteve aqui, os ancestrais que todo mundo carrega. Essa multidão traduz um pouco também, não só a ideia do congresso, não sei de quem partiu, mas

representa quem um dia resistiu e tombou na questão indígena. Fiquei muito intrigada também com o “existir para resistir” porque éramos cinco milhões e hoje somos 900 mil. Como vai existir nesse cenário de tanta violência que nosso povo vem sofrendo, de dizimação, de genocídio não só a população indígena, mas a população negra também? [...] estamos, as pessoas estão muito tristes e nosso discurso é contracolonizar, se querem que a gente esteja triste temos que estar sorrindo. Faço parte do Observatório de Políticas Públicas e do Cuidado e temos tentado aproximar os Movimentos. E quando a gente estava estudando o sequestro de mães em situação de vulnerabilidade social, vi o que as parentes estavam enfrentando em Mato Grosso do Sul. Comecei a transitar no território com movimento de mulheres e vi como a temática da saúde era importante para aquelas pessoas. Entendi, é o que falaram aqui, vou falar parentes porque estamos em confluência. Sem terra a gente não tem saúde e vi como a retirada disso é forte. Percebi isso quando a casa de rezar do seu Getúlio foi queimada. Entendi quando diziam que o branco não entende como isso ia influenciar na saúde: “o remédio do branco só adormece a dor”. Entendi porque estava ali e como era difícil, na academia, falar pelo outro que traz um território que não conseguimos palpar, que às vezes não é visível, que ele e outros produziram. Temos tentando aproximar, produzir narrativas que não sejam mortas, para que as vozes ecoem. E trabalhando com a pesquisa das mães órfãs, a maior parte negras, percebi que tinham pontos similares com as mulheres indígenas pelos mesmos problemas de falta moradia e condições mínimas de sobrevivência. Não há visibilidade. Fiz apanhado histórico e desde a colonização os europeus sequestravam crianças, depois essas mulheres passavam a ser escravas e com isso temos genocídio população negra e indígena que é esse espaço de confluência. Nós que resistirmos nos encontramos em algum momento. Por isso confluímos tantas pautas de lutas iguais [...].

Figura 112: Interferência de Adriana Carajá.

Emerson: [...] a impressão que tive era de uma fala de muitas vozes. Já estava tão tocado com as falas e entra o Régis nesse manifesto-homenagem para essa barbárie em Londrina. Fui lembrando de tantas outras coisas e me toca a ideia: que país e esse que a gente quer? Queremos um país em que a vida de todos nós valha pena ser vivida, que possamos rolar na areia com quem que queremos rolar, namorar na praça com quem que queremos, viver dignamente compartilhamento com os outros, privacidade, né, Karina, que possamos ser expressão das ancestralidade, que tenhamos o direito de ser ativista nem que seja vigésima o ocupação, por vidas melhores, por convivências melhores [...] Vejo a fragilidade que vários grupos tem porque estão expostos a eliminação cotidiana, essa vida que aqui no Rio de Janeiro o governador brinca de tiro ao alvo com a vida de negro, essa vida que em São Paulo se usa sniper para não mais conversar com o outro, essa vida que se massacra mulheres e criança indígenas, lideranças todo o instante e vamos ficando com sensação de que seremos eliminados, de que esses nazistas, fascistas tetão a capacidade de exterminar a vida, de transforma todas as vidas em mercados, vidas funcionais, uteis para a

ordem capitalística. Dá essa sensação diante de tanta barbárie que a necropolítica vai vencer e casada com outra de que tudo que enfrentamos caiu num desgaste e descrença de que certas estratégias não funcionam mais. Inquieta a ideia de que movimentos que se colocam no campo da resistência às vezes vão para territórios tão identitários que se tornam fascistas. Isso me inquieta muito e me aparece o Chile que há 46 anos sofreu golpe apoiado por muitos setores da elite. E nesses últimos dias somos atingidos pela fúria de uma multidão que declara que foi expropriada de tudo e que nem medo elas têm mais, pessoas que lutam por si e pelos outros, por uma sociedade mais comprometida com nossas escolhas de rolarmos na areia com quem quisermos. Uma das coisas que mais chamou atenção, Adriana, que vão para rua e é desfraldada uma bandeira mapuche [...]

Figura 113: Das interferências entre multidões de nós

[...] a produção de nós na cumplicidade com o outro, seja quem for, é a produção de uma rede que vai sobreviver ao nazismo e fascismo de plantão. A saída que temos é produz enriquecimentos nas existências que nos permitam cuidar de nós e cuidar do outro. Essa é a grande questão política atual. Podemos ocupar em multidão e desfraldamos nossas bandeiras mapuches para comemorarmos com nossos indígenas que estão sendo o alvo junto com as populações negra mais diretamente [...] temos hoje um desafio: não basta enriquecermos nossas redes de conexões, temos também que sermos dispositivos facilitadores para o enriquecimento das existências dos outros. É o cerne do agir político hoje e que elas ampliem a tal ponto que as dominações cerebrais subjetivas sobre certos corpos possam falir. Talvez seja a maneira de nos transformarmos todos em multidões, em ancestralidades como multidão em nós, em multidão que somos, por sermos vidas absolutamente mais complexas do que as nossas características individuais, sermos redes de nós, redes dos muitos outros em nós, por sermos não só uma multidão em nossa ancestralidade, mas por sermos multidões que só somos porque os outros também são. Mandela trouxe “eu sou o que somos”, “tenho compromisso com o que é comum que podemos produzir entre nós, porque só sou porque nos existimos. Meu corpinho está profundamente vibrátil [...]”.

Figura 114: Registros produzidos por Lorena Portela do segundo dia do Encontro no período da manhã. (Foto: Fernando Lopes)

Segundo dia – tarde

Das rodas de conversa sobre os agenciamentos provocados pelos encontros

Figura 115: Rodas de conversa

P O E T A S

A M B U L A N T E S

“Eu poderia estar roubando, eu poderia estar dormindo... mas estamos aqui humildemente recitando poesia. Somos os poetas ambulantes...”

“Vendo pó, vendo pó, vendo pó-e-sia...”

“Era uma vez uma mulher que via um futuro grandioso para cada homem que a tocava. Um dia, ela se tocou...”

“[...] São Paulo, gosto muito de suas luzes, mas tem um ser humano largado na calçada. E nessa hora, o coração do poeta se apaga.

“[...] Ela é feia. Mas é uma flor. Furou o tédio, o asfalto, o nojo, o ódio”

“De pés descalços os meninos sem teto, vendo estrelas, aprendem a contar. Quantas noites o escuro começa de dia...”

“Somos os poetas ambulantes. Estamos aí para trocar ideia. Quem quiser falar poesia...”

Figura 116: Intervenção artística com os Poetas Ambulantes (Fotos: Fernando Lopes)

Figura 117: Participantes da intervenção artística dos Poetas Ambulantes recitando poesias (Fotos: Fernando Lopes)

Encontros...

Figura 118: De outros encontros na parte final da intervenção artística dos Poetas Ambulantes
(Fotos: Fernando Lopes)

Figura 119: Registros produzidos por Lorena Portela do segundo dia do Encontro no período da tarde. (Foto: Fernando Lopes)

Das narrativas de participantes do Encontro

De volta pra casa, momentos de refletir e reviver as emoções do ocorrido – cerca de quatro horas no ônibus de volta para casa.

Primeiro contato com o evento foi em conversa com minha amiga Cidinha, militante da defesa da vida e em defesa do Sistema Único de Saúde (SUS).

A programação conectada com as minhas expectativas de bons encontros

"MULTIDÃO EM NÓS: EXISTIR PARA RESISTIR"

ENCONTRO SUDESTE DA REDE UNIDA

OBSERVATÓRIO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCAÇÃO EM SAÚDE

LINHA DE PESQUISA MICROPOLÍTICA E GOVERNOS DE SI

Este encontro tem como objetivo mobilizar pessoas e instituições a debater o cenário e conjuntura atual da Região Sudeste e Brasil em relação as políticas públicas, especialmente as de educação e de saúde.

Programação

30/10/2019 Quarta-feira	MANHÃ 9h às 12h30 Auditório João Yunes	CONVERSA: MULTIDÃO EM NÓS: EXISTIR PARA RESISTIR Peter Pal Pelbart
	TARDE 14h às 18h	Vivência: “Sopro, logo existo” O poder do elemento ar na palavra empenhada. Débora Marçal – pesquisadora cênica – Capulanas Cia de Arte Negra e Macuas. Vivência: Corpa território presente – experimentação corporal para mulheres. Flávia Rosa – atriz e pesquisadora – Capulanas Cia de Arte Negra. Vivência: Oficina - Diálogo como Ação - Facilitadora: Juliana Freire Vivência: Messan Orun - Recriando Histórias e Memórias com a Dança - Facilitadores: Priscila Brito, Claudio Henrique e Sol Assis Oficina: Baobá – Fortificando Raízes: oficina literatura e identidade. Carmem Faustino – Poeta, arte-educadora e produtora cultural. Intervenção artístico-cultural: Zona AGBARA
31/10/2019 Quinta-feira	MANHÃ 9h às 12h30 Auditório João Yunes	CONVERSA: MULTIDÃO EM NÓS: EXISTIR PARA RESISTIR Emerson Merhy (UFRJ) Movimento 1 – Karina Holanda e Aline Lima / Ocupação Independente Aqualtune

		Movimento 2 – Adriana Carajá / MG Movimento 3 – Carolina Farias - sanitária e ativista do movimento de moradia / Ocupação São João 588 do Movimento Sem Teto pela Reforma Urbana (MSTRU)
	TARDE 14h às 18h	RODA DE CONVERSA: Grupos misturando todos os movimentos e participantes para debater o que foi agenciado até o momento. Intervenção artístico-cultural
01/11/2019 Sexta-feira	MANHÃ 9h às 12h30 Auditório João Yunes	CONVERSA: SUS COMO EXISTIR PARA RESISTIR! Laura Feuerwerker - FSP Arthur Chioro - UNIFESP Túlio Franco - UFF
	TARDE 14h às 18h	Rodas de conversas: Vivências e Experiências de Resistência no SUS e apresentação dos trabalhos selecionados para o encontro

Assim que eu verifiquei a programação do evento fiz minha inscrição, remanejei meus horários de trabalho para participar nos 2 últimos dias. Infelizmente não consegui me organizar para participar do primeiro dia.

Quinta e sexta-feira, registros de emoções e afetos.

Fui no ônibus da madrugada, agitação no Terminal Tietê, metrô, mudança de linha de azul para verde e cheguei muito cedo, quinta-feira (31/10), por volta de 7:30. Segui a rotina do semestre passado, escovar os dentes, pentear cabelo, passar batom e tomar café da manhã na cantina. Visitei a exposição com registro fotográfico na entrada da Faculdade “Micropolítica da produção da vida nos territórios: o que vem de fora e a saúde não enxerga”.

Os primeiros encontros logo de manhã, com pessoas queridas que não encontrava há muito tempo, Alzira de Belo Horizonte, Analdeci e Heloísa de Diadema, ver o Emerson, mesmo que a distância.

As conversas pela manhã, MULTIDÃO EM NÓS: EXISTIR PARA RESISTIR, com Karina, Aline e Carol, que trouxeram as suas lutas e vivências sobre a moradia e Adriana, representando as lutas dos povos indígenas, as contribuições do Emerson, como sempre me emocionaram. Demonstração de força e capacidade de luta na adversidade, denúncias e poesias. Saí sentindo que sou parente da Adriana e de todos os povos indígenas. Recordei da convivência que tive com grupos de pessoas do MST, de ocupações e assentamentos, há cerca de 20 anos, quando morei e trabalhei no oeste de Santa Catarina. Sexta de manhã, na ordem do dia, SUS COMO EXISTIR PARA RESISTIR, um grande encontro com pessoas especiais, com trajetórias de construção e defesa de políticas públicas de saúde, Laura, Túlio, Arthur e Débora, as conversas se completaram, as denúncias de retrocessos e as

evidências que precisamos enfrentar novas lutas e batalhas pela frente, a ameaça concreta das mudanças pela Atenção Básica, o fim a universalidade. As marcas das conversas para mim foram: combater a tristeza para resistir, fortalecer os coletivos e ampliar a solidariedade. As ameaças das democracias na América Latina, as lutas no Chile e hoje escrevo com as tristes notícias da Bolívia, mais um golpe das elites brancas contra povos andinos indígenas. Estou marcada pelo símbolo da resistência indígena e seus significados—Wipala (ou Huipala)

Rodas de conversas, a representação da diversidade com unidade, tanta riqueza de vivências na quinta e sexta-feira no período da tarde. Os trabalhos selecionados apresentados na sala que eu fiquei abriam possibilidades e me tocaram profundamente. Saí mais rica de vida e de ideias.

Pois bem, no final da tarde de quinta-feira, um presente para os olhos e para os ouvidos. Como falar do sentido naquela tenda armada no gramado?

Primeiro contato com os Poetas Ambulantes, quatro pessoas que exalam arte, por meio da voz, do andar, do olhar ... Eles falam de suas criações e de outros poetas. Agora escrevendo, sei que não dá para expressar tudo o que senti.

De tudo, uma redação, um gesto
As palavras abraçaram, despertaram
E outros poetas se juntaram
Podia ficar até amanhecer
Recarregar a existência para a resistência
Foi isso
Raios com afetos, olhares
Chuvas de sentidos, palavras que tocam, apertam a pele, o corpo fala
Imersão na poesia
Um encontro que não tem descrição, é puro sentido!

Agora eu sigo os Poetas Ambulantes.

Como eu saí depois de dois dias?

Só posso dizer, gratidão para aqueles que provocaram os encontros!

E é precisamente nesse chamado da periferia e no encontro com quem está fora que se liga a minha experiência recente no Encontro Sudeste da Rede Unida. Todos os encontros e congressos da Rede Unida de que tive o privilégio de participar foram muito potentes e felizes, mas o Encontro Sudeste de 2019 foi ímpar. E esta singularidade está, principalmente, nos convites para encontrar o fora e no uso de modos diferentes e leves de se comunicar. Expressar, escutar e sentir com o corpo vibrátil deu a tônica dos três dias do evento.

O encontro com o fora se deu de maneiras diversas, seja pelo convite feito a representantes dos movimentos sociais por moradia, com lideranças de ocupações como a Aqualtune, São João e 9 de julho, pela participação de mobilização indígena e sua relação revolucionária com a natureza ou ainda, pela vinda de diversas intervenções artísticas incluindo dança, teatro, música e poesia.

Tudo fluiu como uma dança espontânea, ritmada e pulsante. Ouvir estas pessoas compondo mesas e rodas de conversa junto com os habituais da academia, participar de vivências que ativaram outras formas de sentir e pensar, me pareceu algo tão vivo, tão necessário, como se não houvesse outro jeito de fazer encontros que não fosse esse agora experienciado.

Conheci gente que também sonha com as mãos. Ouvi suas palavras, suas ideias, desejos e críticas. Também elas puderam nos ouvir e estar dentro de uma faculdade pública, espaço que poucos frequentam. Muitas vezes o poder público foi citado, como abaixo no trecho da fala de Aline Lima, da Ocupação Aqualtune em mesa do Encontro Sudeste da Rede Unida em outubro de 2019:

“(...)O nosso interesse é só morar, porque é o que nós precisamos e que o poder público não nos dá. Que é direito nosso. E isso é muito ruim, né? Porque a gente vive sendo... a gente parece uma bolinha de pingue-pongue vai pra um lado e vai pro outro, quando acontece reintegração e isso acaba atrapalhando porque hoje tem três anos que nós estamos lá, tem três anos que consegui estabilizar a vida das minhas filhas na escola. Minhas filhas são bolsistas numa escola particular. É uma escola muito boa. É uma oportunidade que eu não tive e que pobre não vai ter uma oportunidade dessa assim, né? Se não correr atrás e a gente tem muita coisa, tem o trabalho feito com as crianças que a Harete que está aqui leva no SESC, leva pra passear, fazem aula de reforço. Entendeu? Tem as psicólogas que atendem as famílias. Não é um lugar assim que as pessoas dizem lá tem que sair porque não tem utilidade, tem sim! Nós viramos um espaço cultural, com muita luta, a gente conseguiu um pessoal de uma companhia de teatro chamada galocha, eles faziam peças de teatro lá na ocupação, nos ajudaram muito. Nós temos um cursinho popular destinado pra jovens que queiram estudar, que queiram fazer ENEM, que queiram fazer faculdade. Então é muito chato você saber que você vai pra rua e que tudo isso vai acabar e que o prédio vai ficar ali ocioso cheio de lixo igual estava, entendeu? E que ninguém vai fazer nada. Só que o poder público não em interesse em sanar esse problema. Porque existe mais prédio vazio do que família sem casa. E não é do interesse do poder público, né? Fazer nada pelo povo. Isso é muito chato, porque, como que a gente resiste? Como que a gente existe? Eu falo todos os dias que todo dia sou violentada pelo poder público porque todos os dias eu tenho meus direitos negados, ninguém olha pra mim, o que eu falo não é interessante pra ninguém. Então a gente vive resistindo mas a gente também vive chateado, porque você não é ninguém. Eu só tenho direitos quando eu tenho que votar. Aí todo mundo me enxerga, aí sou cidadã, mas fora disso eu não sou cidadã em momento nenhum.”

Estes encontros enriqueceram a discussão trazendo para perto uma vivência periférica e de resistência. O tema do encontro: Existir para Resistir foi questionado. Não deveria ser Resistir para Existir? Visto que tantos são aniquilados e precisar lutar para garantir sua existência na diversidade.

A fala de Aline Lima, acima reproduzida, e a de tantos outros presentes no evento é uma fala tão viva quanto dolorida, que traz à tona a força de mobilização das mãos que sonham e que não contam com o poder público para apoiá-los. Também trouxe a riqueza daquilo que é produzido dentro de uma ocupação, marcada em sua fala de que quem está fora pode achar que é um lugar inútil, de pessoas descartáveis e que podem ser retiradas dali, mas que é um espaço vivo, promotor de diversidade, de arte e educação. Lugar de viver. Lugar de exercer cidadania.

Nas rodas de conversa, a vivência cotidiana de quem precisa acessar os serviços de saúde e é barrado pelas burocracias, pelos fluxos internos, pelas barreiras criadas pela regionalização. Os arranjos cuidadores tão discutidos, continuam produzindo descuidados. No acesso à educação, situações semelhantes. Em cada dificuldade relatada, também são relatados modos de enfrentamento, a criatividade e o “burlar as regras” que garantem os acessos necessários. A disposição em roda e a apresentação singela “meu nome, lugar de onde eu venho”, recheados de lugares de origem e esvaziado de lugares de titulação acadêmica contribuíram para uma conversa aconchegante, acolhedora e aquecida por uma vivência corporal ofertada por uma pessoa do grupo e aceita por todos. Um banho de afetos.

E não coube tudo dentro das salas. O convite então foi para ocupar o jardim da faculdade de Saúde Pública. Teve teatro e poesias.

O Jardim floresceu de gente e cultura. Teve luta também. Pela educação, pela inclusão, pelo respeito. Contra toda forma de discriminação, racismo, machismo, homofobia, gordofobia e muitas outras violências. Muitas cenas, muitos sentimentos. Difíceis até de traduzir em palavras.

Poetas Ambulantes¹⁸⁶

Foto: Fernando Lopes

A Poesia que correu no nosso Jardim, vem também no transporte público e leva a palavra de amor, de dor, de manifesto pela vida de todos, e todos sentimentos que podem fluir através de versos e prosa. Tinha bebê no colo. Ah! Essas mulheres... Segurando microfone, pronunciando belas palavras, gingando pra lá e pra cá enquanto ninava seu bebê... Houve circulação da palavra, convite pra quem quisesse entrar na roda e declamar. Convite. Essa foi a palavra.

¹⁸⁶ Coletivo que leva poesia aos transportes públicos na cidade de São Paulo. Atuam nos ônibus, trens e metrô.

Teve antes o Coletivo Zona Agbara, lugar de força e potência. Mulheres, pretas e gordas. Belas. Resistentes. E com objetivo de dar visibilidade e valorização da produção artística dessas mulheres. Esta apresentação teve um efeito ainda mais intenso. Mulher, preta e gorda: assim me vejo.

E quando aquele cortejo de mulheres veio andando silenciosamente pelo jardim, pisando pedras e galhos e seguindo em frente demonstrando a força e a disposição para a intervenção, eu tremi. Perdi o fôlego imaginando a coragem de expor os corpos naquele meio, naquele horário, naquele lugar. Mas senti coragem de fazer o mesmo se assim o pudesse.

Zona Agbara

Foto: Fernando Lopes

A apresentação era um corte de navalha na carne. Embrulho no estômago. Certo que já ouvi, mesmo que apenas em pensamento, os insultos que elas reproduziam. O modo como escolheram denunciar as violências sofridas foi contundente. O Convite a falar das próprias dores, das violências cotidianas e gravá-las na pele das atrizes foi um acontecimento. Não havia quem naquele espaço de jardim, não estivesse hipnotizado pela força das palavras, dos gestos e pela intensidade do olhar. E foi justamente no olhar que mais me reconheci.

E foi justamente no olhar que ela se reconheceu.

E mais do que mulher e gorda, pude mais uma vez me reconhecer negra. Ancestralidade essa que tantos me negam, por ser branca demais, ter olhos claros demais...

Foto: Fernando Lopes

Uma troca de palavras, sentimentos, constatações...

E o conforto de quem se reconhece e se ampara...

Não quis me separar tão rápido das irmãs recém conhecidas, um convite para ficarmos um pouco mais, juntas, no bar de calçada. Fomos então, algumas colegas da pós-graduação em Saúde Pública, as atrizes do Zona Agbara e dois rapazes que as acompanhavam. A troca de ideias, a conversa sobre o Ilú Obá de Min e o embranquecimento percebido por elas, a informação do movimento atual para incluir mulheres negras no bloco que elas ainda não sabiam. A afirmação da minha negritude e a identificação positiva que tiveram ao ver minha figura: “Também tem mulher preta e gorda aqui”. Sim tem!

E haverá cada vez mais. E então, entre tantos risos e novos saberes, algo que nunca havia acontecido. As luzes ligadas. A viatura estacionada ao nosso lado. Os policiais em pé na calçada. Ao nosso lado. Homens e mulheres pretos, retintos, ao nosso lado. E não dá pra dizer que foi coincidência.

Quão necessária é essa militância que ganha força na arte. Seja em blocos afro, Trupes circenses, Coletivos de homens e mulheres negras, e outros tantos. Talvez seja assim pelo sensível que as pequenas revoluções possam mudar as relações sociais.

Terceiro dia - manhã

Figura 120: Conversa-debate “SUS: COMO EXISTIR PARA RESISTIR!” com a participação de Laura Feuerwerker (FSP), Arthur Chioro (UNIFESP) e Túlio Franco (UFF) e mediação de Débora Bertussi (USCS).

Das narrativas de participantes do Encontro

Sempre tive um sonho em estudar na Santa Casa e então decidi prestar o vestibular, passei e pra mim foi um sonho quase que realizado. Quando comecei o curso, fui percebendo algumas coisas específicas na faculdade, como a ausência de negros, tanto como docentes como discente, falta de representatividade, nenhum tema era abordado na faculdade. No primeiro semestre decidi fazer um tema de TCC que abordava o racismo institucional, sobre amamentação das mulheres negras, iniciei e aprendi muito com os temas abordados, mas por alguns motivos acabei deixando esse tema para outra oportunidade.

Já no quinto semestre iniciei outro tema com um objetivo de buscar mais sobre a história da cultura do meu povo, se teve algum enfermeiro negro na história do Brasil e quando eu comecei a pesquisar fiquei extremamente triste por saber que na faculdade aprendemos sobre uma enfermeira importante da “teoria ambientalista”, porém enfermeiras negras participaram junto com ela na guerra da Criméia e fizeram história, mas foram esquecidas por vivermos em uma sociedade racista, machista e isso me deu uma vontade imensa de continuar pesquisando e de enfrentar, alguns professores para eu conseguir seguir com o meu projeto. No projeto eu afirmo que os cuidados que eu abordo vieram muito antes da enfermeira com a teoria ambientalista, vieram dos escravos com as mães pretas, amas de leites, curandeiras parteiras que com os conhecimentos empíricos estabeleciam cuidados com os seus irmãos, os escravos cultuavam religiões de matriz africana como candomblé, umbanda eu em alguns cultos e preceitos também estabelecem cuidados. A invisibilidade da mulher negra na história da profissão é algo muito marcante para historiografia da enfermagem, o racismo, o machismo.

No começo de outubro deste ano minha orientadora me convidou para apresentar meu projeto de pesquisa no congresso da Rede Unida: MULTIDÃO EM NÓS, EXISTIR PARA RESISTIR na mesma hora eu aceitei, eu existo e resisto enquanto mulher negra e estudante de uma faculdade elitista. No primeiro dia de congresso sai realizada e extremamente feliz; a presença e o abraço da Preta Ferreira me trouxeram uma força para continuar a lutar pelos meus direitos, a Preta me disse coisas que fez com que eu entendesse que eu não estou sozinha. Ao término da roda de conversa com a Preta Ferreira fui imediatamente até ela para abraça-la e tirar uma foto e no mesmo instante em que eu abri os braços e pedi uma foto ela me abraçou e disse: “Preta você não está sozinha, estou com você e conte comigo, não deixe que ninguém te diga aonde você deve estar, quem deve saber isso é você, lute e conquiste, exista e resista”. O abraço mais forte e com energia que eu poderia receber aquele dia. Ao final tivemos a apresentação da Zona Agbara, que foi um espetáculo forte. Claro que mais forte ainda, pelo ambiente em que fizeram a apresentação, uma faculdade também elitizada, com diversas pessoas assistindo, fazendo que todos percebessem a situação em que estamos vivendo. Abordaram temas de extrema importância, assuntos que estão sendo presenciados a todo o momento na sociedade, mas que muitos não enxergam ou que não querem ver, mas o que eu tenho que engolir? Padrões? Racismo? Machismo? Gordofobia? Eu saí pensando que eu já tive que engolir muitas coisas para ser aceita em um grupo, hoje uma mulher, preta, empoderada e que aprendeu muito nesses dias congressos. Eu existo para resistir todos os dias.

Após esses 3 dias de congresso, eu posso afirmar com toda certeza que eu existo para resistir, sim, e seguirei lutando, ninguém solta a mão de ninguém, eu não estou sozinha, quero me formar e sair com a cabeça erguida de que deixarei na faculdade conhecimentos e aprendizados, oportunidades de conhecimentos para outros alunos negros.

ENCONTRO SUDESTE DA REDE UNIDA

MINHAS AFETAÇÕES

Muito sensível este Encontro Sudeste realizado em Sampa. Estimulou nossos sentidos e sensibilidades e nos colocou em discussão/reflexão sobre o momento atual em que vivemos, imersos em perdas, retrocessos e tristezas. Mas também um campo aberto de possibilidades, construções e invenções, reinventar-se para existir e resistir. Vou falar de três momentos que me afetaram mais profundamente: a conversa com Peter Pelbart e Preta, o grupo Zona Agbara e os Poetas Ambulantes.

Na primeira mesa, as presenças de Peter e Preta foram muito marcantes. Preta, mulher forte, militante, guerreira, que, com sua luta e existência, nos encanta e alegra. Mas quero falar de Peter que me tocou profundamente com sua fala questionadora e potente. Me levou a momentos de muita reflexão e admiração pela sua consistência teórica e riqueza de experimentações com muitos grupos e sua grande sensibilidade para enxergar as dores e potências de muitos outros/multidões por esta vida afora. Aquela carta ao Lula, falando de forma carinhosa sobre este líder que para nós foi e é tão importante, me afetou muito em especial pelas reflexões que nos trouxe. Sua fala de que o mundo não deu certo e precisamos repensar profundamente como fizemos, numa perspectiva de não repetir, mas de nos reinventarmos na política e na forma de nos colocarmos no mundo e nos encontros com o outro, foi para mim muito instigante. E mais do que isso, a utopia que ele nos apresenta de outras possibilidades de existência sem governantes, dirigentes, partidos, mas permitindo o protagonismo dos movimentos infinitos e potentes de tantos que pedem passagem definitivamente me encantou. Saí encantada com estas possibilidades outras, mesmo que sabendo de tantas impossibilidades hoje colocadas. Mas a vida é de real e viés e está aí para ser construída hoje, amanhã e depois. E armados de uma alegria só nossa, de quem busca construir novos mundos possíveis.

E aquelas mulheres, hein? Nossa, que impacto profundo me causaram. Vê-las entrar de maiô mostrando toda sua negritude, obesidade e coragem me assombraram. Elas escancararam e puseram a nu, por meio do “O que costume engolir?” todos os nossos preconceitos: mulher, preta, gorda, feia... Gordofobia, Homofobia, Racismo, Machismo. Mulher, preta, gorda e feia... Escreve aqui o que pensa de mim: Mulher, preta, gorda e feia... Estereótipos, discriminações, violações, enquadramento do que pode ser belo em nossa sociedade. Mulher, preta, gorda e feia... EU, nós, todos, preconceituosos e violadores. Que sociedade estamos construindo? Que reprodução é essa que exclui, criminaliza, expõe, ridiculariza e destrói tantos corpos pretos e femininos em nome do que mesmo? Uma suposta beleza importa? Por que repetimos, reproduzimos e perpetuamos isso? Por que deixamos isso acontecer conosco? Nossa... Mulher, preta, gorda e feia... Fui abduzida, transversalizada e derrubada por elas. Mulheres, pretas, gordas e simplesmente maravilhosas.

E os Poetas Ambulantes, esses levaram minha alma e meu coração. Tinha acabado de saber da morte da mãe de uma grande amiga, irmã de alma e estava bem triste. E a poesia deles foi entrando de forma tão suave, generosa, sincera e linda que fui sendo levada pela beleza daquele momento. Aquelas pessoas tão cheias de humanidade e sensibilidade, ao recitar seus poemas e de outros poetas, foi um sopro de beleza e paz que eu precisava. E que cenário lindo aquele: numa tenda ao final da tarde em meio as árvores e a potência daqueles quatro nos brindando com tanta beleza. Aquela poetisa com seu filhote amarrado ao seu colo se sentou ao meu lado e o bebê sorria enquanto ele declamava. E depois, a generosidade de outros tantos poetas entre nós. Muito lindo! Gratidão por vivenciar. Amei e trouxe aqueles poetas comigo para que pudessem encantar alguns queridos meus. Foi isso o que me marcou especialmente e queria compartilhar com você.

Terceiro dia – tarde

Das conversações: por outras multidões no SUS e para além dele

*Das interferências
que sopram
ventos de
outras
multidões em
suas tensões e
encruzilhadas...
Ubuntu - “Eu sou
porque nós
somos!”*

Figura 121: Das conversações produzidas a partir das apresentações dos trabalhos

Bicha Preta: existências em trânsito

Olá, Valéria! Tudo bem? Amanhã estarei na condução de uma roda de conversa do projeto Bicha Preta de Fé. Se puder, apareça.

E eu e André aparecemos. No cartaz que acompanhou a mensagem, pistas do porvir: exposição fotográfica “Amor negro além dos muros”; exibição do documentário “Da(r) cor ao amor” e “espaço aberto sobre a infância das bichas pretas”. Naquela terça-feira nos encontramos na Estação Paulista da linha da amarela pouco depois de 18h30, seguíamos em direção à Estação da Luz onde tomamos um trem na linha Rubi no sentido Jundiaí, rumo ao norte da cidade. A fiação das minhas andanças estava nos levando para outros rumos. Os encontros nos levavam para outros quilombos da cidade.

Nosso ponto final foi a Estação Perus. Ao sairmos da estação, viramos à esquerda e caminhamos por uma rua estreita. Apesar de um pouco escuro, logo chamaram minha atenção vários grafites retratando existências negras. Ao longo do trajeto as imagens clamavam pela defesa destas vidas, em especial a das mulheres negras. Àquela altura ventava forte e os trovões anunciavam o pé d’água que começava a cair sob nossas cabeças, ainda na forma de chuvisco, como se diz na minha cidade. Garoava como se fala pelas bandas de cá, de São Paulo.

Caminhamos por mais alguns metros e logo avistamos uma pequena aglomeração. Aquilombamento à vista. Entramos. Ao cruzarmos aquela porta, uma sensação de conforto. A primeira imagem que saltou foi a de um galpão à esquerda com cobertura de telhas com várias mesinhas com cadeiras, quadros e muitos livros. E ao fundo, bem na nossa frente, árvores com uma iluminação na cor verde, que destacava ainda mais as outras plantas que as circundavam. Beleza.

Logo vi Sol sentada em uma das mesas do galpão, conversando com outras pessoas. Quando ela nos viu seu rosto se iluminou com um sorriso tão brilhante que ofuscaria o astro do qual ela emprestou o nome em seus melhores dias de verão. Sol veio em nossa direção. “*Que bom que vocês vieram*”, disse-me em um abraço demorado. Na sequência também cumprimentou André. Não víamos Sol há algum tempo. Como da última vez que nos encontramos, nós três, na Casa de Cultura para uma conversa, Sol seguia irradiando uma alegria serena.

Faltavam alguns minutos para o encontro começar. Enquanto aguardávamos, circulamos por aquele aconchegante galpão. Também circulamos entre os manequins que estavam na área entre o galpão e o espaço do encontro. Os trajes e as frases escritas em placas que acompanhavam os manequins enunciavam alguns “recados”:

- Manequim com vestido florido: Eu não mereço ter um filho gay!!! Isso é uma doença!!!
- Manequim com camisa e calça social: Além de negro é gay!!! Que amor que nada. SAFADEZA.
- Manequim com vestido: Um negro com uma rola dessas, gay!?!? Que desperdício!!! Bicha!!!
- Manequim com batina: Que Deus te cure, meu filho! Tem cura!!!
- Manequim com paletó e gravata: *Negro gay??? Pode prejudicar a minha empresa!!! Preto gaysinho!!!*

Logo fomos chamados para entrar. Ao cruzamos uma cortina de fitas com as cores da bandeira LGBTQI+, a sensação era a de ter passado por um portal. Uma travessia. À meia-luz nos encontramos com fotos de casais GLBT em meio a marabus multicoloridos e fios de led que iluminavam parte do ambiente.

Amor negro - Além dos Muros

A exposição Além dos Muros faz parte do projeto DA(R) AO AMOR patrocinado pelo Programa VAI (Valorização a Iniciativas Culturais) no ano de 2016. A exposição traz manequins com falas pejorativas, carregadas de julgamentos e ofensas que expõem a homofobia, o machismo e a discriminação aos LGBT's em ambiente familiares, de trabalho, religioso e que apontam para um caminho de dor e luta. Após toda essa caminhada árdua é aberto o portal das CORES, BRILHO e PURPURINA. Neste segundo ambiente, encontramos o carinho, o afeto, a liberdade da troca de existência registrado pelas lentes de quem vive esse AMOR, onde possamos ser.

Minha sensação se confirmava no cartaz: a de passar por um portal. E em cada foto da exposição beijos possíveis, olhares possíveis, toques possíveis, relações possíveis, modos de existir possíveis. Tudo ali para quem pudesse enxergar. Além da exposição, havia imagens belíssimas de rituais religiosos de matrizes africanas expostas em uma das paredes laterais ao palco. Nenhuma indicação do local ou de seus integrantes. Aquelas imagens ocuparam minha atenção por um certo tempo. André também estava perdido naquelas fortes imagens.

Após este encontro que virou tema entre nós dois, acomodamo-nos no círculo de cadeiras formado no centro do espaço. E um vivente deixou o ambiente ainda mais aconchegante: um cachorro. Logo se achegou para o lado de André, que me olhava sorrindo. De modo simpático, aquele ser seguia fazendo amigos e amigas entre os participantes do encontro que também se acomodavam nas cadeiras. De farejada em farejada, sorrisos e afagos. Eu não sabia seu nome. Bem que podia se chamar *Quinho*

Quinho
era um cão vira-lata
que morava na favela do Guarujá
Educado,
só latia o necessário
não mordía crianças,
era contra qualquer
tipo de violência.
Pra ser gente
só faltava falar,
e a gente pra ser cachorro,
só faltava escutar¹⁸⁷

¹⁸⁷ Poema “Amigo”, de Sérgio Vaz, do livro Colecionador de pedra. (2013 p.120)

“Boa noite! Vamos agora ao filme e depois a gente conversa sobre o processo do DA(R) AO AMOR que resultou nesse filme e nessa exposição. E hoje convidamos a Sol para compartilhar um pouco da história dela. O filme tem 15 minutos”.

- Acho que sempre soube, mas não entendia direito
- Acho que a gente se percebe. Eu me percebi desde muito pequena
- Um episódio me marcou, na quarta série, tinha chegado uma menina na sala e a gente estava nas filas para cantar o hino. Estava de touquinha, fui para a fila dos meninos. Ela disse: a fila das meninas é desse lado, não onde você está.
- Lutei muito, até os 18 anos lutei contra essa vontade
- As redes de televisão já tinham incutido no meu ser a ideia de que menino tem que gostar de menina
- Desde pequena vendo filme, novela, sempre um corpo feminino me chamou mais atenção que um masculino
- Encontrei a homossexualidade como um caminho para entender alguma coisa da minha identidade. Mas fui percebendo que ela só dizia respeito a uma orientação sexual [...] recorri à homossexualidade, achava que ia me resolver enquanto sujeito no mundo a partir da afetividade [...] ela está relacionada à identidade de gênero
- Jantando com a família, madrastra, meu pai jogou: sua mãe falou que está andando com novos amigos. “Que amigos?” Ele: “uns amigos diferentes. Você sabe do que estou falando”. “Não sei o que está falando, meus amigos gays?”. “Você também é gay”? Falei: “sou”. Ficou um silêncio. Meu pai começou a chorar. Aquilo me desesperou, porque a gente nunca imagina que vai fazer os pais chorarem, principalmente porque está chorando por saber quem você é
- Todo mundo falava: *você tem que abrir para os seus pais, você tem duas vidas*, porque fui morar em Campinas e não precisava esconder quem eu era. Eles [pais] sabiam que alguma coisa diferente existia em mim

O filme prosseguia com uma música de fundo. Eu não conhecia aquela música cuja melodia me agenciava conforto. Entre um relato e outro era possível ouvir o intérprete:

Dai-me outra cor
Que não seja a do seu olhar
Dai-me outro amor
Que venha pra me perpetuar
Dai-me outra cor
Que não tenha o que eu quero enxergar
Dai-me uma dor
Que sirva para eu acordar
Dai-me outra cor, dai-me um amor, dai-me uma dor

- A minha família respeitou. Hoje posso levar minha companheira na minha casa. Ela vai ser bem recebida sem que eu precise apresentar como minha companheira, esposa, namorada, seja lá o que for.
- Conversando com um garoto via skype, meu pai viu e chamou minha mãe. Disse que não era mais o filho dele. Minha mãe falou: É seu filho, não vai mudar”. Faz uns três anos. De lá pra cá meu pai de mal a pior e comigo o contrário [...]
- Ela [mãe] tinha um projeto político que era o fato de ser uma mulher emancipada, solteira e ter escolhido ter dois filhos. E esses filhos de uma certa forma, segundo os padrões, desvirtuam essas regras. Foi difícil para ela conceber que o projeto político e o projeto que ela tinha de vida não seria do jeito que estava descrito nas normas [...]
- Eu já sentia atração por mulheres, mas me via barrada na questão da moral, dos bons costumes. Eu tentava me boicotar, porque a cultura da minha família é tradicional de raiz católica e tudo girava em torno do pecado [...]
- Na conversa com meus pais, que foi muito dura, acabei revelando uma coisa que me chocou muito, assisti o *spotlight*, que retratava o abuso de alguns padres para com crianças [MÚSICA DE FUNDO PARA] e o que parecia tão distante não era. Eu aqui na Paróquia Bom Jesus de Piraporinha, fui aliciado por um padre quando tinha meus 12 anos. Isso me marcou muito, porque ao mesmo tempo que eu era, não sabia, por culpa dessa sociedade ridícula que quer nos invisibilizar, me gerou um universo de confusões, que para eu lidar criei um fato, de que quando aquele padre me levou para a sacristia, tocou no meu sexo, se masturbou na minha frente, me masturbou e me beijou, era que estava me passando um dom para que fosse padre. [...] a ponto de eu iniciar um curso de teologia aos 16 anos [...] dizendo para a

minha mãe que o inimigo estava tão próximo, afinal ele frequentava a nossa casa, batizou minha irmã, era do convívio da minha família, acredito que foi uma coisa muito mais dura para meu pai que a confirmação: *sim, sou viado* [...].

E assim se olho começo a decifrar... Volta música

- O amor? Existem várias formas de amar, várias intensidades. Para além do amor, acho que existe o amor entre pessoas pretas. O amor entre duas mulheres negras é o que tenho de mais valioso na minha vida. Estar junto, entender o problema da outra pessoa [...] conseguem resolver juntas
- Quando você pensa em amor, tem que pensar primeiro em você, como se ama, se trata, se cuida. Acho que a gente tem que fazer assim quando se predispõe a viver o amor com outra pessoa. Aí existe a troca, a cumplicidade.
- O meu amor se encontra nos lugares onde frequento, onde sou protagonista da minha história. Um desses espaços é o maracatu. Consegui entender a história do maracatu e consegui trazer pra mim essa história. Hoje sou mestre do grupo, dou aula de canto, de dança, toco. E outro momento do amor é na minha casa. Minha mãe é minha melhor amiga, conto tudo pra ela, a gente se diverte brinca, performa, passa maquiagem, faz o cabelo
- Quando penso em futuro, penso como deixar minha mãe mais feliz, já que passou tanto tempo me acolhendo. Minha mãe está se relacionando depois de quase trinta anos separada e é pauleira pra ela essa coisa do amor.
- Nunca tive essa cobrança do amor. Quando comecei a me relacionar, o amor pra mim era muito sem peso. E o amor que é vendido é aquele peso, aquele falso altruísmo. O amor pra mim é uma coisa leve. É tranquilo.
- Maravilhoso ser gay, negro. E é muito mais maravilhoso ser gay, negro e morar na periferia
- Costumo sempre falar que sou bicha preta
- Feliz por que não estou parado, porque estou em movimento. E quero ir além
- Quem é a Érica? Não sei. Sei que está no plural. Mas não sei. Melhor perguntar para as pessoas

O idealizador do projeto retoma que o filme integra o projeto da “Da (R)cor ao amor”, buscando discutir o amor entre os LGBTs negros por meio de encontros como aquele. Ele contava que durante o período de realização do filme não conseguiam chegar *no amor* e que após várias discussões perceberam a necessidade de abordar o processo de passagem pela dor, que incluía a relação com a família e com a sociedade: *“os manequins estão relacionados a essas discussões. Como as pessoas LGBTs são vistas pela pais, família, amigos, igreja foi uma questão neste período e por isso trouxemos esses rótulos nas placas. Assim, chegamos no processo do filme, que fala sobre a dor até chegar no amor. É como se depois disso tudo, passássemos por esse portal mágico para um outro lado que chamamos de amor. ‘Bicha preta de Fé’ busca desmistificar o termo bicha buscando um lugar de fala e de possibilidades de cura.*

O que Sol compartilhou?

Suas primeiras palavras foram que em dois anos muitas coisas tinham mudado quanto ao modo como ela se colocava no mundo. Identificando-se com as experiências de uma participante do filme, Érica Malunguinho, contou sobre a passagem por um processo de entendimento de sua identidade de gênero. De um primeiro encontro com a homossexualidade à experiência de se produzir como uma pessoa transgênero. Uma primeira linha da conversa aberta por Sol foi sobre o projeto que há um ano ocupava sua vida: repensar o processo de construção da identidade das bichas pretas, um território desconhecido. Projeto este produzido com várias existências LGTBTs na região do Capão Redondo.

Vim com a ideia de falar sobre a infância LGBT. Ano passado iniciei um projeto de vida, acho, que era repensar a construção da identidade das bichas pretas. Passei três meses com um monte de mulher, travesti e viado em casa para podermos avaliar como é a nossa presença na periferia. Moro no Capão Redondo desde que nasci e foi muito interessante porque movimentamos o lugar de diversas formas. As pessoas não estavam prontas para corpos tão dissidentes, para dialogar sobre questões tão específicas. Desse processo precisamos fazer encontros mais abertos. Fizemos duas ‘rosas’ de conversas. Chamamos assim para entendermos que as coisas precisavam ter outros nomes, serem olhadas de outras maneiras. Uma das primeiras ‘rosas’ foi sobre infância LGBT, um território muito desconhecido. A sociedade é responsável principalmente pelo não afeto ou pela poda de nossa identidade. E a família também. Queria compartilhar um trecho do espetáculo que fala sobre esse lugar.

Em pé no centro da rosa, tendo como acompanhamento a intensa chuva, ela nos dizia:

Eu não sei vocês, mas eu adorava vestir as roupas da minha mãe. Calçava o sapato, vestidos e colocava uma toalha na cabeça. Passava horas na frente do espelho fingindo ser ela. Não queria ser minha mãe. Mas era a única oportunidade que eu tinha de me investigar. É porque sempre fui muito curiosa. Eu amava isso. E às vezes eu sentia vontade de me vestir inteira e de sair correndo pra rua e de mostrar pra todo mundo o quanto estava linda. Eu ia ser humilhada, com certeza, porque as crianças já achavam estranho. Minhas vizinhas já comentavam bastante. Tinha uma que dizia que o filho dela não podia brincar comigo porque eu era preto e viado. Preto e viado. Aí quando eu vejo as pessoas falando o quanto é bom ser criança ou que sentem vontade de voltar a ser criança, eu me pergunto: ser criança é bom pra quem? Pra você [pergunta para um participante da roda]. Que bom. Porque pra mim ser criança sempre foi muito difícil. Eu nunca imaginei que chegaria até aqui. Mas ser criança é difícil mesmo. A gente tem que lidar com um monte de coisas que a gente não entende e faz pergunta que ninguém sabe responder. [Sol para na minha frente e fala]. Você já parou pra se perguntar como é para uma criança viada? Já? Já! [respondo]. Obrigada! [e segue para o centro da rosa]. Aí, meu amor, o buraco é bem mais embaixo. A gente tem que lidar com um monte de gracinha, piadinha. Lembro que na escola os moleques faziam uma coisa que eu nunca entendi. Fala chiclete [diz para um participante]. Chiclete! [responde ele]. Que nem homem [diz Sol]. Eu não sei [diz ele]. Fala chiclete [insiste Sol]. Chiclete! [responde ele]. É pra falar isso? [pergunta ele]. Que nem homem! [repete Sol]. Chiclete! [responde ele]. Não é estranho “que nem homem”? Como é chiclete que nem homem? [pergunta o rapaz]. Eu também não sei [responde Sol]. Às vezes eu ficava desesperada respondendo e começava a ouvir que nem um bando de macho escroto, sabe? Com o tempo fui deixando tudo isso de lado. Sempre que dava ia para a casa das minhas primas e a gente dançava rouge, é o tchan. Eu me acabava na boquinha da garrafa. Era assim que eu, criança viada, existia. Era assim que eu resistia. Era assim que eu reivindicava minha viadagem, mesmo sem entender o que isso significava.

Ao ouvi-la fui lembrando do dia em que eu e André assistimos o espetáculo “seis fragmentos de uma história em desalinho” e o curta “Salto Alto”, do qual Sol era produtora. E com sua fala vários momentos voltaram. De Sol passando entre nós com sua linda peruca estilo channel; de como aquele último encontro da temporada do espetáculo na Cia Capulanas foi concorrido; do quanto estávamos espremidos nos bancos próximos à parede, enquanto a fileira de bancos mais ao centro do espaço permanecia vazia; de perceber as diferentes reações no momento de “fala chiclete”; do lanche coletivo no intervalo da peça servido na mesma mesa em que eu havia conversado com Flávia Rosa em minha primeira ida aquela Casa Sã; das falas ao final da exibição do filme “Salto Alto” que expressavam a alegria do encontro com uma produção sobre a infância LGBT que remetia a muitas experiências vividas por aqueles viventes. Lembrava também que aquele foi nosso primeiro encontro com Sol e que logo

estávamos sentados com ela no quarto-camarim, conversando sobre minha pesquisa e marcando nosso primeiro encontro que, por sugestão dela, ocorreu na Casa de Cultura de M'Boi Mirim.

Dos encontros que produzem encontros, pois aquele primeiro encontro com Sol ocorreu em virtude da conversa com Flávia na mesma semana, que me contara sobre o final da temporada da peça na Capulanas. Como o primeiro, o encontro que teríamos com Sol dias depois foi marcante. Vê-la chegando à casa com seu belo turbante azul com estampa floral foi uma cena inesquecível. Alegria e coragem! Neste dia vários temas entraram naquela rosa de três. A aproximação com as questões da “infância LGBT” e a construção do Manifesto da Bicha Preta; o assédio como trabalhadora do SUS que a impediu de viver seu nome social e de prosseguir como agente comunitária; o encontro e as aprendizagens com as Capulanas que foram orientadoras do grupo integrado por Sol e o acolhimento recebido como residentes na Casa daquelas Ialodês; os distintos planos que compunham sua existência como artista do corpo, pessoa trans, moradora do Capão Redondo. Imersas nestes temas que abriram um conjunto de linhas de conversação seguimos uma tarde inteira no quintal daquele quilombo entre lágrimas, sorrisos e abraços.

“O nome da peça você quer saber?”, dizia Sol a um rapaz na roda que prosseguia tendo como acompanhamento a chuva torrencial que por vezes impedia que a ouvisse.

É “Seis fragmentos de uma história em desalinho”. Fala sobre momentos de uma bicha ao entrar em casa e revisitar suas histórias. Muito signos nasceram com as provocações das rosas de conversa que resultaram neste espetáculo e no filme “Salto alto”. O Manifesto da Bicha Preta foi de muita importância para que eu, artista, Sol Almeida, elaborasse o que quero produzir enquanto arte. Hoje entendo que não há respeito pela subjetividade da criança. Anulamos seu pensamento, o senso crítico e temos uma tendência de achar que sempre acrescentamos coisas na vida dela. Nas rosas foram elencados temas muito específicos que são naturalizados, inclusive em casa, e que são sintomáticos sobre um futuro não tão distante de quando começamos a nos relacionar em sociedade e sobre afeto romântico. Quando nossa família observa comportamentos diferentes do “comum” começa uma série de questionamentos. Esse depoimento do espetáculo sobre meu pai infelizmente é uma realidade. Em casa não temos acolhimento e na escola, que é um ambiente super hostil para qualquer um, passamos por outro processo de questionamento. A escola poda, porque precisamos ser um profissional de um jeito, reproduzir pensamentos. Imagino que hoje seja mais tranquilo para nossas crianças, não para as viadas porque ainda é muito difícil ter honestidade para falar sobre sexualidade, identidade de gênero. Não falar de maneira normativa. Falar na perspectiva de quanto o gênero é intrínseco à vida. As crianças têm autonomia de construir pensamento sobre vários temas.

Lembrei das palavras de Sol sobre o assunto em nosso encontro na Casa de Cultura

[...] começou com a frase de uma integrante do nosso grupo: “criança tem sexualidade”. Alguns acham que não devemos falar sobre sexualidade com elas porque não entendem. É isso, precisam entender, por exemplo, porque se sentem atraídas por meninos se o amiguinho gosta da amiguinha. Essas questões nascem na infância. Ficamos paradas em como falar de gênero com criança. É complicado. Há vários estudiosos do assunto. Alguns caminhos são brecados por um tipo de pensamento muito científico. Nossa construção de pensamento parte de onde sangra, respira, soa, goza, ri.

No processo do Manifesto da Bicha Preta uma preocupação era a como incluir as crianças na discussão. Nas duas rodas de conversa aqui na Casa foi pauta: infância

LGBT e afetividade negra. Foi pauta a produção em massa de vídeos de crianças na internet com imagem mais viada. A preocupação de quem veio não era sobre os acessos, mas que as crianças têm autonomia de pensamento. E pautaram ainda temas que conversavam com o que pensávamos: a negação do afeto e o não lugar afetivo relacionado à família, aos amigos. Ficamos de cara: “nunca vou poder levar meus amigos e meu namorado em casa [...]

Quando voltei de meus pensamentos, Sol prosseguia

Outro tema das rosas é a nossa saída da infância desesperada, sem referência, à procura de lugares para nos construirmos como pessoa LGBT, porque a expectativa em casa é vivermos escondidas. Por exemplo, minha família falava sobre homossexualidade como um destino trágico que incluía a questão do HIV. E pensando no adolescimento passamos muito tempo sendo condicionadas a ser uma pessoa e quando precisamos de tato para nos abriremos para o mundo não temos referência de quem somos. O momento de honestidade consigo não é respeitado desde a infância, de podermos construir a identidade com as mãos, sermos barro, entendendo que pertencemos a lugares porque elaboramos o que nos apresentam.

Outra questão foi o quanto é problemático olhar para as crianças sem dimensionar o afeto numa instância de respeito. Manas deram depoimentos que traziam a angústia de nunca terem se sentido amadas desde crianças, outras pessoas contaram sobre ter que reivindicar sempre espaços de afeto. Ficaram três lugares potenciais dessa problemática: construção de uma identidade sendo criança e como é podada, fragmentada, subjugada, como atrapalha um processo de produção de uma afetividade e sua demonstração coletiva, social. Outro lugar é o da escola como muito nocivo para a afetividade. Lembro que não podamos andar de braços na escola dado porque era tido como perigoso. E o outro é o da família, talvez o primeiro lugar de poda e não compreensão desses lugares afetivos na construção de uma identidade saudável e que tem relação com os amigos e com um processo de massificação nosso, no sentido de virarmos um discurso e não um indivíduo.

E veio outro momento de nossa conversa na Casa que me fez pensar nos efeitos de encontros com o sensível ser expandido para o viver das crianças LGBTs, considerando as negligências e invisibilidades partilhadas por Sol no processo de construção do Manifesto da Bicha Preta. O sensível permear, ser parte, da convivência com as crianças LGBTs

[...] Moro numa viela. Sempre que posso, vou para o sol decorar. E as crianças correndo de um lado para o outro, param na minha figura ali, lendo. O que você está fazendo? Respondo: estou lendo um texto de teatro. Quer ler? E ofereço. Uma vez estava improvisando, na construção da peça Divinas, com bacia e colher de pau e as crianças chegaram e foram muito mais fluidas. Uma começou a contar coisas da rotina dela em casa, da mãe, do piolho. Foi muito legal, porque é isso que estamos propondo. Não falar só das violências, do transporte público ridículo, do saneamento ser uma piada, para além disso quer falar das coisas que temos e que vivemos também. Olha o que as crianças fizeram neste dia [...]

Uma questão de nossa conversa que me chamou muito a atenção foi que Sol estava abrindo mão do lugar de “sobreviver”. Ela contava que estava abdicando do lugar de *sobreviver* e que *queria ir em busca de vida* que incluía a possibilidade de realizar coisas do cotidiano: “*está tão custoso de viver que pensamos só em sobreviver, porque temos que nos defender na rua, temos que ser três vezes melhor por ser negro, fazer coisas não tradicionais porque não existe um mercado de trabalho que contrate a nossa população [...]*”. E justamente pensando na questão que as mobilizou “as crianças têm sexualidade”, o assunto “viver e não sobreviver” salta ainda mais se considerado que desde a infância a experiência vivida é a de um estado de permanente produção de *sobrevivências* e não de *vivências* que considerem

a singularidades destas vidas negligenciadas e invisibilizadas que inclui a produção de uma identidade de gênero e de uma sexualidade que faça sentido para estas existências.

- Temos que sair catando migalhas, não temos possibilidade de viver? Não é verdade. Venho pensando porque as crianças têm certos comportamentos como perguntar porque pinto a unha, isso aconteceu. Estou descendo a escada do metrô e um pai me cutuca: desculpa, a minha filha quer saber porque você pinta as unhas? Respondi para a criança: porque gosto dessa cor. Ela entendeu porque eu pinto as unhas.
- André: você respondeu o que ela quis saber.
- É isso. A criança não está achando ruim, acha estranho porque alguém falou para ela sobre uma figura masculina pintar as unhas [...].

A fala de Sol chegava ao fim

Deixo um apelo para que possamos construir lugares seguros para nossas crianças pretas viadas, para que possam exercer essa pesquisa de si, ter mais segurança, apoio, enquanto pesquisam como se colocar no mundo. Mesmo sendo otimista, acredito que falta atuarmos mais quanto a esses lugares seguros. Têm comunidades indígenas que entendem as crianças como uma responsabilidade coletiva, meu um filho é da comunidade. Vamos olhar para nossas crianças, fazer das nossas comunidades as nossas crianças também.

A fala de Sol provocou muitas partilhas. E uma questão trouxe para a cena o tema dos estereótipos que atravessam a existência de homens negros:

É um assunto que me interessa entender, porque conversando com um amigo, ele é gay e tem a voz muito grave, falou sobre o processo de tentar disfarçar para os pais. Como foi a construção dessa identidade para você?

Sol: Tem um espectro que ronda homens negros desde que nascem: a responsabilidade de ser viril. Eu felizmente nunca tive essa virilidade esperada, sempre tive voz fina, anasalada. Isso me rendeu desafios na vida, mas hoje me diverte, porque minha voz é muito singular. Socialmente existe uma categorização que o homem negro precisa ser másculo, dar prazer até final, voz de trovão. Imagino que para muitas bichas deve ser um problema demonstrar trejeitos mais femininos enquanto se constroem. O mais difícil é começar a olhar para isso. Estar na roda que precisa falar “chiclete que nem homem”.

E de pronto um rapaz disse

Na infância, morava aqui perto, e se passava uma menina bonita os meninos mexiam: “Você é viado? Fala que é gostosa!!!”. Falei com meu pai: “não tem que mexer, está mostrando respeito”. Isso me marcou. Aí vemos como se cria a cultura machista. É urgente levar para outras pessoas o que você falou aqui.

E do outro lado um moço seguiu na fiação que também foi tecida por Sol

Poucas vezes tivemos uma roda dessas no Quilombaque. É importante estar nessa discussão. Como preparar a família, levar a discussão para a sociedade? Antes falar de negro era difícil e de negro e homossexual era porrada.

Sol: Não tem receita. Fui privilegiada, por ter minha mãe. Tenho um lema: se não consigo que ela entenda, desisto. Se tenho imersão num projeto, carrego ela. É mais importante potencializar os espaços seguros que tentar garantir que meu pai abra mão do privilégio masculino. Danço no Umojá, um grupo de cultura popular. Lá é um espaço potencial de machismo. Respeito. Só que para mim tem uma importância abrir o diálogo, falar sobre diversidade sempre. Agora o movimento negro está pautando o colorismo. Está virando um problema ter a pele mais clara e o cabelo mais fino. O conservador pensa que a diversidade está no outro. É preciso mostrar que ele representa algo que lhe dá privilégios.

O tema “família” como um lugar frequente de poda e de não acolhimento disparado por Sol agenciava muitas falas. Foram vários os relatos de sofrimentos experimentados na convivência com a família em relação ao processo de percepção e construção da identidade de gênero. Entre as questões

partilhadas, a história de uma mãe que se encontrava com as travessias realizadas por seu filho no tocante às questões de gênero que ocupavam sua existência.

A mãe de um jovem do coletivo que integro ligou desesperada: “descobri coisas sobre ele!”. Ela me mandou uma conversa dele marcando um encontro. Ele é trans. Disse que precisava entender quem é ele e o que quer, sem recriminar ou bater como disse que faria. Vinha que ela deveria fazer o que meus pais não fizeram. Minha vida é embaixo dos panos como se não tivesse sexualidade. Vivo lá e aqui esse mundo colorido. Precisamos orientar e entender.

Minha família foi muito violenta quanto à negritude e sexualidade. Hetero, estruturada por mulheres, preta e nega as raízes. É guerra: racismo não existe! Desde a infância tinha que ser o que queriam até na profissão. Meu irmão escreveu um livro sobre orixá e minha avó diz que é o demônio. Não sei falar de que grupo eu sou, gosto de pessoas. Meu irmão de cinco anos é delicado e sofre violências. Tento protegê-lo. Um dia raspavam a cabeça dele: “vai que acha que é mulher!”. Meu pai fala: e a namorada? Família acaba conosco, constroem algo que não somos. É preciso criar jeitos de dialogar.

As histórias se entrelaçavam e ressoavam umas nas outras. E encontros aconteciam para além do tempo e espaço da roda. Linhas de uma produção que segue viva. Um momento marcante, que produzia ressonâncias em outras existências e que faz pensar sobre o cultivo e a sustentação de um quilombo como vários que conheci em minha caminhada. E foi no quintal de outra Ialodê do Jardim São Luiz que eu ouvia sobre aquelas ressonâncias

- Na roda da Sol, ouvindo o menino que falou ter passado muito tempo sem se perceber negro fiquei desesperada. Vou te mostrar [pega o celular]. “Filho, preciso fazer uma pergunta: você acha que foi criado sabendo que era negro?”
- Na hora isso te pegou?
- Na hora! A resposta: “eu sempre me disse que era, mas não assumia”. “E hoje?”. “Sei que sou negro, assumo. Na fila das etnias, vou para a dos negros. O que houve?”. “Visitando memórias”.
- Você ficou emocionada! [ela sorria enxugando as lágrimas]
- Fiquei. Meu pai é negro, mas não retinto. Mãe vermelha, índia. Você não nasce mulher, se torna. Não nasci negra, me tornei. Quando nasci mandaram a foto para meu avô e a fala foi que meu pai estava limpando a família. Só relacionei isso quando meu filho nasceu. Não era falado. Meu pai diz que é branco e o neto também. Diz: Se ele raspar a cabeça não entra na faculdade de graça. O cabelo determinava se ele era negro. Minha construção veio quando busquei a Casa de Cultura de M’Boi pensando em fortalecer a identidade negra do meu filho e fui me colocando: sou negra, só não retinta. Quando afirmo minha negritude, fortaleço espaço para os meus e para os filhos de amigas negras [...].

E como Sol havia apontado, ouvíamos nas partilhas a família aparecendo como um lugar fundamental da construção de uma existência LGBTQIA+. Pensando no encontro dos pais com a produção da sexualidade na infância também de crianças negras, salta a questão de que se trata da vivência de *um processo, uma produção*. De *um trânsito* que também é vivido pelas famílias, que se pode ser tornar mais doloroso justamente pelos processos de subjetivação que compõem *uma vida*. Como ouvíamos e como os encontros do campo mostravam, tais processos exigem movimentos de ocupação de si pelo encontro com as (pré)concepções, valores, tempos próprios de cada qual no encontro com as

questões que atravessam o outro no trânsito por suas singularidades. Os relatos de Sol sobre a produção de uma existência possível para si como *pessoa negra e trans* e a produção daquela mulher como negra disparado pela experiência de maternar uma criança negra fazia pensar justamente sobre esses movimentos de ocupação de si, pelo outro, com o outro. Escutas de si com o outro, experimentações de si com o outro, sem nenhuma garantia do que virá no processo de afetar e ser afetado, considerando o jogo de territorializações-reterritorializações-desterritorializações experimentado.

E das várias questões que se seguiam, saltou o interesse pela produção da experiência de Sol com a transição, por este *trânsito no existir*. E vários pontos da fala de Sol conversavam com depoimentos do documentário no que se referia à construção da sexualidade e do encontro com as questões de gênero, que por sua vez, produziam cruzamentos com o entendimento da negritude. Encruzilhadas.

Como foi pra te entenderes como pessoa preta e trans?

Acho que sempre fui uma pessoa em trânsito. A feminilidade me foi dada de modo muito violento, sempre lembrada de que era uma figura feminina em um corpo masculino. Estava no contra-fluxo. Com 15 anos tinha atração por homens e achava que estava tudo resolvido. Contar para minha mãe foi fundamental. Na minha escola não tinha nenhuma figura de bicha. A ideia do amor romântico, não tive. Tive meu primeiro amor e quando acabou fui percebendo que os vazios que sentia estavam ligados ao que esperava de mim mesma. Entrei de novo para o útero: “porque estou cobrando do outro o que não sei responder em mim?”. Há um ano e meio: “preciso aceitar quem eu sou, entender como posso me colocar no mundo”. Havia uma feminilidade em mim desde sempre e precisava cumprir outros papéis. Socializar é um processo muito difícil, pensar no trabalho com toda a estrutura conservadora. Tive uma experiência péssima com meu nome social. Eu trabalhava no SUS.

Difícil esquecer o mar vermelho nos olhos de Sol ao nos contar sobre esse assunto na Casa de Cultura. Aquele olho no olho me marcou. Tensões e encruzilhadas.

Comecei o processo de transição trabalhando na UBS. Fui reivindicar meu nome social e eles tinham um problema muito sério com minha imagem, com o que falo, comecei a ser isolada pela minha equipe. Dava aula de dança para senhoras e quem iniciou uma espécie de motim era evangélica, abertamente homofóbica: “tem tambor, não sabemos dançar como você”. A UBS falava de humanização, tratar integralmente pelas diferenças, e não garantia um espaço de saúde para um funcionário, como cuidaria da população? Minha relação com a população era maravilhosa. Na saída soube que recebia cartas de elogio. Se tivesse lido que minha população estava tão contente, teria insistido. Sair foi o melhor que fiz. Não estava respeitando minha transição. Tenho uma história enquanto artista, não podia deixar isso ser diminuído [...].

Uma entre tantas violências que pode atravessar uma existência em seu processo de perseguir e de sustentar o que se seu.

vivo preocupada, sair de casa é sempre um desafio, não sei se vou voltar viva. Minha família sempre mandava eu andar com rg. No começo da infância era mais difícil pela questão do Triângulo da Morte. Tinha medo de morrer por ser negro, por estar na hora e no lugar errado, acontece. Entendendo minha sexualidade, porque sou gay a chance aumenta. Agora sou uma figura feminina em um corpo masculino. Tenho passado, dentro do processo de transição, por olhadas que nunca recebi e não me incomoda, porque sei que as pessoas vão estranhar. Elas não estão acostumadas a ver uma figura masculina com as unhas pintadas, de saia. Meu guarda-roupa está mudando muito e

não me incomoda tanto. Mas me proponho a me colocar no lugar de que sou um ser humano. Não posso ser tratada dessa maneira. É mais interessante ir no contra fluxo. Humanizar nossa imagem, nossa vida e viver. Deixar de sobreviver e de ser mártir disso, sabe? Minha mãe tem muito medo de que eu sai à noite de casa. Falo que as pessoas têm que se acostumar com minha imagem, porque não tem nada de diferente no meu corpo. Não que isso vá ser um padrão daqui a 20 anos, mas que seja comum no cotidiano das pessoas, como uma figura humana, sabe? Saio sempre muito preocupada. Se vou voltar sozinha. Se vou ter dinheiro para UBER e se pegar o UBER o que vai acontecer. Muito difícil. Tento não pensar, mas está toda hora aí. Gostaria de ter espaço para andar sem ter medo dessas coisas. Tenho lido sobre prazo de vida de pessoas LGBTs. Está caindo num lugar que as marcas nos tratam como um produto, mas ao mesmo tempo a gente é estatística. Genocídio, mortalidade. Nosso prazo é de 35 anos e o prazo de vida de um homem negro não está muito longe [...]

Na fala de Sol, na roda, a intersecção entre a identidade de gênero e negritude

O que fica do entendimento de olhar para minha identidade de gênero é a segurança de pensar “não dá mais para empurrar com a barriga”, tinha coisas acontecendo sobre minha negritude. Meu pai é indígena e minha mãe mais clara, tudo certo. Na infância, pensava porque não era protagonista da peça e porque a vizinha não deixava o filho brincar comigo. Olho para minha negritude depois de piadas racistas na escola. Quando trabalhei numa ONG, perto de casa, uma gata com black loiro, militante, foi falando para eu deixar o cabelo crescer, essa é uma violência contra os meninos negros, porque as meninas mesmo violentadas com o cabelo trançado conhecem ele. “Conhece os black panthers? É do teatro, deve conhecer Abdias do Nascimento?”. Ela me deixou essas referências. Pela primeira vez me perguntei porque ela falava aquilo. Não conhecia. Lendo Abdias, sobre nos colocarmos em cena enquanto potencial e não diferença, virei várias chaves. Vivi 16 anos excluída de coisas por viver nesta sociedade racista. Tenho pensado como olho para meu sobrinho e sobrinha. Quando comecei a usar saia, ele disse: homem não usa saia. Conversarmos, garantiram ele falar: se fizesse trança? E ele fez. Mesmo sendo desafiador, precisamos olhar para família. Não deixarmos nossas mães, tias, tios carregando culpas do racismo. Minha mãe não lida com a ideia de ser empregada doméstica por ser negra, vê como escolha. Vimos “Que horas ela volta?” e ela falou: não tem empregada negra! As experiencias batem. A construção da subjetividade dos nossos pais foi diferente. Como a oralidade e a história da família são importantes, discutir o racismo e a negritude passam por esse lugar.

O clima era de troca, de pedidos de ajuda, de abertura para outras conversações, de explicitação de não saberes. Um espaço de escuta e produção de pensamento.

Uma pergunta, minha ignorância, por que trans? É de transformação?

Sol: É de transgênero ou de transsexual. Transsexual fala de uma população que passa por um processo de readequação sexual. Ela vai ao médico e troca o sexo que nasceu. É um jeito de falar de uma população não tão específica, porque existem vários gêneros. Sou não binária, não me identifico com a manifestação de gênero completamente masculina ou feminino. Não me abarca, não me acolhe. É o que faz sentido performar sobre os tipos de gênero.

Tinha essa dúvida. Uma prima, a mais próxima, é casada com uma mulher que considero prima. Era excluída pela família, só não pela minha mãe. Eu não entendia. É a parte da família conservadora, sem pensamento coletivo. É isso que você está falando de uma irmandade mesmo, independente de sangue. Ainda tenho bloqueios pela cultura machista. Como professor ouvi que tenho cabelo de mulher, não sabia o que falar para as crianças: “Querem rir dele, vamos rir, cada um pode usar o cabelo como quiser”. Sou do coletivo Pinheirinho. Obrigado pela experiência.

O encontro havia acabado. Após um forte abraço e agradecimentos, meu a Sol pelo encontro e dela por nossa presença, seguimos pelas ruas úmidas em direção ao metrô com os ecos do que havíamos vivido em nossos corpos. E aquele não seria a única experiência com o projeto bixa preta de fé.

O que pode um corpo sem juízo?

Final de tarde. Rua da Consolação. Seguia em direção ao Centro de Cidadania LGBTQ+. Aquele seria o penúltimo encontro do Projeto Bicha Preta de Fé. Nosso encontro seria com Jup do Bairro. Após uma curta caminhada da Estação Mackenzie do metrô cheguei ao meu destino: um casarão antigo de dois andares. Ao entrar, pedi informações sobre o encontro e logo segui para o segundo andar. Enquanto caminhava via no quadro de avisos cartazes de francês e de dança. No caminho encontrei com os manequins que também estavam dispostos na estreita escada de madeira. Enquanto circulava pelo casarão pensava: quem teria morado ali?

No local do encontro, estava apenas a equipe de produção sentada nas cadeiras ao fundo. Acomodei-me no fundo da sala, mais próximo à janela. Noite de verão. Calor. Entre uma olhada e outra nas mensagens do celular, via novamente o cartaz do encontro:

“Corpo Sem Juízo: a arte marginal de sobrevivência”. JUP DO BAIRRO, cantora, performer multiartística, ativista LGBTQ+, educadora e bixa travesty são alguns dos guarda-chuvas que podem abriga-la. Neste encontro JUP vai abordar sua corporalidade e apropriação enquanto artista marginal, negritude, identidade de gênero e sexualidade.

Estava ansiosa para conhecer Jup e para ouvir o que ela teria para nos contar. Interessava muito encontrar com as insurgências de um corpo sem juízo em seu trânsito por sobrevivência pela arte marginal. Logo algumas pessoas começaram a chegar. O encontro foi iniciado com uma breve fala de um integrante do Centro de Cidadania. E Jup foi apresentada. A exibição do filme foi anunciada após uma breve fala sobre o projeto da Dá (r)cor ao amor.

Figura 122: Momentos iniciais do encontro “Corpo Sem Juízo: a arte marginal de sobrevivência”.

As falas finais do filme que remetiam ao tema do amor foram tomadas por Jup como ponto de partida. Uma fala contundente.

Tenho visto corpos que não são amados. Essa significação do amor, por mais que seja nesse recorte preto e LGBT, é parte da normatividade para que a gente atinja uma expectativa sobre o amor que nem todos os corpos vão concretizar. O que é o amor desde o princípio? Quem traz essa concepção? É a igreja, principalmente a católica onde o maior significado é Deus. É uma idealização. Fico pensando: o quanto é preciso se adequar a uma normatividade para ser amado? Há um separatismo entre paixão e amor. Uma ideia de que paixão se torna cinza e se pode reagir as possibilidades do que o outro te entrega chegando até em relacionamentos abusivos. Tenho feito um trabalho de pesquisa com esse amor. Talvez por isso essa rebeldia também. Já tive relações maravilhosas. E por mais que pareça grotesco, as relações são um contrato de disponibilidade. Quanto mais pensava nessa idealização do amor e me colocava nessa fábula mais me distanciava dele e me colocava mais numa situação abusiva. Tento ressignificar isso, porque junto com “me apaixonar” tenho a ciência do meu corpo.

Uma fala que tensionava. Um tensionamento que como Jup explicitaria se fazia pulsante na invenção de uma narrativa sobre um modo de existir que é político.

É um monólogo muito brutal, porque se estou apaixonada, tenho que fazer também um exercício de que corpo eu habito, porque é o corpo de uma travestilidade que estou inventando. Não é uma travestilidade passável onde homens heteros vão querer se relacionar comigo. Também não habito um corpo masculino onde minha relação com homens gays cai em um latifúndio que, por vezes, não atinge minhas demandas. Também por ser um corpo gordo onde as relações parecem que se cegam: “você gorda? Não!”. Não caibo nessa ideia de amor. Estou construindo meu corpo enquanto identidade de gênero, sexualidade, arma política. Não posso ignorar esses fatores, porque estarão sempre nas minhas relações. Trato isso com muita transparência com quem vai dividir a responsabilidade desses afetos comigo, porque é a uma construção social e política. Tenho me relacionado muito mais com quem compra a minha briga e se dispõe a construir uma narrativa que talvez não exista. A sexualidade faz parte dessa construção como a identidade de gênero. A princípio me reconhecia enquanto heterossexual. As questões de identidade de gênero estavam mais latentes. “Estou querendo colocar peruca, pintar unha. Ah, viado”. Como ia convencer as minas que um mulherão desse de quase dois metros era heterossexual?

Na fala de Jup entrelaçamentos com as experiências partilhadas no encontro com Sol sobre a produção de alguma identidade de gênero. Necessidades do viver que se pronunciavam, tensões que enunciam a urgência de um cultivo para o viver. Vazamentos que chamam pela invenção de outros modos de habitar a existência. A invenção de uma travestilidades, de mulheridades.

Aos 13 anos iniciei uma transição hormonal hard sem acompanhamento. Achava que parte da minha vida se resolveria. Sentia que estava me adequando a uma mulheridade passável, legitimada. Uma experiência intensa. Estava reconhecendo meu corpo enquanto biologia, tesão, puberdade com os hormônios me atravessando. Comecei a pensar que não era o bastante. Me forcei a ter relações, de certo modo, para justificar o que achava que se resolveria. Fiquei perdida: “preciso tirar todo esse corpo”. Com 16 anos estava desistindo da transição. Era tudo certo até chegar no sexo. Naquela época não tinha debate sobre o corpo e gênero. Foi quando tive uma depressão fodida e me entendi assexual. Foi a primeira camada de sexualidade que vivi. Precisei desconstruir isso para não chegar a um nível de sofrimento onde não quisessem mais se relacionar comigo porque era um viado, de peito, voz grossa, um corpo preto e gordo. Engordei 50kg em 3 meses. Foi aí que me deparei com a arte.

“O que você está vendo é o que pode meu corpo agora”. Era o que dizia Jup em nossa conversa em uma tarde de outono enquanto ela fazia a unha em um espaço colaborativo em Pinheiros, região oeste da cidade. E ela seguia:

Sentia que estava me mutilando. Mutilando minhas ideias, relações, quem eu era. Foi quando comecei a escutar meu corpo e entendendo onde ele poderia chegar, porque fui pensando meu corpo de uma maneira muito cruel. Não tive estrutura e referência. Via travesti, peito, bunda e fazia tanto sentido, sabe? Achava que se conseguisse atingir esse corporalidade parte dos meus problemas estariam resolvidos e não porque o processo de transição é de cada corpo, o que cada um decidiu atingir, abrir mão, poder libertar. Não sei se amanhã vai me dar um gatilho de “agora vou botar peito”. Estou escutando meu corpo vai decidir que destinos vai traçar [...]”.

A fala de Jup vibrava intensamente no meu corpo: o que pode um corpo no processo de escuta de si? Novamente um ocupar-se do que é seu. A roda de conversa seguia e a fala de Jup se entrelaçava com de Sol também no que dizia respeito à construção da infância e da adolescência LGBT. E ouvíamos sobre um processo de incorporação de questões vividas como pertencentes a uma existência e a tantas outras. Isolamento, apagamento, medo, tristeza, solidariedade, corresponsabilidade eram os afetos que entrevistamos com Sol e Jup.

Um corpo pobre, preto, gordo não pode ter depressão. Com esses fantasmas, precisava depositar minha energia em alguma coisa. Comecei a escrever. Não mostrava para ninguém. Na igreja via pessoas lendo panfletos, nem sabia o que era fanzine. Colocava na caixa de correio, não tinha coragem de entregar. Neste período me aproximei de uma amiga da escola que começava a florescer numa sexualidade enquanto lésbica. Ela também escrevia. Chegou nela um texto sobre sexualidade e as experiências que eu passava, mas ela não acreditou que era meu. Na melhor das intenções, ela assinou meu nome, xerocou e espalhou na escola. Deu a maior confusão porque o colégio não falava de sexualidade. Criança viada na escola é um unicórnio, um ser à parte, nunca vai ter sexualidade, nem relacionar com ninguém. Foi preciso criar um sarau para discutir isso. Fui colocada no lugar de uma certa representação. Estava tão exposta que precisei me apropriar daquilo para dar um sentido ao que ocorreu pensando

naquelas vidas que não tinham coragem. No período fui me aproximando de meninos heteros da minha quebrada mais gayfriendlys que tinham um projeto de fazer sarau.

Chegavam vários e várias jovens para o encontro. Enquanto Jup falava, fomos nos ajustando para que todos pudessem sentar. Na roda, os corpos cada vez mais próximos.

Assim começamos a construir o Sarau do Valo, no Valo Velho, na quebrada. A primeira articulação de cultura na minha região, porque lá é o extremo sul. A parte de cultura parava no Capão. Não tinha nenhum debate LGBT. Só se falava de Mano Brown, Racionais. Ali comecei a escrever minha trajetória enquanto referência regional. Sou cria da periferia. Montamos o sarau com sangue no olho, porque nenhuma escola abria as portas para nós

Com bom humor e leveza Jup partilhava os perrengues vividos com a falta de apoio e o “nascimento de seu lado cantora”

“Conseguimos a quadra”. Eu lá cedo para fazer o cenário e o portão estava fechado. Um menino disse: Era mentira. Vamos ter que pular o portão”. Eu a única garota do rolê, com carrinho de mão, as cortinas de casa, me achando: quadra aberta. Quando vimos tinha 50 pessoas. Chega a polícia: vão embora seus maconheiros. Eu era menor de idade. Não rolou. Mas foi uma comoção tão forte da quebrada que a diretora entrou em contato: vamos liberar a quadra para o sarau, mas não queremos maconha e bebida. Nas primeiras edições teve segurança para não fumarmos, mas era só sair da quadra [risos]. Foi ali que nasceu minha parte enquanto cantora. Só escrevia poesia, lia quando as pessoas ficavam tímidas. Na última edição tivemos certo atrito de ego sobre quem ficava mais no microfone, a masculinidade é frágil, né? Eu não cabia mais ali, tinha feito meu papel. Estava cansada, trabalhava em shopping na época, meu salário era para o sarau. A última edição foi LGBT, uma espécie de homenagem: “vou pintar e bordar”. No dia acho que para me tirar de forma singela do microfone o DJ colocou uma base: Ah, é? Vou recitar em cima”. Ainda não cantava. A publicação do vídeo teve 550 compartilhamentos. “Estamos fazendo um festival, você tem um show, repertório, DJ?”. “Tenho”. Mentira nunca tinha cantado na vida!

Em meio as risadas, Jup contava sobre sua construção como artista e dos possíveis que inventava neste processo considerando as limitações que enfrentava. Enquanto Jup falava a sensação era que eu a conhecia há muito tempo. Dos afetos que vão se instalando nos encontros, do que a presença do outro vai produzindo em nós. Corpos em relação. Com essa sensação seguia ouvindo sobre sua experiência como rainha de cerimônia de um grande evento da cidade. Um corpo sem juízo em cena.

Achava que não tinha dado certo como mestre de cerimônia. Não trabalhava mais com arte, nem em shopping. Um dia vendo e-mail, tinha sido convidada para ser rainha de cerimônia do SP na rua. Nem conhecia. Primeiro palco: não sou capaz. Segundo: fiquei mais abusada. Terceiro: ele era meu. Fiz freestyle e virou um pocket de quase duas horas. A experiência foi um disparador de validação para eu me colocar enquanto artista. Foi quando compus, gravei em casa e lancei minha primeira música: corpo sem juízo em 2007 Meu projeto de vida. Foi uma fase delicada da morte do meu pai, meu grande apoiador, com quem destrinchava questões de sexualidade, gênero. Desde então: “você é isso?”. “Sou”. Já fiz filme, performance, de um tudo. Quero fazer muito mais.

Jup abria espaço para conversarmos. E o encontro continuou com uma partilha sobre o Bixa Preta de Fé. O idealizador do projeto trazia questões que dialogavam com a problematização sobre a idealização do amor também no recorte LGBT.

Discutimos os lugares de fé, saindo do comum, igreja, terreiro. Estamos nos curando. No filme idealizamos um mundo. Ficamos muito frustrados. É difícil dialogar sobre o amor. Concordo com você, Jup. Um dos participantes do filme, hoje em transição, diz que não as mesmas coisas. Vamos amadurecendo. Cada roda aborda um tema.

Por exemplo a da Sol, no Quilombaque, falou sobre a criança viada, esse dia maioria era hetero e um cara padrão hetero perguntou o que era ser trans. Muito louco ter esse cara lá e abordar esse tema.

Jup finalizava sua fala convidando-nos para também falar. E uma breve partilha se fez sobre os recolhimentos no processo do “Da(r) cor ao amor” que incluía visibilidades inesperadas, frustrações, incômodos. Uma fala generosa e que ao mesmo tempo me provou incômodos considerando um certo juízo de valor que a permeou, ainda que este aponte para os tempos e possibilidades de encontros com as questões que apareceram nas rodas: *“Foi muito louco, a maioria era hetero e um cara padrão hetero perguntou o que era ser trans”*. Diferentes planos e perspectivas de incômodo.

A roda de conversa girava e vários temas pulsavam dos corpos que lá estavam, incluindo o meu.

- Moro pra lá de perus. Fazia letras no Mackenzie. Lecionava em escola estadual e no Centro acessei informações que lá não têm. Tinha sede de mudar coisas e vinha a paúra. Era mãe reclamando que incentivava os filhos a serem gays, que colocava meninos contra meninas. Era a única professora no bairro no fim da quebrada. Desisti, me sinto fraca, sozinha. Educação sexual, a prefeita que era da Universal vetou. Poderiam pensar em levar isso pra lá. É muito doloroso. Tive alunas estupradas em casa, aluno que foi morar na rua por ser gay. As pessoas não sabem que onde procurar apoio. Se tem essas rodas lá, lota. As pessoas estão desistindo por se sentirem desencorajadas.

- Estamos tentando não ficar só no Centro. Está no projeto outros filmes, ouvimos várias histórias, pontos de vista. Entender espaços religiosos não convencionais que frequentamos. Vocês vão em outros espaços?

- O espaço de dança é isso, onde tenho acolhimento, onde não temo ser eu. Agora é um culto. Essa paz, conforto. Pode ser na casa de alguém, na boate. A fé acolhe isso, se refaz. Não é só se colocar de joelho. É estar bem.

- Jup: Sou ateia não praticante [riso geral]. É importante ressignificar essas configurações construídas por homens. Resumo: crença e conforto entre as nossas. A maior simbologia disso é quando nossas parceiras fazem corre junto criando redes de apoio e afeto. Uma fé mais maluca, mais coletiva e no agora. Não deslegitimando as religiões, mas e o agora, vamos continuar nos fodendo? Temos que conquistar uma rede material entre nós. É assim que as igrejas cristãs conquistam espaços. É uma rede fortalecida, feita por homens, que vão controlando tantas coisas em nome do deus deles. Temos ressignificar nossas trajetórias para fazermos coisas entre as nossas.

- Essas questões nos remetem a um cuidado, ver as outras, compartilhar redes de proteção e afeto. É uma questão política. Você falou sobre a produção de um corpo como arma política, poderia falar mais um pouco?

Ao som chuva que ressoava forte como no encontro com Sol, ouvíamos a última fala de Jup. O encontro parecia já se encaminhar para o final.

Já não me via como artista, me vejo ao me apropriar do meu corpo, das questões de identidade, sexualidade, gordura, negritude. Aí me coloco enquanto corpo político. Fui destinada a ser um corpo marginalizado, a estar nas estatísticas de um corpo preto na periferia. Desde que reconheço quem eu sou e a urgência de uma necessidade de sobrevivência é que entra a arte. Acreditava que faria faculdade, mas era muito distante. Então fui fazendo essa caminhada através da marginalidade. Em debate fala sempre das características marginais de sobrevivência, porque o que sempre busquei era me manter viva. E a única maneira era produzindo alguma arte. Agora minha quebrada tem uma maturidade criativa muito maior que a da minha adolescência. Fiz uma imersão na Fábrica de Cultura do Capão Redondo dando uma oficina de corporalidade e performance para pessoas entre 07 e 20 anos e foi um dos projetos mais incríveis que fiz. Fui eleita pela galera, na frente do Mano Brown, e construímos uma narrativa incrível, longe do lugar de endeusamento. Pensei: minha quebrada está mudando e estou acompanhando. Eu me vejo no lugar de que não dá para fazer outra coisa, é o que me move, me mantém viva. Desde que sai da quebrada conhecendo outras cidades, países, vi que muitas coisas eram possíveis. Não tenho outra escolha a não ser incentivar pessoas que não tiveram oportunidade a construir sua trajetória. Que seja nítida essa nova possibilidade para ressignificar uma vida.

O tema das urgências que a ocupam sua existência também foram tema de nossa conversa

Vivo inúmeras urgências. Elas vão mudando. Tinha urgência de permanecer viva, de fazer um show por 50,00 para não me prostituir e não entrar para o tráfico. Minha urgência agora é buscar equilíbrio mental. Estou ocupando lugares não imaginados para meu corpo. Temos feitos coisas não planejadas para esse tipo de vivência. Estou com programa na tv fechada. Tem que ter cautela e ceder muito. Estou tentando me equilibrar. Isso é necessário para corpos marcados pelo feminino, para corpos negros. Precisamos dessas urgências para nos manter minimamente, para não nos sentirmos um bicho, porque a sensação do trabalho artístico é contraditória também: “Diva, maravilhosa”. O quanto acham isso? Porque não me levou para jantar com a família? É preciso cuidar para não passar do objeto para abjeto. Estão lado a lado, para o precipício é um sopro [...].

E junto com urgências, atravessamentos e tensões que explicitam a construção de movências também no plano coletivo. Tensões como caminhos para outras travessias, para outros trânsitos. Encruzilhadas:

Minha trajetória sempre foi muito pessimista, não derrotista. O sistema não é pensado para meu corpo, para minha existência, mas já mostramos o quanto pode ser burlado. Vejo que meu avanço reflete em outras pessoas e não falo só de representatividade que também pode paralisar por alguém já fazer coisas. Vem essa visibilidade e quando me esgotarem, acabou? Sei que em algum momento vou deixar de ser interessante. A mídia é muito sugadora, mas não acaba em mim. Sei que tenho feito diferença com o que acredito e minha maturidade avança para questões coletivas. Me reaproximei muito da minha quebrada e fui pensando formas efetivas do que poderia fazer diante as necessidades que percebi mais com a atividade na Fábrica de Cultura. O corre tem que ser coletivo, senão não é forte o bastante, fica vazio. Tem que ser radical. Fui convidada para um projeto com uma marca e fui negociando maneiras de incluir as pessoas de lá. Querem customização, áudio-visual? Quero que seja de lá. Eles são muito talentosos, falta oportunidade.

Sobre as tensões, preconceito na quebrada não tive muito, mas via mudanças no meu trajeto, cochichos, xingamentos, e no Centro, onde pensava que seria acolhida, me sentia oprimida [...]. Mais difícil foi minha auto-sabotagem, no momento de querer atingir imaginários que meu corpo não suportaria. E infartei, né? Meu coração parou por três minutos. Levei choque. Acordei com massagem, sinto que precisou uma presença física de corpo para eu voltar. Estava me hormonizando. É muito foda. Quis retomar. As mudanças estavam me contemplando, sem contar o psicológico. Todos me tratando com pronomes femininos sem questionar. Tive que abrir mão. A sorte é que estava trabalhando muito. Estou esperando uma parada para me dedicar ao acompanhamento. Estou entendendo o que pode meu corpo nesse momento [...].

É como está diante da morte e permanecer imortal
É como lançar à própria sorte e não ter direito igual
Mas eu resisto, eu insisto, eu existo
Não quero o controle de todo esse corpo sem juízo
Um corpo sem juízo, que não quer saber do paraíso
Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso¹⁸⁸

O articulador de projetos do centro de cidadania pedia a palavra. Ele dizia que gostaria de corrigir sua fala inicial sobre a baixa procura de lésbicas pelo Centro de Cidadania: “*precisamos entender o que acontece, prefiro deixar no ar porque elas não nos procuram*”. E reforçou o propósito do espaço que contava com atividades de inglês, francês, português, artesanato, danças, expressão corporal: “Não queremos dar cursos profissionalizantes, queremos que as pessoas se trabalhem, se fortaleçam para estar la fora”.

¹⁸⁸ “Corpo Sem Juízo” produção de Badsista com participações de Conceição Evaristo e Matheusa Passareli <https://www.youtube.com/watch?v=6il3RIZSIgM>

Mas os motivos da ausência de lésbicas no espaço não ficaram no ar. Uma integrante de uma coletiva que estava ao meu lado entrou na cena: *“sou da coletiva Luana Barbosa e conversando com colegas para entender porque não vinham aqui, a fala foi que o curso de formação explicava como usar camisinha masculina. Um amigo que se colocou como homem trans foi invisibilizado aqui. Essas pessoas estão morrendo. Entendo que o machismo atravessa. Cabe ao Centro ir até as pessoas entender porque não chegam. O lugar de referência não está sendo referência. Precisa aprofundar a discussão, ir na periferia, chegar neles e entender. Readequar o equipamento”*. O debate sobre o tema estava instalado. E a desarticulação da rede de equipamentos apareceu na fala do articulador do espaço:

Vivemos uma situação que educação não conversa com a saúde que não se dá bem com as artes e a cultura. Os serviços estão sucateados. Minha função é articular para seja diferente do que falou. Não vou responder por meus colegas. Estou aqui há poucos meses. Sei que alguns não se sentem bem na conversa sobre camisinha. E também não vamos falar de humanização, já sabem, está na pele delas. Daí que tive ideia de buscarmos outros temas. No outro encontro desse aqui falei que as trans foram as primeiras a se organizarem na década de 1950, os gays na década seguinte e as lésbicas só se uniram ao movimento vinte anos depois. É um processo. Talvez tenhamos que voltar às articulações nos guetos como na ditadura. Esse político faz ameaças claras. Peço desculpas, gostaria de chegar nessa pessoa que você citou [...]

Havia um pedido de ajuda explícito para si e para outras existências. Uma fala que doía: *“Entendo e compartilho que a rede está super desarticulada. Minha fala foi no sentido que devemos ir atrás desses homens trans e dessas mulheres lésbicas para entender porque não chegam”*.

Foi o que falei sobre as redes não se cruzarem. Fazemos um trabalho com um homem trans aqui, mas quando ele vai no Posto será o “Antônio”. Não entendem os distintos tipos de sexualidade. Se um homem barbado diz ser travesti, acredito na mulher que há nele e não na imagem. O + é sobre cada um trazer uma identidade de gênero.

Uma pergunta simples feita pela integrante da coletiva: *“Existe aqui alguma iniciativa ou oficina voltada para mulheres lésbicas?”*. E a resposta veio de pronto: *“Para lésbicas não. Temos... temos, sim. Um coletivo de senhoras que se conheceu no dia da visibilidade realizados aqui. Temos vans que circulam por algumas praças do Centro. É o nosso o copo a corpo”*.

O cortante pedido de ajuda prosseguia pelo corpo de uma jovem ao lado da moça que havia disparado a discussão, companheiras. Ela expunha um face não visibilizada de uma conhecida moeda:

A sensação sobre a baixa procura é que parece existir um pensamento que sabemos lidar mais com os problemas que outras minorias. Tenho amigas na periferia que apanham por serem sapatão e precisariam de apoio psicológico, emprego. Não há ajuda aqui, se tem não sabemos. Precisamos tanto ou mais de ajuda por sermos mulheres.

Jup concordava: *“Acrescentaria uma pitadinha sendo cruel até comigo mesma, toda essa rede de apoio é enraizada no falo. Por isso as maiores demandas vêm de mulheres trans e homens gays. O teu exemplo vem disso”*, fala para o articulador do serviço. E Jup prosseguia: *“vieram essas vozes altas dos trans e depois dos gays por isso. Vou gritar mais alto e a gente é mulher igual!!! Isso é muito difícil de*

aceitar inclusive para mim enquanto trans”. A moça que havia disparado a resposta de Jup seguia: *“sou candomblecista, acho que existem muitas mulheres lésbicas no candomblé por este motivo. Me sinto curada no candomblé, me sinto amada. É muito uma mulher cuidando da outra*”. Jup lhe sorria e concordava com a cabaça.

E o trabalho para mulheres lésbicas citado entrou na cena pela voz do articulador: *“Você trouxe o emprego, elas não conseguem por causa do corpo. Quantas vendedoras gordas vemos nos shoppings? Quando vemos são as famigeradas empoderadas. É a questão de o espaço não as aceitar e delas não aceitarem certos rótulos do espaço*”. *“As mulheres lésbicas e homens trans na rua têm o título de “lacre” pelo cabelo, pela postura, mas é difícil conseguirem trabalho. Absurdo!”*, dizia Jup incomodada.

A conversa era interrompida. *“Vou pedir uma pausa porque preciso desmontar a exposição. Quem não viu, pode ir lá. Podem continuar”*. O articulador do Centro de Cidadania reiterava seu movimento: *“este projeto aqui tem quatro anos. Mudei alguns conceitos quando cheguei há poucos meses. Foi perguntado para as meninas o que elas gostariam de ver?”*. *“Nada está sendo feito. Mas pode. Não é uma fala pessoal”*, dizia a moça que trouxe inicialmente a discussão para a cena. *“E não é só sobre essa instituição. É também sobre o movimento LGBT”*, dizia Jup. Eu sentia intensamente as palavras que vibravam naquele corpo: *“Agora sabemos o que não está sendo feito. Já precisei, ela já precisou [aponta para o lado], não tinha como pedir ajuda! Ficamos sabendo de uma mana que faz atendimento psicológico e não pude ir. Caraca, tô desempregada!!! Não tenho dinheiro para ir no Centro!!! A gente está sofrendo igual. Lembre-se disso. A gente está sofrendo igual, a gente precisa de ajuda igual!”*. *“Boca seca. Agradeço muito o convite. Boa noite. Vão com cuidado. Vão pela sombra”*, foram as palavras de Jup. O viver na sombra...

Estava na porta do Centro de Cidadania e via os manequins sendo descarregados no caminhão. A viagem seria longa. Destino: Jardim Mirim. Enquanto saía, via alguns participantes do encontro seguindo pela rua escura que leva à Consolação. Consolos partilhados?? De longe também via as duas jovens companheiras que, apesar das dores e invisibilidades, seguiam juntas entre afagos e sorrisos. Lutas partilhadas!!!

O que podem corpos sem juízo...

Figura 123: exposição “Amor negro além dos Muros” na oitava e última roda de conversa do Projeto Bicha Preta de Fé realizada na FSP/USP, após a exibição do documentário Da(r)cor ao amor, com o tema “Ser negro e gay no Brasil: um recorte sobre como (R)existir com Samuel Gomes.

Entre-tempos...

Do que você tem medo? Você tem medo?

Não é fácil aceitar o medo. Não é nada fácil desafiá-lo. Como tudo na vida, o medo tem muitas faces. Diante de temores intensos e mais ocultos de nossa coragem, a mente propõe a trabalhar. Ela se torna mais ágil e mais produtiva. Dá origem a imagens, a fantasias e novas perspectivas, torna-se um motor da ficção. Talvez pareça estranho considerar a ficção como o medo em potência. Mais difícil é, talvez, aceitar a potência do medo _ que ele (para o bem ou para o mal) pode ser produtivo e fértil. Que não é só algo que nos paralisa, mas que nos empurra também. Ficcional e friccional.

O que pode um corpo?

Perante a constituição, um corpo enquanto cidadão tem direitos assegurados por lei como acessibilidade, segurança, lazer, saúde, educação e cultura.

Mas que corpos realmente usufruem desses direitos?

O que pode um corpo?

Quando saber que o corpo abjeto se torna um corpo objeto e vice versa?

Quem escolhe que corpo merece ou não ter direitos?

O corpo da mulher negra, o corpo trans, o corpo gordo, o corpo que sai da geografia sul e sudeste, o que realmente difere dos demais já que ao olhar ao redor, pela visão nua, já somos todos tão diferentes uns dos outros.

Nos tornamos mulheres – ou homens. Não nascemos nada; talvez nem humanos nasçamos. Sob a cultura, sob a ação do tempo e do espaço, da história e da geografia, da psicologia e da antropologia, nos tornamos algo. Homens, mulheres, transgêneros; heterossexuais, homossexuais, bissexuais e o que mais quisermos, pudermos ou nos dispusermos a ser.

Há muito de natureza em nós. Bilhões de genes interagindo de maneiras insuspeitas, gerando toda sorte de predileção, predisposição, premência. Graças à genética abolimos expressões como opção sexual, como se tomássemos decisões conscientes a esse respeito, e até homossexualismo, cujo sufixo lembra mais uma doença, física ou mental, do que uma vida.

Mas respiramos cultura como o ar, a todo instante, desde o primeiro grito. A natureza, ou a genética, contam uma parte da história, e então dá aos seres humanos a responsabilidade de viverem suas vidas – e, inclusive, de criarem novos seres humanos como lhes aprouver.

Dizem que esses corpos são escandalosos, extravagantes. E olha, eu tenho que concordar já que esses corpos já não usufruem de seus direitos, ou usufruem tão pouco. Esses corpos precisam gritar, pra ter um mínimo de acesso, que deveria ser para todos.

“Como você lava o seu cabelo?”, “uma travesti, em plena luz do dia?”, “nossa, mas vai comer só isso? Até parece”, “não tenho nada contra, mas prefiro que fique longe”.

Longe de que? Longe de quem?

O que a periferia tem em comum é que somos todos frutos do capitalismo racista, elitista, lgbtfóbico, machista, classista, xenofóbico, e segregador que infelizmente deu e tem dado certo. O maior exemplo disso? A desunião entre a maioria que fazem nos enxergamos como minorias. Pois assim terão maior controle de extermínio negro, pobre e LGBT.

Você sabia que a cada minuto morre uma mulher no Brasil? 70% é negra. Quantas Marielles ainda poderão morrer sem punir os culpados? Você sabia que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo causadas por crime de ódio? Sabia que o Brasil é o mais que mais consome cosméticos e o segundo país que mais se faz cirurgias plásticas ficando atrás apenas do Estados Unidos com um exemplo nítido de uma adequação europadronizada que ninguém consegue realmente atingir?

Mas não é só de medo e opressão que se nasce uma resistência sólida e resiliente. Em 2018 tivemos o maior número de candidaturas de pessoas trans e travestis, sendo 3 delas eleitas em São Paulo. O número de negros cursando ensino superior dobrou nos últimos 3 anos, somos 34% dos alunos em universidades, comparado a nos anteriores de 18, 19%. E apesar de ainda muito caminho que precisamos trilhar, conseguimos materializar a ascensão d/ comunidade negra, periférica branca e não branca, LGBT, feminista e principalmente, anti facista.

Com tudo isso, uma reflexão é levantada.

Nós aqui, mais pessoas que vivem conosco, em ciclos, bolhas e unidades.

Nós não somos minorias, nunca fomos.

A maioria é de negros, não brancos, não hétero e dentro de todos os recortes e diferenças; nós somos a maioria. E todos, todas estamos convidadas a revolução, onde a liberdade seja o viés de transformação, evolução e união entre todas nós.

Jup do Bairro

Menstruadas sob o céu da zona sul

Ao buscar as agendas individuais e dos coletivos/coletivas lá estava: *Vivência Menstruadas e Jardim das Efigências – Sesc Campo Limpo – Gratuito – Homens Trans são mais que bem-vindos*. Mal podia acreditar que ainda conseguiria vivenciar os saberes e práticas enunciados por Flávia Rosa em nossa primeira conversa e com os quais tive certa aproximação na leitura do livro “Mulheres líquidos” e em uma conversa com Débora Marçal após o encontro “Práticas descolonizantes a vez e a voz dos corpos marginais”.

O feminino é o eixo do trabalho destas quatro Capulanas que, como vimos, ao se instalarem no Jardim São Luiz foram processualmente se constituindo como *Ialodês* na zona sul de São Paulo, na condição de que ser uma Capulana é incorporar o pressuposto da liberdade para cuidar dos seus e de um nós, recriando maneiras de cuidado, beleza e liberdade. Este é o desejo que tem mobilizado Débora Marçal, Flávia Rosa, Priscila Obaci e Adriana Paixão, que, ao longo dos últimos 12 anos, tomam a presença do sagrado, a valorização da oralidade, o cultivo da memória e da ancestralidade dos povos africanos como planos de produção que norteiam suas produções artísticas e de vida. “Capulanas somos nós!”, enunciam estas *Mulheres Líquidos* nas primeiras páginas da referida obra (FAUSTINO e CAPULANAS, 2014). Uma produção interminável em que vida e obra se misturam

“Como separar a vida da obra? Não temos essa pretensão, pois vivemos, sentimos e criamos. Queremos justamente utilizar a linguagem teatral para borrar as fronteiras entre as utopias e as quedas, as vivências e os sonhos. Já andamos muito e muito temos a percorrer (PAIXÃO, 2014 p.32).

Saí do metrô apressada, pois, seguindo as informações do encontro, ainda haveria a necessidade de fazer uma inscrição. Enquanto seguia por aquela unidade do Sesc, via o local que havia se tornado um ponto de encontro para longas prosas no campo. Uma alegre saudade me invadiu ao passar por aquelas mesas e cadeiras em uma das áreas de convivência do espaço. Caminhando mais um pouco, outra lembrança-pensamento: vivenciáramos as próximas quatro tardes do *Menstruadas* no mesmo espaço em que vivi o arrebatador espetáculo *Isto é um Negro?* E a esta lembrança somou-se outra: a experiência de um encontro do *LiteraCampo*¹⁸⁹ conduzido por Luz Ribeiro¹⁹⁰ com a qual lemos e discutimos trechos de *Hibisco Roxo* e de *O Perigo de uma história única* de Chimamanda Ngozi Adiche. As obras eram o dispositivo, para a produção do encontro. Com Chimamanda percorremos várias questões que transversalizam e atravessam o viver das que ali estavam: o que havíamos lido recentemente e/ou o que líamos no momento; a invisibilidade e o apagamento das mulheres, particularmente das mulheres negras; a necessidade de escuta destas vozes silenciadas e destes corpos violentados; os levantes femininos contra o machismo e o sexismo; o sentido de enxergar a multiplicidade de histórias que compõem uma vida, os efeitos do LiteraCampo que segundo vários

¹⁸⁹ Sobre Literacampo https://www.sescsp.org.br/programacao/161260_LITERACAMPO

¹⁹⁰ Luz Ribeiro à época integrava os coletivos Poetas Ambulantes, Slamdasminassp e Legítima defesa. Atualmente integra os dois últimos.

relatos daquela tarde vinham abrindo caminhos para a busca de outras leituras, especialmente considerando o sentido produzido pela experiência de sair daqueles encontros com o livro debatido *em mãos*, tal como saímos como as duas obras de Chimamanda.

Figura124: Encontro Literacampo no Sesc Campo Limpo

Acho que essa história única da África veio, no final das contas da literatura ocidental. Aqui está a citação de um mercador de Londres chamado John Lock que velejou para a África ocidental em 1561 e fez um relato fascinante de sua viagem. Após se referir a africanos negros como “animais que não tem casa”, ele escreveu: “também é um povo sem cabeça, com a boca e os olhos no

peito”. Rio toda vez que leio isso. É preciso admirar a imaginação de Lock. Mas o importante sobre o que ele escreveu é que representa o início de uma tradição de contar histórias sobre a África no Ocidente: uma tradição da África subsaariana como um lugar negativo, de diferenças, de escuridão que, nas palavras do maravilhoso poeta Rudyard Kipling, “são metade demônio, metade criança”. Assim comecei a me dar conta de que minha colega de quarto americana devia ter passado a vida inteira vendo e ouvindo versões diferentes dessa única história, assim como um professor universitário que certa vez me disse que meu romance não era “autenticamente africano”(ADICHIE, 2019 p.19).

Invadida por essas experiências que se atualizavam no meu corpo, o que vivia de forma frequente pelos diferentes lugares por onde transitei, seguia para o local do encontro. Ao longe via a exposição “Ver, olhar”, um convite para que o “ver” fisiológico dê lugar ao “olhar” sensitivo, afetivo social. Tudo conectado. Aquela era mais uma das atividades que movimentavam a programação “Sob o céu do Campo Limpo”, que incluía o Menstruadas.

Minérios ativados pelo tato – sabedoria dos ossos

Ao ultrapassar as pesadas cortinas pretas de lona da tenda, vi uma grande roda formada no centro do espaço. O mesmo local, outra configuração. Penumbra. Apenas alguns feixes de luz incidiam sobre o grupo. Constrangida pelo atraso, coloquei rapidamente minhas coisas nas cadeiras próximas ao tatame onde todas estavam sentadas, retirei os sapatos e fui para a roda. Ao me aproximar Débora recebeu-me com um sorriso e se movimentou para o lado a fim de que eu entrasse na roda. Buscando um acolhimento, sentei-me ao seu lado. Aos poucos fui me situando sobre o que era dito.

Naquele momento cada uma falava sobre o interesse e a expectativa que as levavam ao encontro. contei que estava ali pelas minhas andanças com a pesquisa e partilhei a expectativa de conhecer e vivenciar um pouco dos saberes aos quais havia construído alguma aproximação pelo encontro com Flávia, incluindo questões sobre o sangrar, e ainda por meus encontros com a vida e obra daquelas quatro mulheres Capulanas. Como mulher e pesquisadora, dividia com outras mulheres a expectativa de viver aquele universo ainda pouco conhecido. Buscava me *in-mundizar* também com as questões *do que pode um corpo feminino* para si e com outras mulheres ao conhecer o seu processo de sangrar.

Após cada uma falar sobre si, Isabella falou um pouco sobre o porvir. A cada dia vivenciariíamos um elemento e nesse processo comporíamos um grande mapa do ciclo menstrual e em sua conexão com o ciclo lunar e com os elementos da natureza. Terra + Ar + Fogo + Água em nós. Um ciclo, um processo, uma mistura, uma sabedoria para as quais a maioria que ali estava ainda não atribuía um sentido, no que se referia às múltiplas conexões com sua existência e com um modo de produzi-lo em uma perspectiva *politicamente comum*.

De pé. O momento era voltado para a exploração de nossos corpos no espaço. Uma caminhada livre. Uma ocupação de um nós pelo espaço. A cada passo uma busca pela percepção do que se fazia nos pés, pernas, quadris, coluna, braços, cabeça, olhar, músculos, pele. Sensações. Desconfortos, confortos... presença. Passo a passo eu me conectava com meu corpo, ora com uma caminhada suave que me permitia sentir a maciez do acolchoado sob meus calcanhares reverberando até os meus dedos, ora com pegadas mais firmes que ascendiam como fogo em minhas pernas, ativando percepções para que seguisse aquele deslocamento. Foram alguns minutos nesta experimentação. A cada pegada eu me sentia mais e mais agenciada por estar naquele espaço negro, por sentir aquele solo negro.

Logo Isabella no convidou a buscarmos uma a outra na caminhada. Os olhares se entrecruzavam de vários modos em nossa exploração de um espaço que naquele momento cada uma era convocada a percebê-lo não apenas como seu. O encontro consigo se expandia pela interação com as outras mulheres que ali estavam. Nessa andança sorrisos sutis se fizeram e se desfizeram. Mulheres se conheciam a cada passo sem nada pronunciarem. O silêncio e a experimentação de outros olhares e toques seriam elementos fundamentais dos quatro dias que viriam.

“Quem é a Lua Negra? Quem é a escuridão sagrada? Precisamos de uma mais velha para acompanhar a nossa lua crescente. Vamos virar uma de frente para outra. Íamos trabalhar deitada, mas está frio. Vamos fechar os olhos, sentir a energia da outra. A pergunta é: como foi minha primeira menstruação? Onde estava dentro do meu corpo a sabedora antiga, ancestral? Cada uma vai percorrer o corpo da outra mapeando os ossos, densidade, o toque que preciso para chegar neles, o que me trazem. Não pode abrir os olhos. Faremos o desenho do corpo da outra mulher, conectando com a sabedoria dos ossos”. O que é a energia escura grande céu sobre nós?

Aos poucos as mulheres foram se compondo. Fiquei sozinha. Débora também. Teriam as deusas conspirado para este encontro? Naquele momento cada uma deveria explorar as estruturas ósseas da

outra e suas movências. Eu iniciei a vivência. Lembrei de momentos em que havia ativado práticas muito semelhantes pelo toque, na qual o sensível é o elemento central. Práticas que podem produzir muitos possíveis entre os corpos que se tocam. Como eu havia proposto tantas vezes, buscava produzir também um *bom encontro* com minha companheira. Bom encontro, um termo certo quando a questão é se conectar com outro corpo. E diante de mim uma existência que me agenciava bons afetos: alegria, força, serenidade.

Tateava possíveis a cada toque. A sensibilidade totalmente ativada, pois nada seria enunciado entre nós. Iniciei pela parte posterior do corpo de Débora. Um contato iniciado pela cabeça que se estendeu aos ombros, braços, cotovelos, antebraços, punho, mãos. Tudo explorado, tudo tocado. Sem desfazer o contato com sua pele subia até alcançar sua coluna, quadris, joelhos, pernas, pés. Tudo explorado, tudo tocado. Alternava toques com a ponta dos dedos, manipulações e delicadas compressões em seus ossos, articulações e musculaturas. Seguiu naquele *toque mineral*, ouvindo as palavras de Isabella e tendo ao fundo os ruídos do que acontecia do lado de fora da tenda rasgando ao ar: carros acelerando e buzinando, aviões sobrevoando nossas cabeças, crianças e monitores entregues a jogos e brincadeiras. A vida seguindo do lado de fora daquele útero negro.

“Mineral. Elemento terra. Sabedoria dos ossos. Minério dentro de mim.
O meu reino mineral. Sabedoria dos ossos. A terra em mim”.

As interferências de Isabella enunciavam o elemento com o qual estávamos nos relacionando. Mantendo o calor do toque, havia chegado à frente do corpo de Débora. Meu toque ascendia por suas pernas, joelhos, quadris, abdômem, costelas, tórax, ombros, braços, cotovelos, antebraços, punhos, mãos. Demorei-me um pouco nas palmas de suas mãos e em suas falanges. Era como se não quisesse abandonar aquele contato. E me passou uma imagem de uma das cenas mais belas que vivi neste período: Ayobami empunhando o Gã no espetáculo Ialodês: em “Ialodês: Um manifesto da cura ao gozo”¹⁹¹. Seguiu na exploração de um corpo que a cada dia se produzia no encontro *com tantas* mulheres e *por tantas* outras mulheres

Nosso grupo tem um recorte de gênero, etnia e geografia. As pessoas com quem queremos trocar estão onde nascemos e construímos um lugar para existirmos como artista, rainhas, produtoras de conhecimento, de estética. Uma exceção, porque somos o único grupo de teatro negro feminino periférico da cidade. Permanecemos na periferia por opção. Quando saímos é como uma convocação para uma briga que não inventamos, o racismo, o machismo. Estou consciente na

¹⁹¹ Da minha poltrona do teatro via Ayobami, *que a riqueza me encontre*, encarnada por Débora que circulava por entre as outras Ialodês sustentando o Gã. Postura imponente, olhar forte. Mais um acontecimento que vivi nas minhas andanças. E neste dia mais um momento marcante. Nos agradecimentos finais dirigidos a várias pessoas, Ayobami ao microfone renderia um agradecimento *pelo estudo que eu desenvolvia sobre as Capulanas em minha pesquisa*. Uma alegria assustada me invadiu. A respeito das cinco Ialodês Dione Carlos escreve no capítulo “Ialodês e Capulanas: um oceano de saberes femininos” dedicado ao processo de composição do espetáculo: Asali - Mel doce (agô); Ayobami - Que a riqueza me encontre (Gã ou Hongã); Femi - Me ame (Adjá); Bisi - A primeira filha (Chekere); Oni - Nascida em um lugar sagrado (voz). (2018, p. 52).

luta há 20 anos. Com 30, entendi que precisaria de uma reforma. Foram três anos. Não sabia o que diferenciava uma pessoa de uma não pessoa. Vivia no menos e as crianças negras vivem nesse sistema de não humanidade. Hoje sei que posso fazer tudo, antes não podia por não me entender como ser humano, me entendia como me via e via coisas, buracos e não pessoas, mulheres sendo mulheres. Criar esse universo para mim, outras pessoas, outras mulheres, onde podemos *ser*, é inexplicável [...]

(Débora Marçal - Encontro “Práticas descolonizantes a vez e a voz dos corpos marginais”)

“*Aos poucos vamos nos despedindo do corpo da companheira*” eram as palavras de Isabella que delicadamente enunciava o momento de troca entre as duplas. Era chegada a hora de ser tocada. No primeiro instante senti o toque vigoroso de Débora. Diferentemente de mim, o toque foi iniciado pela frente do meu corpo. Aos poucos fui sentindo as tensões, as dores com as quais lido há tempos. À medida que as mãos de Débora se aproximavam de minha coluna cervical sentia medo, pois elas se aproximavam do meu *calcanhar de Aquiles*. Não podia dizer nada. Nos milésimos de segundo que se seguiram suas mãos passaram por esta região de grande fragilidade do meu corpo e alcançam minha cabeça que foi manipulada de forma delicada. Enquanto percebia a intensidade de seu toque em meus ossos, articulações, músculos, a sensação era de conforto e de cuidado.

“Sabedoria dos ossos. Lua negra. Lembro como foi minha primeira menstruação. Como acho que será minha primeira menstruação? Elemento terra. A companheira me leva para onde precisa ser tocada. Para onde me leva a sabedoria dos ossos? Que lembranças têm os meus minérios?”

O convite era para que atualizássemos a experiência da primeira menstruação. Porém, a intensidade do encontro não me fazia produzir esse pensamento. E ao enunciar no convite “*como acho que vai ser minha primeira menstruação?*”, Isabella acolhia uma vida que participava da vivência com sua mãe e havia contado na fala inicial ainda não ter menstruado. Escuta. Acolhimento. Cuidado. Termos novos, conexões novas. Aproximavamo-nos de um campo de saberes inexplorado.

“Aos poucos nos despedimos. Tocar e ser tocada. Vamos circular. Os minérios que habitam nosso corpo trazem a atenção sobre como nos movemos a partir deles. Braço, quadril, cabeça, púbis. Vamos achar um lugar onde se sinta bem. Se quiser pode ficar mais junto, está frio. Cada uma vai pesquisar um ponto de olhos fechados. Geralmente vemos ossos já ressecados, mas eles são esponjosos, são esponjas. O sangue passa por eles. Que lembranças eles trazem? Posso caminhar, observar. Esse é um espaço de confiança. Aprendizado. A ciência da mulher é a ciência do corpo vivo. Achamos uma posição, nos conectando com esse campo que estamos criando”.

Enquanto eu tocava os meus ossos e começava a me mover olhando para as outras mulheres, pensava nas palavras de Isabella sobre “a ciência da mulher é a ciência do corpo vivo”. Pensava como a tal “ciência oficial” apaga, padroniza, encarcera corpos. Das experiências com um processo de normalização do corpo que invade todos os planos da vida¹⁹² e que *faz viver um corpo morto*, um corpo-máquina, um corpo de órgãos. Meu pensamento voava para o quão “dividuais”, divisíveis se tornaram

¹⁹² FOUCAULT, Aula de 17 de março de 1976 de Em defesa da sociedade (2005).

os indivíduos e o quão as massas se tornaram amostras, dados, mercados num processo de ilimitada moratória que compõe o vivido pelo corpo-empresendedor de si¹⁹³. Circulando naquele útero negro pensava que aquele encontro, que me mobilizava por inteiro, seguia justamente na direção de um corpo pouco experimentado, um corpo vivo, um corpo alegre, um corpo em relação, um *corpo sem órgãos*.

Meu corpo seguia vibrando naquele pensar-agir, agir-pensar. Logo fomos convidadas a escrever sobre o vivido em um pequeno caderno oferecido a cada uma de nós. Fui lançada a uma escrita que seguia vivamente em mim sobre a experimentação de um constante exercício de escrever sobre nós¹⁹⁴. Ali entrevia linhas de uma metodologia que se conectava ao ato de tecer grafias do processo. Produziríamos cartografias de nossos afetos, percepções, sensações, possíveis, do que nos passava em ato *em nós e entre um nós* pela interação com outras mulheres. Pus-me a escrever.

O toque nos ossos e nas musculaturas provocou sensações e algumas imagens. Conexão. Mais sensações que imagens. Sensações múltiplas. Variação de graus e intensidades de força. Variações de graus e intensidade no encontro. Também provocou a experiência de leveza conforto em algumas partes do meu corpo, de algumas musculaturas, de nós não desfeitos. Ao ter o corpo manipulado, formavam-se imagens de movimentos articulares e das alavancas para realiza-los. Remeteu também ao cuidado com que era tocada, incluindo a experiência com diferentes possibilidades de manipulação. Intensidades. Sensibilidades. Gestualidades. Entrelaçamentos. Tive medo também. Vivido no silêncio e no escuro de meus olhos cerrados. O que aconteceria? Experimentei ainda uma sensação de uma gradativa confiança para que pudesse tocar e ser tocada. Força, intensidade, medo, conforto, confiança, cuidado, mistura de corpos. O sensível.

Éramos chamadas para formar novamente a roda. E uma anotação final

O encontro também fez pensar nos pontos que não toquei e que não explorei, principalmente ao ser tocada no rosto. Queria mais tempo para outros toques, para seguir na exploração daquele corpo que me potencializa afetos alegres, bons encontros. Queria mais tempo para outros encontros com o que podiam nossos corpos em ato.

Na roda, muitas partilhas sobre a experiência

- Sou iniciada no candomblé e respirava para não pendular, senão a tendência é sair de terra. Tocar é mais confortável. Gostei. Levei vários choques. Pelo tempo que não faço isso e pela troca de energia de pessoas fazendo a mesma coisa.
- Vi um esqueleto quando criança e chorei muito, sempre tive medo de osso. Não sei porque veio lembrei de uma tia que escrevia com carvão. Pensei nos ossos e lembrei de que no meio do surto ela fazia grafites, sou do grafite [...]
- Senti um calor que foi aumentando. Disso surgiu uma imagem que é de infância. Movimento. Racionalizei muito [...].
- Minha avó tem osteoporose e pensava se seria minha sina. Parecemos muito, não me surpreenderia puxar as doenças. Li sobre a propensão das mulheres terem osteoporose e pensava: é culpa da menstruação? Veio uma frase que sempre

¹⁹³ DELEUZE, Post-scriptum sobre as sociedades de controle de Conversações (2013).

¹⁹⁴ Capítulo “Ler e escrever: vamos fazer uma experiência” (CARVALHO e MENDES, 2017).

escutei: “você não é gorda, seus ossos é que são largos”. Então porque diziam que deveria emagrecer, osso não emagrece? Um emaranhado de relações. Estou tentando me desintoxicar disso. Sempre quis ser miúda, delicada [...]

- Me veio uma imagem: água. Tudo interligado. É muito fluido. Para mover o osso há uma ação. Pensei nessa conexão, nessa fluidez, nesses caminhos [...]

Isabella inicia a construção da geometria lunar. Começava a composição da “esqueleta”.

Na ciência da mulher compomos ciências. A Lua Negra é a primeira figura da nossa geometria lunar. Energia escura, escuridão sagrada primordial. Ela é de polaridade negativa. A Lua Negra é nosso elemento terra, nosso minério. Chamamos: sabedoria dos ossos. Neles carregamos a sabedoria mais antiga, nossa ancestralidade. Interessante porque muitas falaram da avó, das ancestrais e isso tem relação a como tecemos ciência de uma maneira intuitiva entre nós mulheres. A Lua Negra é também, e vocês trouxeram, a menstruação. A Lua Negra chamamos: Nossa Velha, a Sábia, a Ancestral, a Anciã, que faz os processos de vida e morte. O que isso quer dizer? Quando nossa coletiva funcionava em harmonia a Sábia estava relacionada a condução dos processos de morte e de vida. Ela tem uma relação direta com o parto, porque para chegar em terra é preciso passar por água. A relação com os minérios é uma troca. Há uma troca vinda da Velha, da Sábia. Podemos dizer que uma mulher entrou nesse campo ancestral, hoje, aos 70 anos aproximadamente. Guardem as anotações para fazermos alguma coisa depois. Prestem bastante atenção nos sonhos. Vocês falaram de dor nos ossos, frio. A lua negra é nosso inverno. Deixo a pergunta: como foi a primeira menstruação? Vamos abrir amanhã com ela.

Débora conduz o encerramento. Em roda, juntas, de mãos dada todas entoamos

Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê.
Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê.

Alegria. Delicadeza. Um canto afetuoso para encerrar aquele encontro tão mobilizador. E as palavras finais de Débora foram para que escutássemos as mais velhas. Com meus minérios ativados segui para casa com os saberes da Lua Negra¹⁹⁵.

A Lua Escura me traz a Deusa em sua forma mais soberana. Anuncia o Inverno e o recolhimento ao útero primordial. Durante sua lunação pensamentos sobre a vida e a morte, os mistérios naturais e as práticas ocultas se tornam mais acessíveis. A sabedoria da ancestral, das que vieram antes de mim, agora se apresentam neste período. Me encho de vontade de confraternizar e agradecer as energias que floresceram na minha Roda que em breve se encerra.

A Lua magnetiza algumas dores, insatisfações. Algumas inquietações. Trazem pistas de onde escrevo e inscrevo minhas escolhas, meus afetos. Recolho meus frutos e pauso. Antes do começo é preciso o silêncio, entre a expiração e a inspiração, a quietude primordial do útero cósmico.

Agradeço ao Sol, fogo, que se vai e recebo os ensinamentos da Velha. Peço e canalizo a visão do meu caminho, e conduzo minha energia ao escuro útero mágico. Matéria primeira criadora. Me aninho em Terra e aninho Terra em mim. Para me conceber, observo os nutrientes de Terra, junto aos meus nutrientes. Quando chegarem ao mais profundo ofereço e celebro a eterna Roda, o eterno Ciclo. Escalada em via negativa. Cresço nas profundezas. Sou Lama e Osso de Terra.

O cuidado com as plantas, estar em mim, costurar, trocar conhecimentos, ervas e poções, uma bebida quente, vinho, cachaça, frutas vermelhas, mel e canela, me alegram neste momento. Terra se prepara para sangrar e de novo começar seu ciclo, eu cuido de Terra, cuido

¹⁹⁵ Trechos das Escritas de Isabella Duvivier ofertadas em forma de livreto-apostila.

O sopro da vida dentro de nós – ventanias

O encontro começava com partilhas: *“como foi a primeira experiência de quando o poder é acionado dentro do meu corpo, para colocarmos no nosso caldeirão de hoje? Se alguém quiser pode complementar se teve algum sonho”*

- Andei o dia todo de bicicleta e quando vi estava suja. Um pânico, vergonha. Não esqueço a imagem: mãe, avó, tia gritando na porta do banheiro “parabéns!”. Foi uma festividade e junto verbalizavam: “muito cuidado!”. Por quatro dias não sabia quem eu era. Fiquei silenciosa. Minha avó disse que teríamos uma conversa longa. Foi bonito.
- Queria lembrar, não consigo. Lembro que minha avó fazia paninho e que meu pai dizia “nunca coloque nada na sua perereca” [risos]. Ela dizia que se jogasse pano com sangue no quintal nasceria um pé de morango. Escrevi sobre isso. Esses dias usei “interno” porque precisei. Eu me pergunto: quando vou sentir essa força, esse poder?
- Minha mãe falava um período para tudo “é porque vai ficar mocinha”. Fiquei de saco cheio daquilo. Passei o dia na piscina e quando fui trocar o biquini, bordô, percebi. Foi acolhedor, muito no âmbito de cuidar, entender o momento de recolhimento, chás, pano aquecido. Vamos entendendo o que é menstruar também com as amigas.
- Pensei muito ontem que não lembrava do meu primeiro sangue. Foram muitas promessas que minha vida mudaria, que seria atraente. Usávamos a menstruação para fugir da educação física, o professor era invasivo, nojento. Ganhou uma carga de defesa, vergonha, sujeira. Fui muito pressionada por minha mãe para ser a primeira a saber. Desde cedo usei anticoncepcional, ficava fraca, mal. Sei do antes e depois.

“Fechar olhos. Vamos nos conectar com nosso espaço interno que é infinito. Vamos inspirar e, ao expirar, suspirar como fizemos ontem”. Ecoavam os ruídos dos suspiros de Isabella. Os suspiros das outras mulheres e os meus ainda eram contidos. Aos poucos fui libertando minha respiração. Uma experimentação, uma aprendizagem em mim. De olhos fechados, ouvia pouco a pouco se avolumando a sonoridade do inspirar e do expirar das outras mulheres. Experimentações e aprendizagens de uma coletiva.

“Vamos levar a mão na altura dos ovários, do útero. Inspirar, abrir os ovários, o útero. Deixar o ar sair pela boca. Vamos respirar através da vogal ‘u’”. Concentração, introspeção. Outra experiência ativada desta vez pela pronúncia da vogal “u”. O foco eram o útero e os ovários. Eu respirava com eles. E com a respiração meu corpo vibrava. Um corpo coletivo também vibrava na mesma frequência. Não respirávamos sozinhas.

“Levamos a mão na altura do umbigo e ativar a respiração com a vogal ‘o’”. E novamente um coro ressoava. A respiração de uma mulher ecoava forte em algum ponto do espaço. Ela chegava em mim. De olhos fechados, a sensação era de seguirmos respirando juntas. *“Inspira e expira com ‘u’ e ‘o’”*. Uma forte sonoridade aconteceu com a combinação das duas vogais. Vivía um outro tempo-espaço ao som das outras mulheres que me invadia.

Um outro som havia chegado ao ambiente pelas mãos de Débora sentada em uma ponta do espaço. Ela tocava concentrada. Eu não conhecia o instrumento. Sua frequência deixava a ambiência mais convidativa para a vivência. Leveza.

“Aos poucos voltamos ao espaço. Ficamos de pé. Vamos olhar uma a outra nos olhos. Se ficar difícil, olha próximo da testa. Achamos um espaço. De olhos fechados leva atenção para o mundo que entra e que devolvo. Caminha um pouco. Vamos achar um par, podemos ter trios”.

Dentro, o suave som produzido pelas mãos de Débora. Fora, o intenso ruído produzido pelas crianças e monitores. Convivência.

“Uma de frente para outra e imaginamos um fio vertical que entra pela cabeça, passa pela coluna e sai pelo meio das minhas pernas. Percebo a respiração vertical. I Imagina outro sai do espaço e passa no meio da minha costela. Leva a respiração para o sentido horizontal. Como respiro através das minhas costelas? Encho as costelas, solto o ar e elas se aproximam. Toco minhas costelas. Lá na frente um corte atravessa meu estômago e sai pelas costas. Percebo como a respiração me atravessa sagitalmente. Somo seres em três dimensões: vertical, horizontal, sagital. Vamos nos dar um abraço. Respiramos sentindo o expandir e o encolher. Eu me aproximo da minha parceira. Convido o ar pelos pulmões. Aos poucos, olho para a imagem projetada no fundo da sala”.

Na tela branca, duas árvores na posição horizontal. Troncos quase se tocando. Copas pendentes. Árvores que nos convidam expandir e retrair. Frescor.

“Tenho árvores em mim. Ontem fizemos conexão com terra pelo tato. Hoje será com a dinâmica respiratória. Começa na faringe, avançamos, chegamos no pulmão sentindo onde está ativo, onde não está. Quem recebe fica de olhos fechados, quem não consegue pode abrir e fechar os olhos para conexão. Pode deitar, sentar. Mantemos o silêncio”.

O som do instrumento havia parado. Iniciei a dinâmica. Minha companheira deitou. Eu não poderia sentir suas costas como havia pensado antes da dinâmica. “*Eu não condiciono a respiração da minha companheira. Eu me conecto, sinto onde ela respira. O que sustenta essa respiração? Como posso fazer essa pesquisa*”. Ali seguia em pesquisa. Tateamentos. Percebia o corpo de minha companheira. Suavidade e leveza novamente ativadas. Senti-la sem conduzi-la. Uma pesquisa também em mim. “*Como sinto o corpo expandir e recolher. Ponte que me liga ao mundo externo. Ponte que liga o mundo externo a mim*”. Outras pontes, outras travessias

Figura 125: Das Pontes vividas no Encontro Menstruadas

Ponte que respira. Ponte que vibra
 Ponte que se abre, se encolhe, se move
 Avessos
 Ponte que se dobra, se desdobra, me redobra
 Ponte que desterritorializa, que inspira
 territorialidades
 Respiros
 Ponte para o sensível
 Ponte para o vento
 Ponte que venta em mim
 Ventanias

Ventos fortes entre nós: *“Quem recebe, sonoriza estimulando as raízes do pulmão. Quem faz, recebe o som desse tecido vibrátil. Deixa o pulmão vibrar. Qualquer som. O vento vai ficando mais alto. Balança mais minhas árvores”*.

A respiração de uma mulher era mais pronunciada. A sonoridade no ambiente era de ventos que iam e vinham. Mulheres vento. Mulheres ventania. *“Vamos deixar esse som ressoar mais alto. Vento um pouco mais forte”*. Nossos ventos se encorpam. Minha vontade era de olhar para as outras mulheres. Queria me conectar a elas. Perceber suas sensações, sonoridades, gestualidades, possibilidades. Sentir o que seus corpos produziam em ato. Ventos in-corpos. O momento era forte. Queria viver esta outra experiência, andar por entre elas, entrelaçar-me a elas, encontrar com o sensível nelas. Isso não era possível. Mas seguia conectada a elas, por nossos ventos.

Figura 126: Vivência de nossas ventanias

“Aos poucos os meus ventos vão se acalmando.
Vou me despedindo. Trocamos. Em silêncio”, seguia Isabella.

Sentei. Fechei os olhos. Ventos mais calmos. Meu corpo entregue a minha companheira. *“Começamos a pesquisa com o toque. Como são e onde estão as minhas árvores. Como está meu olfato. Como estão minhas três dimensões: largura, altura e profundidade. Como está minha inspiração, como está minha expressão”*. Àquela altura a temperatura já estava mais baixa, ela interferia na fluidez de minha respiração. Tinha dificuldade de respirar. *“Quem está recebendo vai ativando essas árvores e deixando balançarem, ativando o tecido desse pulmão-ar”*. Comecei a ventar suavemente. Os ventos das outras mulheres eram também de calma. *“O vento começa fraco e vai aumentando”*. Ao longe ouvia uma respiração em um ritmo próprio. Uma respiração que soprava uma linguagem própria, uma respiração-conversa daquela mulher consigo. *“Quem manipula se despedindo, acha um espaço. Faço conexão com minhas árvores deusas internas e a nos movermos a partir dessas árvores. Expandir. Expressar. Inspirar. Deixa os sons serem emitidos também para que façamos uma orquestra de ventos”*.

Cada mulher em sua sonoridade. Todas juntas. Sentada, eu ventava naquela profusão de ventos que ocupava aquele útero negro. ventos em nós.

“A segunda figura da nossa geometria lunar é a lua crescente. O elemento ar é o mundo externo. A lua gira anti-horário, nossa geometria lunar também. A pergunta para amanhã: como foi minha primeira experiência sexual? Como acho que será? Mantemos o silêncio. Vamos pegar os cadernos: O que traz o toque pulmonar?”

Não conduzir a respiração da outra. Senti que era difícil não ser conduzida no início, sobretudo quando o toque era um pouco mais intenso, embora não tenha sido forte. Contra-fluxo. Não conduzir a respiração. Sentir a outra, seu ritmo, seu tempo, sua dinâmica, sua entrega. Seguir o fluxo. O toque ativa percepções que interferiam no meu ritmo respiratório. Outros fluxos. Suspirar, soar, difícil no início. Pede um exercício de nossa percepção, de nossas possibilidades, de experimentações no corpo. Duas árvores: pensei no rizoma. Fiz planos para o toque. Ela deitou. É de encontro. Experimentei possibilidades na presença, no contato. Mulheres que soam. Mulheres que sopram. Mulheres que ventam juntas. Mulheres ventania.

Seguíamos compondo a geometria lunar na esquelética.

“Sopro da vida. O mundo externo dentro de nós. Ar é primavera. Habitamos a dimensão do ar. Na barriga da nossa mãe, respiramos água. A nova vida dentro de nosso corpo acontece sete dias depois da chegada da Sábida, quando aparecem os primeiros folículos. Por isso em algumas culturas a festa da primavera se chama estoer. Estrogênio. O borbulhar da nova é nos folículos, nos ovários. Se não respiramos direito, não produzimos bem os hormônios. O ar faz a ponte entre nosso mundo interno e o externo. Pelo pulmão levamos ar aos tecidos. Quando angustiados, a troca é mais difícil. A respiração avisa. Ontem mobilizamos os minérios, hoje as árvores. Como foi mobilizar as árvores internas?”

- Senti como uma meditação. Está sendo uma experiência muito boa. Você começar a se ver mais [...]
- A respiração ativa uma memória afetiva. Fui sentindo, vendo a respiração dela, confiei no toque dela [...]

Ar que acende o fogo. A fogueira precisa de oxigênio. Vocês trouxeram coisas interessantes. A lua crescente, a jovem, tem relação com a respiração. E quando você fala ‘foi a primeira vez que senti o coração do bebê bater para ver se está respirando’. O ar tem essa relação de *estarmos*. Deixo essa frase: o ar alimenta o fogo. Se puderem, conversem com as árvores hoje, elas fazem a troca com nossos pulmões-árvores. Na ciência da mulher as árvores são seres sagrados. Elas conversam conosco. É uma experiência bem interessante. Fica a pergunta: como foi a minha primeira experiência sexual?”

Na roda, Débora entoou um canto de despedida: *Como não vou fluir se tenho tudo para fluir*. E seguimos: “*Se tenho a lua, se tenho o sol, se tenho amor, se tenho a mim*”. O canto ficou fraquinho. Era a despedida. E uma mulher entoou novamente o primeiro verso. Recomeçamos o canto. Uma nova respiração coletiva. Mulheres em presença. Mulheres-primavéricas¹⁹⁶.

Confio no Ciclo do renascimento. Me adorno de folhas e galhos verdes. Meu corpo ascende e acende. Respiro o sopro da vida. Inspiro o mundo para dentro mim e expiro eu para fora no mundo. Ativo meus pulmões pra amAr. Conectada a minha árvore interna contemplo meus pequenos botões. Vou florir flores e frutos que eu mesma plantei.

Me deixo encantar pelos dias de céu azul. Sinto meu corpo aos poucos esquentar e logo dia e noite estarão em comunhão. Ajudo Terra a receber Sol para que eu possa ritualizar Sol e Lua lado a lado. Desejo a novidade, permito que ela mostre o caminho que devo seguir. Como, onde e, com quem desejo partilhar meus afetos?

¹⁹⁶ Trechos das Escritas de Isabella Duvivier ofertadas em forma de livreto-apostila “Menstruadas”.

O fogo que acolhe é o fogo do cuidado – o ar acende a fogueira do encontro

Em roda experimentamos lentamente as vibrações que já conhecíamos na região pélvica. Deitadas encontramos com outras sonoridades. Cada uma ativava percepções em regiões diferentes: “e” e “a”. Novas experiências. Respirávamos subindo em direção as nossas árvores. Sensações em ciclos: “u”, “o”, “e”, “a”. Intensidades, vibrações, entonações diferentes em ciclo naquele útero negro.

“Vamos retomar a conexão com a estrutura óssea. Vocês escolhem quem vai começar. Como ativo terra pelo tato? Que sabedoria trazem meus ossos? É a sabedoria dos ossos, da Luz Negra ancestral”.

Vivíamos o encontro novamente acompanhadas pelo som da Kalimba, que havia conhecido pelas mãos de Débora ao final do dia anterior. Pelo toque, eu seguia no encontro com a descende de Dandara que me capturou em Reclusa. Alegre encontro em mim. Eu não queria estar em outro lugar naquele momento. Deitada eu explorava seus ossos, tecidos, pele. Oferecia a ela o sensível que transbordava de mim. Seu perfume crescia entre nós. Afetos. Olhava para ela e lembrava o que havia contado no LiteraCampo, naquele solo em que estávamos juntas, sobre o encontro com livros na lata do lixo, de sua aproximação com Carolina Maria de Jesus, das escritas que compunha. Tocava suas mãos pensando: *que escritas ela dava a ver? Que mundos suas escritas produziam?* Essas questões se intensificaram na tarde anterior quando a busquei: “queria primeiro te dar um abraço e depois te contar o motivo”. Após um abraço intenso contei a ela: “você me pegou no Reclusa e foi muito importante aquela experiência”. A primeira reação: seus olhos se arregalaram, suas mãos cobriram-lhe os lábios. Sustos. Dali conversamos sobre minhas andanças com a pesquisa e sobre as andanças dela como educadora em um equipamento da região, do qual havia saído há pouco tempo devido uma experiência de racismo, e como escritora. *Escritas negras* à vista, aquele era um de seus focos no momento. Uma conversa afetuosa, uma conversa que nos permitiria outras tessituras. E no final do dia anterior outra conversa sobre as intensidades de *Reclusa* também aconteceu com Flávia, quando eu lhe falava sobre minha experiência no *cárcere* e ela sobre sua experiência na plateia do que pensávamos sobre os limites das visibilidades produzidas.

“Observe, sinta esse toque. Quem deu, sente a relação do toque”. Ali seguíamos, eu com ela, ela em mim. Muitas coisas se passavam entre nós. Encontros.

Quando nascemos os ossos são molinhos quase cartilagens. Conforme crescemos, ganhamos densidade. Na menstruação trocamos minérios. Toda nossa energia está no intramundo. Nosso inverno. A escuridão tem esse minério. A noite mais longa do ano. Reino mineral é a lama que pisamos. Embaixo desse solo tem um mundo, muita vida. Quem recebeu sente o tato, observa. Vamos brincar com a intensidade do som. Qual temperatura do vento interno que externalizo? E o meu olfato?

Seguíamos na companhia da Kalimba e dos ruídos externos.

Acho um suporte para minha companheira para que ela possa levantar. Vou colocando minha companheira em movimento pelo suporte do pulmão. Quem recebe, abre os olhos movendo o suporte pulmonar. Vou sentir que minha companheira está amparada. Solto. Deixo que ela se mova.

O barulho do lado de fora ficava cada vez mais intenso. Interferências.

Como reajo à interação espacial que o ar traz? Ar acende a fogueira do encontro. Como minha árvore pode estar alimentada para trocar calor no encontro com o outro, as outras, os outros, as outras? Deixo meus ventos tomarem meu tecido vibrátil. Balanço minhas árvores deixando meus ventos me conduzam. O que vento, brisa, vento quente, vento frio? Vento prepara a terra. Ar é o condutor da superfície de expansão astral. Lua crescente, primavera. Vemos a movência da companheira. Elemento fogo: olhar. O que vejo e não vejo? Aos poucos caminhamos. Na caminhada vou me encontrar com minha companheira em um abraço, com os braços, costas, cabeça. Vamos tentar respirar juntas. Eu me afasto e caminho pelas margens.

O que se passou entre mim e a descendente de Dandara na vivência? Presença. Alegria. Afeto. Perfume. Cuidado. Respiração que cuida. Respiração que ativa o corpo. Respiração de encontros. Tateamentos. Tato forte. Toque que cuida. Toque que abre encontros. Respiração pulsando no compasso *do entre*. Corpo vibrando no calor entre corpos. Respirando, apoiando, confiando, caminhando. Abraço quente. Afetos ocupando o encontro, afetos habitando o interstício do abraço. Eu com ela. Ela comigo. Eu nela. Ela em mim. Toque que produz linguagens. Eu comigo. Ela comigo. Eu com ela. Eu nela. Calor do abraço. Calor do encontro. Mais que autocuidado. Cuidado entre corpos. Cuidado que se instala no encontro. Cuidado que ultrapassava as fronteiras do meu corpo. O cuidado do meu corpo na travessia do encontro com outra mulher. Corpos ocupando-se de um cuidado que é *no entre*. No entre dos afetos alegres. Em relação. Na alegria de um cuidado que é meu e de outras existências.

Voltávamos à esqueleta

“Fogo esquentando, acolhe. Fogo: visão. Ver e ser visto. Chegada do hormônio luteinizante que esquentando o corpo para criarmos. O fogo interno também chega no abraço da parceira, parceiro, mãe. É o encontro, ápice da luz, da ação positiva, da superfície. A terra é o ápice da ação negativa, do intramundo. Todo poder de agir está na lua cheia, na relação com a escuridão. É interessante reduzir as luzes, vivenciar a luz natural, e pensar em qual alimento vou ingerir para minha combustão. A qualidade de fogo será diferente. Volta o estrogênio. Da lua crescente para cheia é uma explosão. O átomo é um diagrama lunar. Flor. Fractal. Primeiro padrão de construção do universo. Serpente é o fogo em si. Ela percorre nosso ciclo. O oito: ora fora, ora dentro. Banda de Möebius. Serpente e Dragão remetem à lua. São Jorge não tem nada com isso”.

- Uma dúvida, porque você usa o temo lua negra? Ela é toda escura?
- Isabella: Ela não tem ponto de luz. Espelha a escuridão da noite e a escuridão da Terra, a energia primordial. Todas as deusas primordiais são negras. Lilith, Isis, Inanna, Istar. As Deusas combatidas, a princípio, na implementação da ordem patriarcal são negras por serem símbolo da grande noite e do ventre primordial da noite cósmica. Fazemos à noite os rituais para evocar essa energia, sentir a Deusa, da lua negra, para evocar essa energia, sentir a deusa. Todas nós carregamos o ventre dessa primeira mulher. E sofremos golpes muito duros. As primeiras matriarcas em África e ainda as mulheres médio-orientais, dizimadas para o estabelecimento do islamismo. Várias mulheres vêm

resgatando isso com coragem. Mas tem um movimento, jineoloji,¹⁹⁷ a ciência da mulher, que vêm provocando alguns dos levantes que vemos, algumas chamam de sagrado feminino como a ginecologia natural. Ele foi disparado por mulheres curdas há quinze anos. Elas são responsáveis por combater o Estado Islâmico, o ISIS, e estabeleceram uma forma bem interessante de vida. Elas têm os batalhões de Istar, a grande deusa, e indicam essa matrifocalidade. Há dois anos vieram para a América Latina, vieram no Brasil, fazendo encontros sobretudo em áreas camponesas. É lindo.

Das várias partilhas, uma mulher destacou que tem dedicado mais atenção ao sono, incluindo o cuidado da alimentação e o uso de chás, e que nos últimos dois dias sonhava repetidamente, mesmo acordando na madrugada, com uma escrita que não conseguia identificar, uma experiência que a impressionava. E Isabella e Débora diziam respectivamente.

- Cozinha é o espaço sagrado da bruxaria, de responsabilidade e demonstração de amor. A mais velha ensina sobre o sangue lá, no coração da casa matrifocada.
- No candomblé temos que pedir licença para entrar na cozinha e esperar a resposta. Homem já não entra. Tem alguém responsável por fazer a comida, um posto. Se ela não dá licença, não pode entrar

A relação era de troca, aprendizagens, de encontros com o que é de uma produção individual-coletiva. Uma ambiência de acolhimento, de confiança, de uma produção que é política.

- Fico pensando como relacionar as nossas luas com a lua que está no céu?
- Usamos a lua interna, o tempo dentro de nós, e a do céu. Exemplo, se menstruou na lua crescente, tua Lua Negra, sua luação interna enfatiza o ar. Desenhem a geometria pensando como os elementos agem em vocês. É pessoal.
- Para quem toma anticoncepcional não dá para ver?
- Dá, somos muito poderosas. Como somos serpentes, apesar de o remédio tentar que fiquemos mais linear, pois é mais apreciado pelos patriarcas, observe as luas do céu para relacionar com suas mudanças e passagens sutis por cada elemento. Enfatiza-se, solstícios e equinócios, na ciência feminina as entrefestas são mais importantes. Se um dia você tirar o remédio, vai sentir diferença. Há muitos estudos de ovários policísticos na ginecologia natural. Há muitas estudando o que são essas ginecologias. Temos que criar esses caminhos juntas.
- Não percebia meu corpo morto, oco. Sou da dança, ia arrastada. Parei o remédio e tudo mudou. Meu corpo balançava. Um fogo, libido da vida. Se algo fica diferente, busco no mapeamento. É guerrilha, interna e externa.

Isabella seguia, mais algumas palavras antes do encerramento do encontro

- Pararmos de menstruar é um projeto político. As três principais culturas patriarcas a abominam. São 4000 mil anos de patriarcado. O pavor da menstruação é projeto de manutenção de poder. As mulheres barrando o ISIS lutam também pelos estudos menstruais, porque isso organizava a sociedade. Quem domina o tempo, domina o território. E neste contexto o estupro é um crime político como dizia o coletivo Fúria Feminista de 1970. Indico o filme MIAU¹⁹⁸. Fogo é amor e quando é culturalizado como conhecemos nos causa grandes danos. A pornografia ensina que aquilo é sexo. A culpa não é deles porque são culturalizados assim. É pensar em nós para pensarmos nos nossos pais, filhos, companheiros, amigos. Nosso fogo está permeado pela violência. Por isso o convite para pensarmos na qualidade do

¹⁹⁷ Em A Revolução Ignorada (2017) a professora Dorsin Akif trata sobre a Academia de Mulheres de Rimêlan (Akademiya Yekitiya Star) cujo propósito é educar quadros femininos revolucionários, ressaltando que nos últimos trinta anos as mulheres participaram do movimento curdo inicialmente como combatentes e posteriormente em instituições de mulheres. Foi neste contexto que criaram em 2014 a Jineoloji ou “ciência das mulheres” que considerada a mulher o principal agente da economia e a economia como a principal atividade da mulher, pois embora a modernidade capitalista defina a economia como uma responsabilidade primordial do homem, as mulheres sempre estiveram em todos os lugares como principais agentes da economia. Por isso, destaca, que se trata de considerar a organização social pré-suméria e que na Jineoloji as mulheres são tomadas como democráticas por excelência, se considerado que o Estado e poder são e ainda que o poder está por toda a parte de diferentes modos. Assim Dorsin fala sobre a necessidade de construção de um novo tipo de masculinidade, pois o problema da mulher está para além dos campos relativos a ela, sendo um problema social. “O homem masculino tem que mudar como a subjetividade colonizada das mulheres”, destacando ainda que o objetivo social encarnado pela Academia Star é derrotar a dominação e o poder hegemônico para a criação de uma vida igualitária juntos (p.170)

¹⁹⁸ MIAU - Movimiento insurrecto por la autonomia de una misma

toque que nos chega. A sexualidade é um dos cernes dos nossos estudos. É como emanamos nossos projetos amorosos, espirituais, de amizade.

A despedida daquela tarde foi um convite para um maior aconchego na roda que permitisse a partilha de um abraço entre corpos que carregam possibilidades de maternar. Maternagens como dizia Isabella “de nossos projetos, nossas companheiras, nosso próprio corpo, nos maternar”. E um *abraço coletiva* aconteceu. Maternávamos caminhos mais insurgentes para nossos corpos, para nossas relações, para nossas invenções na vida era o que me passava.

Voltaríamos juntas, eu, Isabella, Flávia e Débora, de metrô. Porém, antes, circularíamos pelos arredores à procura de um caixa eletrônico para uma delas. Andamos por várias ruas, entramos no shopping, pedimos informações. Entre subidas e descidas, aparentemente infrutíferas, novas fiações eram tecidas entre nós. Pensamentos, combinações, trocas, sorrisos, afetos. Mulheres que tecem, mulheres que maternam.

Água conduz terra – a chegada das sabedorias

Seguia no metrô envolvida com as escritas sobre os elementos¹⁹⁹. Entre freadas e empurrões, meus olhos não saiam do papel. Tentava perceber o elemento em cada escrita. Eles se entrelaçavam. Encruzilhadas. Misturas em um ciclo vivo. Para algumas escritas produzia um certo sentido.

Eu recebo a força da Fogueira, ela anuncia a chegada do Inverno. Acolho sua profundidade, ela me balança, me coloca de frente com a verdade da natureza. Me conduz ao meu íntimo que indica os estudos de mim e de Terra. Os desafios precisam ser superados para que de novo a Roda gire, é preciso que cheguem as visões. E eu não me assusto com a tamanha força da Deusa. Deixarei que minha energia se concentre no meu interior, se escoe do meu físico e, penetre no meu psíquico. Estou acordada. Terra está acordada, e em seu núcleo está a fogueira mais poderosa. Já posso senti-la.

Toda Bruxa reverencia a Deusa como força suprema, geradora de feminino e masculino. Sabemos quem é a Deusa, sabemos quem é o Ventre Primordial e sabemos seus poderes e maravilhas, sua ciência complexa e, sabemos também que vivemos uma doença, uma dominação. Ainda nos perseguem, as guardiãs. Ainda perseguem o Ventre Primordial. Nós continuamos a tecer nossa teia de conhecimentos e um dia poderemos ter nossa energia linda, fértil, fecunda, sabedoria infinita Mulher Sagrada livre de opressões.

Ao longo do trajeto, o trem foi esvaziando. Sentei. E entre encontros com a paisagem tão familiar e com a entrada do sol pela janela do trem, lembrando que minha chegada estava próxima, seguia na leitura. Ali entrevia pistas do encontro que ainda produzíamos com nossas águas

Artemísias mulheres, encontradas de amor corpo fêmea em ebulição lunática Deusa de Prata banhadas no mel da criação de Terra úmida fervente circular dança da vida e do prazer útero ovários sangue e ossos nos veios e nos rios. Campo Limpo. Lua Cheia no céu da Zona Sul. Filhas da Deusa. Ela se aproxima, em seu encantamento vejo minha alma refletida no seu espelho infinito.

Sacudo. Raios e trovões ali bem no meio do azul índigo de mim. Detecto contornos, impulsos, planejo as minhas estratégias. Pré criadora. Pré verbal. Eu estive totalmente em ossos e agora estou no entre. Terra me pede substâncias de vontades e eu peço a Terra substâncias do mundo. O além de mim.

¹⁹⁹ Trechos das Escritas de Isabella Duvivier ofertadas em forma de livreto-apostila “Menstruadas”.

Tempestar para fertilizar. As minhas águas oceânicas me agitam, é chegada a hora do sacudimento, de fazer escolhas. Terra me habita e me convoca a definir minhas visões invernais. Me vento na tempestade que procede a criação, polo extremo Sul de mim onde surgem minhas percepções. Mergulhei, estive no fundo do meu dentro e agora a força de novidades me chama a pré-criação, ao pré-encontro. Escolho minhas sementes, as vejo, examino minhas necessidades.

A Água da chuva umedece meus territórios e me prepara para compostar junto as minhas sensações e vivências que neste momento me nutrem.
Pra compostar, me recebo e me revolvo.
A Lua de Sangue me fará avaliar.
O que ofereço em minha compostagem? Foram fartos meus frutos? Me saciou a colheita?

Início do encontro. Ali teríamos mais experiências de ativação da presença. Mais vogais foram incluídas em uma linguagem que produziríamos com o toque e a respiração. Baixo ventre: u. Umbigo: o. Estômago: e, fechado. Plexo cardíaco: a. Garganta: é. Meio dos olhos, região das narinas: i. Um processo, uma sequência vivida. As águas chegavam em nossos corpos.

Vamos conectar com o dentro e ver o útero com um grande caldeirão prateado repleto de água. Águas profundas, escuras, azul cobalto. Nessa água cresce uma grande árvore que balança as copas de nossos pulmões, estamos cheias de fogo. Uma grande árvore cresce do nosso ventre e suas raízes saem pelo nosso canal vaginal enraizando no centro da terra. Terra que tem água. Nos Pulmões-árvores que crescem pelos nossos braços vemos frutos vermelhos brilhantes.

Vamos ao topo da árvore. Vemos uma grande bola prateada. Uma grande lua cheia que faz reluzir os frutos vermelhos. Essa bola se dissolve um grande banho de prata que desce por nosso corpo-arvore. Ancorada na copa da árvore, vemos uma colher. Sempre que precisarmos podermos mexer com essa colher nosso caldeirão-útero-aquático. Podemos viver essas águas pedindo um encaminhamento. Sempre que cansadas podemos acender nossos frutos internos. Como se fossem rubis, temos rubis em nós. Aos poucos vamos voltando e mantendo essas árvores acesa.

Isabella enunciava as águas. *“Chegamos em água que é o condutor de terra. é o tempo da pré-menstruação. É a chegada das grandes sabedorias, das visões interiores, de nossos poderes. É o processo de intuir, de sentir o que nos foi e nos é muito negado ainda”*.

E as águas trouxeram o momento das movências, uma proposta de experimentação do intramundo. Ouvíamos que comporíamos um grande círculo e que metade das mulheres estaria nele para a realização de sua movência. Seriam dez minutos, de olhos fechados, buscando vivenciar as possibilidades de movimentações de si. Ao sinal de um toque quatro moventes entrariam e sairiam com o sinal de três toques. Isabella e Débora estariam como testemunhas. Cada movente também atuaria como uma espécie testemunha, pois quem não estivesse no estado de movência comporia um campo de proteção e movência interior para as que se moviam. Viveríamos um ritual.

O grande círculo estava formado. Mulheres lado a lado. Era chegada a hora da movência. Tão logo o espaço estava liberado, Flávia entrou no círculo. Próxima a ela, vivia seus gestos. Ela foi ao chão. Corpo vibrátil em sua expressão. Delicadeza. Potência. Fruição. Adiei minha entrada. Queria vê-la em

seu serpentear naquele solo negro. Sua gestualidade me fazia pensar o quanto aquela mulher já havia interferido e seguia interferindo na produção de outras mulheres naquela Casa Sã da zona sul e para além dela. Uma imagem marcante daquela Ialodê e seu corpo-poesia no encontro com o sensível²⁰⁰. Outras mulheres também estavam na roda vivendo a cada gesto suas movências e paragens. Algumas se moviam muito próximas aos corpos-margens das outras mulheres. Quando entravam nesta zona-limite sentiam o apoio para o momento de voltar. Ali viviam seus limites e possíveis. Os três toques enunciando o fim da movência vieram. Lentamente olhos foram abertos, corpos se reencontravam com os olhos que os guardavam. Corpos moventes foram para a margem.

Um toque. O sinal para a próxima entrada havia sido dado. Era chegado o momento do segundo grupo. Era chegado o momento de minha movência. Demorei alguns longos segundo. Como entrar, o que fazer, quem me olharia? Não havia escolha. Respirei. Cerrei os olhos. Na margem fiquei. Um primeiro passo. Entrei. Uma caminhada lenta. Eu me buscava. E no compasso de um passo a passo fui sentindo o que meu corpo me dizia. Parada, meus gestos foram amplos. Circulares. Amplitudes. Braços e pernas vivendo o que podem. Naquele momento dancei com a escuridão do ventre negro. O dançar que por várias contingências da vida, ainda que uma mulher tenha tentado fazê-lo viver em mim não pude cultivá-lo. Um dançar que ainda pulsa em mim. Um encontro que não desisti de viver. Fui ao chão. Ali vivi gestos que não cabem em uma descrição. Gestualidade viva. Parei. Respirei. Repousei. Os dez minutos anunciados, que temi serem intermináveis, foram vividos sem que eu os percebesse. Os olhares que me causaram preocupação antes da entrada aos poucos deixaram de ocupar um espaço em mim. Novamente uma experiência de vivenciar outro tempo-espaço. Um espaço tempo que é do encontro. E naquela tarde ainda ouviria: “*você é da dança?*” Uma dançar que acontece em mim.

Na partilha, experiências singulares e alguns afetos comuns como o medo e insegurança. E veio um pedido de Isabella: que as partilhas fossem em primeira pessoa. Um convite de um pensar-falar sobre o que é seu. Havia uma dificuldade das mulheres que falavam de produzir o pensamento desta perspectiva. E experiências de uma ocupação de si foram se fazendo. O vivido foi ganhando língua de um outro lugar. Perspectivismos. O ritual prosseguia. Todas nós fomos convidadas a enunciar uma palavra que ressoasse em nossos corpos com as partilhas. E na presença trazíamos o que estava vivo da experiência da outra em nós. Com leveza e muitos sorrisos seguíamos. Um alegre retorno da outra em

²⁰⁰ No texto “Vozes e palavras bordadas de mulheres negras: a construção poético dramaturgical Capulânica”, Flavia Rosa ao partilhar o processo de produção da oficina “Teatralidade das danças femininas” ofertada por ela durante a pesquisa Sangoma destaca que os encontros buscaram o autorreconhecimento e a aproximação de cada mulher com seu corpo e com o corpo de outras mulheres, do que decorreu um aprofundamento da confiança e intimidade para a busca da deusa interior por cada mulher. Guiada pela escrita de Audrey Lorde, “Usos do erótico como poder”, traz que o despertar do erótico foi tomado como potência de vida, possibilitando que o grupo se debruçasse sobre o poder, os mistério e segredos da vagina ao tomar a dança a serviço das mulheres-deusas que precisavam expressar o ser mulher. E ao final de sua *escrivência* pontua que não seria possível dar conta do que se passou no vivido cuja transformação segue tatuada nos corpos das mulheres que lá estiveram e em suas palavras “eu prefiro a escritura corporal. Cantos fluidos vividos. Presentificação de nossas histórias cíclicas. Palavra sopra quente. Minha memória é dançada por esse corpo poesia que é minha espinha dorsal [...]” (ROSA, p. 75, 2018).

nós. Como testemunha Isabela também trouxe o que o movimento das mulheres mobilizava no seu corpo. Esse é o papel da testemunha em movências que poderiam durar horas como ela nos contava. E ao final de cada fala levávamos nossas mãos espalmadas ao solo. Assim aterrávamos a experiência como parte do ritual.

“Queria dividir uma experiencia que me tocou muito vindo para São Paulo: o mapa hídrico da cidade. Há bacias, rios represados debaixo da cidade de vocês. Nossa vontade é mapear essas águas”, dizia Isabella. Na tela a projeção do mapa hídrico de São Paulo. Uma imagem linda! Em seguida víamos o sistema circulatório. Isabella reforçava: *“queria muito que se conectassem com essas imagens”*. As águas que nos compõem. Voltávamos a esqueleta para a parte final da geometria lunar.

Chegamos às nossas veias, aos rios internos que é nossa lua minguante. É o outono. Elemento água. É a chegada da Sábia, feiticeira, alquimista, anciã. A deusa em si. É o escuro da noite. Nenhuma relação com a luz. Na menstruação chegamos à noite mais longa do ano. Importante: o que chamam de menopausa de forma muito patologizada, chamamos mulher pós-menstrual. Chegamos em terra que faz mateia. Terá com água, barro. Pensando em condução, o positivo dispara, conduz. Quem expande é o negativo. Quem forma matéria é terra e água. É a relação do pensar-sentir, da ação no intramundo e na superfície. Como vivemos os três últimos dias antes da menstruação tem relação de como viveremos a morte. Os três primeiros dias da menstruação tem relação com nossa morte/nascimento, infância, a lua crescente com a juventude e ainda, a lua cheia com a sexualidade e maternidade. Quando entra a Lua Minguante É a Velha falando.

Vivíamos a parte final do encontro. Partilhas aconteciam sobre as experiências produzidas no encontro com os estudos da geometria lunar por Flavia que pontuava mudanças em sua vida e o sentido de “construir uma percepção de sobre seus ciclos, suas questões e sobre uma escuta mais porosa do corpo”. E uma mulher fala:

- A maternidade me chegou tardia. Tinha desistido, me recolhi. Fiz minha experiencia religiosa. Recolhida 40 dias sem sol, celular, outro cuidado, outra alimentação. Renasci para o orixá. Refiz os exames de antes do processo e meus folículos estavam alterados. O médico não entendia, perguntava o que tinha feito. E sou de orixá feminino [...].
- Pensando na atenção às interferências da luz e na redução do celular antes de dormir que Flavia trouxe e relacionando com medicina tradicional chinesa que estudo há relações com várias alterações nos meridianos que repercutem no baço, fígado, nos hormônios, em todo nosso corpo [...].

Nosso encontro se aproximava do fim.

“Falamos em sagrado porque a ciência feminina entende o sexo como a grande festa. Encontro menstruação, menstruação com menstruação, de sêmens com sêmen. Os orgasmos são dedicados à natureza para que nutra a si e à terra. Não acreditamos em carma. Estamos no Paraíso, que foi sitiado. Um golpe. Começa na transformação do sexo em algo sujo, sexo era doação de amor. O amor transformado em pornografia, o estupro como crime político. Cada mulher estuprada e que não acessa o orgasmo é um domínio de território como falamos. Há o mito que o orgasmo é do homem e a educação do não orgasmo para a mulher. Em nossos estudos o orgasmo é da mulher também”.

Figura 127: Geometria lunar construída no encontro

Isabella agradecia pela experiência e partilhava expectativa de terem conseguido deixar sementes. Ela se abria para conversas sobre a oficina e sobre o que mais precisássemos. Permanecíamos em roda ouvindo-a: “*desejo muitas aventuras. Viva a deusa, mulheres*”. Neste momento Isabella encerrou o encontro dando as mãos para as mulheres que estavam ao seu lado. Sem nenhuma indicação fomos dando as mãos uma a outra. Delicadamente Isabella beijou a mão da mulher que estava à sua direita. Um novo ciclo aconteceu.

Do encontro: um nós

Os encontros não se encerraram com o final da oficina. Seguimos em relação, eu, Isabella e Débora. Conversações virtuais que atualizavam a vontade de produzirmos possíveis. Porvires. Nesta movência partilhei minhas questões e andanças com a pesquisa, aproximei-me da metodologia do corpo-bruxaria e a composição de uma escrita para a tese que propus à Isabella e Débora, ainda durante a oficina, se materializou. Uma primeira escrita de outras que nos mobilizam. E destes encontros um convite aconteceu para mim: participar do Projeto Profundas. Convite mais do que aceito para participar do aprofundamento do Projeto Menstruadas. *Para onde vai nosso sangrar que escoar nas águas da cidade? Quais mensagens enviam entre os córregos que ligam um território ao outro? Podemos escutar as águas? Quais as narrativas mito-poéticas, históricas, deste sangue?* Povoadas por estas questões em Profundas, Débora e Isabella buscam produzir encontros no Campo Limpo, Grajaú e Parelheiros (Aldeia Kalipity), assumidos como territórios de encantamento, para a construção de *Cartografias Subterrâneas*

através de encontros laboratoriais cartográficos performáticos e do mapeamento hídrico e afetivo das regiões, segundo a metodologia do corpo-bruxaria e da escuta dos sonhos, como possibilidade de conhecer os rios submersos e as narrativas mito-poéticas do sangrar da corpo-mulher que habitam aqueles territórios²⁰¹.

Dos encontros que produzem encontros...

Das movências por vir...

²⁰¹ Do projeto PROFUNDAS

Entre-tempos...

Menstruadas - Cartografias em Campo Negativado
Corpo Bruxaria - Corpo Instalação

Menstruadas é uma pesquisa que surge na Residência de Criação do Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro, a partir da experiência Objetos para Empilhar - do readymade ao corpo-instalação - inspirada na obra O Capital de Karl Marx, mais especificamente no Fetichismo da Mercadoria, composição que se prepara neste momento para ganhar corpo-cênico. Hoje vejo Menstruadas como uma ação político-performativa que instala perguntas corpo memória, rebelião e desejo de retomada de território visível e invisível. Um grito no intramundo, uma expansão em campo negativado. Antes de tudo uma saudação a Escuridão Sagrada que sempre esteve e sempre estará, berço do mundo, polaridade negativa de criação céu externo, céu interno, pois quando fecho os olhos e movo mergulho no infinito de dentro, quando abro e movo olhos abertos conduzo e troco. E foi assim que descobri, movendo corpo, que o infinito é Energia Escura e que só o negativo faz cadeia, é no negativo que a matéria e a in-matéria expande. É preciso ter atitudes negativas. É urgente abandonar o excesso de luz e emergir nas cavernas, é preciso negatizar. A luz está nos matando, o positivo está desenfreado. O excesso de positivismo está secando meus rios internos. Sem minhas águas não conduzo energia, oxigênio, minerais. Águas profundas que despertam questionamentos históricos. Qual a história das mulheres?

Menstruadas se borda no encontro entre a Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde conheci a educadora pesquisadora Lívia de Souza Vidal e a Coletiva de artistas Mulheres de Pedra e, a Zona Sul de São Paulo, onde conheci a pesquisadora coreógrafa Débora Marçal, no encontro Periferia Segue Sangrando a convite da antropóloga pesquisadora Alessandra Tavares. E a partir disso junto com Débora Marçal passamos a conduzir esta experiência de escutar e mover corpo-mulher. É na Zona Sul de São Paulo que o trabalho ganha consistência e se aprofunda. Estivemos aproximadamente com mais de 200 mulheres em performance de movência. Menstruadas acontece em espaços íntimos, seguros e silenciosos, onde não há a divisão público artista. Espaços de fluxo de afetos destinados a mulheres, um trabalho de escutar mulheres. Corpo-mulher performativo a ser investigado a partir de um tríptico de contribuições interdependentes: o conceito latino americano de Feminismos Populares Comunitários (KOROL, 2016); o estudo deste corpo criminalizado durante o processo patriarcalização das crenças e práticas da origem do mundo ocidental, seguido pela catequese cristã e, seus sucessivos desdobramentos visíveis e invisíveis (CORDEIRO, 2009; FEDERICI, 2004); as possibilidades de criações superfícies de resistência do corpo com a pesquisa do Sistema dos Fluidos (COHEN, 1993) e a busca de uma Dramaturgia dos Sentidos.

Carregam nossos fluidos memórias disparadoras?

A hipótese da pesquisa é de um corpo em estado de despatriarcalização de afetos, que se reconhece a partir de uma Outra ontologia e que se afirma como superfície de disputa e resgate do imaginário matrifocal. Sendo possível evocar o devir bruxa - mover, intuir, recordar, instalar - fluido corpo mulher.

"A pesar de la ofensiva conservadora que commueve este tiempo, arrasando conquistas historicas de los pueblos, contagiando colera y rabia en los corazones, hay un aquelarre subterraneo que os de arriba no conocen. A las fiestas del pueblo llegan las brujas, sus calderos ancestrales se vuelven ollas populares, y hay muchas danzas rituales que celebran la vida. Desmalezando los campos donde el poder de turno siembra la muerte. En los rincones olvidados, las brujas encienden hogueras donde se replican saberes que pretendieron ser eliminados por quienes no saben que el fuego es parte de la fuerza del pueblo como la tierra, el agua y el aire." (KOROL p.15)

Se as bruxas voltaram e elas trazem em si mesmas um recorte de luta em seus corpos, quem são elas? E que corpografias apresentam? No imaginário dominante, as bruxas são tratadas como seres folclóricos de livros infantis. No entanto, a autora nos coloca um outro olhar sobre o corpo-bruxa. Em *Feminismos Populares Comunitários (KOROL)*, quando fala de bruxas, afirma práticas de corpos rebeldes.

"Hoje em dia, no entanto, admite-se que a acusação de adoração ao diabo também teve um papel chave na colonização dos indígenas americanos. Também no Novo Mundo a caça às bruxas constitui-se em uma estratégia deliberada utilizada pelas autoridades com o objetivo de propagar o terror, destruir resistências coletivas, silenciar comunidades inteiras e de instigar o conflito entre seus membros. " (FEDERICI, p. 382)

Que corpo Menstruadas reinaugura? Ao pensar no impacto sobre as superfícies dos corpos femininos - órgãos, fluidos, membros, todas partes de uma mulher - as torturas rematam o processo de dominação patriarcal dos afetos. Comparar a mulher ao diabo e em seguida machucar-lhes os corpos, junto a prática do estupro é antes de tudo um projeto político.

Durante os encontros mergulhamos em corpos fragmentados e muitas vezes dilacerados pela violência. E sem querer juntar pedaços, fomos desejando seguir pistas, aprofundar os nossos questionamentos sobre nossos fluidos criminalizados, gozo-sangue, sistema endócrino. Na relação fluxo-fluido noto agora a estreita relação entre um fluido retido e um fluxo retido. Fluxo-fluido retido causa de dores, físicas e emocionais. A pergunta sobre a própria sexualidade, o desenhar dos fluidos, somado ao desenhar da curva de nossa libido é um dos pontos principais da dramaturgia de Menstruada. Um intramundo proibido e ameaçador ao Capital, não pelo tabu do sexo, pois nossos corpos já estão expostos, o corpo-mulher dilacerado já está à venda. O tabu é o sangue. O sangue impuro que nos acompanha como marca da besta. Em todos os tratados patriarcal o tabu é o sangue menstrual. Um intramundo proibido por ser ele a borda histórica de uma ciência que ameaça a noção de Estado, ameaça a implementação na base o modelo de cidades estados, ameaça a ciência exclusiva do corpo macho, ameaça epistemológica e histórica aos fundamentos do mundo ocidental pós babilônico.

De geração em geração nossa sabedoria nos é proibida, um impedimento que gera alienação corporal em uma eterna vontade de estar em outro corpo. E toda a lembrança que surge em nossos corpos, de que talvez, quem sabe, já estivemos em outro lugar - social, político, emocional - é silenciada com as torturas diárias, ou são lembranças classificadas como patologia. Uma estratégia formulada no descrédito de nossa percepção, executada na afirmação de que não podemos discernir sobre o que é prazer e o que é dor. A venda do estupro, o estupro efetivo, o estupro como ameaça, o estupro doméstico, o estupro disseminado e normatizado. A sexualidade normativa deliberadamente apoiada no desprazer do corpo-mulher, na dor, no desamparo. Quatro mil anos de tortura. Em projeto Bricolage - meu último trabalho antes de Menstruadas - intui a violação do corpo-mulher como a base da família ocidental. E que esta violação é em si o próprio cárcere, um corpo a serviço do prazer do outro. Aprendemos a ler dor como prazer e vulnerabilidade como amor.

Por que violam nossos corpos, por que nos negam o conhecimento de nossa potência de prazer? Hoje intuo que estão com medo. Estão com medo porque sabem, como nós sabemos, que o patriarca é um golpe. Que a naturalização do homem como figura única de poder e sabedoria é uma falácia recente. Se nos afirmam históricas, mentirosas, se nossas denúncias de violência contra tios, pais, professores, analistas, médicos, padrastos, avôs, feitas nas escolas, delegacias, hospitais psiquiátricos e mesmo ali no divã, são transformadas em mentira, ou em fantasia, ou um indício de nossa má formação edípica ou, e de caráter, corpos nunca realmente civilizados, as faltantes do nome do pai, a esses nós respondemos "históricas não, históricas".

Menstruadas propõe um remonte do corpo-bruxaria, a mulher filósofica. Quem é a mulher filosofia? Sophias Mulher? A Mulher Serpente tão temida pelos seguidores do único deus homem, temida pelos gregos celestiais do Olimpo, temidas pelos babilônicos de Marduk, pré Jeová, temida pelos homens de Alá, temida pelos fundamentalistas evangélicos em ascensão. Temida pela medicina, temida pela ciência, temida pela psicanálise. Não é nem de longe aquela sedutora vingativa fêmea fatal, fetichizada. Não nos empurrem mais este engodo. Falamos daquela que pode destruir a era patriarca. A mulher sabedoria. A mulher histórica. A mulher que detém os fundamentos da filosofia natural e da medicina. A Mulher PHI. A Ophis Mulher. Seguimos istas. Em nossos caldeirões misturamos informações transgeracionais que nos possibilite o acesso a nossa história apagada, uma história arrancada. Intuímos. Sonhamos. Uma arte-ciência feita na superfície e no intramundo, sabedoria dos ossos e do sangue. Consagramos as mulheres que sobreviveram e seguem lutando na partilha de seus conhecimentos, e que perante a ameaça da prostituição forçada, da fogueira, ou do manicômio - destinos estes de muitas de nossas cientistas - seguem resistindo. Restauramos nossa ligação com a noite território de aprendizado. Substituir Eros por Lilith. Retomar a pele, retomar nossos registros, nossas inscrições, uma percurso em uma Dramaturgia dos Sentidos. Transcodificar “sophia” (“sabedoria”) para “ophis” (“serpente”). Cheiro, gosto, tato, audição e visão. Instalar sensações, revisita-las. Nos familiarizar com Terra.

Ao final do dia, a Estrela Radiante, a Grande Luz que enche os céus,
A Senhora do Entardecer aparece no firmamento.
Os povos de todas as terras erguem os olhos para ela.
Os homens lavam; as mulheres se banham.
Os rebanhos de gado nos campos fazem uma reverência a Inana,
Os rebanhos de ovelhas sacodem a poeira e se perfilam,
Todos os seres vivos da estepe,
As criaturas de quatro pernas das altas estepes,
Os jardins viçosos e os pomares, os juncos verdes e as árvores,
Os peixes das profundezas e os pássaros do céu -
Enheduana, Hinos a Inanna

Históricas, habitamos hoje a grande maioria das vagas destinadas a encarceramento manicomial, queimadas e enlouquecidas, fugidas do que foi um dos maiores genocídios de todos os tempos, a imposição de um único deus homem criador, e a feitura do que conhecemos como sociedade ocidental, que tem seu marco de linguagem datado pelos escritos de uma mulher, a última filósofa da Suméria em fuga no cair na cidade de Ur, Enheduana. Uma sociedade erguida sobre a fuga de mulheres na preservação da própria vida.

Sobreviventes de uma caçada quem começa há aproximadamente 4000 atrás e que segue no rumo da história sendo pilar da construção do estado capitalista na implementação da primeira lei de perseguição feita e praticada nos moldes antiterrorista, conhecida como Caça às Bruxas. Uma plataforma de treinamento e execução das torturas que sustentam os poderes atuais do Estado e da polícia, torturas treinadas e aprimoradas em corpos femininos.

Ganhar corpo para dilatar superfície nas possibilidades dos atravessamentos de forças, suspeitar da exclusiva fórmula racional, apostar em uma Dramaturgia dos Sentidos. Recebo ar, terra, fogo e água. Se meus sentidos são os traidores da razão a morada de Lúcifer, em Menstruadas nos voltamos a eles e as suas pedagogias. Uma dramaturgia feita em diálogos musculares, sanguíneo, ósseos, endócrinos. O afecto. Me afecto ar em árvores pulmões, me afecto terra em minérios ossos, me afecto água em meus líquidos gozo e sangue, líquidos vaginais, sistema endócrino, me afecto fogo em olhos e em metabolismo, sei onde estou e percebo a chegada e as mudanças de luz e escuridão, das estações da natureza, conectadas as forças intraterrenas, intramundanas, adentramos o submundo território proibido. Kteis, anti celestes, ctônicas. Interações de superfície energética. O corpo-bruxaria é uma pesquisa sobre o corpo e suas inscrições. A busca da bruxaria histórica, que se monta no campos de forças de Terra, e de Noite. A Escuridão em matéria corpo, campo negativado, os sentidos como um chamado a inversão das polaridade, uma ferramenta de cartografar intramundos, retomar o submundo negado da religião e da ciência moderna. Um sonho que é corpo carne e que faz leitura no próprio corpo Terra.

Os olhos fechados possibilitam a entrada do invisível, o tato terra em mim, invérnica, e primeira ferramenta de encontro, a pele, o fora-dentro-fora de mim que me toca, que eu toco e sou tocada, e dentro sinto, e fora sinto consistência pele, ossos, órgãos. A atenção ao meu sangrar me conectam aos meus fluidos, alimentam os rios, mantenho minha Lilith nutrida, meu sistema endócrino, rios da sexualidade. Suas curvas são a base da experiência Menstruadas. Cartografias complexas de curvas endócrinas, energia que serpenteia em percursos periféricos e centrais. Circuitos energéticos que se fazem entender no coro em entradas e saídas de superfície e intramundo, a Serpente que submerge e emerge conforme os rios se deslocam até o sangrar. percepção e sentidos se alteram no percurso da Serpente.

"O sistema de fluidos é composto em sua grande maioria por água COHEM(1995) sobre os fluidos comenta: "muda de propriedades e característica enquanto passa por diferentes membranas, flui através de diferentes canais e interage com diferentes substâncias. Deste modo o BMC associa os fluidos no apoio do movimento, da sensação da percepção e da ação. É um sistema de transporte do corpo, com grande importância num contrabalanço entre tensão e relaxamento. Ação e repouso de uma ação." (PEES)

Recordo Mar Vermelho de Tiamat que me traz o conhecimento proibido. Minha Serpente está viva e de suas mãos eu como o fruto vermelho. percebo a energia que vive, percebo a energia que morre e novamente vive. Sei da energia da Vida e da Morte.

Bibliografia:

CORDEIRO, Ana Luisa Alves. RECUPERANDO O IMAGINÁRIO DA DEUSA: ESTUDO SOBRE A DIVINDADE ASERÁ NO ANTIGO ISRAEL, PUC Goiás, 12-Ago-2009

COHEN Bonnie. Sentir, Perceber E Agir: EDUCAÇÃO SOMÁTICA PELO MÉTODO BODY MIND CENTERING, SESC (LIVROS), 2015

CAETANO Patrícia Lima. Por uma Estética das Sensações: o corpo intenso dos Bartenieff Fundamentals e do Body-Mind Centering, Fortaleza/CE, Brasil, Universidade Federal do Ceará - UFC, Rev. Bras. Estud. Presença vol.5 no.1 Porto Alegre Jan./Apr. 2015

FEDERICI Silvia. O Calibã e a Bruxa. Itália/São Paulo, Editora Elefante, COLETIVO SYCORAX. SÃO PAULO, VERÃO DE 17.

KOROL, Claudia. Feminismos populares: Pedagogías y políticas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: El Colectivo; Editorial Chirimbote; America Libre, 2016.

BRITO. JAKUES. Cenografias e Corpografias Urbanas, um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade, Vol. 7, edição especial (2008) - Paisagens do Corpo - UFBA - Bahia

Isabella Duvivier

**Não mexe comigo
que eu não ando só**

Liguei para Dona Edite pedindo para ir a sua casa. Queria conversar sobre alguns assuntos, como sua vida em Pirapora, antes de se mudar para São Paulo. No momento da ligação, como sempre acontecia, eu lembrava de duas passagens marcantes. Uma, quando perguntei ao telefone na primeira vez que nos falamos se não a atrapalharia marcarmos nossa conversa na terça-feira, dia de Sarau, considerando a sugestão dela: “*não, não vai me atrapalhar! Vai me ajudar!*”.

Outra passagem que eu atualizava foi o desconforto que me passou em uma das ligações que demorava para ser atendida. Enquanto eu esperava, lembrava de Dona Edite contando que quando ela está sozinha em casa, particularmente no quarto, precisa atravessar o corredor e a cozinha para atender o telefone. Do outro lado da linha, eu pensava em Dona Edite fazendo aquele caminho relativamente longo: “*Espero? Desligo? E se acontecer alguma coisa com ela no caminho?*”. Nesta tensão segui por longos segundos. Eu era tomada por um senso cuidador, quase uma certa *proteção tuteladora*. Enfrentando este desconforto, tive mais um encontro-aprendizagem *alegremente desterritorializante* com Dona Edite. Estar com ela produz isso... são frases, poesias, gestos que nos tomam de súbito.

Também queria lhe entregar dois presentes, um dos quais, passei meses ensaiando. Desde que ela me contou sobre seu encontro com os áudio-livros no Instituto Dorina Nowil e dos que ela tinha em casa, ainda embalados devido à dificuldade de usar o aparelho de cd, fiquei tomada pela ideia de gravar algumas poesias para ela e de experimentarmos o aparelho de cd. O que ofertar para Dona Edite? Talvez poesias de Cora Coralina, talvez da literatura periférica, talvez músicas de Maria Bethânia. Tinha dúvidas se deveria fazê-lo com minha própria voz, embora isso tivesse um sentido para nós duas, considerando o vínculo que fomos construindo. *O que dizer para ela em áudio? Eu sozinha? Eu com convidadas/os do campo?* Ao tempo em que seguia com a pesquisa, amadurecia a ideia. Até que...

A cidade pede luz
As ruas vazias estão cheias de medo
Ninguém ocupou o lugar do leiteiro
E pessoas estão sem o leite
Os muros subiram
E as casas transformaram-se em prédios
A cidade cresceu
O desenvolvimento não acompanhou
Esses dias em São Paulo o sol e a luz fizeram plantão
Aqueceram corações
Iluminaram as noites
Mas, ainda assim, ninguém enxergou

Naquela manhã de segunda-feira, ao ouvir sozinha no quarto o áudio de Marcio Vidal, senti o deveria fazer: convidar cada um/cada uma para ofertar para Dona Edite o que quisesse e como quisesse. Uma poesia, um texto, uma música de autoria própria ou não. Era essa a feitura!

Imediatamente peguei o celular e enviei várias mensagens. Não demorou e comecei a receber respostas de integrantes da Cooperifa, da Capulanas, do Flor de Lis, da Casa de Cultura, da Zona Agbara:

- 🤔 Que legal!!! Topo sim!
- Bom dia Flor, sim, participo, sim.
- Olá, Valéria, será um prazer participar da homenagem à Dona Edite, aliás ontem foi aniversário dela, será um presente.
- Que linda iniciativa. Mas sendo muito honesta não sou da área da poesia. Acho que o universo que a rodeia tem tantas poetas [...] acho que é mais simbólico essa relação com quem poeta mesmo [...]entendi que a mensagem para Dona Edite tinha que ser a partir de poesia própria e a Flávia falou que não. Se ainda puder, eu gostaria muito, se pode escolher uma poesia que faz bem pra gente, que a gente quer ofertar, tenho vontade, sim [...]
- Claro que sim. Aliás fiz uma música que fala dela e de sua irmã Izabel.
- Oiee Valéria, bom dia! que lindo presente... será uma honra participar dessa celebração para nossa mestra Dona Edite ❤️
- Nossa, certeza, que massa, querida. Queria também convidá-la para dar um depoimento pro meu *doc*. Vamos fazer essa troca?

E assim segui por alguns meses, convidando várias gentes para esta *celebração*, como disse Dandara Kuntê da Zona Agbara. Convites virtuais e presenciais, que trouxeram um outro convite, inesperado: participar do documentário de Daniel Fagundes sobre Dona Edite. Difícil dizer o que senti ao responder aquele “sim”.

Alguns áudios chegaram rapidamente. Outros demoraram mais tempo. Outros nem foram enviados, apesar do interesse manifestado. Fui lidando com a alegria dos áudios que chegavam e com uma certa frustração em relação aos que não vinham. Um esforço respeitar o tempo do outro/outra, especialmente quando percebia que o turbilhão do cotidiano parecia atravessar a feitura do áudio.

A cada gravação muitas histórias, por vezes não explicitadas. Recebi músicas e poesias já escritas para Dona Edite, outras preparadas para o momento. Lágrimas me acompanharam várias vezes. Onda de afetos que transbordava a cada poesia, música ou mensagem. Pensava em cada um/cada uma se preparando para escrever, buscando uma poesia sua ou de outro/outra poeta, arrumando o instrumento e o lugar para a gravação, dedicando-se em gravá-la novamente em função de ruídos, pedindo para que eu ouvisse o áudio, colocando-se à disposição para refazê-lo se necessário. Nenhuma gravação foi alterada. Os áudios foram reunidos no cd com a intensidade com que cada um/uma se encontrou com Dona Edite no ato da gravação.

Nos dias de preparação do cd com a ajuda de Fernando, seguia com uma dúvida: que título daria ao cd? Pensem em várias possibilidades. Não poderia remeter apenas à Dona Edite, pois pensava no sentido da presença de Zazá, tal como enunciou Cocão Avoz: “*não dá pra falar de Edite sem falar de Isabel, não dá pra falar de Isabel sem falar de Edite*”.

Faltavam poucos dias para a entrega do cd e ainda não sabia seu nome. Seleccionava e montava as fotos no computador com esta inquietação. *Um verbo? Uma frase?* Eu não tinha dúvidas de que o título viria, talvez quando menos esperasse, como seguia experimentando na construção viva de minhas

narrativas. E ele veio em um dos momentos em que costumava ter boas ideias como o é também para Jefferson Santana conforme ele nos contou no encontro com os estudantes na FSP. Enquanto a água morna descia sobre meu corpo: “*Não mexe comigo que eu não ando só*”. Era isso!!!! Não haveria título melhor. A música tão significativa para Dona Edite, que ela havia me pedido e que encerrava o cd feito por vidas que se misturam às dela e de sua irmã Zazá.

Dia do encontro. Caminhava pela avenida M’Boi Mirim naquele início de tarde lembrando de nosso primeiro encontro, junto com André. Caminhava e avistava o largo de Piraporinha, a Casa de Cultura, a ladeira que leva à Cooperifa, a igreja de Pirapora. Veio uma imagem tendo à direita o largo de Piraporinha, com a Casa de Cultura ao fundo, e à esquerda a igreja de Pirapora: *travessia*. Eu estava do lado de cá da margem da travessia realizada por Gal Martins em sua adolescência na companhia de outros jovens que buscavam seguir no teatro.

O padre chamou nosso grupo dizendo que era importante nos voltarmos para as questões litúrgicas, que deixássemos as apresentações fora. Metade ficou e metade saiu. Saí e pensei: quero estudar teatro. Nessa, minha vida mudou, se transformou, quando atravessei a M’Boi Mirim, porque saio da igreja e paro na Casa de Cultura. Descobrimos a Casa como um espaço para abrigar esse grupo que queria estudar teatro. Lá conheci Euler Alves, a abordagem da dança afro, porque sempre estive apartada da questão das religiões afro brasileiras, por mais que meu avô fosse um dos reis afros de Minas, não convivi com ele. Na Casa, encontrei com Arakúnrin que foi e ainda é meu mestre.

Uma travessia-acontecimento que abriu caminho para seu encontro com um plano ético-estético-político de produção de vida.

Fui uma adolescente que sempre estava com as pessoas mais velhas na Casa, as lideranças políticas que tinham lá muito fortes e muito envolvida com as questões políticas, sociais. Lá descobri minha negritude, começo a assumir meu cabelo e entender: sou uma mulher negra. Minha história começa ali, convivendo com os mais velhos. Dona Edite, quando conheci ela enxergava, ela me conhece desde adolescente. Ali pra mim foi um berço, além da produção artística em si, dança e teatro, tive minha formação política.

Pensava nas/os muitas/os que eu havia encontrado, nas histórias de resistência e de invenção de si conectadas a uma produção coletiva. Uma invenção de mundos para si que ganha outros sentidos ao ser construído no coletivo. Ideia de produção de um *estado de permanência* conforme enunciado por Arakunrin, tendo em vista os atravessamentos político-institucionais permanentemente enfrentados pelos integrantes da Casa de Cultura. Cultivo este que possibilitou a germinação de vários e várias Griots para a defesa daquele espaço.

Em tantos caminhos que eu ainda cruzava, mesmo no processo de escrita da tese, eu via e sentia a potência desta permanência que, por exemplo, havia possibilitado àquela adolescente produzir um conjunto de travessias que a tornaria ponte para a produção de travessias de outras/os ao incorporar a *indignação* como ferramenta. Processo vivido particularmente à frente da Cia Sansacroma e da Zona

Agbara, justamente por sentir na pele que aquelas as lutas experimentadas na Casa de Cultura são para uma vida inteira. E o que dizer da *jovem amiga da cultura popular*, que a cada ciranda dançada e a cada congada entoada com outras mulheres do Flor de Lis e na companhia de outra Griot da região, seguia em sua própria metamorfose como *jovem Griot*. E como não pensar nas Capulanas-Ialodês que seguem produzindo cuidado e saberes com outras mulheres negras pela experimentação de uma necessidade de operar tais construções em suas próprias existências.

No compasso de minha caminhada eu pensava também na sementeira produzida por tantas vidas que não coube mais no espaço de um bar-centro cultural e que se rizomatizava em locais, formas e movimentos outros – nos transportes coletivos, nos saraus e encontros literários nas escolas, nos saraus que trazem para a cena mulheridades, nos slams de mulheres país afora como o movimento do slam das minas de São Paulo, cujas integrantes, também do coletivo poetas ambulantes, inventaram também este espaço de si e de convite. Caminhando e pensando sobre a experiência de ter estas existências vivas em mim.

Dona Edite me esperava no sofá. Mais uma vez me sentia tão acolhida. Após um afetuoso abraço, sentei-me ao seu lado, mesma posição de outras vezes. Lá estávamos mais uma vez no canto do sofá. Logo ela me contou uma novidade: “*Daniel esteve aqui e gravou Carta de Amor para mim*”. No início de nossa prosa Bethânia já se achegava entre nós. “*E você conseguiu decorar toda já?*”; “*Não, toda não*”; Aliviada disse: “*Pois, eu trouxe a letra como disse que ia trazer*”; “*A letra pra mim é indispensável porque têm algumas palavras que as vezes não dá pra ouvir bem ou que eu tenho dificuldade de pronunciar. Peço para Isabel soletrar letra por letra, aí eu consigo, eu treino, treino, treino, aí eu consigo*”.

Em meio a várias novidades que ela partilhava como o encerramento da Felizs²⁰² em que o Grupo Flor de Lis havia participado e para a qual o Flor de Lis havia sido convidado havia sido convidado, disse a ela: “*queria lhe dar uma coisa*”. “*O que será, estou curiosa?*”; “*Vou pôr na sua mão*”; “*Hããã, será que é o que estou pensando*” – disse bem baixinho. “*Eu acho que é...*” – respondi diante de seu sorriso; e ela disparou: “*É fita???*”; “*São duas fitas*” – respondi; “*Você tá brincando?! Isso é fita cassete?!*”. “*É, fita cassete virgem*”. E ela explodiu: “*Meniiina, onde você achou essa riqueza?! Não acredito!!! Eu pedi pra tanta gente!!*”.

Tomada por uma alegria que dificilmente esquecerei, contou que uma integrante da Cooperifa havia lhe dado uma fita antiga encontrada em seus pertences e por isso havia pedido para Daniel gravar a música Carta de amor.

²⁰² Feira literária da Zona Sul idealizada pelo Sarau do Binho. <http://www.felizs.com.br/music>

“Oi, Valéria!” - disse Zazá sorridente despontando da cozinha. “Isabel você acredita que a Valéria trouxe duas fitas virgens?! Não faltou pedido, pedi pra muita gente, alguns procuraram na Cidade e não acharam”. Enquanto eu e Zazá nos abraçávamos Dona Edite prosseguiu: “Você está sabendo da música que Carvalho fez pra mim?”; “Não”; “Zazá pega a letra pra eu mostrar pra ela?”, “Onde está?”; “Na minha bolsa, quando você me deu”. Daniel pediu opinião de Carvalho sobre o documentário e ele respondeu dizendo que precisava participar”. Ele fez uma música chamada “Olhar de Edite”.

Aquele era o título do documentário, talvez em função da música feita por aquele velho amigo de Dona Edite: “Daniel trouxe a letra. Temos um grupo que chama “Velhos Amigos”. Carvalho mandou tocada e esteve aqui”. Os velhos amigos que por tantas vezes ocuparam com música muitos espaços e cômodos, ocupação que dava pistas a Daniel de haver ali a germinação de um certo sarau, como ele havia me dito, muito antes do movimento de saraus na região. Como era bom viver aquele mundo.

Zazá logo voltou com letra de Olhar de Edite escrita à caneta: “Está aqui a letra” – disse ela. “Vou aprender e declamar”. E inesperadamente Dona Edite recitou

A poesia é um sonho
E sonhando posso voar
Voando eu sou Edite
Na terra eu sou Zazá

A poesia é um sonho
E sonhando posso voar
Voando eu sou Edite
Na terra eu sou Zazá

Me despedi do gaiola
Das carrancas e do rio
Deixando Minas pra trás
Tristeza, medo, vazio

Olhando para Pirapora
Pensando naquela hora
Que era para nunca mais

No final da estrofe Dona Edite parou. Então continuei.

Cidade grande me assusta

E ela seguiu

Castelo me ilumina
Pra contrapor força bruta
Dandaras e Coralinas

Uma nova parada. Ela ficou em silêncio. Não conseguia lembrar. Segui lendo para elas

Cidade grande me assusta
Castelo me ilumina
Pra contrapor força bruta
Dandaras e Coralinas

Meu rumo e meu destino
Um mundo mais feminino
Com resistências e lutas

Guerreiras da Flor de Lis
Poetas da Cooperifa

Meu rumo e meu destino
Um mundo mais feminino
Com resistências e lutas

Com apenas a minha voz ressoando na sala, lembrei do dia em que li para elas o trecho do artigo, na presença também de André.

Guerreiras da Flor de Lis
Poetas da Cooperifa
Guiando como aprendiz
Prismando versos e cores

Suspiros, gritos, desejos
Eu vejo tudo o que vejo
Nos toques dos meus amores

Figueira grande me abraça
Luar da periferia
Dançar ciranda na praça
Nada resiste a alegria

No bar do Zé Batidão
O velho e bom coração
Explode em poesia

Ao final Dona Edite repetiu suavemente os dois últimos versos, como ela fazia quando algo chamava sua atenção: *O velho e bom coração. Explode em poesia*. A cada verso que eu lia, lembrava de muitas passagens por ela partilhadas em nossos encontros. Aquela música-poesia era Dona Edite!

“Essa música, já chorei até com ela”. Pois, você sabe que Daniel me mostrou outra música que ele fez...” – disse a ela; “Ah, deve ser a música *Sete Barras do Carvalho*”. “Não, foi uma que Daniel fez e que talvez, entre no documentário. Quem chorou fui eu” - continuei. “Essa não conheço” – prosseguiu. Dona Edite e Zazá conheceriam em breve a música Tadoma que também compunha o cd *Não mexe comigo que eu não ando só*. E continuei: “A gente chora mesmo, né? Porque tudo isso que a gente faz, vive, conversa, tem afeto, não é uma coisa fria”. E Zazá na outra ponta do sofá concordava: e não é, Valéria?!”. “Não mesmo! E esse também não é um documentário frio, longe do sentimento humano”. “A gente só chora porque a gente se afeta” – continuei. E Dona Edite concordou: *é isso, Valéria!*”.

Então Zazá disse: “Podia arrumar um dia para vocês virem aqui para conversar. Vocês vinham cedo”. Ela estava sugerindo que marcássemos o dia de minha gravação para o documentário na casa delas, considerando que ainda pretendia conversar mais um pouco com Daniel. “Ele te dá uma entrevista e você dá uma entrevista para o documentário. Que lindo, né, Zazá? Que bonita essa troca” – disse

Dona Edite. Ouvindo as duas eu pensava mais uma vez no sentido que elas foram produzindo para minha pesquisa, no que havíamos construído com nossos encontros. Uma alegria me tomava outra vez.

E logo Dona Edite deu sinais de um certo pesar: *falei recentemente que você precisava vir aqui, pra gente fechar na memória, porque depois acho que vai ficar mais difícil de a gente se encontrar*". Em uma de nossas conversas, Laura foi precisa sobre o afeto que parecia povoar Dona Edite: *"eles são frequentemente abandonados. É isso que acontece. Ela estava mostrando isso"*. A fala de Dona Edite também me fez pensar no pedido de Edna no início de minha caminhada - para que eu desse um retorno sobre os resultados de minha pesquisa, considerando que vários estudantes já haviam ido à Casa de Cultura solicitando entrevistas sem dar notícias sobre o trabalho realizado. Pensava também na *inmundização* produzida com minha pesquisa, a exemplo do convite para a participação no documentário sobre Dona Edite. Aonde uma pesquisa que privilegia o encontro e o sensível pode nos levar?

"Você aceita um cafezinho, Valéria?". *"Ah, querida, eu agradeço, gosto muito de café, mas não tenho tomado. É que meu coração que já é acelerado mesmo de muito amor..."*. Dona Edite e Zazá gargalhavam da brincadeira - *"...fica mais agitado ainda quando tomo café. Fico só com o perfume"*. *"Então é melhor você não tomar mesmo"* – disse Dona Edite.

Ela contava da alegria produzida por um cartão que era o sinal de que o documentário havia sido analisado: *olha como as coisas vão se encaixando, Daniel ligou daqui para a secretaria de cultura e disse que se eu recebesse um cartãozinho rosa seria o primeiro sinal de o projeto ter sido analisado e aceito. Depois te mostro cartãozinho. Ele disse que eu não me preocupasse porque, se não desse certo desse jeito, a gente faria o plano b*". *"O documentário vai sair, sim!"* – disse. Falei a elas sobre financiamentos coletivos realizados pela internet e que essa poderia ser uma possibilidade. *"Tem horas que penso que é brincadeira"* – disse Dona Edite sobre o documentário. *"É nada. É uma brincadeira muito séria e alegre que vai sair!"*. Mais gargalhadas. Dias depois eu receberia de Aline e de Daniel o convite para o financiamento coletivo do documentário. No pequeno filme de divulgação imagens e sons tão familiares: a música de Carvalho para o filme, lida para elas naquela tarde; a presença constante de Zazá com Dona Edite; os cômodos daquela casa, a relação de Dona Edite com o gravador; o ato-abraço da Casa de Cultura registrado por Daniel, com sr. Raimundo na linha de frente, junto com Aline e Dona Edite; a música Carta de amor declamada parcialmente por Dona Edite, a saudação na Cooperifa *"uhu Dona Edite, uhu Dona Edite"*²⁰³. Tudo estava lá. E vários outros vídeos com artistas que convidavam para a participação no financiamento. E em um deles Salloma Salomão abraçado às Capulanas enunciava: *"Dona Edite é nossa!!!"*. Era isso...

²⁰³ Vídeo de divulgação para o financiamento coletivo de "O olhar de Edite"
<https://www.youtube.com/watch?v=EeWETy7rCeU&fbclid=IwAR0pH9AUEjKrSoESrnKKIQhiq8HYSx8vfrMc1wAZHpP8rZOONmx8ZCJ7Szc>

“*Como a era minha vida em Pirapora?*” – Perguntava-se Dona Edite baixinho, erguendo a cabeça, como que buscando enxergar suas memórias

- Até meus 11 anos, antes de pai morrer, minha vida era folgadinha. Tinha uma casa muito farta. Era de brincar, passear, fazer balão, jogar peteca. Depois as coisas mudaram completamente pra gente, mudou toda minha existência, porque minha mãe nunca tinha trabalhado e ficou viúva com esses filhos. Ela saía e eu cuidava de minhas irmãs, mal cuidado [ri].
- Quem era a mais velha?
- É Isabel porque os outros faleceram. Mãe teve 13 filhos. Ainda bem que você perguntou, preciso corrigir com Daniel. Minha. Mãe era da cidade da Barra e pai de Juazeiro. Sou filha de baianos. Ela veio para Pirapora porque perdeu os pais e seria uma cidade maior. Ela trabalhou num hotel antes de casar e depois se dedicou a ser mãe e dona de casa. Minha mãe teve que começar a trabalhar [...]

“*Olha o cafezinho*” – dizia Zazá trazendo com seus passos delicados o café com *um golinho de leite no copinho pequenininho*, como Dona Edite havia lhe pedido.

[...] mãe tinha uma pessoa, eram como irmãs, o casamento de mãe saiu da casa da Dona Maria, ela disse que se fosse uma mulher rica nos ajudava, mas o que sabia era fazer bolo. Minha mãe começou a fazer bolo para ganhar dinheiro. Antes a gente pagava aluguel, depois pai comprou um terreno e construiu uma casa. Tenho boas lembranças da primeira casa na rua 7, tinha amizade com crianças, brincava muito na rua, carro não existia mesmo em Pirapora, tinha muitas árvores, meu irmão fazia balanço, a gente ia em fazenda buscar queijo, mel, rapadura. Quando mudei achava ótimo por ser minha casa, mas estranhei muito. Lá também tinha muitas árvores, frutas. Mãe plantava milho, mandioca, feijão. Eu dava a brincar com milho, o cabelo de uns era mais escuro e outros pareciam ouro, brilhavam com o sol. Tinha muito pássaro também. Ah, uma coisa, lá tinha muito vagalume. Muito mesmo. O vagalume e a borboleta marcaram minha infância naquele quintal.

Seguimos com os vagalumes. Dona Edite contava o quão intrigada ficava por não entender como se formavam as cores - ora verdes, ora azuis - dos vagalumes e como se movimentavam se não tinham asas: “*Peguei um livro que tinha uma poesia chamada O vagalume, de Fagundes Varela. Não sei se você conhece*”. “*Não, não conheço*” – respondi já curiosa. “*Eu lia, lia, como muitas outras leituras que fazia, eu não entendia. Pensava que se tivesse coragem, perguntava para a professora, porque eu via vagalumes de noite e dia não via. Mas as professoras eram muito distantes de alunos nessa época, quando era chamada eu tremia tanto que não conseguia ler*”.

E ali seguimos também com as borboletas. “*E a lagarta, eu sabia que a lagarta virava borboleta, mas o que eu queria ver era ela voar. Eu ficava prestando atenção. E quando ela me aparecia já era pronta. Nunca vi aprontando. Ela não me mostrava como fazia. Quando chegava da escola, jogava meu material e ia lá para ver se eu via ela voando. Nunca vi sair do casulo para voar*”.

Eu seguia tomada pelo modo como Dona Edite contava sobre estas inquietudes. A cada frase uma explosão poética em seus encontros com tais existências que *se mostravam prontas* e com as outras que como ela dizia *pareciam lanterninhas em seu quintal*. “*Um dia vou perguntar porque não consigo*

entender essa poesia do Fagundes Varela, porque olho o vagalume e não vejo o que ele escreve. Perguntei e a professora me respondeu: não posso te dizer o que está escrito, você tem que interpretar". Eu e Zazá seguíamos naquela prosa. *"Tornava a ler e não entendia. Tornei perguntar e a professora respondeu: porque você não lê? Já tô quase decorando e não consigo entender"* – contava gargalhando. Eu e Zazá também ríamos. *"Depois ela explicou que o vagalume usa os pássaros para mudar de um lugar para outro. Quando o passarinho pousa, ele sobe e muda de lugar"*.

Em São Paulo os vagalumes continuavam vivos em Dona Edite: *"quando perdi a visão procurei essa poesia e não achei. Olha como ela gosta de fazer mistério comigo. Depois a minha sobrinha achou em uma biblioteca em Araraquara, num livro com mais 15 poesias". "Eu já anotei aqui para procurar"* – disse. *"Eu sei um pedacinho quer ouvir?"*:

Quem és tu, pobre vivente,
Que passas triste e sozinho,
Que tens os raios da estrela,
Nas asas do passarinho?

A noite é negra; raivosos
Os ventos sopram do Sul;
Não temes doido apague
A tua lanterna azul?

Mais uma vez Dona Edite se encontrava de um modo singular com uma poesia como destacado por um poeta da Cooperifa ao conversarmos sobre as interferências feitas por ela em "Os Miseráveis" de Sérgio Vaz: *"o que menos importa é o cânone. O que ela faz é lindo!"*.

Figura 128: Dia em que conversei com este poeta da Cooperifa após a participação de Dona Edite no bate papo “Protagonismo Afro e Periférico: Literatura como Resistência e Superação”, realizado na fábrica de cultura do Jardim São Luiz como parte dos encontros da 11ª Mostra Cultural da Cooperifa, que também teve a participação de Akins Kintê e Marcio Barbosa e no qual um dos poemas recitados por ela foi “Os Miseráveis” de Sérgio Vaz .

O modo singular como Dona Edite é ocupada e se ocupa *de seus poemas*, conforme ela se refere às poesias que declama, estava vivamente em seu encontro com os vagalumes. Interessante pensar como este pequeno trecho da poesia ganha novas cores e intensidades conforme o vivemos sentido e declamado por Dona Edite. Tal como enunciado por Manoel de Barros²⁰⁴ ela parece escutar as cores e fazer nascimentos com a voz que fazem as palavras pegarem delírio.

Ao ouvir sua história com os vagalumes e as borboletas partilhei uma imagem: Dona Edite, como os vagalumes, pegava carona nos braços de Zazá e juntas elas voavam por caminhos antes impensáveis. Edite-vagalume-borboleta que, na companhia de Zazá e de outras/os, seguia produzindo metamorfoses em si que ressoavam em tantos viveres. “*Tenho o bracinho de Zazá e um monte de braços*”. “*E você vive tudo isso junto com ela, né?*”; Zazá sorria para mim: “*eu vivo*”. “*A relação que a gente tem é de amizade, ela faz parte. Tanto que a música do Carvalho diz Zazá é a terra minha e também de outras pessoas*. Eu disse: “*Pois, você sabe que já ouvi que não existe Edite sem Zazá e Zazá sem Edite*”. A reação delas foi uma alegre surpresa com as palavras de Cocão Avoz que eu enunciava e que ainda ouviríamos naquela tarde.

²⁰⁴ No descomeço era o verbo/ Só depois é que veio o delírio do verbo/ O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos/A criança não sabe que o verbo escutar não/Funciona para cor, mas para som/ Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira [...]. O livro das ignoranças. 3ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993

A conversa continuava pelos caminhos percorridos desde a vinda de sua família para São Paulo até virem morar na região. E várias passagens da caminhada daquela família entraram na cena

Em Indianópolis fui muito feliz, porque comecei a sair, estudar, que foi um momento muito nobre da minha vida. Estudei até o ginásio [...] depois alugamos um barraquinho no Planalto Paulista. Foi difícil [...] do Ipiranga dei graças a Deus quando saímos [ri] as pessoas eram muito isoladas, andava muito para tomar condução [...] senti muito sair do Jardim Mirim, temos amigos que nos acompanham dessa época, como Carvalho.

Perdi minha mãe no Jardim Mirim [...] ela era como eu, recebia a todos, dava cafezinho, agasalhava. Minha mãe era um caso muito sério nessa vida. Ela tinha uma mente além do tempo dela. Uma frustração é que lutamos muito e quando tivemos uma condição financeira ela foi embora. Onde estiver, sabe que o jeito de a gente lidar e viver, ela plantou. Temos independência nas atitudes, mas estamos sempre junto nas caminhadas [...] moramos aqui desde 1981, a única rua com asfalto era essa e a avenida, ônibus era pouquinho. Não tínhamos conhecidos aqui [...]

Com a convivência, Edite e Zazá se constituíram como *guardiãs da casa de todos nós*, como enuncia a música escrita por Arakunrin e que ainda ouviríamos juntas naquela tarde ao ser cantada e tocada por ele no cd.

Dois pés de coqueiro plantados
Por duas grandes mulheres
Uma se chama Edite
A outra se chama Isabé
Dona Edite, Dona Isabé
Me tire um cocô de seu pé

Guardiãs do terreiro
Da Casa de todos nós
Quilombo de resistência
Que Dona Edite Isabelô

Guardiões que seguem vivificadas na Casa de Cultura de M'Boi Mirim.

Figura 129: Grafite da Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim após a reforma ocorrida em 2019

- Vocês não sabiam sobre o grafite? Foi surpresa?
- Até 4 dias antes eu não sabia de nada – disse Dona Edite.
- Como é ter o rosto de vocês lá?
- É bom – responde Zazá. É bem gratificante, pelo tempo que a gente tem na casa. As pessoas vêm nos cumprimentar, inclusive os comerciantes de lojas perto. É bom que podemos falar que ele é de um moço do nosso bairro. As colegas de grupo valorizaram demais. Elas nos deram parabéns. Valoriza quem está na casa também. O grupo é muito grande. É daí que a gente tira a força e a coragem de ir se reunindo as quartas com Edna e Aline.
- Falei para as pessoas que vieram me parabenizar que este grafite é nosso, da comunidade. É da Casa e em nome de todos os grupos que frequentam e estão lá. Se estou aí é porque estive nessa casa há muitos anos, como muitas outras pessoas estão para que a Casa estivesse aberta para eu entrar.

Várias existências ocupadas e que se ocupam de Dona Edite ... - como a sobrinha que vai em busca das poesias para gravá-las nas fitas cassete: “*Ela é indispensável. Tudo o que eu declamo falo com ela. Quase todos os poemas que aprendo foi ela que procurou em livro ou na internet e gravou para mim. Sempre peço socorro para minha sobrinha. Acho que é uma pessoa que tinha que escrever. Ela lê muito*”. Nessa sensível vivência sua sobrinha também oferta poesias que conversem com a vida de Dona Edite, como ocorreu com “Autor da vida”, partilhada com ela no período em que vivenciava as dificuldades da perda da visão. As ressonâncias desta poesia que vi e vivi ser declamada estão para além do dizível. Ali vivi mais um momento difícil de esquecer. Afetada pelas trêmulas palavras de

agradecimento emocionado de moça, Dona Edite pede a Zazá um cd, que é retirado de sua bolsa: *“este é o meu cd para você”*. E lágrimas invadiram aquele abraço.

Vivi essa cena algumas vezes e, também ao André e a mim, Dona Edite nos ofereceu um cd na Cooperifa, para mim e para André, um cd e quando ofertou um cd para Paula após um longo período sem encontrá-la. No olhar para Dona Edite desta companheira de andanças transpassava uma reação que não cabe em palavras. Toquei neste tema com Dona Edite em uma conversa no Panelafro. Neste dia ela contou que leva seus cds para onde vai e que muitas vezes não há sentido em vendê-los: *“Foi lindo o lançamento desse cd, chorei tanto. Depois teve um almoço em casa, almoçamos todos juntos. Não acreditava que ia sair o cd. No dia do lançamento, vendi. Vendi e dei. Muitas vezes eu dou. Certos momentos não tem preço como neste dia que estávamos falando, da moça que veio falar comigo no Sesc”*. Cada momento é um momento único. Não repete igual. Fico feliz quando termina e as pessoas vêm me cumprimentar. É um carinho muito grande. Uma alegria imensa”.

Naquela tarde vários poemas se fizeram entre nós. E mais uma vez eles se inscrevem como presentes ofertados por Dona Edite. *“Tem um poema de que gosto muito. É o “Vida verdadeira” do Thiago de Mello”*. *“Como ele chegou para você?”*. *“Eu ouvi no rádio e minha sobrinha pegou para mim. Neste período Carvalho fez um transplante e passou muito mal. Parecia que eu via o Carvalho. Pedi para entregarem para ele. Eu declamei para ele depois. Estava querendo declamar hoje na Cooperifa, mas faz tempo que não declamo, preciso treinar mais. Ele diz assim”*

Pois aqui está a minha vida.
Pronta para ser usada.
Vida que não guarda
nem se esquiva, assustada.
Vida sempre a serviço
da vida.
Para servir ao que vale
a pena e o preço do amor
Ainda que o gesto me doa,
não encolho a mão: avanço
levando um ramo de sol.
Mesmo enrolada de pó,
dentro da noite mais fria,
a vida que vai comigo
é fogo:
está sempre acesa.

Vem da terra dos barrancos
o jeito doce e violento
da minha vida: esse gosto
da água negra transparente.

A vida vai no meu peito,
mas é quem vai me levando:
tição ardente velando,
girassol na escuridão.

Carrego um grito que cresce
Cada vez mais na garganta,

cravando seu travo triste
na verdade do meu canto.

Canto molhado e barrento
de menino do Amazonas
que viu a vida crescer
no centro da terra firme.
Que sabe a vinda da chuva
pelo estremecer dos verdes...

“pelo estremecer dos verdes, pelo estremecer dos verdes...”. Ela repetia o verso tentando lembrá-lo. *“Esqueci esse pedaço”* – falava baixinho. *“Preciso treinar. É um poema muito bonito tem uma mensagem embutida”*. *“Lembrei de quando você me falou que antes de começar a decorar você ouviu algumas vezes a poesia”*. *“Eu escuto muitas vezes. Escuto muitas vezes para perceber se meu interior se identifica. Para eu conseguir aprender e poder passar, tenho que estar com ela dentro de mim. Não é só no texto. Aquilo que ela mexe comigo, às vezes para aprender eu choro muito. “Porém”²⁰⁵, do Sérgio, é uma.*

“Conversando com Márcio Batista²⁰⁶, ele me contou de quando foram para a Rocinha. Como foi para você?”. *“Desde que perdi minha visão, foi a primeira vez que sai para dormir fora de casa. Nós daqui e encontramos muitos lá. Ônibus saiu daqui cheio. Foi a primeira vez que estava tentando aprender Navio Negreiro e recitei no ônibus”*.

Zazá que havia voltado da cozinha prontamente disse

dizem que a Linha Vermelha lá é perigosa. Foi sossegado. Entrou um moço no ônibus vendendo um saco bem grandão de salgadinhos, Jairo [Periafricana] comprou tudo e distribui. Quando o moço desceu, batemos palma para ele. Foi uma farra. Não dá para acreditar que no Rio acontece tanta coisa. Fomos muito bem acolhidos. A Rocinha fica bem perto daquela passarela que passa no carnaval. A gente desceu do ônibus e encontrou as pessoas bem próximo. Têm muitas coisas lá, muitas, até bancos. Conhecemos a parte que é o começo da rocinha.

E Dona Edite contou um pouco mais sobre a experiência pontuando um assunto que me fazia pensar sobre esse fazer que é micropoliticamente rizomático. Movimentos que como vimos e sentimos dizem de *“uma ação afirmativa do espaço, dos afetos, da amizade, e de um modo de existir que não espera mais por uma ação salvacionista ou um reconhecimento externo e tampouco do Estado”* (MENDES et al, 2019 p.361)²⁰⁷.

O que me deixa extremamente esperançosa, as pessoas falam de droga, de prisão, acho que somos nós que vamos mudar esse país. Fala de crimes. Mas quem noticiou a gente subir e fazer poesia? Nós que fizemos mais o pessoal de lá. As casas de lá parecem de um jeito, mas o que vimos foram casas humildes e muito arrumadas, asfalto largo, bares. Foi à

²⁰⁵ Poema de Sérgio Vaz do livro *Colecionador de Pedras* (2013)

²⁰⁶ Cooperifa na Rocinha por Itaú cultural

https://www.youtube.com/watch?time_continue=151&v=SZ9F-GpQh30&feature=emb_logo

²⁰⁷ Mendes, Silva; Rodrigues; Feuerwerker *Ocupações poéticas de si e do outro: cartografando encontros entre arte, cultura e produção da vida* Rev. psicol. polít. vol.19 no.45 São Paulo maio/ago. 2019

tardezinha e tinha muitas crianças, mulheres, moços, com poesia e música. Tinha muitas senhoras com coisas para vender. Os alunos saindo e chegando nas escolas, parando iam. Muita gente participou. Fez a Rocinha parar.

Ouvindo Zazá, por um instante lembrei das aproximações cuidadosas de Zazá, ora se retirando da sala, pedindo licença e fechando a porta da cozinha. Da segunda vez em que estivemos lá para a leitura do artigo, Zazá se aproximou delicadamente, sentando-se próximo de Dona Edite, escutando e participando da conversa. E no encontro daquela tarde, Zazá estava entre nós, participando ativamente da conversa.

E mais um momento da experiência no Rio de Janeiro foi destacado por Dona Edite.

- Outra coisa que lembro. No hotel ficava tudo preparado para tomarmos café e lanche. Desci, enxergava um pouquinho, e sentou bem pertinho uma mulher com bebê pequenininho. O pai era militar e ia demorar 3 meses para sair e eles combinaram de se encontrar no hotel. A avó trouxe a bebezinha. Como eu estava com poesia na cabeça, igual hoje estou, perguntei se ela queria ouvir. Declamei para ela e ela declamou uma poesia do Olavo Bilac
- E você declamou qual?
- “Das mãos”²⁰⁸ e o “Autor da vida”. Não que não goste das outras, acho que essas são marcantes para passar uma mensagem [...] ‘Essas mãos’ da Cora Coralina recebi da menina no Centro de Convivência e o Autor da vida minha sobrinha me deu num momento muito difícil da perda da minha visão, como te falei.

E ao falar que “Carta de amor” foi dada a ela por uma amiga de sua outra sobrinha (a irmã da que busca e grava os poemas) e ao repetir que Daniel havia gravado a música para ela, novamente eu seria surpreendida por Dona Edite. Ela começou a recitar a música de uma maneira muito forte:

Não mexe comigo
Que eu não ando só
Que eu não ando só
Que eu não ando só (não mexe não)
Não mexe comigo

Que eu não ando só
Eu não ando só
Que eu não ando só

Eu tenho Zumbi, Besouro o chefe dos tupis
Sou Tupinambá. Tenho os erês, caboclo Boiadeiro
Mãos de cura, morubichabas, cocares, arco-íris
Zarabatanas, curare, flechas e altares

A velocidade da luz
O escuro da mata escura
O breu, o silêncio, a espera

²⁰⁸ Neste vídeo um encontro com o sensível das mãos de Dona Edite ao recitar “Estas Mãos” de Cora Coralina
<https://www.youtube.com/watch?v=qIgTFxs6Wrw>

Eu tenho Jesus, Maria e José
 Todos os pajés em minha companhia
 O menino-Deus brinca e dorme nos meus sonhos
 O poeta me contou

Não mexe comigo
 Que eu não ando só
 Que eu não ando só
 Que eu não ando só (não mexe não)

Não mexe comigo
 Que eu não ando só
 Eu não ando só
 Que eu não ando só

Não misturo, não me dobro
 A rainha do mar anda de mãos dadas comigo
 Me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim
 É do ouro de Oxum que é feita a armadura que guarda meu corpo
 Garante meu sangue, minha garganta
 O veneno do mal não acha passagem

“*O veneno do mal não acha passagem*” ... Dona Edite repetia a frase tentando lembrar. Neste momento peguei delicadamente a letra da música.

E retomando o verso, ela seguiu

O veneno do mal não acha passagem
 E em meu coração, Maria acende sua luz
 e me aponta o caminho

Me sumo no vento, cavalgo no raio de Iansã
 Giro o mundo, viro, reviro
 Tô no recôncavo, tô em Fê

Voo entre as estrelas, brinco de ser uma
 Traço o cruzeiro do sul com a tocha da fogueira de João menino

Rezo com as três Marias, vou além
 Me recolho...

“*Está pensada para poder falar*” – disse ela. Então li o verso para Dona Edite. E seguimos juntas. Quando ela parava, eu lia uma pequena parte do verso que logo era retomado por ela. Assim, continuamos. E juntas seguimos até onde ela conseguiu.

Ela havia me mostrado que era o momento de eu entregar o cd e as mensagens que eu havia imprimido. E disse a ela: “*já que você começou...*”. E ela logo continuou falando sobre a necessidade da letra: “*primeiro é a letra. É indispensável. Tá vendo o tanto de coisa que ela me arruma do idioma africano*” – disse rindo. E Zazá contou: “*tenho dificuldade para falar a palavra...*”. “*Boa tarde!*”. E Dona Edite me apresentou ao senhor que havia chegado, contando que ele era o pai de sua sobrinha que faz a gravação das poesias. “*Já conheço sua filha sem conhecê-la*” – ao ouvir minhas palavras, ele me cumprimentou rindo. Entrelaçamentos...

Dona Edite seguiu contando sobre os termos que precisava aprender de “Carta de amor”. E retomo o que havia tentado contar: *“já que você começou a recitar Carta de amor, queria lhe dizer que várias pessoas querem lhe mandar um recado, lhe dizer algumas coisas, que eu chamei de Não mexe comigo que u não ando só”*. Coloquei o cd em suas mãos e disse que uma parte do que as pessoas tinham dito estava ali. Coloquei em suas mãos as poesias e mensagens: *“Meu Deus é um documentário. Só você mesmo. Ah, Isabel é que nem um caderno. Mas, Valéria, Valéria, que ideia. Não mexe comigo que eu não ando só, tá? Que ideia da Valéria, fez que nem um caderno”* – disse ela explorando a encadernação.

A esta altura Zazá olhava as imagens na capa do cd. Então comecei a falar sobre cada uma para que Dona Edite também pudesse vê-las. Segurando o *caderno*, como ela havia nomeado as poesias e mensagens, seguia ouvindo quem estava nas imagens. Até que ela se levanta subitamente: *“Ai, Valéria, deixa eu te dar um abraço”*. De pé, ela me abraçou apertado e me beijou o rosto. *“Obrigada, muito obrigada!”*. O agradecimento era todo meu naquele acontecimento...

Zazá seguia diante de nós vendo cada imagem. Falei sobre a foto na biblioteca Mário de Andrade²⁰⁹, que era uma das fotos mais bonitas que, na minha opinião, Fernando havia tirado durante toda minha andança quando mais uma vez nos revezávamos na captação das imagens, ele com as fotografias e eu com as filmagens: Dona Edite com os braços erguidos, cumprimentando o público que a aplaudia intensamente. Ela ouvia atenta. *“Daniel também está?”* – perguntava. *“Sim, com um dos filhos também no dia do Sarau na Biblioteca Mário de Andrade”*. Cadê meu caderninho, Valéria? Perguntava Dona Edite. *“Está aqui”* respondi entregando-lhe o caderno.

Figura 130: Capa e contra capa do cd ofertado à Dona Edite (Fotos: Fernando Lopes e Valéria).

²⁰⁹ O segundo Sarau da Cooperifa que vivenciei neste espaço como parte das atividades do “Esquenta Primavera” que também contou com uma feira de livros independentes. O primeiro Sarau da Cooperifa foi durante a Virada Cultural de 2019.

Seguíamos falando sobre as fotos, até que cheguei na que estava sr. Raimundo no dia que ele levou a bandeira da Folia de Reis para que eu a conhecesse e sobre a outra, em que ele aparecia cantando para sr. João como uma homenagem por seu aniversário.

- Oh, sr., Raimundo. Até sr. Raimundo está? Ele marcou muito. O importante é que foi feliz tantas vezes
- Ele deixou muita coisa boa para gente ouvir, ele tocava junto com sr. João
- Ele foi feliz, Isabel. É igual sr. João viu a alegria dele no palco da Feira Felzs. Uma hora parou a música e enquanto a Edna se agasalhou no microfone ele tam tam tam [faz gesto de tocar]
- Eles ensinaram muita coisa. Sr. Raimundo deixou uma marca – diz novamente Dona Edite.
- Eles nos ensinaram dança e o apito que cada congada tem, igual eles dois, um apito. E nesse grupo era do sr. Raimundo que tinha o apito. Antes de falecer ele deu o apito para Aline – disse Zazá.
- Todo grupo da congada tem um líder que só pode passar o apito para outra pessoa que tenha liderança. E Aline é a liderança do nosso grupo – completou Dona Edite.

Eu me dividia entre mostrar as fotos e olhar para Dona Edite, sentada com o caderno aninhado de encontro ao peito. Queria viver aquela imagem o quanto possível. E logo ela perguntou: “*como você fez isso?*”. Então expliquei como era feita a encadernação.

E eis que Dona Edite se levanta rapidamente, seguindo corredor adentro em direção ao quarto: “*Deixa eu te mostrar uma coisa. Vem cá para você ver uma coisa que eu aprendi. Fiquei tão feliz de ter aprendido*”. Ela se sentou em frente a CPU do computador e foi me mostrando que havia aprendido com Daniel a inserir o cd no drive e a reproduzi-lo: “*Isso não é bom a gente saber? Parece pouco, mas para mim é tão bom. Essa menina mandou cd pra mim pelo Daniel. Ela disse que me conhece e mandou pra mim*”. E ali seguimos ouvindo a música “Deixa Viver”, de Socorro Lira, que havia presenteado-a com seu dvd pelas mãos de Daniel. E Dona Edite cantava entre sorrisos e elogios à voz da cantora:

Deixe a Amazônia viva
 Deixe-a respirar
 Água, terra e ar e então
 Sague a correr só no coração
 Deixa ser meu povo
 Deixa eu cantar meu canto
 Me tira esse pranto, essa cruz de novo
 Deixa eu viver em paz
 Deixa se e capaz de entender
 Não tem rio
 Não tem mais peixe pra comer
 Quero o chão pra pisar
 Pra plantar o meu pé, o meu pão
 E colher, meu irmão
 Deixa, deixa eu ser
 Deixa eu, deixa-me aqui
 Que a floresta é minha casa
 Deixa viver
 Deixa viver

Deixa ser meu povo
Deixa eu cantar meu canto
Me tira esse pranto, essa cruz de novo
Deixa eu viver em paz

Após ouvir a música, Dona Edite ainda me mostra o DVD de Maria Bethânia sobre o qual ela havia nos falado no momento em que eu e André experimentávamos com ela o uso do aparelho de cd em um de nossos encontros. Era o “Caderno de Poesias” que eu havia explicado a ela mais cedo que também pretendia levar em cd e com as poesias impressas, mas que não consegui gravar por um problema no computador. Estava tudo conectado. “*Você tem os dois volumes?*” - perguntei; “*Só tenho esse*”. “*Pois, vou lhe trazer o outro então. Mais um motivo para eu voltar. Nem gosto de vir aqui, né?*”. Mais uma vez ríamos as três. “*Mas é para voltar mesmo*” – disse Zazá.

Ao seu lado perguntei “*Você quer ouvir qual?*”. “*Quero ouvir esse que você trouxe*”. *Que a senhora não anda só?* E a resposta de Dona Edite foi em forma de uma forte gargalhada.

Algumas vozes foram prontamente reconhecidas, outras não. Quando ela dizia que não estava reconhecendo a voz, eu dizia quem era. Ela seguia na mesma posição. Sentada com o corpo inclinado para frente em direção à CPU e com as mãos unidas apoiadas nas coxas. Aos poucos chegava-se mais para frente. Concentração. Eu seguia sentada no pé de sua cama, bem ao seu lado e Zazá sentada na mesma posição que eu em sua cama.

“*Oi, Edite, está concentrada aí?*” – perguntava seu irmão, que havia acabado de chegar. “*Oi, você nem sabe, essa menina me trouxe um monte de presente, mensagem de um monte de pessoas*” – respondeu. “*Não vai ficar inchada*”. Dona Edite não continuou a conversar com o irmão de tanta atenção às mensagens. “*Vou deixar você aí concentrada então*” – disse ele saindo do quarto.

Oh mar, oh mar que navega pra lá e pra ô, ô
Chama vai dizer pro meu amor
Que eu estou a lhe esperar

“*Ah, é o Márcio Vidal*” – disse Dona Edite ao ouvir os primeiros versos do poema que me fez pensar na preparação de tudo aquilo. E nos primeiros acordes da música cantada por Arakúnrin sobre os pés de coqueiro que elas plantaram na Casa de Cultura, ambas riram: “*escuta, Zazá, está completa*. “*Ah, Valéria, danada!*” – exclamou Dona Edite.

Ao ouvir “Vozes-mulheres” na voz de Adriana Paixão Dona Edite disse: “*Já ouvi esse poema*”. E ali seguimos, Dona Edite, Zazá, Adriana, eu e Conceição Evaristo.

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue e fome

“Sangue e fome, Nossa!”, repetia Dona Edite, concentrada na escuta da poesia

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas, caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si

a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Ao ouvir que o poema “A Flor e a Náusea” ser declamado por Acácio Batista, Dona Edite dispara:

“É lindo esse poema e ele declama muito bem. Vejo esse poema sendo declamando por ele. Tem poemas que é a cara da pessoa. Esse é a cara dele²¹⁰”.

Preso à minha classe e a algumas roupas, vou de branco pela rua cinzenta.

Melancolias, mercadorias, espreitam-me.

Devo seguir até o enjôo?

Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:

Não, o tempo não chegou de completa justiça.

O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.

O tempo pobre, o poeta pobre

fundem-se no mesmo impasse.

Em vão tento me explicar, os muros são surdos.

Sob a pele das palavras há cifras e códigos.

O sol consola os doentes e não os renova.

As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam este tédio sobre a cidade.

Quarenta anos e nenhum problema

²¹⁰ Poema A Flor e a Náusea, de Carlos Drummond de Andrade

resolvido, sequer colocado.
 Nenhuma carta escrita nem recebida.
 Todos os homens voltam para casa.
 Estão menos livres, mas levam jornais
 e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
 Tomei parte em muitos, outros escondi.
 Alguns achei belos, foram publicados.
 Crimes suaves, que ajudam a viver.
 Ração diária de erro, distribuída em casa.
 Os ferozes padeiros do mal.
 Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
 Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
 Porém, o meu ódio é o melhor de mim.
 Com ele me salvo
 e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!

“*Uma flor nasceu na rua*” – repetia Dona Edite dizendo “*Lindo, né, Zazá?*”. “*É, muito lindo*” – respondeu Zazá que seguia sentada ao meu lado na cama.

Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada
 ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
 garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
 Suas pétalas não se abrem.
 Seu nome não está nos livros.
 É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
 e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
 Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
 Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
 É feia. Mas é uma flor.

“*Mas é uma flor*” – afirmava Dona Edite

Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Quase no final do cd: “*Ah, Dandara. A gente fez um trabalho junto. E com a Gal*”. Ao ouvir os afetuosos agradecimentos que antecediavam a forte escrita de Dandara Dona Edite disse: “*Que bonitinha. Que linda*”. Após uma mensagem afetuosa em que se dizia honrada e alegre por poder enviar aquele áudio e destacando o quanto Dona Edite fazia parte de sua trajetória, enquanto mulher negra e periférica

e o orgulho de poder caminhar ao lado de Dona Edite, ela ofertava uma de suas *Escritas Negras*. Mais um acontecimento que vivi com aquela *descendente de Dandara*, que dizia:

Pisando sobre o solo lembro dos meus ancestrais que fizeram sua jornada para que eu estivesse aqui. Cravei meus pés sobre o terreno plano da vida, me joguei no flutuar do tempo, escalei as montanhas do desespero e morri há dez mil anos atrás. Nasci de novo e recomecei. Viajei no infinito dos meus sonhos. Transcrevi o passado, presente e futuro. Naveguei fundo nas minhas emoções e escrevi as mais lindas e reais observações. Olhei para a lente além do fundo da garrafa e vi imagens maravilhosas do fundo do mar que nem a arca de Noé conseguiu explicar. Andei no labirinto da ilusão procurando perguntas que não tiveram respostas. Segui o cortejo da desesperança e cantei baixinho o hino da vitória. Trabalhei no outono, verão, primavera. Chorei no inverno. Cresci nas estações. Silenciei no interior do meu próprio silêncio. Ganhei a corrida sem ter saído do lugar. Ajudei pessoas sem saber quem eram elas. Nada recebi. Só agradei. Me fiz do barro, da água e do fogo. Me fiz do vento, que é o mesmo que venta aqui, venta lá. Ergui castelos sem estruturas e foram abaixo como num sopro. Fui luto e levantei para luta. Amei e fui amada. Tomei café nas manhãs de domingo. Flutuei nas ondas sonoras dos meus pensamentos. E dancei a voz negra das mais velhas. Subi o morro com a lata d'água na cabeça. Bati cabeça para o meu orixá na ciranda das mulheres sábias, negras, indígenas, nordestinas e periféricas. Gritaram a liberdade e tudo voltou a florir. Colhi flores na tempestade e não me arrependi.

Na última mensagem Daniel falava, após seus três filhos, sobre como era grato por ter tido uma influência tão positiva e bonita em sua vida a partir de Dona Edite e o quanto se sentia feliz por estar contando a história dela com o filme. Ele saudava a família e os irmãos que, em suas palavras, eram os guardiões e parceiros de Dona Edite. E contava ainda que havia composto uma canção, que possivelmente estaria na trilha do filme, ao conhecer a técnica Tadoma sobre a qual flou brevemente. “*Eu não sabia, tá vendo?*”, dizia Dona Edite. E ali ouvíamos, as três, Daniel ao violão, uma canção que me arrancou muitas lágrimas durante este processo.

E aqui dentro de mim
Tudo é mar
Tudo é fim
Tudo vibra
E transborda no olhar outra lira
O aprendizado de calar
E não silenciar
A dor
E lá fora o que há?
A paisagem no ar
O que sopra
E faz arrepiar e que toca
Uma canção que não ressoa
Mas que eu leio em seus lábios
É amor, É amor, É amor
E se meu grito explodir a redoma
são meus poemas sangrando Tadoma

E Dona Edite repete: “*sangrando Tadoma, Nossa!*”.

É um vulcão
 É um terremoto
 É o quanto mudo pra mudar
 É o quanto mudo pra mudar
 E aqui dentro de mim
 Tudo é mar
 Tudo é fim
 Tudo vibra
 E faz arrepiar
 E me liga a uma outra forma de amar
 que só quem vê,
 quem sabe, sente
 É amor, é amor
 É o quanto mudo pra mudar
 E se meu grito explodir a redoma
 são meus poemas sangrando Tadoma
 É um vulcão
 É um terremoto
 É o quanto mudo pra mudar

E no verso final da canção Dona Edite repete: “*Quanto mudo pra mudar*”. Mais um momento arrebatador...

Primeiro acorde de Carta de Amor, imediatamente Dona Edite solta uma gargalhada. Ela seguiu verso por verso junto com Bethânia até onde conseguia, alguns até recitava antes de ser cantado. No refrão repetia: “*não mexe comigo que eu não ando só!!!*”. Ao final, perguntei: “*entendeu agora porque é não mexe comigo que eu não ando só?*”. E Dona Edite soltou mais uma gargalhada.

Na cozinha, ensaiamos minha despedida várias vezes. “*Não vai agora, não*” – dizia Zazá. E do outro lado da mesa a outra irmã de Dona Edite e Zazá seguia no assunto. Falamos muito sobre minha pesquisa. Como das outras vezes era difícil querer sair de lá.

No portão, mais alguns minutos de conversa. Despedíamos-nos e logo começávamos um novo assunto. Após mais um beijo e um abraço em Dona Edite, que do lado de dentro da casa me agradecia pelas surpresas, fui em direção à Zazá. Desta vez seria ela que me arrebataria após lamentar por eu não ter jantado: “*A gente tem que cuidar de você. Você cuida de nós, a gente vai cuidar de você*”. E com mais um abraço demorado em Zazá e um “até breve” para as duas, segui.

Caminhei com a frase de Zazá pelas ruas do bairro pensando, naquela tarde que já havia se tornado noite. Um arrastão de afetos. Intensividade na construção de relações. A cada encontro, a cada abraço, a cada poesia, a cada escuta, a cada partilha, a cada aprendizagem, a cada sorriso, a cada susto, a cada lágrima nos misturávamos mais um pouco. E cada vez mais eu sentia que também na minha existência: *Dona Edite Isabelô*.

Seguindo... entre Pontes, Travessias e Encruzilhadas

Tecer uma cartografia é produzir mundos com as existências que encontramos no caminho. Nesta navegação vamos experimentando um conjunto de travessias que abrem possibilidades para nos ocuparmos de nossa existência como pesquisadores-viventes e de uma multidão de outras.

Foi esta experiência que vivenciei no processo de construção de minha caminhada pela zona sul de São Paulo, implicada em seguir ao encontro das micropolíticas produzidas por modos de existir que se ocupam e são ocupados por um fazer-viver com as artes, partindo da questão: “o que vem de fora e a saúde não enxerga?”. Questão agenciada pelas várias andanças por serviços em que predominavam modos instituídos de pensar-agir, segundo atos distanciados do vivido pelos ditos usuários que pouco ecoavam nestes espaços.

Urgia em mim a composição de outras navegações. Os sons, os movimentos, as cores, as vibrações, as texturas, os fazeres do fora cintilavam para mim. Ganhava corpo o interesse de construir relações com um campo de produções que acontece a partir do que é experienciado por existências que vivenciam constantemente, a cada passo travessias, territorialidades, encruzilhadas... pegadas suas e de muitas outras vidas, de muitos/muitas ancestrais... movimentos que também vêm de longe. Os ventos *do fora* me chamavam...

Então, pus minha canoa-corpa para navegar... Ashanti, Ayubu, Naiá²¹¹ e várias vidas conspiraram comigo, seguindo o soprar destes ventos. Assim, embarcamos nos fluxos destas águas férteis em busca de outros solos, do *barro debaixo do chão*. Seguindo os sinais que indicavam um conjunto de experiências produzidas com a urgência de quem sente cotidianamente um conjunto de tensões atravessarem a pele, aportamos inicialmente em um *quilombo cultural* do Jardim São Luiz: o Sarau da Cooperifa. Pisando naquele terreiro, encontrei com uma Griot que abriria meus caminhos, ao embarcar em minha canoa-corpa para juntas vivermos várias navegações-ocupações: Dona Edite.

Em seu papel de Griot fui guiada por *essas mãos* para a composição dos primeiros passos que me levaram a outro quilombo: a Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim. Lá encontrei com três existências, Aline, Edna e Arakunrin, que me abriram outras visões, outras experiências com o sensível, outras aprendizagens, outras nascentes para a navegação de minha canoa-corpa, outros *olhos d’água* dos quais a vida segue brotando a partir de revides que explicitam: “eles combinaram de nos matar e nós inventamos movimentos para não morrer!”.²¹²

²¹¹ Da escrita coletiva “Das cartas trazidas pelas asas de um uirapuru: o que inventam e sustentam corpos em tensão na potência-resistência-arte-alegria-luta?” em que partilhamos as experiências do difícil momento vivido por todos no ano de 2020 e na qual Laura é Ashanti, André é Ayubu, Paula Bertoluci é Naiá e eu sou Niara. (RODRIGUES, A.; PEREIRA, P. B. A.; MENDES, V. M.; FEUERWERKER, L. C. M.. Das cartas trazidas pelas asas de um uirapuru: o que inventam e sustentam corpos em tensão na potência-resistência-arte-alegria-luta?. ALEGRAR (CAMPINAS), v. ago/dez, p. 01-410, 2020).

²¹² Dois contos de Conceição Evaristo ecoaram em minha navegação. Um, “Olhos d’água” em que escreve: “Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era a cor dos olhos d’água. Águas de Mamã Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, as águas de Mamã Oxum” (p. 18). O outro, “A gente combinamos de não morrer”: “a gente combinamos de

Assim, segui, naveguei por águas que mostravam outras saídas... segui... remando, remando, remando... remando e encontrando muitos viventes... remando e sendo ocupada por estas vidas... remando e produzindo travessias com estes *Corpes-Pontes*... remando e chegando em diferentes *Corpes-Casa* que me acolheram, que me receberam, que me permitiram habitá-las, que abriram janelas e portas para a vivência de cultivos a partir de incontáveis travessias e encruzilhadas, dando passagem para o que estava em estado de germe em mim.

Corpes-Casa que, nas miudezas de suas singularidades, seguem em germinações de modos menos neoliberais de existir ao viverem diferente *presenças-permanências* neste interminável rizoma de produções ético-político-poético-artístico que senti em meus poros ao adentrar e caminhar por estas *Casas*. Inicialmente no Jardim São Luiz, Jardim Ângela, Capão Redondo e posteriormente em tantos outros lugares para os quais estes *Corpes-Casa-Pontes* me possibilitavam aportar e viver. Corpes-Casa que não param de abrir caminhos para saberes-fazer-viveres em outras vidas no tempo-espço que também é habitado por seus ancestrais... seguem firmes como baobás ensinando-aprendendo modos de mexer os caldeirões para encontros com memórias, sabedorias, experiências sequestradas e apagadas em tantas peles afro-indígenas. Encontros que produzem encontros... encontros que produzem outros nascimentos... Encontros que produzem acontecimentos em tantas existências como vi e senti.

O que cabe dizer no fechamento deste ciclo? Continuidade. É o que me passa. Seguir junto. Um caminho sem volta em minha existência... continuar em direção a outras aberturas, visibilidades, composições e dizibilidades a partir deste folheado de encontros, dobras, respiros, levantes, invenções, que não param de acontecer nos interstícios desta territorialidade rizomática que minha navegação-campo de pesquisa me possibilitou ativar e sentir...

Griot; Cooperifa; trabalho de permanência; Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim; quilombo cultural; dois pés de coqueiro plantados por duas grandes mulhé; bar- centro cultural; Casa de Todos; Corpo sem juízo; Projeto Poesia contra a violência; genocídio da população negra; poesia no transporte público; Cora Coralina; gordofobia; Vênus Negra; ladeiras, vielas e escadões; Zona de força e potência; Grupo Flor de Lis; O que costume engolir?"; Sangoma: cinco líquidos sagrados do corpo; espaço potencial de vida; Cia Basalto de teatro; Lua negra; Grupo Espírito de Zumbi; Maria Firmina; Jongo e Laban; Vivência: Sopro, logo existo; mulheridades; samba de cocô; Ialodês; Panelafro; goma; projeto Centralidades periféricas; Caixa do Divino; existências em *transito*; documentário "Salto Alto"; bixa preta; Vivência: Poesia Samba Soul; Instituto favela da Paz; Zona Agbara; Literatura periférica; Slam das Minas sp; documentário "Sol"; slam do 13; Corpa, território presente; ancestralidade e tempo espiralar; Oficina: "Baobá, fortificando raízes"; segredo público: corpo negro como suspeito; capoeira sem a dança das cores; Escritas negras; Capulanas Cia de Arte Negra; documentário Sol; bandeira da Folia de reis; ecovila de

não morrer. Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel. Vivo implicando com as novelas de minha mãe. Entretanto, sei que ela separa dois mundos. Ela sabe que a verdade da telinha é a ficção. Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro. Tenho fome, outra fome. Meu leite jorra para o alimento do meu filho e de filhos alheios. Quero contagiar de esperanças outra bocas [...] eu sei que não morrer, nem sempre é viver, deve haver outros caminhos, saídas mais amenas [...]" (Evaristo, 2018, p. 109).

Tamera; gravador e fita cassete; Centro de Convivência do Guarapiranga; carnaval no Jardim São Luiz; Projeto Menstruadas; Ajeum, Servir para mundo que acreditamos; deusas negras; sararô; quintais; música e poesia; Djembe; Grupo EQuemÉGosta; Ponte do Socorro; encarceramento feminino; congada; Pirapora do Bom Jesus; encarceramento em massa da população negra; genealogia; poesia no ar; diáspora negra; saúde da população negra; racismo estrutural; hip hop; rap; criança viada; Projeto Pé no Quintal; racismo na universidade, Ialodê, interseccionalidade gênero e raça; Manifesto da Bixa Preta; A cama, carne e o querer, Manifesto da cura ao gozo; rio Pinheiros; metrô-trem-ônibus; mulheres pretas e gordas no teatro, da ponte pra lá e da ponte pra cá; gã; Projeto periferia Sustentável; Carolina Maria de Jesus; Cia Sansacroma; Outras Portas, outras pontes; dança da indignação; Folia de reis; igreja santos mártires;

E no encontro com o que é vital para tantas existências, minha questão se amplificou. No encontro com estes Corpes-Casa, campos de visibilidade-vivência-dizibilidades foram produzidos. Assim, minha questão ganhou outros contornos, para além do que vem de fora e a saúde não enxerga, pois os encontros e experiências que vivemos diziam de outros modos de estar no mundo, de construir as relações, de produzir lutas e enfrentamentos contra um projeto de mundo genocida – considerando que estas são vidas-alvo, – de ser afetada-ocupada por Corpes que podem ser Casa e com os quais podemos fazer pontes e morada, remetendo a *uma saúde*, à composição de experiências que consideram as diferenças em ato e que os possíveis produzidos por estas vidas podem ser *in-corporados* pela saúde. Saúde como possibilidade de viver a vida de outros modos, de ser um *espaço potencial de vida* como entendi a partir do encontro com as Capulanas, de ser produzida pela vivência coletiva de um conjunto de saberes artístico-culturais no sentido afirmado pela coordenadora do Grupo Flor de Lis “a cultura cuida da saúde e a saúde da doença”. Saúdes possíveis...

Assim, a ideia de continuidade, era o que me passava ao pensar na composição deste fechamento-aberturas outras neste “encerramento” da tese.

U

M

C

O

R

T

E

Suspensão

Do outro lado do mundo, cidades desertas, isolamento, medo, incerteza, mortes. O que era tido como impossível... acontecia por lá²¹³. Do lado de cá, apreensão. Em pouco tempo, uma crise sanitária se dissemina, milhares de vidas acometidas na Europa. Sistemas de saúde colocados à prova. Pesquisadores e profissionais de saúde vivenciando um difícil combate, para o qual as estratégias e armas ainda eram desconhecidas. Os limites e as barbáries capitalísticas postas a nu, apesar das inúmeras tentativas de minimizá-las, a partir dos rizomáticos movimentos neoliberais que advogavam que a economia não podia parar! Mais um pouco para cá, na *terra brasilis*, movimentações institucionais desencontradas e desarticuladas, no plano formal, a partir do vivido pelos outros países... a vida seguia com as notícias de agravamento da crise... a-la-la ô, ô, ô, ô, mas que calor, ô, ô, ô... carnaval.

O prenuncio era o de que as regiões tidas como periféricas seriam as que mais sofreriam com os efeitos da pandemia. E isso se concretizou... confinada, eu visibilizava e seguia tecendo, à distância, alguns movimentos na fiação que constituí com tantas vidas e que seguiam encarnadas na minha própria existência. De longe, minha corpa pulsava em um compasso tenso sobre o que poderia acontecer, especialmente considerando, que pelas bandas de cá, nossos combates, na *terra brasilis*, aconteciam também contra o negacionismo, o cientificismo e o modo de operar neoliberal que tratava questões coletivas como escolhas individuais em relação às crises sanitária e econômica, a exemplo do que vivenciávamos na capital e em várias cidade de São Paulo considerando as apostas das gestões municipal e estadual. Na saúde, privilegiava-se, mais uma vez, a atenção hospitalar. E novos enfrentamentos, desde lugares não governamentais buscou-se chamar atenção para o lugar da atenção básica na produção dos cuidados fundamentais nestes tempos, a exemplo dos movimentos construídos que víamos de perto sendo constituídos em várias frentes por Laura, Emerson e os pesquisadores-docentes-gestores que integram nosso Observatório e a Rede Unida, em conexão com gentes de diferentes lugares da saúde e para além dela, como vários coletivos e coletivas aos quais vários de nós tínhamos relação.

O que restava a uma constelação de existências consideradas descartáveis, matáveis? Seguir produzindo redes de solidariedade e de cuidado. E navegando pelos fluxos virtuais, vi e vivi muitas linhas das tessituras produzidas por vários coletivos e coletivas no enfrentamento da necropolítica e do necroativismo, que mostrava sua incontrollável fúria nestes tempos tão difíceis, atingindo violentamente um conjunto de vidas como estas, com quem produzi conexões. Atualizações do conhecido processo de quem e do que *devem morrer e viver*.

²¹³ “Quando engenheiros me disseram que iriam usar a tecnologia para recuperar o rio Doce, perguntaram minha opinião. Eu respondi: ‘A minha sugestão é muito difícil de colocar em prática. Pois teríamos de para todas as atividades humanas que incidem sobre o corpo do rio, a cem quilômetros nas margens direita e esquerda, até que ele voltasse a ter vida’. O mundo não pode parar. E o mundo parou” (Krenak, 2020b p. 6)

E justamente na vivência dos efeitos da atualização desta política de morte que estas existências não cessaram de se movimentar ao buscarem defenderem seu direito de existir... uma disputa travada pela possibilidade de estarem vivas junto com os seus como o fazem há muito tempo, em diferentes frentes. Assim, vi e senti outras linhas do rizoma tão presente em mim.

O que vi? Vi os Poetas Ambulantes transitando para além do transporte público e dos saraus nas escolas, como o fazem no *sararô* produzido pelo poeta-escritor-professor Jefferson Santana com seus alunos e alunas, que vivenciei no Jardim Ângela. Pelas territorialidades virtuais estes/estas jovens poetas ativaram saraus e bate papos semanais com artistas da literatura e audiovisual periféricos. E, mais uma vez, tecemos possíveis com Jefferson, que já havia estado conosco na semana de recepção dos calouros de graduação em Saúde Pública outras duas vezes, com os/as integrantes do Poetas Ambulantes e no Encontro Sudeste da Rede Unida – encontro este que também teve a participação da Zona Agbara, de Flavia Rosa, de Débora Marçal e de Carmem Faustino e que nos revirou a todes do avesso do avesso do avesso, a partir das vivências e intervenções artísticas das quais ecoavam suas apostas (po)ético-estético-políticas. E na vivência deste momento turbulento, Jefferson nos disse mais um “sim” ao aceitar generosamente o pedido de que gravasse um vídeo partilhando o que estava sentindo e produzindo neste período para que fosse apresentado na disciplina ministrada por Laura para a graduação.

Pedido aceito também pelo poeta-escritor-professor, Márcio Vidal, que junto com o parceiro de muitas lutas na Zona Sul, Carlos Giannazi, realizava o “Em casa tem cultura” como possibilidade de seguir ativando encontros musicais-reflexivos com artistas de diferentes vertentes. Uma versão virtual do “Com música e poesia”, a partir do qual ele agencia, como vivenciei, encontros entre estudantes das escolas em que atua e artistas, incluindo os da denominada cultura periférica.

E o que marcava a pele, o que habitava os poros, o que se inscrevia em tantos corpos-alvo, sobretudo a partir de determinado CEP, como ouvi de Jefferson em uma de nossas conversas, transbordou para sua escrita...

Sobre vírus e a sobra da falta
 Na solidão de indivíduos
 somos um coletivo de ausências
 Sentindo a falta de família,
 falta de amor
 falta de abraços
 falta de ouvidos que escutem nossas vozes silenciadas
 falta de atenção
 atenção à sobra de tanta falta
 falta moeda
 de quem vale a força bruta do trabalho
 faltando cada vez mais os direitos trabalhistas para quem segue valendo mínimo
 600,00 do dito benefício que não é pago
 Para quem segue valendo o peso de arrobos no discurso de um presidente fascista
 Falta alimento quando dizem não poder faltar imunidade
 Falta ser objetivo para quem não falta ser um objeto, o alvo
 Falta atendimento médico para quem não falta o vírus,

Para quem não pode ficar em casa
 Às vezes falta até a casa, que para quem tem às vezes falta de água às nove horas da noite
 Falta o banho
 Falta lavar uma mão... lava a outra... lavar uma mão
 Sobra noite para quem falta diversão
 Faltam recursos, mas não faltam boletos
 Mas ainda assim não falta o privilégio de poder escolher qual deve ser pago
 Ah, privilégio?
 Em um país em que 56% da população são pretos, pobres, periféricos, inclusive de direitos
 Mas a lei é implacável contra nossos corpos
 Sem direitos humanos
 Quem morre é sempre o mesmo corpo
 Quem parte é sempre da mesma parte
 E seguimos sobrevivendo das sobras
 De toda produção daquilo que não deixamos faltar para os outros

E sentindo outros ventos que sopravam destas territorialidades, vi o crescente fluxo de encontros musicais realizados pela banda *Poesia Samba Soul*, à medida que eu recebia os convites de Claudio Miranda para as *Lives Solidárias*, que agenciaram muitos encontros com artistas, cantores, compositores, permacultores e diretores de escolas do Jardim Ângela e de fora dele. Agenciamentos que acontecem há mais de 15 anos no Instituto Favela da Paz, a partir do compartilhamento da estrutura audiovisual e musical com os/as artistas da região, considerando a extensa rede de conexões e solidariedade tecida com tantos parceiros que ultrapassam as fronteiras do país. E foi seguindo com a solidariedade no corpo, que os integrantes do Instituto produziam ações de apoio à comunidade do Jardim Ângela, junto com seus parceiros com o projeto *Favela Card* visando a complementação de renda a partir da oferta de cesta básica, produtos de higiene e limpeza e gás para 500 famílias da comunidade, por um período de 3 meses e a confecção de máscaras para profissionais de saúde. Sentido de comunidade, criatividade, energias renováveis, arte, cultura como enfatizavam também neste período. Das muitas movências produzidas por estes Corpes-Casa, sempre disponíveis aos encontros, que também não esperam pelo estado fascista que nos atravessa...

E por falar em solidariedade, senti também outros agenciamentos de cuidado vindos dos movimentos de mulheres negras-educadoras-poetas-escritoras-feministas da zona sul, como os produzidos pelo Bloco do Beco, pela Escola Feminista Aby Ayala e pelas coletivas 8M na Quebrada e Periferia Segue Sangrando. Ações encarnadas na figura de muitas mulheres que conheci, como Jennyfer Nascimento, Dandara Kuntê, Helena Silvestre. Uma rede de afetos e de partilha, em que se percebia o cuidado com crianças e entre mulheres e suas famílias a partir de diferentes ações como as de segurança alimentar, moradia, remédios, apoio psicológico. Cuidado em várias direções, pois como sabem estas existências “todos cuidam, porque o cuidado é de todos e não apenas da Saúde!”

E estas mulheres também se ocupavam e amplificavam a produção de encontros para ativar conversações e ações visando outras formas de enfrentamentos desta crise, considerando o que tem

atravessado tantos corpos e o dos seus mais intensivamente neste período. Linhas de encontro... linhas de fuga... linhas de enfrentamento... linhas de produção de mais vida na singularidade, por todos os lados, diante do extermínio de um povo que também é nosso... povo que encontrei, do qual me ocupei e que me ocupou a partir de minha navegação de pesquisa-produção de vida em mim.

Nesse campo de produção de pensamento e ação, as Ialodês-Capulanas realizaram virtualmente os encontros de formação, os ONNIMS, como o fizeram presencialmente no processo de construção de seus espetáculos. Com o tema Espaço potencial de vida, cada Capulana abordou uma temática: Flávia Rosa com a Gira de poder; Débora Marçal com Introdução aos estudos menstruais; Priscila Obaci com Desenvolvimento infantil do bebê; Adriana Paixão com Identidades negras em diálogo com o teatro; Carol Ewaci com Pilates para mulheres. Além destes encontros mais extensivos, que também contaram com a participação de outras mulheres como Neide Almeida com Escrita à flor da pele, vários outros momentos de troca foram produzidos com mulheres a partir de *lives*.

Adaptações, novas experiências de corpo é o que todos experimentamos neste período. E foi neste movimento que a Zona Agbara produziu uma versão adaptada de Vênus Negra: um manual de como engolir o mundo. Juntas elas também realizaram encontros denominados “live das pesadas” na companhia de outras mulheres negras de diferentes campos da arte. Outro momento por elas construídos foi o “Negras potências”, encontro gordo de auto cuidado com Gal Martins e Rosangela Alves. Neste período houve ainda uma live de comemoração pelos 18 anos da Cia Sansacroma, além de muitos encontros em que o teatro e a dança foram tematizados, com a presença de Gal Martins como o Terça Crespa promovido pelo Centro Cultural São Paulo e a Prefeitura. E foi produzindo outras possibilidades de presença que encontros virtuais foram realizados entre as integrantes do grupo Flor de Lis, a partir da condução de Aline Amâncio e com a presença ativa de Edna Santos. Outros movimentos virtuais também aconteceram a partir da Casa de Cultura como as celebrações de 20 anos da festa do Panelafro e dos 36 anos da Casa – está última que foi adiada no mês março em decorrência do início da Pandemia.

E por outras virtualidades produzimos e vivenciamos com os/as companheiros/companheiras do Observatório e do grupo Micropolítica encontros no 14º Congresso Internacional da Rede Unida que enunciavam os múltiplos “sinais que vem da rua”. E mais uma vez várias existências que compõem o rizoma pelo qual naveguei e com as quais produzimos vários encontros para além da Zona Sul estiveram presentes. Assim, produzimos os encontros: “Movimento social - (EMPRE)tessituras literárias e criações “COR(PO)ÉTICAS de existência” com a presença de Gal Martins (Cia Sansacroma e Zona Agbara), Vilma Piedade Lia Vieira, mediado por Larissa Mendes, Josiane Germano e eu e apoiado por Paula Bertoluci; “Movimento Social - Slam e Poesia” com a participação de Jefferson Santana, Carolina Peixoto, Thiago Peixoto, Pam Araújo, Luz Ribeiro e Shaira Mana Josy, mediado por Josiane Germano e por mim e apoiado por Paula Bertoluci e Larissa Mendes; “Movimento Social - Mulheres e o bem

viver” com a participação de Débora Marçal (Cia Capulanas), Helena Silvestre (Escola Feminista Aby Ayala) e Analdeci Moreira, mediação de Laura Feuerwerker e apoio de Paula Bertoluci e “Cuidado de Proximidade - Eles querem nos matar e nós produzimos e inventamos para não morrer: conversas sobre a produção do cuidado nos territórios em tempos de pandemia” com a participação de Fausto Soriano, Aline Lima, Eliana Teodoro, Luis Felipe (Ocupação Independe Aqualtune), Elisete Napoleão (Ocupação Manuel Congo), Átila Flores, Dentinho e Nana Silva (Birico.Arte), Winty Suya (assessor da associação indígena kinsedje), Nana Silva, com mediação de Paula Bertoluci, Lumena Furtado, Clarice Seixas e com os apoiadores Helvo Slomp Jr., Harete Moreno, Maria Eunice Waughan, Thiago Braga, Tatiana Brandão, Larissa Mendes, Laura Feuerwerker e eu²¹⁴.

E neste período em que as cores do mundo pareciam esmaecidas, senti a energia dos raios de Sol Almeida no lançamento virtual do filme *Sol* que, como enunciado na divulgação “esboça as complexidades que transpassam um corpo dissidente, delineando as (r)existências, as violências, os afetos, os sonhos e a importância de estar viva! Os raios da SOL incomodam e queimam uma sociedade que viola as pessoas que fogem de um ideal ‘heteronormativo’”. Encontro alegre e sensivelmente mediado pelo cineasta Daniel Fagundes – com o qual também teci alegres encontros durante minha pesquisa, especialmente pela relação com nossa Griot Dona Edite – que fez a ponte para que pudéssemos ouvir e pensar sobre o que atravessa e compõe as existências LGBTQIA+.

E, no compasso destas *transitoriedades*, vi a *transgressão* de Jup do Bairro, que conheci durante caminhada a partir de linhas disparadas por Sol Almeida no projeto Bixa Preta de Fé... *Transitoriedades* de existências que perseveram em viver outros voos...

Tá tudo tão estranho aqui
[?]
No sufoco criado da minha própria mudança
Uma mucosa com vazio e falsas esperanças
No aperto do casulo da minha própria criação
Pensando em morte inevitável, me preparo pra morrer na solidão
Uma rachadura aparece, uma luz que me aquece
Abri meus olhos, desde então tudo me entorpece
O peso some, o corpo para, dispara
Me deparo voando com um par de asas
Paraliso com o som de um pulso forte
Descubro que a vida é possível, mas preciso ter sorte

Me deixa voar, me deixa voar, ah ah
Me deixa voar, me deixa voar, ah ah

E voo, voo longe sem fazer parada
Faço de flores e amores minhas curtas moradas
Ter um corpo que transita e me faz enxergar

²¹⁴ Os vídeos dos encontros estão disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=BZrwy1KMxow>; <https://www.youtube.com/watch?v=A0VPcL67nxM>; <https://www.youtube.com/watch?v=8IoAcu1DhJE>; <https://www.youtube.com/watch?v=00-d17PXStE>; Os outros vídeos dos sinais que vem da rua estão disponíveis em <https://www.youtube.com/user/RedeUnida1/videos>

Eu vou, eu sigo, estou onde eu sempre quis estar
 Se eu sinto cheiro no ar, sempre vou me entregar
 O verde vem na mente sempre só pra agregar
 Lembro do medo da escuridão e inventei vida
 Transgressão

Me deixa voar, me deixa voar
 Me deixa voar, me deixa voar²¹⁵

Vi e vivi ainda, com várias de nós mulheres do Micropolítica e Saúde, participando ativamente, da artesanaria do projeto que levou as *descendentes de Aqualtune* serem contempladas por um edital da Fiocruz para a oferta de alimentação para os *irmãos* em situação de rua como elas os denominam. O Projeto Ocupa e Rua mais um entre tantos movimentos realizados há muito por estas mulheres da Ocupação Independente Aqualtune, que *ensinam* a partir de uma *escola-lar* que “Quem Ocupa não tem culpa” e que “Se morar é um privilégio, ocupar é um dever”. Ocupação-implicação...

Um grito-canto-convocação-modo de viver que explicita: Ocupemos-nos de nós mesmos e de outres! Impliquemo-nos com nós mesmos e com outres! Este é o chamado que estas mulheres produzem em nós quando com elas convivemos. Convivialidades com todos os conflitos e aprendizagens, com muitos encontros e desencontros, ao buscarem remar em busca de outros possíveis contra a maré capitalística que nos invade e sufoca. A cada saída muitos encontros, a cada passo um cuidado, a cada prato muitas histórias, a cada noite corpos que não nos deixam esquecer quais vidas são enquadradas como *válidas*... “Entregaram marmita para ele jantar, do Bom Prato, azeda! O feijão estava fervilhando de tão azedo que estava! Acho que esse povo está fazendo um plano de extermínio contra os pobres e morador de rua”. O relato de uma dessas mulheres explicita que o borbulhar do feijão azedo é a materialidade da política necrófila vigente... Mulheres-herdeiras de passos antigos, mulheres que seguem com seus pés firmes cultivando o solo que habitam e que seguem do sul ao oeste da cidade, abrindo trilhas vivificadas na solidariedade. Existências-potências que na singularidade erguem suas vozes e amplificam as vozes de outres também pelos caminhos da arte e da cultura ao serem movidas por um devir sobre outros modos de viver-conviver-cultivar-inventar o existir, em oposição à política de extermínio que se amplificava neste momento. Assim, vi e senti neste período um pouco mais dos cuidados rizomáticos com os quais me encontrei em minha caminhada-navegação. Múltiplos cuidados e em rizoma.

O que fazer no presente que parece ser apenas dor e sofrimento? Viver a potência dos encontros em ato, buscando o cultivo de uma alegria maior que os afetos de tristeza, que seguem como uma onda, é o que estas existências me fazem pensar-sentir... Viver o presente com calma e coragem, como nos falava em mais uma das inúmeras *lives* de que participou nosso *narrador*, como ele mesmo se intitulava,

²¹⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iyZ2PB8vZik>

Ailton Krenak. Um chamado para que pudéssemos viver a experiência singular do presente. E com ele eu pensava sobre uma outra saúde que não está à venda no mercado neoliberal e que sequer precisa ser pensada como um direito, justamente por ser um modo de estar no mundo, como ele nos provocava a pensar-viver na abertura do livro “Reexistir na diferença”

Na perspectiva dos povos originários, por exemplo, esta questão da saúde – mercadoria, não está posto como condição. Você pode dizer para alguém no meio da floresta que saúde é um direito, ele vai te perguntar direito a que? Ele vai dizer que não é um direito, mas um dom, um bem comum, que todo mundo tem, e você não tem carência disso, ninguém reivindica saúde em um lugar onde a vida é uma dádiva, onde a vida é abundante [...] Então esta conversa de saúde tem tudo a ver com outro jeito de estar no mundo. Que seja estar no mundo fora desta perspectiva da mercadoria, do capitalismo, onde o saber é um capital, o saber é patrimonial, se você está fora disso, aí então o saber, as práticas de cuidado, fluem de uma maneira vital, tirando os corpos do lugar de flagelados e pondo os corpos nesse lugar de fricção criativa. Os corpos deixam de ser esses objetos vulneráveis a qualquer peste, a qualquer ataque externo a sua ecologia, e os corpos viram ativos criativos, ativos agentes criadores de histórias de vida, saem fora deste campo que a Medicina entende como saúde, criando corpos que estejam fora deste mercado da saúde [...]

(KRENAK, 2020a p.12).

E, no período, Ailton Krenak também nos provocou a pensar que “O Amanhã não está à venda”

É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas amentam, os humanos proliferam destruindo florestas, rios e animais. Somos piores que a Covid-19. Esse pacote chamado humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Os únicos núcleos que ainda consideraram que precisam se manter agarrados nessa Terra são aqueles que ficaram esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. Esta é a sub-humanidade: caiçaras, quilombolas, aborígenes. Existe, então, uma humanidade que integra um clube seletivo que não aceita novos sócios. E uma camada rústica e orgânica, uma sub-humanidade, que fica agarrada na terra. Eu não me sinto parte dessa humanidade. Eu me sinto excluído dela. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza [...] agora esse organismo, o vírus, parece ter cansado da gente, parece querer se divorciar da gente como a humanidade quis se divorciar da natureza. Ele está querendo nos “desligar”, tirando nosso oxigênio [...] a nossa mãe, a Terra, nos dá de graça o oxigênio, nos põe para dormir, nos desperta de manhã com o sol, deixa os pássaros cantar, as correntezas e as brisas se moverem, cria esse mundo maravilhoso paíra compartilhar, e o que a gente faz com ele? [...] “Filho, silêncio”. A terra está falando isso para a humanidade [...] esse também é o significado de recolhimento (KRENAK, 2020b p. 9).

Viver o presente produzindo pensamento e ação a respeito do que e de quem podemos nos implicar-ocupar como têm feito tantas existências... poetas, educadores, ativistas sociais, militantes, artistas, com os quais dividi de diferentes modos nossos viveres é o que sigo me colocando! Continuidade!

Meu ciclo com o doutorado se encerra ainda na vivência desta tragédia coletiva. O que será que será? O que acontecerá do ponto de vista individual e coletivo ainda é uma incógnita neste momento. Mas estas experiências que temos vivido e construído com vários coletivos e coletivas dão algumas pistas de que outras instaurações são urgentes.

Eu buscava conhecer “O que vem de fora e a saúde não enxerga?” e encontrando com essas vidas minha questão ganhou outras dimensões. Ela não perdeu sua validade. Ao contrário, ela foi habitada por outros contornos, cores, tons, ritmos, expressões. O que vivi com tantas vidas mostra que elas são produtoras de muitas respostas! Respostas construídas a partir de suas obras, que não se separam de seus viveres. Fazeres, saberes e modos de existir que seguem misturados e que questionam intensivamente esta produção de mundo *bionecropolítico*. Atravessando a Ponte, vivendo com tantas vidas a fabricação e o cultivo de muitas pontes, travessias e encruzilhadas, o que me permitiu viver um conjunto de travessias e de encruzilhadas na minha existência, fui invadida pelas produções de tantas vidas neste rizoma que, de um lado, interrogam os modos pífios de construir as práticas de saúde e as políticas públicas - incluindo as da saúde - que se voltam para o governo do viver e, de outro, produzem uma constelação de saídas e soluções muito mais poderosas a partir de múltiplas estratégias e dispositivos de cuidado coletivo, justamente porque dialogam com o que pertence à vida em sua singularidade. Uma movimentação enorme, pulsante, sem fim, experimentada por tantos viventes sobre a fabricação de modos de estar no mundo, que, por sua vez, produzem interferências e mudanças em vários outros viventes. Movimentações com as quais a saúde teria muito a aprender em oposição ao modo como ela opera, ignorando a potência destas fabricações coletivas tão evidenciada em minha caminhada ao contribuir para a produção de dor e sofrimento individual e coletivo.

Há que se produzir outras visibilidades e dizibilidades sobre as movimentações, passagens, fronteiras, vizinhanças, cruzamentos e encruzilhadas que pulsam em tantas territorialidades, algo que nos exige fabricar constantes e distintas movências *por entre* muitas vidas. Carrego marcas disso na pele, um vivido possível porque também cultivei uma persistência em mim. E neste delicado processo de me implicar e de *in-corporar* os arrastões agenciadores de *mais vida na singularidade*, produzidos por tantas existências contra a política produção de morte que nos atravessa a todos, aconteceu uma constelação de travessias em própria minha existência. Arrastões de produção de vida! Arrastões em multidão que explicitam as permanentes micropolíticas que provocam a constituição de *máquinas de guerra* nestes territórios-rizomas. Experiências que apenas pude experimentar... Um possível porque eu estava lá.

É preciso caminhar
 Afinar a escuta
 Refinar o olhar
 Desobstruir os poros
 Seguir de peito aberto
 É preciso caminhar...
 Ouvir sons não conhecidos
 Olhar no fundo de outros olhos
 Farejar novos cheiros
 Segurar outras mãos
 Tocar outras peles
 É preciso caminhar...
 Sentir texturas de outros solos na planta dos pés
 Enxergar os tons, entretons, multitons do caminho
 Percorrer latitudes e longitudes impensáveis
 É preciso caminhar...
 Levar grandes e pequenos sustos
 Encontrar com o imprevisível
 Sentir a vibração que vem das encruzilhadas
 Conspirar em um *respirar com*
 É preciso caminhar...
 Chorar com o outro uma dor que não é só dele
 Sentir alegria por suas movências
 Ser tomado por suas poéticas
 Tecer múltiplas tramas com esta existência
 É preciso caminhar...
 Encharcando-se da potência
 que faz morada em corpos, corpos e corpos
 Vivendo pontes e travessias com estas multidões de mundos
 Resistindo-ocupando-enfrentando o esmagamento do viver
 É preciso caminhar...
 É preciso caminhar...
 E foi no caminhar-navegar
 com tantos *Corpes-Casa-Multidão* que tudo foi possível

Figura 113: imagem da Zona Sul enviada por Jefferson Santana

Um possível apenas porque eu estava lá²¹⁶

Sem fim... continuando a navegar... caminhando por entre pontes, travessias e encruzilhadas e vivendo as miudezas permanentemente produzidas por muitos *Corpes-Casas* que seguem em tensão, inventando existências e resistências rizomáticas.

²¹⁶ “Porque eu estava lá” que escrevi durante meu caminhar-navegar.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO A.L et al. O pesquisador in-mundo e o processo de produção de outras formas de investigação em saúde. In: Merhy, E. E.; Baduy, R. S., Seixas, C. T.; Almeida, D. E. S., & Slomp Junior, H. (Orgs.) In: **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes**. Rio de Janeiro: Hexis, 2016. v.1, p.22-30.
- ACHILE, M. **Crítica razão negra**. São Paulo: n-1, 3ª ed. 2019.
- A revolução ignorada – liberação da mulher, democracia direta e pluralismo radical no oriente médio / traduzido por Paulo Ferraz. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.
- ADCHIE, C.N. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALVES, D. Rés negras, juízes brancos: Uma análise da interseccionalidade de gênero, raça e classe na produção da punição em uma prisão paulistana. **Revista CS**. Colombia. v. 21. p. 97-120, 2017
- AZEVEDO, A. B.; HENZ, A.O.; RODRIGUES, A. Pesquisar no lugar infame, obscuro e mudo. In: Mendes, R; Azevedo, AB.; FRUTUOSO, M.F.P. **Pesquisar com os pés – Deslocamentos no cuidado e na saúde**. São Paulo: Hucitec e Fapesp, 2019. p. 99-117
- BARROS. M. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ªed. 1993.
- BATISTA, L.E.; BARROS, S. Enfrentando o racismo nos serviços de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**. São Paulo. v.33. p.2-5. 2017.
- BORGES, J. Mulheres negras na mira. **SUR 28 Revista Internacional de Direitos Humanos**. São Paulo. v.15 n.28, p.45 – 53. 2018.
- _____. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BRITO, F.D.; JAQUES, P.B. Cenografias e Corpografias Urbanas, um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. **Cadernos PPG-AU/UFBA**. v. 7, edição especial - Paisagens do Corpo. UFBA. p.79-86. 2008.
- CAETANO, P.L. Por uma Estética das Sensações: o corpo intenso dos Bartenieff Fundamentals e do Body-Mind Centering. **Revista Brasileira de Estudos Presença**. Porto Alegre. v.5, n.1, p.206-232. 2015.
- CAPOZZOLO, A.A.; RODRIGUES, A. Conspirar *com*. In: Mendes, R; Azevedo, AB.; FRUTUOSO, M.F.P. **Pesquisar com os pés – Deslocamentos no cuidado e na saúde**. São Paulo: Hucitec e Fapesp, 2019. p.96-98
- CARVALHO, M.J.M. Cidades escravistas. In: Schwarcz, L. M.; Gomes, F. (Orgs) **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das letras, 2018, p.156-162
- CARVALHO, Y.M. Práticas corporais e comunidade: um projeto de educação física no Centro de Saúde Escola Samuel B. Pessoa. In: FRAGA, A. B. & WACHS, F. **Educação física e saúde coletiva**. 2.a ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

CARVALHO, Y. M.; MENDES, V.M. . Ler e escrever: vamos fazer uma experiência?. In: Manoel, E.J.; Dantas L.E.P.T (Org.). **Professor, leitor e escritor: fazendo a Educação Física**. 1ed.Curitiba: CRV, 2017, v. 1, p. 63-76.

CARLOS, D. Ialodês e Capulanas: um oceano de saberes femininos. In: Capulanas Cia de Arte Negra e Salloma Salomão Jovino da Silva (Orgs.). **Negras Insurgências – Teatros e dramaturgias negras em São Paulo: perspectivas históricas e práticas**. São Paulo: Círculo contínuo, 2018, p.49-55.

CASA sã, recebe nós. In: Faustino, C; Capulanas Cia de Arte Negra (Orgs.). **Mulheres líquido – os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra**. São Paulo: Programa de fomento ao teatro – Prefeitura de São Paulo. 2014. p.43-45

CASTRO, E. V. **Coleção Encontros**. Rio de Janeiro: Editora Azougue, 2007.

CASTRO, E.V. **Involuntários da pátria**. São Paulo: n-1, 2016.

CESAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá Costa editora, 1978.

CIRIACO, R. **Vendo pó...esia**. São Paulo: Editora Noz, 2016.

CITELI, M. T. As desmedidas da Vênus negra: gênero e raça na história da ciência. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 61, p. 163-175, 2001.

COHEN B. **Sentir, Perceber e agir: educação somática pelo método body mind centering**. São Paulo: SESC, 2015

CORALINA, C. **Meu livro de Cordel**. São Paulo: Global Editora. 1976.

CORDEIRO, A. L. A. Recuperando o imaginário da deusa: estudo sobre a divindade aserá no antigo Israel. 2009, 110p. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica, Goiás, 2009.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34. 7ª ed. 2013.

_____. **Lógica do sentido**. Perspectiva. 2009. 5ed. p. 151-136.

_____. **Espinosa Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta. 2002.

_____. **A Dobra: Leibniz e o Barroco**. Campinas: Papirus. 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34. 2011.

_____. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34. 2010.

_____. O liso e o estriado. In: Deleuze, G.; Guattari F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. v.5, São Paulo: Editora 34. 2012. p.191-228.

_____. Como criar para si um corpo sem órgãos? In: Deleuze, G.; Guattari F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. v.3, São Paulo: Editora 34. 2012. p.11-33.

_____. Micropolítica e segmentaridade In: Deleuze, G.; Guattari F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. v.3, São Paulo: Editora 34. 2012. p.91-125.

_____. Introdução: rizoma. In: Deleuze, G.; Guattari F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. v.1, São Paulo: Editora 34. 2011. p.17-49.

DIAS, L.; AZEVEDO, J. BENEDICTO, N. **Santo Dias: quando o passado se transforma em história**. São Paulo: Cortez editora. 2004.

EVARISTO C. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas. 3ed. 2017

_____. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas. 2018.

_____. Da grafia-desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ANTONIO, A. M. (Org). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

_____. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FAUSTINO, C. ; Capulanas Cia de Arte Negra (Orgs). **Mulheres líquido – os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra**. São Paulo: Programa de fomento ao teatro – Prefeitura de São Paulo. 2014.

FAUSTINO, D.M. A universalização dos direitos e a promoção da equidade: o caso da saúde da população negra. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.22, n.12, dec. 2017.

FEDERICI S. **O Calibã e a Bruxa**. São Paulo: Editora Elefante. 2017

FEUERWERKER, L.C.M. Da Atenção Básica à Atenção Primária – do cuidado integral territorializado à focalização médico-centrada no SUS. AMAQ, PMAQ e remuneração por “resultados”. In: **Perspectivas para o cuidado, para a avaliação e para a pesquisa na APS**. 2020. No prelo

FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins fontes, 2005. p. 304-306

HENZ, A.O. et al. Pactos do sensível. **Revista interterritórios**. Caruaru, v.5, n.9, 2019.

HENZ, A.O. et al. Cabeça Dizpensa, corpo desvago: experimentações de um Laboratório de Sensibilidades Desvago. **Fractal - Revista de Psicologia**. Rio de Janeiro, v..29, n..2, 2017

HOOKS, B. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

INFORSATO, E. A. **Desobramento: constelações clínicas e políticas do comum**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. Adaptação e simpatia: trajetórias críticas na clínica. **Interface**: Botucatu, v.15, n.38, 2011

LIMA, F. MERHY, E. E. Produção de conhecimento, ciência nômade e máquinas de guerra: devires ambulantes em uma investigação no campo da saúde coletiva. In: Merhy, E. E.; Baduy, R. S., Seixas, C. T.; Almeida, D. E. S., & Slomp Junior, H. (Orgs.) **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes**. Rio de Janeiro: Hexis. 2016. P.18-21

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras. 2019

KRENAK A. Saúde! Um negócio de outro mundo – Prefácio. In: Merhy, E.E.; Moebus R.L.N. **Re-existir na diferença**. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020a.

KRENAK, A. **O mundo não está à venda**. São Paulo: Companhia das letras. 2020 b.

KILOMBA G. Memórias da Plantação – episódios de racismo no cotidiano. São Paulo: Cobogó. 2019.

KOROL, C. **Feminismos populares: Pedagogías y políticas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: El Colectivo; Editorial Chirimbote; America Libre, 2016.

MARÇAL. D. O espelho que recriei. In: Paixão A.; Cerqueira, A.; Rosa; A. Souza A.; Lopes C.; Cassimano; Marçal. D.; Souza. El; Guma; Rosa Fl.; Naranjo J.M.; Passo K.; Paco L.; Trindade M.; Preta. P.; Trindade R.; Silva, S.S.J.; Trindade, Z (Orgs.). **{EM} GOMA Dos pés à cabeça dos quintais que sou**. São Paulo: Capulanas. 2011.p.18-23

MARINHO, M.V. **Cooperifa e a literatura periférica: poetas da periferia e a tradição literária brasileira**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MARTINS, L. Performances do tempo espiralar. In: Ravetti, G.; Arbex, M. (org). **Performances: errâncias territoriais e textuais, exílio, fronteiras**. Belo Horizonte: Poslit. 2002. p.69-91

MARTINS, G. O Pulso ainda pulsa. In: Martins, G.; Moura D.; Reis R.; **A dança da Indignação**. São Paulo: Papel Brasil. 2017. p.17-22.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1, 3 ed. 2019.

MERHY, et al. Rede Básica, campo de forças e micropolítica: implicações para a gestão e cuidado em saúde. **Saúde em debate**. Rio de Janeiro, v..43 n. especial 6, p. 70-83, 2019.

MERHY, E.E. Vivenciar um campo de formação de profissionais de saúde: dobrando em mim o fazer da Unifesp Baixada Santista. In: Capozzolo A.A.; Casetto S.J.; Henz A.O., (org). **Clínica comum: itinerários de uma formação em saúde**. São Paulo: Hucitec; 2013. p. 19-34.

MENDES, V.M.; CARVALHO, Y.M. **Práticas Corporais e Clínica Ampliada**. São Paulo: Hucitec, 2016.

MENDES et al. Ocupações poéticas de si e do outro: cartografando encontros entre arte, cultura e produção da vida. **Revista Psicologia Política**, v. 19. n.45, p. 351-369. 2019

MENDES, R. et al. Movimentos de partida, deslocamentos e ressonâncias. In: Mendes, R; Azevedo, AB.; FRUTUOSO, M.F.P. **Pesquisar com os pés – Deslocamentos no cuidado e na saúde**. São Paulo: Hucitec e Fapesp, 2019. p. 13-26

MILANEZ F. et al. Existência e Diferença: O Racismo Contra os Povos Indígenas. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v.10, n.3. 2019, p. 2161-2181.

MOTA, A Tempos cruzados: raízes históricas da Saúde Coletiva no estado de São Paulo – 1920-1980. 2017. 332p. Livre docência. Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

NASCIMENTO, E.P. **Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. **É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. **Vozes marginais na literatura.** Rio de Janeiro: Aeroplano. 2009.

ORLANDI, L.B.L. O habitat espinosano de Deleuze. In: Orlandi, L.B.L. **Arrastões na imanência.** Campinas, SP: Editora Phi, 2018. p.19-45

_____. Duplo combate na imanência. In: Orlandi, L.B.L. **Arrastões na imanência.** Campinas, SP: Editora Phi, 2018. p.51-61

_____. Pensar e devir criança. In: Orlandi, L.B.L. **Arrastões na imanência.** Campinas, SP: Editora Phi, 2018. p.95-103

PAIXÃO A. Cada vez mais perto. In: Paixão A.; Cerqueira, A.; Rosa; A. Souza A.; Lopes C.; Cassimano; Marçal. D.; Souza. El; Guma; Rosa Fl.; Naranjo J.M.; Passo K.; Paco L.; Trindade M.; Preta. P.; Trindade R.; Silva, S.S.J.; Trindade, Z (Orgs.). **{EM} GOMA Dos pés à cabeça dos quintais que sou.** São Paulo: Capulanas. 2011.p. 40-48.

_____. Somos amefricanas, somos atlânticas... In: Faustino, C; Capulanas Cia de Arte Negra (Orgs). **Mulheres líquido – os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra.** São Paulo: Programa de fomento ao teatro – Prefeitura de São Paulo. 2014. p.31-34

_____. “Por uma sociologia do teatro negro feminino das Capulanas: indícios e percursos. In: Capulanas Cia de Arte Negra e Salloma Salomão Jovino da Silva (Orgs.). **Negras Insurgências – Teatros e dramaturgias negras em São Paulo: perspectivas históricas e práticas.** São Paulo: Ciclo contínuo, 2018, p.57-63.

PASSETI, E. Ensaio sobre um abolicionismo penal. **Verve**, v. 9, 2006, p. 83-114.

PELBART, P.P. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo... **Saúde e Sociedade** São Paulo, v.24, supl.1, p.19-26, 2015.

PELBART, Peter Pál. Exclusão e biopotência no coração do Império. In: Seminário estudos territoriais de desigualdades sociais, São Paulo, 2001.

PELBART, P.P. Capitalismo rizomático. In: PELBART, P.P. **Vida capital – ensaios de biopolítica.** São Paulo: Iluminuras. 2011, p. 96 - 106.

PELBART, P.P. Por uma arte de instaurar modos de existência que “não existem”. **Livro da 31ª Bienal de São Paulo Como (...) as coisas que não existem.** 2014. https://issuu.com/bienal/docs/31_livro_pt/252

PELBART, P. P. Biopolítica. **Sala Preta**, São Paulo, n.7, p.57-65, 2007.

OBACI, P. Me deram o não lugar... eu criei meu lugar. In: Paixão A.; Cerqueira, A.; Rosa; A. Souza A.; Lopes C.; Cassimano; Marçal. D.; Souza. El; Guma; Rosa Fl.; Naranjo J.M.; Passo K.; Paco L.; Trindade M.; Preta. P.; Trindade R.; Silva, S.S.J.; Trindade, Z (Orgs.). **{EM} GOMA Dos pés à cabeça dos quintais que sou.** São Paulo: Capulanas. 2011.p 33-37.

RODRIGUES, A.; PEREIRA, P. B. A.; MENDES, V.M.; FEUERWERKER, L. C. M. . Das cartas trazidas pelas asas de um uirapuru: o que inventam e sustentam corpos em tensão na potência-resistência-arte-alegria-luta?. **ALEGRAR**. Campinas: v. ago/dez, p. 01-410, 2020.

RODRIGUES JR., L. R. Pedagogia das encruzilhadas. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 71-88, 2018

ROLNIK, S. **A hora da micropolítica.** São Paulo: n-1, 2016

ROSA, F. Olhares e vozes da Rosa. In: Paixão A.; Cerqueira, A.; Rosa; A. Souza A.; Lopes C.; Cassimano; Marçal. D.; Souza. El; Guma; Rosa Fl.; Naranjo J.M.; Passo K.; Paco L.; Trindade M.; Preta. P.; Trindade R.; Silva, S.S.J.; Trindade, Z (Orgs.). **{EM} GOMA Dos pés à cabeça dos quintais que sou.** São Paulo: Capulanas. 2011.p.25-37

ROSA, F. Vozes e palavras bordadas de mulheres negras: a construção poético-dramatúrgica capulânica. In: Capulanas Cia de Arte Negra e Salloma Salomão Jovino da Silva (Orgs.). **Negras Insurgências – Teatros e dramaturgias negras em São Paulo: perspectivas históricas e práticas.** São Paulo: Ciclo contínuo, 2018, p.65-75.

SALOMÃO, S.; Entre práticas dispersas, potentes e antigos jogos de poder, o saber fazer cultura negra em São Paulo. In: Capulanas Cia de Arte Negra e Salloma Salomão Jovino da Silva (Orgs.). **Negras Insurgências – Teatros e dramaturgias negras em São Paulo: perspectivas históricas e práticas.** São Paulo: Ciclo contínuo, 2018, p.157-196.a

_____. Ainda sobre estéticas e éticas teatrais negras, a partir de quatro experiências distintas. In: Capulanas Cia de Arte Negra e Salloma Salomão Jovino da Silva (Orgs.). **Negras Insurgências – Teatros e dramaturgias negras em São Paulo: perspectivas históricas e práticas.** São Paulo: Ciclo contínuo, 2018, p.199-227.b

RAGO, M. O corpo exótico, espetáculo da diferença.
<https://www.labrys.net.br/labrys13/perspectivas/marga.htm>

SLENES, R.W. Africanos centrais. In: Schwarcz, L. M.; Gomes, F. (Orgs) **Dicionário da escravidão e liberdade.** São Paulo: Companhia das letras, 2018, p.64-70

SANT'ANNA, S. **Santo - dos nossos - Dias: fé política e compromisso social no cotidiano de luta de um operário na Paulicélia dos anos 70.** São Paulo: Líber edições. 2004.

SANTANA, J. J. **Das ruas para a sala de aula: a valorização acadêmica da literatura marginal.** 2012. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

SANTANA et al. A equidade racial e a educação das relações étnico-raciais nos cursos de Saúde. **Interface**, Botucatu, v.23, p.1-15, 2019.

SILVA, S.S.,J. Capulanas Cia de Arte Negra: sob o signo da reinvenção. In: Paixão A.; Cerqueira, A.; Rosa; A. Souza A.; Lopes C.; Cassimano; Marçal. D.; Souza. El; Guma; Rosa Fl.; Naranjo J.M.; Passo K.; Paco L.; Trindade M.; Preta. P.; Trindade R.; Silva, S.S.J.; Trindade, Z (Orgs.). **{EM} GOMA Dos pés à cabeça dos quintais que sou.** São Paulo: Capulanas. 2011.p.93-104.

SOUZA. E. **Águas da Cabaça.** São Paulo: Selo Mjiba. 2012.

SCHUCMAN, L.V. “Sim, somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana”. **Psicologia e Sociedade.** v.26, n.1.p.83-94. 2014

SCHWARCZ, L. M. Escravidão indígena e o início da escravidão africana. In: Schwarcz, L. M.; Gomes, F. (Orgs) **Dicionário da escravidão e liberdade.** São Paulo: Companhia das letras, 2018, p.216-222.

SILENCIEI para falar. In: Faustino, C; Capulanas Cia de Arte Negra (Orgs). **Mulheres líquido – os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra.** São Paulo: Programa de fomento ao teatro – Prefeitura de São Paulo. 2014. p.77-83

TENNINA, L. **Cuidado com os Poetas! Literatura e periferia na cidade.** Porto Alegre: Editora Zouk. 2017.

_____. As poetisas da Periferia: imaginários, coletivos, produções e encenações. In: Tennina L. **Cuidado com os Poetas! Literatura e periferia na cidade São Paulo.** Porto Alegre: Editora Zouk. 2017. p.175-224.

UMA vez poetisas ambulantes... São Paulo: Conecta Brasil, 2013.

VAZ, S.; DANTAS, A. **Revista da Cooperifa.** Vai – Valorização de Iniciativas Culturais; Ministério da Cultura; Itaú Cultural. n.1, 2010. p.1-46
https://issuu.com/alexandre.de.maio/docs/revista_cooperifa_um

VAZ, S. **Literatura Pão e Poesia: histórias de um povo lindo e inteligente.** São Paulo: Global editora. 2011

VAZ, S. **Colecionador de pedra.** São Paulo: Global, 2013.

XAVIER. L.R. **Cartas entre abolições inacabadas: Escravidões, liberdades e invenções histórias entre mulheres negras.** Monografia (Graduação em Psicologia). Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, São Paulo, 2012.

WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e sociedade.** [online]. vol.25, n.3, p.535-549. 2016.

ZOURABICHVILI, F. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento.** São Paulo: Editora 34. ed. 2016

ANEXOS

Anexo1 – Trabalho apresentado no XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte intitulado “O que pode a educação física no território? Visibilizando conexões entre território, vida e práticas corporais”.

XXI CONBRACE - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte - 16 a 20 setembro Natal, RN

O que pode a Educação Física no território? visibilizando conexões entre território, vida e práticas corporais

Valéria M. Mendes - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo (FSP/USP), valeriamm@usp.br
 Laura C.M. Feuerwerker - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo (FSP/USP), laura.macruz@gmail.com
 Edna Maria Santos - Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim (CPC), ednacuper@gmail.com
 Aline Amância de Lima - Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim (CPC), aamancial.aline@gmail.com
 Yara Maria de Carvalho - Escola de Educação Física e Esporte da USP (EEFE/USP), yaramc@usp.br

INTRODUÇÃO
 O modo hegemônico de fabricar o cuidado e as políticas públicas tem produzido distanciamentos das questões e invenções relacionadas à vida, resultando na deslegitimação de formas de convivência, de conformação de coletivos e de lutas que pautam temas desconsiderados por alguns coletivos. Problematisa-se a construção de diálogos com as questões, desejos e saberes de distintos viventes para a composição de ações mais compartilhadas e cuidadoras, incluindo a educação física que ainda enfatiza nos serviços de saúde ações medicalizadoras, homogeneizadoras e tecnicistas, apesar das aproximações com as ciências humanas e sociais e a saúde coletiva.

OBJETIVO e METODOLOGIA
 Partilhar experiências de uma Casa de Cultura, visibilizadas com pesquisa de doutorado na Faculdade de Saúde Pública da USP. Metodologia: cartografia e os procedimentos observações (diário de campo), acompanhamentos e conversas (entrevistas).

DISCUSSÃO
 Em 1984, comunidade e movimentos sociais fundaram a entidade “Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim” almejando um espaço para cultivar modos de cuidar, defender e proteger os elementos constitutivos da vida dos moradores da região como a cultura afrodiaspórica e nordestina e os saberes da cultura popular, tornando-se o primeiro espaço cultural da região com gestão comunitária e referência para outras Casas de Cultura. Desde 1992 foi vinculada à secretaria de cultura e coexiste como entidade e equipamento da Prefeitura. Dos grupos e atividades, citamos: Flor de lis e Espírito de zumbi (capoeira, percussão, dança afro, festa do Panelafro); baile da 3ª idade; tai-chi; teatro; café filosófico da periferia; samba da cultura; movimento de moradia e grupos intermitentes definidos pela Secretaria. Traremos o grupo Flor de lis, pois sua experiência permite interrogar a Educação Física em sua relação com a produção da saúde. O grupo foi concebido em 1996 por uma psicóloga, que ainda o coordena, como um espaço de convivência que resultou do compartilhamento das histórias, saberes e necessidades de suas integrantes, tendo as danças brasileiras sido incorporadas em 2003. Desde 2009 ele é conduzido por professora com tal formação, moradora da região e atualmente graduanda em “educação física e saúde” pela USP. O grupo proporciona diferentes encontros: entre as participantes, destas com a Casa e a região e para além dessas. Aprendizagens de um cuidado partilhado, de si e do outro, pela experimentação do corpo com ritmos, canto, composição de canções e coreografias, gravação de CD e apresentações pela cidade. A permanência destas mulheres na Casa, considerada um dos “quilombos” da região, remete à potência de produzir coletivamente cuidado, proteção e defesa de povos, valores e vidas em sua singularidade. Em aliança com outros integrantes, moradores e não moradores da região, inventam modos de viver e resistir às permanentes tentativas de desmonte de tal espaço.

Figuras 1 e 2: encontros do grupo Flor de Lis - Casa de Cultura de M'Boi Mirim.

Figura 3 (à direita): área externa da Casa de Cultura de M'Boi Mirim - bairro de Piraporinha, zona sul de São Paulo.

Figuras 4 e 5 (acima e à direita): sala onde ocorrem os encontros dos grupos da Casa de Cultura.

Figuras 5: dos encontros do grupo Flor de lis - E. E. Oscar Pereira Machado, Jardim Ângela - São Paulo.

CONCLUSÃO

As “práticas corporais” são potentes porque encontram com outras racionalidades, saberes e linguagens, favorecendo diálogos com a vida ao enfatizarem o vínculo, a corresponsabilidade e ações mais cuidadoras. Abrem-se visibilidades de que o território não se restringe ao componente geográfico. Há muito a aprender nos territórios e esta Casa oferece pistas sobre modos de compor relações mais solidárias, partilhadas, na diferença e em ato.

Anexo 2: Carta - Aniversário de 36 anos da Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim

Aniversário de 36 anos da Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim

Hoje estamos comemorando os 36 anos da Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim que tem o seu registro de nascimento em 10/03/1984.

Esta Casa Popular nasceu do desejo e da luta dos Coletivos de nossa região, que deram o seu suor para levantar estas paredes em mutirão, que depositaram aqui os seus anseios de um lugar no qual pudessem: construir coletivamente; um lugar onde se vissem representados culturalmente e pudessem vivenciar suas alegrias e esperança.

Esta Casa Não nasceu em 10 de Março por acaso. Ela nasceu nesta data porque foi gestada por maioria de mulheres. Mulheres e homens que lutaram contra Ditadura, ou seja, esta Casa Popular de Cultura nasceu da *Resistência pela Democracia*, da *Luta pela Igualdade de Direitos*, pelo desejo de construir cultura coletivamente, pela valorização da cultura popular, pela *Liberdade* do fazer cultural e pela *Esperança* de um mundo mais justo e igualitário.

Cabe ressaltar que a Casa Popular de Cultura da região do Guarapiranga e M'Boi Mirim, assim que ela foi registrada, existia neste espaço desde março de 1984 e somente em dezembro de 1992 as Casas de Cultura do Município de São Paulo foram criadas pela Secretaria Municipal de Cultura. Esta união e parceria se deram com o reconhecimento em Diário Oficial, que oficializava o reconhecimento desta história de construção coletiva neste espaço e participação popular na gestão pública da Casa de Cultura de M'Boi então criada naquele decreto. Respeitando-se inclusive, as indicações de gestores para a coordenação da Casa.

Ressaltando também, que a Casa Popular de Cultura da região do Guarapiranga e M'Boi Mirim, conforme ela fora registrada, existia neste mesmo espaço desde março de 1984 e que somente em dezembro de 1992 houve a criação das Casas de Cultura do município de São Paulo pela Secretaria Municipal de Cultura. Esta união e parceria se deram com a publicação em Diário Oficial que oficializava o reconhecimento desta história de construção coletiva no referido espaço e a participação popular na gestão pública da Casa de Cultura de M'Boi então criada naquele decreto, havendo inclusive o respeito pela Secretaria Municipal de Cultura às indicações dos gestores para a coordenação da Casa por aquelas e aqueles que a vivenciavam cotidianamente.

Cabe lembrar também a importância da Casa Popular de Cultura para a criação e manutenção deste espaço como um lugar de Cultura. No início deste processo, os coletivos fundadores da Casa Popular de Cultura tiveram que enfrentar milícias que queriam se apossar do espaço para ocupações, pessoas que queriam transformá-lo em quadra de futsal, projetos para que ela fosse transformada em Posto Policial.

Até mesmo depois da criação das Casas de Cultura Municipal foi de fundamental importância a participação popular, pois sem ela este espaço público não existiria, visto que no ano de 2000 houve a publicação de seu fechamento em Diário Oficial por um decreto do secretário Municipal de Cultura. Decreto que só foi revertido, um mês depois, graças a luta e resistência dos coletivos.

Outro momento importante e fundamental da participação da Casa Popular de Cultura aconteceu num período de quase 10 anos, no qual as Casas Municipais ficaram sob a administração da Subprefeitura. Neste período, esta Casa Municipal não recebeu sequer um centavo destinado a custear as atividades culturais. Assim, vivenciamos a subprefeitura de M'Boi Mirim se restringindo apenas à zeladoria de nossa Casa (manutenção do prédio, da vigilância e da limpeza). Para que a este espaço pudesse continuar prestando os serviços para o qual ele foi criado: um espaço Cultural, a Casa Popular de Cultura e seus Coletivos, assumiram sozinhos a responsabilidade de oferecer a nossa comunidade, o trabalho cultural que seria também da responsabilidade da administração pública.

Este projeto da Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim tem suor, trabalho, sonho e esperança de muita gente. Pessoas como alguns de seus fundadores: Maria Mistura, Maria Saraiva, Bernadete Vasconcelos, Neuza Nunes, Sr. Avelino, Conceição Peres, Aurélio Peres, Lindaci Silva e Zilda Rosa Vieira a (primeira coordenadora indicada pelos coletivos e contrata pelo Município. Indicação que foi respeitada até 9 ou 10 anos atrás). A Casa também é fruto dos que vieram depois e ajudaram a manter esse sonho como Arakurin, Sergio Galli, Edna, Jocelino, Manoel, Vera, Herculano, Rabi, Antônio, Daniel, Euler, Luiz, Rita, Maisa, Odete, Alania, Nilda, Fabiana Ivo, Dico, Negho, Jaiane, Professor Gilberto (que não está mais fisicamente entre nós) que continuam aqui e/ou construindo em outros lugares – muitos e muitas que continuam aqui e/ou seguem construindo cultura em outros lugares. Esta Casa Popular de Cultura também decorre de tantos outros profissionais de diferentes áreas e de coletivos que descobriram aqui seus talentos e sua arte ou que beberam e bebem dessa fonte e levam consigo a força dessa luta, a alegria dessa vivência e a esperança desse sonho, como Aline, Gel, Shirley, Sucuri, Alan, Alemão, Cintia, Tubaina, Maris, Gal, Neia, Iluokan, Kizumba, Cocão, Daniel Fagundes, Pessoa, Raquel ...

Identificamos essa “chama acesa” também nas ações de coletivos como na indignação das “Danças Furiosas” do Sansacroma, no empoderamento das Capulanas e na Força criativa do Umojá, que também beberam nessa fonte.

A Casa Popular de Cultura não é apenas um papel. ELA VIVE, por isso estamos comemorando o seu aniversário. Vive aqui e em outros lugares: no Vale do Ribeira com Marinho Mar com suas aulas de artes, em Minas com a construção coletiva de Herculano, nas aulas de Fiona para refugiados em Berlim, na dança de Timbó em Paris, nas histórias do Grupo Flor de Lis levadas em vídeos para Portugal e Estados Unidos; na participação deixada por de Arakunrin “Defender do Sagrado”, movimento mundial que aconteceu em Portugal em 2018.

Enquanto esta história e experiência de participação e cultura popular forem registradas e estudados por Universidades em dissertação e teses de mestrado e doutorado, enquanto “os nossos” (Aline, Gel, Shirley, Neia, Iluokan, Grillo ...) forem pra universidade aperfeiçoar os seus conhecimentos e levar o que aprenderam aqui, este Projeto sobreviverá.

Enquanto este espaço puder proporcionar encontros como os de Jr. Kaboklo com Sebastião Biano. (Encontro que pôde revigorar a Banda de Pifanos de Caruru e encontrar um novo membro para essa tradicional Banda). Enquanto este lugar puder ser o espaço onde proporcionou os ensinamentos das congadas, que Mestre Raimundo trouxe de Minas Gerais e ofereceu ao Flor de Lis - vivências estas que ele já não tinha mais lugar pra compartilhar e nem mais ninguém que quisesse ouvi-las e teria morrido com ele. Enquanto Geraldo Magela do Candearte vier toda quarta feira de Taboão de Serra com seu violão nas costas para compartilhar sua arte com o Grupo Flor de Lis..

Enquanto tiver espaço para a Noite dos Tambores e ainda para parcerias com a Cooperifa, as Escolas da Região, o Instituto Favela da Paz, o Bloco do Beco, CITA, a Feira Felizs , o Fórum do Idoso de M'Boi Mirim, Bloco do Hercu, a comunidade Santos Mártires, a Casa Popular de Cultura Viverá.

Ela vive no nosso fazer cultural aqui e onde os coletivos nascidos nesse espaço participam. Ela vive também, onde se vivenciar a “capoeiragem”, a roda de coco, os bastões do maculelê, as danças e se ouvir os tambores e os cantos que o Grupo Espírito de Zumbi tem realizado por mais de 30 anos, mostrando a sua arte de luta e resistência pela cultura afro brasileira. Ela vive ainda onde soar a força dos tambores do É DI Santo e onde se ouvir a voz de Edite e a poesia personificada em superação, junto com a Cooperifa, que também constitui a identidade desta Casa como um quilombo cultural. Identidade reavivada nos encontros semanais do Grupo Flor de Lis ou quando este sobe no tapete vermelho e mostra que “Ser Idoso é ser vitorioso” e que vive na luta diária do ser mulher, ser Idosa e ser de periferia ou que se mostra nas suas lindas e ricas danças e canções da cultura popular tradicional, criadas e coordenadas por Aline.

A Casa Popular de Cultura permanecerá viva enquanto continuar a reflexão dos professores do Café Filosófico; a luta por um teto pelo movimento de moradia; a resistência de mais de 30 anos do professor Arakunrin que

carrega a alegria e descobertas dos muitos meninos e meninas que viram/viraram “gente grande” na Oficina de Capoeira. A Casa seguirá viva também pelo cultivo há mais de 25 anos de perseverança dos Tai Chi Chuan de Aldeir e Laudelina e da Oficina de Teatro com Sandra e pelos mais de 10 anos da roda de Samba do “Samba dá Cultura” nos lindos sambas tradicionais que abrilhantam também outros terreiros de “bambas” e alegram os nossos primeiros domingos de cada mês e ainda no furor dos tambores do Bloco de Carnaval do É DI Santo que ressoa a 10 anos pelas ruas do Piraporinha na segunda feira de carnaval.

Enquanto existir a alegria do Baile de Terceira Idade, que completará 26 anos em maio. Enquanto nas últimas sextas feiras de cada mês existir a cultura viva que há 20 anos o Espirito de Zumbi proporciona através do Panelafro, valorizando a contribuição do negro na cultura e na sociedade brasileira, existirá Casa Popular de Cultura de M`Boi Mirim.

Enquanto Este espaço for frequentado por milhares de pessoas pra vivenciar o seu fazer cultura popular, que vem de toda Cidade, do país e do Exterior, enquanto as pessoas do “centro” puderem compartilhar com os da periferia, sem medo, e puder pegar na mão dos que não são seus iguais com a alegria nos rostos, com a liberdade da dança em seus corpos, com a possibilidade de cantar, criar, viver a beleza, “lavar a alma” depois de um dia exaustivo da luta pela vida e pela sobrevivência: a Casa Popular de Cultura estará viva, porque ela vive em todos nós que compartilhamos esse fazer Cultura Popular, esse ideal de mundo.

Parabéns a Casa Popular de Cultura de M`Boi Mirim por seus 36 anos de Existência, de Luta e Resistência e Parabéns a todos nós que damos vida a Ela.

CURRÍCULO LATTES

Currículo lattes – Laura Camargo Macruz Feuerwerker (orientadora)

Laura Camargo Macruz Feuerwerker

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/1348050253250794>

ID Lattes: **1348050253250794**

Última atualização do currículo em 20/08/2020

Possui graduação em Medicina pela Universidade de São Paulo (1983), mestrado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1997), doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (2002) e livre-docência em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (2012). Atualmente é professora associada do Departamento de Política, Gestão e Saúde da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Linha de Pesquisa Política e Gestão. Participa do Observatório de Análise de Políticas de Saúde e de Educação na saúde, coordenado por Emerson Merhy, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No campo da produção do conhecimento, atua principalmente nos seguintes temas: análise de políticas de saúde, gestão, da produção do cuidado e do trabalho em saúde, saúde mental, educação de profissionais de saúde. Na extensão, desenvolve atividades de apoio à educação permanente e ao desenvolvimento da gestão junto a secretarias municipais de saúde. (Texto informado pelo autor)

Identificação

Nome	Laura Camargo Macruz Feuerwerker
Nome em citações bibliográficas	FEUERWERKER, L.C.M.;FEUERWERKER, Laura Macruz;FEUERWERKER, Laura;FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz;Feuerwerker, L. C. M.;FEUERWERKER, LAURA C. M.;FEUERWERKER, LAURA C.M.
Lattes ID	http://lattes.cnpq.br/1348050253250794
Orcid ID	https://orcid.org/0000-0001-6237-6167

Endereço

Endereço Profissional	Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública. Avenida Dr. Arnaldo,715, Departamento de Prática de Saúde Pública, sala 7792 Pacaembu 01246-904 - São Paulo, SP - Brasil Telefone: (11) 30617796
------------------------------	---

Formação acadêmica/titulação

2000 - 2002	Doutorado em Saúde Pública (Conceito CAPES 6). Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Título: Mudanças na educação médica - os casos de Londrina e Marília, Ano de obtenção: 2002. Orientador: Francisco Bernardini Tancredil. Palavras-chave: educação médica; mudanças na formação dos profissionais de saúde; estratégias de mudança na educação médica; trabalho em rede; políticas públicas de saúde e educação; mudanças nas práticas de saúde. Grande área: Ciências da Saúde Grande Área: Ciências da Saúde / Área: Saúde Coletiva. Grande Área: Ciências da Saúde / Área: Saúde Coletiva / Subárea: Saúde Pública / Especialidade: Políticas de Saúde. Setores de atividade: Educação Superior; Políticas, Planejamento e Gestão em Saúde.
1992 - 1997	Mestrado em Saúde Pública (Conceito CAPES 6). Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

Currículo Lattes – Valéria Monteiro Mendes

Valéria Monteiro Mendes

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5101330095560251>

ID Lattes: 5101330095560251

Última atualização do currículo em 23/12/2020

Doutora pelo Programa de Saúde Pública - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (PPGSP - FSP/USP). Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo. Graduação em Educação Física (Licenciatura Plena) pela Universidade do Estado do Pará. Integrante do grupo Micropolítica e Saúde, coordenado pela Profª Laura Camargo Macruz Feuerwerker, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP), do Observatório de Políticas Públicas, Educação e Cuidado em saúde, coordenado pelo Prof. Emerson Merhy, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Campus-Macaé, e do Grupo CORPUS Educação Física + Saúde Coletiva + Filosofia + Artes, coordenado pela Profª Yara Marta de Carvalho, da Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo (EEFE/USP). No campo acadêmico-científico tem privilegiado os temas: micropolítica e produção do cuidado, formação em saúde, o cuidado e as práticas corporais na atenção básica, as práticas corporais como práticas de cuidado. **(Texto informado pelo autor)**

Identificação

Nome

Valéria Monteiro Mendes

Nome em citações bibliográficas

MENDES, V. M.; MENDES, VALÉRIA MONTEIRO

Lattes ID

<http://lattes.cnpq.br/5101330095560251>

Endereço

Formação acadêmica/titulação

2016 - 2020

Doutorado em Saúde Pública.
Faculdade de Saúde Pública - Universidade de São Paulo, FSP/USP, Brasil.
Título: Entre Pontes, Travessias e Encruzilhadas: corpos em tensão, inventando existências e resistências rizomáticas, Ano de obtenção: 2020.

Orientador: Laura Camargo Macruz Feuerwerker.

Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Palavras-chave: Cartografia; Produção de vida; Encontros; Micropolítica; Cultura e Literatura Periférica; Negritude.

Grande área: Ciências da Saúde

2010 - 2013

Mestrado em Escola de Educação Física e Esporte - Bolsa Capes.

Universidade de São Paulo - Escola de Educação Física e Esporte, USP - EEFE, Brasil.

Título: As práticas corporais e a Clínica Ampliada: a Educação Física na atenção básica, Ano de Obtenção: 2013.

Orientador: Yara Marta de Carvalho.

Coorientador: Yara Marta de Carvalho.

Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Palavras-chave: Práticas corporais, Clínica Ampliada; Atenção básica, Formação em Saúde.

Grande área: Ciências da Saúde

2003 - 2004

Sectores de atividade: Atividades de atenção à saúde humana.

Especialização em Psicologia do Exercício. (Carga Horária: 360h).

Centro Universitário Volta Redonda, UNIFRA, Brasil.

Título: Fibromialgia: uma abordagem complementar de tratamento através de exercícios aeróbicos.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Figueiredo Pinto.

2000 - 2001

Especialização em Cinesioterapia. (Carga Horária: 400h).

Universidade do Estado do Pará, UEPA, Brasil.

Título: Reflexões sobre os benefícios do treinamento de força em indivíduos da terceira